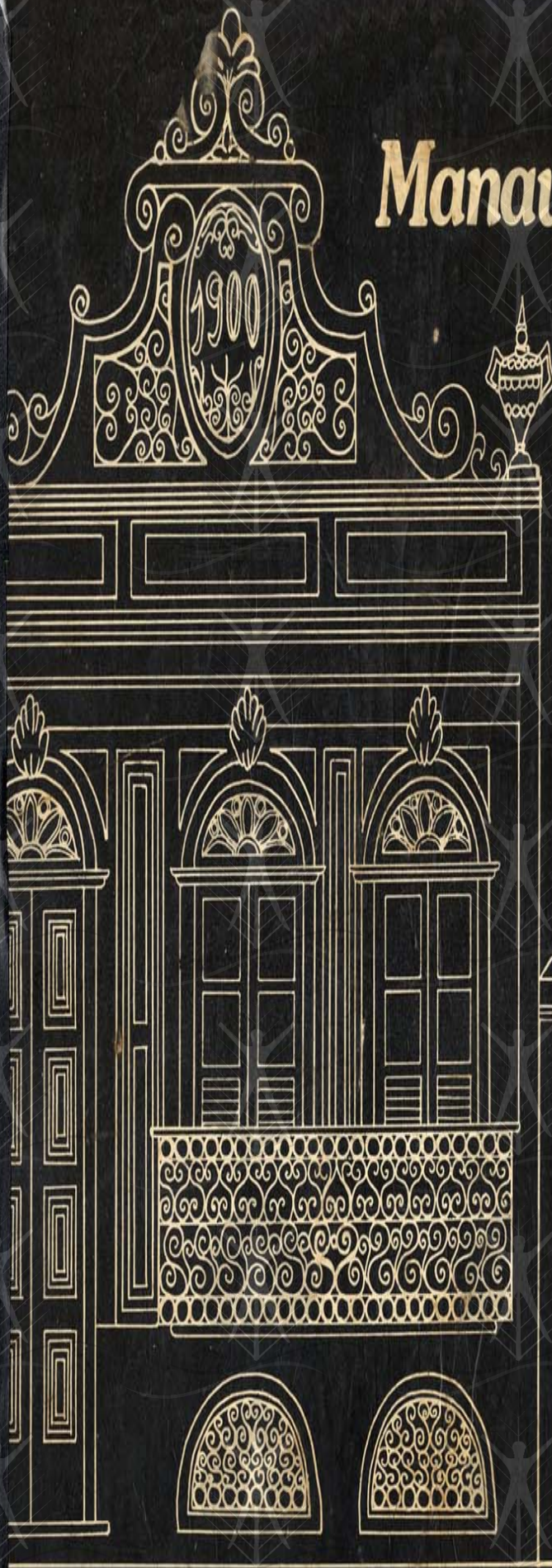


# Manaus: Ruas, Fachadas e Varandas

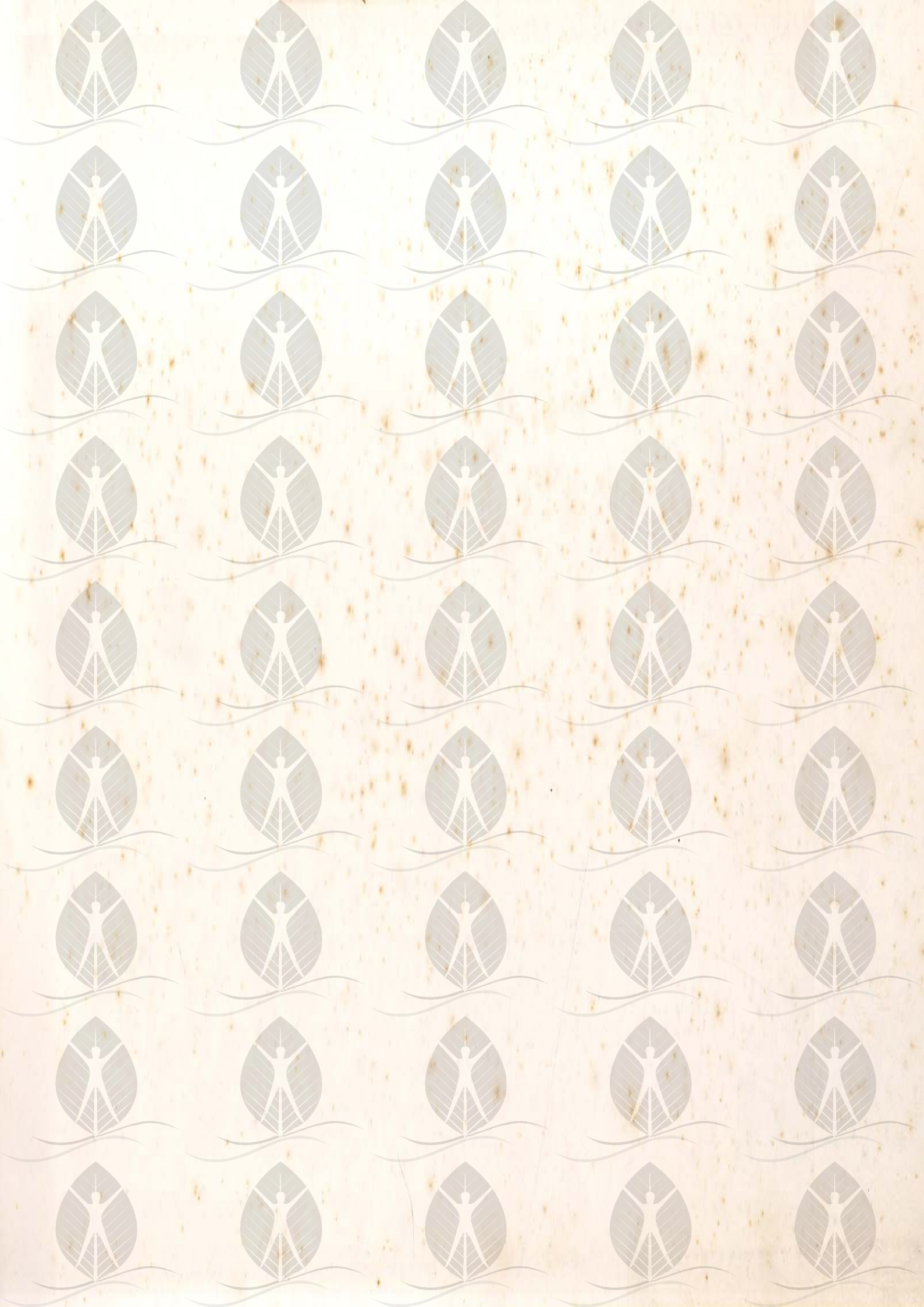
MOACIR ANDRADE



Manaus – AM.

Moema  
Sampaio

1984



**Manaus: Ruas, Fachadas  
e Varandas**







**Manaus: Ruas, Fachadas e Varandas**

**MOACIR ANDRADE**

**Criação Gráfica de Gracimoema Sampaio**

**1984**

A553

**FICHA CATALOGRÁFICA**

**Andrade, Moacir.**

**Manaus: ruas, fachadas e varandas.**

**Manaus, Humberto Calderaro, 1985.**

**276 p., ilustr.**

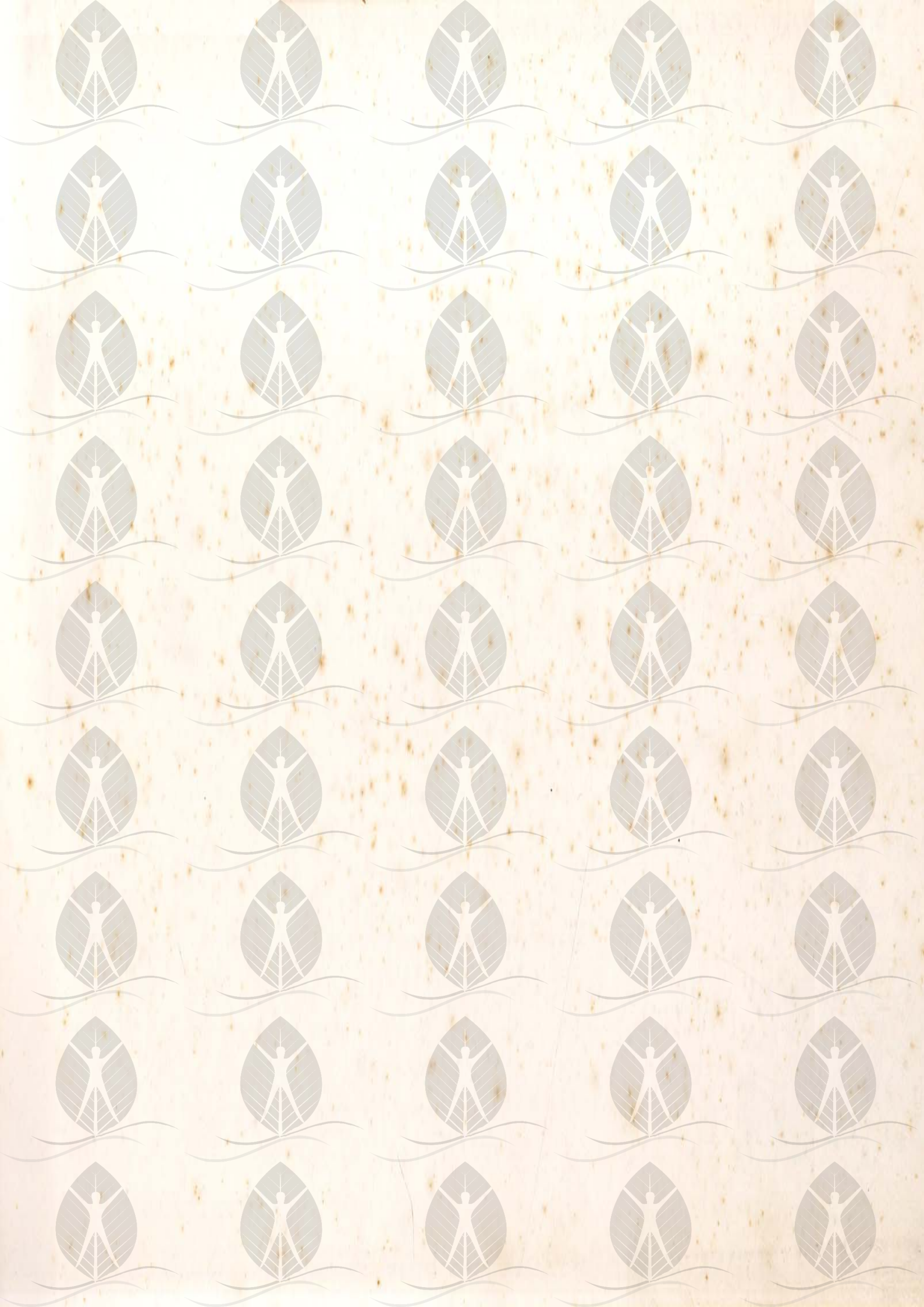
**1. Amazonas — História 2. Manaus antiga  
vida social e costumes I. Título.**

**CDD 981.112**

## AGRADECIMENTOS

Agradeço penhoradamente à minha adorada mãe Jovina Couto de Andrade, meu irmão Mozart Couto de Andrade, minha mulher Graciema Britto de Andrade, minhas cunhadas Georgina do Valle Britto, Maria do Carmo Britto Feitoza, Paulo dos Anjos Feitoza, meus amigos Rosa Feitoza, Lucimar dos Anjos Feitoza, Dulcimar dos Anjos Feitoza, Waldemarina Pinheiro, padre Alirio dos Santos, Prof. M. B. Lira, Edail Cordeiro Antony, Brígido Nogueira, José Afonso, padre Nonato Pinheiro, Fernando Santos, dr. Franco de Sá, dr. Avelino Pereira, Domingos Demasi, Deoson de Azevedo Negreiros, Umberto Calderaro, Carlos Genésio Braga, padre Augusto de Lima Ruas, Wilson Pedroza, padre Onias, Arcebispo Metropolitano de Manaus, Dom Milton Corrêa Pereira, Joaquim José da Cunha, Jorge Tufic, João Bosco Araújo, Octávio Hamilton Botelho Mourão, Epaninondas Baraúna, Manuel Igrejas Lopes, José Nascimento, Mário Guerreiro, Comandante Benaion, Gilberto Mestrinho, Milton Cordeiro, Felipe Daou, Ulysses Paes de Azevedo, Aldemir de Miranda, Belmiro Vianez, Samuel Benchimol, Maria Luiza de Magalhães Cordeiro, Irmãs de Santa Dorotéia, Ivete Freire Ibiapina, Izabel Desterro e Silva, Pedro Amorim, Alfredo Fernandes, Alina Ferreira, maestro Dirson Costa, Flávio da Costa Britto, CONSTRUTOR José Gaspar, Lili Azevedo, Redenção Araújo, Estevam Santos, Américo Loureiro, Bianor Garcia, Irmãos Figliolo, Faisca, (herdeiro), Mário Jorge Couto Lopes, Raimunda Dutra Pessoa, Almecinda Lima dos Santos, João Fernandes de Brito, Petronilla do Valle Britto, José Florêncio da Cunha Batista, Moura Tapajós, Cid Cabral, Mário Expedito Guerreiro, Edgar Monteiro, Armando Flores, Jaury de Souza Marinho, Paulo Nery, Pery Nery, Paulo Marinho. Nunes Pereira, Maria Helena Couto de Andrade, Arcebispo metropolitano de Manaus Dom João de Souza Lima, maestro Nivaldo Santiago, Leopoldo Peres Sobrinho, José Ribeiro, Aníbal Beça, Lucas Pinheiro (Luquita), Milton Nogueira Marques, Fernando Coimbra, Waldemar Batista de Sales, Manuel Otávio, Dr. Olavo das Neves, Dr. Avelino Pereira, que me informaram sobre fontes com as quais pude pesquisar para que este livro fosse uma realidade









## ÍNDICE

Dados Biográficos .....	11
A Fortaleza de São José do Rio Negro .....	15
A Cidade de Manaus .....	18
A Destruição de Monumentos Históricos .....	25
As Malarias e os Seringueiros .....	27
Gaiolas, Chatinhas e Vaticanos .....	31
Os Barcos na Conquista da Amazônia .....	45
A Borracha e as Funilarias .....	51
Garrafeiros, Médicos e Farmacêuticos .....	53
Os Carvoeiros .....	55
Os Padeiros .....	59
O Barco do Leite .....	61
Banhos de Igarapés .....	63
A Dança das Pastorinhas .....	69
No Tempo dos Cavalos .....	72
Os Tamanqueiros .....	74
Os Vendedores Ambulantes .....	76
Os Sorveteiros .....	81
Os Vimeiros .....	82
A Zona Franca de Manaus .....	83
Os Arraiais de Aparecida .....	89
As Funilarias .....	96
As Tacacazeiras .....	99
I Congresso Diocesano de Manaus .....	101
Os Vendedores de Gelo Cristal .....	109
As Angélicas .....	111
Os Miudeiros .....	112
Os Carregadores do Porto .....	114
Os Doceiros .....	116
Briga de Galos .....	118
Canoas de Reboque .....	121
Os Festejos de São Sebastião .....	124
Escola Musical "Ana Carolina" 50 Anos .....	127
As Hortas dos Portugueses .....	135
Catraieiros .....	138
O Oratório Festivo do Colégio	
Dom Bosco .....	141
Os Reboques .....	146
Os Festejos da Semana Santa .....	149
O Curro .....	153
Boi-Bumbá .....	159
Os Bondes .....	165
Abrição de Palhas .....	170
Os Vendedores de Palha .....	172
Como Espantar Malefícios .....	173
Os Reco-Reco .....	174
Balsas e Barcaças .....	176

A Cidade Flutuante .....	179
Vendedores Ambulantes da Baía do Rio Negro .....	181
Feira de Canoas na Praia do Mercado .....	184
As Jangadas .....	189
As Lavadeiras do Igarapé do 40 .....	191
Bairros Novos de Manaus .....	192
A Dança do Japiim .....	195
As Rezadeiras .....	197
Manaus, Cidade Sorriso .....	200
Serenatas .....	213
A Paróquia de Nossa Senhora da Conceição Aparecida dos Tocós .....	214
A Sociedade de Manaus .....	225
Dr. Abílio Nery .....	245
Minha Infância no Interior .....	250
Carnavais e Serenos .....	254
Colégio Santa Dorotéia .....	263
Quintais Antigos .....	271
Dr. José Tadros .....	276

---

Esta edição contou com o apoio financeiro do Fundo Comunitário das Indústrias da Zona Franca de Manaus — FUNCOMIZ.



Foto do cruzamento das avenidas 7 de Setembro e Getúlio Vargas. No edifício à esquerda funcionou por muitos anos o Bar Normal, onde os professores do Ginásio Amazonense Pedro II encontravam-

se depois das aulas. À direita uma parte do edifício do Cine Guarani, já demolido. Foto gentileza da jornalista Maria de Lourdes Archer Pinto.

## DADOS BIOGRÁFICOS

Moacir Andrade, nascido Moacir Couto de Andrade, veio à luz no dia 17 de março de 1927, em aposentos da centenária Santa Casa de Misericórdia, à Rua 10 de Julho em Manaus, Amazonas.

Seus pais: — Severino Galdino de Andrade, pernambucano, do sertão e Jovina Couto de Andrade do rio Juruá no Amazonas. Logo após seu nascimento, a família transferiu-se para o Rio Aripuanã, onde o jovem pernambucano fora trabalhar na extração da borracha. Ali, depois de um longo sofrimento, longe de tudo e de todos, doente de impudismo, voltou ao Solimões para o município de Manacapuru, onde viveu com os dois filhos Mozart e Moacir com a idade de seis anos. A necessidade de proporcionar às crianças uma educação que jamais poderia encontrar nos beiradões dos rios do interior do Estado, Severino retornou a Manaus, em 1933, onde Moacir Andrade, juntamente com seu outro irmão, iniciaram seus estudos preliminares com a professora Júlia na Rua dos Andradas, próximo ao Hotel Amazonas. Ingressou mais tarde no Grupo Escolar Ribeiro da Cunha a Rua Silva Ramos onde concluiu com brilhantismo o curso elementar, aos 11 anos. No Colégio Dom Bosco iniciou o ginásio, transferindo-se após para o Liceu Amazonense, depois Escola Técnica de Manaus, hoje Escola Técnica Federal do Amazonas, onde ficou interno 3 anos (1942 a 45), concluindo o curso industrial equivalente

ao curso ginásio, obtendo com o prof. Pojucan Rafael de Souza, os primeiros rudimentos de desenhos técnicos e artísticos. Fez o curso de Contabilidade na Escola Brasileira com o prof. Pedro Silvestre da Silva, quando o colégio era ainda no edifício ao lado da Igreja de N.S. Aparecida dos Tocos, e o Científico no Colégio Estadual do Amazonas, hoje Ginásio Amazonense Pedro II. Bacharelou-se pela Universidade do Amazonas no curso de Administração de Empresas, realizou vários cursos pós-graduação. Durante mais de 20 anos manteve escritório de desenho técnico elaborando projetos de construção civil com o engenheiro José Florêncio da Cunha Batista, com escritório à Rua da Instalação n.º 109 em Manaus. Fez vários concursos para professor, conquistando sempre os primeiros lugares. Escola Normal Benjamin Constant, 1.º lugar no concurso para professor de desenho pedagógico; Colégio Estadual do Amazonas, 1.º lugar em desenho Descritivo; Escola Técnica Federal do Amazonas, 1.º lugar em desenho técnico. Foi o primeiro classificado no concurso para Cartógrafo do Ministério da Aeronáutica, obtendo a maior nota de todo o norte do País.

Fundou o Clube da Madrugada em 1954 e a União Brasileira de Escritores do Amazonas. Como museólogo, estudioso dos problemas de museus do Brasil, fundou a Pinacoteca Pública do Estado e a Fundação Cultural do Amazonas, hoje Superintendência Cultural do Amazonas, o Instituto Brasileiro de Antropologia da Amazônia, a Sociedade para a Defesa da História e das Tradições Populares do Amazonas. Fundou em Lisboa, Portugal, a Sociedade dos Amigos de Ferreira de

Castro e, nos Estados Unidos, a Escola de Arte para Crianças. Colabora semanalmente em todos os jornais de Manaus com artigos de natureza eminentemente cultural. Leciona no Curso de Educação Artística da Universidade do Amazonas e na Escola Técnica Federal do Amazonas.

Sua primeira mostra individual foi realizada no peristilo da Escola Técnica Federal do Amazonas, no dia 9 de abril de 1952. A segunda, no Salão do Ideal Clube em 1954 sob os auspícios do Clube da Madrugada. A partir desses eventos, realizou mais de 100 exposições individuais pelo Brasil e pelo mundo afora, acumulando inúmeros prêmios nacionais, internacionais e louvores pela sua singular capacidade de trabalho e criatividade. Conferencista de primeira linha, tem levado para as universidades do Brasil e de vários países da Europa e América, o nome do Amazonas. Viajou para o Japão onde criou a filosofia Zen amazonismo com a qual procura defender os bens naturais da humanidade e a Paz Universal tão agredidos nesses últimos tempos, temas prioritários das suas conferências, onde procura conscientizar a juventude da fundamental importância da preservação da natureza e do meio ambiente. Todos os anos viaja para o interior do Estado do Amazonas numa desobriga quase religiosa, onde vai educar os caboclos sobre a importância do tempo da pesca e do apressamento de peixes na época da desova, fato que mereceu elogios e registros da imprensa de todo o mundo.

Moacir de Andrade, bem que poderia ser um homem rico pelo singular dinamismo e pela popularidade que desfrutava, prefere dedicar seu tempo ajudando a educação da juventude pobre de sua terra. Criou vários cursos gratuitos na cidade e no interior, entre os quais o curso de pintura "Prof.ª Esther Melo", onde ensinou desenho, pintura, escultura em barro, madeira, gesso, violão, flauta e clarinete à juventude dos bairros de Manaus por mais de 10 anos consecutivos.

Poeta de rara sensibilidade, tem produzido ao longo de mais de 30 anos, belas peças poéticas sem se preocupar de publicá-las. Agora, entretanto, ajudado com o incentivo de amigos sinceros, o pintor poeta pretende publicar o seu primeiro livro de poesias.

Alguns dos seus trabalhos foram lidos e comentados pelos seus amigos e admiradores, poeta Manoel Bandeira e folclorista



Ponte de madeira construída provisoriamente durante o enchente do rio Negro em 1953, na Rua Marques de Santa Cruz.

ta Câmara Cascudo em dezembro de 1959, quando realizava uma mostra de seus quadros na Galeria Monmartre Jorge em Copacabana, Rio de Janeiro, ocasião em que recebeu as honrosas visitas de Austregésilo de Athaide, Pedro Nava, Raquel de Queiroz, Carlos Drumond de Andrade, Dinah Silveira de Queiroz, Paulina Kaz, Pascoal Carlos Magno e outros renomados mestres das letras nacionais.

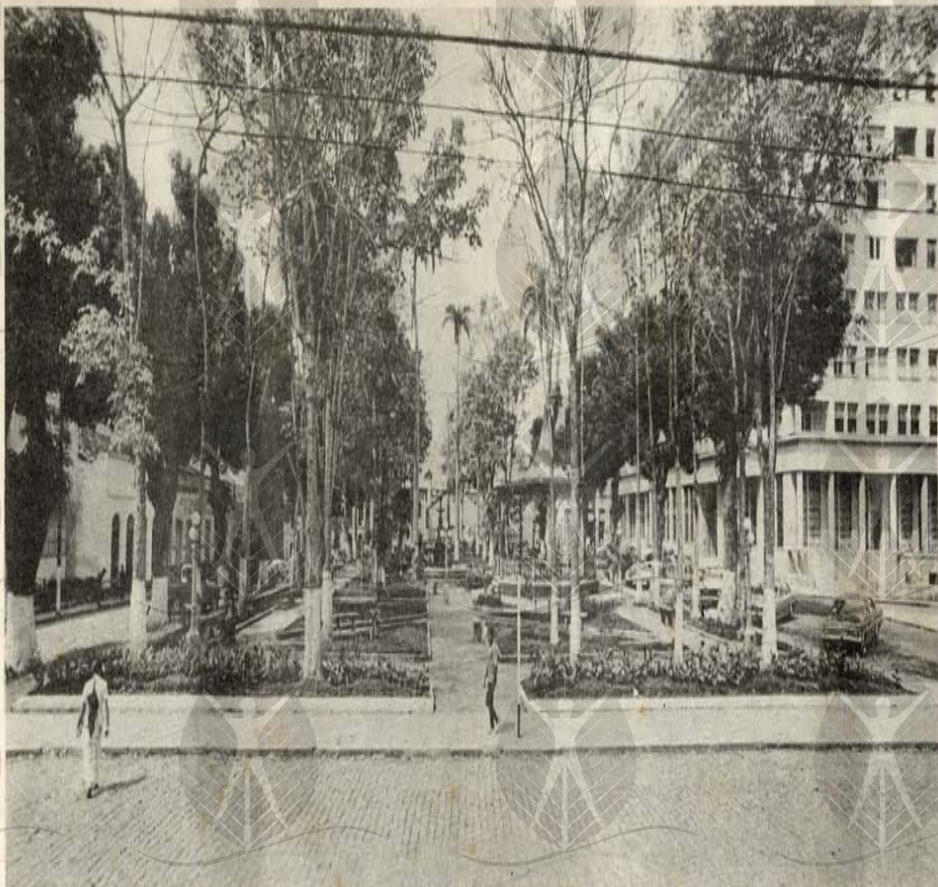
Quando perguntam a Moacir Andrade qual a sua verdadeira profissão, ele responde: — “Primeiramente ser professor para mim é um estado de espírito e de bem estar. Pintar e fazer poesia significam a razão da minha própria vida”.

Oto Maria Carpeaux, por ocasião de sua mostra em 1960, no Rio, escreveu sobre Moacir Andrade:

“Numa casa a beira de um barranco, deitada sobre o rio Solimões, um menino loiro, magro, olhos rasgados em forma de amêndoas, olhava os imensos cardumes de botos cinzentos que boiavam de instante em instante à superfície das águas barrentas como se dançassem um ritmo qualquer de balet. Talvez naquele instante de silêncio e observação, um mundo de personagens mitológicos estivesse alicerçando um edifício estético na mente daquela criança magra, que se comprazia em riscar a superfície das praias brancas, que afloravam do rio na baixada de suas águas. Como um Anchieta caboclo, o menino desenhava horas e horas sobre a areia, um poema mitológico, talvez uma mensagem ancestral psicografada pelo inconsciente, de datas sem cronologias. Ouvia estórias de velhos índios aculturados, seus parentes recuados que lhe transmitiam uma mensagem tão antiga como sua origem. Cada palavra que ouvia, registrava em seu subconsciente como uma gravação em fogo. Aquilo era uma linguagem mágica para os ouvidos do pequeno caboclo que dormia e sonhava com mundos inconscientes, imagens fantásticas e indefinidas. Esse menino que cresceu alimentado pelas águas e as lendas da grande calha amazônica, jamais pensou que hoje, 33 anos depois, viesse situar-se entre os melhores pintores do Brasil. Seu nome — Moacir Andrade”. Rio, 1960.

Seu ateliê à Rua Comendador Alexandre Amorim 253, no Bairro de N. S. Aparecida dos Tocós em Manaus, Amazonas, é ponto obrigatório de gente famosa. Príncipes, Reis, Monarcas, Presidentes, barões, duques, ministros de Estado, embaixadores de todo o mundo, capitalistas e colecionadores de obras de arte disputam seus quadros que hoje fazem parte de importantes museus e coleções públicas e particulares de todo o mundo. Além dos quadros que são o objetivo maior das visitas importantes, seu ateliê possui uma das mais ricas coleções de antiguidades brasileiras. Relógios, estatuetas, castiçais, pratarias e objetos de várias origens, retratos antigos, documentos de alto valor histórico estão ali, atestando a profunda sensibilidade artística de Moacir Andrade, um dos maiores pintores do mundo e poeta de profunda sensibilidade amazônica, por isso, hoje, considerado o maior representante cultural da região por todos os grandes críticos nacionais e estrangeiros que conhecem a sua obra magnífica.

O imortal poeta Vinícius de Moraes, seu amigo de longos anos, conhecedor de sua obra vigorosa, escreveu: — “Talvez por ser um dos grandes pintores vivos e ter alcançado a glória que apenas alguns artistas conseguiram após a morte, Moacir Andrade não toma conhecimento da sua importância no



Praça Dom Pedro II. A direita o edifício do INAMPS (antigo), a esquerda o prédio do arquivo público. Em primeiro plano o calçamento de paralelepípedos.

cenário artístico nacional. Frequentando os bares da cidade em companhia de intelectuais e artistas seus amigos onde oferece à mesa posta toda a ternura do seu humanismo, escrevendo poemas e rascunhando estudos para futuros quadros, Moacir Andrade se confunde com a simplicidade da gente de Manaus onde nasceu e vive até hoje.

Moacir Andrade é um desses gênios perdidos e raros como o Cometa de Harley, aparece de tempos em tempos marcando indelevel e universalmente a sua presença luminosa.

Sua obra, cheia de grandeza, hipnotismo estético e muita poesia, desperta, cria, sacode, revoluciona, enlouquece, prende e emociona até a estesia. De uma beleza incomparável e uma harmonia e equilíbrio que alcança o mais profundo da sensibilidade, gera a verdadeira empatia e prende o observador provocando ternura quase paixão pela sua obra. Seus peixes, suas iaras, suas boiunas, seus espíritos do fundo, seus caboclos remadores, seus pescadores, suas lavadeiras, são cheios de magia e mistérios que se misturam e se galvanizam numa alquimia de cores, de formas e movimentos, resultando do daí um verdadeiro universo de poesia e de pintura, ambas pertencendo a um só binômio, cuja dimensão se confunde com o horizonte da palavra e do sonho, poderosos instrumentos de comunicação e de amor recriados cada vez que o artista se propõe a viajar o espaço infinito da sua privilegiada imaginação com toda a carga de sua grandeza espiritual penetrando o interior do seu universo fabuloso e realizando a sua obra maravilhosa”.

Há alguns anos, dona Maria Pinheiro, remexendo as ve-





Praça da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição. Note-se o antigo traçado com um chafariz no centro do jardim e a calçada de mármore de cantaria portuguesa retirada pelo então Prefeito Jorge

Telxela de Oliveira para em seu lugar ser colocado cimento de péssima qualidade. Foto gentileza da jornalista Maria de Lourdes Archer Pinto.



lharias da casa, achou no fundo de um antigo baú de couro, mais de 85 desenhos que Moacir Andrade fez há quase 50 anos quando contava apenas nove anos de idade. São ras-cunhos que retratam uma época irreversível de bondes elétricos, vendedores ambulantes de guloseimas, dos puxapuxeiros, dos vendedores de cataventos, das carroças de rodas de pau, dos vendedores de gelo da Fábrica de Gelo Miranda Corrêa que vendia aos quilos a domicílio, das casas de palha, dos batelões cobertos com palha, dos lampeões românticos de arco voltáico, dos peixeiros que vendiam peixe em compridas varas, das extensas hortas de propriedade de portugueses, nas ruas Dr. Machado, Leonardo Malcher, 13 de Maio, Ramos Ferreira, Tapajós e Tarumã, onde o menino brincava e desenhava cenas de costumes hoje totalmente desaparecidos.

O fato de Moacir Andrade já naquela idade preocupar-se com os costumes, as tradições e o dia a dia da cidade de Manaus e do Amazonas, fez dele um dos mais lídimos representantes de sua cultura, ganhando a admiração dos artistas e dos intelectuais de todo o Brasil.

Dona Maria, hoje com quase oitenta anos de idade, fala sobre a infância de Moacir Andrade: — “Conheci a comadre Jove (Jovina Couto de Andrade, mãe do pintor), em 1923, ela era solteira, tinha apenas 23 anos de idade, morava conosco, costurava, fazia rendas de bilros que aprendera no Piauí, em Terezina, fazia flores que era uma beleza. Depois viajou para o interior do Amazonas, para a casa de uma das suas irmãs, a profa. Josefina Couto da Silva (Zefinha), onde conheceu o Severino com quem casou. Por lá ficou até 1933, quando

vieram para Manaus e se estabeleceram primeiro na Rua Miranda Leão, depois na Rua dos Andradas, Ramos Ferreira e finalmente na Rua Dr. Machado. Nessa época o Moacir era um menino ainda, tinha 7 anos de idade, passava o tempo todo conosco e acompanhava a madrinha Coló (Clotildes Pinheiro), que era solteira e única filha do Comandante Fausto, às visitas às amigas, reuniões sociais, coquetéis, jantares, etc... Madrinha Clotildes tinha uma verdadeira adoração pelo menino que era muito inteligente, atencioso, comportado e que desenhava muito bem. Lembro-me que o tempo todo em que estava aqui, ficava deitado no chão, de barriga para baixo, desenhando as coisas que via ou que imaginava. Tá vendo essa varanda? Tenho muitos desenhos feitos naquela época, que ela guardou carinhosamente.

A maior emoção que tive, há anos, foi quando, remexendo alguns livros velhos da madrinha Coló que era professora e diretora do “Jardim da Infância Visconde de Mauá”, no Ginásio Amazonense Pedro II e lia muito, encontrei dentro de um deles, de capa dura e muito grande, mais de 80 desenhos datados que ela guardava carinhosamente, pois todos que ia terminando ia dando para ela que agradecia beijando-lhe a testa e abençoando-o.

Eu achava engraçado o fato de ela colocar nas mãos do Moacir, logo que ia chegando em casa, um lápis e bastante papel que ela cortava aos pedaços e dava para ele desenhar. Eu ria muito e dizia comigo mesma, — isso é uma maneira de prendê-lo ao chão para não deixá-lo soito fazendo estrepolias. Ali ele ficava muito feliz desenhando e balançando as pernas no ar o dia inteiro sem mostrar cansaço e sem se interessar por outra coisa como é muito comum entre as crianças de sua idade. Isso me impressionava muito, o fato de Moacir não variar de ocupação.

Na Dr. Machado, sempre estava com papel e lápis à mão desenhando os padeiros com seus enormes cestos de vime, as carroças de estrume, as hortas dos portugueses, os carroceiros e tudo que passava pela sua frente.

Quando meu padrinho Fausto Pinheiro que era comandante dos navios da SNAPP, precisamente da chatinha “IN-CA”, dava recepções em nossa casa, convidava alguns pilotos seus companheiros e amigos da família, o Moacir era o alvo principal da festa, fazendo desenhos presenteando-os cada um dos convidados. Lembro-me bem do comandante Raimundo Morais, prof. Abílio Alencar, que morava ao lado, desor. Arthur Virgílio, dr. Bretslau de Castro, dr. Flávio de Castro, Carlos Studart, Comandante Chaves, Comandante Cleveland, desor. Teotônio Coimbra que morava num sobradão aqui bem em frente da nossa casa entre a residência do Comandante Chaves e a horta da dona Maria, dr. Abílio Nery, Aristides Rocha, dr. Álvaro Maia, dr. Anísio Jobim, prof. Júlio Uchôa, dr. Madureira de Pinho que era o médico da nossa família e muitos outros amigos que receberam pequenos desenhos desse hoje imortal artista.

Deus me deu a felicidade de viver até hoje e ver o menino louro e magro, transformado nesse monumento vivo, festejado entre os maiores pintores de todos os tempos, glória da arte brasileira e universal”.

Moacir Andrade, além de famoso e fabuloso artista plástico, é também um escritor de fina estirpe. Seus livros, além de veículos de uma extensa e importante mensagem literária, é um documentário antropológico de alto valor etnográfico e sociológico do Amazonas.

Possui uma impressionante bagagem literária publicada, entre eles: "Moacir Andrade Catálogo"; "Moacir Andrade — Desenhos"; "Desenhos"; "Manaus, Monumentos, Hábitos e Costumes". Imprensa Oficial, Manaus Amazonas 1982; "Amazonas, a Esfinge do Terceiro Milênio", Imprensa Oficial, Manaus, Amazonas 1982; "Alguns Aspectos da Antropologia Cultural do Amazonas", Imprensa Oficial, Manaus, Amazonas, 1981; "Tipos e Utilidade dos Veículos de Transportes Fluviais do Amazonas", Imprensa Oficial, Manaus Amazonas, 1984; "Nheengaré ou Narrativas Amazônicas", Imprensa Oficial, 1984; "Manaus, Ruas, Fachadas Varandas", Editora Calderaro, 1984, além de dezenas de artísticos catálogos de exposições e mais de uma dezena de livros inéditos, entre os quais, três de poemas que mereceram elogios do imortal poeta Manoel Bandeira por ocasião de sua mostra de pinturas em 1959-1960, na Galeria Montmartre Jorge em Copacabana, Rio de Janeiro.

Em agosto, deste ano de 1984, lançará o seu esperado livro "Tipos e Utilidades dos Veículos de Transportes Fluviais do Amazonas", fartamente ilustrado com mais de 600 fotografias de barcos de todos os tipos e épocas, e mas de 100 desenhos do próprio autor.

Antropólogo, ecologista, folclorista, sociólogo respeitado, preocupado em explorar a fundo o riquíssimo folclore amazônico, fixando em seus quadros e livros todas as suas polícrônicas faces, Moacir Andrade dedica todas as horas disponíveis para suas pesquisas e análises, viajando constantemente para o interior do Estado com o objetivo de colher material com o qual elabora sua riquíssima obra.

Sobre sua personalidade artística e literária muita gente boa já escreveu, entre eles: Jean Paul Sartre, Vinicius de Moraes, Pedro Nava, Jorge Amado, Ferreira de Castro, Ernesto Kavall, Manoela Araújo, Manoel Bandeira, Antonio Olineto, Zora Seljan, Leandro Tocantins, Álvaro Maia, Clarice Lispector, Artur Reis, Câmara Cascudo, José Geraldo Vieira, Raquel de Queiroz, Hélio Escarabotolo, Margot Fonteyn, Inimá de Paula, Vera Pacheco Jordão, Flávio de Carvalho, Cláudio Santoro, Djalma Batista, Padre Nonato Pinheiro, Genesisino Braga, Harry Laus, Paulina Kaz, Waldemar Batista de Sales, Samuel Benchimol, Sérgio Teles, Eurico de Andrade Alves, Lima de Carvalho, Jorge Tufic, Antisthenes Pinto, Mendonça de Souza, Carlos Drummond de Andrade, Artur Engrácio, Otto Maria Carpeaux, Mavignier de Castro, Waldemar Pedroza, Henrique Alves, Robério Braga e muitos outros escritores e críticos de arte que encheriam páginas.

No dia 9 de maio de 1953 casou-se com a sra. Graciema Britto de Andrade na primitiva igreja de N. S. Aparecida dos Tocos, na Rua Comendador Alexandre Amorim. Do casamento nasceram cinco filhos: Graciema, casada com o dr. Antonio Fernando Rebouças Sampaio, funcionário do Minis-



Flagrante do lançamento do livro *Faturação do Óculo* de autoria do poeta Jorge Tufic Alauzo na Praça da Polícia em Janeiro de 1975.



tério da Justiça. Lúcia Regina, casada com o engenheiro Jackson Dinajá Saraiva Feijó, funcionário da Eletrobrás; Graciema, casada com o sr. Antonio Carlos Branquinho, Sargento da Aeronáutica, Moacir Junior e Maria do Carmo, além de uma filha adotiva, Raimunda Santos da Cruz. Até o momento tem quatro netos: Juliana, Carolina, Jackson Júnior e Luiza.

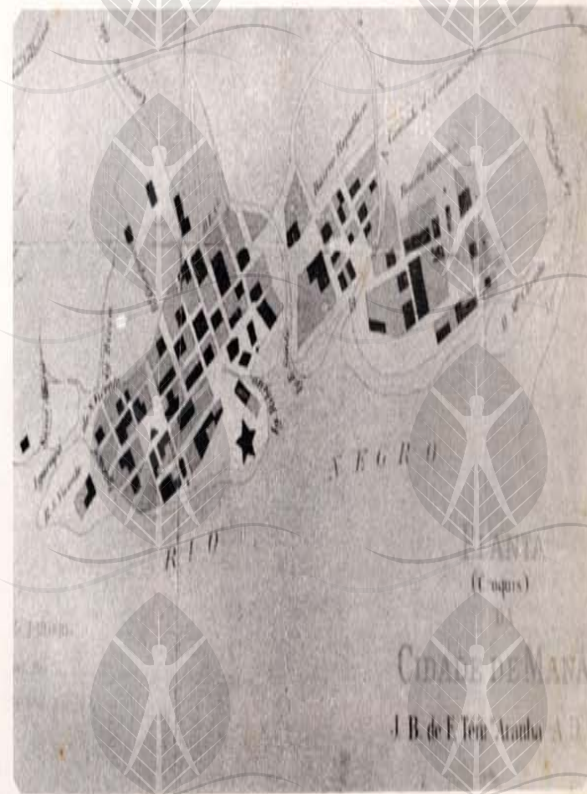
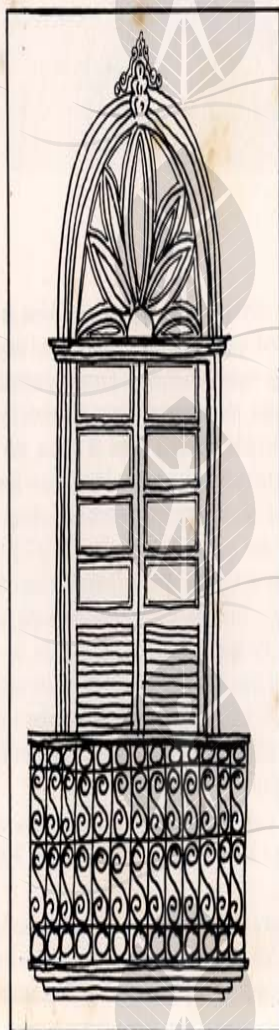
## A Fortaleza de São José do Rio Negro

Narrativas históricas tornam discutível, por falta de fonte primária documental, a primazia da ocupação da área onde seria construída a cidade de Manaus. Colocam-na entre duas personagens da nossa história: Pedro Teixeira, soldado de uma vida toda dedicada aos feitos coloniais, como exemplo de fidelidade e bravura à causa do Rei, e Pedro da Costa Favela, também soldado da conquista e do alargamento físico da região amazônica.

Crônicas registram a permanência na área de Bento Maciel Parente no comando de uma Tropa de Resgate que saíra do Maranhão em 22 de junho de 1657. Instalando-se no estuário do rio Tarumã, fincou a cruz de Cristo que simbolizava a posse da terra, ali celebrando a Santa Missa. Bento Maciel Parente comandava uma tropa de vinte e cinco soldados, trezentos índios de remo e dois religiosos, os padres Francisco Veloso e Manoel Pires, que seriam os cronistas da expedição. Depois de algum tempo na foz do Tarumã, ocupada no apresamento dos índios, a tropa retornou a Belém levando nos porões "grosso rebanho humano".

Outra Tropa de Resgate se dirigiria ao Tarumã um ano depois, 1658.

Segundo cronistas, cada partida de tropa destinada a res-



Primeira planta da cidade de Manaus.  
O original encontra-se com o sr. Mário Ypiranga.



Cidade da Barra em 1848-1860

gate era motivo de festa popular com indispensável cunho político e religioso. Rezava-se missa, e o padre fazia uma pregação especial aos expedicionários.

A partida da primeira Tropa de Resgate, que saiu de São Luiz do Maranhão em junho de 1657, foi precedida de tal solenidade, e o pregador não foi outro senão o famoso jesuíta Padre Antonio Vieira, que também seria pregador da segunda. Assim se expressaria ele em uma carta ao Rei após a partida da segunda, em agosto de 1658:

“O padre Francisco Gonçalves, provincial que acabou de ser da Província do Brasil, foi em missão ao Rio do Amazonas e Rio Negro, que ida e volta é viagem de mais de mil léguas, todas por baixo da linha equinocial, no mais ardente da zona tórrida”.

“Partiu do Maranhão essa missão em 15 de agosto do ano passado, de 1658 e atravessando todas as Capitânicas do Estado, foi levando em sua companhia canoas e procuradores de todas para o resgate de escravos que se fazem naqueles rios; e foi esta a primeira vez que o resgate se fez por esta ordem, para que os interesses dele coubessem a todos, e particularmente aos pobres, que sempre, como é de costume eram menos lembrados”.

“Haverá catorze meses que continua missão pelo corpo e braços daqueles rios, de onde se tem trazido pelo mesmo missionário, na forma das leis de Vossa Majestade, e já no ano passado se fez outra missão deste gênero aos mesmos rios pelo padre Francisco Veloso, em que se restaram e desceram outras tantas peças em grande benefício e aumento do Estado, posto que não é esta a maior utilidade e fruto desta missão”.

Esta segunda Tropa de Resgate dirigida ao Rio Negro ficou assentada no mesmo lugar da primeira, na foz do grande igarapé do Tarumã. Denominaram-na Arraial do Tarumã. Tinha o objetivo primordial de “prear bugres” e continuar o trabalho iniciado pela primeira expedição — o povoamento e organização de equipes para o interior a fim de coleta de drogas do sertão, sem dúvida com a colaboração de índios escravizados, já afeitos a esse tipo de trabalho.

A Companhia de Jesus, que então dominava a religião, a política e o ensino, através dos padres confessores dos reis, príncipes, nobres e autoridades administrativas, teve a sua prepotência abalada a partir da difusão das teorias do iluminismo que em Portugal provocaram uma verdadeira agressão à catequese e à pedagogia dos jesuítas.

Já no final do século XVII, por volta de 1690, quase todos os governadores da Europa estavam hostilizando os jesuítas. O Marquês de Pombal, Sebastião José de Carvalho e Melo, declarou-se rival desses padres pelo fato de disputarem com o Estado o direito exclusivo sobre os índios brasileiros, acabando por determinar a expulsão dos principais responsáveis pelas instituições das Tropas de Resgate, que tinham a finalidade de apresar índios e escravizá-los para “os serviços do Rei e da Igreja”, começou quando os holandeses e espanhóis tentaram a conquista do rio Negro.

Por volta de 1668, Pedro da Costa Favela e Frei Teófilo da Veiga, da irmandade dos mercedários, que já tinham visitado a região do rio Urubu — lugar onde cinco anos antes foram massacradas as tribos dos Buruburus, Canavenas e Caboquenais — fundaram o povoado de Arui; depois, por motivos de melhor defesa, transferiram-no para a foz do rio



Panorama de Manaus em 1848-1860

Jauú, denominado de Santo Elias do rio Jauú, um pouco acima da foz do Tarumã, o qual daria origem ao povoamento do Airão.

Estavam subindo o rio Negro com destino à baía do Boiçu quando Pedro da Costa Favela teve notícias de novas investidas dos holandeses vindos do Suriname e de suas relações com silvícolas do Negro, contactos que denunciavam grave perigo para a região.

Favela achou por bem construir fortificações nas imediações para prevenir a descida dos indesejáveis intrusos. Assim, retornou de sua missão e dedicou-se à procura de um ponto estratégico onde pudesse construir uma fortaleza e garantir a inviolabilidade da terra conquistada.

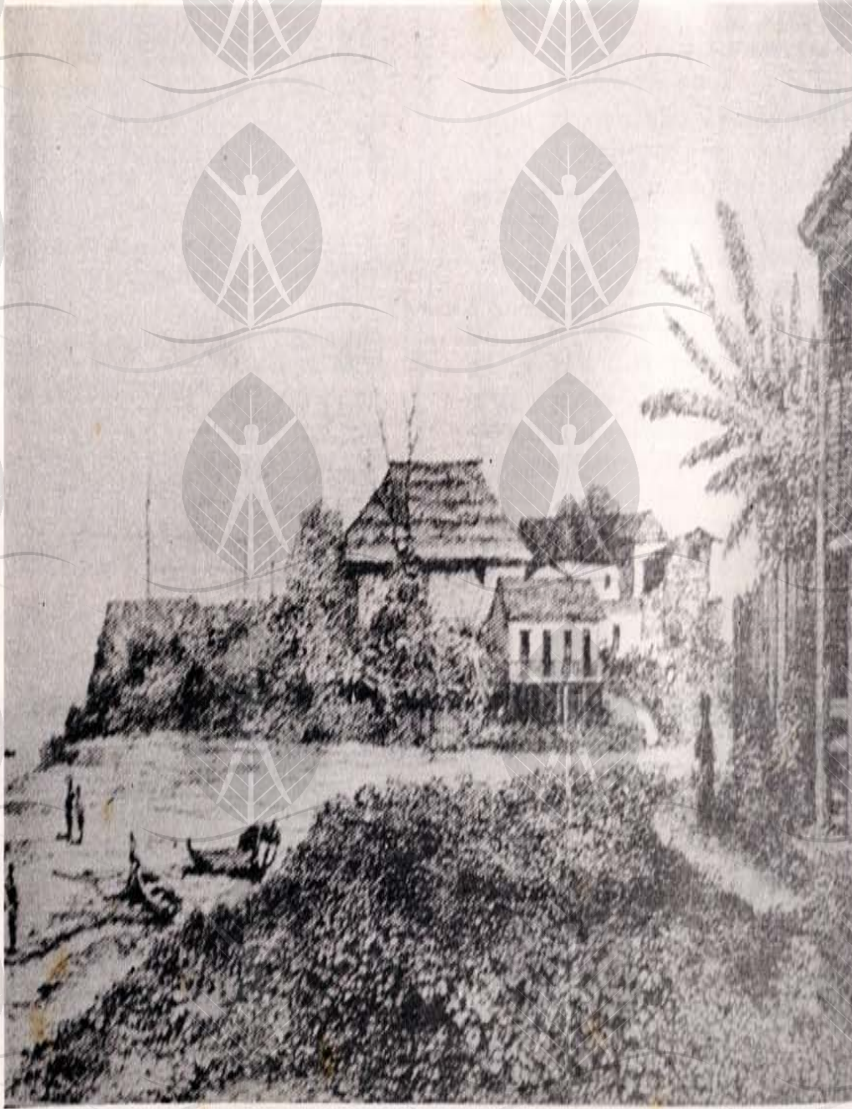
Segundo cronistas, especialmente Berredo e o Ouvidor Sampaio, que não nos remetem a referências documentais autênticas, já em 1669, com pleno consentimento do Governador do Maranhão e Grão-Pará, General Antônio Coelho de Carvalho, Francisco da Mota Falcão e seu filho Manuel da Mota Siqueira teriam dado início à construção do fortim de São José do Rio Negro, edificado numa pequena elevação à margem esquerda do rio Negro, com boa vista para o montante e jusante do dito rio, distando da sua foz três léguas, lugar

tido pelo estrategista como excelente para defesa da área. Considerando que se estava esperando um possível ataque dos holandeses, vindos do Suriname, o fortim foi construído com muita rapidez, não merecendo o mesmo tratamento de outros fortes construídos em outros pontos da colônia, mas assim mesmo, o suficientemente bom para deter qualquer investida. Pra se ter a idéia da pressa com que teria sido levantado o forte, basta dizer que foi iniciado em 1669 e em 1670 já estaria pronto para ser equipado “com duas peças de bronze e duas de ferro”, de calibres 1 e 3. A partir de sua construção passou a ser conhecido como Forte de São José da Barra, sob o patrocínio da Sagrada Família. A Guarnição do forte seria composta de 270 praças e índios de serviço, sob o comando de Angélico de Barros, bravo soldado lusitano, cumpridor fiel das ordens régias.

Entre as tribos que se fixaram no Forte, prestando serviços ao Estado e à Igreja, estavam os Manaus, Barés, Banibas e Pacés.

Informa o amazonólogo Arthur Reis que o fortim foi considerado de segunda ordem por aviso régio de 14 de fevereiro de 1857 e em 22 de maio do mesmo ano foi tido e havido como abandonado. A partir desta última data suas pedras foram





Manaus, 1865-1866

arrancadas, pilhadas para outras construções e muros de arrimo, até que em 1875 só restavam algumas ruínas de paredes como marco indelével de uma época, até que desapareceram completamente sem deixar sinal.

Acontecimentos de grande importância verificaram-se entretanto entre os anos de 1823 a 1836, marcando uma sucessão de dinamismo político-social e conferindo uma certa altivez ao velho forte. Como sede da Capitania de São José do Rio Negro, o Lugar da Barra já se constituía um pólo de atenção de toda a área, mais acentuado quando Lobo D'Almada passou a administrá-la.

Os primeiros arruamentos do povoamento de Manaus eram tão irregulares e estreitos que mal davam para passar uma carroça puxada a boi. As ruas causavam enormes sacrifícios aos condutores dos animais que transportavam os pesados carregamentos de lenha, carvão e água para o abastecimento da população. Eram todas de barro batido, sem nenhum cuidado especial. As carroças faziam os seus trajetos de ir e vir penosamente, transformando certos locais em verdadeiros lamaçais durante todos os rigorosos invernos tropicais.

A lenha e o carvão, além dos transportes efetuados pelos

primitivos veículos a tração animal, eram também levados na cabeça pelos próprios carvoeiros e lenhadores, e vendidos à domicílio, hábito até hoje exercitado pelos carvoeiros que transportam cargas de dois ou três sacos às costas. A água, porém, dependia quase que exclusivamente das carroças dos aguadeiros.

A Rua Mundurucus, que ficava à margem direita do igarapé do Espírito Santo no bairro dos Remédios, é bem um exemplo dessas ruas estreitas e sinuosas que acompanhavam a curvatura do rio em toda a sua extensão.

A urbanização do Lugar da Barra, em torno da Fortaleza de São José do Rio Negro, não obedeceu a nenhuma planificação, considerando que, apesar de assentada num terreno bastante alto, as suas imediações em declive eram cortadas por inúmeros igarapés que interrompiam a continuação de uma ruela mais extensa e favoreciam chavascas e igapós onde se pescavam acaris, bodós, traíras, e outros peixes de consumo da pequena população.

O principal edifício do Lugar da Barra era a Igreja, aliada do Estado na catequese dos indígenas e na educação dos filhos dos fiéis portugueses que prestavam serviços à coroa lusitana

nessas plagas longínquas. Fora construída um pouco distante da fortaleza, num pequeno outeiro ao nordeste, frente a uma grande praia onde aportavam índios e adventícios, em cujo largo erguia-se o símbolo da autoridade real — o pelourinho.

A cadeia pública, a casa do administrador e uma escola que também servia para reuniões das autoridades locais, ficavam nas vizinhanças, formando assim o centro administrativo e de decisões políticas do povoado. Da mesma maneira como se procedia nas construções das novas cidades implantadas nas colônias de África, a Igreja situava-se em terreno amplo simbolizando a autoridade teocrática e responsável pela educação cívica intelectual e religiosa da população, hábito que chegou até os nossos dias principalmente nas cidades do interior onde a Igreja domina a paisagem.

O povoamento de Manaus processou-se em volta de duas grandes casas, uma significando a presença do próprio Rei; a outra, tomando parte nas decisões mais importantes da autoridade real: a Fortaleza e a Igreja, ambas com uma só finalidade — a conquista da terra e do homem para Deus e para o Estado.

As construções das casas residenciais que se ergueram ao tempo da fortaleza de São José do Rio Negro não diferiam muito das que foram descritas pelo cientista e viajante inglês Alfredo Russel Wallace, por ocasião de sua passagem por Manaus em 1850. Eram todas elas levantadas sobre pau a pique e com paredes de tijolos de barro cozido, cobertas com folha de palmeira.

As constantes idas e vindas de veleiros de Portugal, com seu intenso intercâmbio social, político e cultural, promoveram o desenvolvimento urbano e a expansão da vila com novos surgimentos de bairros, sendo que as fachadas das ruas principais já eram substituídas por outros e surgiram e frontispícios.

A população que em 1850 andava aí por volta de 6.000 habitantes, já passava agora dos 7.000, incluindo índios e mestiços, o que vale dizer que a cidade estava crescendo e forçando o crescimento de novas ruas, adquirindo novos hábitos, naturalmente importados da Europa.

As melhores residências eram dos comerciantes, proprietários e autoridades portuguesas, donos da terra, do comércio, das casas e das taperas de aluguel. Há mais ou menos uns cinquenta anos passados, isto é, por volta de 1933, havia no centro de Manaus grande quantidade desse tipo de residência, habitadas por famílias de baixa renda.

O povo as denominava de "estâncias", eram constituídas de muitos compartimentos sem luz direta, enfileirados, com um sanitário coletivo ao fundo para os locatários se servirem. "Essas "estâncias" de proprietários portugueses ou herdeiros dos retornados à pátria ou mortos, foram sendo transferidas de geração a geração, algumas até hoje existentes.

Esse hábito coletivo de morar chegou até os nossos dias graças ao espírito conservador dos lusitanos apegados aos seus bens materiais, e somente desaparecendo com o advento de uma nova maneira popular de morar, trazida do Rio de Janeiro — as favelas que começaram a se expandir nas margens dos igarapés do bairro dos Educandos, alastrando-se depois pela periferia e hoje constituindo-se num dos mais sérios problemas sociais que a comunidade enfrenta.

## A Cidade de Manaus

Nada resta do que foi a primitiva aldeia e, depois, do povoado da Barra do Rio Negro nos séculos XVII e XVIII. Nem ao menos uma pedra do que fora a Fortaleza de São José ficou para contar a história de um dos muitos fortes portugueses instalados às margens dos rios para a defesa contra invasões de índios e estrangeiros. E pouco resta da vila dos anos oitocentos. Apenas algumas ruas, como a Itamaracá, Frei José dos Inocentes e pequenos becos ainda existentes ostentam casas centenárias, com telhados de barro cozido e fachadas cheias de memórias.

Manaus, na verdade, é uma cidade recentíssima. Até 5 de Setembro de 1850, quando a Comarca do Alto Amazonas passou à categoria de província do Amazonas, chamava-se ainda

Vila da Barra do Rio Negro. E como vila continuou por muitos anos.

Leia-se o que diz uma revista datada de 1901: "Assim, para o forasteiro que desembarca, e já de bordo do navio que o transportou, tem podido apreciar o aspecto geral da cidade, pois o ancoradouro dos maiores paquetes fica quando mais, a um quarto de hora de distância do cais, em bote e remos, — a impressão é tudo quanto pode haver de mais agradável".

Dão os desembarcadouros sobre o próprio coração de Manaus, oferecendo-se assim, a súbitas, o espetáculo, sempre curioso de observar, de ruas animadas, cortadas por belos e espaçosos bondes de tração elétrica, carroças que se cruzam transportando mercadorias de bordo dos lanchões, ou da Alfândega e dos trapiches para importantes casas comerciais — todo movimento de uma cidade que, de dia para dia, vai alargando a sua esfera de importância e acentuando a sua justa aspiração a futuro empório comercial.

É a Avenida Eduardo Ribeiro a principal artéria de



Foto aérea de Manaus. N.º 1) — Av. Japurá. N.º 2) — Av. Afonso Pena. N.º 3) — Av. Apuriná.

Manaus, urbanisticamente riscada já neste século. É pois de recente construção. Na quase totalidade do seu trecho edificado, veem-se nela, senão os principais estabelecimentos da capital, com certeza os mais elegantes, tais como armazens de modas e de exposições e venda de objetos de arte, ateliê de modistas e de alfaiates, hotéis e restaurantes, alguns espaçosos e montados com luxo europeu.

À esquerda, subindo, fica o suntuoso edifício do Palácio da Justiça, e, à direita, enfrentando este, e não menos majestoso, o vasto edifício do Teatro Amazonas. Qualquer deles é exteriormente, grandioso, e internamente de uma elegância e disposição artística deveras notáveis.

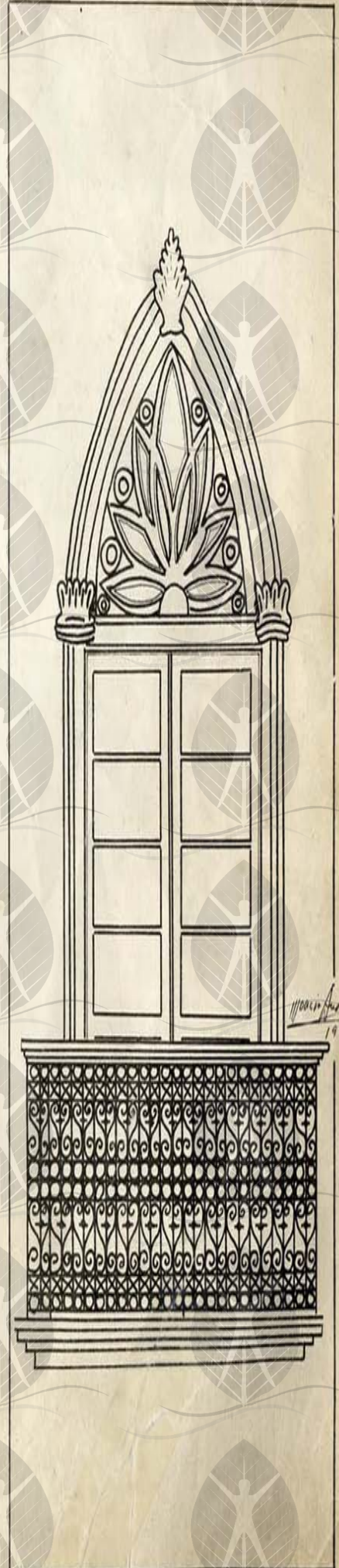
Tanto o átrio, como a escadaria do Palácio da Justiça, como, ainda, o belo trabalho de estuque de algumas de suas salas, e o faustoso mobiliário, por exemplo, do Tribunal do Juri, se impõem à admiração do visitante. Aqui funciona o Superior Tribunal do Estado e se realizam todos os atos cor-

relativos com a aplicação da justiça. A Junta Comercial igualmente lá tem a sua sede provisória contando, dentro em pouco, ser instalada em edifício próprio. Por seu lado, o Teatro Amazonas, cuja frontaria dá para a Praça de São Sebastião, oferece interiormente todas as comodidades exigíveis de uma casa de espetáculo de cunho moderníssimo!

Manaus possui algumas características que a tornam a capital singular, embora submetida permanentemente às depredações violentas e criminosas que infelizmente lhe desfiguram diariamente sua estrutura original, destruindo seus monumentos históricos e artísticos, despidendo-a de sua roupagem original de fachadas coloridas e sentimentais. Principalmente nessa última década, numa verdadeira avalanche iconoclasta, derrubando seus velhos edifícios assobradados de arquitetura do princípio do século, documentos vivos, valiosos e irreversíveis da chamada época áurea da borracha, nem mesmo escapando as magníficas calçadas de mármore de can-



Foto aérea de Manaus. N.º 1) — Av. Carvalho Leal. 2) — Av. Borta. 3) — Av. Humaitá. 4) — Av. A Juricaba. 5) — Av. Ipixuna. 6) — Av. Urucará. Foto de 1948.





O Atlético Rio Negro Clube visto da Praça da Saudade.

Vejamos o que escreveu o cientista inglês Alfredo Russel Wallace, nas suas magníficas anotações que enfeixou no livro "Viagens pelo Amazonas e Rio Negro", quando de sua passagem por Manaus em 1850: "A cidade da Barra do Rio Negro, está situada na margem leste daquele rio, cerca de doze milhas acima de sua junção com o Amazonas. E está localizada em um terreno desigual, repleto de ondulações, cerca de trinta pés acima do nível das mais altas cheias, e é cortada por dois córregos, cujas águas, na estação chuvosa, atingem a considerável altura, havendo, porém, sobre eles, duas pontes de madeira. As suas ruas são regularmente traçadas; não tem, no entanto, nem calçamento, sendo muito onduladas e cheias de buracos, o que torna o caminho sobre os seus leitos muito desagradável, principalmente à noite. As casas geralmente só tem um pavimento; são cobertas de palha vermelha e assoalhadas com tijolos, tem as paredes pintadas de branco ou de amarelo e as portas e janelas pintadas de verde. Quando o sol bate sobre elas, o efeito é muito bonito. Da "Barra", ou antigo forte, só há presentemente, uns restos de muralhas e



taria portuguesa que circundavam, como um verdadeiro mosaico, cinza-rosé e branco, a Igreja da Matriz de Nossa Senhora da Conceição, centenária de bênções divinas, suas belas praças criminosamente sendo doadas a particulares para nelas serem construídos sórdidos bares e cafés, como é o caso do Café do Pina na Praça da Polícia, e da Trincheira, agora exibindo um monstrengo imundo, como monumento à burrice oficial, ou retalhada em lotes, como foi o caso da Praça Ribeiro Bittencourt, no bairro da Cachoeirinha, onde é hoje o edifício do Der-Am, um cinema e vários prédios residenciais.

O hábito de doar praças e cemitérios na cidade de Manaus, a particulares, parece que já se tornou tradição. Agora mesmo, quase que o cemitério São João Batista, seria despojado de seus defuntos, para se tornar um parque, que fatalmente alguns meses depois seria doado a uma repartição federal, estadual ou mesmo a um amigo do peito do prefeito municipal. Felizmente, alguns jornalistas de muita coragem neste tempo de barganha, aliados aos verdadeiros defensores do que resta do nosso já paupérrimo patrimônio artístico e histórico, gritaram por socorro, despertaram as consciências adormecidas e o povo, acudindo às súplicas desses heróis, cerrou fileiras na defesa da manutenção da última morada dos já cansados restos dos mortos centenários, alguns deles, veteranos em mudar compulsoriamente de casa mais de uma vez, jazem amontoados em sepulturas coletivas e anônimas, naquele vetusto campo santo.

Infelizmente, não é só a cidade de Manaus que muda a sua feição no decorrer dos tempos. Todas as cidades tradicionais, inclusive as chamadas cidades artificiais ou cidades planejadas, sofrem mutações compulsórias, por força da própria dinâmica social, por processos econômicos e políticos, ou mesmo por injunções espúrias, como é o caso da cidade de Manaus.

Nascida à margem esquerda do rio Negro no século dezesete, com o arrojo dos seus fundadores portugueses, sustentou-se e desenvolveu-se a duras penas com a colaboração e manutenção de uma sociedade que até hoje não conseguiu galgar uma condição mais humana no contexto da família brasileira.



Construção do Estádio Vivaldo Lima.



Vista aérea da Praça do Congresso, vendo-se ao fundo a direita, o Teatro Amazonas, em frente na esquina das ruas Monsenhor Coutinho com a Av. Eduardo Ribeiro a bela residência da família

Miranda Corrêa. A esquerda, o prédio da Saúde Pública, ambos demolidos.



Concentração de estudantes no dia 7 de setembro de 1937 na Praça da Saudade.

um monte de terra. Há duas igrejas na cidade; são porém, muito pobres e bastante inferiores às de Santarém. A população da cidade é de 5.000 a 6.000 habitantes, dos quais a maior parte é constituída de índios e mestiços. Na verdade, provavelmente, não há ali uma única pessoa, nascida no lugar, da qual se diga que seja de puro sangue europeu, tanto e tão completamente se tem os portugueses amalgamado com os índios. O comércio local consiste principalmente na exportação de castanhas, salsaparrilha e peixe, e as importações são tecidos europeus de inferior qualidade, cutilaria ordinária, colares, espelhos e outras bugingangas mais, para o comércio com as tribos indígenas, das quais a cidade é o quartel mestre". Mais adiante, em suas narrativas, Wallace diz: "... aos domingos, principalmente, todos trajam as suas melhores roupas. As mulheres vestem-se elegantemente, exibindo lindos vestidos confeccionados com gazes e musselines francesas. Em geral tem elas bonito cabelo, que é penteado cuidadosamente; ornado de flores e não o cobrem, pois não usam chapéus, nem escondem o rosto sob véus".

Este um magnífico relato feito em 1850, isto é, nos meados do século dezenove, quase duzentos anos depois de sua fundação. Embora sem certidão de nascimento, presume-se que a cidade de Manaus surgiu com o florescimento de um pequeno arraial em torno das grossas muralhas de pedra granítica de Moura da Fortaleza de São José do Rio Negro, onde, possivelmente, se ergue hoje o edifício da antiga Secretaria de Fazenda do Estado, na Rua Monteiro de Souza, hoje fazenda parte do patrimônio da Administração do Porto de Manaus, segundo refere o amazonólogo Arthur Cezar Ferreira Reis.

As duas pontes de madeira sobre os dois córregos, referidos pelo cientista Alfredo Wallace, seriam sobre o igarapé São Vicente e o igarapé do Espírito Santo, considerando-se que o Lugar da Barra do Rio Negro floresceu em torno do terreno onde está construído hoje o edifício da Prefeitura Municipal de Manaus, na parte oeste da cidade.

Entre 1856 e 1889, isto é, trinta e três anos depois, já sob o impulso de uma época de ouro — a época da borracha, Manaus, começou a receber radicais transformações em suas precárias instalações como cidade. Não mais as ruas nuas de calcamento e cheias de buracos perigosos e deselegantes, como

se referiu Wallace em suas crônicas, mas agora recobertas com paralelepípedos de granito cinzento, que vinham a peso de ouro de Portugal, servindo de lastro para os navios que atravessavam o Atlântico rumo às riquezas do novo Eldorado. Suas calçadas largas eram revestidas com grandes lajes de mármore de cantaria, artisticamente colocadas por exímios profissionais cantareiros portugueses importados, que fizeram de Manaus uma cidade europeia encravada no coração da selva amazônica.

Engenheiros, eletricitas, carroceiros, serralheiros, torneiros, arquitetos, construtores, marceneiros, carpinteiros navais, urbanistas, arruadores, pintores, decoradores, calceteiros, ferreiros, corrieiros, jardineiros, bombeiros, construtores de pontes e muitos outros tipos de técnicos, imigraram para aqui, iniciando a faina de fazer de Manaus "uma cidade nos moldes das grandes metrópoles europeias, plantada em plena selva tropical". No período que se inicia em 1890 até 1920, Manaus experimentou um desenvolvimento e uma transformação jamais conhecida no Brasil.

Graças ao preço privilegiado da borracha, e ao fato de ser o Amazonas o único produtor do mundo, dinheiro correndo "frouxo" em todos os bolsos, foi possível a vinda dessa imensa caravana de técnicos que invadiu Manaus como passe de mágica. Aterraram igarapés, terraplenaram, arruaram, construíram pontes metálicas, instalaram trilhos de aço para bondes ingleses, fincaram postes de ferro fundido, que distribuiriam energia a toda a cidade; e calcetaram as ruas, praças, avenidas e travessas, com pedras em forma de prisma, os famosos paralelepípedos de granito de cor cinza, marchetado; construíram o maior e o mais moderno cais flutuante do Brasil, bem em frente da catedral de Nossa Senhora da Conceição, como que para receber perenemente suas bênçãos celestiais. Também os edifícios suntuosos que causavam espanto e admiração a todos os adventícios que olhavam embasbacados a bonita cidade pela primeira vez; as casas de dois pavimentos, com suas varandas bordadas de artísticas grades de ferro e janelas de arco romano, guarnecida, de vidros coloridos importados da Inglaterra, da Escócia e da França, multiplicavam-se como ao toque de uma varinha de condão, por toda a cidade, com seus belíssimos jardins cheios de angélicas.

Os sobrados eram a certidão de nobreza e abastança dos seus proprietários. Rosas de muitas cores, harmonizando-se com as modernas fachadas coloridas ornadas com patamares, parapeitos e cercaduras de janelas em mármore que se erguiam sobranceiras e graciosas ao longo das avenidas fartamente arborizadas com os ficus-benjamins, podados periodicamente por bem treinadas turmas da Prefeitura Municipal. Foi a segunda cidade brasileira a utilizar a iluminação elétrica, que alimentava os inúmeros e românticos lâmpões de arco voltaico, e as residências senhoriais dos poderosos senhores feudais, donos de grandes latifúndios, proprietários seringalistas que, em ocasiões de festas, exibiam orgulhosamente suas roupas e riquíssimas jóias importadas da Europa e se refestelavam com o melhor vinho da França. Transformavam suas praças bem iluminadas em logradouros de mágicas belezas, espargindo permanentemente um cheiro gostoso de flores de mil matizes, onde a mocidade sonhadora se

deleitava nos passeios vesperais ostentando incontidas alegrias.

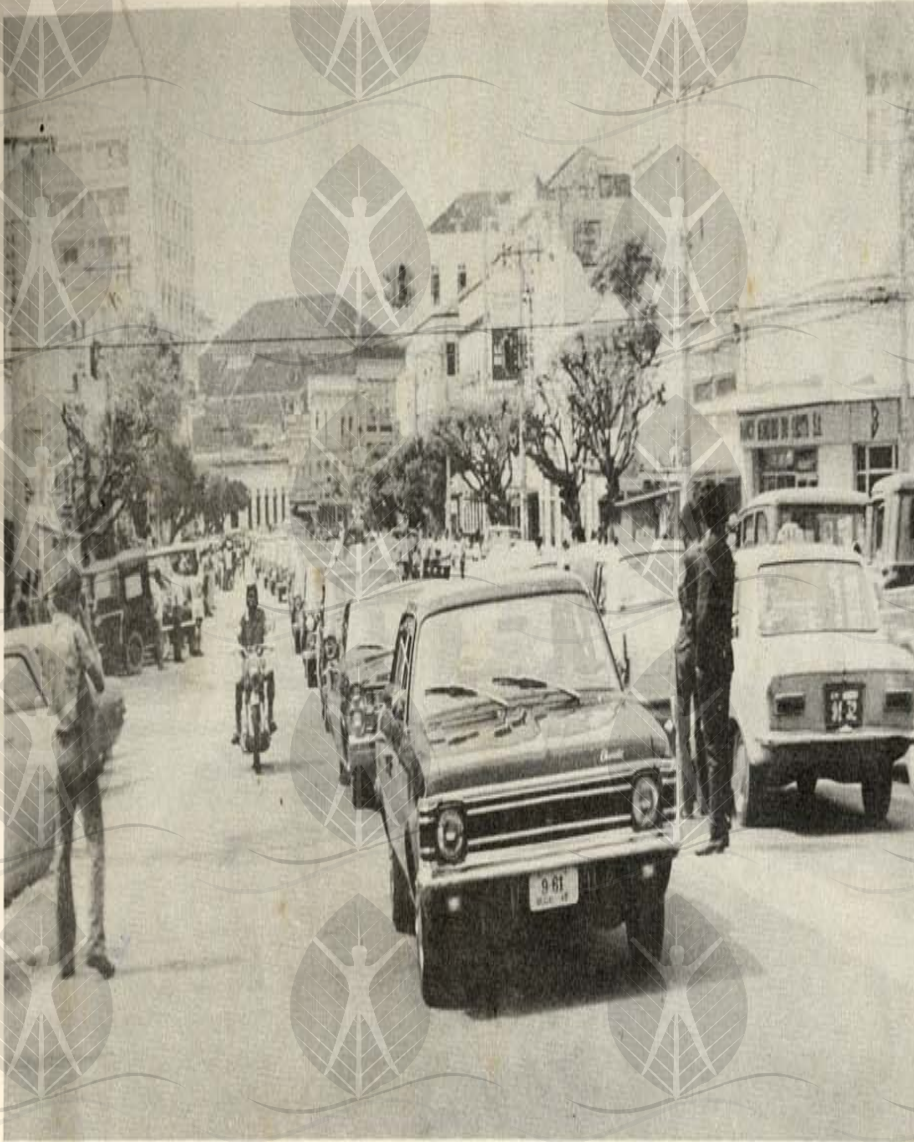
A baía do rio Negro era um belíssimo e original cenário de barcos fluviais, de todos os tipos e tamanhos, num constante entrar e sair sempre carregados de gente e mercadorias regionais. Os grandes rios da bacia amazônica eram sulcados por esses vapores elegantes recentemente importados da Inglaterra, da Escócia, dos Estados Unidos e da França, levavam mantimentos de primeira necessidade para os inúmeros seringais instalados ao longo dos tributários do Amazonas, principalmente dos rios Purus, Juruá e Madeira, de onde retornavam abarrotados de borracha, óleos vegetais, castanhas e peles de animais silvestres e outros produtos que logo eram encaixotados e despachados para os grandes paquetes de Booth Line, que esperavam pacientemente a sua carga preciosa surtos no porto de Manaus. Muitas eram as agências de navegação fluvial que atendiam com pontualidade inglesa aos interesses comerciais da borracha e castanha, os principais produtos de exportação. Entre elas a The Amazon River Steam Navigation C. Limited; a Sociedade Anônima dos Armazéns Andresen; a Agência do vapor Humaytá e Montenegro da Casa Carlos; Montenegro & Companhia; M. Corbacho & Cia.; Companhia Comércio e Navegação de J. Rodrigues Vieira; o Lloyd Brasileiro; J. Franco & Cia.; Gomes & Cia.; João Alves de Freitas; B. Levy & Cia.; José Barbosa da Silva; os vapores de Ludwig Lositzen; Zarges, Ohliger & Cia.; e muitas outras firmas de menor importância, todas devidamente estabelecidas em Manaus, a capital da borracha.

Os hotéis, casas de cômodos, casas de aluguéis de quartos para viajantes mais modestos e hospedarias, se multiplicavam a cada dia na ânsia de satisfazer a corrida de homens ambiciosos, interessados nesse comércio novo e de fácil enriquecimento.

Na Rua dos Remédios e na Rua Municipal ficavam as hospedarias e hotéis luxuosos, que recebiam os endinheirados. Os seringalistas possuíam belas mansões situadas nas principais ruas, avenidas e praças da cidade, onde promoviam festas regadas a champanhe, servidas em taças de cristal de ocarat, só igualadas às estórias das mil e uma noites.



Edifício que erguia-se na esquina da Avenida Eduardo Ribeiro com a Saldanha Marinho. Nesse prédio funcionou por muitos anos o famoso bar e restaurante Avenida, onde havia o melhor sorvete da cidade e jantares de importância.



Av. Eduardo Ribeiro, trecho entre as ruas Saldanha Marinho e Praça da Matriz.

Entre as melhores casas hoteleiras destacavam-se: "Luiz Fernandes Dantas"; "Mamede Ayache"; "Martins & Gouveia"; "Pinheiro & Rodrigues"; "Teixeira Felix & Cia"; além das casas de pasto que também hospedavam: Estevam Boaventura; França e Silva; Joaquim Malheiros; Lopes & Rio; Celestino F. dos Santos; e outros.

Parecia uma época mágica, aos olhos dos antigos habitantes, daquela humilde e pacatíssima cidade, acostumados aos velhos tradicionais aglomerados de barracões de palhas comidadas, cobrindo paredes de pau a pique, e uma população que transformava em ruidosas festas as chegadas dos grandes e impavidos veleiros que aportavam majestosamente as longas e limpas praias da baía do rio Negro no Bairro de São Vicente, trazendo tecidos europeus de inferior qualidade, cutilaria, colares, espelhos e outras bugigangas, mais para o comércio com as tribos indígenas e para os mestiços que constituíam a população de mais ou menos 15.000 habitantes.

Agora as coisas mudaram. São os imensos navios a vapor, trazendo vinhos franceses, queijos, suíços, casemira inglesa, linho HJ importado da Irlanda, companhias teatrais e muitas mulheres bonitas que se exibiam no Teatro Amazonas, para

uma população que já possuía a sua "élite".

O povão ignaro poderia assistir a preços modestos as peças populares que se exibiam no Teatro Alcazar, na Praça da Constituição ou no Teatro Alhambra, na Rua Municipal, ou ainda, em outras casas de diversão não recomendáveis às pessoas de bem, onde se reuniam marinheiros e prostitutas índias, negras e mestiças.

As principais ruas e avenidas da nova capital, começaram a ser enfeitadas com vistosas tabuletas estilo art-nouveaux, pintadas com letras policrômicas anunciando as novas firmas estrangeiras que se instalavam promissoras no centro comercial, com suas ecléticas mercadorias importadas da Europa e da América: "Maison française de confiance vendant bom marché au comptant". Antiga casa de Madame Marie Rouaix & Cia Sucers Modes e confeccions, Avenida Municipal, a grande artéria das importantes empresas comerciais, onde são instalados os melhores hotéis, bancos, indústrias, etc... A companhia inglesa de navegação Booth Line anunciando a saída de Manaus para a Europa de 10 em 10 dias com escalas em Ilha da Madeira, Lisboa, Porto, Vigo, Cherbourg, Fishguard, Liverpool, Paris, Londres e Nova Iorque, em seus pacotes de mais de 6.000 toneladas, como o Hildebrand, Hilary, Lafran-

ce, Antony, Anselm, Ambrose, Aidan, Cristhofer, Denis, Pancras, Atephen, Augustine, Clemente, Francisco, Hubert, Crispim, Cuthert, Boniface, Justin, além dos cargueiros: Benedict, Basil, Dominic, Dunstan, Polucarp e Vicent.

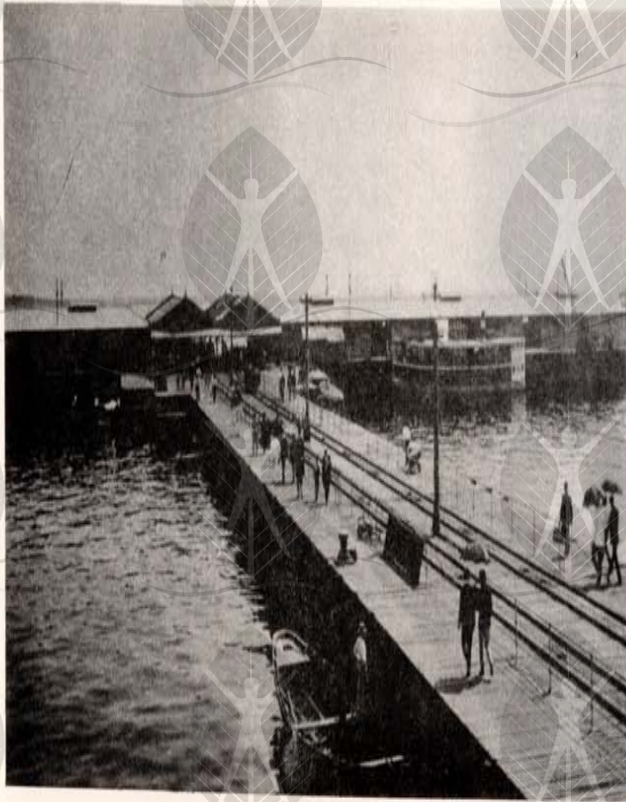
Cada chegada de pacote era uma festa inesquecível para a população de Manaus, então com 50.000 habitantes. As catraias, todas pintadas de branco, bem cuidadas e remadas pelos jovens e corpulentos portugueses, recentemente vindos da Póvoa de Varzim, se dirigiam aos vapores, todos devidamente embandeirados, que aportavam a uns trezentos metros da praia, (naquela época ainda não existia a grande muralha de pedra vermelha fronteiriça, nem o cais flutuante que seria construído alguns anos depois pela Manaus Harbour Ltda.) levando algumas moças lavadeiras que iam apanhar roupas dos tripulantes e de volta apanhavam os passageiros elegantemente vestidos que chegavam à praia sob vigorosas saivas de palmas, gritinhos nervosos, beijos e muitos abraços de parentes e amigos que aqui esperavam longos anos por esse momento singular. Toda essa festa de recepção acontecia na grande praia onde está o complexo dos armazéns do porto de Manaus, em frente à igreja de Nossa Senhora da Conceição, mais conhecida como Igreja da Matriz.



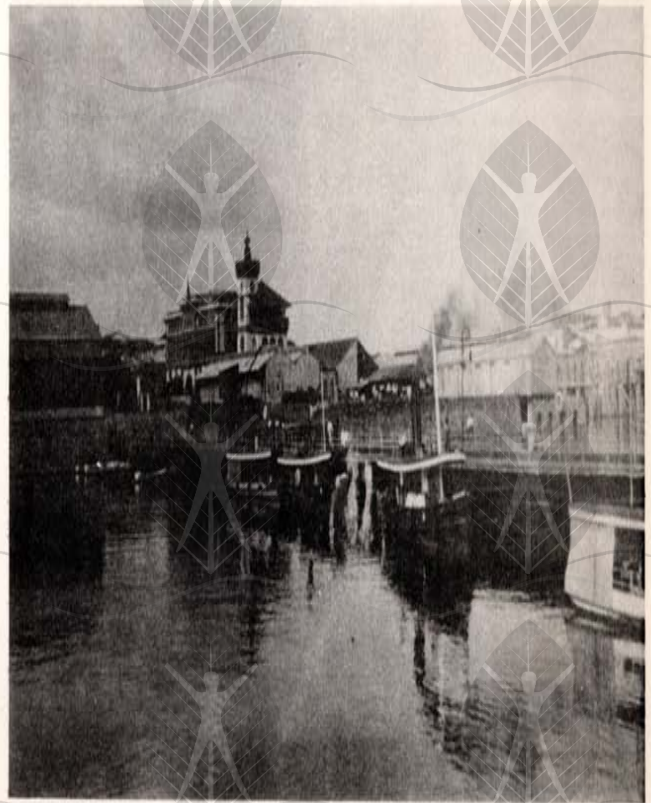


Vista panorâmica das "Torres flutuantes da Manaus Harbour".





Vista geral do cais flutuante da Manaus Harbour. Note-se o piso de madeira do passadiço ainda completamente novo.



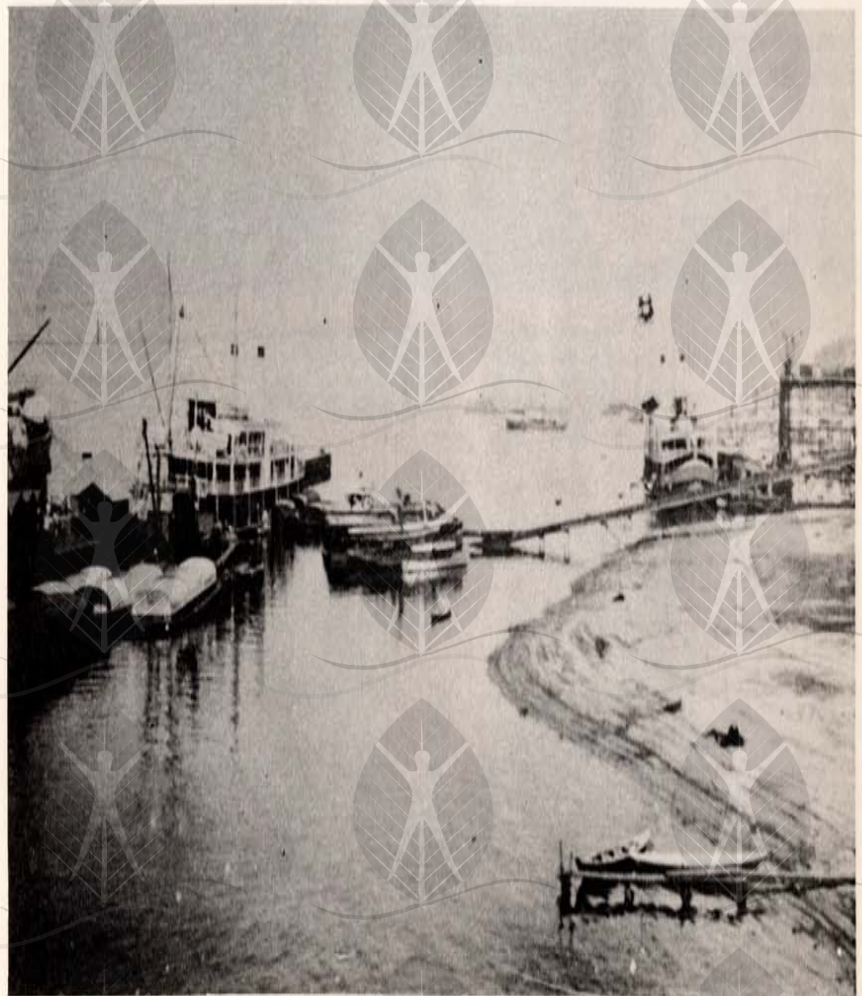
Rebocadores atracados no cais do porto da Manaus Harbour.

## A Destruição de Monumentos Históricos

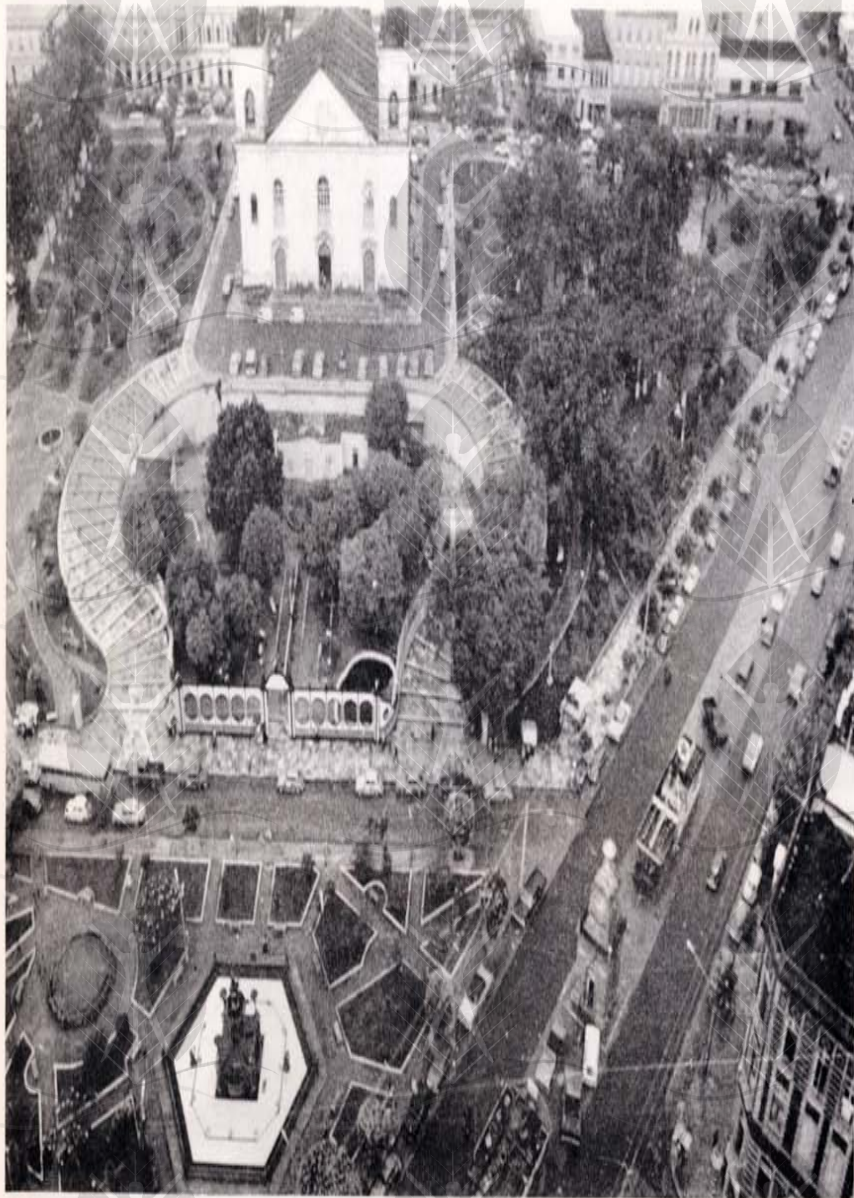
Uma das obras que mais encantam os visitantes de todas as partes do Brasil e do mundo é o cais flutuante da antiga Manaus Harbour. Pertence atualmente aos serviços da Administração do Porto de Manaus, mas está desfigurado, sem seus vetustos armazéns e torres flutuantes. O nosso inesquecível e grande escritor e historiador Mavignier de Castro, conta em seu livro "Síntese Histórica e Sentimental da Evolução de Manaus":

"O perímetro urbano de Manaus abrange uma área bastante irregular. A linha das águas rionegrinas que banham a cidade pela margem esquerda, começa no escoadouro do igarapé de São Raimundo, precipitando-se numa grandiosa reta até encontrar a embocadura do igarapé dos Educandos, tendo apenas largas reflexões nos pontos de confluência de outros córregos citadinos que desaguam no rio Negro. Neste trecho de três quilômetros de extensão, situam-se os armazéns portuários, os secretários da Manaus Harbour, o imponente edifício da Alfândega, a Guarda Moria, diversos estaleiros de construção naval, e, no extremo do cais de pedra, o imenso casarão de ferro e alvenaria que é o Mercado Público, mais conhecido como Mercado Adolfo Lisboa, por ter sido construído por esse dinâmico prefeito de Manaus.

No movimentado porto fluvial está uma das maiores e mais ousadas realizações de engenharia de que se orgulha a firma inglesa construtora B. Rymkiewicz. — um dique flutuante medindo 130 metros de comprimento por 15 de largura, cujo



Longa praia do rio Negro em frente ao cais do porto da Manaus Harbour.



Vista aérea da Igreja e Praça da Matriz de Nossa Senhora da Conceição. Note-se perfeitamente as calçadas em volta da Igreja toda de mármore de cantaria importada de Portugal, substituída pelo prefeito Jorge Teixeira por lajotas de cimento de péssima qualidade. 1971.

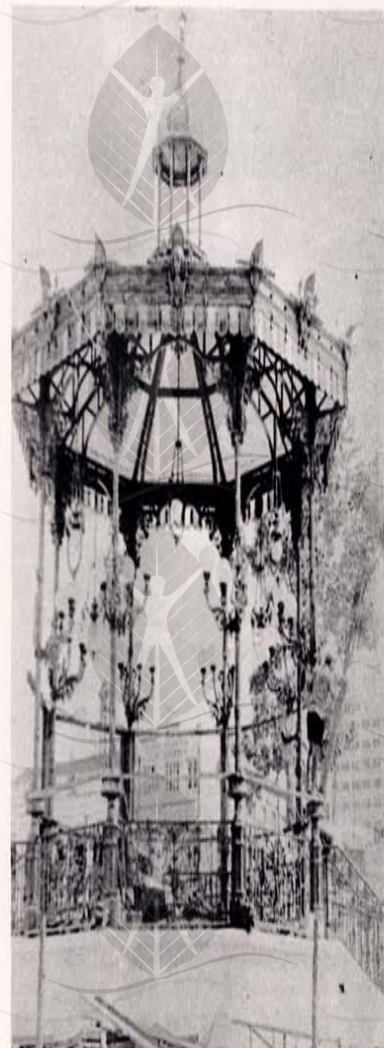
tabuado de madeira de lei se estende sobre vigamento de aço preso a bojudos flutuadores perfeitamente estanques. Essa ponte, por onde transitam passageiros e mercadorias, custou, em 1902, conjuntamente às docas da Manaus Harbour, a soma aproximada de 20 milhões de cruzeiros. Nas grandes enchentes, — tal a do ano de 1922, — o desnivelamento do dique produzido pela elevação das águas não consegue alterar o funcionamento mecanizado do transporte dos volumes que saem ou entram para os navios atracados na parte externa do “roadway”. Neste ponto, a profundidade mínima do rio nas maiores vasantes jamais sondou menos de 45 braças. Observações antigas de pessoas credenciadas afirmam que os maiores exemplares da fauna flutuante têm ali o seu contínuo e favorável habitat, sendo raras as pessoas que escaparam à horrenda morte quando lhes aconteceu cair naquele pululante viveiro de piraiabas e pirararas, enormes peixes voracíssimos, sempre a espera dos detritos atirados dos navios surtos no porto.

O embarque de borracha, castanha, madeiras e outros produtos de exportação do Estado é feito no dique das “torres” por um engenhoso mecanismo a eletricidade dispendo de potentes guindastes e roldanas que deslizam sobre cabos de aço suspensos, transportando para bordo, volumosas lingadas de carregamentos”.

As “torres” que o historiador Mavignier de Castro descreve magistralmente já foram totalmente removidas, provocando críticas dos intelectuais que compõem a Comissão de Defesa do Patrimônio Histórico da Cidade. Encheria um livro o registro de todo um patrimônio artístico destruído ou pilhado por administradores das repartições públicas do Estado, desonestos, que se aproveitando da ocupação dos cargos roubaram o que puderam, destruindo assim uma documentação de extrema importância para futuras pesquisas históricas, sem que ninguém possa dar um basta a essa iconoclastia, que continua no seu curso criminoso de destruir.

Paralelamente ao desaparecimento de monumentos e obras de artes do patrimônio público estadual, todos os dias edifícios de propriedade particular, do princípio do século, com suas fachadas coloridas e suas grades de ferro de belíssimos desenhos art-nouveaux, estão sendo destruídos para dar lugar a prédios modernos, projetados pela ambição de proprietários, que só tem um objetivo: o lucro fácil e imediato.

Com o desaparecimento dos românticos sobrados, as obras de arte, as calçadas de mármore de cantaria portuguesa, as avenidas recobertas com os famosos paralelepípedos, os quiosques de forma hexagonal, os carrinhos de garapeiros das esquinas das ruas, as carroças com suas imensas rodas de madeira que rangiam romanticamente pelas ruas de Manaus, puxadas por burros e cavalos sonolentos, foram também desaparecendo das nossas ruas e praças, dos nossos becos de tantas estórias e tantos dramas desenrolados sob o silêncio de noites tão antigas como as suas próprias origens, seu chão nu, nu de calçamento, nu de violência que lhe mancha a face com tantos crimes impunes, nos dias de hoje.



Coreto da Praça Heliodoro Balbi.



O prédio de cor escura à esquerda era onde funcionava a Malaria Guerra, incendiada em 1929 por um comerciante de nome Tico-Tico.

## As Malarias e os Seringueiros

Com os portugueses advenciosos que aportaram em Manaus no passado, veio também a profissão de maleiros. Era exercida por homens afeitos ao serviço por muitas gerações que aqui encontraram um campo fértil e promissor, principalmente quando surgiu o comércio da borracha e o tráfego incessante de barcos a vapor que subiam e desciam os muitos rios, onde estavam instalados os grandes e fartos seringais, sempre cheios de gente de todas as categorias, desde o seringueiro, o remador, o cozinheiro, o guarda-livros, o gerente de seringal, os familiares, e, finalmente, o coronel, chefe todo-poderoso de baração e cutelo, que mandava e desmandava em tudo e em todos.

Viajar de navio para o interior do Amazonas naquele tem-

po, principalmente nos gaiolas, sempre abarrotados de mercadorias e com reboque que diminuía ainda mais a sua marcha já bastante lenta, significava para aquela gente sofrida um grande sacrifício.

Essas viagens para os altos rios, com a vagarosidade das pesadas embarcações e as paradas obrigatórias para receber achas de lenha nos muitos portos de comércio, atormentavam os passageiros.

Realizavam-se então, longas operações contábeis entre-meadas de muita conversa fiada, comidas e bebidas. Consumiam às paradas dezenas e dezenas de horas, até dias, razão porque obrigavam os passageiros a se munirem de muita roupa e outros acessórios prioritários para satisfazer as suas necessidades mais urgentes. Davam-se ao luxo de possuir um armário no próprio camarote, ou pequenas gavetas sob os seus beliches padronizados, onde guardavam peças de roupas de maior necessidade e pequenos objetos de uso pessoal obri-

gatório e permanente como batons, remédios, pó de arroz, cosméticos, pentes, óleos perfumados, etc.

Quando queriam mais roupas, podiam pegar nos seus baús guardados em lugar especial no porão do navio, onde tinham acesso a qualquer hora e momento, pelo fato dessas grandes malas não poderem viajar dentro dos camarotes dada a exiguidade de espaço.

Geralmente, nesses vapores, os camarotes de primeira classe possuíam quatro beliches, dois de cada lado da porta de acesso ao convés.

A saída ou chegada dos navios gaiolas no porto de Manaus era movimentadíssima. Carregadores-portugueses, com seus carrinhos de mão de duas rodas, esperando serem contratados pelos passageiros para realizarem o transporte de bagagem pesada e volumosa, misturavam-se com visitantes, recepcionistas e lavadeiras, que pediam contratação de lavagem de roupas dos tripulantes do barco. Depois de alguns minutos que antecediam a negociação entre os carreiros e os passageiros, começavam a sair, sobre as cabeças dos carregadores, as grandes malas, umas cobertas de couro com belíssimos desenhos e cravejadas de botões de metal amarelo brilhante, decoradas com desenhos simples ou ainda grandes sacos de pano forrados com sernambí, dando-lhe uma condição de impermeabilidade, servindo até de salva-vidas em caso de incêndio ou naufrágio da embarcação. Esses ou eram de seringueiros fracassados ou de pessoas moradoras nos beiradões dos rios, também engajados no furdunço da borracha.

Algumas famílias viajavam com todos os seus membros. Carregavam três ou quatro baús gigantescos, cujo tamanho variava de um metro de comprimento por cinquenta e cinco centímetros de largura e cinquenta centímetros de altura. Havia as malas achatadas, igualmente cobertas de couro ou de lona, medindo em média um metro de comprimento por cinquenta e cinco centímetros de altura. Essas últimas já apareceram depois de 1925, quando a borracha também já estava caindo.

As famílias que viajavam de terceira classe faziam de suas malas uma espécie de cama, juntando duas malas no sentido do comprimento e cobrindo a superfície da tampa com a própria rede e lençóis. Assim, não só garantiam seus haveres como valores que portavam, também podiam dormir numa cama de dois metros com uma certa tranquilidade, sem serem apalpadadas embora involuntariamente pelas pessoas que permanentemente tinham que passar sob suas redes durante toda noite num vai-e-vem incessante. Essas camas eram utilizadas pelas mulheres quase sempre grávidas e acompanhadas de seus maridos e filhos pequenos, necessitando a todo instante dos cuidados maternos. A maior parte dessa gente era constituída de nordestinos cearenses, paraibanos, pernambucanos e principalmente de maranhenses, necessitando sempre de abrir e fechar as grandes malas, tirando e botando seus teréns que julgavam de grande utilidade, cujas chaves carregavam sempre com muito cuidado a tiracolo para alguma emergência.

Qualquer família tinha mais de um baú, peça indispensável em casa ou nas longas viagens de navio através dos rios amazônicos.

As malas ricamente ornamentadas eram uma espécie de vitrine de ostentação das famílias de posses, geralmente de



centenas de botões de metal amarelo arredondados que também faziam desenhos espiralados muito lindos em todas as faces da mala, dando-lhe um aspecto muito rico.

As malas grandes eram dotadas de quatro carretilhas também de metal com pequenas cantoneiras de aço, fixadas em cada canto inferior da mala para facilitar o seu deslocamento sobre a superfície do chão, e sobre a tampa, na extremidade de quatro ripas paralelas cravejadas de botões amarelos, cantoneiras do mesmo material artisticamente esculpidos dando o aspecto de uma verdadeira jóia.

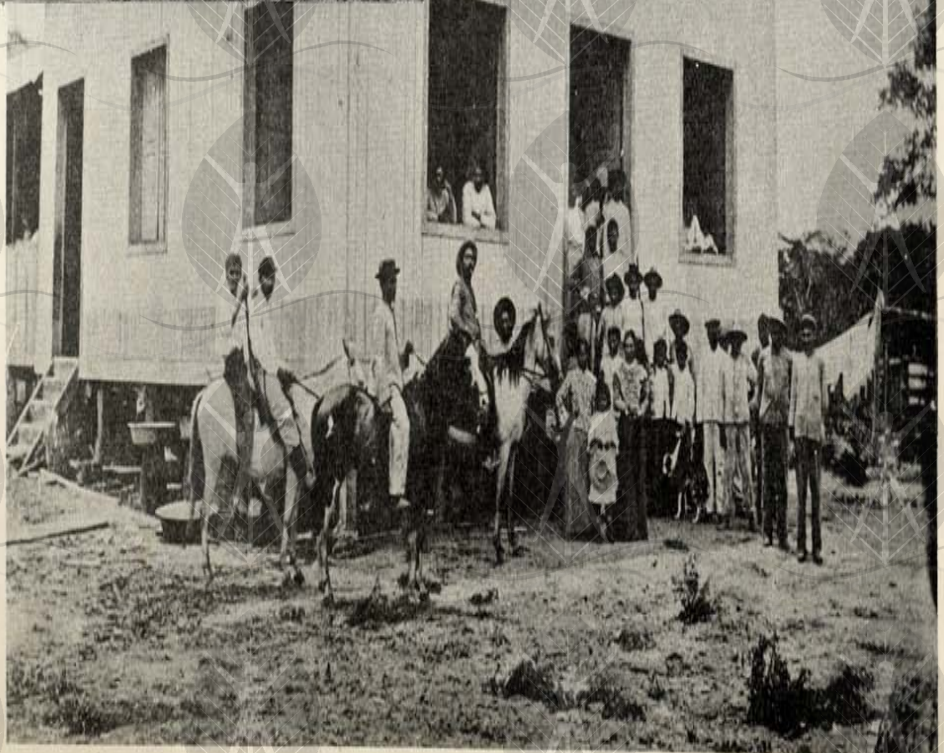
Haviam muitas famílias, as tradicionais famílias de Manaus que, ao viajar, tomavam imediatamente as providências de avisar aos seus carregadores para não colocar nenhum outro objeto sobre as bem cuidadas malas recobertas de couro e decoradas com desenhos e botões metálicos para não ar-

Seringal "Macapá", situado à margem direita do rio Purus, de propriedade dos Srs. Marques Nogueira & Cia. Na foto, montadas, damas da família do Coronel Marques.

Fachada do barracão principal do seringal "Caquetá", situado à margem direita do rio Purus, de propriedade do coronel Joaquim Victor e arrendado ao coronel José Lindoso. Essa foto foi tirada numa manhã de domingo.

coronéis, ricos proprietários de seringais e castanhais dos rios Madeira, Purus e Juruá.

Um coronel proprietário de seringais nos altos rios, senhor de muitas estradas leiteiras, jamais poderia exibir uma mala simplória, coberta de lona e pintada de verniz, que era mostrada pelas ruas da cidade no momento em que era transportada pelo carregador do porto. A mala do coronel era bem conhecida, toda de couro de boi ou de peixe-boi curtido, toda muito bem desenhada por artistas portugueses que tinham os seus padrões para as malas de primeira categoria, com belíssimos desenhos executados à fogo, as iniciais ou os monogramas da família do coronel ou seu próprio nome sobre a tampa, dos lados e na frente, com caracteres góticos ou romanos, mas com muito bom gosto. Além desses desenhos, a decoração desse móvel era completada com acessórios, com



ranhar os ricos desenhos nem arrancar as pequenas e valiosas peças metálicas. Eles tinham que levar sobre os carros, em cada viagem, somente duas malas encostadas uma a outra e cuidadosamente forradas com panos para que nada as fizessem. Talvez esse zelo muito exagerado com essas peças tão importantes na época, tenha ajudado a muitas delas chegar até os nossos dias em perfeitas condições, inclusive com todos os botões de metal como testemunhas mudas de um tempo tão significativo para o Amazonas.

Se acontecesse, como era natural nas longas viagens, uma dessas malas arranhar o grosso couro de boi que envolvia a peça de madeira, logo o seu zeloso proprietário mandava-a a uma das muitas e importantes malarías da cidade onde era carinhosamente consertada por um de seus profissionais e depois devolvida ao seu dono novinha em folha.

As grandes malarías de Manaus eram instaladas nas principais ruas do centro comercial próximo ao porto da cidade, isto é, nas proximidades do rio onde desembarcavam os grandes compradores dos mais importantes seringais dos rios Juruá, Madeira, Purus e outros, onde se localizavam as mais ricas propriedades da hévea.

Muitas vezes por ano, quando aconteciam casamentos muito importantes nas cidades do interior do Estado, principalmente nas sedes dos municípios ricos em borracha, meses antes das realizações das núpcias, não só os políticos, mas os padrinhos ricos e importantes politicamente, vinham a Manaus contratar, entre outras coisas, a confecção de malas especiais com riquíssimos desenhos e os monogramas dos noivos, que viajavam depois nos porões dos gaiolas cuidadosamente embalados já com os ricos presentes dentro das próprias malas, inclusive o vestido das noivas confeccionados nas casas francesas de roupas importadas, para senhoras, instaladas no centro comercial.

Ao adquirir a mala, o proprietário tratava logo de mandar construir um par de "pés de malas", que eram peças móveis de madeira de lei, geralmente de cedro, mogno, ou mesmo louro, envernizadas ou pintadas.

Alguns deles tinham as suas cabeças também com desenhos entalhados. Esses pés, logicamente eram para sustentar as malas de algum coronel. Cada mala tinha um par de peças, era um pouco mais larga que a mala que iria sustentar. Tinham a finalidade de evitar que a mala se apoiasse diretamente no chão para não apanhar umidade, o que seria fatal para o zinco que forrava o fundo.

Algumas malarías também vendiam "pés de malas" já com a largura da mala a que ia servir. Os "pés de mala" desappareceram juntamente com elas, já que eram acessórios.

Nas lojas das proximidades do mercado municipal, até há alguns anos passados, ainda vendiam papel para forrar o interior das malas e pequenos espelhos que se podiam afixar na parte interna da tampa da mala.

Esses imensos móveis eram dotados às vezes de duplas fechaduras de metal amarelo, com grandes chaves que as selavam com uma pequena pressão sobre as duas pequenas tramelas também do mesmo material.

Inicialmente o couro de boi era importado do sul do País; algum tempo depois, com o advento dos Curtumes Mago e Rio Negro, de propriedade da firma I.J. Benzecry, o couro industrializado nesses curtumes era aqui mesmo consumido não só



Na foto, Adriano Lopo de Figueiredo, sua mulher e os filhos: Anibal, Mário, Adriano e José Lopo de Figueiredo, num flagrante batido em 7 de janeiro de 1950, em cima do prédio n.º 121 da Rua dos Barés onde existia a Funilaria 1.º de Maio, fundada em 1903.

pelas muitas malarías existentes, mas também pelas casas fabricantes de arreios de cavalos e fábricas de sapatos.

Muitos operários portugueses e brasileiros especializaram-se na confecção de malas turísticas que eram adquiridas por pessoas de bom gosto e alto poder aquisitivo. Entre os muitos e bons operários que se destacaram nessa profissão podemos nomear: Miguel Fernandes da Silva, Manoel Soares, Francisco Lopo, José Maria Lopo, Severino, Joel e muitos outros.

O malleiro Francisco Lopo foi fundador da firma F.Lopo & Cia., que inicialmente se chamava "Malaria e Funilaria 1.º de Maio", fundada em 1903. Seu primeiro proprietário foi o Sr. Florindo de tal, chefe da firma Florindo & Alice; depois, com o mesmo nome de "Malaria e Funilaria 1.º de Maio" passou para a firma F. Lopo & Cia., depois "Malaria Brasileira", e daí para a frente seus sucessores A.G. de Figueiredo e A.L. de Figueiredo & Cia., cuja loja ainda existe na Rua dos Barés n.º 121.

Uma das histórias mais dramáticas do tempo das malas foi o incêndio provocado pelo proprietário da loja Tico-Tico, em

dezembro de 1929. Ficava na esquina das Ruas dos Andradas com a hoje Praça Adalberto Vale. Tico-Tico, como era também chamado o seu proprietário, tocou fogo no prédio da Malaria Guerra, que ficava na outra esquina da praça com a antiga Rua dos Remédios.

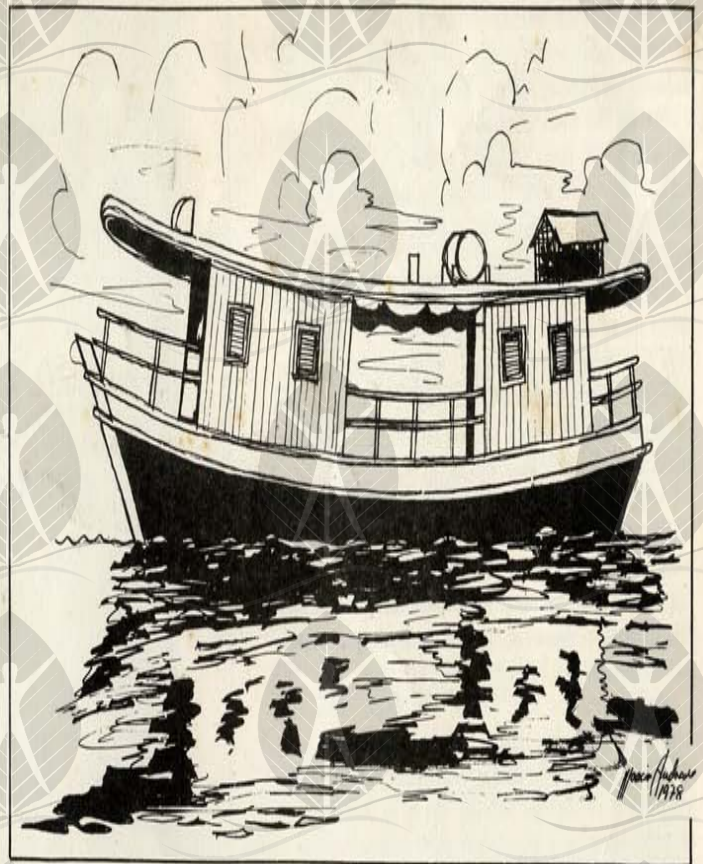
O incêndio foi tão grande que devorou todos os prédios de uma esquina a outra. Durante muitos anos as ruínas dessas casas ficaram sendo exibidas à população de Manaus. Até quando o terreno foi adquirido pelo Sr. Tartaruga, que construiu o edifício que ainda existe com esse nome.

Muitas estórias fantásticas dos tempos das grandes malas, embalaram a imaginação dos jovens que viveram sob o seu signo. Raptos formidáveis de donzelas que se sujeitaram a viajar durante dias e dias enroladas como caracol dentro dos baús, na esperança de gozar as mil e uma noites junto a seus príncipes encatados a partir do momento em que o vapor desatraccasse do cais do porto rumo à felicidade eterna.

Fugas espetaculares de mulheres casadas que se apaixonaram por adventícios estrangeiros ou do Sul do País, que



O navio Ayapuí esperando embarcar borracha num porto de seringa no rio Juruá.



para aqui vinham de visitas e enfeitavam os corações das mulheres, fazendo-as largar os maridos, filhos, e até verdadeiras fortunas, sob a maldição da sociedade local, para viverem em outras terras com homens que apenas conheceram, valendo-se das malas.

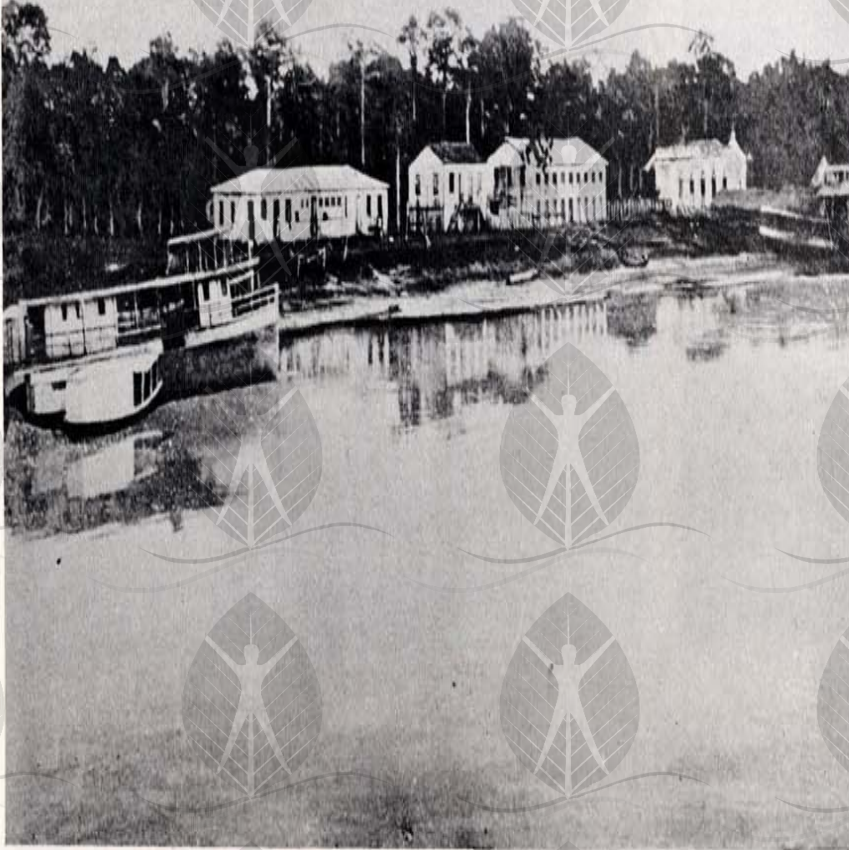
Crimes ocorreram com a conviência das malas. Tesouros escondidos, fortunas fabulosas fechadas e enterradas em malas de ferro, enfim, um verdadeiro universo de acontecimentos, de coisas espetaculares que, se não são verdadeiras, valem pela grandiosidade com que foram concebidas e divulgadas com o maravilhoso sabor de aventuras.

Entre as muitas malárias que Manaus possuía já na primeira década deste século havia: A "Malaria A. Vilela", na Rua da Instalação nº 22; a "Malaria Belota", de Álvaro Augusto Belota, que ficava na Avenida Eduardo Ribeiro nº 42; a malária de David Lourenço Junior, na Praça Tamandaré; a "Malaria Domingos", de Domingos M. Barbosa, na Rua Henrique Martins nº 11; a "Malaria Guerra", de propriedade de Guerra & Cia., que ficava na Praça Tamandaré, e a filial na Rua da Instalação nº. 5; a Malaria Monteiro, de J.M. Monteiro, que tinha a sua sede na Rua dos Barés, 33; a malária de propriedade do português Joaquim Eirado e Silva, na Praça Tamandaré S/N; a malária de propriedade da firma M.A. de Melo & Cia., cuja loja ficava na Rua dos Remédios 2-A; a de propriedade de Mattos & Cia., que ficava na Rua Henrique Martins nº 5; e a malária MOTTA, de propriedade da empresa Motta Vieira & Cia., na Rua da Instalação 19, caixa postal 275, fone 353.

Além dessas malárias devidamente registradas na Junta Comercial, havia as mercenárias que fabricavam as caixas de madeira que levavam o nome de malas depois de devidamente revestidas de couro e arrematadas com acessório de acabamento.



Cortando peles de borracha — Avenida Eduardo Ribeiro.



servido ao restrito número de convivas um excelente almoço.

O "Vitória", que há doze anos se achava inativo e, por cúmulo dos absurdos, transformado em pontão de lenha, em Val-de-Cães, no porto do Pará, acaba de passar por completa e radical reforma que o transformára numa das melhores unidades da Companhia sua proprietária, ou por outra, fê-lo tornar a ser o antigo paquete "Vitória" — dos estaleiros Kiewitz, de Drodrecht, na Holanda.

Confortável e amplo, elegante na esquisitez de seu traçado, o paquete "Vitória" permite ao viajante ingressar na imensa planície com todo o bem estar dos grandes transatlânticos.

A confortável unidade da antiga Companhia do Amazonas, mede 224 pés de comprimento, 45 de boca e 11 de pontal, com a capacidade para 1.100 toneladas de carga. Suas duas máquinas de triplice expansão, desenvolvem, cada uma, 114 cavalos de força, nominais. São dois os seus propulsores e pode desenvolver 12 milhas por hora. Possuem ainda tanques para lastro e água potável com capacidade para cem toneladas, paíes de carvão para 170 toneladas, câmara frigorífica

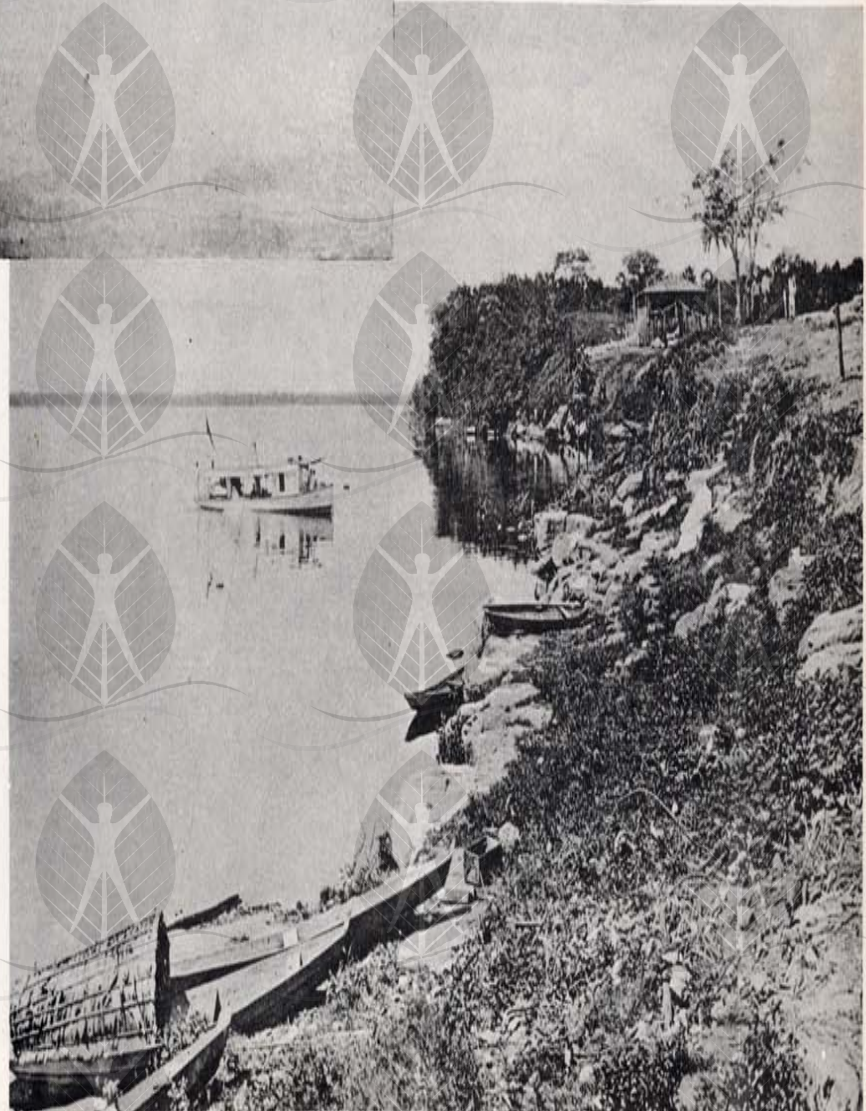
Porto da Vila do Ayraão no rio Negro. A margem os montes de lenha esperando embarque nas chatinhas da Amazon River.

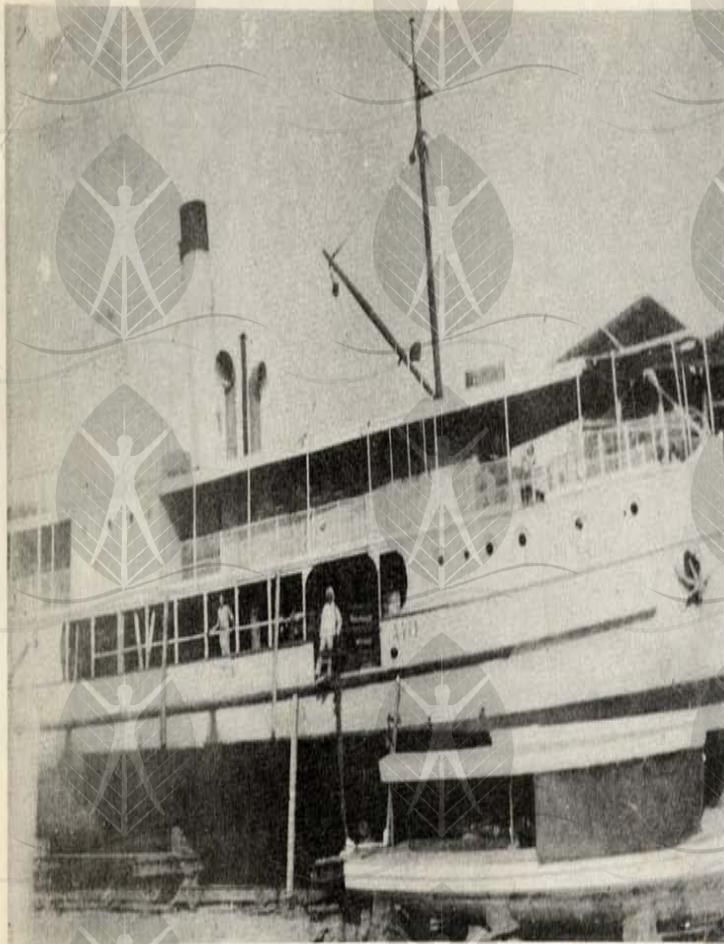
Panorama geral dos barcões do Seringal "Cachoalra", de propriedade do comendador Hillário. Este seringal está situado à margem direita do rio Purus. O Seringal Cachoalra, era um dos mais importantes daquele rio, possuía até capela que pode ser vista na foto.

## Gaiolas, Chatinhas e Vaticanos

A compra de cada navio a vapor significava uma festa. A chegada, outra festa a bordo, Champanha francesa, caviar russo e biscoitos ingleses, eram oferecidos fartamente por entre os alegres convidados espalhados pelos brilhosos e amplos salões elegantemente decorados. De longe, os navios surtos no porto pareciam uma visão fantástica de mil luzes coloridas que despejavam matizes sobre as águas negra do rio Negro, num espetáculo deslumbrante a muitos olhos daquela antiga cidade.

Leiamos a Revista da Associação Comercial do Amazonas, em seu número 138, de 31 de outubro de 1928: "Realizou-se no dia 9 do corrente, oferecido pela gerência da Amazon River, nesta cidade, um passeio aos arredores de Manaus a bordo do excelente vaticano "Vitória", no decorrer do qual foi





O navio gaioia "Ajudante" nos estaleiros para reparos. Foto de 1940.



O navio a vapor "Eurico" junto no porto de um seringal no rio Purus.

com capacidade para 200 toneladas e máquinas para fabricar diariamente, 120 quilos de gelo.

Seus excelentes camarotes de primeira classe, com capacidade para quatro beliches, um guarda-roupa e um lavatório cada um, amplos, confortáveis e higiênicos, tendo as vigias e portas protegidas por tela milimétrica, proporcionada acomodações para 56 passageiros.

A meia náu, e em toda a extensão dos camarotes de primeira classe, um lindo e discreto salão de recreio, fartamente iluminado, dispo de boas poltronas, cadeiras de viagem tecidas com palhinha inglesa, sofás, mesinhas e um piano francês.

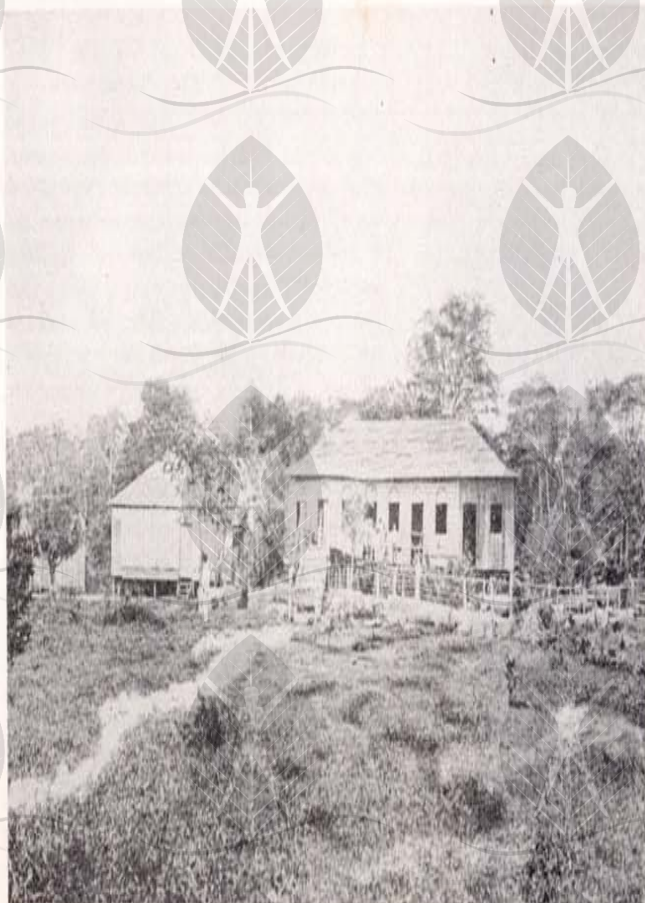
É a seguinte sua oficialidade: João Baena, Comandante; Miguel Fernandes Fortunato, imediato; Ilbarez Corrêa, escrivão; Manuel Marinho e Balthazar Marinho, práticos; Teixeira Lemos, chefe de máquinas; Tito Ferreira e José Cantão, maquinistas; Francisco Raymundo Filho, comissário; Samuel Spencer, despenseiros e Pedro Celestino, mestre.

Às 11:15, mais ou menos, tendo a bordo o Presidente do Estado, altas autoridades federais, representantes da imprensa e do comércio e funcionários da Amazon River, fez-se ao largo o "Vitória", viajando até quase a boca do Solimões. A bordo reinou a maior cordialidade e distinção entre os presentes, para os quais foram pródigos com gentilezas a oficialidade do navio e os representantes da Empresa. Depois do aperitivo e ao som de harmonioso terceto, foi servido o almoço, tomando lugar às mesas as seguintes pessoas: Dr. Ephigênio de Sales, Presidente do Estado, tendo à sua direita o Sr. Dr.

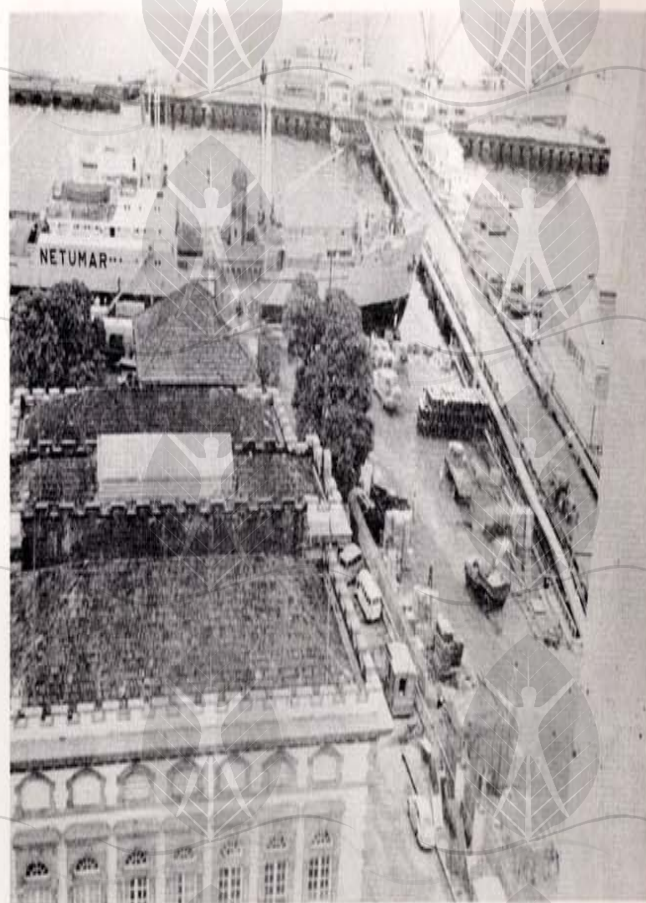


Centenas de peladas de borracha no porto de um seringal, esperando o "gaioia" que as transportará para Manaus.





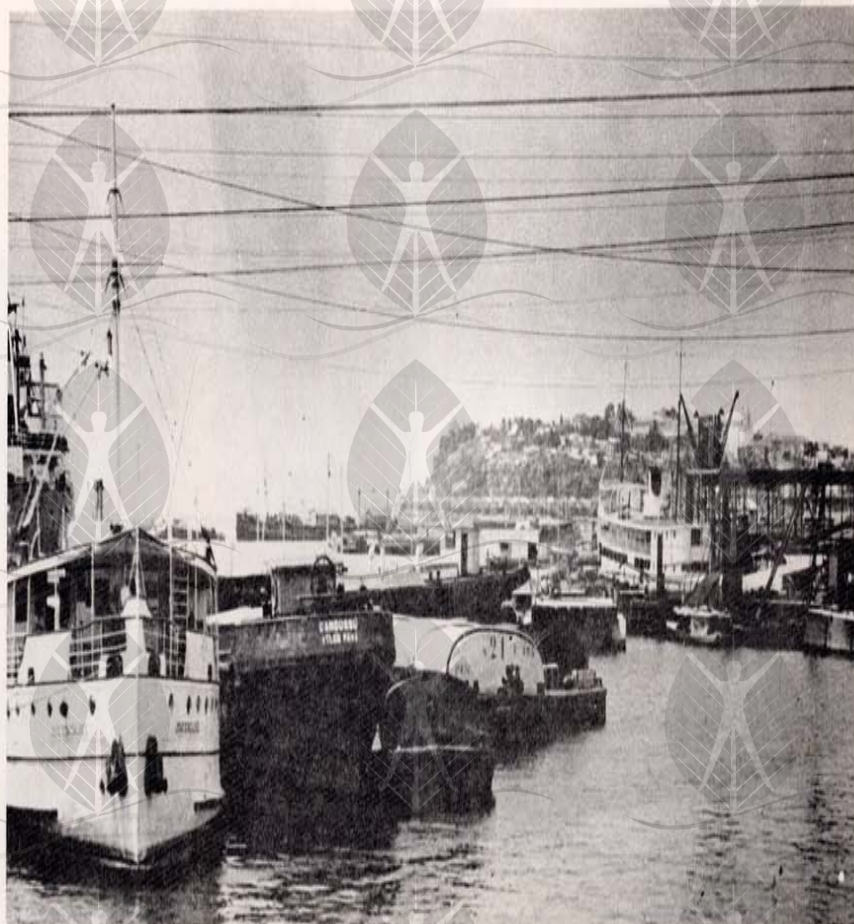
Seringal Riosinho, situado na Foz do Riosinho, na margem direita.



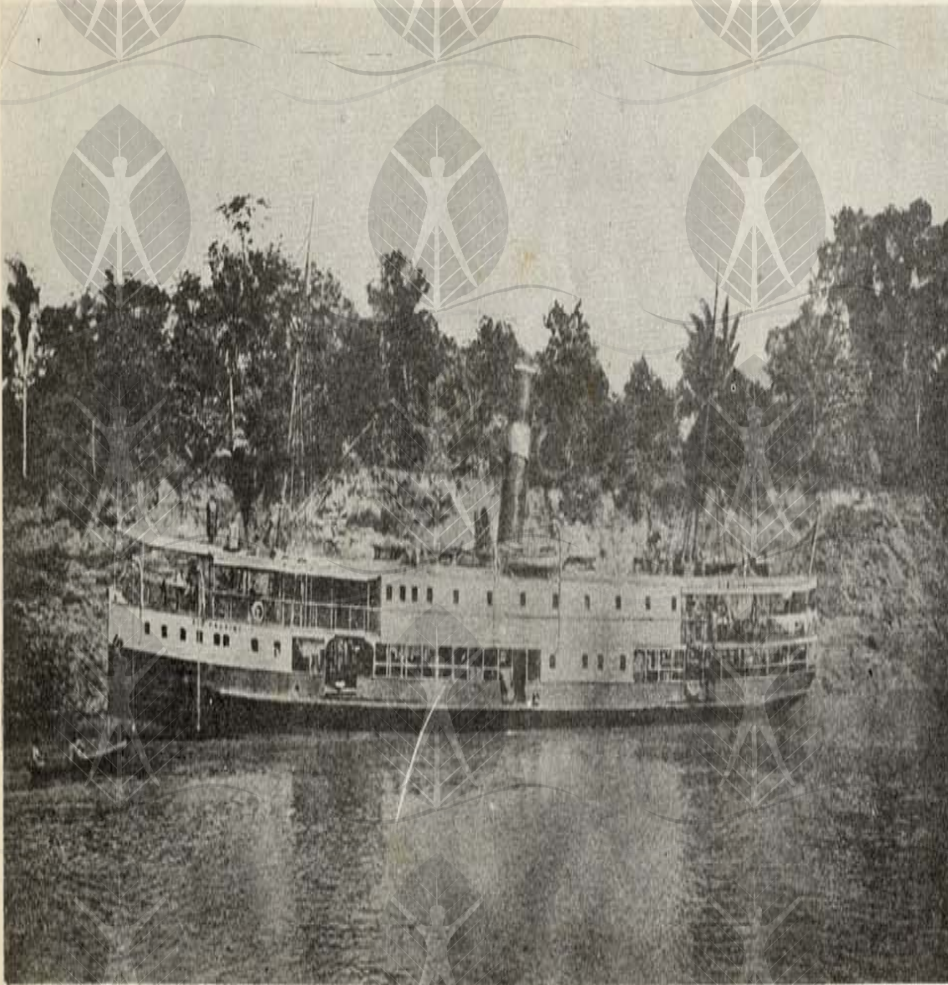
Cais do porto de Manaus, por onde entrou a civilização e a riqueza que fez da cidade naquela época uma das mais lindas e modernas do Brasil.

Manuel Xavier Paes Barreto, juiz federal; Coronel Gileno Pedrosa, inspetor da Alfândega; Carlos Dreyer, chefe da firma Berringer & Cia., Agésilau Araújo, pela firma J. G. Araújo & Cia. Ltda., Osvaldo Viana, pela Revista; José Travassos, superintendente da Amazon River; Dr. José Chevalier pelo jornal "Estado do Amazonas"; Major João Alfredo Ramos, das linhas telegráficas de Mato Grosso; Agostinho Cesar de Oliveira, pela Associação Comercial do Amazonas; Moacyr de Carvalho, contador do Distrito Rádio Telegráfico; acadêmico Manuel Paes Barreto Filho, Dr. Sebastião Barros, inspetor do Distrito Rádio Telegráfico e à sua esquerda o comandante José Garcia, agente da "Amazon River"; C. V. Reade, gerente da Both Line e Cia., deputados Leopoldo Peres e Francisco Galvão; Waldemar Pinheiro, chefe do tráfego da Amazon River; Américo Ruivo, pelo "Jornal do Comércio"; Capm. João Baena, comandante do "Vitória"; Eptácio Pessoa, contador da Amazon River; J. B. de Faria e Souza, diretor da Imprensa Pública; Raphael Benoliel, chefe da firma B. Levy & Cia.; E. C. Turner, superintendente da Manaus Harbour Ltda.; capitão Oliveira Góes, ajudante de ordens da Presidência do Estado; Jônio Salles e o professor Felismino Soares, representando o Prefeito da Capital.

O almoço, irreprensivelmente servido, obedeceu ao seguinte menu: pescada ao molho champagne, galinha guisada à francesa, costelas de leitão a pompadour, filet à Amazon River, salada de legumes; sobremesas: pudim de leite, pudim de bacury, doces, sorvetes sortidos de várias frutas da região, saladas de frutas. Vinhos, branco e tinto. Café licores e champagne.



Cais flutuante da Manaus Harbour — Foto do autor.



Navio galoia Rio Paulni.

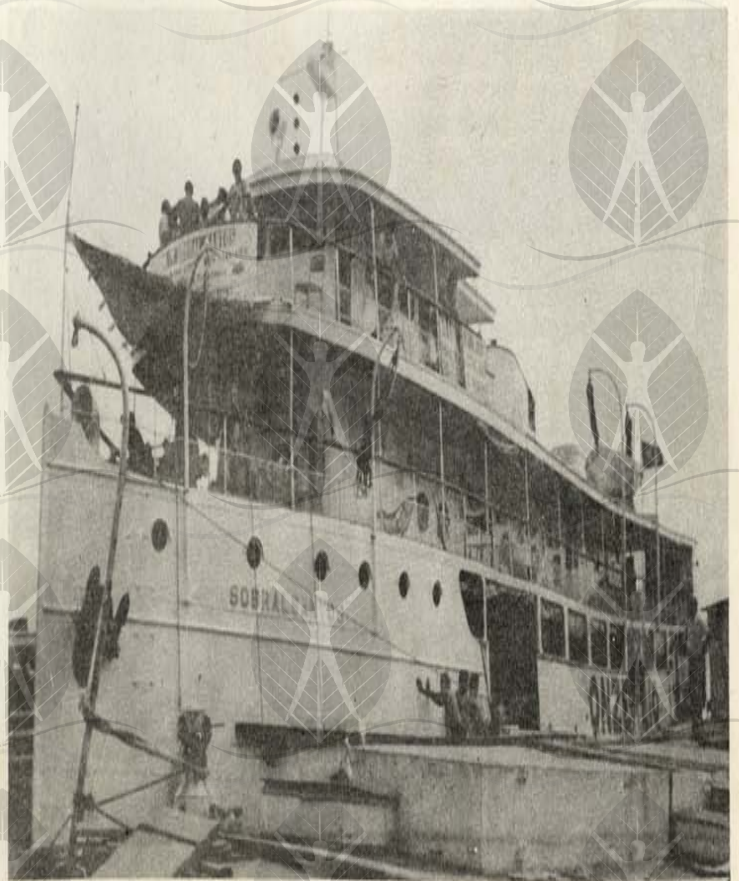
Ao champagne o Sr. comandante José Garcia, representante da empresa, disse da satisfação da Amazon River em ver aceito seu convite para visitarem a sua nova Unidade mercante e dos esforços da Companhia, hoje sob a competente direção do Dr. Guilherme Paiva, em corresponder à expectativa do Governo Federal que a subvenciona e do comércio e habitantes do interior, que lhe davam preferência para o intercâmbio comercial entre as duas grandes praças do extremo norte: Manaus-Belém e as diversas dos inúmeros afluentes do rio-mar, levantando por fim sua taça pela prosperidade do Amazonas, ali dignamente representado por sua Exia. o Sr. Dr. Presidente do Estado.

Agradecendo, sua Exia. o Sr. Dr. Ephigênio Salles, disse do valor extraordinário dos serviços da Companhia do Amazonas, a quem muito deve a Amazônia, como grande fator de seu progresso. Lamentou que até pouco tempo ainda não lhe dispensasse o verdadeiro carinho que merecia e lhe dessem o devido valor os poderes públicos da República e dos dois Estados — Amazonas e Pará, razão essa pela qual via com muito maior satisfação e devido ao grande esforço dos dois Estados, que os governos já tinham bem compreendido o papel que entre nós representa a Companhia do Amazonas, como elemento indispensável à vida econômica da região. Fez referência à capacidade de trabalho e competência do ilustre engenheiro Guilherme Paiva, e brindou a Companhia nas pessoas dos Srs. Comandantes José Garcia e João Baena.

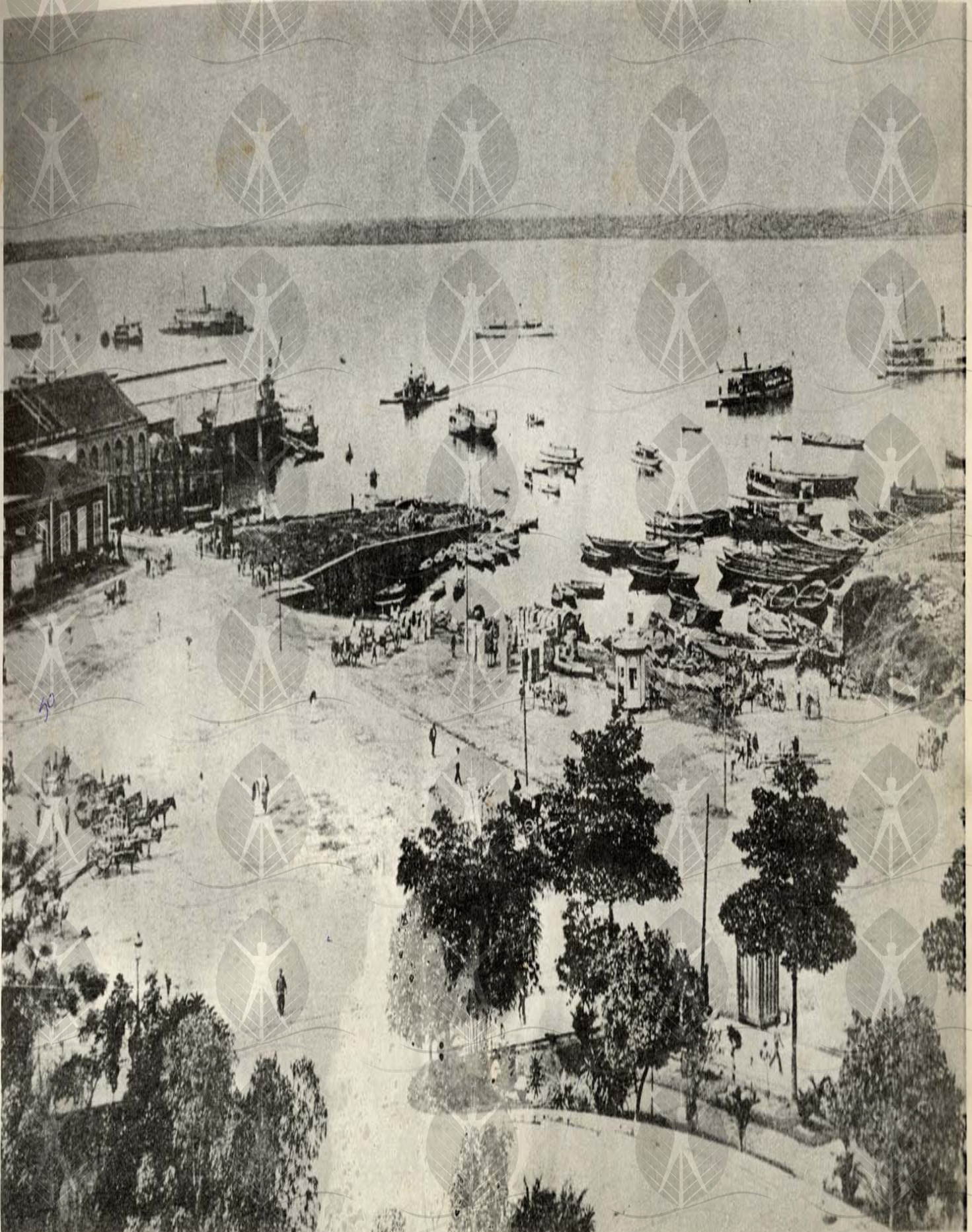
Estava terminado o almoço. O "Vitória", que contornara a ilha do Marapatá e subira o rio Negro, estava em frente ao roadway. Ao ruído do telégrafo, parara. Terminava o passeio, deixando em todos a melhor impressão; lamentavam apenas



O vapor "Marary" no porto de Caracaray, com o gov. do Amazonas a bordo, em trecho do rio Purus. Neste porto o Marary acabou de receber lenha. Note-se a largura do Purus, neste trecho.



O vapor Sobral Santos ancorado no porto de Manaus.



O porto de Manaus em 1902 era onde está hoje o cais flutuante da antiga Manaus Harbour, bem em frente à escadaria da Igreja de N. S. da Conceição. Note-se a rampa entre dois muros de arrimo à esquerda, por onde desciam as mercadorias que eram fiscalizadas pela Alfândega (ver o pequeno quiosque à entrada da rampa) e em

borcadas nas catráias e batelões que os transportavam até os navios ancorados ao largo. O edifício de dois andares na extrema direita, era a Alfândega velha. À direita, a grande rampa para as carroças que atendiam as canoas que vinham do interior. Foto de 1902.

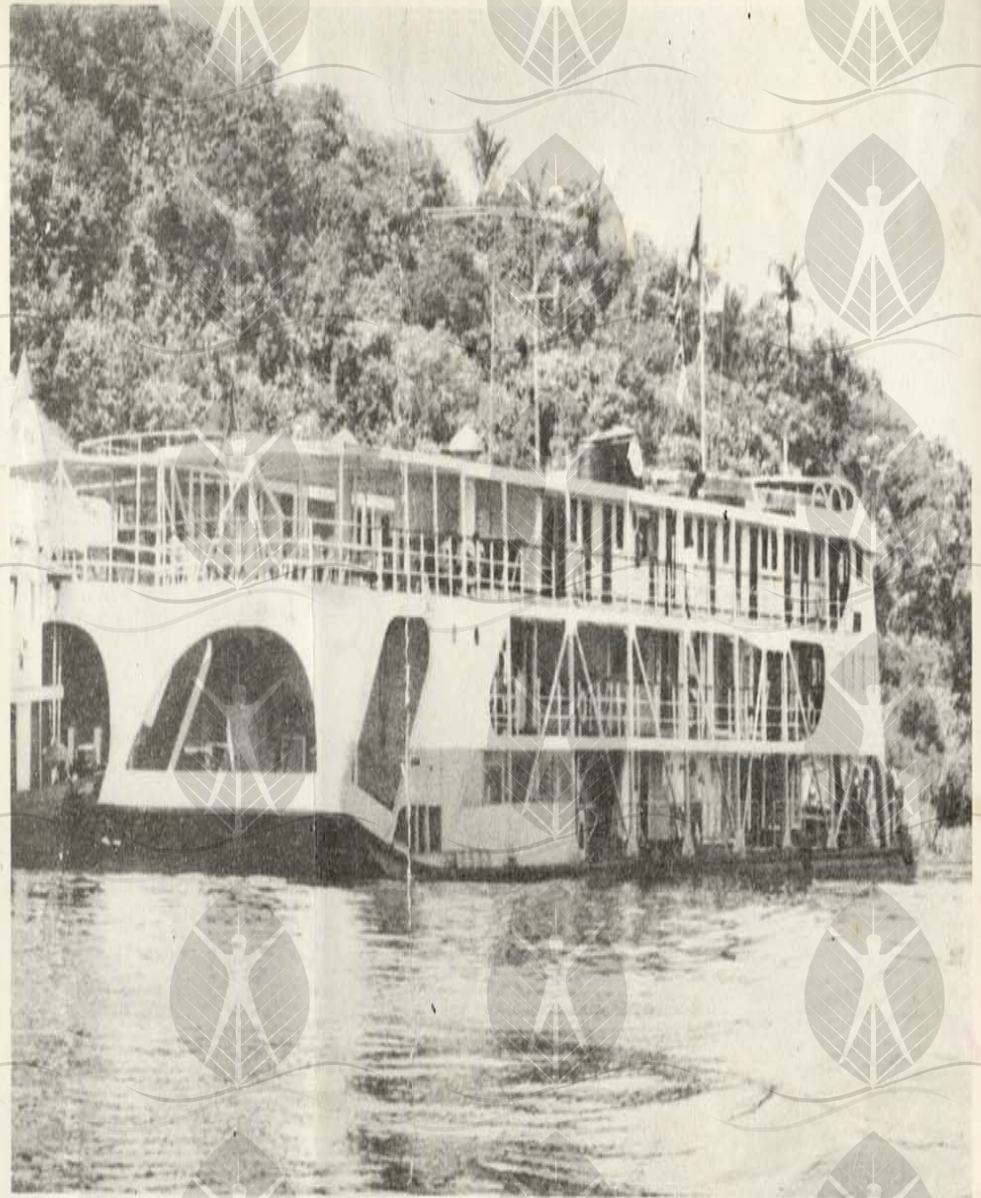
tivesse sido tão curto. No portaló de bombordo fazem as despedidas.

O Comandante Baena, elegante e cavalheiresco, na sua requintada fidalguia recebe as despedidas dos seus passageiros. E lamentava a uma só voz o tivesse por duas horas apenas. O comandante João Baena é o príncipe dos comandantes da "Amazon River". Além das qualidades de profissional competentíssimo, é um homem de espírito. Encanta pela sua correção e pela ordem e disciplina existentes na embarcação sob seu comando. Seduz pelas maneiras e pela sua prosa encantadora. Foi excelente passeio esse que nos proporcionou a Amazon River..."

A The Amazon River Steam Navigation Company Limited, era uma companhia inglesa subvencionada pelo Governo Federal — incorporada em 1872. Sua sede matriz era em Belém do Pará, onde eram programadas todas as viagens para toda a Amazônia. Possuía uma sucursal em Manaus, instalada num velho edifício de dois andares, com frentes para a Rua Marechal Deodoro e Avenida Eduardo Ribeiro. A Amazon River, era por volta de 1926, a maior empresa fluvial de toda a Amazônia. Possuía 46 vapores em perfeitas condições de navegabilidade, com 14.400 toneladas líquidas. Três possantes rebocadores, três alvarengas tanques para condução de óleo combustível, 10 alvarengas para carga, carvão reboques, cábreas e diversos pontões. Todos os navios de propriedade dessa empresa que marcou época no princípio deste século, serviram de maneira magnífica os passageiros que demandavam o interior da Amazônia, principalmente os seringais do alto Purus, alto Juruá e Madeira. Seu serviço era de uma pontualidade britânica, sem rival, em todos os paquetes que possuíam espaçosos salões e excelentes acomodações para passageiros de primeira e terceira classe, iluminação e ventilação elétrica e ótimos frigoríficos, onde acondicionavam queijos e manteiga suíça e muitos outros tipos de alimentos importados da Europa e América, destinados principalmente aos seringais dos altos rios.

As linhas regulares de navegação entre o Estado do Pará e Amazonas, com paradas obrigatórias em Belém e Manaus, foram descritas com os mínimos detalhes pelos cronistas da época, principalmente pelo comandante Raimundo Moraes que muito escreveu sobre essas interessantes viagens. Além desses principais portos, a Amazon River também servia o rio Oiapoque, Pirabas, cidades de Iquitos e vários portos do Baixo Amazonas, dos rios Tapajós, Maués, Faro, Negro, Alto e Baixo Juruá, Alto e Baixo Purus, Yaco, Acre, Solimões, Javari, Madeira e todas as regiões amazonense, mato-grossense e boliviana. Possuía essa importante companhia, três estações, situadas em Boca do Acre, São Felipe, hoje Eirunepé, no rio Juruá e Hythananhan do Perú, mantinha regular serviço de navegação com vapores de roda à popa e pequeno calado, nos rios Acre, Yaco, Alto Purus, Juruá e Tarauacá.

Além da Amazon River, outras grandes empresas de navegação fluvial também contribuíram para o desenvolvimento econômico, social e cultural do Amazonas, entre os quais, a firma B. Levy & Cia., que mantinha linhas regulares para os rios Madeira, Solimões, Purus e Acre, com ótimos gaiolas ingleses; o Pai da Pátria, de propriedade da firma J.



Chatinha da Snapp singrando o rio Negro.

R. Cunha & Companhia, com sede em Manaus à Rua Marquês de Santa Cruz, 21, na capital amazonense. Essa firma que negociava com borracha e castanha, fazia viagens para os rios Madeira, Purus e Acre. Era proprietária das lanchas a vapor: "Ida", "Vanda", "Georgina", "Cidade de Alenquer", e "Ipú". A empresa Quadros Carvalho Limitada, proprietária do esplêndido gaiola, vapor "Rio Curuçá" que fazia linha mensal para o rio Madeira; Os poderosos "Armazéns Andresen" com o capital fabuloso de dois milhões e quinhentos mil contos de réis, com sede em Manaus, à Praça Tamandaré, esquina das ruas Guilherme Moreira e Marçlio Dias, mantinha linhas mensais para os rios Solimões, Madeira e Purus, com os vapores "Cabral" e "Andersen", dotados de amplos salões, luz elétrica, frigoríficos que podiam preservar por longos meses, alimentos importados pela firma, de Portugal, França, Inglaterra, Espanha e Itália, que vendia nas sedes dos seringais com quem mantinha comércio.

O excelente cronista Raimundo Moraes, em seu magnífico livro "Na Planície Amazônica" (segunda edição, 1926), descreve magistralmente o "Gaiola", tão importante naquele período da história econômica do Amazonas:

"Veio da ubá indígena, através de cem feitos, ao navio

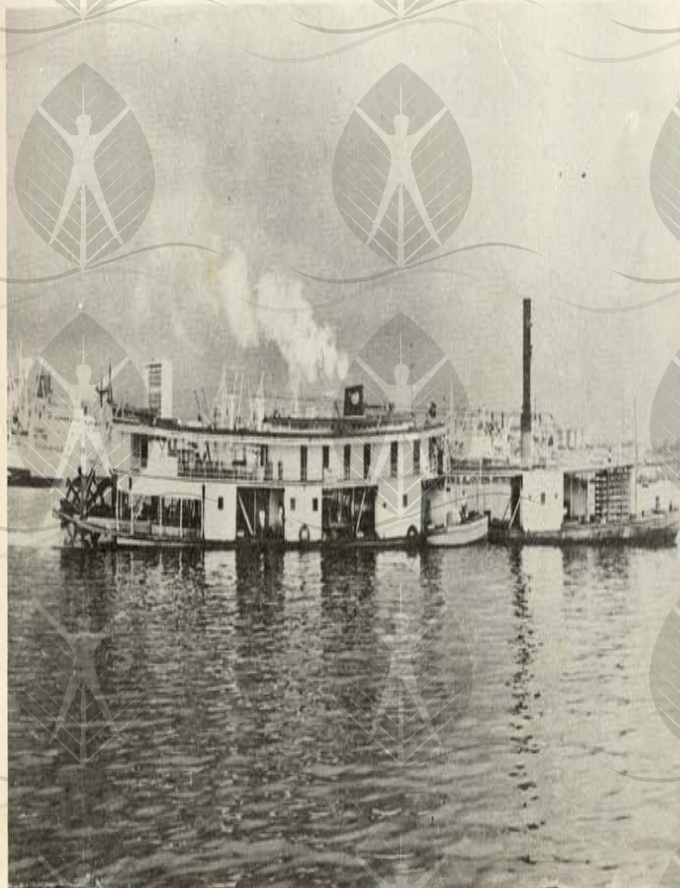
regional de hoje, elegante, forte, veloz, manobreiro, com fábrica de gelo, luz elétrica, dois mastros, pequeno calado. Da elevada super estrutura, desenvolvidas obras mortas, dois, três convéses, camarotes nas amuradas, adveio-lhe o apelido irônico de "gaiola". Existem de roda na popa e nos flancos; de uma e duas hélices; de cem, duzentas, quinhentas, oitocentas toneladas de deslocamento; de três, cinco, oito, doze pés de calado; de madeira e de ferro, sujos e limpos, feios e belos; construídos na Inglaterra, na Holanda, na Dinamarca, em Santarém, na América do Norte. Sobem dos ancoradouros de Belém, nas orlas marítimas, às vizinhanças andinas, nas zonas alpestres. Penetram, furam, remexem a bacia. Quando o preço da borracha é animador, marcham aos vinte, aos trinta, penachando, pintados de branco e de preto, de cinzento e de amarelo.

A vida a bordo revela tudo que há de mais imprevisível e curioso. No primeiro convés, ora de teca, ora de aço, além dos guinchos, escotilhas, cozinha, rancho, camarotes de oficiais, casa das máquinas, aboletam-se cargas e quadrúpedes, como sal, querosene, gasolina, tijolo, telha, carneiros, cabras, porcos, burros, bois e vacas. Depois disto acondicionado, carregando baús, trouxas, sacos, embarcam os passageiros de

terceira classe, nordestinos contratados para o corte da seringa, e ali se agasalham na maior promiscuidade, amarrando as redes ao lado e por cima dos animais até fazerem um denso trançado, que mal deixava passar a tripulação para a manobra. Cem, duzentos, trezentos indivíduos magros, hirsutos, sujeitos pardavascos; as crianças nuas; as mulheres, saia, casaco, chinela e cachimbo ao queixo; os homens, de chapéu de carnaúba, calça e camisa, alpargatas, bentinho ao pescoço, pajeú à cinta. Falam cantando e chamam aos filhos, bichinhos. Assim se empilham naquele pequeno espaço úmido, e maculado, ouvem-se as notas fanhosas das harmônicas e o soluço sertanejo das violas. No segundo convés — as cabines, o bolinete, a máquina do leme, a copa, o bar, a despensa, os banheiros, as sentinas, a caixa da fumaça, as mesas de refeições. Ai se acomodam o comandante, oficiais de catavento, criadagem, patrões, coronéis, aviados e representantes de casas exportadoras. Em cada camarote de dois e quatro beliches, oito, dez, doze, pessoas que os atravancam de cestos, caixas, molhos de tabaco, máquina de café, sacos de roupas, paineiros, cães, gatos. Fora, tumultosamente, bagagens sobre estrados, barricas de bolacha, frisqueiras de cachaça, potes de mel, latas de biscoitos, canastras de verdura. Pendurados à ré, alguns quartos de carne para mantimento. Iguamente ao que vai por baixo, as redes armadas dominam. Na última tolda — capoeiras de criação, taboado, e, dentro dos botes, baldes de folha, plantas, bilhas e filtros de barro. Ao largarem os cabos do cais, a maretta lambe-lhe o contra-feito. Deixam o porto completamente entupidos e seguem até o farol de Cutijuba, onde aguardam a madrugada para atravessar a baía de Marajó. Dias depois, nas fazendas pastoris do Baixo Ama-



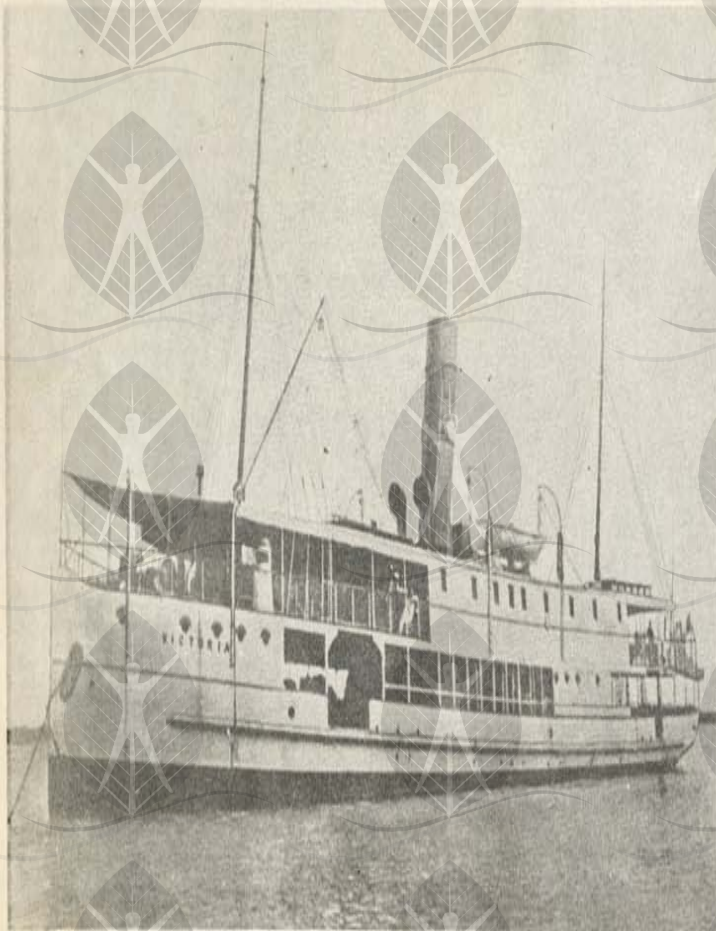
Chatinha, nome mágico que ecoou durante longos anos nos altos rios do Amazonas.



Chatinha no porto de Manaus, 1969.



Vapor Ayapuá de propriedade da firma J. A. Leite & Cia. Na proa do navio a direita o etnólogo Nunes Pereira e o empresário Ermindo Fernandes Barboza.



Vapor "Vitória". Era de propriedade dos srs. Barboza & Tocantins, da praça de Belém. O Vitória tinha 150 pés de comprimento e 32 de largura. Possuía uma capacidade de carga de 242 toneladas. Era seu comandante o sr. Joaquim Carneiro de Motta e imediato o sr. Salvador Guimarães.



Vapor "Índio do Brasil", de propriedade da Companhia do Amazonas, era seu comandante o sr. Antonio Gonçalves Bandeira. Tinha a capacidade para 220 toneladas, 160 pés de comprimento e 33 de largura.



Vapor "Cearense", era de propriedade do sr. Guilherme Augusto de Miranda Filho, comerciante na praça do Pará. Era seu comandante o excelente piloto Agostinho Alves da Cunha Guedes Mourão. Media 45 metros de comprimento por nove de largura e podia transportar 224 toneladas de carga.

zonas, temerária. ...te recebem vinte ou trinta reses para o consumo. Continuam a derrota embarcando lenha para as fornalhas e cortando capim para o gado, de acordo com a necessidade. Em noites escuras chocam-se aos madeiros que vogam à tona, entortam os eixos, racham as esferas, quebram as palhetas. Fundeiam e encostam a grinalda em terra. A Guarnição do fogo mergulha a oito, dez pés e repara a avaria num esforço heróico, correndo o risco dum ataque de piranhas, piraibas e jacarés. Suspendem. Por uma tarde de sol impiedoso, em virtude de pontas de cigarro e fósforos acesos atirados imprudentemente, ou fagulhas caídas das chaminés, os garrafões empalhados, álcool ou cachaça, expostos ao ar sobre o convés, incendeiam-se; e o fogo lava de repente, as chamas devoram tudo lambendo, enroscando-se, carbonizando e deixando apenas o casco. O "Tabatinga", o "Lauro Sodré" e o "São Luiz" perderam-se assim. No verão furam, quando navegam nos rios secos, rasgam as chapas em âmagos fincados no alveo, em pedras soltas no leito, e vão a pique ou salvam-se milagrosamente alcançando as praias.

Forçados pelas vazantes imprevistas, nos longinguos afluentes, navegam à noite, envoltos na escuridão com dois fortes projetores à proa, nas bochechas, pouco acima da linha d'água, e rompem a treva apitando, guinando, bufando, cercados de nuvens de borboletas e de insetos atraídos pelos focos luminosos. Nas inundações, enfiam-se na mata alagadiça e ficam presos muitas horas, apertados nos caules do arvoredor, cobertos de ramos e folhas de lianas e parasitas, como divi-

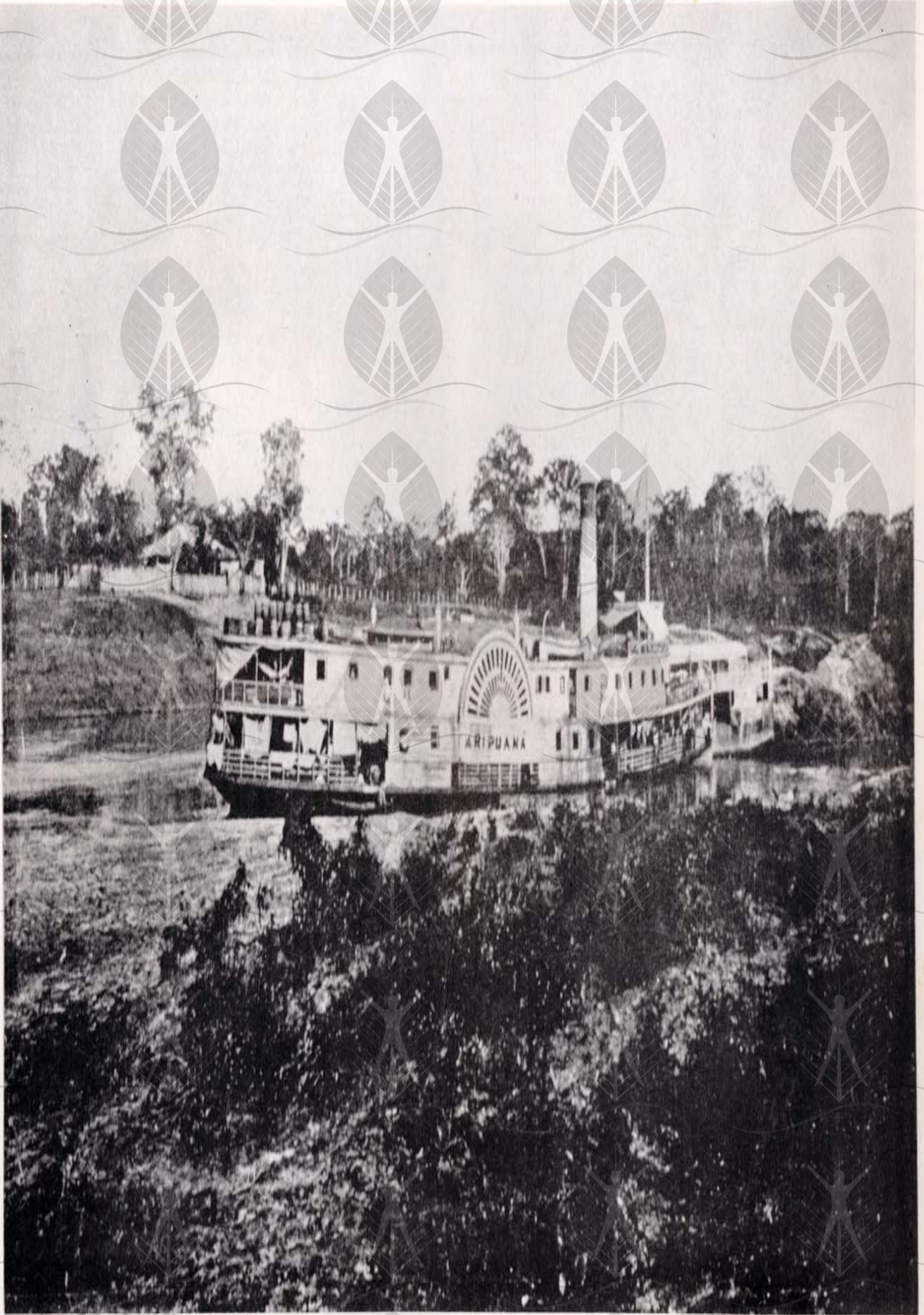


Foto histórica do navio "Aripuanã", primeiro navio a vapor que chegou no Xapury, sob o comando do competíssimo piloto Antonio Marques. O "Aripuanã" tinha rodas laterais e era um dos maiores navios que havia na época. Era de propriedade da com-

panhia paraense "Pará e Amazonas". Infelizmente naufragou no dia 10 de junho de 1905 às 9:30h da manhã, próximo ao seringal "Entre-rios".



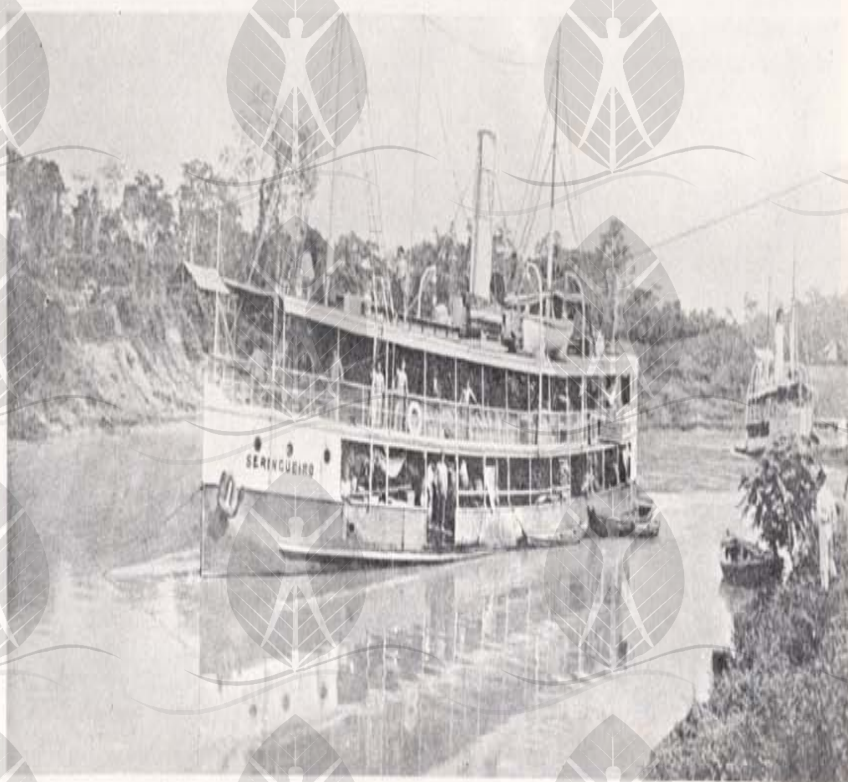
O vapor "Vitória" de propriedade da firma comercial do Pará, Barbosa & Tocantins, fundeado na foz do rio Antimary. E mais um pouco a frente o "Vitor Porto", de propriedade dos senhores Fiúza & Cia., também da mesma praça, fundeado nas águas do rio Acre. Ambos muito contribuíram no intenso intercâmbio que se desencadeou naquela época.



Típico barracão de um seringal, paredes e piso totalmente de paxiuba e cobertura de palha. Esses seringais dependiam totalmente dos gaiolas que lhes forneciam mantimentos e transportavam seus produtos para Manaus e Belém. A frente da casa em primeiro plano, pelotas de borracha esperando transporte para Manaus.

dades silvestres. Outros, verdadeiros hospitais ambulantes, levam no bojo a gripe, a tuberculose, a coceira, o sarampo. Súbito há um alarme: é a varíola que se manifesta. Tocam no primeiro barracão para deixar o doente. A gente de terra protesta, não consente, e, armada de rifle, ameaça. Isolam então o desgraçado na última tolda, debaixo de encerrados transformados em tendas de campanha. Breve, porém, a bexiga empesta o vapor e surgem os casos fatais. As vítimas vão ficando enterradas pelos barrancos, fora do conhecimento dos moradores ribeirinhos; e a epidemia propaga-se das margens para o interior do hinterland, dizimando e arrasando os seringais do centro, atingindo as malocas do silvícola.

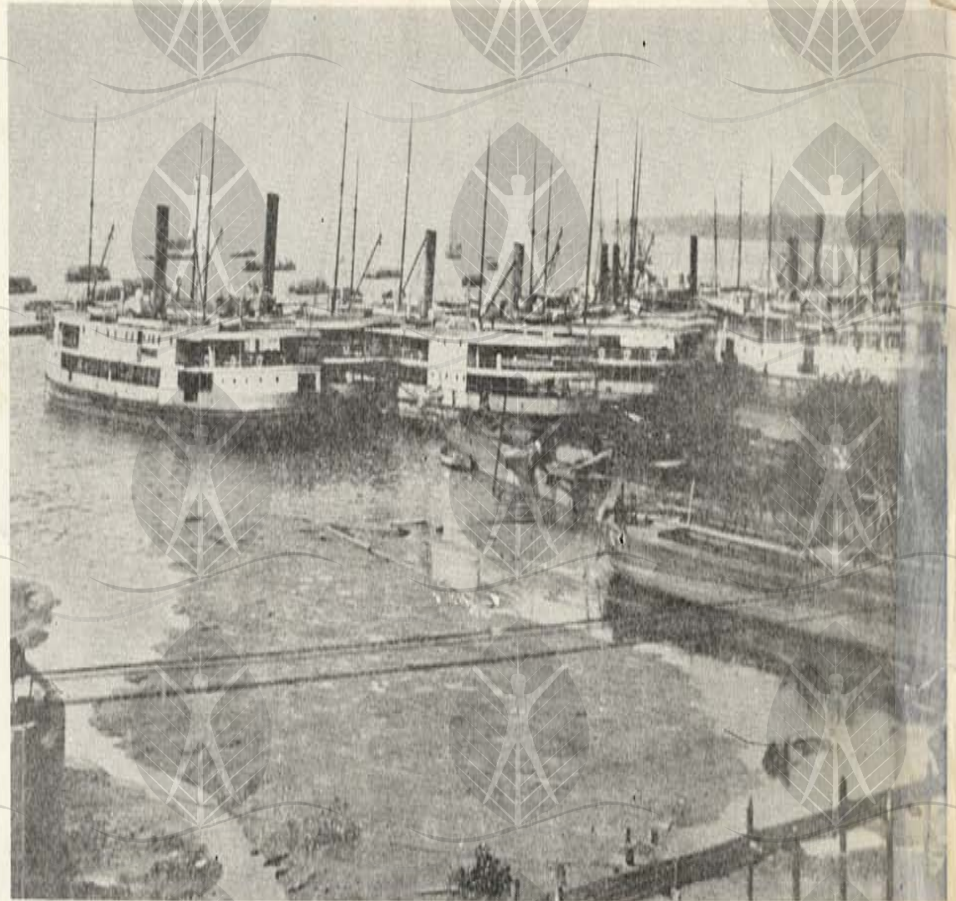
Invariáveis e inconstantes como são as cheias nas cordas remotas, há anos ali de muita água e há anos de pouca, surpreendendo sempre o navegante com os fenômenos potamológicos mais inopinados. Quem escreve estas linhas comandou o Brito em 1913, gaiola de cento e cinquenta pés atracado ao porto Guanabara, derradeiro ponto acessível no Yaco, afluente do Purus, só ali ficou vinte e cinco dias em seco. Duas vezes teve a ilusão de regressar e em ambas perdeu o repique. O rio começava a encher violentamente às seis horas da tarde. Os cabos de arame passados para a terra pareciam bordões de viola. A amarra de lançante, rasgando as águas, lembravam um espigão de ferro. Do talhamar subia o ruído marulhante e falso da embarcação que navega, tal a força da corrente: cin-



Vapor "Seringueiro". De propriedade da firma comercial do Pará Guilherme Augusto Miranda Filho. Média 32, e 40m de comprimento por 7,50 de largura com capacidade para 103 toneladas de carga. Era seu comandante o sr. Francisco D'Albuquerque Torres.



co, seis, sete milhas. Rápidos, rumo da foz, passam de bobuia galhadas, tronqueiras, ilhas de capim, canoas alagadas, cisco. O vapor, apesar dos viradores dobrados, assemelhava-se a um cavalo inquieto e preso: encostava, abria, tesando e brandeando as espias. Na volta da meia noite, a escala a prumo, fincada na ribanceira, marcava seis metros acima do nível observado ao pôr do sol. Ordem de ativar fogos. Preparativos de partida para o raiar do dia. Pois bem, às seis da manhã, o navio não flutuava mais. Perdera-se o momento, o repique fugira no tempo vertiginoso de poucas horas. Os gaiolas ameaçavam tanto em determinadas viagens, que são obrigados a descer de popa, ao sabor da caudal, desviando-se das pontas de tabatinga, dos torrões, dos salões, dando adiante, atrás, parando, largando o ferro, passando espias nas margens. A final encontram a boca de um igarapé, metem a popa e viram rio abaixo. Ao evoluírem partem os gualdropes, empenam a porta do leme, arrancam os pés de galinha, entopem os ralos dos injetores, quando não atravessam e ficam esperando o inverno vindouro. Cada chegada de um pacote era uma festa para a população agora de 50.000 habitantes. As catraias remadas por corpulentos portugueses da Póvoa de Varzim, se dirigiam aos vapores que aportavam a uns trezentos metros da comprida praia, (naquela época ainda não existiam as grandes muralhas que guarnecem o porto, nem o cais flutuante que seria construído alguns anos mais tarde pela firma inglesa Manaus Harbour Ltda.), onde apanhavam os passageiros elegantemente vestidos que chegavam à praia sob vigorosas salvas de palmas, gritinhos nervosos, beijos e muitos abraços



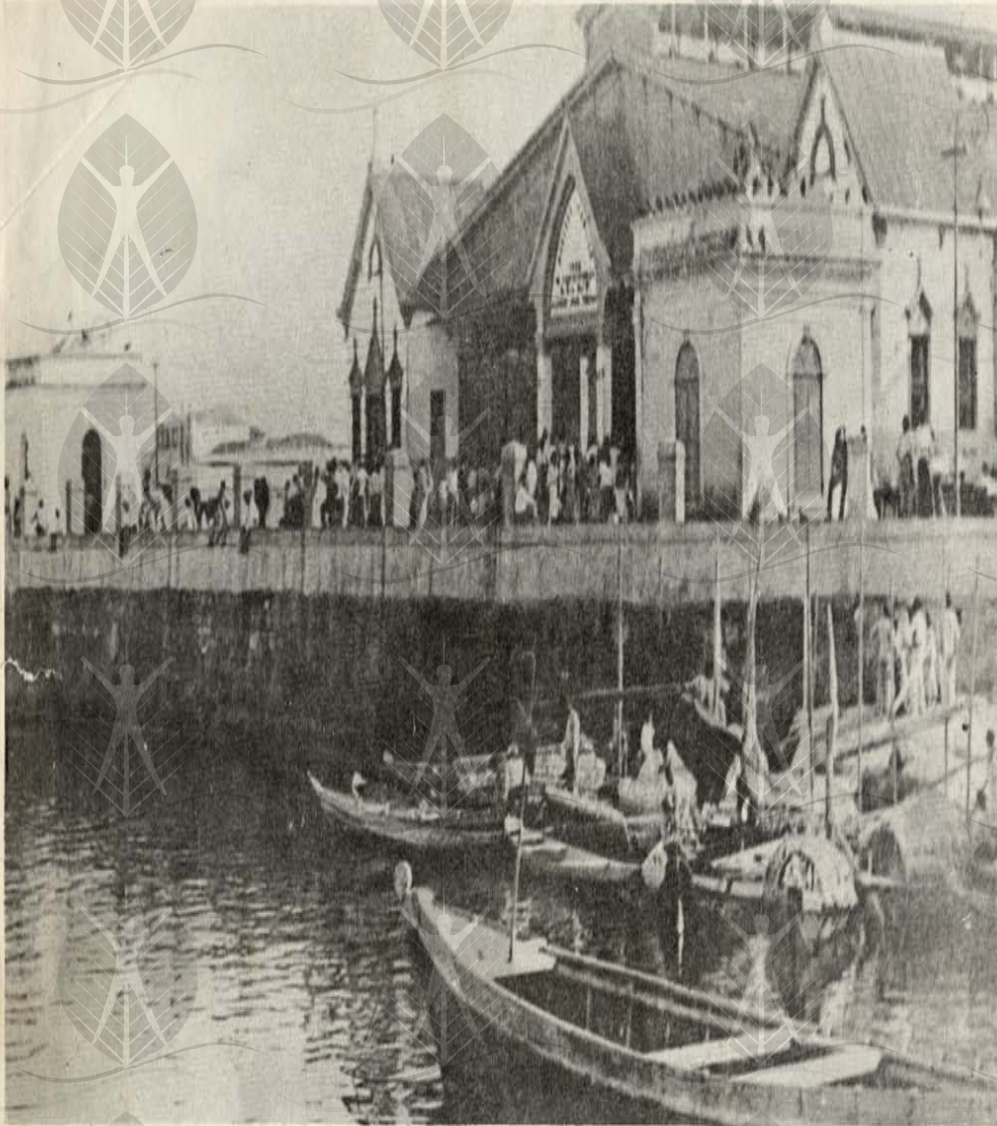
Navios gaiolas no porto de Belém aguardando mercadorias para seringais do Amazonas. 1927. Foto pesquisa Hamilton Saigado.



"Vapor Marcial", de propriedade da firma comercial da praça do Pará. Tinha capacidade para 200 toneladas de carga.



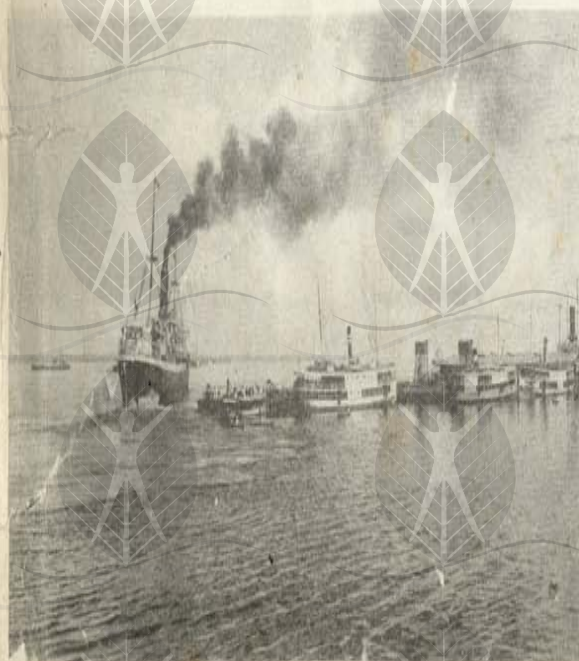
Tipo de embarcação muito utilizada no transporte de gado bovino. No flagrante um embarque de gado em Caracaray.



Antiga foto do mercado municipal (fachada que dá para a baía do rio Negro), note-se as canoas cobertas com toldas de palhas e velas de pano. Foto pesquisa. Hamilton Salgado.



Um passeio dominical de catraia pelo Igarapé de Manaus. 1916.



Panorama do cais flutuante da Manaus Harbour, vendo-se uma manobra de atracação de um navio do Loide Brasileiro. Acostado no cais, um navio gaiola. 1916.



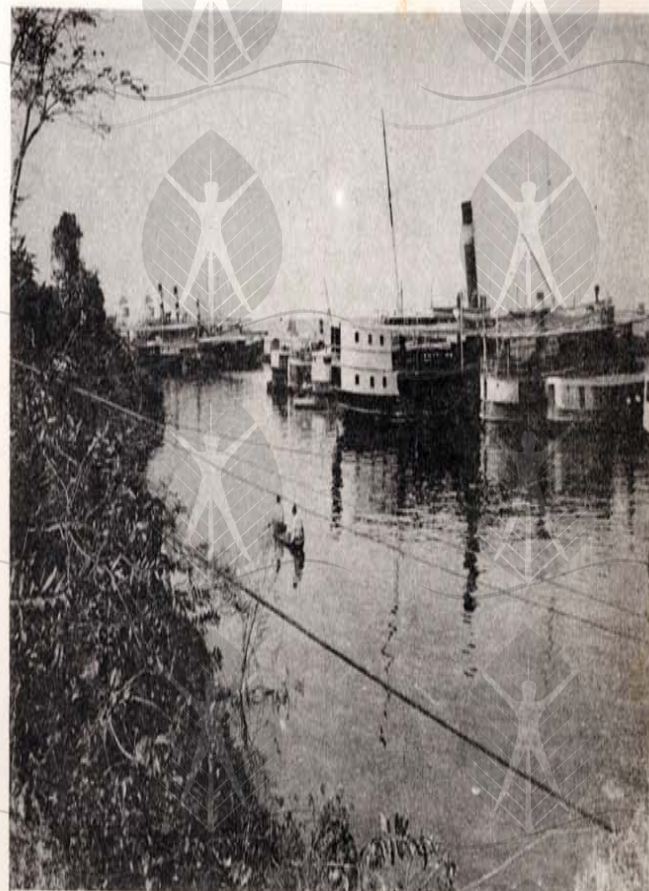
de parentes e amigos que aqui estavam há anos, trabalhando com o objetivo firme do enriquecimento fácil da borracha.

Toda essa festa de recepção acontecia na grande praia onde hoje está construído o cais flutuante, bem em frente à Igreja Matriz de N. S. da Conceição. Povo, escolares, uma banda de música municipal e um verdadeiro exército de carregadores lusitanos que postados na cabeça da praia, esperavam os passageiros com seus imensos baús de madeira recobertos de couro cru cravejados de botões de metal amarelo cheios de muitas lembranças de Portugal, Espanha, França, Inglaterra, Estados Unidos, que eram colocados em seus carros de duas rodas, em pilhas gigantescas que subiam as avenidas Eduardo Ribeiro e Instalação, Rua Municipal, empurrados por dois homens, um na frente puxando, o outro atrás, empurrando o pequeno veículo cheio de quinquilharias, até quase encostar nos fios elétricos dos bondes que encimavam os luzidios trilhos de aço dos bondes da Manaus Tramway.

Negócio muito bom para os carregadores portugueses e italianos que monopolizavam esse tipo de ganha-pão em Manaus. O ganho era maior quando chegavam companhias teatrais com suas inúmeras e gigantescas malas contendo guarda-roupas, fantasias, cenários gigantescos e coloridos, quadros, móveis, para a exibição de suas peças nos teatros de Manaus. Os hotéis: "Grande Hotel!" na Rua Municipal



Beteleões à vela usados no transporte de barro para olarias, e pedras para construções em Manaus na década de 1910.

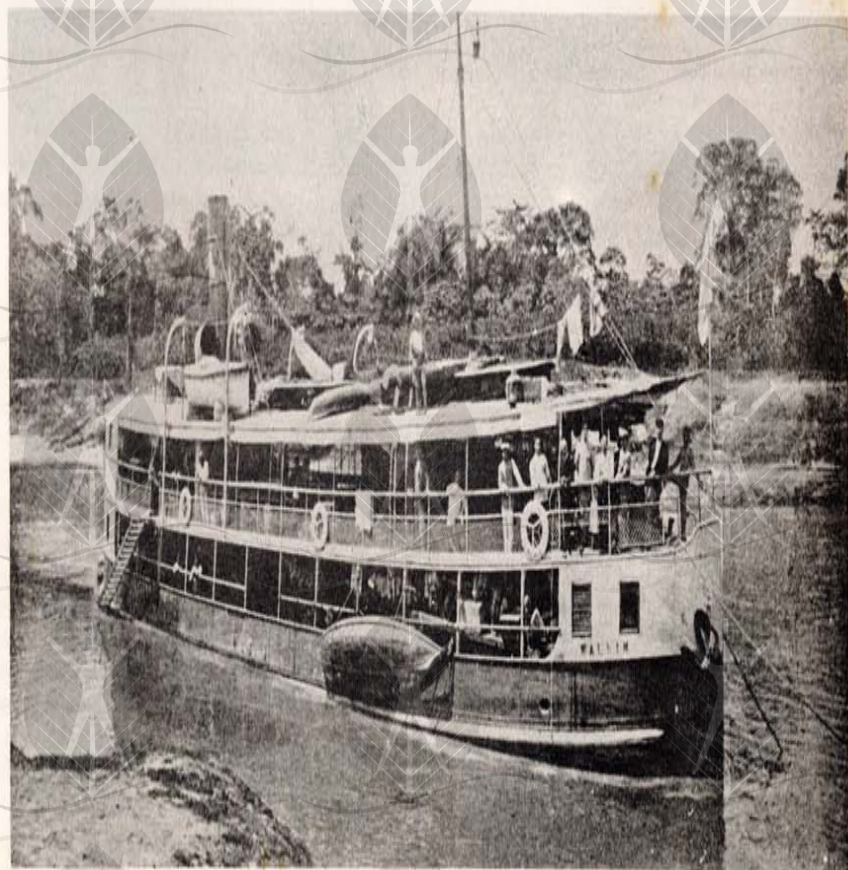


Navios gaiolas fundeados na foz do igarapé dos Educandos. Foto de 1909. As dezenas de navios gaiolas que se vê na foto foram na época áurea da borracha, de maior importância no transporte desse produto.

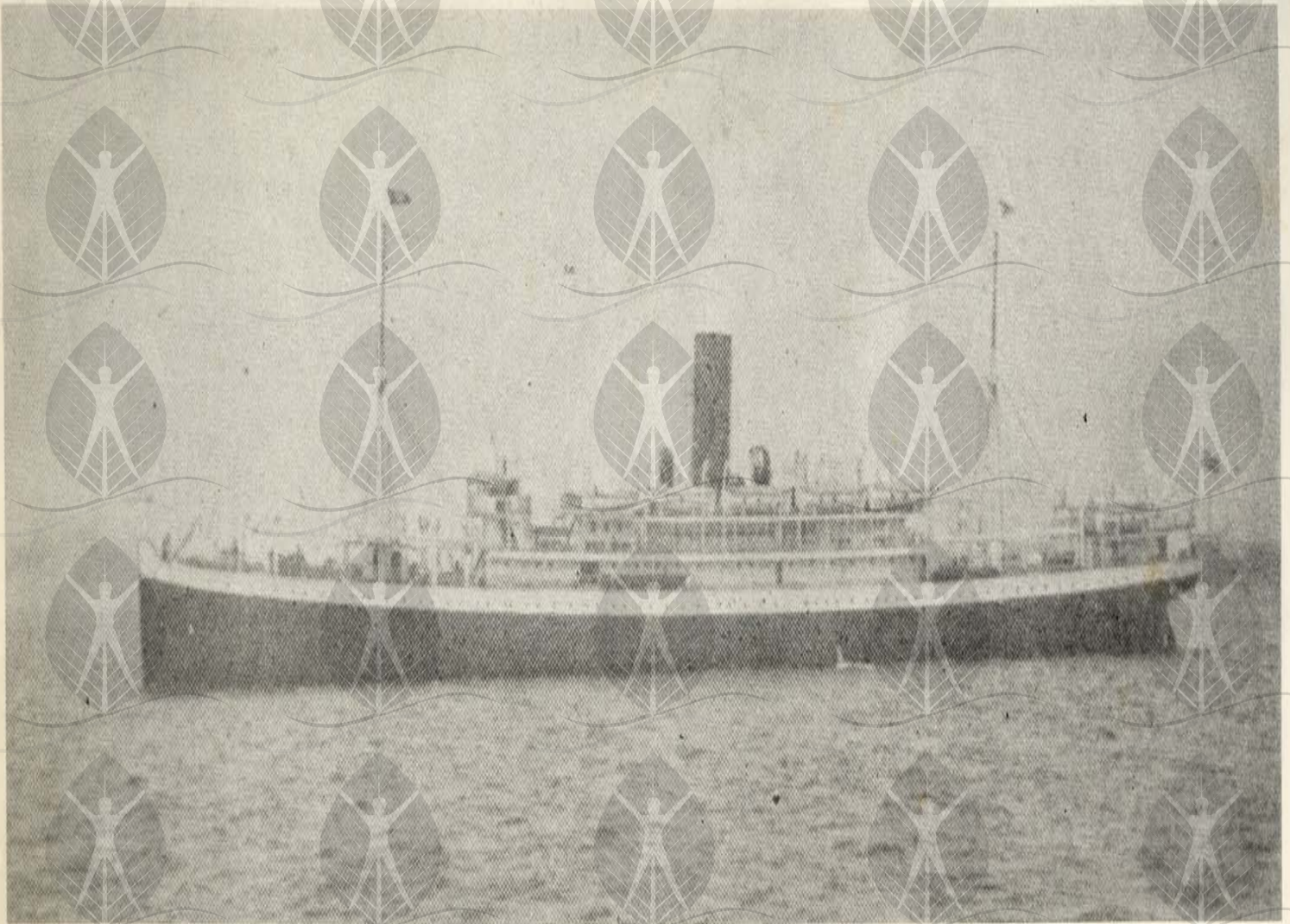
"Hotel Cassina", na Praça da República; "Hotel Internacional", na Rua Marechal Hermes; "Pension Moderne", na Rua Barroso; "Restaurant Français", na Avenida Eduardo Ribeiro; "A. M. Soares", na Rua dos Remédios n.º 39; "A. N. Nogueira", na Rua Municipal n.º 16 e muitos outros, ficavam cheios de gente do sul do país, principalmente da Europa. Os atores teatrais, ficavam no Grande Hotel e no Hotel Cassina, os melhores da capital da borracha, no centro movimentado. À noite, depois dos ensaios, os jantares eram decorridos sob música de uma pequena orquestra que executava as mais belas peças da época, e se prolongavam até alta madrugada, motivados ainda pela bellissima iluminação que colocava a cidade de Manaus, entre as capitais bem mais iluminadas do Brasil. Em frente ao Grande Hotel, a partir das 19:00 horas, os casais elegantes desfilavam sobre as largas calçadas de mármore de cantaria portuguesa, ouvindo a orquestra, que executava valsas de Straus, Bethovem, Chopin, etc.... ou sentados em voltas de mesas redondas, também de mármore, tomavam o seu chopp geladíssimo, degustando bolinhos de bacalhau português, fritos em azeite de oliveira.

A mocidade endinheirada, vivia dias e dias de muita alegria com a chegada de companhias teatrais estrangeiras, que só terminava à saída dos navios. Muitas artistas acabaram ficando em Manaus, onde os homens, ricos, donos de famosos seringais, presenteavam facilmente às mulheres com notas de quinhentos mil réis, motivação poderosa para desistirem de regressar às suas origens.

As que voltavam, certamente se encarregavam de realizar a



O Vapor Wallin foi um dos muitos navios que escreveram a história da borracha no Amazonas. Era de propriedade da firma paraense R. Soares & Cia. tinha capacidade para 120 toneladas.



Paquete da Booth Line ancorado na baía do rio Negro. 1917.

propaganda da fartura de dinheiro na capital do Amazonas e não era desse mundo, o enxame de mulheres que vinham para Manaus, em busca dos tabaréus cheios da nota, que distribuíam fortunas para as "artistas", que também sabiam fazer carinhos.

A baía do rio Negro, era um belíssimo e original cenário de barcos fluviais e de longo curso, num constante entrar e sair, sempre carregados de mercadorias de todos os tipos e qualidades. Os grandes rios da bacia Amazônica eram sulcados por esses vapores, recentemente importados da Europa que levavam mantimentos de primeira necessidade para os mais importantes seringais instalados nos muitos rios, principalmente no Juruá, Purus e Madeira, de onde vinham abarrotados de borracha, óleos vegetais, peles de animais silvestres e castanhas, que logo eram encaixotadas e despachadas para os grandes paquetes da Booth Line; Lampion & Holt Line, que esperavam a sua carga de retorno no porto de Manaus. Muitas eram as agências de navegação fluvial que atendiam aos interessados comerciantes da borracha, entre elas a The Amazon River Steam Navigation C. Limited; a Sociedade Anonima dos Armazéns Andresen; a agência do vapor Humaitá e Montenegro da Casa Carlos Montenegro & Cia.; N. Carbacho & Cia.; Companhia Comércio e Navegação de J. Rodrigues Vieira; o Loyd Brasileiro; J. Franco & Cia.; Gomes & Cia.; João Alves de Freitas; B. Levy & Cia.; J. A. Leite & Cia. fundada em

1884, proprietários dos vapores "Manauense" e "Aiapuá", entre muitas outras companhias que pontificaram no comércio interiorano, algumas estabelecidas em Manaus, outras em Belém do Pará.

Nas ruas dos Remédios e Municipal, que sempre foi a principal avenida da cidade, ficavam as hospedarias que recebiam os seringueiros endinheirados: Luiz Fernandes Dantas; Mamede Ayache; Martins & Gouveia, Pinheiro & Rodrigues; Teixeira Felix & Cia.; além das casas de pasto que também hospedavam: Estevam Boaventura; França & Silva; Joaquim Malheiros; Lopes & Rio; Celestino F. dos Santos. Parecia uma época mágica aos olhos dos antigos habitantes, acostumados aos velhos e tradicionais aglomerados de pequenos barracos de palha, cobrindo paredes de pau a pique, e uma população que transformava em rumorosa festa, as chegadas dos grandes veleiros que aportavam triunfantes às longas praias de São Vicente, trazendo "tecidos europeus de inferior qualidade, cutilaria, colares, espelhos e outras bugigangas, mais para o comércio com as tribos indígenas" e para os mestiços que constituíam a população de mais ou menos 15.000 habitantes.

Agora as coisas mudaram. São imensos navios a vapor, trazendo vinhos franceses, queijos suíços, casemira inglesa, linho irlandês, linho HJ, companhias teatrais e muitas mulheres brancas de olhos azuis e cabelos loiros que se exibiam no

Teatro Amazonas, para uma população que já possuía a sua "élite".

O povo poderia assistir às noites, peças populares no Teatro Alcazar na Praça da Constituição ou no Teatro Alhambra na Rua Municipal ou ainda em outras não recomendáveis casas de diversões. As principais ruas e avenidas da nova capital da borracha, começavam a ser enfeitadas com vistosas tabuletas coloridas anunciando as novas firmas que se instalavam promissoras no centro comercial com grande variedade de mercadoria importada da Europa: "Maison française de confiance vendant bon marché, au comptant".

Antiga casa de Madame Marie Rouaix & Cia. Sucer Modes e confections Avenida Municipal. A Companhia inglesa de navegação Booth Line, anunciando a saída de seus navios de Manaus para a Europa de 10 em 10 dias, com escalas em Ilha da Madeira, Lisboa, Porto, Vigo, Cherbourg, Finsguard, Liverpool, Paris, Londres e Nova Iorque. Seus Paquetes de mais de 6.000 toneladas como o Hildebrand Hilary, Lanfranc, Antony, Anselm, Ambrose, Aidan, Christopher, Denis, Pancras, Astephen, Augustine, Clemente, Francis Crispin, Cuthert, Boniface, Hubert, Justino, além dos cargueiros: Benedict, Basil, Dominic, Dunstan, Polycarp e Vicent, que ofereciam o máximo de conforto aos seus passageiros.

## Os Barcos na Conquista da Amazônia

O primeiro veículo fluvial ou aquático de que se tem notícia é a jangada, que, naturalmente, fora utilizada pelo homem para conseguir flutuação.

Quando os rios do Amazonas sobem de nível e alagam toda a várzea, tudo que tem a propriedade de flutuação fica de bubuia, com sua eclética população de formigas, lagartos, cobras, aranhas, grilos e muitos outros insetos que encontram salvação nessas jangadas improvisadas, enchendo as superfícies dos rios, lagos, paranás, furos, igarapés, que perdem as suas margens confundindo-se e formando um mar d'água doce profundamente ensombrado pela própria floresta alagada. É bem possível que os moradores das palafitas da pré-história, também tenham utilizado a jangada para se transportarem de suas cabanas para o continente. Muitas centenas de anos depois, os gregos usaram as jangadas, que por sua vez passaram aos romanos, que as desfrutaram por longos anos. Os germanos, gauleses, anglo saxônicos e os francos, utilizaram largamente esses recursos para o transporte de suas mercadorias e do gado, que levavam através dos rios e dos lagos escandinavos. Os próprios vikings, que foram os maiores navegadores do passado, antes de construírem suas elegantes embarcações, por certo também se beneficiaram das jangadas, nas suas incursões pelos compridos fiordes noruegueses. Exímios construtores de navios e balsas, que construíam com incrível rapidez, consertavam em pleno mar, depois de sangrentas refregas, seus leves e esguios navios de guerra.

No nordeste do Brasil a jangada é largamente usada na pesca artesanal por pescadores, que as utilizam magistralmente já com características peculiares.

Esses excelentes veículos pesqueiros, cuja presença faz parte da paisagem nordestina praieira, não se tem notícia de quando foram introduzidos na orla marítima da costa brasileira, o certo é que constituem uma peça de fundamental importância na economia doméstica e mesmo no folclore das extensas praias nordestinas, principalmente de Fortaleza, Recife, Sergipe e Natal.

O desenvolvimento do intercâmbio comercial provocado pela disseminação de produtos antes desconhecidos por todo o povo da Europa, fez nascer uma nova indústria antes incipiente, a da navegação marítima, capaz de atravessar os mares e oceanos, trazendo em seu bojo mercadorias reclamadas pela desmedida ambição de ricos mercadores que dominavam economicamente toda a Europa da Idade Média.

Portugal, verificando que a navegação passava a constituir naquela época um instrumento de fundamental importância na conquista dos grandes mercados internacionais e, verificando o atraso da arte náutica em toda a Europa feudal, criou a famosa escola de pilotos em Sagres.

A partir daí, e com a contratação dos grandes pilotos e navegadores da época, foi acumulando conhecimentos náuticos que o encorajaram às grandes navegações com acervo notável de aperfeiçoamento naquela arte, capaz de



Canoas típicas utilizadas pelos índios caripunas do rio Madeira, feitas de casca de pau inteiriça. Desenho do naturalista Franz Keller. Foto pesquisa Costa Lima.

atravessar mares desconhecidos com relativa segurança, o que realmente ficou atestado através de muitas viagens realizadas com pleno êxito.

As caravelas usadas pela primeira vez no século XV, isto é, aí por volta de 1.400, já representavam um grande progresso. Eram barcos de mais de 50 toneladas, medindo de 20 a 30 metros de comprimento e 6 a 8 de boca, com três mastros, castelo de popa, possuindo um sistema duplo de velame; velas quadradas para ventos de popa e velas latinas para barlavente. Isso significou para Portugal naquele tempo uma grande invenção, cujos veículos granjearam em toda a Europa uma grande admiração.

Passou desse tempo em diante a ser a caravela a rainha da navegação marítima, embora por pouco tempo, quando principiaram as navegações transatlânticas e a sua capacidade teve que ser aumentada para 150 e 200 toneladas; aí já modificada para quatro mastros, o da frente com velas redondas e os demais com velas latinas. A evolução na construção das ca-

ravelas não parou: a nau São Gabriel, por exemplo, tinha o comprimento de 27 a 31 metros, por 8 a 9 de boca e uma tonelagem de deslocamento superior a 500. Essas elegantes gaivotas do mar, cuidadosamente construídas para mar alto, chegaram a alcançar o fabuloso deslocamento de 800 a 1.000 toneladas.

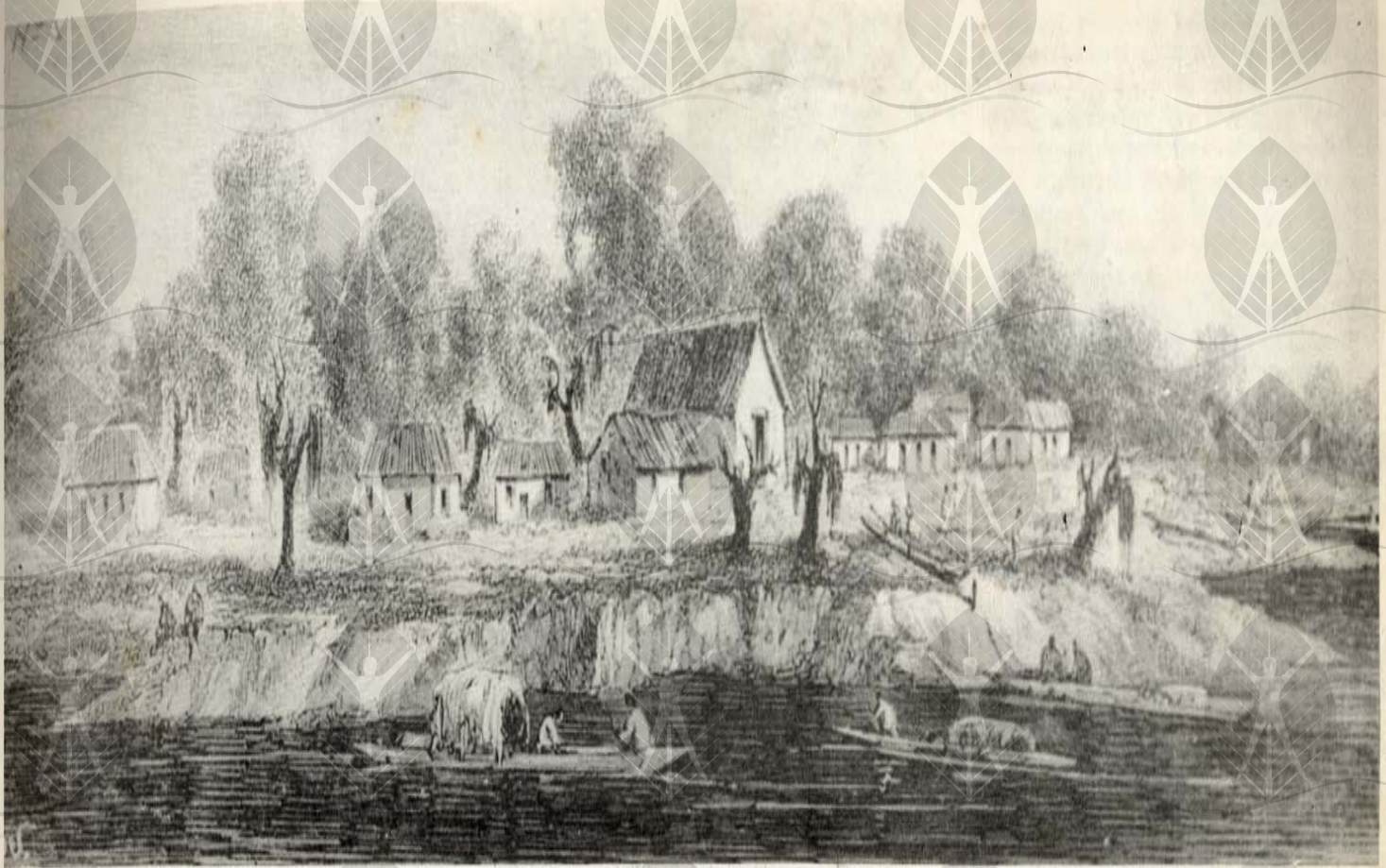
Vieram depois os magníficos galeões e mais tarde as "caracas". Estas últimas chegaram a ter sete a oito pontes e eram capazes de transportar até mil pessoas, cujos segredos de suas construções foram durante muito tempo carinhosamente guardados.

As caravelas foram, no início do século dezesseis, como uma imensa porta aberta à imaginação dos grandes navegadores portugueses aguerridos, destemidos, marujos ávidos de aventuras por mares nunca antes navegados.

Aberto o caminho para as Índias Ocidentais, abriram-se com ele os caminhos para outras direções ainda não conhecidas nos vastos Oceanos Atlântico e Pacífico. Em cada via-



Barcos típicos de regatões do rio Madeira por volta de 1872. Note-se os toldos de cobertura completamente de palha. Desenho de Franz Keller. Foto pesquisa Costa Lima.



Barcos regatões em frente a cidade de Coari em 1848. Desenho do Livro de Paulo Marcoy. Foto pesquisa Costa Lima.

gem, um novo conhecimento sobre a navegabilidade dos mares somava-se aos já exercitados nas grandes travessias, aumentando assim a segurança dos veículos e das rotas que dariam a Portugal e Espanha a primazia na conquista dos mares. Cada expedição que partia da histórica Belém, significava para a coroa portuguesa mais uma vitória, mais um galardão somados às muitas vitórias já conquistadas que a poria acima de todas as coroas da Europa como o país dos descobridores, graças às suas caravelas, rainhas dos mares e oceanos, que vasculhavam as vastidões líquidas de um mundo ainda virgem aos olhos e às nações dos intrépidos marinheiros medievais portugueses e espanhóis.

Foi com essa imensa bagagem de conhecimentos náuticos que os portugueses chegaram à Amazônia. Mundo novo, nunca visto antes por esses marujos aventureiros, que com suas bujarronas tufadas pelos ventos marítimos, empurrando as caravelas destemidas que adentravam o Amazonas, gigantesco, medonho, inédito para os olhos daqueles portugueses já acostumados pela experiência na Índia e na África, se extasiavam ante uma visão completamente singular nas suas vidas de marinheiros descobridores. Aquela viagem inaugural parecia um sonho fantástico para os olhos daqueles portugueses, cujas emoções iam além de tudo que as longas crônicas de seus escrivães não registraram. Tudo era gigantesco, mais opulento, mais verde, mais extasiante, mais misterioso.

As caravelas traziam como sobressalente, o espírito forte, imbatível e disciplinado daquela marujada que empurrava soberanamente aqueles navios acostumados aos perigos sem-



Barcos regatões em frente a cidade de Fonte Boa — Solimões. 1948. Desenho de Meunier. Foto pesquisa Costa Lima. 1974.

Barco a vela fundeado em frente a cidade de Itacoatiara. A esquerda, um batelão também a vela, possivelmente um regatão. Desenho de C. Maurand. 1858. Foto pesquisa Costa Lima.



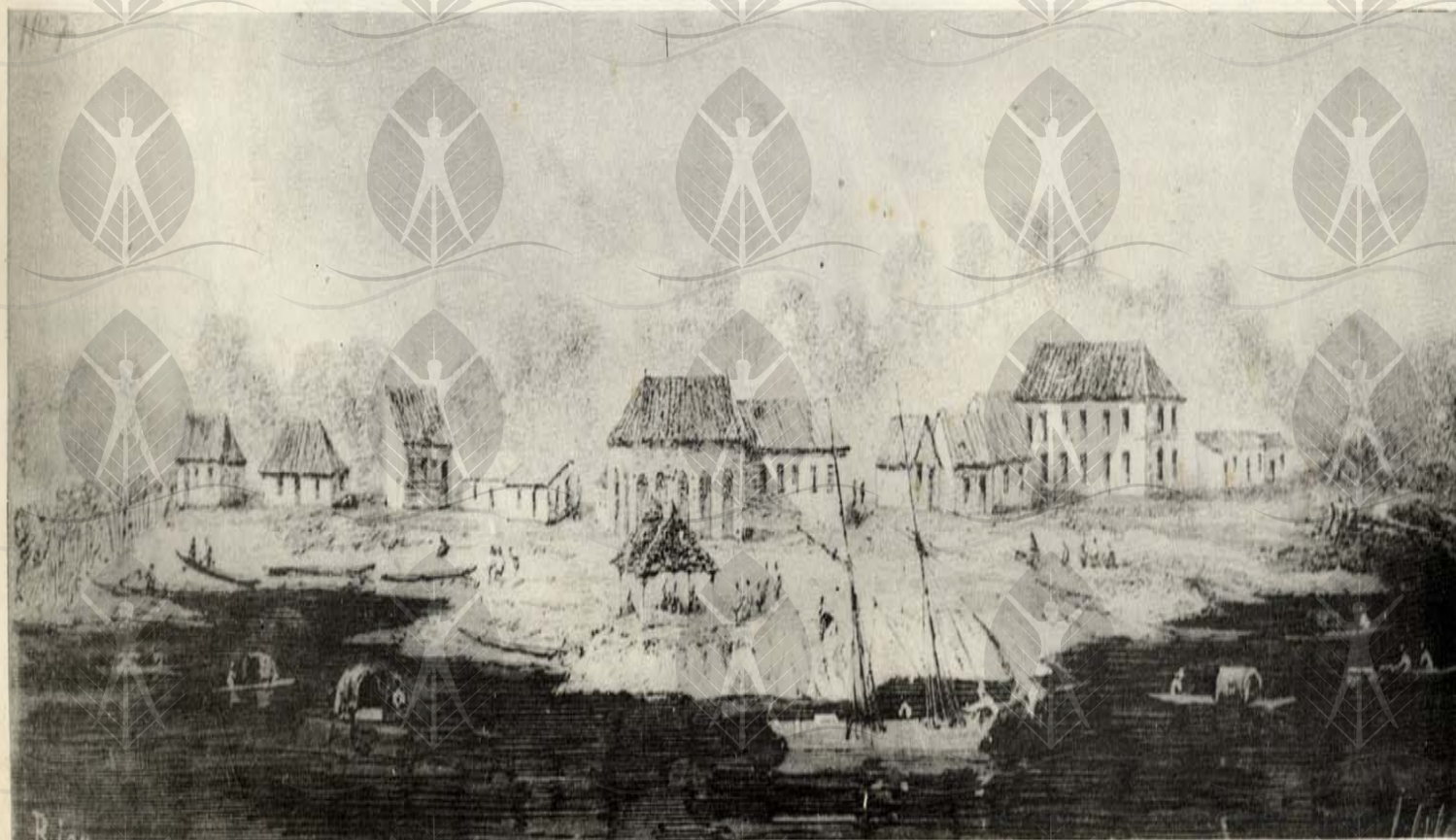
pre iminentes do mar aberto, a falta de vento. As calmarias, eram na verdade o grande castigo que apavorava os experientes marinheiros, cuja tripulação era obrigada a esperar pacientemente por longas horas e às vezes até dias nas vastidões dos oceanos, dos mares, ou então vagar sem rumo e sem vento dias e dias. Aquela visão primeira, fizera trabalhar a imaginação do conquistador adventício, que via naquela gente nativa e naqueles veículos fluviais inéditos aos seus olhos, uma nova condição para o exercício da navegabilidade. Canoas compridas e esguias deslizavam celeremente sob o impulso de braços bronzeados pelo sol tropical, fortes e ágeis, remos de estrutura mais simples, mais leves e mais velozes seguramente presos às mãos daqueles nativos corpulentos e de pele bronzeada, que certamente ajudariam a desbravar aquela região exótica, agora sendo reconhecida para ser integrada ao resto do espaço físico já conquistado.

Considerando que aquela região de florestas intermináveis, cortadas por milhares de rios totalmente desconhecidos pelos bravos adventícios, só seriam perfeitamente conhecidas através de suas estradas líquidas, adentradas pelos seus remadores, canoeiros, barqueiros, enfim pelos milhares de heróis que sacrificaram anonimamente as suas vidas, empurrando as nossas fronteiras e agigantando o nosso espaço físico para o sudoeste como se quisessem deslocar as altas montanhas dos Andes.

Possivelmente, a experiência dos portugueses no ultramar, facilitou enormemente a conquista da Amazônia, adaptando-se aos seus hábitos, às suas tradições, ao seu dia-a-dia, aos seus costumes, às suas características fluviais com seus pequenos, esguios e velozes cascos, igarités, canoas, batelões,



Canoas em frente da cidade de São José de Maturá — Alto Solimões. Desenho de E. Meunier. 1848. Foto pesquisa Costa Lima.



Navio a vela fundeado no porto de Tefé — Amazonas, 1848. Do livro de Paulo Marcoy. 1848. Foto Pesquisa Costa Lima.



### Manaus: Ruas, Fachadas e Varandas

empurrados heroicamente pelos seus remeiros índios, mestiços ou cafusos, mas todos engajados a um só objetivo — a conquista da grande Amazônia.

Graças a eles, com seus poderosos remos arredondados e uma vontade inquebrantável e destemida, foi possível o alargamento do espaço físico brasileiro, a implantação de fortalezas de granito português, sementes férteis de brasilidade, das quais nasceram as dezenas de cidades florescentes às margens dos rios dessa imensa e portentosa Amazônia.

Tudo isso graças às frágeis igarités velozes e aos batelões cobertos com palhas largamente empregados nessas entradas de conquista, às galeotas e depois aos navios a vapor, cuja primeira viagem ao Amazonas foi inaugurada pela barca Marajó, pilotada pelo comandante Francisco Paraibuna dos Reis que, saindo de Belém, subira o Amazonas, chegando sob estrondosa recepção em Manaus, nos idos de 11 de junho de 1853, segundo o magnífico historiador Genesino Braga.

A revolução industrial deflagrada na Europa, criou muitas necessidades de consumo entre as quais o uso da borracha nas indústrias de automóveis, navios, usinas, locomotivas, etc... Para isso era necessário urgentemente o emprego da borracha vegetal, cujo único grande produtor no mundo era o Amazonas, no extremo norte do Brasil.

Já de 1856 a 1858 o Amazonas exportava cinquenta e duas mil e oitocentas toneladas para o exterior, cujos países ávidos de maior lucro, aqui instalaram suas agências, fornecendo todo o material necessário a uma cidade civilizada desde o paralelepípedo aos materiais de construção, instalação de usinas elétricas, empresas de bondes e iluminação, matadouro, serviço de água, etc...

Para que toda a borracha produzida nos seringais dos altos rios fosse transportada para a cidade de Manaus e Belém, foi necessária a mobilização de muitos navios que o povo denominou de "gaiolas", "vaticanos", "chatinhas", que marcaram época nesse período áureo. Esses belos navios, foram mandados construir na Dinamarca, Holanda, Inglaterra e Estados Unidos.

Entre 1895 a 1909 a Amazônia dominou toda a produção mundial de borracha, exportando para o exterior quatrocentos e quarenta e três mil e duzentas toneladas. Gaiolas como o "Rio Negro", "Justo Chermont", "Monarca", "Tapajós", "Cametá", "Tabatinga", "Solimões", "Purus", "Arari", "Tocantins", "Mondego", "Envira", "Juruá", "Netuno", "Contreiras", "Moacir", "Rio Mar", "Tejo", os magníficos e monumentais vaticanos: "Cuiabá", "Distrito Federal", "Belo Horizonte", "São Salvador", "Vitória", "São Luiz", "Fortaleza", etc... E ainda os gaiolas: "Lauro Sodré", "Rio Coruçá", "Alagoas", "Amazonense", "Miguel Bitar", "Ajudante", "País de Carvalho", "Arari", "Antimari", "Vapor Wallim", "Independência", "Índio do Brasil", "Amazonas", "Augusto Montenegro", "Iracema", "Aripuanã", "Ajuricaba", "Navio Eurico", "Prompto", "Aracajú", "Seringueiro", "Soledade", "Braga Sobrinho", "Cearense", "Marcial", "Rio Pauhini", "Arinos", "Mamori", "Rio Xapuri", foram alguns dos muitos barcos que singraram vitoriosamente os grandes rios produtores da goma elástica, levando mercadorias de sobrevivência e trazendo no fundo dos seus porões para a capital amazonense e Belém, produtos regionais, entre eles a borracha, cuja safra alcançou nesse período, maior



Batelões típicos do Alto Solimões — Tabatinga. Desenho do livro de Paulo Marcoy 1848. Foto pesquisa Costa Lima.



Barcos regatões fundeados no porto da cidade de Parintins em 1858. Desenho de Maurand. Foto pesquisa Costa Lima.

produção em todo o mundo, superando a África, a América Central e a Málaca.

Todos pintados de branco, amarelo, cinzento, alguns com rodas de popa ou nos lados, singravam soberanamente os rios produtores da hévea brasileiros. No ano de 1911, a produção da Amazônia alcançou a maior tonelagem, alcançando quarenta e quatro mil, duzentas e noventa e seis toneladas, considerada a fase do supremo esplendor da borracha nesse setentrão, segundo a emérita historiadora Rosa do Espírito Santo Costa.

Foi também a fase da proliferação dos famosos e históricos regatões, que, atraídos pelo alto preço da goma elástica e dominados por uma ambição desmedida, enfrentaram os mais terríveis perigos naturais e os próprios seringalistas seus maiores inimigos, e vítimas, subindo os rios à reboque dos gaiolas até os mais longínquos seringais onde iniciavam a remo o seu comércio perigoso.

Os regatões considerados ilegais, principalmente pelos senhores das grandes faixas de terra onde haviam os famosos seringais, prestaram sem saber, um grande serviço ao Brasil, principalmente levando notícias que jamais seriam fornecidas pelos patrões seringalistas.

Na sua maior parte estrangeiros, sírios libaneses, penetravam sorratamente em todos os portos onde sabiam encontrar borracha. E às escondidas, com a cumplicidade dos próprios seringueiros, realizavam o negócio num verdadeiro escambo, cujo prejudicado era sempre o patrão que não recebia a borracha devida. Sobre esses aventureiros muito já se escreveu, inclusive páginas de dramáticas aventuras, envolvendo muitos personagens.

Todos já desaparecidos, afundados, ou transformados em sucatas ou pontões, os gaiolas, as chatinhas e os vaticanos prestaram um serviço de verdadeiros patriotas, assegurando para o Brasil, a terra que os lusos-brasileiros, com o sacrifício de suas vidas, legaram grandiosa e bela para a posteridade.

Barco a vapor percorrendo os rios amazônicos. Desenhos do livro de Paul Marcoy. 1848. Foto pesquisa Costa Lima.

## A Borracha e as Funilarias

Até mais ou menos 1925, apesar de a Malásia já estar fornecendo borracha de melhor qualidade, mais barata e em maior quantidade para os países consumidores, o Amazonas ainda resistia galhardamente à crescente e contínua queda do seu preço no mercado internacional e com as centenas de seringais dos principais rios continuando a produzir muito látex apesar de estar sob essa permanente sombra negra.

Os gaiolas, as chatinhas e os magníficos vaticanos, embora já sentindo profundamente esse drama, continuavam indo e vindo aos altos rios sempre carregados de gente e mercadorias, visitando as muitas propriedades produtoras de borracha, do caucho e da balata, levando viveres os mais variados desde a champanha francesa, queijo suíço, vinho alemão, caviar russo, armas, munições, perfumes, bebidas e toda uma parafernália de coisas e necessidades às populações daqueles ermos.

Em Manaus, as várias casas aviadoras primavam pelo atendimento aos pedidos feitos por carta dos seringalistas, seus aviados, e remetidos para a capital, através dos comandantes dos navios, pessoas de inteira confiança dos coronéis que inclusive reiteravam o interesse do pedido ser atendido na íntegra e com a maior presteza.

Como a borracha era a razão principal de todo esse burburinho, evidentemente que os instrumentos utilizados na sua extração também eram prioritários, por isso as funilarias espalhadas em toda a cidade, trabalhavam às vezes meses inteiros durante toda a noite para satisfazer os pedidos de milhares de tijelinhas, baldes para coleta do leite da seringa, funil para defumação de borracha, porongos, para cabeça dos seringueiros, faróis de carbureto, bacias, depósitos para querosene, depósitos para gelo, além de panelas, copos, etc...

Tudo isso solicitado pelas firmas aviadoras quase todas proprietárias dos gaiolas entre os quais: J.A Leite & Cia; J.S. Amorim; J.G. Araújo; A Sociedade Anônima dos Armazéns Andresen; B. Levy & Cia; José Barboza da Silva; M. Carbacho & Cia; Cia. de Navegação; J. Rodrigues Vieira e muitos outros que daria uma lista muito grande.

Aí por volta de 1912, 1915, quando a borracha ainda tinha algum valor no mercado e suscitava interesse pelo seu negócio, grandes funilarias instalaram-se em Manaus para atender a demanda dessa necessidade fundamental que eram os baldes e as tijelinhas. Entre elas a "Funilaria Mechânica", que ficava na Rua Marcellio Dias nº 16 e que atravessou o longo período de agonia da borracha vindo a falecer já agora em plena instalação da Zona Franca; a Funilaria Progresso, que era instalada num velho prédio da Rua Henrique Antony nº. 1/3, de propriedade do português Antonio Cerqueira Braga; a "Funilaria Senna", que ficava na Rua Marechal Deodoro nº. 10, de propriedade de Camara & Companhia; a "Funilaria Italiana", mais conhecida por Funilaria Celani, por que seus proprietários chamavam-se Celani, os irmãos Celani ou Francisco Celani & Rafael, ficava na Avenida Eduardo Ribeiro nº 59 no prédio onde é hoje uma loja; a "Funilaria Artística" na



Interior da "Funilaria Mecânica", de propriedade da Firma Costa & Lameiras. No centro o proprietário, sr. José Bernardo Lameiras, e esquerda, o seu sócio, sr. Antonio Costa.

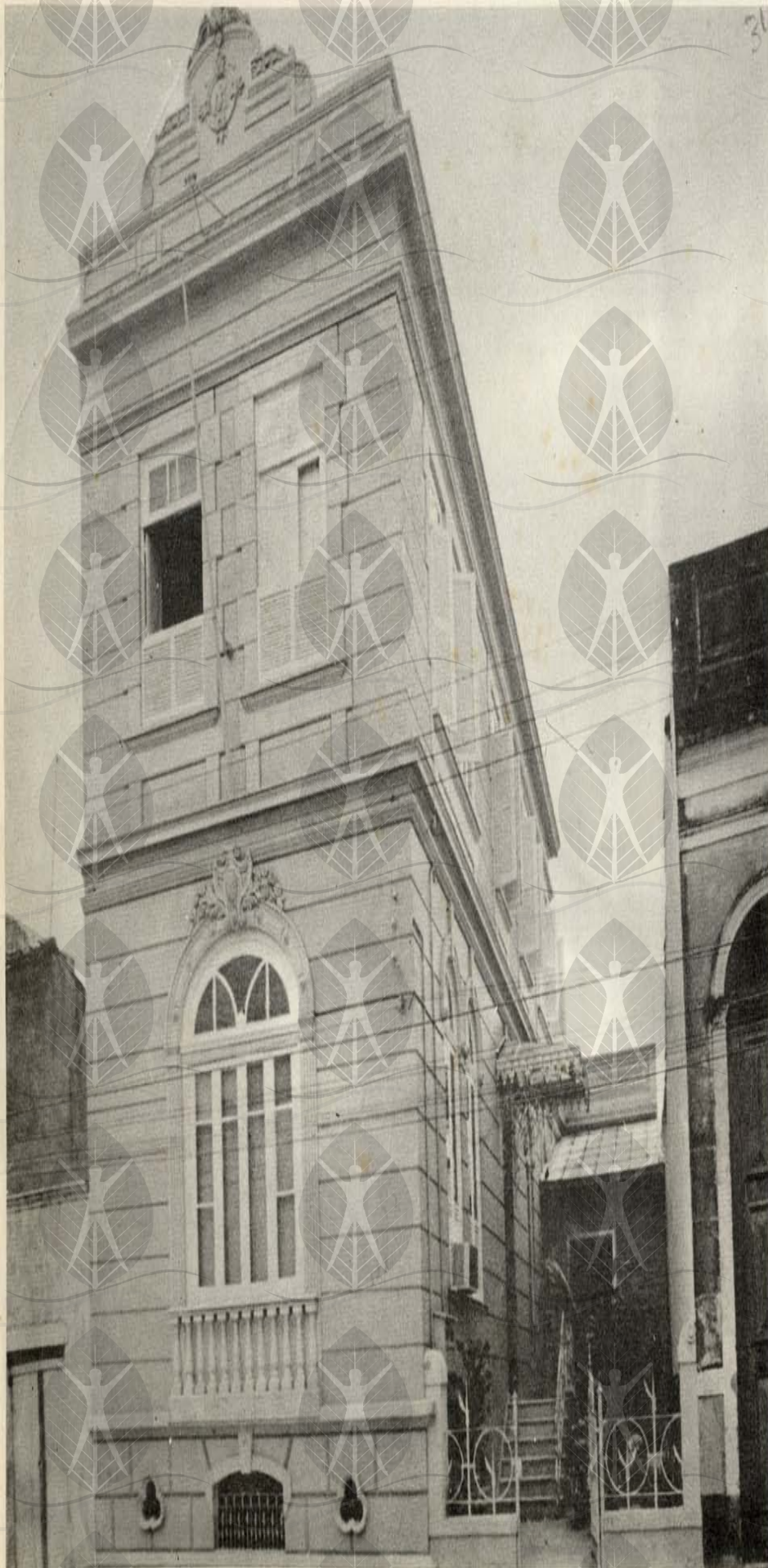
Rua Teodureto Souto nº. 8, trecho entre as ruas Guilherme Moreira e Marechal Deodoro, entre o edifício da antiga firma J.S. Amorim, hoje agência do Banco Itaú, e a loja da Central de Ferragens; a "Funilaria Amazonense", instaladas na Rua dos Barés nº 35; e a "Funilaria União", a mais antiga de todas, inicialmente instalada na Avenida Eduardo Ribeiro nº 52.

Dentre as funilarias que resistiram à "débaçle" da borracha e continuaram trabalhando até a década de 1950, destacamos, a Fábrica Áurea, que ficava na esquina das ruas Quintino Bocaiúva com a Guilherme Moreira (depois mudou-se para a Avenida Floriano Peixoto, onde se extinguiu); a Funilaria do Rafael, que ficava também na rua Quintino Bocaiúva, trecho entre as ruas Marechal Deodoro e a Guilherme Moreira, no prédio onde está hoje instalada uma das lojas S. Monteiro; na Rua Marcellio Dias com o Beco do Comércio, exatamente na esquina onde hoje é uma loja de artigos da Zona Franca, fun-

cionou durante longos anos a Funilaria Francisco Pinto, do Sr. Francisco Pinto; na Eduardo Ribeiro, a Funilaria Italiana passou a chamar-se Funilaria Celani, confeccionadora de calhas e condutores de cobre para construções civis; na Rua Miranda Leão, onde hoje se localiza uma das grandes Lojas Bemol, ficava a Funilaria Lameiras, de propriedade de João Bernardino Lameiras; e a Funilaria União, que antigamente foi instalada na Avenida Eduardo Ribeiro e se mudou para a Rua Henrique Martins nº. 257, onde ainda permanece.

Além dessas funilarias, que eram as mais importantes, havia as menores, sem registro comercial, com uma só porta, mas que também deram igualmente a sua importante parcela de colaboração ao desenvolvimento do Amazonas.

O que realmente sustentava essa imensa quantidade de funilarias e uma maior quantidade de operários em Manaus, era a borracha, célula mater de toda essa estrutura sócio-econômico-cultural, pela necessidade que tinha do material de



Os antigos prédios de Manaus tiveram maciço apoio das funilarias nas construções das calhas, chaminés e condutores de águas pluviais.

coleta; depois, a grande quantidade de construções que a cidade experimentava na mesma época, e a demanda de milhares de metros lineares de calhas de tubos, de coleta de águas pluviais, de cobre que essas construções consumiam, tudo isso fabricado de maneira artesanal, à mão, nessas casas profissionais, por operários portugueses especializados, sem falar das chaminés que obrigatoriamente cada casa tinha que instalar no seu interior, no instante em que colocava um fogão de ferro, ou mesmo de barro, na cozinha respectiva.

A Fábrica de Gelo Miranda Corrêa contratou várias vezes os serviços da Funilaria União, não só para confeccionar formas de gelo como também consertar as que já estavam gastas pelo uso. Essas formas eram de folhas de zinco inglesas, especialmente usadas em grande quantidade na fabricação de gelo para o consumo da cidade no tempo em que não havia geladeiras.

Eram também as funilarias que forravam de zinco o interior das caixas que serviam de geladeiras domésticas, para, guardar as grandes pedras de gelo durante muitas horas. Também mantinham os melhores profissionais em serviços hidráulicos, instalando tubulações de água e esgotos com tubos de chumbo de várias bitolas.

Todas as carroças de transporte de gelo do Felipe Geleiro, tiveram mão-de-obra das funilarias, pois essas grandes carroças eram inteiramente forradas de folhas de zinco de boa espessura por dentro e por fora.

As dezenas de garapeiras que marcaram época em Manaus, receberam substancial colaboração das funilarias e dos funileiros. Elas, da mesma forma como as carroças do Felipe Geleiro, eram de madeira, mas totalmente forradas de zinco e alumínio, serviço magistralmente executado pelos funileiros, na sua maioria portugueses vindos para o Amazonas já profissionalizados. A enorme quantidade de bujões de leite que distribuía o produto em toda a cidade, era confeccionada nas funilarias.

Afora esse trabalho, muitos e diversificados objetos eram executados pelos funileiros tais como: raladores, os depósitos internos das sorveteiras, canecos com cabo para tirar água de potes, bacias, formas de doces, panelas, copos, bules, regadores para plantas, baús, malas, maletas, alto-falantes, tubos para guardar documentos, e grandes regadores para hortelheiros. Esses últimos eram feitos em grande quantidade, pois o consumo desse instrumento hortícola era forte em decorrência da numerosa quantidade de hortas existentes na cidade. O todo dos batelões, e as paredes dos antigos frigoríficos eram forradas de zinco — serviço dos funileiros.

Com a queda definitiva do preço da hévea, a grande desilusão e o abandono em massa das populações dos seringais, as funilarias acompanharam o terrível drama uma a uma, fechando suas portas. Uma ou outra tentou existir por algum tempo, confeccionando pequenos objetos domésticos, como: bacias, farinheiras, canecos, raladores, lixadores de calos para os pés, panelas etc. que negociavam a vendedores ambulantes, ou prestando pequenos serviços em residências, terminando também por extinguir-se.

Hoje, como um monumento àquela época, ainda existe à Rua Henrique Martins nº. 257, a Funilaria União, mantida pelo filho do seu fundador, João Francisco Verdade Filho, uma jóia do passado encravada teimosamente entre os costados de uma época agressiva e insensível.

## Garrafeiros, Médicos e Farmacêuticos

Até o advento da moderna farmacologia, havia uma humilde ocupação ligada estreitamente ao laboratório farmacêutico, exercida principalmente por meninos ávidos em ganhar alguns tostões para o cinema, o indefectível mata-fome e o gostoso bolo de milho, muito apreciados naquele tempo de vacas magras: era o comprador de vidros vazios de remédios. Manaus possuía um verdadeiro exército desses pequenos compradores ambulantes, percorrendo as ruas do centro e dos bairros da cidade à cata desses pequenos frascos, que depois eram vendidos às muitas farmácias existentes nas principais ruas e praças com uma pequena margem de lucro, prestando assim um notável serviço à comunidade. Às vezes, as donas de casa, para se verem livres dos muitos vidros de remédios que se acumulavam nos fundos dos quintais das casas, criand os insuportáveis focos de carapanãs e mosquitos, davam graças a Deus quando os pequenos garrafeiros perguntavam se tinham garrafas ou vidros para vender e enchiam as suas sacas de sarapilha com os pequenos vidros que seriam negociados nas farmácias.

Os principais compradores de vidros de remédios vazios eram: o Félix Fink, depois proprietário da Drogaria Fink, na Rua Marquês de Santa Cruz, ao lado do edifício da Alfândega, no mesmo prédio onde funcionou o Yara Bar. Inicialmente o Félix Fink possuía um modesto laboratório na Rua Guilherme Moreira, exatamente ao lado do prédio onde funcionou por muitos anos os escritórios da firma I.B. Sabbá. Ali os garrafeiros vendiam vidros de perfumes e de óleo de mutamba, que eram utilizados para novas remessas desses perfumes muito usados na época, principalmente pelas classes mais humildes e habitantes do interior do Estado. Outro comprador muito conhecido da garotada era o velho e simpático Camilo Abinader, que os moleques chamavam de Camilão pelo seu tamanho agigantado e voz tonitrante. O velho Camilo era pai do ex-deputado Simão Abinader e da minha amada irmã Zaria Abinader e Luiza Abinader. Camilão possuía um pequeno laboratório, onde fabricava perfume e óleos perfumados: os vidros, era a garotada que o vendia em grande quantidade.

Entretanto, o grande negócio era feito nas farmácias. Os vidros mais procurados pelos farmacêuticos eram os de Bromil, Biotônico Fontoura, Elixir de Inhamé Goulart, Capivarol, Elixir Eupéptico, Pandigestivo, Elixir Depurativo Luetil, Regulador Fontoura, Regulador Xavier e muitos outros.

Os principais compradores de vidros vazios eram: a farmácia do Povo, que ficava na Rua dos Barés, cujo chefe era o Dr. Canuto Palhano, muito magro, com seu pincenez na ponta do nariz e seu indefectível charuto; atendia a garotada examinando ele mesmo um por um os vidros que lhe interessava, pechinchando e discutindo com os meninos o preço a pagar. No fim, ambos ficavam satisfeitos — comprador e vendedor, aptos a uma nova operação comercial.

Outro grande comprador era o Dr. Altair Severiano Nunes, baixinho, gordo, moreno simpático, muito tranquilo, farmacêutico de grande conceito na cidade, com uma grande clientela que tinha nele um verdadeiro salvador. Atendia a garotada sempre ostentando o seu já tradicional sorriso e pedindo sempre muito vidro. Quando os garrafeiros chegavam com seus sacos cheios de frascos, ele mandava-os entrar diretamente até os fundos da farmácia, que ficava na Rua Henrique Martins, no mesmo lugar onde está edificada hoje a agência do Banco Itaú. Lá, depois de verificar o estado dos vidros, examinando-os cuidadosamente, fazia as contas em voz alta e convidava o pequeno vendedor a ir até o caixa onde recebia imediatamente o dinheiro correspondente.

A maior ou menor necessidade de compra dos vidros vazios de remédios, dependia, em proporção, dos clientes do médico que tinha o seu consultório instalado exatamente ao lado da farmácia no mesmo prédio. O consultório era constituído de uma porta vai-e-vem que dava acesso para a rua onde estava escrito o nome do médico e o horário das consultas. Logo após, a sala de espera, depois o consultório, finalmente uma sala onde eram feitas pequenas cirurgias ou tratamento laboratorial, como injeções, curativos de ferimentos, etc... O consultório tinha sempre uma porta de comunicação com a farmácia.

Nos fundos ficava uma espécie de lavador de frascos, que depois de devidamente pasteurizados eram colocados diretamente às mãos do farmacêutico, utilizados de acordo com a necessidade do número de receitas emitidas pelo médico, com seu consultório no próprio local da farmácia, ou geralmente ao lado, cujas receitas eram aviadas imediatamente pelo farmacêutico. Muitos clientes não tinham confiança na limpeza dos vidros fornecidos pela farmácia e já levavam os seus frascos devidamente pasteurizados para o médico. Às vezes, eram necessários três ou quatro vidros, dependendo da quantidade de preparados receitados.

A ligação médico-cliente-farmácia era um trinômio de estreita colaboração, basta dizer que quando um médico viajava, anunciava nos jornais que deixava seus clientes aos cuidados de outro colega, cuja nota era respeitada pelas partes. Neste caso, o cliente não só mudava de médico mas também de farmácia. Quando uma pessoa encontrava um conhecido com vidros vazios na mão, perguntava logo: — Quem está doente na tua casa?

Em 1931, um anúncio na Revista da Associação Comercial do Amazonas dizia assim: "Dr. Almir Pedreira — Clínica Geral, Ginecologia (doenças de senhora e parto). Consultas na Farmácia Lemos, à rua dos Barés nº. 21. Manhã: das 08 às 11 horas. Tarde: das 15 às 18 horas. Av. Silvério Nery, 77, fone 45".

Outro: Clínica Médico-Cirúrgica do Dr. Flávio de Castro, especialista em partos, moléstias de senhoras e de crianças. Aplicações de eletricidade médica, diatermia, raios ultravioletas, infra-vermelho. Cura de hemorróidas sem operação. Consultas na Drogaria Universal (altos). Pela manhã das 10 às 11 e 1/2; de tarde, das 16 às 18 horas. Rua Marechal Deodoro. Residência: Rua José Clemente nº. 20. Telefone 146.

Dentre os grandes médicos da época já desaparecidos, tive o prazer de conhecer o Dr. Almir Pedreira, que era o guardião de saúde da nossa família e foi quem me salvou da morte, quando eu era ainda muito pequeno. O Dr. Almir Pedreira

iniciou sua clínica ginecológica em Manaus antes do Dr. Flávio de Castro, e dava consultas na Farmácia Lemos, na Rua dos Barés, nº. 21. Morava num bellissimo palacete à Avenida Silvério Nery, 77. Muito amigo da minha madrinha, professora Clotilde Pinheiro, tinha por hábito visitá-la e também ao seu pai comandante do SNAPP, Fausto Pinheiro, na Avenida Joaquim Nabuco, onde conversavam longamente sob belíssimas músicas executadas ao piano pela minha madrinha.

Foi representável facultativo, o Dr. Kronge Perdigão, que também dirigiu o serviço médico veterinário do matadouro municipal (curro); Adriano Jorge, médico humanitário que levava muita gente para a farmácia Barreiros, na Avenida Eduardo Ribeiro, onde dava consultas baratas; Deoclydes de Carvalho Leal, amicíssimo do Dr. Flávio, dava consultas na Drogaria Universal. O Dr. Deoclydes foi, creio, um dos primeiros especialistas em doenças nervosas que clinicou em Manaus. Era também profundo conhecedor das moléstias do coração, estômago, intestinos e vias urinárias, João de Paula Gonçalves, leprólogo, através do qual tive a primeira oportunidade de sair de Manaus como artista plástico, levado para Brasília em 1958, pela mão do seu primo Adalberto Ferreira do Valle. Stanislaw Affonso que residia na Avenida Joaquim Nabuco, num prédio ainda hoje existente, onde tive oportunidade de conhecer o grande advogado Mendonça Junior. O Dr. João de Paula Gonçalves morava na Rua Belém e dava consultas na Farmácia Normal, de propriedade do poeta meu irmão Franco de Sá, instalada na Av. 7 de Setembro, em frente à escada que dava acesso ao jardim da Igreja de N.S. da Conceição (Matriz).

A farmácia Studart ficava no local onde está edificado hoje um prédio de muitos andares, na Avenida Eduardo Ribeiro esquina com a 7 de Setembro; possuía imensas prateleiras onde se via de longe enormes quantidades de vidros de louça cilíndricos, brancos e azuis, com letras e desenhos com figuras gravadas a ouro, onde eram guardadas as drogas para o preparo dos remédios solicitados pelo médico, Dr. Adolfo Roessing.

Na Rua Henrique Martins, um prédio depois da esquina, ficava a Farmácia Lopes, do Sr. Lopes, que possuía olhos profundamente azuis e tinha imenso carinho com os vendedores de vidros. Ali tinha o seu consultório o Dr. Agenor Magalhães, grande médico oculista que residia à Praça São Sebastião. Muitas vezes eu, João de Paula Gonçalves, Waldemar Pedroza, Mavignier de Castro, Aristhapano Antony, Sebastião Norões e o Demasi, batíamos longos papos sobre os mais ecléticos assuntos, sentados à roda de uma mesa redonda de mármore do café "A Baratinha", que ficava exatamente na esquina da Rua Joaquim Sarmento com a Henrique Martins. Ali surgiu a idéia de publicar o livro "Amazônia Panteísta", de autoria do escritor Mavignier de Castro que saiu alguns anos depois, com ilustrações minhas.

Os médicos que tinham mais clientes faziam as farmácias comprarem mais vidros, como era o caso da Farmácia Barreiros, Farmácia do Povo, Farmácia Studart, Farmácia Lemos. Todas as farmácias possuíam compridos bancos de madeira, onde os clientes esperavam pacientemente que os farmacêuticos aviassem as receitas. As farmácias, pela popularidade de que gozavam e fama dos seus médicos, às vezes faziam com que os clientes fossem despachados pelos médicos



às 16 horas e o medicamento entregue ao interessado às 20 horas, tal a quantidade de pessoas na fila. Alguns mais sábidos entregavam os vidros e a receita ao farmacêutico e marcavam a hora de vir apanhá-los.

— “Preparar remédio é como fazer menino, tem que esperar o tempo necessário”, dizia o popular farmacêutico Canuto Palhano.

Naquela época, o vidro para colocar o remédio, que devia ser manipulado, era tão importante como as próprias drogas. Como poderia o cliente levar o tão esperado remédio salvador se não havia veículo para colocá-lo?

Os pequenos vendedores de vidros vazios não só conheciam todas as farmácias, como também os médicos que lá clínicavam e os que possuíam mais clientes. Os farmacêuticos preparadores das drogas, esses, eram como se fossem as suas próprias sombras, tal a popularidade de que gozavam entre os pequenos vendedores de vidros de remédios vazios.

Comprador de  
gattafas e  
vidros vazios  
Moacir Andrade  
1960

## Os Carvoeiros

Carvoeiro! Carvão bom, pesado, e mel de abelha! Eram os gritos que se ouviam pelas manhãs nas ruas da antiga cidade de Manaus, cheia de cavalos, burros, jumentos e homens portando sacos de todos os tamanhos, com carvão vegetal também de todos os preços. Cada homem tinha o seu pregão, com o qual se identificavam com os seus fregueses. Famílias de poses compravam fogões de ferro esmaltados de branco, ou simplesmente de ferro nú, pintado de preto, nas firmas J. G. Araújo, J. S. Amorim, Central de Ferragens, J. Soares, Casa Canavarro. Grandes Armazéns de Ferragens Moraes Carneiro & Cia., havendo muitos ferreiros que fabricavam magníficos fogões por encomenda. A Casa Canavarro era especializada em fogões de ferro forte; vendia-os em grande quantidade para os proprietários de seringais. Essa antiga casa ainda existe na Rua Barão de São Domingos bem em frente ao Mercado de Peixe. Essas e outras casas similares, vendedoras dos fogões a lenha também forneciam o produto para quartéis, hospitais, colégios, restaurantes etc... além das residências familiares de Manaus.

Ao comprar o fogão, a dona de casa ia imediatamente a uma funilaria contratar um profissional para medir a altura do pé direito da cozinha, escolher a chaminé e adaptá-la ao fogão, que ficava geralmente no último compartimento da casa, no fundo do prédio, evitando a invasão da fumaça para o interior da residência. Os instaladores de fogões eram técnicos experimentados, que sabiam unir a chaminé ao fogão, fixá-lo à parede da cozinha com braçadeiras de ferro e levá-la até o telhado, sobre o qual excedia até aproximadamente dois metros para o céu, levando a fumaça para bem alto a fim de não incomodar os vizinhos, que também tomavam as mesmas providências com o seu.

Juntamente com o carvoeiro havia o fornecedor de achas de lenha. Comprar lenha era sinal de abundância, sinal de muito fogo e, conseqüentemente muita comida em casa. Havia o vendedor de achas de lenha que as transportavam em "fubicas", (pequenos caminhões, modelo 1927), da Colônia dos Franceses, da Estrada do Aleixo, ou da Colônia Oliveira Machado. Comprar lenha ou carvão vegetal era negócio que se fazia diariamente em todos os pontos da cidade, desde o bairro mais granfino até o mais humilde, pois os fogões de ferro, ou de barro, e os fogareiros gastavam muito material, e os únicos combustíveis disponíveis eram a lenha e o carvão vegetal. Os fogões de ferro, muito caros, eram importados da Inglaterra, dos Estados Unidos, da Alemanha, da Irlanda, Portugal, Escócia ou da França. Havia os esmaltados, ainda mais caros, decorados com flores e desenhos muito sugestivos nas portas dos fornos e dos lados; esses somente os ricos podiam possuir. Havia, entretanto, os fogões de barro também muito bem fabricados por pedreiros especializados, aos quais, depois de todo pronto em alvenaria de tijolo e argila, adaptavam as portas do fogão e do forno, além da tampa, com as devidas aberturas para as panelas, que também eram de ferro.

O movimento da cidade era intenso, e nas calçadas das grandes residências, padarias, hospitais, quartéis e colégios,



era comum as enormes pilhas de lenha enchendo o ar com o cheiro característico daquela madeira.

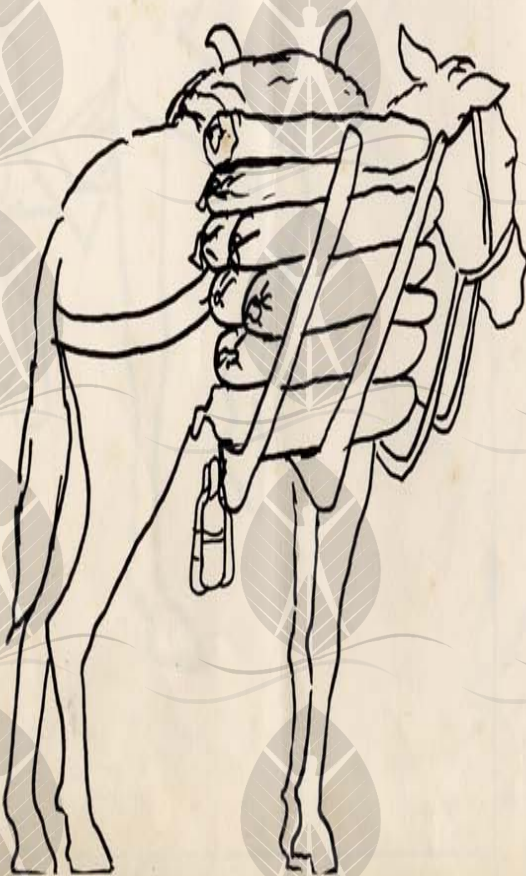
Havia uma lenha que exalava um cheiro de fezes. A padaria Amazonas, na Rua dos Andradas, de propriedade do seu Garcia, espanhol gordo, muito simpático, com seu bigodinho muito preto, amigo da garotada da rua, teve seu dono muitas vezes chamado à Polícia por um vizinho alemão, meio maluco e metido a besta, que dizia não suportar aquele eterno mau cheiro invadindo o seu nariz dentro de sua própria casa, contígua à padaria. Aliás, esse vizinho era criador de cobras, e contratava a garotada para caçar sapos e gatos para alimentar os seus ofídios. Eu mesmo ganhei muitos mil réis, levando enormes cururus, para o alemão que sempre pedia mais sapos e gatos.

Na hora que o caminhão chegava com seu carregamento de lenha para a padaria, os moleques na Rua dos Andradas já estavam a postos para ajudar a levá-la para o depósito no interior do prédio onde era instalado o grande forno de assar pão. Esse serviço rendia algumas bolachas d'água e sal, imensas roscas, e uns pães de tostão que o seu Garcia nos dava como pagamento pelo trabalho. Depois, na esquina da rua, ao pé de uma garapeira, completávamos a festa com refrescos de taperebá, cupuaçu ou maracujá.

Os mesmos tiradores de lenha, também cortavam árvores para fazer carvão vegetal. Em torno dessa ocupação havia várias indústrias satélites, como as de abanos, de grelha para fogão de ferro, limpadores de chaminé, consertadores de chaminé, etc... Depois de alguns anos de uso, as chaminés faziam alguns furos pela parte de dentro da casa por onde saía toda a fumaceira produzida no fogão, enchendo toda a residência, e além de sujar todas as paredes internas também causava um grande mal-estar aos residentes. Havia também os consertadores de cabo de engomar e até os com-



Um cavalo e o carvoeiro ambulante. Ao fundo à esquerda, o antigo prédio do Cine Manaus de propriedade dos Salesianos.







pradores de pó de carvão que vendiam nas residências como adubo para plantas ornamentais.

Sobre os costados dos cansados quadrúpedes, vinham arrumados dentro de dois pares de "cambitos" de madeira muitos sacos de sarrapilha de todos os tamanhos e preços, que eram oferecidos a domicílio, desde o menor, que custava apenas 500 réis, até os grandes, que eram vendidos a 5.000 réis. Os sacos maiores eram comprados por lavadeiras que gastavam muito carvão engomando muita roupa, principalmente a roupa branca de linho muito usada na época do linho HJ e do SS 120.

Muitos carvoeiros ficavam famosos pela sua honestidade na qualidade da venda de carvão. Por exemplo, toda a madeira branca produz carvão ruim, queima rápido, faz muita cinza e fumaça, não esquentava e suja muito a roupa. Esse tipo era rejeitado pelas donas de casa, principalmente pelas engomadeiras profissionais, que absolutamente não iam perder os seus fregueses de linho branco inglês que lhes pagavam bem e as ajudavam em muitas e muitas coisas. As lavadeiras compravam o carvão pelo peso do saco; se era leve simplesmente não prestava. Os carvoeiros que se prezavam e queriam manter a sua freguesia, tinham que vender carvão de madeira boa, pesada, que dava bom fogo, esquentava o fundo do ferro e não produzia fumaça. As lavadeiras e donas de casa tinham os seus fregueses habituais, com frequência certa nos dias certos, que além de fornecer o carvão, traziam também o mel-de-abelha silvestre com que faziam o célebre "lambedor" que curava gripe velha, bronquite de crianças e fortificava. Traziam pupunha, tucumã, açai, abacaba, patuá do mato, mari-mari, pajurá de racha, que era o melhor, sorva, e até pequenos animais que vendiam ou presenteavam às suas boas freguesas para servir de xerimbabos. Era gostosa a goma de mandioca, enrolada em folhas de palha de buçu, que os carvoeiros vendiam em pequenas bolas do tamanho de uma lata de queijo de bola.

Nas vésperas das festas juninas, era também aos carvoeiros que as donas-de-casa encomendavam as plantas e folhas de mato para fazer banhos de cheiro, cipós medicinais, cascas de árvores curativas e muitos outros tipos de ervas muito utilizadas na medicina caseira, com que faziam garrafadas e os famosos xaropes. Nas vésperas das festas natalinas era também para esses humildes e simpáticos vendedores ambulantes que solicitavam as samambaias, os musgos, as cataléas, e as plantas ornamentais para a construção dos presépios que não faltavam nas casas das famílias cristãs desde a mais rica e mais humilde durante o Natal e mesmo para os grandes presépios como o do artista plástico Branco Silva que ficava na Praça Oswaldo Cruz, na estação dos bondes e o da igreja de São Sebastião.

No centro da cidade e mesmo em bairros afastados, como na Vila Municipal, quase todas as casas tinham o seu pequeno jardim na frente muito bem cuidado, com roseiras, jasmim, angélica, bugar, bem-me-quer e outras plantas do gosto da época. À tardinha, os mesmos carvoeiros traziam sacos de estume já encomendados que iam adubar os mimosos canteiros domésticos. A própria arquitetura da casa era projetada em função do consumo do carvão e da lenha. O arquiteto primeiro desenhava a sala de visitas, depois a sala de jantar, os quartos

enfileirados, corredor, banheiros e privada, por fim a famigerada cozinha, último compartimento da casa, com suas paredes sempre negras da fuligem do fogão.

A cozinha era a parte execrável de uma residência, com as paredes sempre cobertas de um espesso pó preto e uma indefectível e fina chaminé marcando o ponto do fogão. Isso numa casa de alto funcionário público ou comerciante abastado, proprietário de casa com muitos cômodos. Em casa de lavadeira a coisa era diferente, no verão a cozinha se constituía de um só fogareiro redondo, de ferro fundido, sobre uma mesa tosca ao ar livre. Quando chovia era posta sobre uma tábua pregada à guisa de mesa sobre o peitoril da janela dos fundos. O carvão nunca faltava na cidade durante todo o ano, inverno ou verão. Podia-se encontrar também em todas as tabernas e quitandas da cidade onde era vendido em latas de querozene.

Durante todos os dias do ano, os quadrúpedes costuravam todas as avenidas, ruas, boulevards, becos, travessas e vielas da cidade oferecendo carvão e enchendo as ruas de estrume, produzindo um permanente perfume de bosta de cavalo. A limpeza desse produto era feita por funcionários especializados da Prefeitura Municipal que, munidos de pequenas pás, carrinhos e cestos iam juntando o estrume que posteriormente vendiam às casas ajardinadas. A Sociedade Beneficente Portuguesa, a Santa Casa de Misericórdia, a Penitenciária Central do Estado, o Colégio Dom Bosco, o Colégio Santa Dorotéia, Colégio São Francisco de Assis, eram os maiores consumidores de estrume que aplicavam em seus belíssimos canteiros.

As Colônias dos Franceses, Oliveira Machado, Aleixo, Campos Sales e os bairros do Bombeamento, Raiz e Chapada eram os maiores produtores de carvão e onde moravam os maiores caieristas.

Seu Antônio carvoeiro foi, entre muitos, famoso construtor de caieiras, queimava de uma só vez de dez a doze das quais tirava carvão uma semana depois. As caieiras eram construídas de lenha em toras que variavam de cinquenta centímetros a um metro, de árvores que eram escolhidas antes de ser abatidas. Essa lenha era empilhada em forma de pirâmide ou cone, cobria-se toda com palha de buçu verde e sobre esta, o barro, de preferência argila pura. Depois de pronto o edifício da caieira, abria-se no vértice da pirâmide um pequeno furo e na base outro furo, através do qual introduzia-se o fogo e logo depois hermeticamente fechado. Verificado que o fogo não apagou, vigiava-se durante uns três dias consecutivos e ininterruptamente para evitar que nas paredes, acidentalmente, aparecesse alguma rachadura. Se isso acontecesse, toda a carga de carvão ficaria perdida, pois o fogo arderia até tudo se transformar em cinzas.

Entre o empilhamento da lenha e a ensacagem do carvão, gastava-se mais ou menos uma semana, variação que dependia da qualidade da madeira empregada no processo.

Fazer uma caieira exigia muito sacrifício e semanas inteiras de trabalho pesado sob o sol e a chuva. Uma caieira grande produzia mais ou menos umas cinquenta sacas de carvão (sacas de aniação de 60 quilos). Os vendedores de sacas de carvão às costas que até hoje exercem a profissão com as mesmas características do passado, são geralmente do interior

do Estado, da região do rio Negro. Eles transportam o carvão em pequenas canoas e batelões, maneira muito peculiar do caboclo do interior transportar mercadorias. Esses profissionais quando vêm do interior, trazendo o carvão, aportam na margem esquerda do igarapé de São Raimundo, nas proximidades da Companhia de Eletricidade de Manaus, no fim da Rua Wilkens de Matos, ou no igarapé de Educandos, também conhecido como igarapé da Cachoeirinha, nas proximidades da ponte velha que liga o bairro de Educandos, aí eles procedem o ensacamento de todo carvão que trazem em grandes canoas e com ele às costas, oferecem venda à domicílio.

Duas datas deixaram saudades dos tempos dos carvoeiros a cavalo, a primeira no domingo de Ramos, quando a igreja católica inaugura a Semana Santa. Eles subiam as ruas e avenidas de volta às suas casas portando ramos de palhas bentas. A outra, nas festas de Natal, quando ofereciam às portas de suas freguesas, no momento de vender o carvão, as samambaias e os cogumelos que o povo chamava de musgo, para serem utilizados na confecção de presépios domésticos, presépios ecológicos e tão afetivos que não existam mais.



## Os Padeiros

Pelo fato de Manaus daquele tempo ainda não dispor de muitos veículos, principalmente de caminhões, até os anos 60, a cidade era toda ela servida por vendedores ambulantes que percorriam todas as ruas e bêcos com seus tabuleiros à cabeça, ou cestos aos ombros, como faziam os padeiros de então.

As padarias trabalhavam à noite e durante o dia. O pão ainda quente era distribuído aí pela tardinha, com os padeiros portando imensos cestos de vime às costas, cheios de pães de vários tamanhos e preços. O maior pão era de meio quilo, até hoje fabricado em todas as padarias de Manaus; tinha também o pão de tostão, o pão-doce também de tostão, que eram apresentados em grande quadrado, um ligado ao outro. Os garotos gostavam e compravam para comer com garapa.

Seu Manuel Peseta era um português bonachão, sempre com uma ponta de cigarro no canto da boca. Tinha uma perna menor que a outra e servia os moradores da rua. Dr. Machado. Talvez pela dificuldade de andar muito com a sua perna curta, pedia aos meninos da rua para ajudá-lo na distribuição dos pães na casa de cada freguês. Já os trazia embulhados.

A garotada disputava a escolha. Fui um dos seus ajudantes na entrega desse alimento diário, distribuído por seu Manuel Peseta, ganhando em troca um pão-de-tostão, que comia com refresco de cupuaçu, graviola, ou maracujá, na garapeira de outro português que fazia ponto na esquina da Avenida Joaquim Nabuco com a Leonardo Malcher. O pão-de-tostão era pequeno, ovoide, achatado, parecido com sexo de mulher, por isso a garotada chamava-o de pão "bucetinha".

O botequim que freqüentávamos ficava na esquina, era de propriedade do seu Manuel. Do outro lado da rua também havia outra taberna, num edifício róseo de dois andares, onde também, além de muitos outros comestíveis, vendiam garapa e pão.

As calçadas das padarias sempre estavam cheias de lenha, para alimentar o grande forno onde eram assados os pães e bolachas que a população consumia diariamente. A mais antiga padaria de Manaus era a Padaria Mimi, situada na Rua 24 de Maio, nº. 77/79, já existente em 1927, depois vinha a Franckfurt, na Avenida Joaquim Nabuco nº. 770, esquina da 7 de Setembro; a padaria Modelo, também à Avenida Joaquim Nabuco, 554, esquina com a José Paranaguá; a padaria Brasil, situada na Rua dos Andradas, próximo ao porto das catraias; a padaria Rosas, na 7 de Setembro, em frente à Praça da

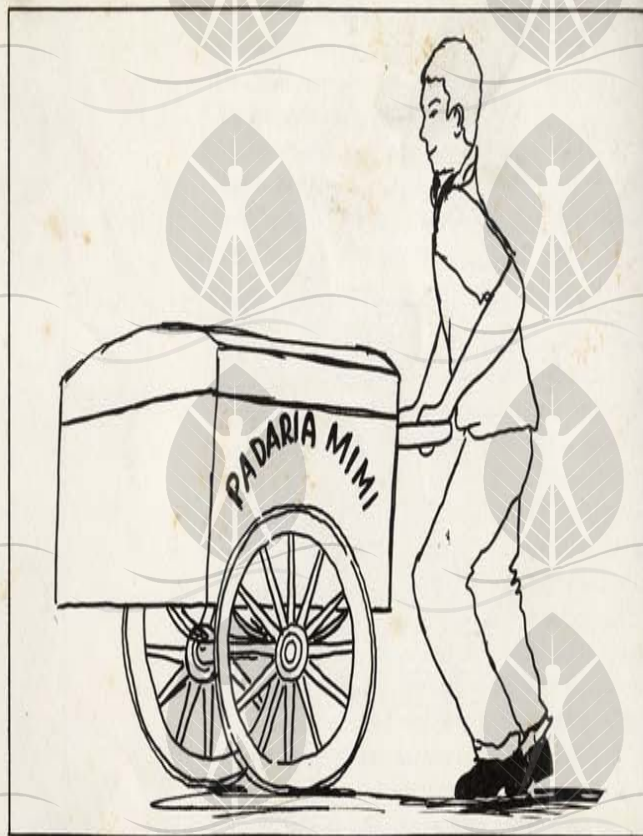


Polícia; a padaria Aurora, na Rua dos Andradas; a Fábrica Bijou, na Avenida 7 de Setembro; a padaria Avenida, na Avenida Eduardo Ribeiro, 591, algumas já desapareceram. Havia ainda a Restauradora e a Casa Aurora, a primeira na Joaquim Nabuco e a segunda na Rua dos Andradas, 62.

Depois das quatro horas da tarde, começava o bailado dos padeiros com seus imensos cestos às costas, costurando a cidade. Era a hora da meninada tentar roubar um pão quente, ou simplesmente quebrar os bicos de pão de meio quilo, e virá-los de bicos para baixo, a fim de esconder do padeiro pelo menos enquanto desaparecíamos do local, fugindo da sua possível perseguição.

Eu já estava há muito freqüentando o Oratório Festivo do Colégio Dom Bosco e proibido de fazer essas artimanhas. Se fizesse teria de confessar ao meu diretor espiritual, sendo certo um bruto castigo. Mas, para não ficar atrás dos outros moleques, só quebrava o bico de um dos pães, tendo o cuidado de virar a parte mutilada para baixo. Isso era feito enquanto o padeiro deixava o grande cesto de vime na esquina, coberto com um pedaço de lona branca limpa, impermeável, que trazia consigo e ia distribuir o pão aos seus fregueses habituais mais próximos.

A presença do padeiro era anunciada por uma busina de metal amarelo adaptada a uma pequena peça de borracha que, apertada, emitia um som já conhecido de toda a população. Todos os padeiros possuíam essa busina e a levavam a tiracolo.



Nos patios de cada padaria havia muitas cestas de vime confeccionados por vimeiros profissionais especializados em construir essas grandes peças, vendidas às padarias e demais pessoas interessadas.

Na Cachoeirinha moravam dois vimeiros famosos. Construíram muitos cestos para muitos proprietários de padarias da cidade, mas, havia muitos outros espalhados por todos os bairros de Manaus, fazendo o mesmo serviço e com a mesma técnica.

Com o desaparecimento dos cestos de vime, apareceram os carrinhos de duas rodas, adotados por todas as padarias. Esses carrinhos eram construídos por oficinas especializadas em construção de carroças, entre os quais o "Faisca".

Muitas vezes, viam-se enfileirados, à frente das fábricas, muitos carrinhos de distribuição de pães, esperando a hora de serem utilizados na distribuição desse importante alimento. Os carrinhos eram de madeira, com a forma de um prisma de bases quadradas, sobre duas grandes rodas de madeira recobertas com fitas de aço. A caixa tinha uma só tampa, que abria para o lado. Era todo recoberto com chapas de alumínio, que, polidas, davam, um aspecto elegante ao pequeno carro. Também desapareceram.

## O Barco do Leite

De quatro para cinco horas ou às vezes seis da tarde, quando chegavam muito atrasados, aportavam num pequeno ancoradouro flutuante da Manaus Harbour os motores que chegavam do município do Careiro, trazendo o leite e as angélicas. Muita gente já estava à espera do barco, principalmente dos quartéis, Santa Casa, Beneficente Portuguesa, Penitenciária e Hospício Eduardo Ribeiro.

O leite, transportado em grandes bujões de ferro com tampas presas sob tramelas também de ferro e trancadas com cadeados, eram entregues diretamente do barco para o posto de Saúde Pública, instalado num dos cantos do ancoradouro e chefiado por um zeloso funcionário delegado pelo Diretor da repartição, o qual, utilizando um aparelho especial, media a densidade do leite existente em cada bujão e verificava o seu estado de pureza. Depois de devidamente examinado, era vendido aos leiteiros ambulantes, que às dezenas ficavam todos vestidos de branco em fila, esperando o seu quinhão.

A distribuição era feita diretamente pelos proprietários do leite, que distribuíam aos vendedores ambulantes de acordo com o pedido de cada leiteiro. Essa distribuição era assistida por um funcionário e um auxiliar de Serviço da Saúde. Depois de colocado o leite nos bujões, estes eram devidamente fechados pelos funcionários com uma pequena máquina que imprimia as iniciais do Departamento de Saúde Pública num pedaço de chumbo arredondado em forma de pequenina moeda, preso a um arame especial que fechava o bujão, impedindo, assim, que os leiteiros abrissem o recipiente e colocassem água no leite. A violação desse selo poderia dar cadeia ao infrator. Infelizmente, todo o tempo as freguesias



Um barco de leite recebendo o preciso carregamento num porto do município do Careiro.



Com o desaparecimento dos navios à vapor e o advento das navegações aéreas, os carregadores do porto foram lentamente desaparecendo, juntamente com os leiteiros.



Crepúsculo no cais Flutuante de Manaus. À direita as torres. Nessa época toda a cidade era servida com o leite de gado vindo do município do Careiro.

reclamavam que o leite estava ralo e que possivelmente havia água.

Cada bujão carregava mais ou menos cinquenta litros de leite, vendido a domicílio por toda a cidade e pelos bairros de Manaus. Eram identificados por uma plaquinha de metal que correspondia a um número de licença expedido pela Prefeitura Municipal e pelo Departamento de Saúde Pública. Os leiteiros carregavam o leite às costas, sobre um dos ombros. Sob o bujão, levavam uma toalha branca feita de saco de açúcar que servia para limpar o leite que sempre derramava um pouco sobre os medidores ao servir o leite às freguesas.

Quando havia reclamação de alguma cliente à Saúde Pública, de que o seu leiteiro lhe vendera leite com água, imediatamente um fiscal especial delegado ia esperar o infrator no trapiche do leite para impedir sua participação na

compra desse importante alimento. Era o castigo pela desonestidade profissional.

Houve caso em que o leiteiro fora até preso, pois a freguesa ludibriada era mulher de um alto funcionário do Estado, que naquele tempo era administrado ditatorialmente, sendo interventor o poeta Álvaro Maia. Todos os bujões eram totalmente pintados de branco e nelas havia um gancho onde eram penduradas as medidas de um e meio litro com as quais mediam o leite que vendiam. Alguns leiteiros mais escolados amassavam um pouco as medidas nos fundos das vasilhas e dos lados, para diminuir a quantidade do conteúdo a ser vendido.

Morávamos, então na Rua Dr. Machado, e tínhamos, como qualquer família de Manaus, o nosso leiteiro: era o Antônio das Catraias. Seu Antônio parecia um relógio! quando batia quatro horas da tarde, ele se dirigia para o Roadway com seu branco buião às costas para esperar pacientemente o

motor do Careiro. Às sete da noite já estava vendendo o produto aos seus fregueses das ruas Ramos Ferreira, 13 de Maio, Leonardo Malcher, Tapajós e Dr. Machado. Esse trabalho de distribuição de leite se prolongava até às nove, nove e meia da noite, quando retornava à sua casa no bairro de São Raimundo. Mamãe Jovina gostava do leite que seu Antônio vendia, porque era gostoso e não continha água.

Pela manhã, ocupava-se Antônio no serviço de transportar gente em sua catraia, toda pintada de vermelho e azul, do bairro de São Raimundo para o Plano Inclinado, ao lado da Serraria Hore, do outro lado do igarapé. Quando atravessávamos para o bairro de São Raimundo em sua embarcação, seu Antônio não cobrava um vintém; quando retornávamos a Manaus, o velho leiteiro, sempre com um sorriso nos lábios, nos convidava a entrar no seu barco.

Viajou eternamente aos 92 anos de idade.

## Banhos de Igarapé

A Cidade de Manaus, pelas características que possui de uma comunidade encravada no meio da floresta e à margem de um dos maiores rios do mundo, cortada por dezenas de frondosos igarapés, possui o singular hábito dos "banhos" de igarapé, herdado dos seus ancestrais longíquos, talvez dos seus primitivos habitantes índios que têm o costume de banhar-se muitas vezes por dia nas águas dos igarapés das suas aldeias.

Embora hoje sua população conte com balneários dotados de ricos parques, com piscinas de águas tratadas, naturalmente de propriedade de sociedades privadas, não deixou o velho e talvez milenar costume de se refrescar nas águas dos igarapés, abundantes nas suas florestas e nas proximidades da cidade.

Há mais ou menos uns quarenta anos, a estrada de Flores ou João Coelho, era toda ela tomada de chácaras, cortadas desses pequenos rios a que seus proprietários chamavam e o povo ainda chama de "banhos".

Muitos desses balneários ficaram famosos pelas festas que deram, convidando ilustres personalidades que nos visitavam ou para comemorar simples efemérides afetivas de famílias ou de amigos. Um desses banhos famosos foi a "Cacilândia", de propriedade do médico Alberto Carreira da Silva. Lá se concentrava aos domingos a fina-flor da sociedade de Manaus, em festas que se prolongavam até à noite.

Dentre os banhos públicos de Manaus, um dos que alcançaram maior glória, principalmente durante a década dos 40, foi o Parque 10 de Novembro, na Estrada do Mindu, que o povo chamava Estrada do Parque 10.

Esse maravilhoso parque foi construído pelo então prefeito



Vista panorâmica da piscina do Parque 10



Igarapé do Tarumã



Um pic-nic na Cachoeira do Tarumã



Igarapé do Tarumã durante a cheia



Banhistas no Igarapé do Mindú





Dia de Festa na piscina do Parque 10 de Novembro



Raríssima foto do igarapé do Tarumã, antes da derrubada do seu magnífico bosque de altíssimas árvores.

municipal de Manaus, Antônio Maia, durante a ditadura de Getúlio Vargas, na interventoria de Álvaro Maia, irmão do prefeito.

A piscina do Parque 10 tinha mais de 100 metros de comprimento por vinte de largura e era feita com as águas represadas do igarapé do Mindú.

Ali, todos os domingos e feriados, e mesmo nos dias úteis, pois o parque era permanentemente aberto ao público, o seu imenso bosque sempre muito bem cuidado, enchia-se de gente de todos os níveis sociais que iam se refrescar, fazer piqueniques, descansar e mesmo dançar nos imensos salões do confortável pavilhão que tinha um magnífico e farto restaurante de comidas regionais.

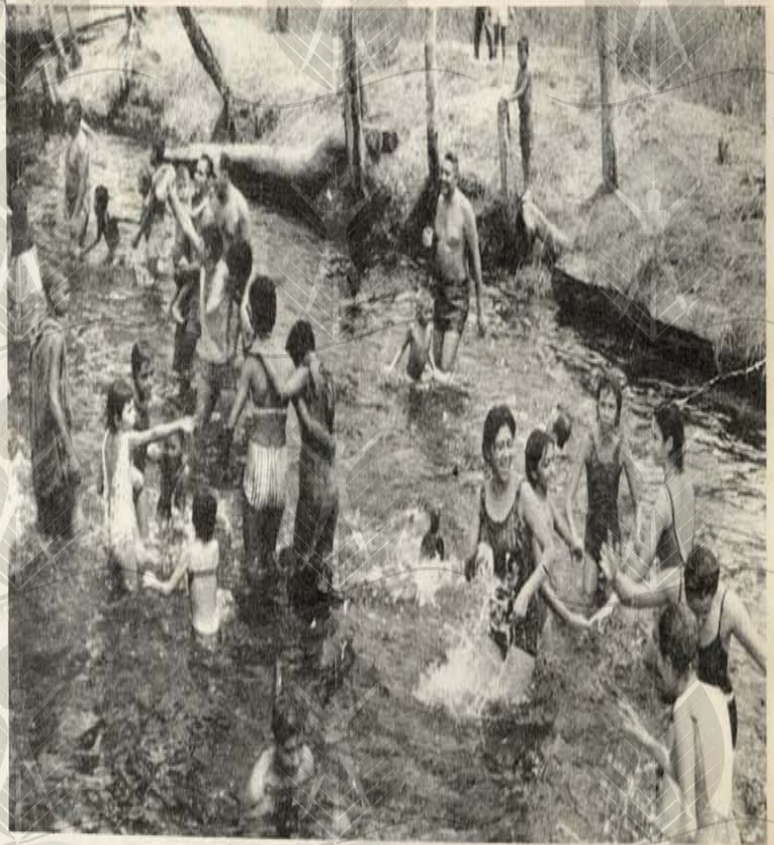
Muitas figuras ficaram famosas naquela década, frequentando aquele balneário público, entre eles o Orlandino Bancelar, que era além de um formoso atleta, campeão de natação, funcionário da Prefeitura Municipal e o único fotógrafo que documentava a presença da juventude atlética naquele famoso logradouro popular da cidade.

Havia também o Húngaro, que tinha uma oficina de curtime de couro de jacaré e fazia muitos objetos artísticos com isso, ali na Rua Saldanha Marinho, no prédio onde é hoje um hotel. Cabeludo, de compleição atlética, corpulento, agigantado, nadava durante horas e horas, dando verdadeiros shows de resistência às pessoas que assistiam aquele homem imenso nadar seguidamente, sem parar, naquela comprida piscina, como se fosse uma baleia. Certo dia, ao ler o jornal da Maria de Lourdes Archer Pinto, fiquei estarrecido ao saber que o Húngaro se suicidara com um tiro no peito.

Eu, meus irmãos Mozart, o Raimundo Magno que hoje é



As sereias da foto são as senhoritas Maria Adelaide e Maria Luiza Magalhães Cordeiro. O atleta que se vê tomando banho é o João Batista Cruz e Silva no balneário "Bem Estar", de propriedade do dr. Areolino Azevedo, grande desenhista de projetos de construção em Manaus durante muitos anos. Foto de 1943.



Um banho no igarapé do Mindú

Igarapé da Ponte da Bolívia

pintor famoso em São Paulo e o Messias, (o mais novo), não faltávamos aos domingos ao Parque 10 de Novembro. Conosco iam o Fernando Coimbra, o Canhoto, o Esbim, o Deoson Negreiros, o Lucas Pinheiro (Luquita), o Tabajara, o João Pé de Vaca, o João Louro, Orígenes Martins, Zé Peseta, Paulo Garcia, Herbert Garcia, Bianor Garcia, Ribamar, Wilson Pedroza, que a turma apelidava de Nego Zura, Pingeleta, que certo dia perdeu uma perna num dos vagões da 13 de Maio, e muitos outros. Ninguém podia mexer com nenhum de nós; a nossa turma era grande e unida (eu é que era um pouco desgarrado e sempre ficava para trás).

Um certo dia, ia pela Rua Recife caminhando em direção ao Parque 10. Quando cheguei mais ou menos em frente do Asilo de Mendicidade Dr. Thomas, fui abordado por um cara que eu não conhecia, mas que também era ginásio pois estava fardado como eu; olhando-me nos olhos, assim como quem quer brigar, disse-me agressivamente: — Onde pensas que vai? Respondi-lhe — Para o Parque 10. Tomando-me o calção, arrematou: — Ias.

Como a turma dele era muito grande e parecia também muito agressiva, resolvi ficar calado para não brigar, voltei dali mesmo para casa. Depois de algum tempo vim saber que o cara que me tomou o calção era o José Caitete da Silva Filho, de quem me tornei grande amigo anos depois.

A Ponte da Bolívia, embora com as suas águas muito mais bonitas e mais puras, naquela época era menos procurada pela população por falta absoluta de condução popular. Não havia ônibus suficiente e os que estavam trafegando não queriam



Uma família refrescando-se no Igarapé do 40 (igarapé do Crespo). Foto 1944.



Igarapé da Ponte da Bolívia



Igarapé da Cachoeira Grande no Rio Negro.



Banhistas no Igarapé do Mindú

levar ninguém Negro ali, porque a estrada não era asfaltada, de péssimas cor cheia de muitos buracos e sem nenhuma garantia. ara ali

Somente as pessoas que possuíam a sua "baratinha" ou "fubica", podiam ir até à Ponte da Bolívia, onde a água era uma verdadeira maravilha.

Famílias inteiras fugiam, aos domingos de verão, para aquele subúrbio da cidade em busca de algumas horas mais agradáveis. Ali ficavam até à noite, sem o perigo da presença de marginais, tipos completamente desconhecidos das crônicas da época.

Da mesma forma, o igarapé do Tarumã sempre foi um logradouro público de muita afluência, mesmo localizado em ponto bastante distante da cidade. Ai por volta de 1942, o igarapé do Tarumã possuía dois pavilhões de palha arredondados, sob os quais as famílias podiam se abrigar durante os piqueniques. Hoje, além de estar totalmente poluído pelas proximidades de conjuntos habitacionais recentemente construídos, o igarapé foi totalmente depredado por vândalos que não só cortaram as suas magníficas árvores que rodeavam as margens, mas retiraram com bombas todas as pedras que davam o toque de verdadeira beleza. Além de tudo isso, favelas nojentas de vendeiros localizaram-se aos montes em toda a orla da estrada que circunda o melhor trecho do pequeno rio, dando um aspecto sujo de marginalidade.

Talvez por estar muito afastado, o igarapé do Paricatuba ainda possui alguma beleza natural, mas também em breve desaparecerá totalmente.

## A Dança das Pastorinhas

As pastorinhas, dança folclórica praticada na época natalina, no período de 25 de dezembro a 6 de janeiro de cada ano, foi introduzida no Brasil pelos jesuítas, aí por volta de 1700. Utilizavam-na para o exercício da catequese, uma das finalidades da conquista portuguesa principalmente porque era totalmente representada, a teatralização do nascimento de Jesus Cristo.

Essa manifestação da cultura popular chamava-se Pastoril e acontecia à noite, logo depois das novenas solenes com as presenças obrigatórias das autoridades eclesiásticas, comerciantes ricos, políticos importantes e também do povo.

Somente moças de famílias importantes e de grande destaque na sociedade tomavam parte nos Pastoris, cujas personagens eram interpretadas somente por mulheres.

Os Pastoris eram sempre dirigidos pelos padres jesuítas que mantinham vivas as tradições, manifestações religiosas populares. Os autos dos pastoris eram severamente ensaiados pelos padres, que repetiam todos os anos na mesma data e com as mesmas características. Totalmente inspirado nos autos da natividade e nos vilancicos portugueses, o Pastoril era realizado na frente de um presépio todo construído em madeira e muito bem ornamentado com fitas coloridas, flores de papel em profusão, tendo ao lado lampêões de óleo para iluminar a manjedoura, onde ficava a imagem do menino Jesus.

À frente da Igreja Matriz, na praça principal da cidade, armava-se uma espécie de palco, à uma certa altura do solo, de maneira que autoridades e povo pudessem assistir à festa para celebrar o nascimento de Jesus Cristo Menino.

A Dança do Pastoril realizava-se da seguinte maneira: ao fundo, o presépio, peça principal, armado sobre o altar de mais ou menos 1,20m de altura do solo; as pastoras distribuídas em duas alas comandadas por uma mestra e contra-mestra cantavam e dançavam exaltando o Menino Jesus. As Jornadas que se constituíam de cenas diferentes, constavam de cânticos diversos, declarações em grupos ou simplesmente de solo e louvações a Cristo e a Nossa Senhora.

Uma pequena bandinha acompanha os cânticos. As melodias dos primeiros pastoris brasileiros não eram de caráter folclórico, mas hinos religiosos adaptados para as exibições públicas. Com o tempo, os instrumentos foram sendo substituídos por outros de origem eminentemente popular e as melodias, antes religiosas, deram lugar às profanas. Os vilancicos, canções de pastores da península ibérica, passavam a designar as pequeninas peças teatrais populares, muito concorridas, cujo tema principal era o nascimento da Menino Jesus. Os vilancicos tiveram o seu desenvolvimento máximo entre os séculos XV e XVIII, período em que os compositores portugueses e espanhóis criaram peças de extrema beleza, ocasião em que passaram definitivamente para as apresentações chamadas pastoris, também conhecidas como cantatas de Natal, com solistas, recitativos, coros, interlúdios, etc...

Atualmente, no Brasil, principalmente em Manaus, os



A bandinha que acompanha as apresentações das pastorinhas "Filhas de Maria" da Rua Major Gabriel. Um pequeno tambor, um cavaquinho e um triângulo. Esses componentes da bandinha são

parentes da ensaiadora e proprietária das pastorinhas. Foto do autor — 1969.



Uma das borboletas das pastorinhas "Filhas de Maria" da Rua Major Gabriel. Foto do autor 1969.



A Contra-mestra em plena evolução. Foto do autor — 1969.

pastoris que são denominados de pastorinhas constituem-se de duas filas paralelas de moças, dirigidas por duas chefes denominadas de mestra e contra-mestra. A mestra vestida de vermelho, e a contra-mestra, de azul. A pastorinha é acompanhada de uma bandinha composta de um violão, um caquinho, um pandeiro, um bombo e um clarinete. As moças portam pandeiros muito primitivos, só com o aro e totalmente enfeitados de rosas e fitas coloridas e pequenos discos de flandres, geralmente confeccionados de cápsulas de metal (de cerveja ou guaraná), que balançados produzem um ruído característico. As pastoras ou pastorinhas propriamente ditas são compostas de 27 figuras ou filhas de Maria, que são assim denominadas: Pastor Guia, Pastor Divino, Mestra, Contra-Mestra, Diana, Borboleta, Portuguesa, Espanhola, Baiana, Sabina, Galego, Galega, Cefeiro, Gentileza, Rosa, Açucena, Flora, Florista, Libertina, Perdida, Samaritana, Jardineira, Jardineiro, Pequena, Cigana, Caçador, Papai Noel e a ensaísta que supervisiona o desempenho das pastorinhas, organiza a festa e prepara a saída e a entrada de cada brincante.

O primeiro personagem a entrar no palco é o Pastor Guia, que inicia a festa cantando: "Sou Pastor Guia, alegre venho, acordo cedo e vou para a campina, eu vou juntar o meu lindo rebanho, que é dos maiores, os mais pequeninos, sou eu o Pastor Guia, que venho anunciar, eu trago as minhas ovelinhas que e para elas não se debandar".

Em certas regiões brasileiras como no interior de Minas Gerais e Nordeste, muito ricas em manifestações folclóricas, as pastorinhas caracterizam-se pelas suas belíssimas louvações seguidas de jornadas com leilões de flores, leitura de mãos, prendas, diversas, cânticos de despedida e os agradecimentos. Nesses lugares, a brincadeira das pastorinhas começa no dia 24 de dezembro e se prolonga até meados de janeiro quando termina com grandes festas e queima da lapinha.

A parte mais engraçada do auto das pastorinhas, é quando entrava a cigana vendendo flores por entre a multidão de pessoas que se amontoavam na frente do palco na hora da apresentação, geralmente constituída de gente jovem. A cigana, que sempre se aproximava de um rapaz, oferecia flores com versos engraçados: "Quem é de dentro, é de dentro, quem é de fora, é de fora, quem não tiver dinheiro vai logo dando o fora" e dirigindo-se a um determinado rapaz canta assim: "Uma esmola eu vos peço para o Menino Deus, que é chegada a hora de cumprir nossa missão". Respondem as outras pastoras: "Atendei a cigana que pede a vossa proteção, não negueis uma esmola dada de vosso coração". É nesse momento que ocorre a debandada geral dos rapazes que não portavam dinheiro. Para não passar vergonha, pois não atendiam ao pedido da cigana, se escafediam sem deixar nem o rastro, sob as vaias das moças que enchiam o local.

A Cigana era geralmente interpretada por uma moça muito bonita e comunicativa, desenvolta, que sabia dirigir-se sem acanhamento às pessoas para ler a mão ou vender flores. Era escolhida por votação das demais.

Nas antigas pastorinhas de Manaus, o êxito das brincadeiras dependia quase que exclusivamente das ciganas que dinamizavam a festa lendo as mãos dos senhores visitantes,



Grupo de brincantes das pastorinhas "Filhas de Maria" da Rua Major da Rua Major Gabriel. Foto do autor, 1969.

aparentemente endinheirados ou de rapazes também nas mesmas condições.

Quando se aproximava a época natalina, aí por volta de 1940, nos bairros da Cacheirinha, Educandos, Praça 14, Boulevard Amazonas, Tocos, e mesmo em pleno centro da cidade, como no Luso Esporte Clube, começavam os ensaios sempre à noite, os quais se prolongavam até às nove ou dez horas, isto é vinte e uma ou vinte e duas horas e terminavam sempre num bailarico.

As pastorinhas das Palmeiras, no Bairro da Praça 14 de Janeiro, ficaram famosas pela afluência de jovens que iam assistir às exibições, desde os ensaios até às danças oficiais, que começavam exatamente na noite de 24 de dezembro.

Quando terminava a brincadeira das pastorinhas, começava o arraial em frente do tablado, com todas as diversões da época, jogos, pescarias, tacacá, doces, gengibirra, aluá e danças que iam até alta madrugada. Muitas pastorinhas ficaram famosas, algumas existiram até pouco tempo como as "Filhas de Maria"; "Filhas de Belém"; "Samaritanas"; "Pastoras de Belém" e as "Pastorinhas do Luso", cujo personagem principal era o meu amigo João Diabo, sócio de uma "fubica" com outro português, que moravam na Rua Leonardo Malcher, que ficou famoso em Manaus com a sua caracterização fazendo durante muitos anos o papel de Diabo do Luso. Era o



O autor segurando a Coroa do Divino, tendo ao seu lado esquerdo os promotores das pastorinhas "Filhas de Maria" cuja sede fica na Rua Major Gabriel — 1969.



Pastorinhas "Filhas de Maria", na Rua Major Gabriel. Foto do autor, 1969.

diabo que durante as apresentações surgia do chão numa explosão de fogo e cheiro de enxofre que estarcia toda a meninada. Durante a quadra natalina havia várias funções durante o dia, com a casa sempre cheia de gente mais para ver esse personagem que mesmo para assistir à Pastorinha.

Quando todas as pastoras cantavam o hino de despedida, a rapaziada batia palmas e gritava aleluias e louvores pelo término da brincadeira. Era lindo o coro das pastoras na hora da

despedida quando cantavam assim: "As filhas de Maria já se vão embora, alegres e contentes ao romper da aurora; sempre contentes são filhas de Maria, resplandescentes, nós somos as filhas de Maria, as filhas de Maria já se vão embora, já não podem demorar, elas vão colher as rosas para Deus nos ofertar". Adeus menino, adeus meu amor, até amanhã ao romper da aurora, estrela do céu, guia-me neste mundo, encantar as filhas de Maria vão deixar o Redentor. Adeus senhores, adeus

senhoras, até amanhã ao romper da aurora, até amanhã ao romper da aurora".

E saíam evoluindo pelo salão do palco. Depois de algumas voltas, sempre cantando, as pastoras iam desaparecendo no fundo do palco por trás do presépio ecológico que tinha canoas, batelões, pescadores, carregadores de castanha, seringueiros, etc...

## No Tempo dos Cavalos

Houve uma época em Manaus de dois únicos tipos de condução: o bonde e o cavalo. Havia também alguns automóveis, que rodavam pela cidade causando admiração aos olhos de uma população ainda muito pequena e tranquila, mas não eram de transporte do povo.

O fino era mesmo andar a pé ou a cavalo, que estava em todas, com todos e para todos os fins. O cavalo era a grande força de tração e atração.

O bonde era a condução mais popular, único coletivo que havia e que tinha itinerário imutável sobre trilhos de aço fixados sobre dormentes de madeira que cortavam certas ruas de Manaus. O Fábrica de Cerveja, o Bilhares, o Saudade, o Remédios, o Avenida Circular, o Entroncamento, Flores, Cachoeirinha, eram populares. O cavalo, além de andar em qualquer buraco, parava em qualquer lugar, e em todos os bêcos e vielas da cidade, e a sua manutenção era barata. Era tão importante na vida diária da cidade que, em torno dele, havia várias profissões, com operários especializados em oficinas espalhadas em todos os pontos da cidade e com muitos artífices trabalhando intensamente no ofício para satisfazer as necessidades permanentes dessas alimárias. Entre as profissões satélites mais importantes ligadas ao cavalo, destacava-se a do carroceiro, isto é do construtor de carroças, aquele que fazia o veículo, com suas duas imensas rodas de madeira, e o entregava ao cocheiro, que era realmente o proprietário, o homem que conduzia a carroça e que ganhava dinheiro com o seu trabalho. Depois vinha a dos corrieiros, que eram os profissionais portugueses que faziam os arreios, as selas, as rédeas e toda parafernália a confeccionada em couro de boi, colocada sobre o animal para segurar o veículo que deveria puxar, ou para selas de cavaleiro também bastante usadas naquela época.

Houve muitas oficinas construtoras de carroças de rodas de madeira em Manaus, entre elas uma que ficava na Rua Barroso, proximidades da Rua Saldanha Marinho, e outra na esquina das ruas Silva Ramos com a Ferreira Pena. A última oficina que construiu carroças em Manaus pertenceu a um senhor apelidado de "Faisca", português que veio para Manaus muito jovem, já trazendo essa profissão de carroceiro de sua terra em além-mar.

A oficina do "Faisca" ficava na Rua Saldanha Marinho nº. 656, na altura onde desemboca a Rua Costa Azevedo, isto é, bem em frente. Ali foram construídas muitas carroças que rodaram por muitos anos as ruas da cidade e ajudaram na sua construção, desde os paralelepípedos para o seu revestimento, conduzindo pedras, areia, cal, cimento, madeira, barro, palha, telhas tipo marseilha, telhas de canal, e o próprio progresso que depois a eliminou. Era o veículo-mater da cidade, sem a qual ela não se desenvolveria.

Os proprietários dessas carroças eram todos portugueses, que para cá vieram tentar a vida no serviço de carreto. Muitos enriqueceram e tornaram-se grandes proprietários de estân-



Grupo de operários da fábrica de carroças de propriedade do "Faisca" na Rua Saldanha Marinho com a Costa Azevedo.

cias residências; outros continuaram pobres até morrer. O cocheiro Horácio de Souza Braz, que instalou a sua cocheira na Av. João Coelho, mais ou menos em frente onde está instalado o edifício das Casas da Banha, possuía 10 carroças; ainda vive com mais de oitenta anos, lúcido, internado no Asilo Dr. Thomas, na Vila Municipal.

Paralelamente ao carroceiro, a profissão de corrieiros era de extrema importância para quem tinha cavalo. Corrieiro era justamente o artífice que fabricava os arreios de couro de boi, seja para um cavaleiro elegante, que passeava ereto sobre seu animal aos domingos pelas ruas principais de Manaus, exibindo o seu visual, ou para um carroceiro, ou melhor para um cocheiro que puxava suado e pachorrontamente o seu veículo, com muito peso de mercadoria de várias qualidades, muitas vezes empurrando juntamente com o animal a carroça

em ladeiras íngremes e cheias de buracos.

Havia muitos oficiais experimentados que trabalhavam em sua própria casa, onde mantinham a oficina artesanal, sem entretanto ter porta aberta ao público. Esses portugueses eram procurados para encomendas de acordo com o gosto de cada um, até para selas caríssimas, cravejadas de botões dourados e com desenhos expressivos feitos a bico de fogo pelos exímios artesãos.

A única casa comercial em Manaus que vendia, conservava, exportava para o interior e fabricava arreios, estava instalada à Rua Barroso, entre as ruas Henrique Martins e 24 de Maio, lado direito de quem se dirige ao Teatro Amazonas, em frente a um edifício onde está funcionando uma agência do BEA. Essa casa trabalhou até mais ou menos 1953.

Paralelamente aos construtores de carroças e aos corrieiros, figuravam os ferradores de animais. Eram homens





Carroças de todos os tipos foram construídas na oficina do "Falso" na Rua Saldanha Marinho com a Costa Azevedo.

muito hábeis na colocação de ferraduras, fixadas com cravos de ferro cujas pontas, depois de introduzidas nos cascos, tinham as extremidades dobradas sobre as patas. Os ferradores tinham um jeito muito especial no exercício da profissão. Dobravam a pata do quadrúpede para trás, escoravam-na sobre um dos joelhos e procediam a fixação da ferradura, com o auxílio de um martelo, pregando-a com pequenos cravos de ferro importados de São Paulo.

As ferraduras eram feitas em oficinas de ferreiros, instaladas em pequenos ambientes. As ferramentas eram construídas apenas de uma forja, uma bigorna, marretas, um pegador de ferro em brasa de forja e alguns outros pequenos instrumentos indispensáveis ao auxílio desse trabalho artesanal. Como era grande a população de cavalos, burros e jumentos na cidade, os ferreiros sempre faziam dúzias de ferraduras para os proprietários de animais.

Os maiores proprietários de quadrúpedes em Manaus

eram o 27º. Batalhão de Caçadores (27º BC), cuja cocheira ficava instalada na Invernada, no fim da Rua Coronel Salgado, limitando-se com um dos braços do igarapé de São Raimundo. Ali eram tratados dezenas de cavalos, burros e jumentos de propriedade do Ministério da Guerra, para servirem aos oficiais e puxarem as carroças e vários outros instrumentos e armas de guerra do batalhão. O 27º. BC tinha os seus tratadores, ferradores e ferreiros que fabricavam as ferraduras para sua manada. Muitos soldados que aprenderam a tratar de cavalos ali, ao completar o serviço militar, tinham uma profissão certa para ganhar a vida, trabalhando como ferreiro, ferrador e tratador de cavalos. Muitos ingressavam logo depois no Batalhão da Polícia Militar do Amazonas, cuja estrebaria ficava à Rua Dr. Machado, trecho com a Rua Tefé, onde está construído hoje o quartel da Rádio Patrulha.

A Polícia Militar possuía mais de uma centena de animais no seu Batalhão de Cavalaria, que muito orgulheceu aquela

tradicional corporação durante longos anos, mantendo a disciplina da cidade depois das 21 horas. O trotar dos cascos dos cavalos da Cavalaria da Polícia Militar de Manaus era um som conhecido da população e uma segurança para a cidade.

Fazia gosto a gente ver elegantes soldados montados em seus cavalos muito bem tratados, pelos reluzentes, sela bem cuidada, engraxada, perneiras negras brilhantes, farda engomada, e, ao lado, pronta para ser desembainhada a qualquer momento a espada, símbolo do respeito às leis e segurança pública, numa época em que não havia crimes e o único trabalho da polícia era manter a cidade livre dos bagunceiros e bebedores.

O Parque Amazonense era, todas as tardes de domingo, um lugar de concentração de cavalos de raça. Ali, na curva da Rua Belém, havia as concorridas disputas dos páreos que levavam para o Parque as mais elegantes jovens da sociedade de Manaus, onde iam torcer pelo seu campeão.

Ai por volta de 1935 ainda havia muitos ingleses em Manaus, apesar da borracha não oferecer mais lucros e estar caindo cada vez mais de preço.

Sua permanência aqui devia-se, creio, ao fato de estarem encerrando suas atividades comerciais.

Muitos foram os criadores ingleses que importaram puros sangue da Argentina, e mesmo de Londres, fazendo com que, aqui, se desenvolvesse uma certa técnica no tratamento de cavalos de raça.

Entretanto, o preço sempre mais baixo da borracha no mercado internacional, determinou o desinteresse dos ingleses pela cidade, a sua conseqüente saída da capital e o fechamento de muitas firmas comerciais que mantinham negócios com empresas importadoras, principalmente da Inglaterra. Foi o fim do Jôquei Clube de Manaus e do interesse britânico no Amazonas.

Alguns cavalos de corrida foram adquiridos por cocheiros lusitanos e terminaram seus dias puxando carroças nas ruas da cidade. A grande massa de cavalos proletários, entretanto, era a dos carvoeiros que somava mais de mil animais e era a ocupação mais importante que existia na época, pois era ele o responsável pela distribuição diária do combustível indispensável à cozinha do amazonense, que era o carvão vegetal. Todas as profissões satélites ligadas ao cavalo serviam principalmente aos carvoeiros que significavam a maioria absoluta — o sangue da cidade, e estavam em todos os lugares ao mesmo tempo.

A proliferação das dezenas de extensas hortas cultivadas pelos portugueses, deve-se, principalmente, à fartura e ao preço barato de estrume que havia na época. Todos os proprietários de animais possuíam uma estrebaria que produzia permanentemente forte adubo que, depois de algum tempo, era vendido por um preço baratíssimo. O estrume produzido pelos animais sobre o capim do chão da estrebaria era o único fertilizante usado na época, para todo o tipo de verdura.

Muitos carroceiros faziam o transporte de estrume, de preferência depois do almoço, ou à noite, quando o movimento era muito pequeno na cidade. Andavam sempre com uma montanha de estrume, cujo cheiro, invadia todo o ambiente. Esse material era guardado em depósito especial numa área da horta, de onde era retirado à medida que ia sendo utilizado na construção de novos canteiros.

## Os Tamanqueiros

Mesmo havendo muitas sapatarias espalhadas por todo o centro elegante de Manaus, não faltavam em qualquer esquina de rua, tabernas, lojas de quinquilharias, quitandas, lojinhas de turco, ou em qualquer quarto do mercado Adolfo Lisboa, o popular tamanco.

O tamanco era um tipo de calçado feito em uma só peça de madeira leve com "rosto" de couro, muito simples, com uma forma característica padronizada, diferenciados apenas o tamanho e a cor do rosto. O barulho produzido pelo tamanco quando a pessoa andava, era muito conhecido de toda a população de Manaus.

Pelas madrugadas ouvia-se a chegada do padeiro, do leiteiro, a passagem de trabalhadores que se dirigiam para suas lidas, de pessoas que iam ao mercado fazer suas compras diárias, pelo matracar dos tamancos atritando contra os paralelepípedos ou as peças de mármore de cantaria portuguesa, que revestiam quase todas as calçadas do centro urbano da capital. Uns faziam tanto barulho ao andar que incomodavam os ouvidos das pessoas.

Esse calçado proletário era quase todo produzido por moradores dos bairros de Manaus, como o da Praça 14 de Janeiro, de Educandos, de São Raimundo, Matinha, Cachoeirinha, onde moravam os melhores tamanqueiros de Manaus. Não havia fábricas especializadas em fabricação de tamancos. O rosto, isto é, a parte de couro que ficava no lado superior, era adquirido em certas sapatarias de Manaus, que fabricavam e vendiam aos artesãos, às dúzias. Um deles era a "Tamancaria Veado Branco", que se situava na Rua dos Barés nº. 20, próximo à Casa Chama, depois se mudou para a Marquês de Santa Cruz, e em seguida para a esquina da Rua Guilherme Moreira na Praça Tenreiro Aranha, onde havia além da fábrica, uma loja que vendia todas as qualidades de tamancos e chinelos. Como era a casa mais conhecida desse tipo popular de calçados, era aí que os mais famosos tamanqueiros compravam mais barato os rostos com que produziam esse artesanato. Seu proprietário era um italiano alto, forte, o Pasquale Figliolo, que veio para o Brasil ainda muito jovem, aqui fundando numerosa família. Pasquale foi naturalizado pela grande lei que considerou brasileiro todos os estrangeiros residentes no Brasil até aquela data — 1890.

Nas ruas Marquês de Santa Cruz, Barão de São Domingos, Miranda Leão e Tabelião Lessa, muitas lojas de venda a retalho também exportavam para o interior do Estado esse interessante calçado tornando-se conhecidos os comerciantes Antônio Mota, Antônio Dias, Bady Mussa Dib, Kemal





Munneyme, Abraham Monassa, Simão Luiz e João Mattias, além de muitos outros cujas portas já foram fechadas há algumas décadas.

Naqueles anos 30, um par de tamancos custava dois mil réis, e vinha preso por uma fita de couro atada com dois preguinhos, um de cada lado que o povo denominava de "berimbela".

O tamanco era o sapato do pobre, durava muito tempo, mesmo usado intensamente. Algumas pessoas o usavam tanto que, de tão gasto pelo uso, os calcanhares ficaram de fora da planta.

Muitas vezes eu tive de esconder todos os tamancos da vista de minha mãe enfurecida, que os procurava em vão para dar bolos à guisa de palmatória. Dar bolos com tamancos na bunda dos moleques era um costume generalizado em Manaus, quando não se achava a palmatória, que era sem dúvida extraviada pelos próprios, seus possíveis clientes e inimigos declarados.

O tamanco constituía naquele tempo uma arma terrível, principalmente para as mulheres brigonas e valentes, que não titubeavam em arrancá-los dos pés para investir com eles em punho sobre as cabeças dos contedores. As quinas dos tamancos cortavam como navalhas afiadas, por isso eram temidos em brigas de dois ou pior — generalizadas.

Em 1935, nas imediações do mercado do peixe, frente do grande pavilhão à Rua dos Barés, houve uma violenta briga de mulheres de peixeiros. Correu muito sangue naquela chuvosa manhã de fevereiro. Muitas cabeças quebradas por violentas tamancadas emergiram de dentro da multidão de briguentos.

Esse fato ficou conhecido em Manaus como "a manhã das tamancadas", que envolveu muita gente terminando na Chefatura de Polícia, na antiga Rua Marechal Deodoro.

O tamanco deu muita história e muita piada. Uma delas aliás muito antiga e que chegou até os nossos dias, é a seguinte: Um oficial português, visitando Manaus, verificou que o povo usava um calçado que fazia um barulho muito bonito e engraçado, e que, usado por um exército em marcha, seria uma sinfonia, tal a música produzida pelo movimento em contato com o piso de pedra.

Levou a idéia para o Governo lusitano que, de imediato aprovou e a adotou. Sem perda de tempo, os emissários delegado s vieram a Manaus e mandaram fabricar milhares de pares de tamancos, que levaram orgulhosamente para Portugal para utilização do famoso exército. Depois de algum tempo ficaram decepcionados, pois os soldados levavam uma hora para andar vinte metros. Informados, telegrafaram para Manaus relatando ao fabricante e vendedor a razão da reclamação. Simplesmente tiveram como resposta o seguinte telegrama: "Retirem a berimbela".



Vendedor de doces e refrigerios do Bairro do Rio Negro Manaus 1981



Morimo vendedor de banana assada Praça da Maliz 1981



## Os Vendedores Ambulantes

A cidade vai tomando uma forma diferente sob todos os aspectos: urbano, psicológico, sentimental e sobretudo humano. Onde os sorveteiros ambulantes com suas caixas em forma de cone truncado vendendo sorvetes de várias frutas num só recipiente dividido internamente por paredes estanhas? Onde os puxapuxeiros, com suas latas de biscoitos cheinhas de puxa-puxa com o gosto de maracujá leite, côco, mangarataia, cupuaçu, e o gostoso jenipapo? Garotos heróis que se postavam pacientemente nos portões dos estádios do Parque Amazonense e campo do Luso, à espera dos fregueses certos,



Vendedor de abacaxi

Moacir Andrade  
81



Vendedor do Açaí  
Moacir Andrade  
1976



Homem vendedor  
de cosalho.  
1964



Feira de rua  
em Manaus.

Feira de rua  
Manaus 1976

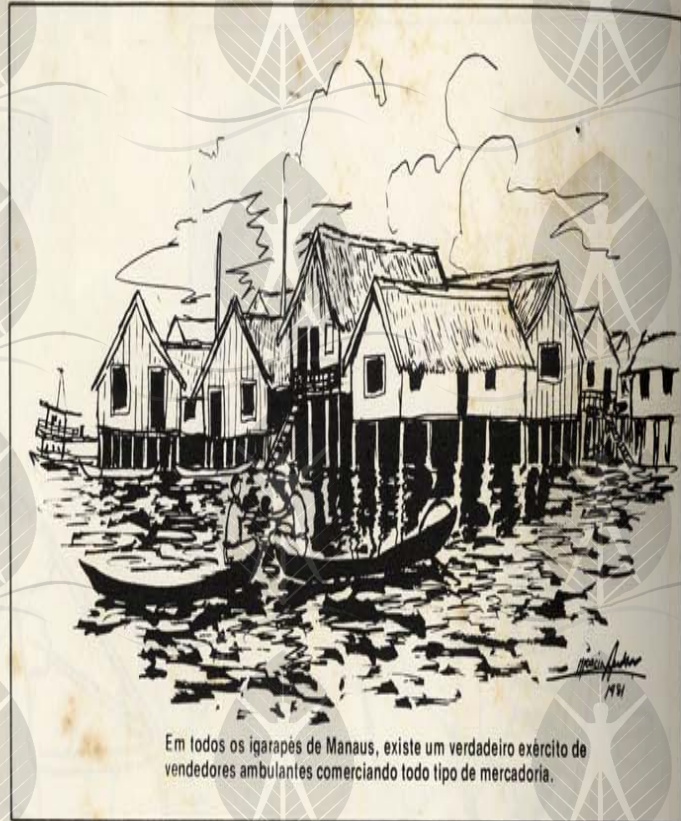


Homem vendedor de cosalho  
Moacir Andrade  
1981

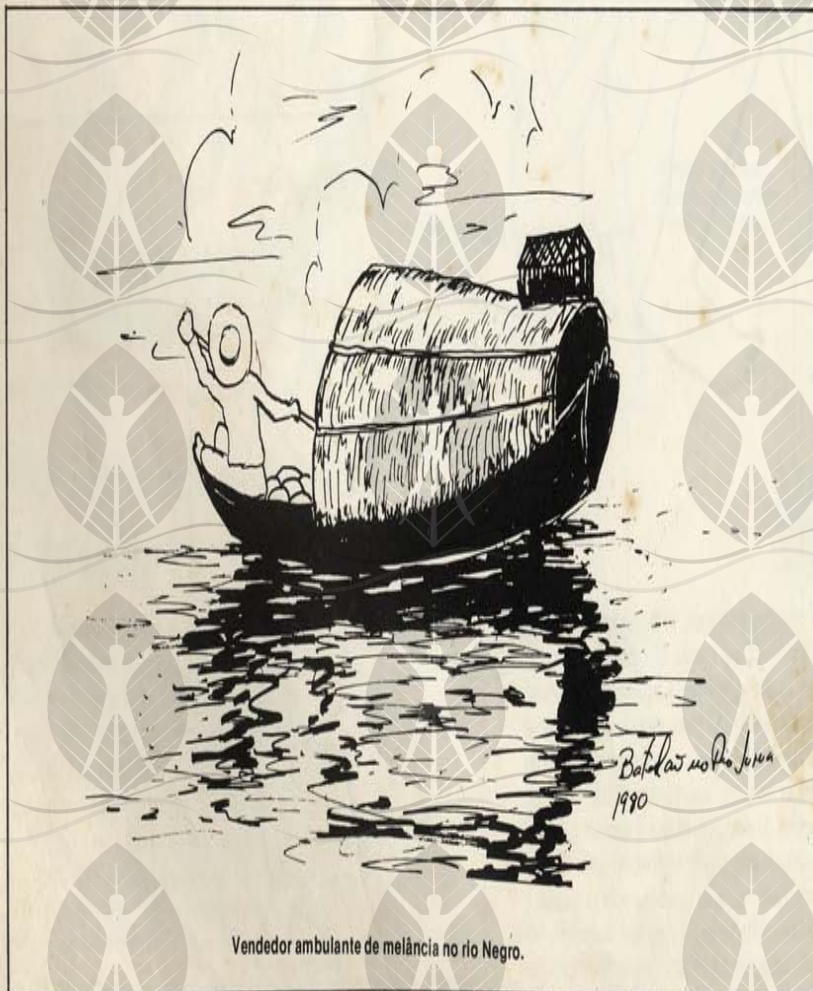
ou nos portões dos colégios públicos, principalmente no Ginásio Amazonense Pedro II ou Escola Normal que naquele tempo funcionava no quartel da Polícia Militar ou nas ruas, praças, becos e vielas da cidade. As puxa-puxa eram enroladas em papel de cores diferentes, cada cor significava um gosto de fruta. Cada puxa-puxa custava um tostão, tinha mais ou menos vinte centímetros de comprimento e a grossura de um dedo da pessoa adulta. Havia puxapuxeiros famosos não só pelo sabor da sua mercadoria, mas também pelo tamanho e volume de cada unidade. Um deles, o Antonio Baipendí, era preferido da garotada, que vendia muito e dava bombons aos



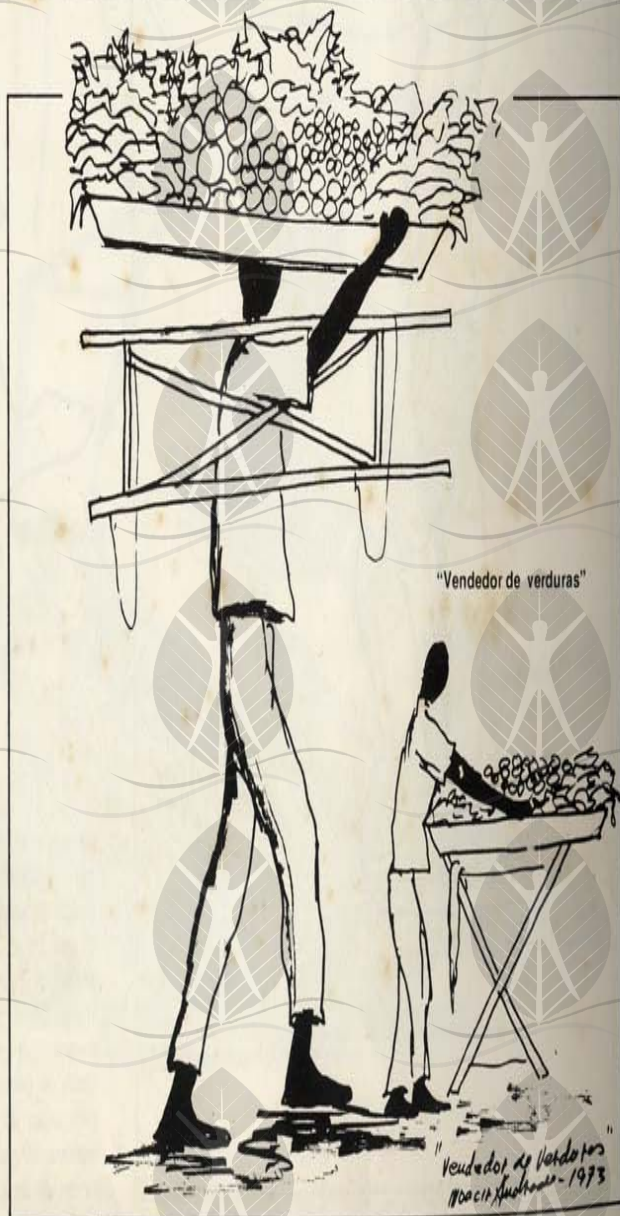
O vendedor de abacaxi é uma das figuras mais populares do Amazonas.



Em todos os igarapés de Manaus, existe um verdadeiro exército de vendedores ambulantes comerciando todo tipo de mercadoria.



Vendedor ambulante de melância no rio Negro.



"Vendedor de verduras"

"Vendedor de verduras Moacir Andrade - 1973"



"O vendedor de Açaí"  
Moacir Andrade  
Manaus - Amazonas  
1992

"O vendedor de açaí".



Carroça de gelo.



Vendedor ambulantes de carvão vegetal.



O mludeiro



que compravam mais de uma. As carroças de refrescos, que o povo chamava de garapeiras, postadas nas muitas esquinas da velha Manaus, desprendiam seu cheiro acre de frutas, com uma caixa de doces numa das extremidades da mesa, recoberta com uma chapa de alumínio permanentemente limpa pelo vendedor de garapa, também imaculadamente limpo com seu indefectível avental e um gorro também branco. As garapeiras vendiam refresco de muitas frutas que eram anunciadas pelas cascas devidamente penduradas sob a cobertura côncava do carrinho. Cada copo custava um tostão que era devidamente acompanhado de um mata-fome, também pelo mesmo preço, valia por uma refeição depois de uma matinê no velho cine Guarany, após um gostoso filme de baug-bang pelo maior astro americano da época — o famoso Buck Jones, que fazia a garotada gritar nas galerias apinhadas do cinema durante as perseguições que o "artista fazia aos bandidos, montando em seu magnífico cavalo branco.

Após uma merenda suculenta de garapa e um bom pedaço de mata-fome, os garotos ainda com oitocentos réis no bolso, troco de dez tostões, montavam felizes e sorridentes, como verdadeiros milionários, nos bancos traseiros dos bondes Caçoierinha-Circular e davam uma belíssima volta na cidade até

à estação dos bondes que ficava onde é hoje uma área doada por um prefeito à administração do porto de Manaus. Ali, naquela imensa praça, muito bem arborizada, a mocidade se reunia e fazia seus passeios pelo cais do porto depois das 16:00 horas, ocasião em que ficava apinhada de gente de todas as categorias e idades, e vendedores de baldes, cascalho, anunciando o produto, com seu triângulo de aço cujo som era produzido com o atrito de um pedacinho de ferro, som que os garotos gostavam de ouvir, puxa-puxa, pirulito, cataventos e um mundo de guloseimas que o tempo levou para longe do nosso apetite de jovens acostumados às comidas domésticas.

Um ou outro carro desfilava pela Avenida Eduardo Ribeiro, levando um figurão que não se misturava com o povo que enchia os bondes, nos saudosos passeios domingueiros, numa policromia de perfumes, rosas e muitas fitas nos cabelos cheirosos das donzelas, que sempre ocupavam os primeiros bancos e os que ficavam na extremidade dos bondes. Mas, como tudo passa nesse mundo de Deus, essa época também desapareceu, deixando apenas lembranças, vagas cenas que ficaram indelevelmente pintados com as cores fortes do sentimento no nosso subconsciente, que procuramos com algum esforço, materializar nas páginas silenciosas dos livros.







Caixa de sorvete de sorveteiro ambulante.

## Os Sorveteiros

Muitos dos produtos consumidos em Manaus dependiam, quase que exclusivamente, da Fábrica de Gelo Miranda Corrêa, entre eles o sorvete.

O fato de ser uma cidade de temperatura elevada e úmida, a população experimentava momentos de refrigério ao saborear seus sorvetes de frutas tão ao gosto quanto necessários nas nossas tardes quentes de verão. Naquela época não havia os frigoríficos modernos, produzindo grandes quantidades de sorvetes em poucos minutos, para uma população ávida de algo gelado e saboroso. Os sorvetes eram produzidos a duras penas por processo manual e somente os portugueses e nativos valentes dedicavam-se à produção e venda desse produto, cujas caixas pesadas transportavam sobre a cabeça por horas e horas sofridas, pelas ruas, praças, becos e vielas da cidade.

Pelas manhãs, muito cedo, os sorveteiros, às dezenas, dirigiam-se com suas sorveteiras rumo à Fábrica de Gelo Miranda Corrêa, no plano inclinado, onde adquiriam meia pedra. Conseguiram a água filtrada na Fábrica, com a qual preparavam o refresco de frutas, misturado ao açúcar, alguns usavam até corantes. Em seguida, nas proximidades da própria fábrica, quebravam o gelo em pedacinhos, misturavam com sal para conservar, e enchiam os pequenos depósitos de madeira em forma de cone truncado em volta de um outro, no centro, onde continha o refresco de fruta. Depois de bem condicionado o depósito do sorvete fixado no centro da pequena tina, com uma manivela de ferro adaptada a uma engrenagem, rodavam-nos à medida que manejavam em sentido circular. Esse trabalho durava mais de uma hora ininterruptamente, quando o sorvete chegava ao "ponto".

Logo após retirar o sorvete pronto e posto noutro recipien-



Vendedor de sorvete

te, repetia-se a operação agora com sabor de outra fruta. Alguns sorveteiros vendiam sorvetes de três sabores, isto é, de três qualidades de frutas, que eram condicionados em depósitos estanques tripartidos, bem parecidos com as "máquinas" que os fabricava.

Havia muitos vendedores ambulantes de sorvete nessa bela cidade de Manaus, algumas figuras populares como o João Português, cuja sorveteria era toda decorada com motivos portugueses e tinha a bandeira lusa pintada na sua fachada; o Firmino Pançudo, muito gordo e bonachão que dizia versos e agradava a garotada com uma palhetada de "quebra" em cada sorvete comprado. O Pascoal, que tinha uma buzina de uma sonoridade diferente dos demais e que inventou uma sorveteria montada num carrinho de três rodas de bicicleta, pedalada por ele mesmo. Com isso ficou conhecido em toda cidade. O Pascoal, algum tempo depois, recebeu um tiro na

mão esquerda que o impediu definitivamente de montar no seu triciclo.

Cada vendedor tinha um pequeno medidor de cobre, com uns quinze centímetros em forma retangular que regulava a quantidade de sorvete a vender em dois tamanhos.

— Pequeno ou grande? perguntava o sorveteiro ao comprador. De acordo com a resposta, ele apertava a mola da pequena medida para baixo, colocava um cascalho também de forma retangular, logo após o sorvete e outro cascalho. Afrouxando a mola, o pequeno sólido emergia dentro da forma e era entregue ao freguês que o consumia sofregamente. Havia poucos bares na cidade, que vendiam sorvete aos vendedores ambulantes, entre eles a "Pérola da China", na Joaquim Nabuco, esquina com a Rua dos Andradas, e a "Mimosa", na Praça Oswaldo Cruz, ambos desaparecidos.

## Os Vimeiros

Manaus de ontem também sabia construir o seu conforto de acordo com o clima quente e úmido. Naquele tempo não se falava em ecologia, nem se conheciam termos como ecossistema, fotossíntese, poluição sonora, poluição ambiental, etc. O povo conhecia perfeitamente o que era uma arejada varanda, uma tranquila sesta, uma madorna numa rede e, principalmente, uma gostosa cadeira de balanço de vime à porta de casa, depois do jantar.

Era um costume regional generalizado as famílias colocarem as cadeiras em roda nas portas de suas casas, depois de um lauto jantar de curimatã ou tucunaré, enquanto as crianças no meio da rua brincavam de roda, de chicote queimado ou mesmo de macaca na calçada, marcando o quadrado onde deveria pular, com sua "patela" de casca de banana que, depois de bem batida, jogavam e, onde caía, ficava.

Muitas visitas eram recebidas à porta das casas em grandes rodas com cadeiras de vime, regadas a refresco de cupuaçu e seladas com o gelo do Miranda Corrêa, cujas conversas prolongavam-se até altas horas da noite.

O hábito de cadeiras de vime foi introduzido aqui pelos ingleses, que trouxeram alguns exemplares confeccionados em junco, e depois copiados pelo artesão caboclo que se especializara na sua fabricação.

Em 1925, três alemães, com a finalidade de realizarem pesquisas sobre cipós para fabricação de móveis, vieram para Manaus e montaram uma fábrica de vime num grande barracão onde é hoje o Colégio N. S. Maria Auxiliadora. Quando

esses profissionais viajaram para Belém em 1929, deixaram grandes artefices na confecção de móveis de vime, principalmente cadeiras de balanço, sofás, poltronas e mesas de centro.

A moda de cadeiras de vime pegou de tal maneira, que todos os hotéis, bares, restaurantes, cassinos e residências particulares utilizavam esse tipo de material para suas salas e varandas.

Os maiores clientes dos fabricantes de móveis de vime em Manaus foram: "A Bolsa Universal", em que havia uma larga calçada que rodeava todo o bar; "A Mimos", o "Bar Americano", o "Pavilhão", "O Ponto Chic", que tinha um telhado de vidro colorido. Eram mais ou menos três horas, isto é, 15:00 horas, o sol penetrava através do vidro e jogava cores sobre as mesas de mármore circulares rodeadas de cadeiras de vime de encosto fechado. O "Leão de Ouro", os restaurantes "Avenida", o restaurante do "Grande Hotel", o "Iara Bar" e outros de menor importância também entraram na moda da cadeira de vime.

As mais importantes firmas fabricantes de móveis de vime em Manaus eram as do Severino Elisário de Barros, com oficina na Rua dos Remédios, quase esquina com a Avenida Joaquim Nabuco (depois mudou-se para a Avenida Eduardo Ribeiro, onde está instalada hoje uma loja da Bemol); do Francisco Fiuza Lima, que possuía uma oficina à Avenida 7 de Setembro, em frente ao prédio onde funciona uma agência de atendimento do INPS, numa casa que ainda existe até hoje, resistindo a toda uma iconoclastia de proprietários ambiciosos que estão desfigurando a cidade, destruindo os prédios históricos para construir verdadeiros monstros, violentando as suas verdadeiras características.

Os mais afamados vimeiros da época foram José Albano, Francisco Fiuza Lima, mestre Ezequiel, mestre Ribeiro, mes-

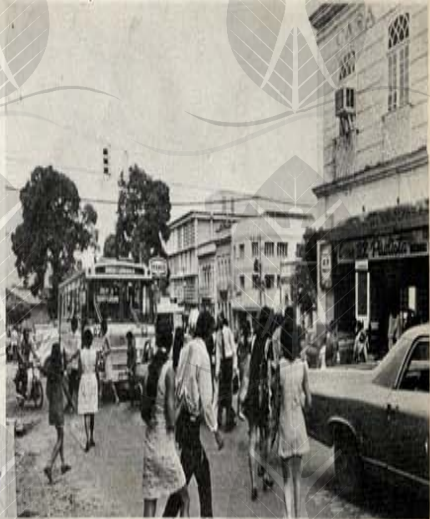
tre Epaminondas e mestre José Gomes, que tinha um jeito todo especial de entortar os encostos das cadeiras e seus móveis eram preferidos por todos, pelo magnífico acabamento.

O mestre Vinícius Menezes Mota, o último dos grandes vimeiros, foi aprendiz do mestre Francisco Fiuza Lima, que além de fabricar cadeiras de balanço, poltronas, sofás e uma série enorme de objetos confeccionados com cipó de vime, também fazia cestas de padeiro no tempo das vacas gordas.

Segundo ele, que foi o narrador de muitos detalhes já esquecidos, o único vimeiro que realmente preparava as melhores cestas de padeiro para as padarias de Manaus, era o mestre pernambucano Veridiano Cursino Pereira, que morava na Rua Leonardo Malcher, próximo à Rua Coronel Salgado, ao lado da Olaria Grilo. Mestre Veridiano, pelo fato de ser o único profissional a fazer cestas de pão para todas as padarias de Manaus, negava-se a ensinar aos seus aprendizes, a técnica de enrolar as bocas e o fundo, que davam uma segurança na estrutura e forma do objeto. Trancava-se num quarto de sua casa e lá confeccionava os últimos detalhes. Mesmo assim, Cursino, que ainda era adolescente, utilizou todo o poder de sua inteligência e imaginação e, sem que o seu mestre mostrasse a técnica, aprendeu todo o segredo da construção da fabricação da cesta de pão, cujo conhecimento transferiu para muitos dos seus antigos aprendizes e para quem quisesse aprender a qualquer tempo e hora. Já agora, avançado em idade e com as padarias realizando a entrega de pão em casas próprias e em modernos veículos, não será jamais necessária a utilização desses grandes cestos, acabando assim um dos mais românticos hábitos de Manaus — a entrega de pão a domicílio sob o fon-fon gostoso da corneta do fole do padeiro.



Vista aérea de Manaus apanhada do terraço do edifício do IAPTEC.



O comércio da Zona Franca de Manaus é movimentadíssimo, podendo-se ver em suas ruas gente de todo o Brasil e até estrangeiro fazendo compras.



Abriço na Praça da Matriz, um documento do passado.

## A Zona Franca de Manaus

Com a finalidade de desenvolver o Amazonas, atraindo capitais para instalação de livre comércio, o então Deputado Federal pelo Amazonas, Francisco Pereira da Silva, poeta de profunda sensibilidade, político atuante, idealizou uma Zona Franca que, em cujo projeto submetido aos seus pares da Câmara Federal, foi criada através da Lei nº. 3.173, de 06 de junho de 1957, publicada no Diário Oficial da União na histórica edição de 12 de junho do mesmo ano. Não sem o sacrifício de um debate prolongado, cuja orientação e liderança másculas teve na palavra do seu patrão, a mais magnífica defesa em favor de uma região completamente abandonada, com sua juventude sadia procurando em outras unidades da



Praça de São Sebastião numa foto de 1961.



Com o advento da Zona Franca de Manaus, o movimento do porto aumentou de tal maneira que foi necessário estender urgentemente todo o cais, e construindo novos armazéns.



Hospital da Sociedade Beneficente Portuguesa do Amazonas. Mais de 100 anos em benefício da saúde no Amazonas.



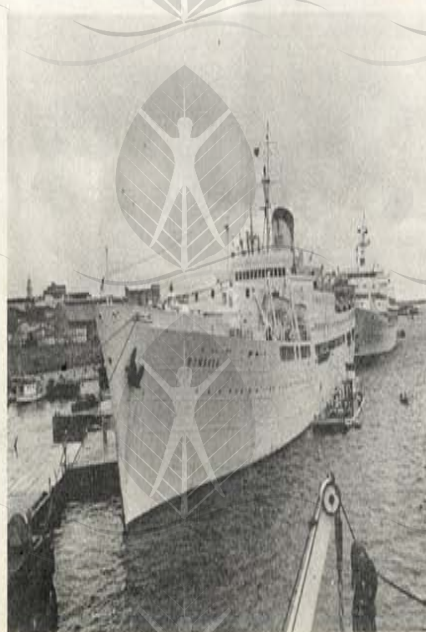
Vista aérea do Plano Inclinado, vendo-se em primeiro plano a Serraria Hore e a Fábrica de Cerveja Miranda Corrêa.



Vista aérea de Manaus antes do advento da Zona Franca.

União, uma condição mais humana de sobrevivência. Pereira da Silva, naquela memorável sessão, viu o seu abençoado projeto aprovado e chorou de felicidade porque antevia os benefícios que adviriam o seu pleno exercício.

A Zona Franca de Manaus foi instalada num dos armazéns da Portobrás, nos fundos do velho edifício da Anfândega de Manaus. Naturalmente pressionada por forças invisíveis não obteve os benefícios esperados pelo nobre e heróico parlamentar, que não deixou de lutar até o último alento de suas forças. Já em 1967, no Governo do Presidente Humberto de Alencar Castelo Branco, outros vigorosos parlamentares, seguindo os



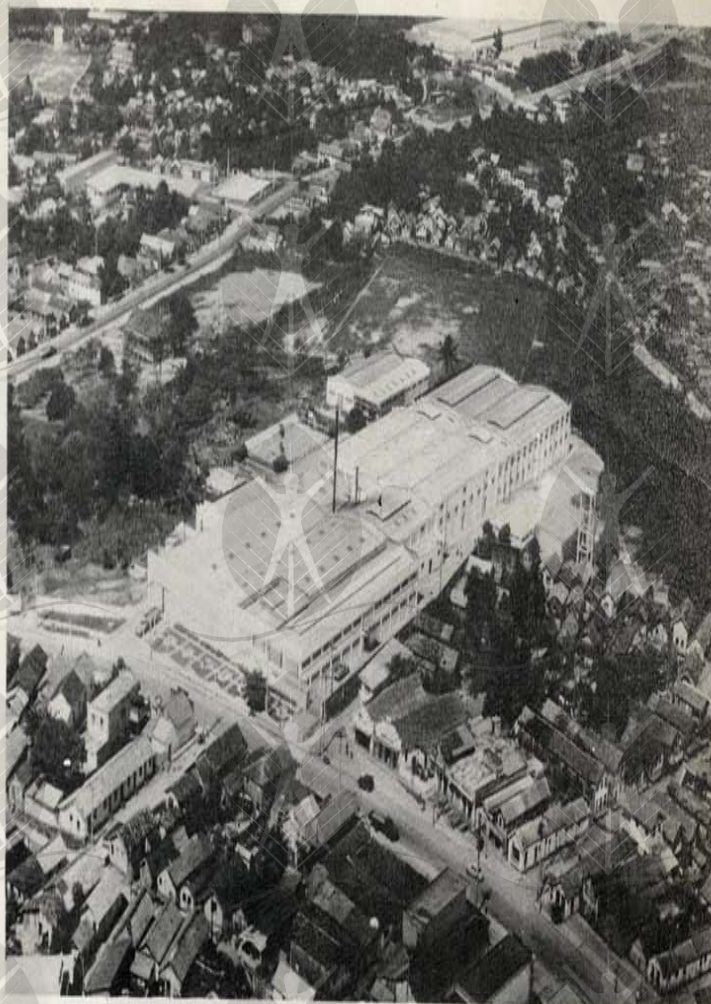
Muitas vezes o ancoradouro torna-se pequeno com o afluxo dos grandes navios que se concentram quase que diariamente na baía do Rio Negro.



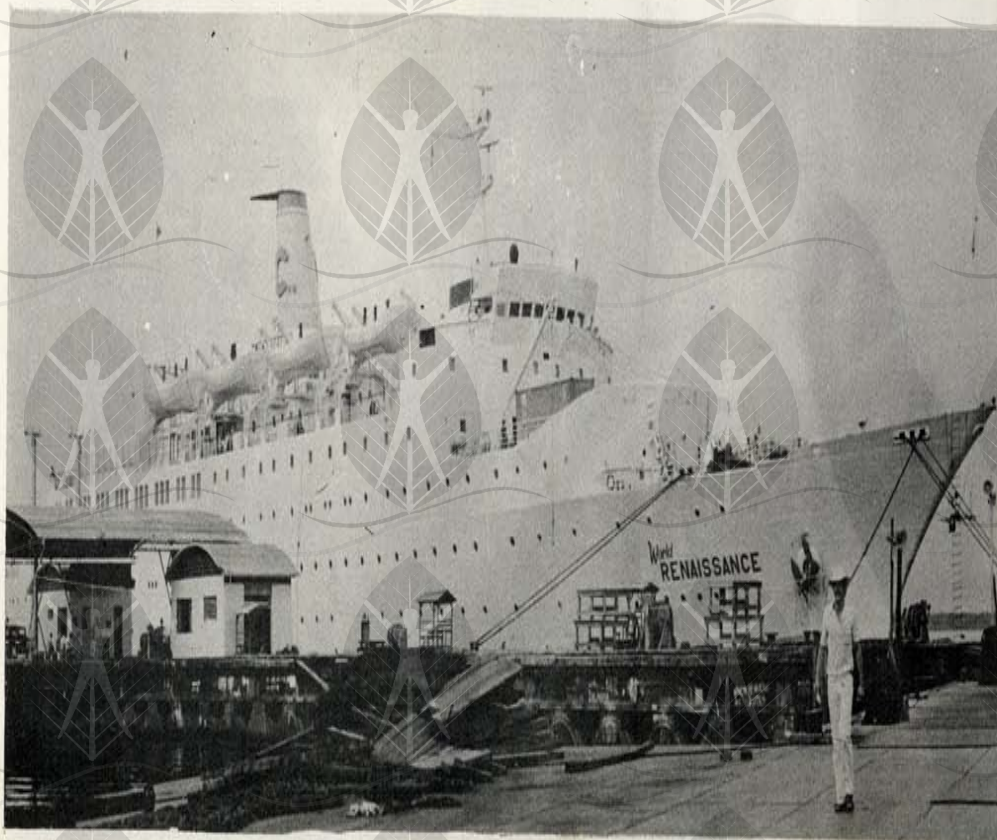
A Zona Franca tem progredido graças ao esforço e ao dinamismo de homens de empresa que não medem sacrifícios para que o Estado possa gozar de dias melhores. Na foto da esquerda para direita, campeiros da indústria e do comércio local: João Braga, Mário Guerreiro, Edgar Monteiro de Paula, Mário Guerreiro Filho e Josué Cláudio de Souza pai e filho.



Vista aérea do Plano Inclinado, vendo-se em primeiro plano a Serraria da Cianorte. Ao fundo a Fábrica de Cerveja Miranda Corrêa.



Vista aérea dos bairros dos Educandos, Colônia Oliveira Machado, Santa Luzia e Morro da Liberdade. Em primeiro plano a Fitejul. Ao fundo a Brasiljuta. Foto Saigado.



Navios de todas as bandeiras e calados aportam em Manaus trazendo cargas e passageiros num constante movimento e intercâmbio comercial e cultural.

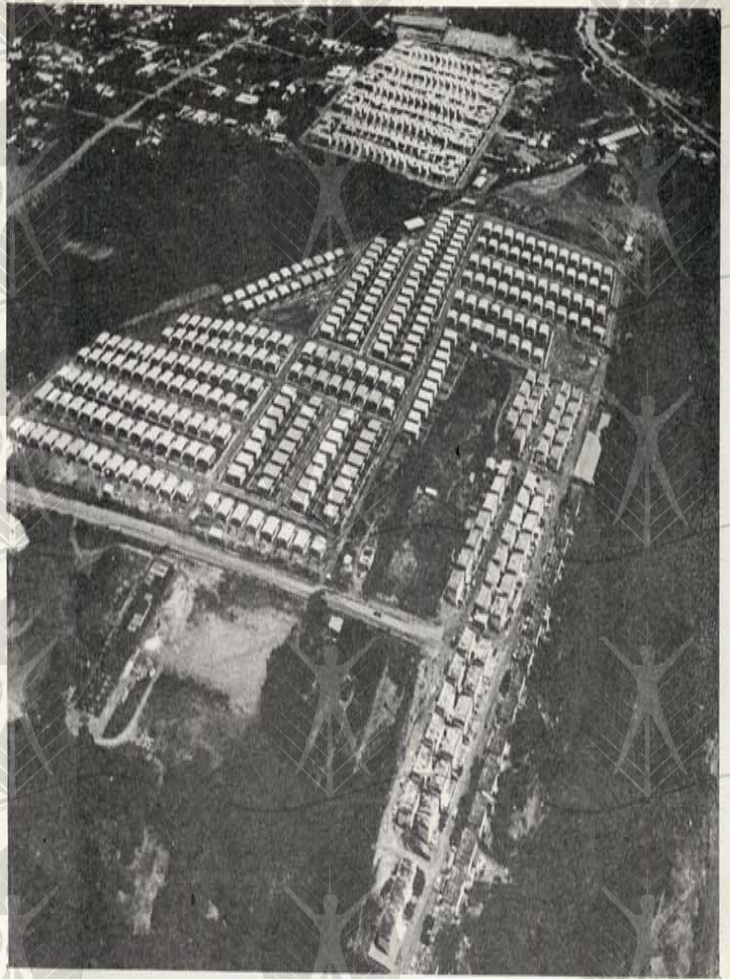
passos do velho poeta Pereira da Silva, conseguiram a aprovação pelo Congresso Nacional de um novo Decreto-Lei reestruturando a antiga Zona Franca, que recebeu o nº. 288, de 28 de fevereiro de 1967, alterando totalmente a que lhe deu origem, Lei nº. 3.173/57 e regulamentando a atual Zona Franca de Manaus, desta vez com toda uma infra-estrutura capaz de revolucionar social e economicamente toda a região amazônica.

Com uma respeitável área de 10.000 km<sup>2</sup>, na qual seria implantado um Distrito Agropecuário, com toda uma infraestrutura capaz de lhe proporcionar um desenvolvimento contínuo e seguro, um centro comercial dotado de uma legislação capaz de lhe garantir incentivos fiscais e atrair capitais, foi na mesma época criada a Superintendência da Zona Franca de Manaus — SUFRAMA, entidade autárquica, com personalidade jurídica e patrimônio próprio, autonomia administrativa e financeira, com sede e foro na cidade de Manaus, capital do Estado do Amazonas, com a responsabilidade administrativa de todas as instalações da Zona Franca e a incumbência de disciplinar o seu livre comércio e instalações de indústrias no seu Distrito Industrial.

A área da Zona Franca originalmente tinha comprimento máximo contínuo na margem esquerda do rio Negro e Amazonas, de uma linha de 50 km a jusante e 70 km a montante desta cidade de Manaus, nas proximidades do porto des-



Uma vista aérea do bairro operário de São Raimundo, vendo-se em primeiro plano o Estádio de São Raimundo. Foto Hamilton Salgado.



A partir da criação da Zona Franca de Manaus, a população cresceu assustadoramente sendo necessário uma política habitacional racional, daí surgindo dezenas de conjuntos nos arredores da cidade.



Com o advento da Zona Franca de Manaus, muitos benefícios, foram carreados para o Amazonas, inclusive a criação do FUNCOMIZ, que tem realizado muitas obras de caráter social. A população que antes não chegava a duzentos mil habitantes, hoje ultrapassa a um milhão.



A Zona Franca de Manaus trouxe para a cidade e a população inumeros benefícios, inclusive, recursos para melhoria de seu aspecto urbano.

te, considerando nela integrada, na extensão mínima de 300 metros a contar da margem.

Políticos do Estado do Acre, Territórios Federais de Rondônia e Roraima, conseguiram que os benefícios da Lei nº. 288/67 fossem estendidos a toda a área da chamada Amazônia Ocidental, que engloba os Estados do Amazonas, Acre e Territórios Federais de Rondônia e Roraima.

Mesmo depois de criada e estruturada a Zona Franca de Manaus, a luta não terminou, inimigos encapuçados do Amazonas e do seu desenvolvimento, lutaram dentro e fora do Congresso para revogar a lei que a criou ou tentando modificá-la, enfraquecendo os seus objetivos fundamentais.

Sob essas intensas emoções e expectativas e uma luta incessante travada pelos parlamentares e jornais locais, o povo de Manaus, assistiu feliz em massa ao lançamento da "pedra fundamental" no local do Distrito Industrial, no histórico dia 30 de setembro de 1968, registrando nessa ocasião o marco de uma nova etapa na vida sócio econômica da comunidade amazonense. O Distrito Industrial de Manaus está situado na parte leste da cidade nas proximidades do encontro das águas, onde possui a sua sede. A escolha desse magnífico terreno, com boa parte de sua área completamente plana, oferecendo uma visão muito bonita com uma topografia de pequenas depressões, foi procedido depois de um trabalho cansativo de uma equipe de técnicos apontados pela própria Suframa, Governo do Estado, Departamento de Estradas de Rodagem do Amazonas e outras entidades estaduais. O Distrito Industrial está limitado pelas terras pertencentes ao Campus Universitário, da Fundação Universidade do Amazonas, terras dos bairros de Petrópolis e Raiz, estrada da Petrobrás e do Paredão, terras da Siderama, Costa do Mauá, Igarapé do Mauzinho e estrada do Telégrafo.

Nos seus 15 anos de existência, a Zona Franca de Manaus já tem uma história para contar, muita coisa aconteceu nesses 03 lustres de intensa atividade comercial e industrial. O setor industrial, quase que totalmente construído, desenvolveu-se rapidamente, foi o setor que mais enriqueceu a história da



Antigo edifício da Alfândega de Manaus, símbolo de uma época faustosa.



Chalet que ficava na esquina da Rua Japurá com a Av. Joaquim Nabuco. Hoje uma agência de vendas de carro. (Foto Nonato Oliveira).



Na foto o industrial Vasco Vasques e senhora Zaira Vasques, proprietários do Hotel Amazonas o primeiro e único representante da Panair do Brasil em Manaus. Vasco acreditou na Zona Franca, criou a primeira agência de turismo em Manaus (Selvatur) e ampliou as instalações do Hotel Amazonas.



Arruamento do Distrito Industrial.

Suframa. Com mais de 300 projetos aprovados para implantação na área de sua jurisdição, quase 200 já se encontram implantados, gerando milhares de empregos. Necessário se faz esclarecer que os 300 projetos aprovados pela Suframa nesses 15 anos, somam um investimento previsto em cerca de 70 bilhões de cruzeiros com empregos estimados em cerca de 65.000 pessoas, na sua maior parte técnicos em eletrotécnica, eletrônica, mecânica e eletricidade, motivando o ensino dessas

matérias nas escolas técnicas da capital, principalmente a Escola Técnica Federal do Amazonas, maior formadora de técnicos de grau médio da Amazônia Ocidental.

Somente no setor eletrônico, foram aprovados pela Suframa, dezenas de novas indústrias que hoje já mantêm em pleno funcionamento 31 indústrias implantadas, produzindo para o consumo de todo o país.

Em segundo lugar, aparece a indústria madeireira, com mais de 30 projetos implantados, gerando empregos e ma-

deira industrializada para o grande consumo de Manaus. Por último, as indústrias de produtos alimentares, que somam mais de 15 projetos implantados.

Ao lado do setor industrial está o comercial, situado em pleno coração de Manaus, com suas lojas internacionais, suas vitrines exibindo artigos de todas as partes do mundo, atraindo turistas de todos os pontos do Brasil e produzindo uma respeitável arrecadação do ICM.





O Sr. José Afonso colocando a menina Leopoldina Araújo, no trono de "boneca viva" do arraial de Aparecida por ter conquistado o 1º lugar no referido concurso — 1975...

## Os Arraiais de Aparecida

Até mais ou menos o ano de 1950, as quermesses eram em Manaus as festas populares mais concorridas pela mocidade, que encontrava nesse divertimento sadio uma forma de conagração e manifestação de uma faceta da cultura do nosso povo.

Essas festas eram patrocinadas pelas associações religiosas das muitas igrejas católicas da cidade, as quais, com bastante antecedência, preparavam o extenso programa a ser cumprido e designavam as pessoas que estabeleciam e estruturavam o seu calendário, que normalmente era de uma semana e terminava no dia maior do santo. Entretanto, quando havia muita concentração de gente e interesses pelas guloseimas e divertimentos das muitas barracas do arraial, a festa se prolongava por mais uma semana, sempre cheia de moças e rapazes alegres que formavam uma pequena multidão logo após a reza da novena do santo. As pessoas que trabalhavam nos arraiais eram sempre jovens agregados às associações



Jovens "Filhas de Maria", num pic-nic depois do arraial de N.S. Aparecida — 1948.

religiosas, ou paroquianos de boa vontade que voluntariamente se engajavam ao serviço.

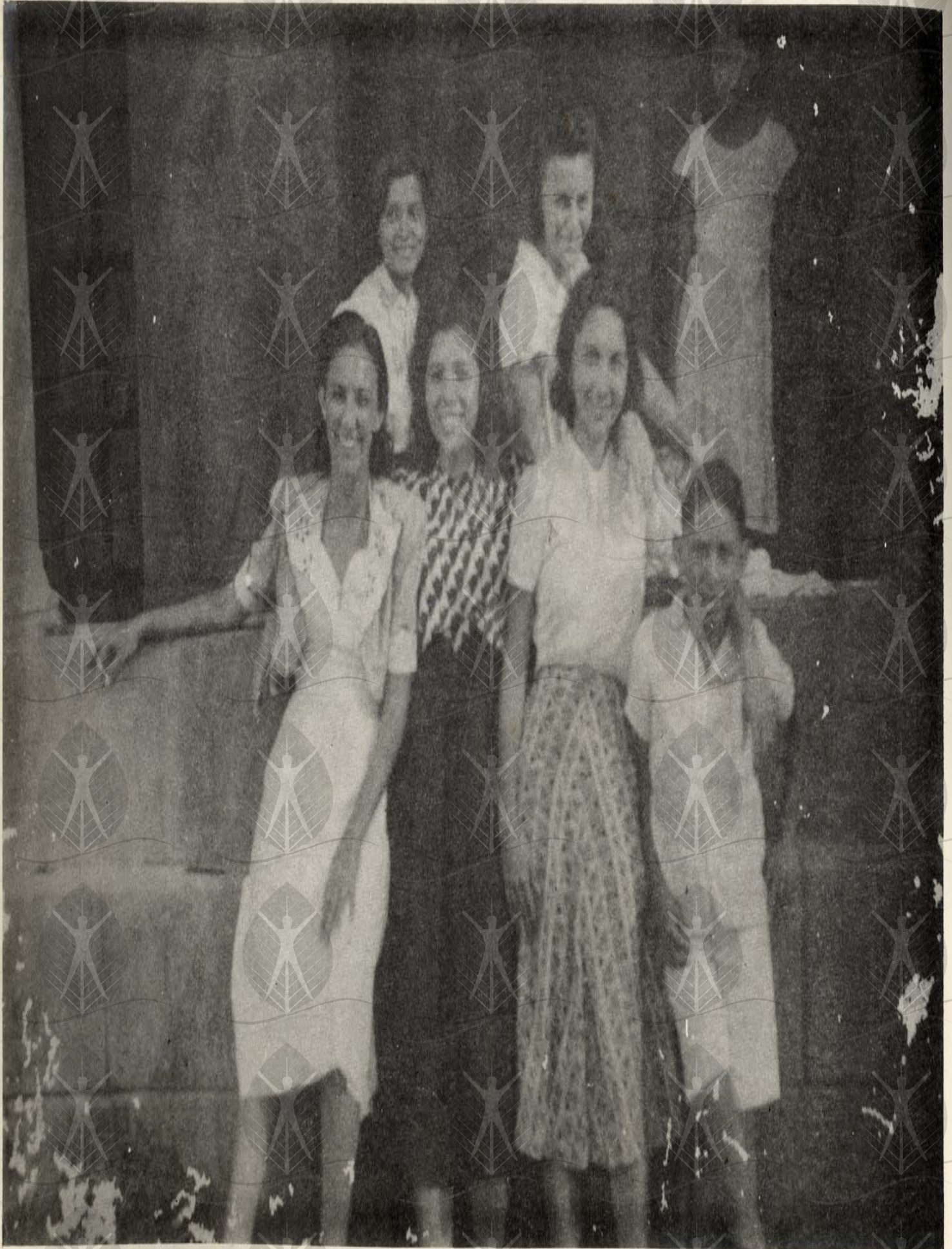
Um dos mais importantes arraiais de Manaus era o do bairro de N. S. Aparecida, localizado na Rua Xavier de Mendonça, entre a Rua Alexandre Amorim e uma pracinha que ficava ao lado esquerdo do Grupo Escolar Cônego Azevedo.

Nesse pequeno largo, que antes fora um terreno baldio de propriedade do velho Mandarim, entre o Grupo Escolar e o Beco da Indústria, aglomerava-se a rapaziada de então, pois era onde se instalava o bar do arraial, cheio de mesas e cadeiras e onde se concentravam os bebedores de cervejas e de guaraná, refrescos e comidas, bolos, pastéis, canudinhos, salgadinhos de todas as qualidades, feitos em casa por confeitadeiras de alto gabarito que ofereciam ao arraial gratuitamente essas gostosíssimas comilanças.

Era também no bar que se podia degustar as famosas comidas regionais como o vatapá, o mungunzá, o caruru e a famosa salada de verdura, "maionaise", que não dava para quem queria, tudo isso servido por moças muito bonitas e elegantes que sabiam conquistar com ternura os frequentadores.



Um grupo de jovens bonitas do bairro de N.S. Aparecida. Da esquerda para direita em pé, Odaise Martins, sentadas: Lucimar dos Anjos Feitoza; Georgina do Valle Britto; Dagmar dos Anjos Feitoza; Cleomar dos Anjos Feitoza e Rosa Magaly Alves de Carvalho. Foto de 1948.



Da esquerda para direita em cima: Rosa Magaly; Edina Soares Freire. Embaixo em pé: Almecinda Santos; Graciema do Valle Brito e uma colega do coro da Igreja de N. S. Aparecida. Foto de 1948.



Jovens Filhas de Maria um pic-nic após o término do arraial de N.S. Aparecida. Em pé da esquerda para direita: — Maria Edina; Georgina do Valle Britto; Maria do Carmo do Valle Britto hoje casada com o desembargador Paulo dos Anjos Feltoza.

dores que não perdiam um só dia e chegavam cedo, logo após o fim da novena.

Essas moças eram escolhidas pela comissão organizadora e pertenciam à Sociedade da Pia União das Filhas de Maria.

O bar propriamente dito era um cercado de madeira, tosco, de forma quadrangular, cuja cerca tinha em média um metro de altura recoberto com táboas à guisa de balcão, sobre o qual eram servidas as bebidas. Numa outra cerca, estavam o mungunzá, o tacacá, o caruru, a salada e o famoso vatapa. Era nessas barracas que se concentrava a maior parte das pessoas que queriam comer algo de salgados.

Haviam outras barracas de guloseimas, como bolos, doces regionais, bolos de macaxeira, bolo de milho, e outros quitutes cujos nomes não me recordo. A barraca de aluá, bebida fermentada feita de casca de abacaxi e mangarataia, era muito procurada pela meninada que consumia grande quantidade todas as noites.

As bebidas eram geladas em grandes camburões de ferro, onde se misturavam garrafas de cerveja, guaraná, água tônica e até batidas de maracujá com pedaços de gelo adquiridos na Fábrica de Gelo Miranda Corrêa. Aí só trabalhavam homens, porque o serviço era considerado pesado e meio sujo para as moças elegantes, exibindo os seus melhores vestidos de tili ou organdi branco ou azul celeste. No bar, os rapazes trabalhavam sempre molhados devido ao manuseio das garrafas retiradas dos camburões.

Antes de começar o arraial, a comissão organizadora, constituída de pessoas influentes e de boa vontade do bairro, tinha o cuidado de tomar todas as providências que se faziam necessárias para o pleno êxito da festa, entre as quais a ins-



Foto panorâmica do banho das Pedreiras de propriedade dos Padres Redentoristas. 1948.



Um bingo de um arraial de Aparecida. Na foto da esquerda para direita segurando o microfone Brigido Nogueira, Moacir Marques e sentada na extrema direita a maestrina Cleomar Feltoza. Foto de 1949.



Moças componentes do coro da Igreja de N.S. Aparecida. Da esquerda para direita numeradas: 1 - Marieta; 2 - Lindalva; 3 - Francisca, depois irmã Anete da irmandade do Preciosíssimo Sangue; 4 - Francisca; 5 - Terezinha; 6 - Amazonina; 7 - Maria do Carmo; 8 - Laura; 9 - Maria Amélia; 10 - Graciema; 11 - Rosa Magaly; 12 - Maria de Lourdes; 13 - Alba; 14 - ..... 15 - Adlla; 16 - Francisca; 17 - Esmeralda; 18 - Padre Bernardo diretor e incentivador do Coro. Foto de 1946.



Os bombeiros voluntários eram todos cooperadores da paróquia de N.S. Aparecida — Foto de 1950.

talação de um serviço de alto-falante que trabalhava desde as sete horas da noite, antes do início da novena, até altas horas, quando terminava a festa e os últimos frequentadores se ausentavam.

O serviço de alto-falante do arraial prestava um grande serviço a "cupido" através do "telegrama no ar", mediante uma pequena taxa. Como era bonito as pessoas ouvirem, por exemplo, telegramas assim: "Alô, alô, Maria José, o Mário manda dizer para você que está perdidamente apaixonado, e por isso dedica-lhe a música: "Bonequinha linda". Ou então: "Antônio de tal, que está sentado à mesa nº. tal do bar, oferece à senhorita que trabalha na barraca da Pia União e que está vestida de azul e porta um colar de contas vermelhas, a música: "Boêmio".

O serviço de alto-falante e sua respectiva montagem no arraial era todo feito pelo padre Frederico, que além de co-

nhecedor profundo de eletricidade e eletrônica, quebrando o galho de todas as famílias do bairro, era também o médico e enfermeiro daquela pequena e ordeira população.

No arraial de Aparecida uma figura marcou época trabalhando entusiasmadamente em todas as promoções da igreja, nas missões religiosas ajudando as missas, ajudando o padre Frederico nos problemas paroquiais: era o meu muito amado irmão e amigo José Afonso, mais conhecido por Zeca Afonso, morador de muitas gerações daquele antigo bairro e colaborador permanente de todas as manifestações sócio-religiosas da paróquia de N. S. Aparecida.

Outra figura de igual importância na comunidade principalmente como mola-mestra no soerguimento social do bairro e que até hoje frequenta a igreja, já com a cabeça inaugurando os seus primeiros cabelos brancos, é o amado irmão Brígido Nogueira, pai de dezoito filhos, todos eles muito



Foto da fachada da primitiva igreja de J. S. Aparecida. Foto de 1953. Ao fundo, a residência onde morou o dr. Aldemir Miranda.



Lembrança do pic-nic do coro da Igreja de N.S. Aparecida realizado em 23 de julho de 1953 na piscina da Chapada Siria, no bairro da Chapada. Da esquerda para direita: Edina Soares Freire; Georgina Valle de Brito; Maria do Carmo de Britto; dona Joana (mais conhecida no bairro, como Joaninha); uma menina e Cleomar dos An-

jos Feitoza. Sentadas: Marita Barboza Tinoco; Maria do Carmo; Hozanah; Rosa Magaly; Edna Santos; Maria do Perpétuo Socorro Brasil; Cleomar dos Anjos Feitoza, (em pé); Antonia Lopes dos Santos; e Maria de Nazaré.



Na foto, um grupo de homens que muito lutaram por muitos anos, saneando o bairro dos Tocós, depois, N.S. Aparecida, e organizando os arraiais. Da esquerda para direita: N.º 1 - João Cangalhos; 2 - Milton; 3 - Prof. Francisco Rebelo; 4 - Zezinho; 5 - Padre Frederico (um dos fundadores da paróquia); 8 - José Afonso (Zé Afonso) também, um dos fundadores; 7 - Brijido Nogueira, outro incansável

colaborador das obras sociais da comunidade de Aparecida; 8 - Paulo dos Anjos Feitosa, hoje desembargador, também uma mole mestra da comunidade, fazendo-se presente em todas as manifestações sócio-religiosas da igreja. Paulo Feitosa é bem um exemplo de dinamismo, tenacidade e fé cristã. Foto cedida pelo amigo José Afonso — 1954.

bem encaminhados, alguns já portando diploma de PhD, para orgulho do Amazonas e do Brasil.

Zeca Afonso tomava conta do serviço de alto-falante de todos os arraiais de Aparecida, e era o locutor, ninguém podia falar no microfone sem a sua prévia autorização, ele era o chefe supremo! Só o grande Zeca Afonso, com sua voz característica, engolindo sempre os esses das palavras pluralizadas.

O arraial se completava com o serviço de alto-falante do Zeca Afonso. Para mim só interessava o serviço de alto-falante, se fosse comandado pela voz tradicional do meu amigo Zeca Afonso. Durante muitos anos, ouvi o alto-falante falar do alto da torre da igreja na voz desse amigo: "Estamos dando início a mais uma noite do arraial de Aparecida. Comandando os serviços de alto-falante, o locutor Zeca Afonso".

Todas as tardes que antecediam a noite do arraial, a comissão recolhia os donativos que deveriam ser vendidos à noite. Objetos domésticos, brinquedos, livros, jóias, roupas, etc., eram recolhidos pela comissão e entregues à moça que tomava conta da barraca de pescaria e outros jogos cujos brindes eram esses objetos.

Os doces, os bolos, os pudins, bolos de macaxeira, de milho, as comidas como vatapá, caruru, mungunzá, salada de verduras, eram doadas pelas mulheres da paróquia e entregues

à comissão à tardinha. Cada família dava o que podia e o que quisesse, mas todos davam sempre qualquer coisa. Algumas pessoas levavam os quitutes logo no início da noite e o entregavam à comissão, que os colocava à venda na barraca de comidas; logo eram consumidas pelos frequentadores que sabiam encontrar comida quente àquela hora. Nessa barraca trabalhavam as senhoras associadas ao apostolado da Oração e coadjuvadas pelas moças da Pia União das Filhas de Maria.

Haviam também os concorridíssimos concursos de Rainha do Arraial e de Bonecas Vivas. Tomavam parte as moças e crianças das famílias paroquianas; cada candidata tinha que vender os seus próprios votos. Aquela que vendesse mais votos era a Rainha, que sentaria num bonito trono armado no fundo da praça, e receberia uma faixa alusiva, e os aplausos de todos os paroquianos presentes. Todos os anos esse fato se repetia sempre com o mesmo entusiasmo.

O dinheiro arrecadado durante as festas era entregue à comissão do arraial para o serviço social da paróquia.

Alguns dias depois de terminados os festejos da Igreja, que começavam oito dias antes da festa de Nossa Senhora Aparecida, que acontece todos os dias 12 de outubro de cada ano, a comissão oferecida como prêmio aos colaboradores um pique-nique realizado num balneário de propriedade dos

Padres Redentoristas, na Estrada do V8. Chamava-se "Pedreira", um lugar bonito e aconchegante. Havia um igarapé de água transparente e bastante largo para os momentos de prazer e alegria das pessoas que ali passavam o dia.

Muitas pessoas, famílias inteiras do bairro de Aparecida, estão ligadas a essa época dos arraiais, entre elas a família dos Feitosa, Dona Rosa Feitosa, Paulo Feitosa, Dagmar Feitosa, Lucimar Feitosa; a família dos Valle Britto: Maria do Carmo Britto, depois Feitosa, Georgina do Vale Britto e Graciema do Valle Britto depois Andrade; João Cangalhas, o Milton, professor Francisco Rebelo, Zezinho, José Afonso, a família Brígido e muitos outros rapazes e moças, alguns já perenemente desaparecidos.

A partir das dezenove horas, os bondes que faziam a linha "Fábrica de Cerveja" iam apinhados de rapazes e moças de todos os bairros de Manaus, que soltavam aos grupos na confluência das ruas Xavier de Mendonça e Alexandre Amorim, no bairro de Aparecida, onde faziam a grande festa anual da santa.

Havia a "prisão", exercida por moças muito bonitas que prendiam os rapazes dentro de um círculo de arame de mais ou menos oitenta centímetros de diâmetro, todo enfeitado de rosas e fitas coloridas. Para sair da "prisão", o moço teria que pagar uma "carceragem", que era uma quantia de acordo com as suas possibilidades. Os que tinham dinheiro fugiam dessa patrulha como o diabo da cruz. Muitas dessas prisões deram em casamento.

As barracas de jogo, de pescaria, de rifas, eram frequentadas por crianças que enchiam permanentemente os balcões, comprando fichas para jogar, encontrando naquele entretenimento sadio uma maneira, aliás, gostosa, de passar o tempo.

A indústria automobilística brasileira determinou a morte de uma das mais tradicionais festas populares de Manaus, que foram desaparecendo à medida que foram aparecendo mais e mais carros entulhando as ruas, praças e calçadas da cidade.

Os mais antigos arraiais ou quermesses de Manaus foram os da Igreja da Matriz, que acontecia à frente da Igreja, hoje sordidamente transformado em estacionamento e garagem de lavagem de carros particulares com gordos alugueiros ao pá-roco; da Igreja de N. S. dos Remédios, no bairro dos Remédios, também transformado em feira livre e antro de jogatina de desocupados e estação de caminhões de aluguel; da Igreja do Pobre Diabo, cuja praça foi doada para a construção do Hospital Geral de Manaus; e o de São Sebastião, já iniciando a sujeira das outras praças igualmente deterioradas com caminhões e um monte de vendedores ambulantes ao seu redor.

Cada uma dessas praças tinha os seus arraiais com suas festas peculiares, características próprias e bonitas, todos já infelizmente desaparecidos ou esquecidos, talvez desativados pela imensa quantidade de veículos e outros fatores igualmente negativos que não lhes dão espaço para o seu funcionamento.

Os que estão afastados do centro urbano da cidade, como o de São Raimundo, N. S. de Nazaré, na Vila Municipal, Igreja de São Francisco, no bairro do mesmo nome, Igreja de São Francisco, do bairro da Colônia Oliveira Machado, N. S. do Perpétuo Socorro, no bairro de Educandos, continuam existindo, não se sabe até quando.

## As Alfaiatarias

A alfaiataria está ligada intimamente ao hábito de vestir e às modificações do vestuário através dos tempos.

A primitiva significação do vestuário se manifesta, sobretudo, naqueles povos que vivem num clima árido. O indígena da Terra do Fogo, por exemplo, tem o hábito de deitar sobre os ombros uma pele de mamífero, para proteger desta maneira a parte do corpo mais exposta às inclemências do tempo, ou o tasmânico, (raça extinta) com seu costume de usar a pele apenas para cobrir as costas, não visa com o vestuário outro fim que o de preservar-se das intempéries, embora o faça de uma maneira bastante imperfeita.

A maioria dos povos tropicais não necessita cobrir a cabeça para proteger-se dos raios solares; uma exceção é dos habitantes de Tonkin, os quais, quando entregues aos trabalhos da lavoura, usam chapéus dum tecido confeccionado de folhas de uma palmeira chamada moriche.

Já no Japão o vestuário tem também a finalidade de proteger o homem contra insetos e outros animais; como exemplo, as calças justas contra as sanguessugas. "As mulheres dos herberos, no sudoeste da África, cobrem a cabeça com uma carapuça de couro com franja do mesmo material, franjas que assumem função idêntica à cauda do cavalo, pois



Uma das últimas fotos do grande alfaiate Domingos Demasi, a frente de sua alfaiataria na Rua Henrique Martins.



Em primeiro plano a esquerda, na esquina da Rua Quintino Bocaiuva com a Avenida Eduardo Ribeiro, o prédio de um só andar onde foi instalada durante muitos anos a Alfaiataria Poli & Malaguti, depois, de propriedade de Nicolau Akel até a sua ex-

tição já do lado oposto da avenida entre as ruas Henrique Martins e Saldanha Marinho onde é hoje o edifício da agência do Bradesco em Manaus.

sua agitação constante afugenta os mosquitos e as moscas muito abundantes naquela região.

Anteriormente, quando se acreditava que a origem do vestuário era devida ao pudor, esta suposição apoiava-se no fato de muitos povos tropicais cobrirem os quadris dum forma qualquer, embora pudesse muito bem dispensar o vestuário, como os silvícolas de toda a grande região Amazônica.

Contra isso, não obstante, falam os exemplos de povos tropicais, que se bem cobrem os órgãos genitais, estes não só ficam dissimulados senão que, ao inverso, se acentuam; nestes povos, vezes freqüentes o sentido de pudor não alcança precisamente a totalidade genital.

Se passarmos em vista o desenvolvimento histórico do vestuário europeu, desde a antiguidade até os nossos dias, notaremos uma enorme diversidade de trajes, senão também variação das modas, variação que se veio processando até os nossos dias.

No Amazonas, para ser exato, em Manaus, o tecido que se usava na expressão vestir-se bem, era a casemira inglesa, que vinha para Manaus via Portugal, já que todos os negócios que a coroa fazia com toda a Europa era via Inglaterra.

Quando os ingleses dominaram a Índia, aí por volta de

1786, verificaram que sua principal indumentária era fundamentada num tecido branco, usado pela maioria esmagadora da população. Num clima quente como o da Índia, os ingleses imediatamente substituíram a sua pesada e quente roupa de lã e casemira, pelo fresco e tropicalíssimo linho branco, que utilizaram e generalizaram por todo o território indiano e africano, onde também possuíam domínio.

Antes da loucura da borracha e da vinda dos ingleses para a Amazônia, os panos mais usados na indumentária local eram os adamascados de listras, de xadrez ou de salpicos, fustões, setinetas lisas e de fantasias, musselinas, riscados, lavrados, a mescla e o cáqui.

A casemira era cortada para roupa de uma certa solenidade, como por exemplo, os funcionários públicos ou os gerentes de grandes empresas comerciais ou bancárias. Com o advento dos ingleses no Amazonas, veio também o linho branco, perfeitamente adaptado nessas plagas tropicais e usado por muito tempo por toda a população, que podia adquirir esse tecido. Vinha diretamente da Inglaterra e da Escócia, grandes exportadores da época.

As mais populares marcas de linho que dominaram a moda de vestir no Amazonas, foram o linho HJ e o SS 120 irlandês,



aparecidos durante o esplendor da borracha, quando o dinheiro em Manaus "corria frouxo", como diz o vulgo. Foi também a época da proliferação das grandes alfaiatarias, quase todas elas dirigidas e exercitadas por próximos alfaiates, na maioria portugueses, com longa prática no corte do tecido de casemira, também inglesa.

Antigamente, como hoje, haviam os grandes costureiros alfaiates que só trabalhavam para figuras de grande importância no mundo social, financeiro e comercial de Manaus. Dizer que uma roupa fôra feita pelo alfaiate fulano de tal, era um cartão de importância.

As mais antigas alfaiatarias de Manaus, eram: "Alfaiataria Brasileira", que ficava na Rua dos Barés; "Alfaiataria Colombo", que era junto à Casa Colombo, na esquina da Rua Marechal Deodoro com a Rua Municipal, hoje 7 de Setembro, nº. 52; "Alfaiataria Elegância da Moda", de propriedade do alfaiate José Gonçalves, que ficava na Rua Henrique Martins nº. 5; a "Alfaiataria Maison Chic", também de J. Azevedo, com sede na Rua da Instalação nº. 7; "Alfaiataria As Duas Tesouras", de Lopes e Corrêa, com oficina na Rua Henrique Martins; a "Alfaiataria 22 de Setembro", também na Rua Henrique Martins, nº. 8; a "Alfaiataria Hig-Life", de propriedade de M. Barreiras, na Rua Municipal, 76; "Alfaiataria Pinto", de propriedade dos portugueses Pinto & Cruz, situada na Rua Marechal Deodoro da Fonseca nº. 11; "Alfaiataria do Comércio", de propriedade de Pinto Saraiva & Cia., na Avenida Eduardo Ribeiro nº. 28; "Alfaiataria Poli", de Righusem & Cia., na Eduardo Ribeiro esquina com a Quintino Bocaiuva; e a "Alfaiataria Aux. 100.000 Paletots", que ficava na Rua Municipal, hoje Av. 7 de Setembro, esquina com a Lobo D'Almada.

A "Alfaiataria Poli", que originariamente pertencia a Righusem & Cia., passou depois para a firma Poli e Malagutti, e até a sua extinção para Nicolau Akel, já em outro prédio, na Av. Eduardo Ribeiro, onde é hoje a agência do Bradesco.

Outras alfaiatarias sucederam as pioneiras, todas também desaparecidas. Eram elas: A "Alfaiataria Manauense", de João Pinto; a "Alfaiataria Esportiva", de propriedade de Antonio Figueiredo na Av. Eduardo Ribeiro; "Alfaiataria Moraes", de Antonio Moraes; "Alfaiataria Avenida", de propriedade de Antonio Sá Freitas, que ficava na esquina da Avenida Eduardo Ribeiro com a Rua Saldanha Marinho, bem em frente do Bar Avenida. O Antonio Sá Freitas, depois que vendeu a alfaiataria, foi ser fazendeiro de gado num terreno próximo à foz do igarapé do Tarumã-Grande, onde morreu. A "Alfaiataria Vitória Régia", de propriedade do meu velho amigo Licurgo Cavalcante, comunista ferrenho, um dos grandes lutadores pelo monopólio do petróleo na época da ditadura de Getúlio Vargas. Vi muitas vezes o meu amigo Licurgo pintar faixas com dizeres "O petróleo é nosso". Graças a homens anônimos como ele, foi possível a criação da Petrobrás, hoje um dos sustentáculos da nossa economia e talvez a nossa redenção energética.

Havia também a "Alfaiataria Gama", de José Gama, magro, muito bom papo e profundo conhecedor da sociedade amazonense; a "Alfaiataria Ramalho" — só de uniforme militar. A Alfaiataria Ramalho era a alfaiataria dos alunos do

Ginásio e do Colégio Dom Bosco. Fardou muitas gerações de estudantes antes de extinguir-se.

Mas, para mim, a alfaiataria mais importante, pela amizade que tenho ao seu velho proprietário Domingos Demasi, desde que era instalada na Rua Henrique Martins, que frequentei por muitos anos, próximo à Rua Joaquim Sarmiento, era a DEMASI. Hoje, beirando os noventa anos de idade e morando na Rua José Clemente, entre a rua Lobo D'Almada e Av. Epaminondas, próximo ao bar Caldeira, conta-me com sabor de saudade os velhos tempos de profissional de primeira categoria.

Domingos Demasi chegou ao Brasil ainda menino, e veio cheio de sonhos para Manaus, onde resolveu fixar residência. Não foi difícil encontrar trabalho, já que era um rapaz forte, trabalhador e sadio. Foi trabalhar como aprendiz de alfaiate na alfaiataria Aux. 100.000 Paletots, na Rua Municipal, esquina com a Lobo D'Almada. Quando não estava trabalhando nas funções de aprendiz, com seu imenso dedal de metal enfiado no dedo direito, Demasi acumulava as funções de varredor, espanador e arrumador das longas prateleiras de casemira e linho HJ e SS 120 ingleses. Era também o responsável pela limpeza dos sanitários e abastecimento dos filtros ingleses que forneciam magnífica água para os operários da empresa.

Seguro nas suas ações, honesto, trabalhador, dinâmico, pontual, jamais faltando ou chegando atrasado ao serviço, Demasi granjeou a confiança e a admiração do seu chefe que lhe entregou as chaves da casa para abri-la e fechá-la. Já senhor do ofício, talhando com maestria as tradicionais calças, coletes, paletós, dolmans, smokings, fraque, summer, casaca, fardões, etc... Demasi, resolveu trabalhar por conta própria, abrindo uma portinha para a qual acorreram muitos dos antigos fregueses dos 100.000 Paletots.

Ao deflagrar a grande guerra de 1914, Domingos Demasi, como fiel italiano, apresentou-se ao governo de seu país, sendo convocado para o conflito juntamente com vários outros jovens

compatriotas que embarcaram para a Itália em 1914.

Finda a sangrenta guerra em 1918, Domingos Demasi retornou ao Brasil, e, novamente, veio para Manaus estabelecendo-se definitivamente com uma casa especializada em roupas militares, embora realizando todos os trabalhos de alfaiataria.

Conta o meu amigo que, quando estava na Itália, seus compatriotas chamavam-no de brasileiro e, no Brasil, era conhecido como italiano, fato que o fazia rir muito, considerando que na verdade era italiano de nascimento e brasileiro por adoção, pois foi o Brasil que escolheu para constituir família, a magnífica família que tem, e deseja viver o resto de sua vida.

Ressalte-se que, depois de sair da 100.000 Paletots, Demasi foi depois convidado pelo seu proprietário Felix Levy, que o contratou como operário classificado, mestre alfaiate, o único na época que confeccionava com perfeição fardões, batinas, culotes de montaria, culotes para jóqueis que corriam no antigo Parque Amazonense da Rua Belém.

Depois de uma gostosa baforada de seu charuto, recorda-se de alguns dos melhores alfaiates que Manaus possuiu, entre eles Antonio Figueiredo, Pedro Bezerra, Antonio Moraes, José Gama, Hilário Martins, Licurgo Cavalcante, José Monteiro, Cid Cabral, Antonio Simões e João Pinto, entre outros.

"Fiz roupas de muitos governadores do Amazonas, alguns deles muito exigentes mas sempre satisfeitos com o meu trabalho. Entre os governadores e personalidades que se vestiam na minha alfaiataria, Álvaro Maia, Silvério Nery, Sizen Sarmento, Nelson de Melo, Ribeiro Júnior, Ruy Araújo, Rubens Salgado, Mavignier de Castro, Coronel Barbato, Coronel Márcio de Menezes, Padre Estélio Dalison, Padre Severo de Melo, Aristophano Antony, André Araújo, Vicente Reis, Desembargador Mário Verçosa, Des. Anísio Jobim, Des. João Machado, Des. Cândido Honório, Ministro Henocho Reis, Deoclides de Carvalho Leal, Francisco Cavalcante, Júlio de Carvalho Filho.

Além do grande serviço que o alfaiate Domingos Demasi



Alfaiataria dos 100.000 Paletots na 7 de Setembro, esquina com a Lobo D'Almada.



Foto do jovem Demasi em sua alfaiataria a Avenida Eduardo Ribeiro onde é hoje a pensão Avenida. 1927

prestou à elegância e aos elegantes de Manaus, também constituiu uma belíssima e numerosa família, cujos elementos, todos bem situados, honram a tradição de trabalho e honradez desse emérito italo-brasileiro. Seis filhos, quatro homens e duas mulheres: Marigídio Demasi, casado com a Sr<sup>a</sup>. Ivete Melo Gameiro Demasi (Marigídio continuou com a profissão de alfaiate), ela representando uma firma que distribui o Diário Oficial da União em todo o Estado do Amazonas; têm três filhos, Ione Gaetano Demasi, casada com o Sr. Júlio Walfredo Aguiar, sete filhos, residentes em Belém do Pará. Dr.

Luiz Geraldo Demasi, casado com a Dr<sup>a</sup>. Doralice dos Santos Demasi, um casal de filhos; o Dr. Luiz Geraldo Demasi é advogado do BNH onde goza de alto prestígio. Fernando Demasi, casado com a Sra. Irene Pereira Demasi, comerciante em Manaus, possui três filhos. Norma de Lourdes Demasi Levy, casada com o Dr. Mirtíl Fernandes Levy, tem três filhos. Domingos Demasi Filho, casado com a Sr<sup>a</sup>. Socorro Chaves de Oliveira Demasi, jornalista, vive no Rio de Janeiro há muitos anos, tem três filhos.

Muitas coisas agradáveis vêm à minha recordação, dos

tempos do bar A Baratinha, com suas mesas de mármore redondas, com seus simpáticos garçons que serviam à mesa um café moka gostosíssimo. A Baratinha era um café que ficava na Rua Joaquim Sarmento, esquina com a Henrique Martins, em frente onde é hoje uma pequena lanchonete. Naquela época havia a casa Pinho, na outra esquina em diagonal com A Baratinha, a loja do Salomão Squenazi.

Quase todas as tardes o meu amigo Domingos Demasi, com seu imenso charuto Havana à boca, ia reunir-se aos amigos Sr. João de Paula Gonçalves, Dr. Franco de Sá e o Dr. Moura Tapajós, o mais jovem médico do grupo, o primeiro, especialista em doenças de pele, o segundo, uma das maiores autoridades em oftalmologia; Mavignier de Castro, escritor de nomeada, poeta, cronista e poliglota, um dos maiores papos que conheci na minha vida; Ministro Waldemar Pedrosa, também poliglota, dominando o francês com maestria; Dr. Avelino Pereira, também grande oftalmologista, e eu, o garoto da turma. Eu gostava de olhar os imensos olhos azuis do Dr. Avelino Pereira, quando ele olhava para a gente, parecia que os olhos iam pular das órbitas. Excelente pessoa, magnífico profissional. O Dr. João de Paula Gonçalves me foi apresentado pelo meu grande amigo padre Nonato Pinheiro, numa bela tarde em frente a Farmácia Normal, onde ele tinha consultório, daí surgiu uma grande amizade que durou até a sua morte.

Foi em cima de uma das mesas do café A Baratinha que eu fiz os primeiros desenhos que deveria ilustrar um livro de autoria do Mavignier de Castro sobre Manaus. Segundo ele, o Mavignier de Castro, alguns dias depois perdera os originais das ilustrações. Este fato me deixou meio aborrecido e, por essa razão, não aceitei mais o seu pedido para fazer outros, que depois foram executados pelo próprio filho, o pintor Afrânio de Castro. Alguns anos depois, eu rascunhei as ilustrações do seu último livro "Amazônia Panteísta", no balcão da Alfaiataria Demasi da Rua Henrique Martins, onde eu ia sempre bater um longo papo com o velho Demasi, e outros amigos que ali também se juntavam para ouvir as suas recordações.

— "Quando se avizinhava alguma visita de políticos importantes do Rio de Janeiro ou de São Paulo, eu tinha que trabalhar duro para dar conta dos muitos fraques que tinha que costurar e o que era pior, aguentar a chatices dos almo-fadinhas que demoravam as vezes mais de uma hora experimentando as roupas na frente do espelho, desde a calça, o colete, e o fraque ou smoking. Naquele tempo, até os pobres tinham que andar de paletó. Quem quisesse andar de bonde tinha que botar o seu paletozinho sob pena de ser posto para fora do elétrico. As lojas não vendiam roupas feitas, tudo era feito pelos alfaiates. Com o advento da segunda Grande Guerra, foi que a coisa se avacalhou. Foram os americanos que começaram a andar de mangas de camisa nos bondes, como era no tempo da guerra e essa gente era respeitada como heróis, ninguém lavava, principalmente os ingleses que eram os donos dos carros. Daí para cá todo mundo passou a usar a chamada "camisa americana", foi a queda dos ternos (calça, colete e paletó), e o início do desaparecimento das alfaiatarias.



1 — Sheila Maria Demasi — 2 — Ivete Teixeira Demasi — 3 — Filomena Demasi Limongi — 4 — Carlos Túlio Santos Demasi — 5 — Rosinha Limongi Cabral — 6 — Dr. Mirtíl F. Levy — 7 — Dr. Luiz Geraldo Demasi — 8 — Fábio Demasi Levy — 9 — Henry Carl Demasi Levy — 10 — Norma de Lourdes Demasi Levy — 11 — Dra. Doralice dos Santos Demasi — 12 — Angela Demasi — 13 — Simone dos Santos Demasi — 14 — Dr. Mirtíl Fernandes Levy Filho — 15 — M<sup>te</sup>. Anunciata Demasi Teixeira — 16 — Domingos Demasi — 17 — Fernando Cabral Demasi — 18 — Giuseppe Garibaldi — 19 — Luiz Fernando Demasi — 20 — 21 — Marigídio Demasi.  
Foto tirada depois da solenidade do recebimento da medalha de ouro de Honra ao Mérito por ter ido do Brasil para a Itália lutar com os aliados na grande guerra de 1914. Foto tirada em 1966.

## As Tacacazeiras

Em qualquer ponto da cidade de Manaus, seja no centro comercial ou nas esquinas de qualquer bairro, as bancas de tacacá constituem uma das mais importantes características da cultura amazônica. Seja domingo, feriado ou qualquer dia útil da semana, lá estão as tacacazeiras com seus vestidos e aventais brancos imaculados, servindo seus fregueses em volta de uma mesa, coberta com uma longa toalha também da mesma cor, sobre a qual repousam as cuias, as colheres, geralmente de alumínio, o paliteiro, o vidrinho de sal, e vidro de pimenta ao molho de tucupi, as grandes panelas de goma de tapioca, tucupi com folhas de jambu e uma outra contendo o camarão cozido também em tucupi.

É essa a nossa cozinha ao ar livre, onde a tacacazeira tem sempre ao seu lado uma segunda mesinha, um pouco mais baixa, sobre a qual estão os dois fogareiros alimentados a carvão vegetal. O fogo mantém fervente a grande panela de tucupi.

O tacacá é uma mistura de goma de tapioca com um pouco de vinho de tucupi, acompanhado de cebolinha, alho e jambu, cozidos também em tucupi, e alguns camarões. É servido quente, com um pouquinho de sal e pimenta ao gosto do freguês. O principal elemento do tacacá é o tucupi, que é tirado da mandioca no momento em que se prepara a farinhaada.

A mandioca é ralada no caitetú até o ponto de ficar totalmente pulverizada; depois, coloca-se a massa dentro de um instrumento feito com talas de buriti, denominado tipiti, espreme-se a massa e extrai-se o sumo, que é o tucupi. O tucupi é colocado num recipiente de barro ou madeira, onde é deixado algum tempo até que a goma se acumule no fundo. Tira-se depois o tucupi, e acondiciona-se em grandes garrações de vinho ou latas de flandres que são distribuídos aos consumidores ou tacacazeiras pelas cidades da Amazônia onde seu uso é tradicional.

Onde existe uma banca de tacacá, o cheiro do tucupi cozido recende longe.

Em Belém do Pará, de onde é originário o tacacá, também é obtido do mesmo modo que o de Manaus, levando um pouco de cebola e alho e os elementos indispensáveis na composição do tacacá. O cidadão de Manaus geralmente não sente diferença no paladar quando saboreia essa bebida em Belém, que dizem ser muito mais gostoso do que o feito em Manaus. Entretanto, o cidadão paraense, acostumado a tomar um tacacá paraense, quando prova o feito em Manaus também não estabelece diferença no gosto.

Muitas tacacazeiras ficaram famosas nessa pacata cidade de Manaus, principalmente por saber tratar os seus fregueses com muita amabilidade, e, sobretudo, por trazer sempre ao lado da mesa uma cunhatã que lava com muito cuidado as cuias pretas, geralmente de dois tamanhos, depois de usadas pelos clientes assíduos nas tardes quentes de verão baré. Uma delas, dona Maria Portuguesa, que tinha a sua banca em frente do Cine Guarany, na Praça do Pina, também chamada Praça do Clube da Madrugada, pois lá antes das famosas



A tacacazeira é a figura mais popular entre os personagens no imenso teatro cultural. Em cada canto de rua pode-se ver uma "banquinha" com as panelas e compridos bancos em volta.

sessões desse tradicional clube literário de Manaus, reuniam-se os intelectuais, que depois de um gostoso tacacá bem quentinho lá pelas 19:30 horas da noite, dirigiam-se para a Praça da Polícia onde, sob um pé de Mulateiro, discutiam os mais variados problemas da vida literária brasileira.

Eu mesmo, muitas vezes deixei de jantar em minha casa, para saborear o gostoso tacacá da dona Maria, que fazia questão de colocar mais camarão do que determinava o velho costume na minha cuia preta. Temperando com certas pitadas de pimenta, obrigava-me a repetir não sei quantas vezes.

Dona Maria Portuguesa trabalhou muitos anos naquele logradouro, até que a velhice a obrigou a deixar definitivamente de fazer um dos melhores tacacás da paróquia de Manaus. Da mesma forma, dona Idalina que os frequentadores chamavam carinhosamente de Preta Idalina, tinha a sua banca na Praça 14 de Janeiro, onde se levanta hoje um Grupo Escolar. Idalina foi uma das mais famosas quituteiras de Manaus. Sua banca era freqüentada não só pela juventude, mas também por pessoas da alta sociedade que lá iam se deliciar com gostoso tucupi, e gostosas tapiquinhas com leite de côco do Maranhão.

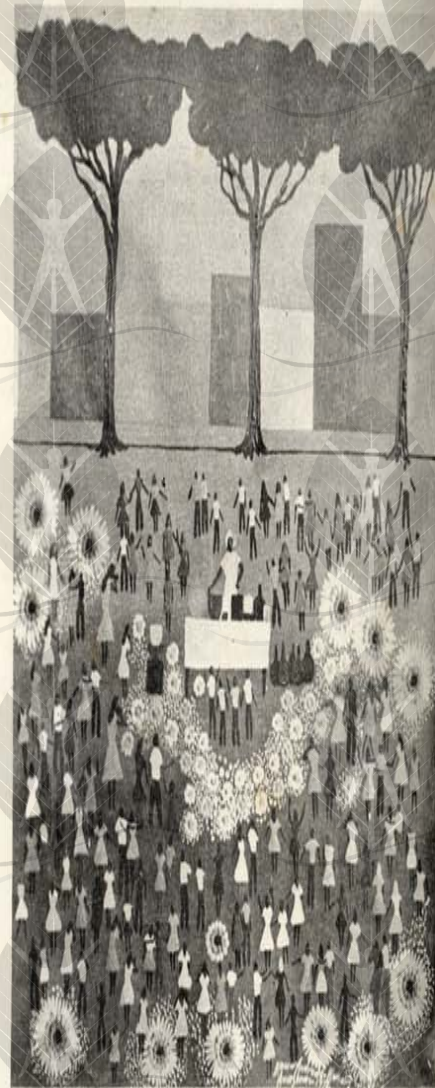
As bananas fritas de dona Idalina eram tão gostosas que haviam filas para compra de "palitinhos". Cada "palitinho" trazia três fatias de bananas fritas. Certa vez perguntei à Preta Idalina como ela conseguia gostosas bananas fritas. Ela respondeu-me com uma gostosa gargalhada que só ela sabia dar: — "Basta deixar a banana pacovão ficar bastante madura, sem, entretanto, machucá-la, em seguida corta-se em fatias com uma faca bem amoiada e coloca-se imediatamente na frigideira aberta, sem muito óleo onde deixa-se ficar por determinado tempo". Essa receita que aprendi de Idalina,



Tomando tacacá. Quadro de autoria de Moacir Andrade.



Gente de toda a categoria junta-se em roda das mesas de tacacá todas as tardes para saborear uma das comidas ou bebidas mais gostosas e populares do Amazonas.



A tacacazeira. Quadro de autoria de Moacir Andrade. 1972.

transmiti para minha mãe e para minha mulher que até hoje me oferecem o cheiro de bananas fritas misturado com muita saúde de dona Idalina.

Naquela época eu tinha 12 anos e esperava até que ela vendesse as últimas bananas, para apanhar o melado com açúcar e canela que colocava nas minhas fatias que já estavam guardadas. Com a construção do Grupo Escolar, perdeu-se o espaço onde a quituteira colocava as suas mesas com painéis de tucupi, goma, camarão, cuias, e na outra o imenso tabuleiro muito limpo, e permanentemente coberto com uma toalha rendada, no qual guardava as bananas fritas, tapioca, canjica, uma queijadinha tão gostosa que fazia as pessoas repetirem muitas vezes, milho verde assado, cozido, cuscus, filhós e pastéis de camarão, iguarias em que também se tornou conhecida. Um detalhe interessante: Preta Idalina não permitia que ninguém levantasse a toalha de seu imenso tabuleiro. Ela mesma abria e tirava o doce que o freguês escolhia. E para justificar essa atitude dizia sempre: "Não sei onde vocês andaram passando as mãos; as minhas eu sei, pois estou lavando todo o momento". E, com muito cuidado, com um pegador de prata que talvez já datasse de cem anos, pegava o filhós ou o cuscus e entregava ao freguês, dando imediatamente o preço. Dona Idalina, que, segundo o poeta

Farias de Carvalho, habita a Grande Luz, era uma mulher excepcional, além de ser grande cozinheira, conhecia a magia do paladar regional, conquistando inúmeros admiradores através dessa mensagem insubstituível, que é a comida gostosa. Nos dias de Santa Bárbara, São Sebastião, dia de Iemanjá, dona Idalina não vendia as suas apetitosas iguarias, nesses dias as duas grandes mesas permaneciam emborcadas, porque ela estava festejando o seu santo, vestida nas suas saias rodadas de muitas rendas, vindas do Maranhão, e nas procissões ou nos salões de umbanda agradecia com fervor aos seus orixás, a dávida que Deus lhe deu em saber fazer tão bem e com tanta ternura uma comida que agora certamente estará oferecendo aos grandes espíritos.

Para se fazer referências às grandes quituteiras de Manaus, seriam necessárias muitas e muitas páginas, pois são inúmeras as esquinas de ruas dos bairros desta cidade que deixaram história, algumas delas existentes até hoje, como por exemplo, a banca da esquina do antigo Cine Odeon, onde hoje está sendo construído um grande edifício, o Shopping Center. O Cine Odeon nos seus dias de glória, fornecia muito material aos cronistas da época com as suas matinês das quatro horas, antecipadas com um gostoso tacacá e refresco de cupuaçu geladinho, que fazia inveja aos sorvetes do bar Avenida, bem em frente onde é hoje o Bradesco. Ali, dona Joana Batista Campos, senhora de muitas receitas, que trouxera do Pará no

princípio do século, isto é, lá por volta de 1900, plantou no nosso paladar o sabor da comida paraense. Na Praça 14 de Janeiro e outras paragens onde foi fazendo as suas estações, dona Joana ia também inaugurando o gostoso tacacá que hoje é uma instituição na capital cabocla. O ponto da esquina da Avenida Eduardo Ribeiro com a Rua Saldanha Marinho, tem apenas vinte e cinco anos, onde dona Joana com seu cheirinho, servia a melhor sociedade de Manaus, antes e depois das matinês. Lembro-me ainda do Herculano de Castro e Costa, do Jara, do Aluisio Archer Pinto, do Velho Calderaro, do Ubiratan de Lemos e mesmo do Baraúna que, capitaneados pelas estrondosas gargalhadas do Bira, saboreavam um refresco de graviola, ou cupuaçu, antes de enfrentar a máquina de escrever para o jornal do outro dia. Hoje, a banca continua na mesma esquina, mas do outro lado da rua, dirigida pela senhora Vitória de Cáritys Campos, filha de dona Joana e herdeira de muitos mistérios. Dona Vitória, como sua finada mãe, irradia simpatia, servindo os fregueses, sempre antecipando a cuiá com um sorriso enfeitado de dentes bonitos. A sua frente, a grande mesa onde não falta o bolo podre, unha de camarão, croquete de carne, bolo de milho, bolo de macaxeira, come-quem-pode, vatapá, molho de pimenta e refresco de maracujá, cupuaçu, graviola, taperebá, limão e outras gulodices que dariam um caderno.



Flagrante do cortejo que acompanhou o Núncio Apostólico ao Palácio Rio Negro. Os jovens fardados da direita e da esquerda da rua, são alunos do Colégio Dom Bosco. O trecho é da Av. 7 de Setembro, próximo a Eduardo Ribeiro.

## I Congresso Diocesano de Manaus

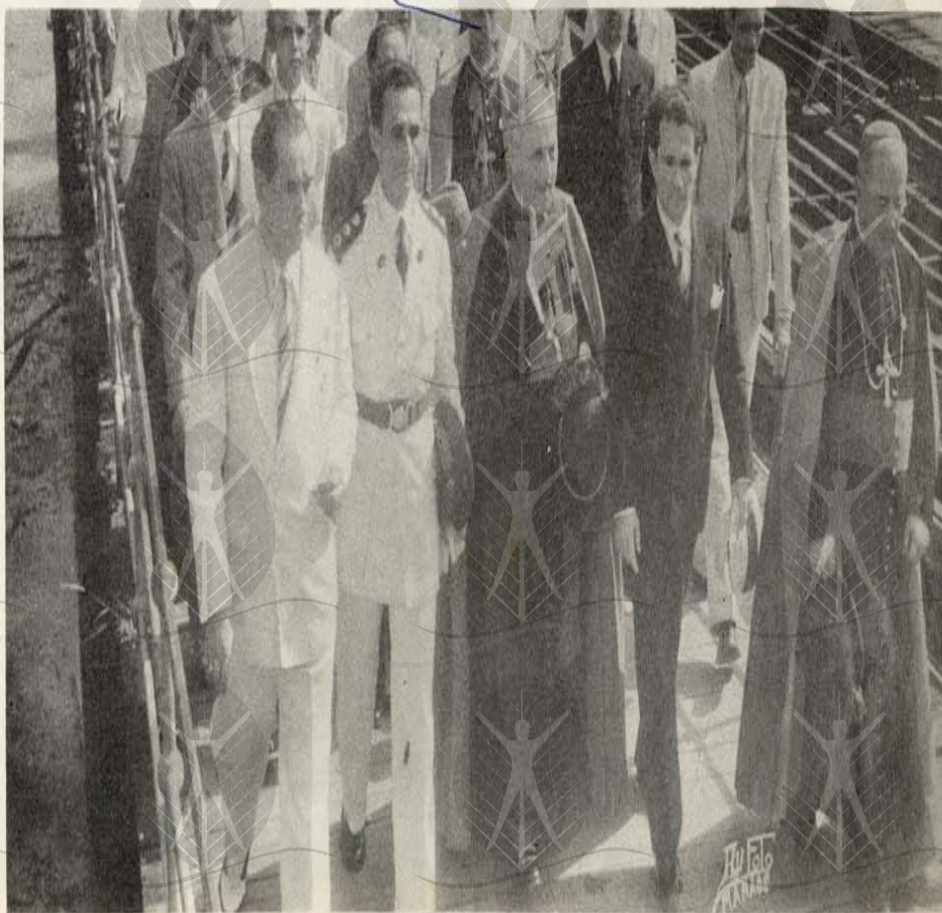
Tendo à frente sua excelência Reverendíssima, Dom João da Matta Andrade e Amaral, autor da idéia e grande incentivador da promoção, vários segmentos da sociedade e comissões de pessoas de boa vontade movimentavam-se em todas as camadas, uns cuidando de formar novas comissões que deveriam se responsabilizar pela organização e participação dos colégios religiosos e entidades sacras que tomariam parte no grande acontecimento; outros encarregavam-se da elaboração do projeto da construção do altar monumento do maior acontecimento religioso do Amazonas — o 1º. Congresso Eucarístico Diocesano de Manaus; outros ainda anotando os nomes das autoridades religiosas de todo o Brasil principalmente da Amazônia, que deveriam ser convidadas para o magno acontecimento; outros cuidavam do serviço de divulgação e contato com autoridades locais. Enfim, foi organizado um perfeito esquema de trabalho que antecipou por alguns meses a grande apoteose que o povo amazonense e o Brasil assistiram maravilhosos naquele memorável período de 31 de maio a 4 de junho de 1942.

A organização do 1º. Congresso Eucarístico Diocesano teve a participação de toda a população católica que não negou esforço e sacrifício para que o acontecimento tivesse como realmente teve, o êxito maravilhoso que marcou gloriosamente

especial registro na história das grandes promoções sócio-religiosas de Manaus.

A Prefeitura Municipal colocou nas ruas um verdadeiro batalhão de homens trabalhando sem cessar durante muitos dias, uns, os famosos reco-recos sentados sobre os seus longos cabos de enxadas limpando as ruas totalmente calçadas de paralelepípedos, retirando de entre as pedras os capins e relvas crescidas, davam um toque de ternura à cidade, pois esses trabalhadores eram todos velhinhos, alguns, hóspedes do asilo de mendicidade Dr. Thomas, que ganhavam alguns tostões nesses serviços; outros podando as fartas copas dos verdes ficus-benjamins que bordavam os longos dos meio-fios das calçadas das ruas do centro e dos bairros mais antigos da cidade. A Manaus Tramwais, reparando todos os lampeões e pintando os postes de ferro fundido, emprestava assim um aspecto agradabilíssimo à cidade destinada a ser a sede do maior acontecimento religioso de todos os tempos; outros pintando de branco os meio-fios e os caules dos ficus-benjamins até uma altura de um metro e meio. Os proprietários das casas pintaram as fachadas dos seus prédios, assim a comunidade esperou o dia magnífico da inauguração do Congresso.

No alto da Avenida Eduardo Ribeiro, erguia-se o famoso "galpão", alicerces do que seria o ex-futuro palácio do governo. Ali estava sendo construído o novo edifício da Escola Normal, pelo engenheiro civil dr. Abílio Nery, grande conhecedor de obras civis do Estado, homem respeitado pelo povo pela



Flagrante da comitiva que recepcionou o Núncio apostólico no Brasil Dom Bento Aloisi Masela e sua chegada em Manaus no cais do porto da Manaus Harbour. A sua esquerda o Governador Álvaro Maia e Dom Jaime de Barros Câmara. A direita Samuel Torres

Vidella, cônsul do Peru e coronel Jorge Contran, comandante do 27 BC. Atrás, o dr. Mário Jorge Couto Lopes, Chefe da Casa Civil do Governo do Estado.



Da esquerda para direita: sentados e numerados Dom Pedro Massa, benfeitor das obras salesianas; 2 — Dom João da Malta Andrade e Amaral, Bispo de Manaus; 3 — dr. AAlvaro Maia, Governador do Estado; 4 — Dom Bento Aloisi Masela, Nuncio Apostólico, Nuncio Apostólico, 5 — Dom Jaime de Barros Câmara. Em pé na mesma

direção 6 — Dr. Samuel Torres Vidella, cônsul do Peru em Manaus; 7 — Frei Francisco Martinez, agostiano; 8 — Dr. Júlio Nery; 9 — Marinho; 1 — Dr. Nicolau da Silva; 11 — Sociólogo André Vidal Araújo, Juiz de Menores da Capital; 12 — Monsenhor Thomaz de Marcelan.



Padre Estélio Dalison, Diretor do Colégio Dom Bosco, distribuindo a Eucaristia na manhã de 2 de junho de 1942.



Autoridades estaduais recebendo sua Excelência Reverendíssima o Núncio Apostólico. De frente a esquerda o governador Álvaro Maia. A direita de óculos, cumprimentando o Núncio Apostólico o jovem dr. Mário Jorge Couto Lopes, Chefe da Casa Civil do Governo do Estado.

retidão profissional e alto conhecimento de engenharia.

Dr. Abílio Nery foi um dos grandes colaboradores do 1º Congresso Eucarístico Diocesano, inclusive fornecendo as plantas do novo edifício de sua autoria para que os construtores do Altar Monumento que tomou toda a larga fachada, pudessem realizar o traçado da principal obra do Congresso.

O projeto, de autoria do Dr. Jatir Pucú de Aguiar, engenheiro Agrônomo, exímio projetista, naquela época exercendo as funções de Diretor dos Serviços Técnicos do Estado, colocou toda a sua privilegiada imaginação ao delinear, com a sua habilidade de fino artista que aliava, ao próprio valor profissional, a qualidade de católico praticante, o altar monumento a fim de que se erguesse grandioso aos olhos de quantos estivessem presente às solenidades, como um gigantesco marco de fé cristã.

Depois de longos dias de trabalho ininterrupto e exaustivo, o altar foi finalmente erguido no local histórico.

Aproveitando as linhas da fachada, cuja construção estava em andamento, fato que muito ajudou a armar toda a extensão do frontispício em cor marfim, com frisos de iluminação elétrica em todas as arestas, a grande obra de arte foi levantada.

Dominava o ambiente uma Monumental cruz ao alto, bem no centro, para onde convergiam as atenções do público. Essa cruz, revestida com lâminas de vidro e totalmente iluminada, refletia a luz a grande distância, dominando o altar-mor, a praça podendo inclusive ser vista de pontos longínquos da cidade, considerando que naquela época o edifício mais alto da cidade era o Teatro Amazonas.

Em frente do altar monumento, um gigantesco painel, pintado a óleo, representando a primeira missa no Amazonas, tendo como figura principal, um índio bronzeado, representando o dono da terra. Essa obra, que encimava o altar onde seriam celebradas as missas durante o grande acontecimento, foi de autoria do famoso e queridíssimo artista amazonense Branco e Silva. Acima desse quadro, na base da cruz luminosa, um símbolo da Eucaristia, tão admirável nos contornos e na sombra, que dava a nítida impressão de ser modelado em gesso. Como esse, mais seis símbolos litúrgicos, simetricamente distribuídos, representavam os demais Sacramentos. Ladeando o painel central, mais dois, com as armas do Sumo Pontífice e do sr. Arcebispo do Pará e Metropolita da Amazônia. Ainda nessa parte central, ladeando a cruz, duas colunas quase tão altas como esta, serviam de mastro aos pavilhões pontifício e brasileiro, respectivamente.

No primeiro plano, logo após a majestosa escadaria de acesso ao altar monumento, uma ampla abóbada ricamente estufada e sustentada por colonatas ornadas de guirlanda de espigas de trigo e cachos de uvas, em cor prateada, que davam uma idéia de delicadeza e finura à primeira vista, no simbolismo claro que encerrava esse detalhe de beleza do quadro.

Sob esse dossel branco e prata, ressaltando de um fundo púrpura formado por bela cortina pesada e sombria, o altar propriamente dito, tendo à frente, como imagem única, um grande e bellissimo crucifixo — o corpo de Cristo, de dimensões um pouco além do natural, preso aos braços da cruz



Aspecto da Comunhão aos estudantes dado pelo frei José de Leonissa, no dia 3 de junho de 1942.

Aspecto geral da comunhão das Filhas de Maria na manhã do dia 1º de junho de 1942.



Exato momento da chegada do navio Cristóforo no cais do porto da Manaus Harbour no dia 31 de maio de 1942.



Dom Jaime de Barros Câmara celebrando a missa do 2º dia do Congresso Diocesano de Manaus. À sua esquerda o padre Antonio Plácido de Souza, pároco da Igreja de Educandos que ajudou a

celebração. O microfone é da "Voz da Baricéia" que irradiou para todo o Amazonas as solenidades do congresso. Foto de 2 de junho de 1942.

redentora, a si atraiendo almas e corações, tal como o fez na tarde de Sua Morte no Calvário.

O frontal do altar, finíssimo trabalho em pintura, da lavra do exímio pincel da conhecida artista Dona Maria Marques, reproduzindo o escudo do Congresso, numa estilização perfeita, algumas vitórias régias e orquídeas amazônicas.

Ao centro da praça com uma altura de trinta metros, apontando para o céu, um gigantesco mastro de ferro redondo, onde tremulou durante todos os dias do Congresso, o pendão bendito da Pátria brasileira. Nas dobras daquela bandeira, tão grande em dimensões e tão bela na vivacidade de suas cores, estava o Brasil dizendo presente ao inolvidável acontecimento.

Enquanto era construído o Altar Monumento, a convite de D. João da Matta, dois missionários Lazaristas, os padres holandeses Tiago e João Alberto, vieram de Fortaleza a fim de preparar a alma do povo através do Santo exercício das Missões. Incansáveis, dinâmicos, esses dois apóstolos percorreram todas as paróquias da cidade, acendendo a fé no fundo da alma de toda a gente e tocando os corações pela explicação clara e singela dos preceitos da religião. Muitas foram as conversões esculpidas pela palavra desses dois missionários, responsáveis pela divulgação do Congresso desde seus primeiros dias.

Uma bem organizada propaganda foi mobilizada pelo clero e leigos que num incansável trabalho, estiveram em todos os pontos da comunidade manauara, distribuindo programas, afixando cartazes, vendendo distintivos, crômos, papel aéreo e selos do congresso, com o objetivo único de conseguir o êxito que realmente houve.

O antigo escudo do Estado, numa feliz adaptação de autoria de uma religiosa, foi o escudo do nosso 1º Congresso Eucarístico. No centro, acima da representação gráfica do rio Amazonas, um cálice encimado pelo sol resplandescente da Eucaristia. Contornando, em artística distribuição, espigas de trigo e cachos de uva, símbolos sagrados do santo Sacrifício. Sobrepassando tudo, uma águia de asas abertas, pronta para o vôo, tendo aos pés os grilhões partidos.

Todos os acontecimentos que antecederam, e o próprio



desenrolar do Congresso foram devidamente registrados pelo Semanário católico da Diocese em todas as suas edições, pon-do a população a par do magno evento.

Embora naquela época poucas pessoas possuissem aparelhos de rádios receptadores, havia os autos-falantes públicos instalados em pontos estratégicos nos altos das fachadas das casas comerciais e algumas famílias que tomavam conhecimento do desenrolar do programa do Congresso através da Voz da Baricéia que numa especial gentileza do sr. Lizardo Rodrigues, seu diretor, esteve à disposição do Secretariado do Congresso durante toda a fase preparatória. Essa importante rádio emissora, aliás a única de Manaus, esteve presente durante todas as cerimônias, irradiando para todo o Amazonas, através da voz oficial do Congresso, o padre Félix Barreto, Diretor do Ginásio de Recife, especialmente convidado pelo bispo de Manaus, vindo de Pernambuco, Padre Félix Barreto, como um bom nordestino, vibrava todos os momentos do Congresso, sempre exortando o povo ao Amor de Deus.

Registre-se que durante todo o mês de maio, dedicado à Virgem Maria, as missões que pregavam nos bairros de Manaus, cantavam muitas vezes o hino do Congresso, para que no dia de sua inauguração, todos o povo já com ele memorizado cantasse com perfeição e entusiasmo durante todas as solenidades.

O hino oficial do 1º Congresso Eucarístico Diocesano de Manaus, foi composto pelo padre Pedro Mottais, com letra do padre Manuel Albuquerque. Eis: "Já nos plainos do Sul te adoraram/ Em Congressos de imenso esplendor;/ Hoje é o Norte de imensas florestas/ Que te adora, ó mistério de Amor./ Coro: Eia Exulta, Manaus sorridente./ Nestas bodas douradas de luz,/ Canta e louva, agradece e suplica,/ Adorando na Hóstia Jesus. Bis/ Nestes dias que estamos vivendo/ Quatro vezes passaram cem anos/ Que do rio Amazonas oculto/ Descobriram por fim os arcanos. / Rei das águas, das terras, das matas,/ Amazonas gigante, senhor,/ Curva a frente, depõe a coroa/ Junto à Hóstia, num ato de amor!"

Finalmente a alma do povo amazonense estava preparada para os maravilhosos dias 31 de maio, 1, 2, 3 e 4 de junho. A última conferência preparatória proferida por Dom Mário de Miranda Vilas Boas, na Catedral Metropolitana de Manaus, fora no dia 30, isto é, no dia anterior à inauguração da grandiosa festa católica.

Dia 31 de maio, a cidade amanheceu como se uma bênção especial do próprio Deus tivesse iluminado o coração do povo. A avenida Eduardo Ribeiro toda de roupa nova, esperava a hora da subida da procissão Eucarística rumo ao Altar Monumento; o rio Negro, às primeiras horas da tarde já estava cheio de barcos de todos os tipos e dimensões que fabricavam de um lado para outro, à espera da nave que transportava Jesus Sacramento, todos embandeirados e soltando fogos a todo instante.

O navio Eucarístico saía de Belém no dia 21 de maio e estava sendo esperado às primeiras horas da noite daquele memorável dia 31. Foram dez dias de uma viagem de sonhos ao longo do rio Amazonas, trazendo uma comitiva de Belém com cerca de 300 pessoas, comandada por Dom Jaime de Barros Câmara, Arcebispo do Pará que a dividiu em vários



Aspecto da chegada da procissão Eucarística na Praça do Congresso na noite de 4 de junho de 1942. Em primeiro plano, o carro triunfal, conduzindo a Sagrada Eucaristia.

grupos, que se revezavam na adoração em admirável seqüência e disciplina religiosa, segundo horário estabelecido pelo próprio Dom Jaime.

A Custódia que trazia Jesus Sacramentado, exposta durante os dez dias da inesquecível viagem, fora oferecida pelo povo paraense aos seus irmãos amazonenses.

O Jornal do Comércio, perguntando a D. Eliseu Maria, Prelado de Guamá em Bragança, sobre o que ele achou daquela singular viagem de Belém a Manaus, respondeu: — "A Piedade! Tanto de quem vinha do Pará como de quem estava nos esperando. A população ribeirinha dos municípios intermediários entre Belém e Manaus deu-nos a sua maior demonstração de fé, de piedade e cristandade". Referia-se D. Elizeu ao espetáculo oferecido à chegada do navio Eucarístico em Monte Alegre, Santarém e Parintins, pelas populações dessas cidades, que o Santíssimo Sacramento, para maior júbilo seu, deu a honra de percorrer em procissão eucarística.

Segundo depoimentos de pessoas de fé, os dez dias de viagem foram algo que as palavras não podem interpretar.



Da esquerda para direita: Dom Jaime de Barros Câmara, Dom Bento Aloisi Masela Nuncio Apostólico no Brasil, Governador Alvaro Botelho Maia, Dom João da Matta Andrade e Amaral e dr. Júlio Nery. Foto do dia 2 de junho de 1942.

Capitaneados pela autoridade maior, o arcebispo Dom Jaime de Barros Câmara, constituindo a grande comitiva, vinham também D. Carlos Carmelo, então arcebispo do Maranhão; D. Elizeu Corolli, prelado do Guamá; Dom Gregório Alonso, prelado do Marajó; D. Clemente Geiger, prelado do Xingu; Monsenhor Anselmo Pietrula, prelado de Santarém; Cônego Américo Leal, além de vários sacerdotes do clero secular e regular.

Cada dia da viagem, era como se uma nova bênção divina se derramasse farta sobre o convés daquele navio que cantava, em todas as horas, louvores a Cristo Rei.

Chefiados pelo Magnífico Reitor, padre Lourenço Gatti, 70 seminaristas cantores de Belém viajavam a convite de sua Reverendíssima D. João da Mata Andrade e Amaral. Eles vinham com o objetivo de comandar a responsabilidade do coro durante as solenidades que deveriam se desenrolar nos cinco dias do Congresso.

A Ação Católica de Belém, comandada pelo padre Way, teve destacada atuação durante a viagem, constituída de senhoras entusiastas da sociedade marajoara que muito contribuíram para a beleza do acontecimento.

No encontro das águas dos rios Solimões e Negro, centenas de embarcações concentravam-se à espera do navio Eucarístico que não tardaria a aparecer na dobra do rio. Um pipocar de foguetões de grande potência, era o sinal da entrada do navio nas águas do Negro. A partir daí, a escolta por embarcações de todos os tipos, até a sua atracação no cais do porto de Manaus.

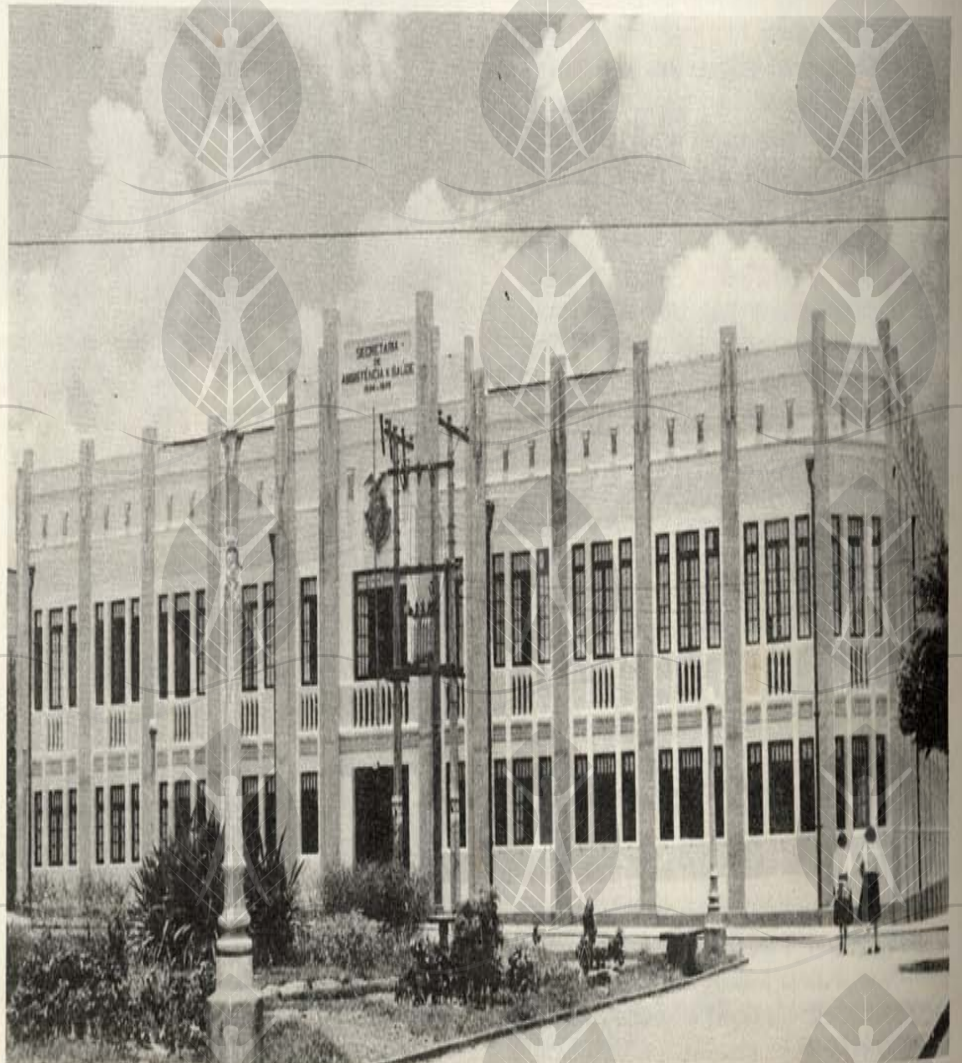
Já nas proximidades da cidade, sob intenso foguetório, e milhares de veículos fluviais, desde simples igarités portando lanternas coloridas de papel, até as chatinhas, os gaiolas e vaticanos que estavam surtos no porto com seus longos mastros iluminados, deslocaram-se para receber o Navio de Deus, que lentamente, sob ovações de toda a população da cidade reunida sobre os barrancos, desde o bairro de Educandos, até o cais flutuante do porto de Manaus, cantando o hino Eucarístico, saudava numa apoteótica manifestação de amor, a chegada do navio.

O possante holofote da Alfândega de Manaus, rodando sem cessar no alto da torre, projetava a luz forte sobre o Branco Navio Eucarístico; na parte superior do convés, à proa, fora improvisado um pequeno altar e nele colocado o Ostensório. À proporção que o barco Eucarístico se aproximava comboiado por miríades de pequeninos barcos, ouviam-se aclamação de dentro da multidão que se apertava sobre os muros da cidade. Um navio do Loide Brasileiro atracado no cais, ressoa a sua sirene, sendo acompanhado no mesmo instante de todos os navios em verdadeira apoteose de sons, numa maravilhosa orquestra de boas vindas ao Deus vivo que chegava a Manaus.

A voz da Baricéia que irradiava todos os movimentos da entrada do navio no porto, exortava o povo a reverenciar a chegada de Cristo Rei. Assim, fogos de artifício, bombas, rojões de todos os tipos explodiam em todos os pontos cidade. As usinas de luz do Plano Inclinado, a Usina do Forno do Lixo na Rua Ramos Ferreira, as sirenes de todas as serrarias, gritavam alto o início do grande acontecimento. As buzinas dos carros, os sinos de todas as igrejas bimbalhavam numa



Procissão Eucarística. Ao fundo o carro artisticamente decorado pelas irmãs do Instituto Benjamin Constant e construído pelo "Faisca" cuja oficina ficava na Rua Saldanha Marinho em frente a Costa Azevedo.



Edifício da Secretaria de Saúde Pública, no tempo do 1º Congresso Eucarístico.

manifestação inusitada para o povo da capital amazonense: a entrada triunfal do navio "Cristóforo".

Finalmente, desembarca, sob o hino Eucarístico no cais flutuante da Manaus Harbour, o Senhor arcebispo Metropolitano, conduzindo a Segrada Custódia rumo ao Altar Monumento, armado no alto da Avenida Eduardo Ribeiro.

À medida que a comitiva subia a artéria principal, entre duas alas de compacta multidão, sempre cantando o hino do Congresso, fogos de artifício e foguetões saudavam o histórico momento. Dom João da Mata não cabia em si de felicidade, a sua idéia maravilhosa materializava-se.

A Praça do Congresso, como passou a ser conhecida a antiga praça Antonio Bitencourt, fora convertida em catedral nas memoráveis manhãs de 1º, 2, 3 e 4 de junho de 1942. Muitas conversões, missas festivas, inúmeras comunhões e manifestações de fé religiosas sucediam-se nessas horas matinais, a partir das 6:30.

No primeiro dia do Congresso, dedicado à família, sob a proteção de São José Operário, houve Missa invocando as luzes sagradas do Espírito Santo. Comunhão Geral de todos os congressistas e pais de família.

Foi linda manhã de verdadeira apoteóse católica. Muitas manifestações de profundo sentimento religioso verificaram-se naquela memorável manhã.

No dia 2, chegava aqui Sua Excelência Reverendíssima, o Núncio Apostólico D. Bento Aloisi Masela, o Embaixador da Santa Sé junto ao Governo brasileiro. Viera sob as asas da Panair do Brasil. Sua chegada foi festiva, com o povo ovacionando aquele que representava o Vaticano no coração da floresta amazônica, nesse dia dedicada a todas as crianças sob a proteção de Nossa Senhora da Conceição, Padroeira do Congresso e da Cidade de Manaus. Nessa manhã realizou-se brilhantemente a Comunhão Geral dos alunos de todos os centros catequéticos, dos grupos escolares e escolas primárias da capital. Presente o Diretor da Instrução Pública, prof. doutor Temístocles Pinheiro Gadelha, diretoras dos grupos escolares da capital e centenas de professores que sem nenhuma dúvida muito contribuíram para o brilhante êxito da inolvidável manhã. Muitas preces especiais pela paz do mundo e pelas Missões do Amazonas foram contritamente rezadas.

No dia 3, dedicado à mocidade sob a santa proteção de São João Bosco, patrono da juventude, houve talvez a maior manifestação colorida do Congresso, com as presenças de todos os colégios religiosos e do Estado, diretores e professores e inspetores de alunos. Centenas de padres espalhavam-se por toda a Praça do Congresso ouvindo confissões e a comunhão constituiu-se numa verdadeira festa de fé. Foram rezadas preces especiais pelo Santo Padre o Papa e pelo IV Congresso Eucarístico Nacional.

No dia 4, último dia do Congresso, o povo encheu de tal maneira a grande praça que se tornou pequena para acolher aqueles que queriam comunhão com Deus.

Este dia foi designado como o Dia da Eucaristia e da Pátria, solenidade litúrgica de Corpus Cristi. Às nove horas, solene Pontifical. Houve um espetacular desfile dos colégios e associações religiosas em homenagem às autoridades civis e militares. Aquela belíssima manhã cheia de sol e calor hu-



Chegada do Santíssimo Sacramento à Praça do Congresso. 1942.

mano, inscreveu-se na história de Manaus como o mais singular dos acontecimentos festivos.

O coro afinadíssimo, dos seminaristas cantores do Seminário Maior de Belém do Pará, emprestou extraordinária beleza às solenidades.

Presentes D. Bento Aluisi Masella, então Núncio Apostólico no Brasil; D. Jaime de Barros Câmara, então Arcebispo do Pará, e Metropolitano da Amazônia; D. Carlos Carmelo de Vasconcelos, então Arcebispo Metropolitano do Maranhão; D. João da Mata Andrade e Amaral, Bispo do Amazonas; D. Mário de Miranda Vilas Boas, então Bispo de Garanhuns, em Pernambuco; D. Henrique Ritter, Bispo Prelado do Cruzeiro do Sul, rio Juruá; D. Elizeu Maria Corolli, Bispo de Zama e Prelado do Guamá no Pará; D. Sebastião Tomás, Bispo de Platéia e Prelado do Araguaia, no Pará; D. Pedro Massa, Bispo de Hebron, e Prelado do rio Negro, no Amazonas; Monsenhor Anselmo Pietrulla, Prelado de Santarém, no Pará; Monsenhor Clemente Geiger, Prelado do Xingu, no Pará; Monsenhor Miguel Alfredo Barrat, Prefeito Apostólico de Tefé; Mons. Tomás de Marcellano, Prefeito Apostólico de São



Missa celebrada por Dom Mário de Miranda Vilas Boas, no Altar Monumento erigido na parte fronteiriça da construção do edifício do Instituto de Educação do Amazonas em 1942.



Parte da assistência à missa Pontifical do 1º. Congresso Eucarístico Diocesano de Manaus. 1942.

Paulo de Olivença: Frei Francisco Martinez, então capitular de Lábrea, no Purús; Mons. Sante Portalupi, auditor da Nunciatura.

A tarde do dia 4 de junho foi solenemente marcada pela mais monumental e triunfante procissão jamais acontecida em toda a história religiosa do Amazonas — a Proissão Eucarística, no dia em que a igreja tece os mais belos louvores à Hóstia Consagrada, verdadeiro hino de fé católica jamais registrada nos anais da catolicidade planicária.

A monumental manifestação de Amor a Cristo Eucarístia partiu da Catedral Metropolitana, formada por quase toda a população católica da capital baré. Todas as paróquias, todos os colégios religiosos, estatais e particulares, associações, todo o povo aclamava a Jesus Cristo Rei. O hino do Congresso repetiu-se a todo o momento, cantado por toda a imensa multidão que formava o grande séquito.

Atrás, precedido pela imponente fila de Bispos e Prelados, na riqueza de seus ricos paramentos, o carro triunfal, todo trabalhado em ornamentos de ouro e prata. Obra de fino artesanato confiada ao gosto refinado e artístico da Irmãs Filhas

de Sant'Ana, do Instituto Benjamin Constant e com a colaboração das suas alunas internas.

O carro foi construído pela equipe de artistas profissionais do grande mestre português Faisca, exímio construtor de carroças, com oficina à Rua Saldanha Marinho com a Costa Azevedo.

Essa resplendente viatura, conduzia triunfalmente sua Excelência, o Cardeal D. Bento Aloisi Masella, Nuncio Apostólico no Brasil que, de joelhos, prostrado em permanente adoração a Deus presente, sustentava entre as mãos, iluminado, o Ostensório, brinde do povo paraense ao Congresso de Manaus.

Naquele momento o Cristo Eucarístico abençoava o seu povo ordeiro e trabalhador, abençoava as famílias, abençoava a cidade de Manaus, as autoridades constituídas sob a permanente vigília da Virgem da Conceição. Vitorioso, desfilando sob os aplausos permanentes do povo e vivas de D. João da Matta Andrade e Amaral, que era triunfalmente aplaudido também com calorosos vivas do imenso público que acompanhava a procissão.

O cortejo partiu da Catedral, seguiu pela Rua dos Andradas, Praça dos Remédios, Avenida Joaquim Nabuco, 7 de Setembro e Eduardo Ribeiro para finalizar na Praça do Congresso, onde já o esperava uma compacta multidão.

Na praça, concentrada toda a população católica de Manaus, o muito amado Bispo Dom João da Matta Andrade e Amaral, cheio do entusiasmo que muito bem caracterizava a sua forte personalidade, prorrompia em vivas a Jesus Eucarístia, viva o Brasil, viva o Santo Padre o Papa. Viva sempre a eterna, Igreja Católica, viva N.S. da Conceição, a padroeira de Manaus, viva às autoridades constituídas. Viva aos congressistas de Belém. Viva ao povo amazonense ali reunido.

Encerrando o Congresso, depois de breve alocução, o Nuncio Apostólico dá a bênção ao Santíssimo Sacramento, ao grande público presente que se dispersa lentamente cantando sempre o hino do 1º. Congresso, acenando com milhares de lenços brancos, numa emocionante manifestação de ternura ao chefe da Igreja no Amazonas e líder incontestado das realizações apostólicas.



A carrocinha de gelo saía duas vezes por dia levando gelo para o almoço e o jantar.

## Os Vendedores de Gelo Cristal

Bem cedinho, isto é, às quatro horas da manhã, os sinos da Igreja de São Sebastião ainda estavam bimbando quando as muitas carroças, com imensas rodas de madeira puxadas a burros sonolentos, desciam a Avenida 13 de Maio. Vinham das suas estrebarias à Rua Major Gabriel, pela Rua Leonardo Malcher, subiam a 10 de Julho rumo à fábrica de Cerveja, onde também ficava a fábrica de Gelo Cristal, no Plano Inclinado. Tilintavam os seus sinos fixados a uma chapa de aço

flexível sob a carroça, que, com o movimento, produziam um som metálico característico.

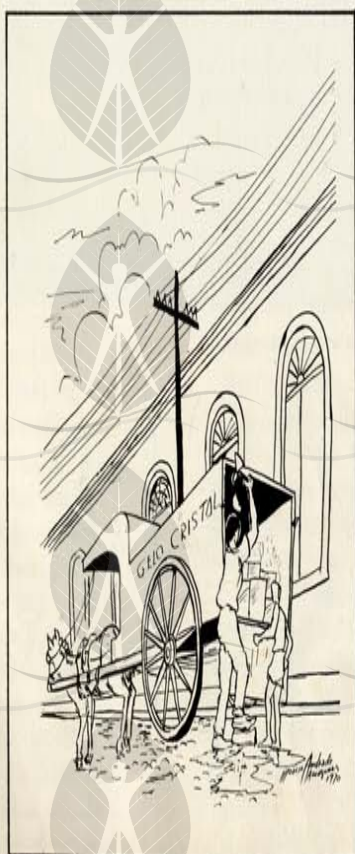
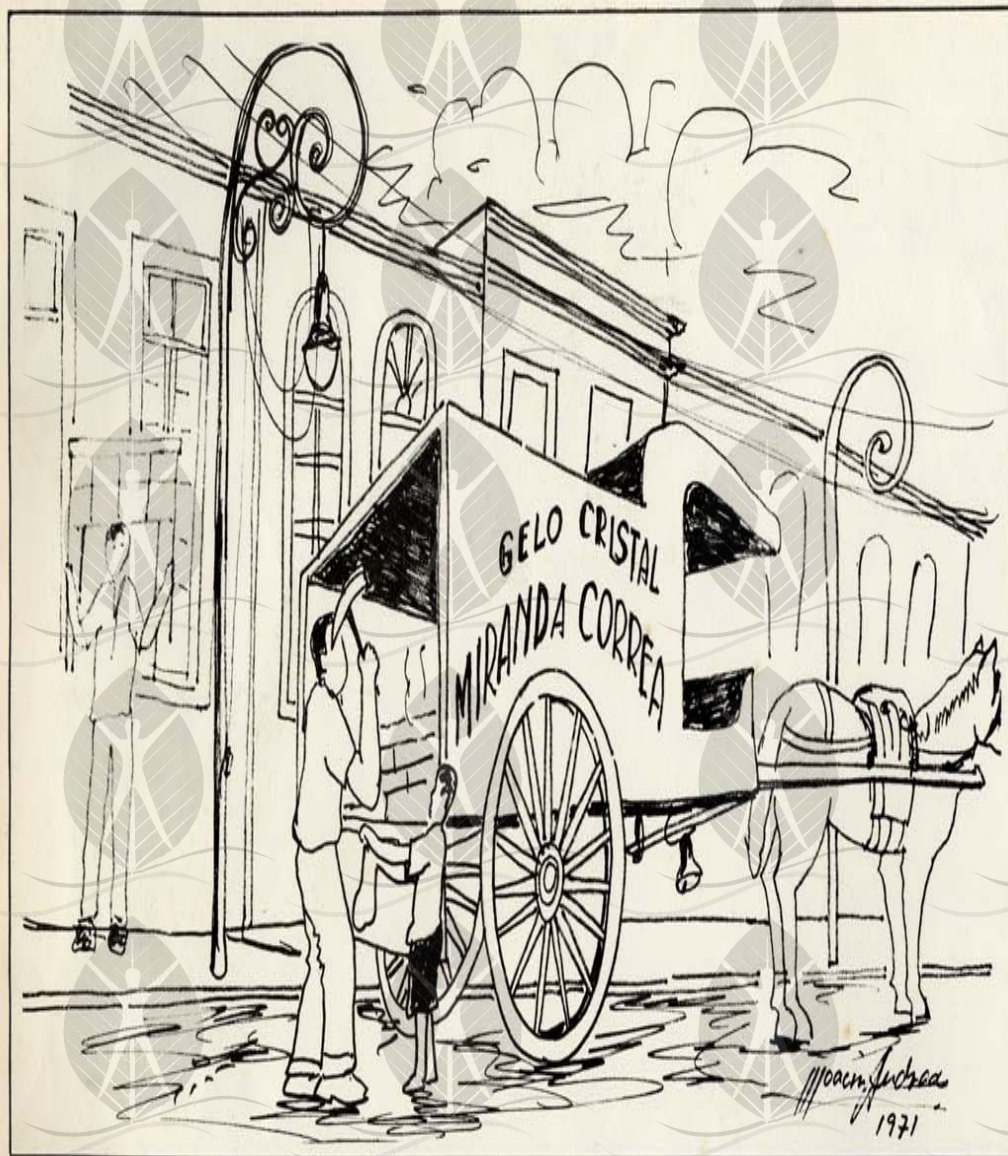
Como eram muitas as carroças, aquilo parecia uma sinfonia cuja orquestra era como um relógio: só tocava às mesmas horas, isto é, às quatro da manhã, e, quando voltavam para casa, à noitinha, mais ou menos às seis da tarde.

Já no extenso pátio da Fábrica, em fila indiana, recebiam cada um o seu quinhão de pedras com que serviam a freguesia durante toda a manhã, vendendo-as a quilo. Cada pedra de gelo inteira pesava em média vinte quilos, mas eram quebradas em pedaços de um e de meio-quilo, para vender a domicílio.

Ao passar na casa da freguesa, que já o esperava, o geleiro,

já com a carroça parada, buzinava com sua corneta de metal amarelo, apertando uma peça de borracha preta à moda de fole, que produzia o fon-fon denunciando a sua presença. Abria uma portinhola no sentido horizontal e, em pé, atrás da carroça, descobria a pedra retirando um tecido de sarrapilha e partia o gelo, tirando um ou dois quilos, cobrindo-a incontinentemente, e, sem pesar, colocava um saco de pano que a pessoa que comprava já trazia. A balança do geleiro eram os seus olhos experimentados e acostumados ao serviço.

Certa vez eu perguntei ingenuamente ao geleiro como é que ele fazia se o freguês reclamasse o peso, verificando que não tinha dois quilos? Ele respondeu que gelo não era farinha, que a gente vai pondo aos pouquinhos até completar a medida.



Pedacinhos de gelo viram água imediatamente, — completou sorrindo.

Naquele tempo não havia geladeira, a luz era deficiente e o gelo era também consumido na hora, isto é, durante o almoço, quando as famílias precisavam beber alguma coisa gelada.

Como eram muitas carroças, cada uma servia uma parte da cidade, cujos fregueses já os conheciam. Alguns geleiros, quando chegavam à porta da freguesa, tocavam a buzina, colocavam o gelo no batente da porta e voltavam para servir a outra pessoa.

Geralmente haviam muitos meninos que faziam esse serviço de deixar gelo nas portas das residências, recebendo como pagamento, andar um pouco na boléia junto ao geleiro, pegar nas rédeas do burro é chupar pedacinhos de gelo que sobravam das partilhas.

Havia um geleiro muito amigo da garotada, que servia os moradores da Dr. Machado e Getúlio Vargas, Chamava-se Jerônimo, pernambucano do sertão, ex-seringueiro, homem bom, que além de permitir que a gente andasse um pouco na boléia da sua carroça, ainda dava duzentos réis para que fizéssemos a distribuição do gelo a domicílio. Todos nós gostávamos do seu Jerônimo. O negócio seria bom se nós não ficássemos com as mãos completamente adormecidas de tanto carregar as pequenas pedras de dois e até quatro quilos, embora dispuséssemos para isso de um saco de sarrapilha que ele nos emprestava para desempenhar o serviço.

As carroças de gelo eram de madeira, revestidas de folhas de zinco por dentro e por fora, como se fossem geladeiras e pintadas de verde. Dos lados, pintadas em letras muito grandes, as palavras "Gelo Cristal Miranda Correa". As rodas, também de madeira, com mais ou menos um metro e vinte de diâmetro, eram fixadas sob a carroceria mais ou menos no ponto médio, sob um feixe de molas de aço que facilitava o seu deslocamento sobre o calçamento de pedras de granito em forma de paralelepípedo, recobrimdo toda a circunferência da roda, uma chapa de aço que evitava o contacto direto da madeira com o piso de pedra.

O atrito dessas rodas contra o chão das ruas da cidade produzia um barulho singular — o barulho das carroças de gelo, conhecido principalmente pela meninada que disputava um passeio pelas ruas de Manaus, segurando as rédeas do animal, talvez sonhando com os carroções usados nas conquistas do Oeste americano e explorados dos filmes de bang-bang, cujos artistas eram os grandes campeões da justiça, como Tom Mix e Buck Jones.

Cada carroção levava de 10 a 20 pedras, distribuídas em cada expediente de meio-dia.

Felipe geleiro acumulou uma grande fortuna na venda desse produto, pois era solteiro e proprietário de toda a única frota de carroças especializadas em distribuir gelo a domicílio em Manaus. Foi um dos maiores agiotes e proprietário de mais de duas centenas de casas e estâncias que alugava.

Morreu em extrema indigência na sórdida cocheira onde morava, à Rua Major Gabriel, próximo à Leonardo Malcher, juntamente com os burros que lhe ajudaram a acumular essa grande fortuna. Com Felipe geleiro também desapareceu a época da distribuição de gelo a domicílio, ocasião em que começaram a aparecer as primeiras geladeiras a querosene.

## As Angélicas

O cheiro que dominava o "rodô", aí por volta das cinco ou seis horas, quando chegava o motor do leite como chamávamos naquela época, era o da angélica, que vinha em grandes maços e com pendões altos, às vezes de um metro e vinte.

Quando o motor passava em frente do mercado municipal, de longe as pessoas que iam à praia comprar frutas e verduras nessa hora, podiam identificar o motor do leite pelas flores brancas que vinham sempre em grandes maços, encostadas às amuradas da embarcação.

O motor que andava ligeirinho, fazendo imensos bigodes n'água, parecia que ia naufragar com o grande carregamento de leite e pessoas que vinham para Manaus.

Essas angélicas tinham muitas finalidades, entre as quais, a ornamentação de quase todos os templos católicos, principalmente as Igrejas de São Sebastião, sempre profusamente decorada e a Igreja da Matriz de Nossa Senhora da Conceição em cujo altar jamais faltaram flores naturais. O cheiro das igrejas era o cheiro de angélica.

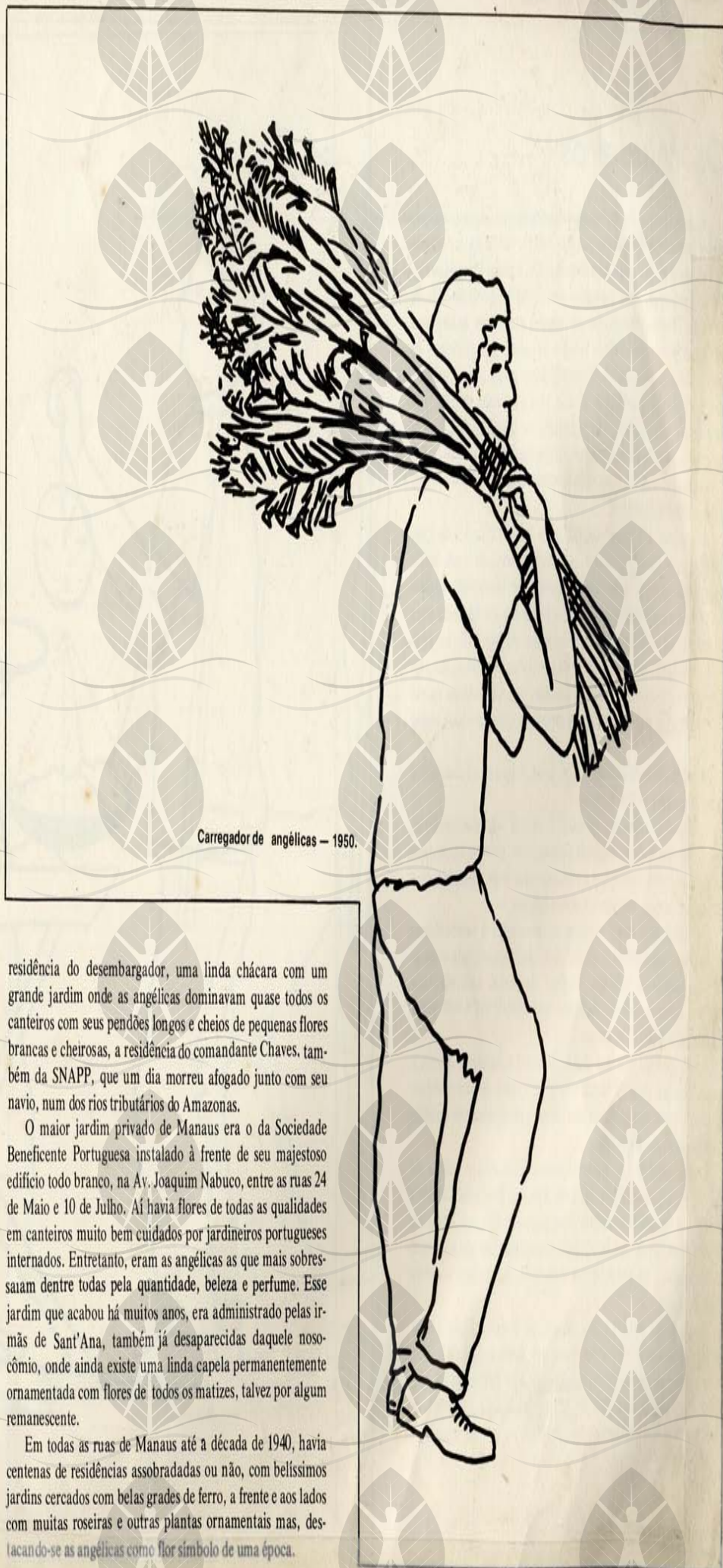
As casas de bom gosto também eram decoradas com essas flores, colocadas dentro de vasos de metal branco muito em voga, sobre colunas artísticas de madeira que ficavam nos cantos das salas de estar.

Alguns maços já tinham endereços certos, como a Igreja da Matriz e a Igreja de São Sebastião. A Santa Casa de Misericórdia que naquela época havia missas em sua capela, todos os dias e a porta para a 10 de julho estava sempre aberta para o público, cultivava um grande e vistoso jardim na área interna onde se adquiria flores de todas as qualidades. A grande quantidade, entretanto, ficava à venda na choparia Miranda Corrêa, ao lado do cine Odeon, onde o público podia adquirir a quantidade que quisesse, em ramos ou maços.

Ali, as pessoas da alta sociedade encomendavam grande quantidade para decorar as salas onde se realizavam os enlases matrimoniais, nas residências das noivas. Os casamentos civis eram realizados no Tribunal de Justiça e os religiosos em casa, por isso as salas onde se instalava o altar eram todas decoradas somente com angélicas e as portas e janelas com longas cortinas de rendas brancas, amarradas com largas fitas de seda, também brancas.

Era a época das angélicas. Quase todas as casas de sobrado de Manaus eram dotadas de magníficos jardins fronteiros, os canteiros um pouco acima do nível do chão eram construídos com paredes de garrafas de louças inglesas, sempre cheios de pés dessas flores tão populares e que não cresciam tão altas como as que vinham do Careiro.

Minha bondosa madrinha, professora Clotilde Pinheiro, filha do Comandante Fausto Pinheiro da SNAPP, mantinha um belo jardim a frente de sua linda residência, à Av. Joaquim Nabuco, muito bem cuidado pelas filhas de criação Ritinha e Maria. Quase em frente, também, num magnífico sobrado com a fachada toda revestida de azulejos portugueses, havia um magnífico jardim cuidado pelas filhas do proprietário, homem sábio e amante da natureza e das plantas, Desembargador Teotônio Coimbra, pai dos advogados Fernando Coimbra, Arlete Coimbra, Arnoldo Coimbra. Do lado direito da



Carregador de angélicas — 1950.

residência do desembargador, uma linda chácara com um grande jardim onde as angélicas dominavam quase todos os canteiros com seus pendões longos e cheios de pequenas flores brancas e cheirosas, a residência do comandante Chaves, também da SNAPP, que um dia morreu afogado junto com seu navio, num dos rios tributários do Amazonas.

O maior jardim privado de Manaus era o da Sociedade Beneficente Portuguesa instalado à frente de seu majestoso edifício todo branco, na Av. Joaquim Nabuco, entre as ruas 24 de Maio e 10 de Julho. Aí havia flores de todas as qualidades em canteiros muito bem cuidados por jardineiros portugueses internados. Entretanto, eram as angélicas as que mais sobressaíam dentre todas pela quantidade, beleza e perfume. Esse jardim que acabou há muitos anos, era administrado pelas irmãs de Sant'Ana, também já desaparecidas daquele nosocômio, onde ainda existe uma linda capela permanentemente ornamentada com flores de todos os matizes, talvez por algum remanescente.

Em todas as ruas de Manaus até a década de 1940, havia centenas de residências assobradadas ou não, com belíssimos jardins cercados com belas grades de ferro, a frente e aos lados com muitas roseiras e outras plantas ornamentais mas, destacando-se as angélicas como flor símbolo de uma época.

## Os Miudeiros

Algum tempo depois que a usina de luz de Manaus apitava cinco horas, já chegando para as seis da tarde, as catraias do bairro de São Raimundo atravessavam o largo igarapé para o Plano Inclinado, em direção a um pequeno porto ao lado da serraria Hore, transportando alguns fregueses habituais e com horário certo como relógio — eram os miudeiros do curro, com seus tabuleiros retangulares pingando sangue, cheios e pesados de fígado, baço, rins e coração de gado que vendiam a domicílio, sob a música de longos e românticos pregões esperados àquela hora por muitas donas de casa.

Subiam a rampa com seus tabuleiros de madeira à cabeça, gritando: Miudeiiiiiro!

Andavam até o ponto final da linha "Fábrica de Cerveja", cujo bonde parava exatamente ao lado onde havia uma torre sob a qual uma balança de fabricação inglesa pesava os vagões que subiam da praia cheios de lenha para alimentar as velhas caldeiras de usina de luz. Ali, os miudeiros colocavam seus tabuleiros uns sobre os outros, na parte traseira do bonde, onde as pessoas que não tinham paletó ou que portavam embrulho ou pequena carga podiam viajar em pé.

Subiam de bonde até à Rua Luiz Antony, ali desciam e cada qual tomava o seu rumo.

O fiscal geralmente tomava o bonde na Epaminondas, trecho já sem os indesejáveis passageiros, pois os vendedores de miúdo eram proibidos de transportar seus tabuleiros que pingavam sangue nos carros muito limpos.

Os miudeiros eram homens acostumados à venda desses órgãos bovinos; sabiam cortar qualquer quantidade e pesar na sua pequena balança manual de metal amarelo, que traziam sobre a carne, e diziam a quantidade certa sem que as freguesas nunca reclamassem.

Seu Teotônio era um deles, pontual e honesto. Servia a nossa casa há anos, e todos nós gostávamos do seu comportamento, pela atenção que nos dava, principalmente quando solicitávamos o seu serviço.

Todos os dias, às mesmas horas, percorria o bairro de Tócos, Rua Ramos Ferreira, Luiz Antony, Praça da Bandeira Branca, e terminava sempre num pequeno bar que havia no beco da Indústria. Ali ia bebericar com seus amigos e colegas de profissão, frequentadores habituais do boteco naquela hora do dia.

Quando ele gritava o seu pregão, as donas de casa já o estavam esperando às portas, com um prato de louça à mão, para comprar meio-quilo, um quilo, dois quilos ou mesmo duzentas e cinquenta gramas de fígado ou coração, com que preparavam um apetitoso jantar feito de muitas maneiras,



Miudeiro vendendo fígado.



principalmente bifés, guisadinho, grelhado ou à maneira de cada uma. Era comum o cheiro de carne assada nos fins de tarde em qualquer ponto da cidade ou bairro de Manaus.

Seu Teotônio, inclusive, perguntava à patroa se queria que ele cortasse o fígado em bifés, pois sabia exatamente a grossura que devia ter cada um para ficar bem frito. Enquanto servia as madames, não parava de falar qualquer assunto. Era uma verdadeira matraca. Em seu grande tabuleiro, com as bordas um pouco abertas, ligeiramente inclinadas para fora, carregava em média trinta quilos de miúdo, na maior parte fígado. Era cearense de cabeça chata, egresso do rio Madeira, onde fora tentar o corte de seringa, infelizmente um violento impudismo e outros motivos também muito sérios, cortaram-lhe as pretensões de ficar rico como seringueiro e trocou as "estradas" pelo trabalho maneiro, do barracão do patrão à margem do rio tranquilo, fazendo todo o serviço, inclusive cozinhando. Era homem de confiança do coronel. Um belo dia, foi convidado pelo seringalista para fazer um "trabalhinho", num pequeno seringal rio abaixo umas quatro horas de remo. Esse "trabalhinho" não era mais nem menos que dar cabo da vida de um velho companheiro seu, também cearense de Crato. Para isso recebera instruções, uma espingarda, cartuchos, uma pequena canoa e toda a cobertura do coronel. Teotônio viu-se entre a cruz e a espada, e lembrou-se de um velho adágio que diz: se correr o bicho pega se ficar o bicho come.

Negar-se a fazer o serviço determinado pelo patrão seria a decretação de sua própria morte, por isso aceitou a incumbência, e viajou rio abaixo. Mas, em vez de parar no lugar combinado, continuou remando para longe do impudismo e de serviços dessa natureza, para os quais não estava acostumado. Veio para Manaus, conseguiu emprego de limpeza num velho edifício de estilo inglês, de piso de cimento do curro, através de um outro conterrâneo. Depois de trinta e cinco anos de serviços ininterruptos, assistindo à matança e esartejamento de gado diariamente, foi aposentado com uma miserável pensão pela Prefeitura Municipal de Manaus, por tempo de serviço, e de lá para cá passou a vender miúdo de boi na cidade, para sobreviver.

Quando ele via uma pessoa descorada, "amarela empambada", dizia logo: — Isso é falta de ferro no sangue, você deve comer muito fígado.

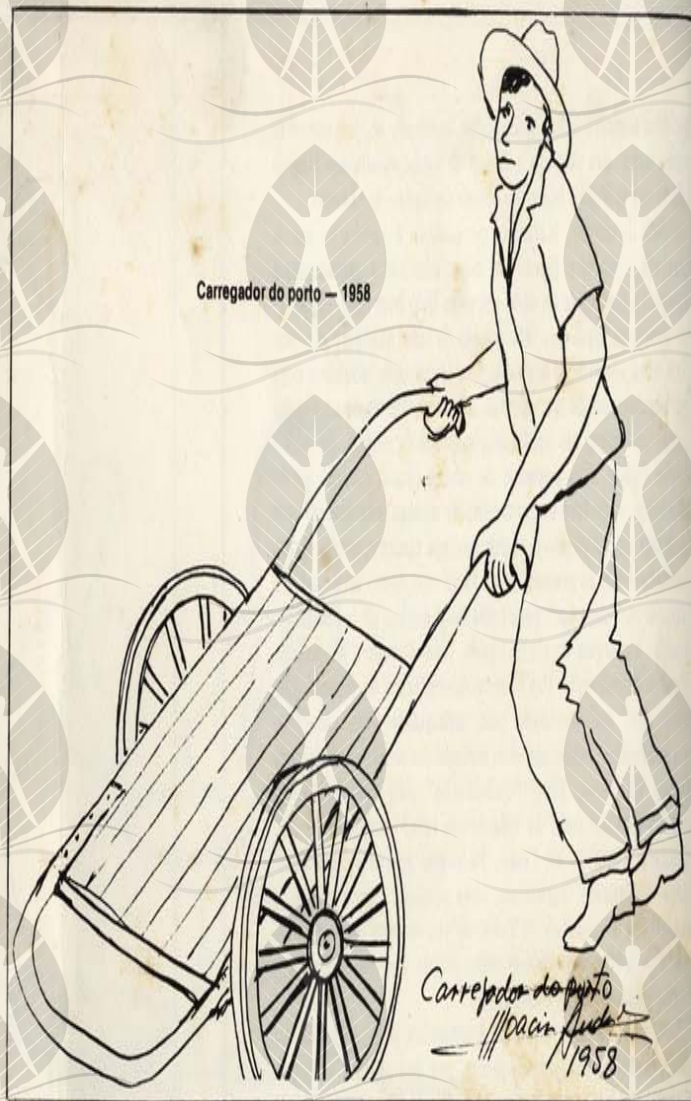
Naquela época, havia em Manaus um hábito — o de comer fígado no jantar.

Lá pelas 19:00 horas, os miudeiros começavam a retornar ao bairro da colina de São Raimundo, com seus tabuleiros debaixo do braço ou sobre a cabeça, portando não mais fígado nem coração, mas um pacotinho de pão ainda quente para o café da manhã, ou mesmo o jantar com um chá de capim santo ou de cidreira.





Carregador do porto — último da época faustosa da borracha.



Carregador do porto — 1958

Carregador do porto  
Moacir Andrade  
1958

## Os Carregadores do Porto

O cais do porto constituía para a mocidade daquela época um verdadeiro parque de devaneios, divertimentos, namoros e desfile de elegância, onde regorgitavam os vendedores de balões coloridos, pipocas, pirulitos, puxa-puxas, doces, refrescos, cascalhos, bananas frita, filhós, pastéis e muitas outras guloseimas que despertavam apetite.

As chegadas e saídas de navios de todos os tipos e tamanhos era uma festa deslumbrante para os olhos e para a imaginação de uma mocidade que não tinha outra opção que não fosse a de ir ao "roadway" às tardes, principalmente aos domingos nos meses de verão, quando todo o trapiche ficava cheios de moças e rapazes, trocando olhares, sorrisos e promessas.

A chegada dos gaiolas de Belém ou dos altos rios do Amazonas, enchia o cais de amigos, parentes e pessoas que simplesmente iam assistir à descida dos passageiros dos navios, todos embandeirados e iluminados para essas ocasiões.

As manobras difíceis e demoradas para encostar os grandes barcos na amurada do cais, era um espetáculo para os parentes e curiosos, todos querendo identificar as pessoas que

estavam agrupadas nos passadiços, ainda longe do atracadouro, dando gritos, acenando com lenços brancos, chamando pelos nomes e dando adeusinhos nervosos. Os apitos longos, as luzes policrômicas dos mastros, os barulhos das descargas dos tubos de vapor nos costados dos navios, o borbulhar das hélices revolteando num movimento convulsivo das manobras, a grande quantidade de pessoas debruçadas nas amuradas dos vapores, tudo aquilo era um universo de sonhos para aquela rapaziada alegre e cheia de esperança que ia ao cais.

Paralelamente a isso, havia os carregadores do porto, portugueses da Póvoa de Varzim e alguns brasileiros a eles associados, vestidos com camisas de mangas compridas quadriculadas e bonés de lã, segurando os seus carrinhos de mão, também acenando lá estavam à espera dos fregueses acompanhados de suas grandes malas de madeira recoberta de couro cru, cravejadas de botões de metal amarelo fazendo desenhos de forma espiralada. Tartarugas, gaiolas de galinhas e outros trecos para serem levados à terra. Às vezes eram bagagens de famílias inteiras que enchiam o carrinho de tal maneira que elevava o carregamento a uma altura de mais de dois metros quase alcançando os fios dos bondes.

Nesses casos, dois homens trabalhavam no transporte de mercadorias pelas ruas de Manaus, um empurrando e o outro puxando o carrinho de rodas de madeira, recobertas de dois anéis de metal, que fazia um barulho próprio ao atritar contra



Carregadores do porto de Manaus.

Moacir Andrade  
1958



Carro de mão muito utilizado pelos carregadores no "Tempo da Borracha" e dos navios gaiolas.

os paralelepípedos das ruas da cidade — o barulho das carochinhas dos carregadores do porto.

A frente do navio era um verdadeiro arraial de homens e coisas, burburinho de gente elegante, carregadores suados que gritavam alto, pedindo às pessoas que saíssem da frente para que eles pudessem empurrar livremente e com segurança os seus pequenos veículos.

Os gaiolas que vinham de Belém, primeiramente fundeavam um pouco longe do cais flutuante da Manaus Harbour, esperando a visita da Alfândega e da Saúde Pública, a primeira para verificar possível contrabando, a segunda se havia doença epidêmica a bordo.

Quando esses funcionários terminavam as suas obrigações legais e as catraias os traziam de volta para terra, então o navio podia encostar no cais e descer seus passageiros já impacientes pela longa espera.

Quando acontecia de chegar um pacote do Loide Brasileiro, do Sul do país, aí a coisa era mais complicada. O movimento de pessoas era bem maior, principalmente quando trazia uma autoridade estadual, um artista famoso do cinema ou do teatro, ou mesmo um alto funcionário do Governo Federal.

As bandas de música do 27º BC e da Polícia Militar lá estavam, juntas, bem ensaiadas, com seus soldados disciplinados dentro de suas perneiras negras de couro, altas, bem polidas, executando as suas marchas e os seus dobrados, enchendo o ar e o ambiente de muita beleza e animação.

Os jornais da capital, antecipando a chegada do navio, anunciavam com todos os detalhes o programa a ser cumprido na festa de recepção às personalidades que iam chegar, levando para o cais quase toda a população requintada da sociedade de Manaus. E como não podia deixar de ser, lá estavam todos os carregadores bem arrumados, com seus carrinhos, seus maços de corda de manilha e seus bonés de lã.

Quando vinha uma companhia teatral para se exibir no Teatro Amazonas, os carregadores ganhavam um dinheirinho extra, pois a grande quantidade de gigantescas malas que portavam, levando cenários e custosas fantasias, significavam muitas viagens para esses trabalhadores, levando bagagens do



Hoje são poucos os carregadores do porto de Manaus.

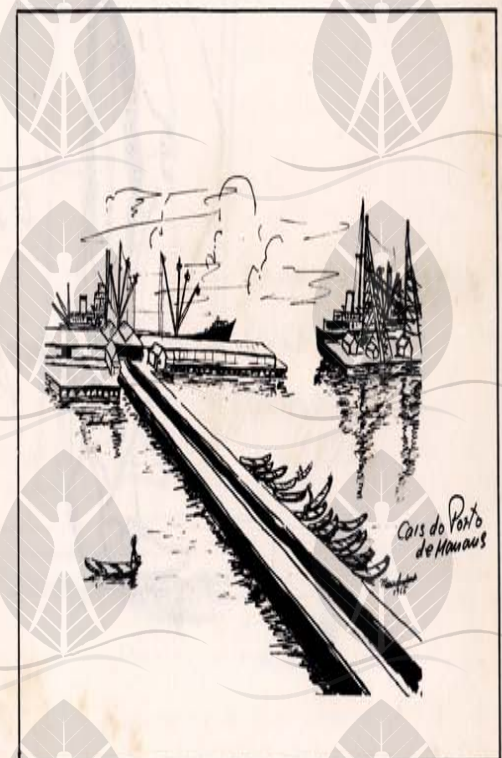
navio para os hotéis da cidade. Naquele tempo os melhores hotéis de Manaus eram o Grande Hotel e o Hotel Central, na 7 de Setembro, esquina com a Rua da Instalação.

Esses carregadores possuíam licenças especiais da Alfândega, da Capitania dos Portos e da Prefeitura Municipal para executarem livremente os seus serviços. Eles podiam com essas prerrogativas, entrar e sair dos navios surtos no porto, pegar as malas dos seus clientes lá dentro dos camarotes, desde que exibissem para a autoridade do barco, postada no portão da embarcação, essas autorizações.

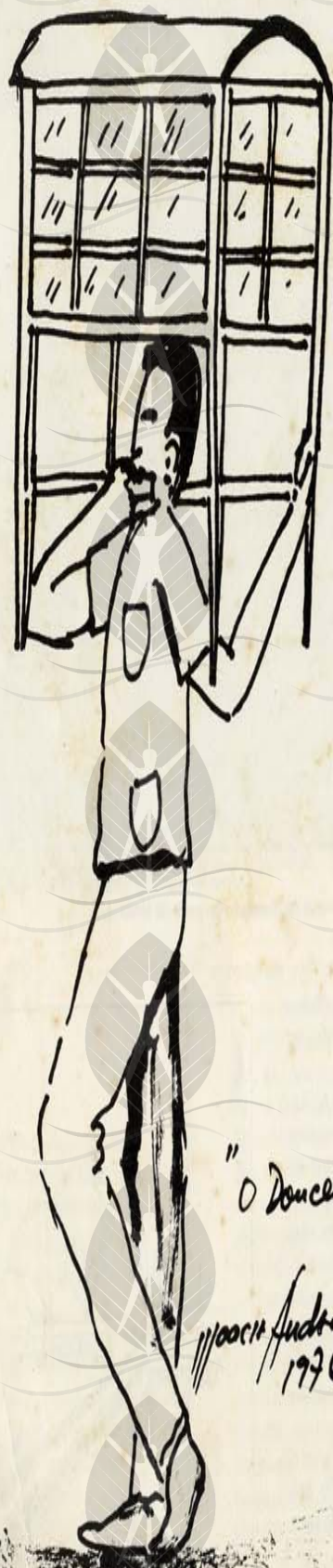
O serviço era cobrado por volume, pelo peso e pela distância. Um cliente que morasse no bairro da Cachoeirinha evidentemente pagaria mais. Os que se hospedassem nos hotéis das proximidades do cais do porto pagariam menos.

Os carregadores do porto começaram a desaparecer com o advento dos aviões e o conseqüente desaparecimento dos navios de passageiros, principalmente dos gaiolas, chatinhas e vaticanos, pressionados pela debacle da borracha.

Hoje, ainda existem alguns carregadores no porto mas sem o entusiasmo e a performance dos trabalhadores das décadas de 30 a 50, cada qual com o seu carro devidamente pintado, bem cuidado e pronto para entrar em ação à chegada de qualquer navio, lancha, vaticano, ou mesmo um grande pacote da Booth Line.



Cais do Porto de Manaus.



## Os Doceiros

Eram muitos e variados os vendedores e prestadores de serviços ambulantes que enchiam as praças e ruas de Manaus, com seus pregões característicos, tabuleiros coloridos, inscrições jocosas, apitos, gaitas, sinos, matracas, cornetas e pequenos órgãos manuais, com que anunciavam a sua mercadoria e atraíam os seus fregueses e clientes, geralmente, meninos e adolescentes.

Desde às 8 horas da manhã, essa pequena multidão de profissionais dava um toque de colorido alegre à cidade limpa e tranquila, com uma população que dormia a sua sesta, das 11 às 14, diariamente. Depois do almoço surgiam como bênçãos os doceiros, enchendo as ruas com o som mavioso de suas gaitas.

Os doceiros eram as figuras amadas pelas crianças. Portavam à cabeça caixas retangulares envidraçadas, com dois andares e quatro pernas compridas sobre as quais as descansavam quando serviam os fregueses mirins. Faziam parte da paisagem social e humana da cidade. Em volta deles, os meninos avidamente escolhiam os doces; os doceiros carinhosamente os pegavam com um higiênico pegador de metal e os embrulhavam num papel cor-de-rosa. Alguns pegadores tinham a forma de duas patas de águia e eram de prata.

Eram muitos os doces da época — o mata-fome, o bolo de milho, puxa-puxa, cocada, gergilim, beijo de moça, pastéis, pé-de-moleque, brôa, ramona, queijadinha, paçoca, plantilha, cavaca, sequilho, pão-de-ló, bolo inglês e outros que faziam os garotos dos grupos escolares do Colégio Dom Bosco, do Ginásio Amazonense Pedro II e dos cinemas de uma hora, cinema da garotada em que só passavam filmes de bang-bang.

O preço desses doces aí por volta de 1935 não ultrapassava um tostão cada. O mais caro custava no máximo duzentos réis

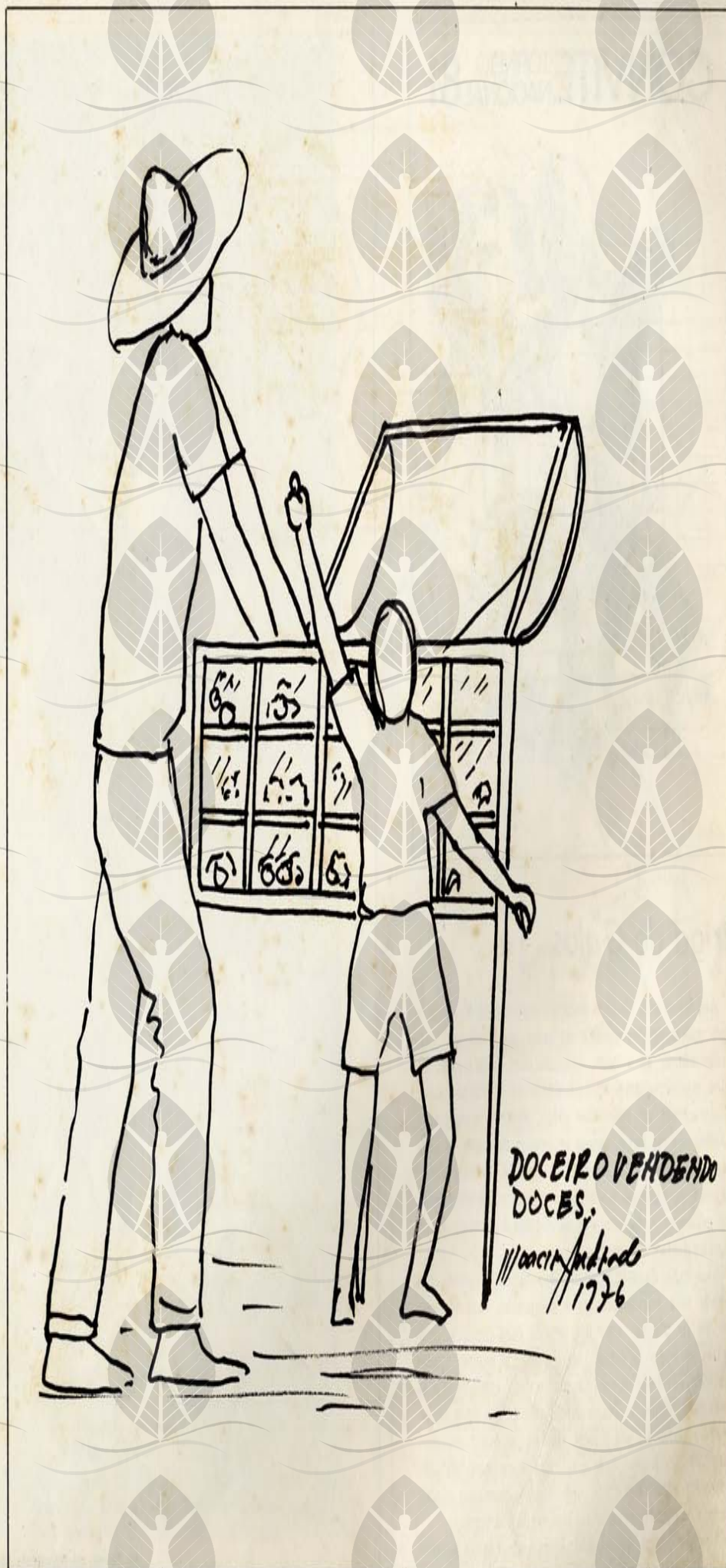
cada. Os doces mais populares, por serem mais baratos, eram o bolo de milho e o mata-fome, de forma retangular, grossos e deliciosos para o paladar dos garotos da época.

O som mágico da gaita do doceiro, era um convite irresistível a um banquete de mata-fome e uma sobremesa de rama ou queijadinha, que era feita de côco e era uma delícia. Quando o doceiro abria a tampa da caixa, o cheiro maravilhoso dos doces entrava pelo nariz até a alma dos meninos. Com quinhentos réis realizava-se um almoço farto, com muito doce e um ou dois copos de garapa.

Havia doceiros que se identificavam pelas músicas de suas gaitas, alguns tinham um floreado tão bonito que atraíam muitos garotos em grandes rodas só para ouvi-los.

As mais famosas docerias de Manaus da época eram a "Primeiro de Maio" na Avenida Eduardo Ribeiro, hoje "Confeitaria Avenida"; a doceria "Guilhermina Ferreira", na Rua Lobo D'Almada, famosa pelas suas ramonas e a doceria "Iracema", na Avenida Joaquim Nabuco, ao lado do Moinho Amazonas, ponto de encontro da mocidade grã-fina que se reunia ai antes das sessões dos cines Avenida e Odeon. Havia outras pequenas docerias de menor importância, na Cachoeirinha e no bairro de Educandos. Era comum ver-se em todas as ruas da cidade, vendedores ambulantes de doces, uns parados nas esquinas das ruas mais movimentadas, outros perambulavam costurando os becos e travessas dos bairros de Educandos, Matinha, São Raimundo, Vila Municipal, Bilhares, Pico das Águas e Cachoeirinha, na ânsia de vender o seu pequeno carregamento de guloseimas.

Quando terminava a matinê dos cines Alcazar e Politeama, as rodas de crianças se estabeleciam em volta dos carros dos garapeiros que ficavam na Praça da Polícia, esquina com a Avenida 7 de Setembro e 13 de Maio. A outra, na esquina da 7 com a 13 de Maio, uma quase em frente da outra, cada qual com seu bolo de milho ou mata-fome à mão, para comer com garapa de cupuaçu, graviola, maracujá ou mesmo limão, em última hipótese.



## CONVITE TORNEIO NACIONAL 81



### Briga de Galos

Aos domingos, a rinha começava logo depois do almoço. Com seus campeões debaixo do braço, os criadores "cartavam marra" no terreiro, exibindo com indistigável orgulho os seus pupilos sob a curiosidade dos aficionados que se agrupavam em redor dos galos, alisando suas penas, examinando-os. Formavam-se os grupos das apostas e da "raça" de cada animal, já com folha corrida, marcando pontos ganhos em antigos combates e reunindo admiradores e fãs que gritavam ovacionando os candidatos à composição da primeira dupla que ia pelear.

Num canto da rinha reservado às autoridades (juizes), um homem toca estridentemente a campainha, que são nos ouvidos da platéia como um convite para tomarem seus lugares em redor da arena. Um dos galos já se encontra no picadeiro, correndo de um lado para outro e exibindo as suas habilidades, como se tivesse consciência de que tudo aquilo em seu redor era a sua platéia. Batendo as asas, cantando, ainda enxuto e feroso, com suas penas de um negro brilhante e vermelho escuro e lustroso, responde aos chamados de seus donos, executando movimentos rápidos de guerreiro.

A pequena multidão aguarda impaciente o início do combate. Solta impropérios e desafios aos parceiros de apostas.



Ao Tempo do Presidente Jânio Quadros, muitos galos foram cozidos ao molho pardo.



Alguns gritam como leiloeiros somas muito altas de apostas.

Outra vez a campainhá. O juiz convida os massagistas, cada qual segurando o seu galo que antes fora examinado pelo árbitro na presença dos seus proprietários e da platéia atenta. Nesta oportunidade, os bicos eram minuciosamente examinados, geralmente os esporões que, limados e mostrados a toda a platéia, recebiam aprovação de todos sob uma intensa gritaria e salva de palmas.

A uma última ordem, os massagistas se afastavam um pouco, cada um para o seu canto, acocoravam-se e esperavam o começo da luta.

Aos som do gongo os galos saíam correndo um ao encontro do outro, numa primeira batida firme, enquanto os apostadores emitiam palavras e gestos de entusiasmo, gritos e apupos. Surgiam os lances de ocasião:

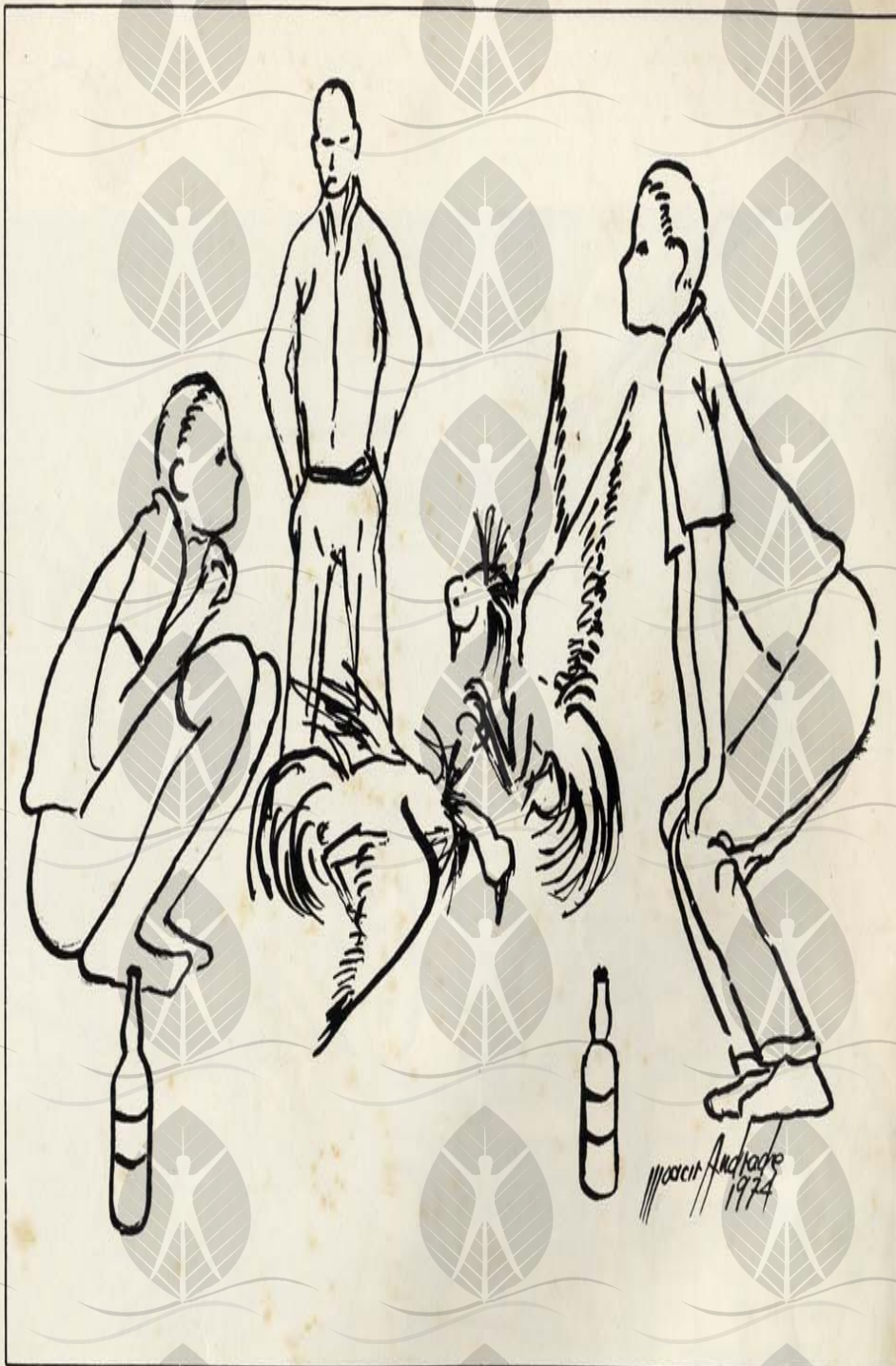
- 50 no bichinho preto, 50 no bichinho preto!
- E logo a resposta na mesma altura de voz:
- Topo a parada!

A parrelha se batia numa contenda de vida ou morte; a multidão vibrava frenética a cada batida sangrenta, que já cobria quase que totalmente a plumagem dos lutadores.

As apostas tornam-se mais freqüentes, antes de se esgotar o prazo. Novamente o gongo força a primeira parada da luta. Os massagistas correm e pegam cada qual seu galo carinhosamente para borrifar-lhes água no pescoço totalmente ferido e coberto de sangue, massageando-os nas batidas e limpando os golpes abertos pelos esporões do contendor.

Os berreiros continuam pedindo apostas, alguns pareciam atingir as raízes da loucura, acompanhados de gestos desesperados, em contraste com a postura de estátua de alguns outros participantes da rinha, que se limitavam a olhar e torcer em silêncio com a maior tranqüilidade do mundo.

O gongo inicia a segunda etapa da luta. Os galos, ainda



fortes, se encontravam na praça das justas como nos torneios medievais; as batidas secas provocavam histeria na platéia ansiosa de sangue e morte.

Então, uma "presa": um dos galos estremece no chão, aturdido, tonto. Os "passadores" torcem, suplicam que seu pupilo resista até o fim.

O galo que cambaleou e caiu no terreiro é o "King", o outro é o "Satanás", todo negro, olhos fuzilantes.

As rinhas eram disciplinadas por leis específicas, embora a jurisprudência brasileira condene esse tipo de esporte, classificando-o de bárbaro. Foi ao tempo do Presidente Jânio Quadros, quando milhares de campeões foram guizados ao molho pardo e muitos encheram despensas nos orfanatos da capital.

Os estatutos que regiam os combates nas rinhas eram ob-

servados com todo o respeito pelos aficionados, que procuravam conhecê-los e estudá-los. As apostas podiam ser feitas até o último instante da luta, o dinheiro era depositado nas mãos do juiz, que o registrava devidamente em livro especial.

No final da luta, que tinha a duração máxima de duas horas, com intervalo de dez minutos para descanso dos contendores, o juiz dava o veredictum, isto é, declarava o vencedor. Após esse instante, os jogadores realizavam o ajuste de contas. Os vencedores recolham as apostas, não antes de pagar as taxas devidas ao juiz, autoridade maior da rinha, as quais supriam as despesas do estádio.

Embora fossem nos sábados, feriados e domingos, os dias de maior afluência nas rinhas, o movimento era diário, principalmente nos fins de tarde, quando os proprietários levavam



seus animais para um pequeno treino e avaliação dos melhores, sem combates prolongados, mas apenas para desenferrujar as pernas, como diziam eles.

Cada galo era batizado com os nomes mais pitorescos possíveis: "Hitler", "Satanás", "Pantera", "Pantera Negra", "Águia", "Diamante", "Socó", "Touro", "Amazonas", "Baleia", "Campeão", "Ceará", "Bigode", "Tira Teima", "Corre Campo", "Facadinha", "Elétrico", "Pinga Fogo", "Mussolini", "King" e muitos outros.

Muitos galos ficaram famosos e viravam lendas contadas pelos antigos galistas. Segundo os mais antigos frequentadores, houve galo que brigou três vezes derrotando todos os contendores. Isso numa mesma tarde de domingo. Os galistas famosos são respeitados pelos segredos que guardam em saber fazer campeões; uns chegam a afirmar que possuem uma receita especial de alimentação que não revelam a ninguém por dinheiro nenhum. Outros levam seus galos às searas de Umbanda, onde são curados contra derrotas, ingerindo remédios milagrosos, cujo segredo os chefes umbandistas guardam sob sete chaves. Assim, um cheiro de misticismo e lenda envolve esse esporte universal que teve no Brasil uma considerável parcela de admiradores.

Paralelamente às lutas domingueiras, realizava-se na própria praça um mercado livre de compra e venda de galos de raça, numa animada pechincharia e exames minuciosos por parte dos interessados e especialistas no assunto. Outro aspecto curioso da rinha era o empréstimo realizado entre os proprietários de campeões, para o cruzamento com filhas dos vencedores. Essa tarefa melindrosa e de muita fidelidade era realizada por homens que se diziam curados para essa espécie de ocupação e eram respeitados por todos os proprietários que frequentavam o estádio.



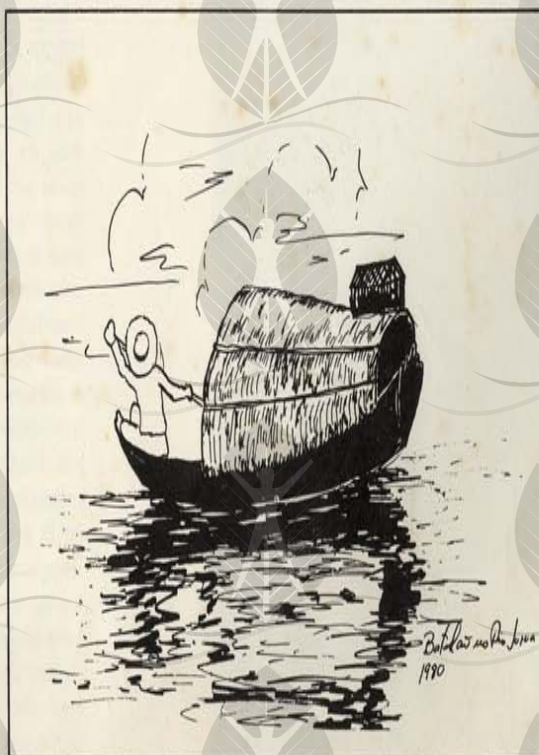


## Canoas de Reboque

Quem ia à praia do Mercado, bem em frente da cidade, quase todos os dias, já no fim da tarde, assistia a um espetáculo ecológico e sobretudo belo. Era na hora do reboque, quando os barcos a motores diesel começavam a fazer evoluções chamando os passageiros que se destinavam aos vários rios da imensa rede hidrográfica do Amazonas.

Eram barcos de todos os tipos e tamanhos, cada qual com o seu horário, determinado pela Capitania dos Portos. Ficavam rodando na baía do rio Negro até que, com uma fila considerável de batelões, canoas e outros tipos menores de veículos fluviais, começavam a se deslocar rumo às cercanias e altos rios.

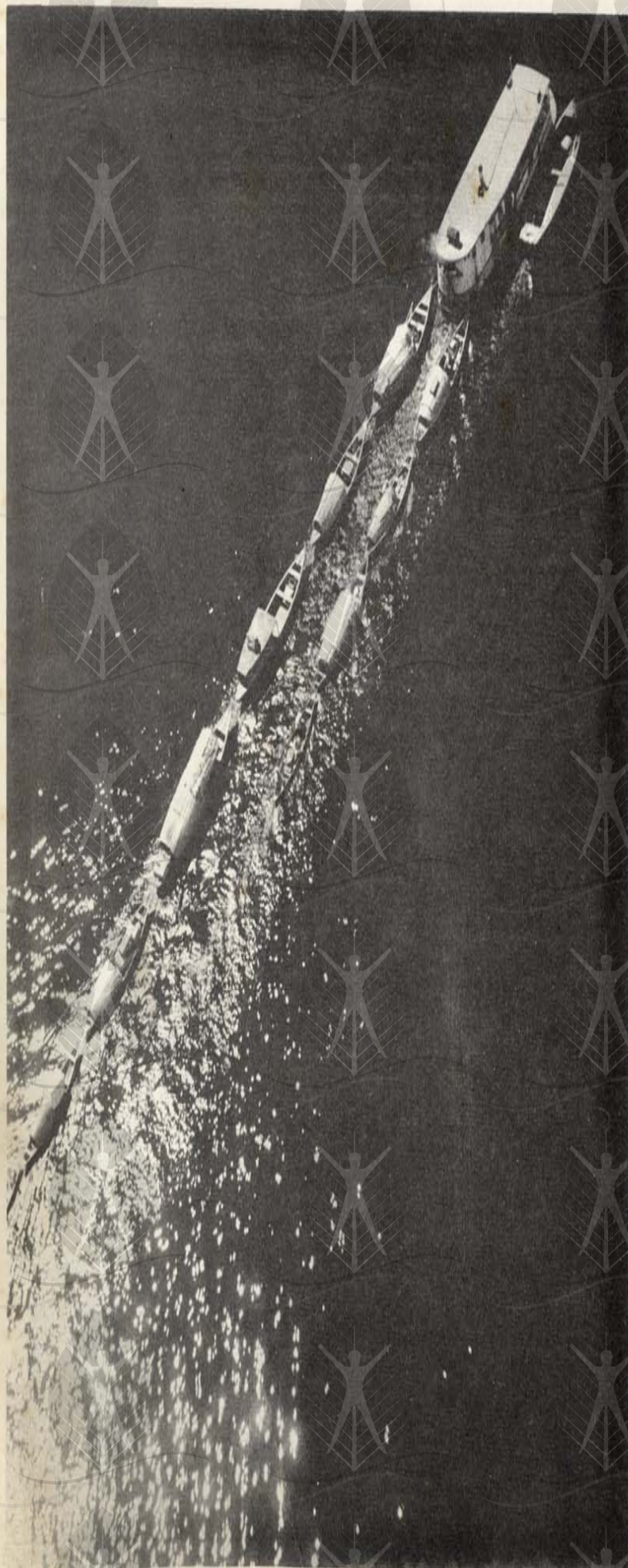
O nosso caboclo já conhecia bem o seu transporte, isto é, o motor que devia levá-lo de volta à casa hora, à habitual da viagem; conhecia inclusive o proprietário da embarcação e, principalmente, o cobrador dos reboques. Este, depois de algumas horas de movimento, quando a noite já ia alta e alguns dormiam, evidenciava a sua presença com algumas batidas no casco do batelão gritando "passagem". A passagem era paga de acordo com o trajeto, volume do casco, e ainda mais, o seu lugar no reboque devia ser de acordo com o ponto e local onde tem seu domicílio e residência. Por exemplo, os



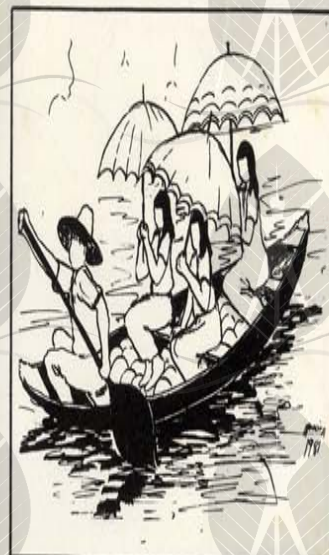
Batelão decendo o rio Solimões

que ficavam próximo ao motor rebocador, eram os últimos a deixar o séquito. Os primeiros a deixar o reboque deviam ficar no fim da fila. Geralmente cada rebocador levava duas filas, uma delas de grandes batelões e outros de canoas de pequeno porte; entretanto, os cascos maiores deviam ficar na frente e os menores e mais fracos atrás.

O cenário vespertino da Praia do Mercado se constituía de várias cenas interessantes, uma das quais a dos carregadores das bagagens dos passageiros dos motores. No grande muro que irronteia a praia, ficavam enfileiradas as mais pitorescas e heterogêneas bagagens dos candidatos às viagens, e também os que chegavam do interior com malas modernas, malas de tábuas, sacos de sernambi, de lona, sacos que serviram para transporte de farinha de trigo, gaiolas de passarinhos, gaiolas de pássaros, galinheiros e finalmente um mundo de coisas interessantes que só aconteciam nesta formosa cidade da Barra do Rio Negro. Esses carregadores "sui gêneres", eram hábeis acrobatas que realizavam verdadeiros espetáculos circenses, equilibrando-se sobre as canoas com uma porção de bugingangas sobre a cabeça, assegurando perigosamente o seu ganha-pão. Quando o rio subia de nível, o porto das embarcações ficava espremido entre alguns metros de muro de acostamento, provocando uma verdadeira cidade flutuante de barcos de todos os tipos, sobrando para o largo. Os que chegavam



Canoas a reboque no crepúsculo do Rio Negro — Foto Peter Cheier.



Canoa esperando reboque

primeiro, aportavam no muro de arrimo e ficavam impressos pelos que chegavam depois, constituindo-se assim uma imensa plataforma de embarcações onde se expunham à venda todas as espécies de produtos: banana, laranja, lima, limão, cupuaçu, pupunha, ingás, mamão, uma infinidade de frutas da região. A essa imensa e pitoresca feira de frutas, legumes, animais, couros silvestres, borracha, castanha, etc..., os manauaras chamavam de feira de canoas.

À tardinha os motores iniciavam a sua volta até o ponto final do seu itinerário, levando passageiros e carga. Quando se esboçava um temporal, o motor, para evitar uma catástrofe ou mesmo pequenos acidentes, procurava com o seu imenso combóio atrelados uns aos outros, às margens dos rios, principalmente os locais onde abundam a canarana, pois esse tipo de vegetação serve como um para-choques aos banzeiros provocados pelos temporais ou passagem de grandes navios. Ai paravam o reboque horas e horas até que serenado o tempo e passado o perigo, voltavam a subir o rio, levando o reboque já um pouco menor porque alguns batelões já haviam chegado a seu destino e cada vez que o barco chegava mais perto do ponto final, ia descarregando a mercadoria dos seus fregueses. A volta do motor era caracterizada por fatos novos, um deles, o mais pitoresco, é provocado por um tipo de mascate — os atravessadores: uma espécie de intermediários que compravam as mercadorias dos caboclos e revendiam a retalho com bons lucros, na Praia do Mercado. Esses homens geralmente viviam em Manaus, saíam à tardinha dessa cidade em velozes motores de popa subindo o rio Solimões, paranás, furos, onde ficam à deriva esperando a sua passagem. Ficavam a noite toda tocaçando, como verdadeiros sentinelas, os motores que desciam o rio com destino à cidade. Já pela madrugada, nas proximidades de Manaus, os reboques eram abordados pelos atravessadores que vasculhavam de um por um, os porões das canoas e batelões, em busca de mercadorias as mais diversas, pechinchando, até chegar a um acordo que na maior parte das vezes beneficiava o caboclo, pois esse já estava mais que habituado a esse tipo de conversa. A abordagem era realizada em pleno movimento

do barco, entretanto esses homens já afeitos a esse exercício diário, executavam-no com tanta destreza que causava verdadeira admiração aos que apreciavam à distância, mesmo assim algumas vezes causavam acidentes que resultavam em naufrágios às vezes fatais. Enquanto o reboque deslizava sobre as águas turbulentas do rio Negro, os atravessadores grudados aos cascos dos batelões como imensos mariscos, realizavam o transbordo das mercadorias compradas dos batelões para as canoas motorizadas; finda a transação, saíam rapidamente empurrados pelos seus possantes motores de pópa para realizarem o retalho na praia de Manaus, aí chegando cerca de 06:00 horas da manhã, onde já os esperavam as empregadas domésticas e donas de casa, com suas cestas e seus sorrisos que provocavam de imediato um diálogo afetivo entre o atravessador e a freguesa. Antigamente todos os reboques eram feitos por pequenas lanchas a vapor, alguns ficaram famosos, entre eles o "Leopoldo Mendes", "Ena", a "Cauré", "Turinha" e "Xiborena" que eram conhecidos de longe pelos seus apitos característicos: "essa é a Xiborena", diziam os caboclos. Essas lanchas prestaram aos moradores das cercanias de Manaus, serviços inestimáveis, eram velozes e dotados de muitos cavalos de força, que representavam maior quantidade de passageiros e carga; entretanto uma coisa era inconveniente nesses veículos fluviais, a grande quantidade de fagulhas constantemente despejadas sobre as canoas de reboque, causando prejuízos nas roupas e em outros objetos dos passageiros, às vezes até incêndios nos toldos de palha. Essas fagulhas eram mais intensas quando renovavam a carga de lenha das fomalhas das caldeiras. Quando essas lanchas desciam em pleno rio Solimões e acontecia de romper os cabos de amarras, então ouviam-se em plena noite, a gritaria dos passageiros agonizados, pedindo para a lancha parar. Esse tipo de acidente era muito comum nos reboques, era também pitoresco; pois provocavam entre os passageiros, piadas e chacotas engraçadas que faziam esquecer as vezes algumas horas dramáticas de espera, enquanto se normalizava a viagem, alguns mais dotados de espírito de galhofa, tocavam corneta e soltavam foguetes. Esses foguetes eram adquiridos em Manaus para as festas de São Pedro, São Francisco, São Sebastião, São José e outros padroeiros muito festejados durante o ano, nas cidades e nos beiradões dos rios do Amazonas.

Algumas dessas viagens me ficaram inesquecíveis, pois as realizei no trajeto Manaus/Boa Esperança, município de Manacapuru, ocasião em que tive oportunidade de observar todos os seus lances pitorescos nos antigos reboques. Os passageiros aproveitavam o tempo, uns para tocar violão, outros flautas ou clarinetes, cujos instrumentos constituíam as orquestras das festinhas do interior. Agora, com o advento da Zona Franca de Manaus, em alguns lugares, as festas são executadas por possantes toca-discos ou toca-fitas à pilha substituindo velhas e românticas "orquestras", chamadas de pau e cordas. Outras ainda reunidas com a família faziam a contabilidade do que foi vendido e apurado, do que foi gasto, e o respectivo comentário. Enquanto isso acontecia o velho motor alheio aos mais diferentes dramas vividos nos veículos, arrastava serenamente rio acima, como uma gigantesca cobra grande, o seu reboque de batelões, cascos e igarités.



Canoas a reboque na baía do Rio Negro — Foto Peter Sheier.



São Sebastião, santo protetor dos militares e doentes, tem na população de Manaus, milhares de devotos. Na foto o santo carregado num andor na procissão em seu louvor que acontece no dia 20 de Janeiro de cada ano.



Procissão de São Sebastião do bairro de São Geraldo.

## Os Festejos de São Sebastião

Conta a lenda que numa região, isto é, numa pequena cidade, da Gália chamada Marbona, encravada na região sudoeste, entre as Cordilheiras dos Alpes e de Cervana, vivia uma família cristã, da qual nasceu em 250 da nossa era um menino a que deram o nome de Sebastião. Até alistar-se no exército romano sob as ordens do Imperador Carino, o jovem Sebastião teve vida anônima igual a qualquer rapaz de sua idade. Entretanto, já sob as ordens do Imperador Diocleciano que tinha na verdade o nome de Caio Aurélio Valério Diocleciano Jório, Sebastião, como chefe da primeira corte dos pretorianos, destacou-se brilhantemente, tomando parte inclusive em pequenos combates contra incursões das hordas de nativos que habitavam as regiões da Aquitânia no Sudoeste da Gália e da região do Reno.

Nascido e crescido em lar cristão, o futuro grande mártir da Igreja Católica Apostólica Romana não temia as leis que condenavam os que professavam a religião cristã, e pregava aos seus correligionários as benesses de sua fé inabalável. Denunciado como cristão ao Imperador Diocleciano, foi des-

pojado de sua autoridade militar e condenado à morte em plena praça pública pelos mesmos soldados que comandara. Transpassado por uma saraivada de flechas, o soldado mártir da Igreja foi tido como morto, entretanto uma viúva socorreu-lhe cuidando carinhosamente de suas feridas, restituindo-o assim à vida. A fé inabalável dava-lhe a coragem de professar abertamente a sua religião. Certo dia, quando o Imperador Diocleciano passava solenemente por uma das ruas principais da cidade, acompanhado de seu imenso séquito de oficiais e altos funcionários da corte Imperial, Sebastião, cheio de coragem, interrompeu a procissão e fez parar o andor do monarca, censurando-lhe em altas vozes a sua crueldade. Novamente preso, o ex-soldado foi chicoteado até a morte e seu corpo atirado na Cloaca Máxima, foi entretanto encontrado pelos seus irmãos de fé que o sepultaram na catacumba que recebeu seu nome.

Sua morte, de acordo com a lenda, deu-se no ano de 288, 25 anos antes da morte do Imperador Diocleciano, que o mandou executar. Por ter sido um brilhante soldado e intromato



Garotos pagadores de promessas de São Sebastião no dia do Santo, 20 de Janeiro.



O andor saindo da Igreja de São Sebastião à Rua 10 de Julho.



Imagem de São Sebastião em procissão.

defensor da fé cristã, foi considerado o Patrono dos arqueiros, dos soldados, das confrarias de tiro ao alvo e seu nome é geralmente invocado nas ocasiões das epidemias. Em todo o Brasil é festejado no dia 20 de janeiro de cada ano. O papa Caio, parente do Imperador Diocleciano, que subiu ao trono pontifício em 283 e ficou até 296, ano de sua morte, deu a Sebastião o título de Defensor da Igreja, por ter sido ele um dos mais valentes seguidores da doutrina de Cristo. Além dos festejos da Igreja Católica, o sincretismo afro-brasileiro também festeja o dia 20 de janeiro, dia de Xapanã ou Rei Sebastião, patrono da Falange de Oxóssi, Rei da caça, e pelo qual cruzam-se as linhas de Ogum, Xangô, Mãe Oxum e todo o imenso exército de Orixás. Antecipado por nove dias de festas ao bater dos atabaques, acompanhados de cantos e danças anunciando a breve chegada de seus Deuses, os Orixás que rodopiam durante toda a noite num colorido maravilhoso de roupas e balangandãs sob a regência da Mãe-de-Santo, sentada em seu trono no canto direito do fundo do salão de chão batido. Ela é a maior autoridade do Terreiro e a responsável suprema de todos os que frequentam o Candomblé, todas as pessoas que entram na casa têm um máximo respeito a sua autoridade de Mãe-de-Santo, pois é ela que a todos comanda com extrema superioridade.

Antigamente, aos dias que antecedia a festa do mártir

cristão, era comum encontrar pelas ruas dos bairros de Manaus crianças e mesmo pessoas adultas pedindo esmolas para São Sebastião. Esses pedintes levavam consigo a imagem

do Santo Milagreiro exposta dentro de uma caixa de madeira ou papelão todo enfeitado com papel de seda colorido, polícrômicas flores naturais e artificiais e uma enorme quantidade

de fitas coloridas de seda sobrando para fora da caixa, cuja cor predominante é a vermelha, que é a cor do Santo. A pessoa que carregava a caixa de imagem, era envolto num pano de costa nos ombros da direita para a esquerda e amarrado à altura da cintura. Carregava também um guarda-sol que tinha a finalidade de resguardar o Santo Guerreiro do sol e da chuva. Um detalhe importante é que eram sempre duas pessoas que andavam pelas ruas dos bairros, de casa em casa pedindo "uma esmola para São Sebastião". Quando era dinheiro, o doador, depois de beijar respeitosamente uma das fitas, depositava-o dentro da caixa; se algum objeto ou comestível, então era posto em uma bolsa levada pelo acompanhante. Essas cenas infelizmente estão desaparecendo da cidade, naturalmente provocadas pela urbanização dinâmica que estamos experimentando.

No fim da Rua Pico das Águas, ainda mora a senhora Cândida que festeja São Sebastião há mais de 40 anos. Ela mesma nos diz: "Hoje não adianta sair pedindo; primeiro, as meninas têm vergonha de sair, depois as pessoas até parecem que esqueceram São Sebastião, não dão nada e alguns ainda fazem pouco da gente. Noutros tempos nos davam tanto dinheiro que no dia de São Sebastião a gente fazia uma festança enorme".

No Terreiro da Mãe Joana o dia de Xapanã é a festa máxima, com atabaques batendo ensurdecidamente até alta hora da madrugada do dia 21. À tarde, às seis, sai uma procissão levando a imagem do Rei Sebastião pelas ruas adjacentes; na volta, quando o santo é entronizado na sua capela, iniciam-se as solenidades da queda do mastro todo enfeitado de frutas, objetos e presentes que são distribuídos aos circunstantes, em seguida os tambores batem até ao cansaço.

Mãe Joana não esquecia de colocar sempre no "Jornal do Comércio" e "O Jornal", anúncios para a festa do Santo Guerreiro, distribuindo também convites às autoridades e à imprensa de Manaus.

"São Sebastião Vai Promover a Queda do Mastro-de-Farturas em Terreiro Célebre".

Amanhã, sábado, a partir das primeiras horas da noite, estarão soando os tambores do "terreiro" da Mãe Joana, no alto dos Comercários, em sinal de regozijo pelo transcurso da data consagrada a São Sebastião, santo reverenciado na Umbanda sob a designação de Ogum. A partir daquela hora a conhecida babalorixá Joana de Almeida, conhecida e estimada de toda a Manaus, estará recebendo seus amigos terrenos e extraterrenos, para a grande festa em homenagem ao Santo Guerreiro, cujas falanges representam, na religião afro-brasileira, um contingente de grande importância e extraordinário significado. Por toda a noite daquele dia e mais pelo correr do dia seguinte, domingo, os pais e mães-de-santo estarão saravando seus orixás, no "terreiro" de "mãe Joana", numa festa bonita, de respeito, muitas cores e, sobretudo, de indiscutível fé pessoal.

Recebemos daquela senhora um amável convite para a festividade de abertura dos trabalhos do ano, no terreiro que tem, por sinal, a designação de Centro Umbandista "São Sebastião". As festas terão o seu ápice, com a derrubada do mastro da fartura, no domingo, seguida de procissão ritualística.



## Escola Musical "Ana Carolina" 50 anos

Em pleno alvorecer do verão de 1869, num sossegado bairro da velha cidade de Coimbra, no dia 28 de junho sob as bênçãos festivas da família dos Ferreira, nascia uma bonita e rechonchuda menina que recebeu o nome de Idalina Cândida de Freitas Barros de Carvalho Ferreira, filha do famoso coronel do exército português, José Duarte de Carvalho, herói de muitas aventuras em além-mar por onde andou cumprindo missões militares.

Suas muitas e fabulosas viagens pela África e Europa, não só amadureceu o espírito da menina para as longas e maravilhosas viagens imaginárias do universo musical, como realmente conheceu muitos lugares, como Macau, Moçambique, Angola, Zâmbia, Rodésia e o Zaire, miolo africano, palco de muitas histórias e de maiores dramas, onde seu país tinha interesse político, talvez pelo fato de serem nações fronteiriças com suas colônias.

Na Europa visitou muitas vezes a maravilhosa capital francesa — Paris. Foi a Londres, passou pelas ruas de Bruxelas onde assistiu concertos clássicos. Ouvia Beethoven, Franz Schubert, Frederico Chopin, Wagner, e muitos outros grandes mestres, através do piano de grandes concertistas, que plantariam na mente e no coração da criança o gosto pela maravilhosa arte do teclado.

As mais das vezes, nas longas ausências do pai pelos caminhos africanos, a menina ficava entregue aos cuidados de seus avós amantíssimos que lhe adoravam muito e lhe enchiam a cabeça e a alma de bonitas histórias e de conhecimento bonitos além de uma esmerada educação indispensável a uma moça de fina estirpe como era Idalina. O avô por sua vez,



Uma festa litero-musical promovida pela Escola Musical Anna Carolina no Teatro Amazonas no encerramento do ano letivo de 1958. No grupo da foto, o tamboreiro é o jovem Yomar Desterro e Silva Júnior; a porta bandeira é Ana Maria Seixas; os soldadinhos são as meninas: Lúcia Regina Vianez, Maria Lúcia e Maria Auxiliadora Medina, Marilúcia Falção, Omarina Vianez, Ruth Maria Mello e Regina de Rezende Mendes. Foto de 1958.



Flagrante da peça apresentada no palco do Teatro Amazonas em 1959, por ocasião do encerramento do programa dos festejos dos 25 anos da Escola Musical Anna Carolina. O texto da peça foi de autoria de Yomar Desterro e Silva e a coreografia e direção de Maria

Izabel Desterro e Silva. Na foto da direita para esquerda a senhorinha Glorinha Guimarães representando a dança; Dália Queiroz a pintura; Maria de Fátima Xavier Inspiração e Sibil Vane das Neves a música.

dados aos estudos de ornitologia, botânica e ciências naturais, amigo incondicional da natureza, ao levar a menina para a escola, aproveitava o trecho do caminho para dialogar com ela, ensinando-lhe sobre o valor da natureza, dos pássaros, das flores, das águas límpidas dos regatos, enfim de tudo que fazia a vida mais feliz, mais encantadora. Era no dizer atual um verdadeiro ecologista.

A menina Idalina cresceu aprendendo as matérias acadêmicas, francês e música que sempre foi a sua grande paixão. Aos 12 anos falava corretamente o idioma de Rimbaud, dava recitais de piano nas festas íntimas de sua família que se regozijava com o singular talento da menina.

Aos 18 anos, sob os aplausos de toda sociedade local, e

principalmente de sua família que não cabia de alegria e orgulho, recebia o sonhado Diploma do Conservatório de Música de Lisboa, laurel que lhe dava condições de concorrer com qualquer pianista ou professor de música da Europa considerando que os jovens que conquistavam essa glória em Lisboa estava também consagrada em toda a Europa.

Senhora de uma técnica toda pessoal e impecável, recriando com extrema beleza seus acordes, pela harmonia modal e pelos ritmos mesclados de um misticismo colorido de muita ternura, prendia por horas e horas a atenção de quantos tinham o privilégio de ouvi-la.

Naquele fim de século, era hábito as famosas reuniões de artistas conhecidos em salões oficiais como em reuniões



A bela professora Maria Izabel Ferreira, no dia glorioso de sua formatura ao lado do piano e das rosas que recebeu da platéia diante pela sua brilhante apresentação na Sociedade Amazonense de Professores em 1950.

Íntimas de famílias, ocasião em que se reuniam pessoas de alta sociedade de Lisboa para ouvir e aplaudir pianistas, cantores e declamadores do melhor nível da Europa.

Contemporânea de Alphonsus de Guimaraes, mineiro de Ouro Preto que formou com o poeta Cruz e Souza a dupla mais importante do simbolismo no Brasil, lia alguns de seus livros que chegara até Lisboa pelas mãos de amigos do Brasil. Obras raras na época, considerando as edições muito reduzidas e a imensa dificuldade que tinha os livros brasileiros de emigrarem para a Corte.

O simbolismo, o lirismo amoroso cheio de espiritualidade inspirado no amor platônico dos cavalheiros da idade média, conquistava os corações das jovens de seu tempo, em especial do nível de Idalina, de profunda sensibilidade artística e educada dentro dos mais rígidos padrões sociais da época.

A responsabilidade pela música era tamanha que Idalina jamais tocou de ouvido, mesmo dedilhando na intimidade das reuniões informais de família. Ao sentar ao piano, imediatamente colocava à sua frente a partitura que iria

executar, tivesse diante de um público selecionado ou na intimidade de sua sala de música.

Foi numa dessas reuniões litero-musicais que Idalina conheceu um jovem estudante brasileiro que fazia o curso de Medicina na Universidade de Lisboa. O elegante jovem que logo encantou o coração da coimbreense chamava-se José Maria Rodrigues Ferreira, que mais tarde viria a ser um dos mais importantes críticos musicais da nossa terra.

Esse jovem que foi conhecer a sua amada na Europa, amazonense, nascido em Manaus, era filho do casal José Marçal Ferreira, natural de Portugal e dona Libânia Theodora Rodrigues, natural do Estado do Pará, aqui chegados em 1841 fixando residência permanentemente.

Dona Libânia era professora primária muito querida na cidade onde educou muitas gerações e Marçal Ferreira exercia o alto comércio em Manaus onde também pelo seu caráter, sua maneira cortês de tratar as pessoas e principalmente a sua pontualidade nos negócios, desfrutava de excelente prestígio. Benfeitor, homem que participava efetivamente em todas as



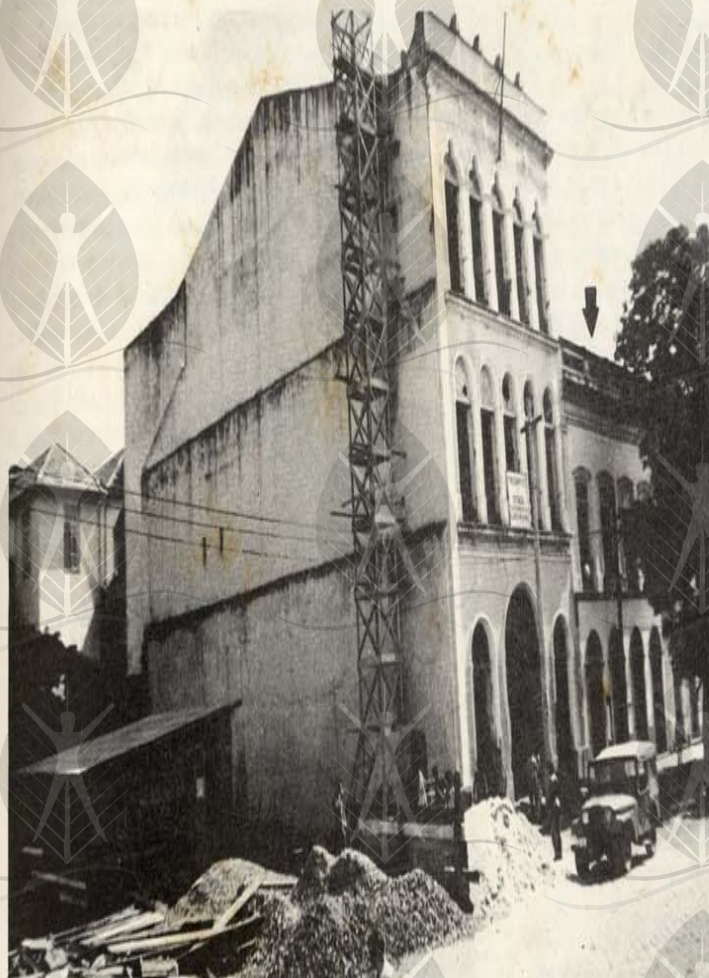
O competente corpo docente e administrativo da Escola Musical "Anna Carolina" situada a Rua 10 de Julho. Da esquerda para direita professoras Elvina Oliveira, Maria de Fátima Xavier Berutti, Regina Ferreira Xavier, Maria Izabel Desterro e Silva e Maria Augusta Xavier.



Noite de gala da formatura da aluna Maria Hercília Tribuzi no palco do Teatro Amazonas. Da esquerda para direita a formanda Maria Hercília Tribuzi, Maria Izabel Desterro e Silva, Alina Ferreira,

Marielinha Pedroza, Lucinda Azevedo, maestro Dirson Costa, Inês de Vasconcelos Dias, Lila Borges de Sá, Jerusa Mustafa, Maria Carlota Ribeiro e Regina Ferreira Xavier. Foto de 1972.





Nessa casa marcada pela seta foi fundada a Escola Musical Anna Carolina em 1934, pela professora Idalina Cândida de Freitas Barros de Carvalho Ferreira. A escola atual está situada na Rua 10 de Julho, próximo a Igreja de São Sebastião.



As meninas Lúcia Regina Britto de Andrade e Graciema Britto de Andrade Filha, quando exercitavam a quatro mãos Fischer-Galoppe, na audição de piano pela passagem do 37º aniversário da Escola Musical Anna Carolina na noite de 17 de agosto de 1971. Hoje, Lúcia Regina é Engenheira Civil, casada com o eng. Jackson Saraiva Dinajá Feijó e Graciema é odontóloga, casada com o aeronauta Antonio Carlos Branquinho. A primeira residente em Brasília e a segunda em São Paulo.

promoções sociais da província, chegou a ser Grão-Mestre da Maçonaria e amado por toda a população.

A municipalidade reconhecendo a sua importância na comunidade prestou-lhes uma justíssima homenagem dando-lhes duas ruas do centro da cidade com seus nomes: "Rua Dona Libânia" e "Rua Marçal", uma perpendicular às ruas 10 de Julho e 24 de Maio, próximo à Praça São Sebastião e a outra perpendicular à primeira e paralela às mesmas ruas, entre a Praça de São Sebastião e a Avenida Getúlio Vargas.

O casal teve quatro filhos, sendo o mais velho o dr. Augusto Olavo Rodrigues Ferreira, engenheiro formado pela Faculdade de Engenharia da Universidade do Rio de Janeiro que teve participação efetiva na construção do monumental Teatro Amazonas e o mais novo o José Maria, era dotado de uma extraordinária sensibilidade musical, bastava ouvir uma melodia uma só vez para executá-la ao piano.

Casaram-se em Lisboa, José Maria abandonando a carreira de medicina para a qual não tinha a mínima vocação, retornou a Manaus com sua jovem e linda esposa incentivando a sociedade local com reuniões lítero-musicais à moda européia, criando assim nesse pedaço longínquo do Brasil o gosto pela música ao piano.

Não faltaram as meninas da alta sociedade manauara

solicitando a prof. Idalina algumas aulas de piano que eram ministradas com satisfação.

O nascimento de seis filhos consecutivos não impediram a heroína luso-brasileira de continuar dando aulas de música como era seu imenso desejo, exercício que lhe proporcionava extrema felicidade. Como a sua vontade era férrea, cuidando da casa, do marido e dos filhos, conseguiu tempo suficiente para organizar uma escola que proporcionasse à juventude da terra que adotou como sua, alguns conhecimentos musicais.

Não foi sem sacrifício que no dia 8 de janeiro de 1934, na Rua Ajuricaba hoje Monteiro de Souza, num casarão de dois pavimentos em frente ao antigo edifício onde funcionou a Secretaria do Estado da Fazenda antigo Tezouro do Estado, próximo à estação dos bondes, fundou a sua tão desejada Escola Musical que tantos frutos tem dado às vocações musicais.

Muitas alunas matricularam-se na sua escola que já no ano seguinte apresentava a primeira audição recebendo aplausos de toda sociedade de Manaus agradecida pelo esforço e pela tenacidade daquela pequena lusa, mulher dotada de um espírito tão grande e poderoso. A primeira audição da Escola Musical Anna Carolina foi uma verdadeira apoteose de ternura, beleza e encanto. O Teatro Amazonas cheio de gente da melhor estirpe da capital estava ali para aplaudir o trabalho

gigantesco daquela extraordinária mulher cheia de boa vontade que embora compromissada com sua grande família encontrou tempo para se dedicar ao ensino musical.

A partir daquele histórico ano de 1934, todos os anos a Escola passou a encerrar seus períodos letivos com maravilhosas audições de suas alunas no Teatro Amazonas, cumprindo um esmerado programa de arte musical e uma tradição de 50 anos.

Em 1944, já cansada e sem forças para continuar a sua obra iluminada, a professora Idalina Cândida de Freitas Bastos entregou a direção da escola à sua filha dedicada, professora Alina Ferreira que tantas e tantas gerações formou em Manaus na profissão de Liszt.

#### QUEM É ANNA CAROLINA

Anna Carolina Pereira da Silva é exímia pianista e compositora, nasceu na cidade de Belém do Pará, onde iniciou seus estudos de pianista. Em 1929 diplomou-se pelo Instituto Nacional de Música do Rio de Janeiro iniciando a partir daí sua brilhante carreira como professora e pianista. Exibiu-se nos melhores teatros brasileiros sempre recebendo aplausos e encômios dos mais exigentes críticos pela sua performance.

Detentora de vários prêmios entre os quais "Medalha de

MANAUS HÁ 40 ANOS

Em 1946, a professora Idalina embora continuasse normalmente lecionando piano, passou a direção da escola para sua filha e companheira de lutas e de ideal, a profa. Alina Ferreira, coadjuvada pela irmã, profa. Regina Ferreira Xavier sob cuja direção firme competente e dedicada, manteve-se até meados de 1980 quando já exausta e com avançada idade, entregou à terceira geração da família na pessoa da jovem Izabel Ferreira Xavier Destêrro e Silva, que administra até hoje.

Registre-se que sob o comando da profa. Alina Ferreira, a Escola Musical Anna Carolina atingiu o seu apogeu, suas alunas passaram a se apresentar em vários recitais, com programas mais esmerados, mais exigentes e nos mais diversificados auditórios de Manaus.

É muito difícil haver uma família tradicional de Manaus que não possua um membro que não tenha sido aluna da Escola Musical Anna Carolina, que não tenha realizado um recital de piano num auditório dos muitos que Manaus possuía. Muitos salões na capital amazonense ficaram famosos através dos inúmeros recitais promovidos pela Escola Musical Anna Carolina ao longo desses 50 anos de gloriosas tradições, entre os quais o Salão da Sociedade Amazonense de Professores na Avenida Eduardo Ribeiro e o auditório da Escola Técnica de Manaus.

Há mais ou menos 40 anos, Manaus não possuía outra diversificação que não fosse o cinema, e cinema bom mesmo

só existia o Cine Avenida que ficava na Av. Eduardo Ribeiro, onde está localizada hoje uma grande loja do grupo Bemol. Ali, as famílias mais importantes assistiam os filmes de sua preferência. Depois vinha os cinemas Politeama na Avenida 13 de Maio esquina com a 7 de Setembro e o Cine Guarany também na 13 de Maio. O Cinema Odeon surgiu de uma reforma do velho cinema que tinha o mesmo nome, agora bem mais moderno, dotado de ar refrigerado (foi o primeiro cinema com ar refrigerado de Manaus, bem antes da Zona Franca). Infelizmente essa casa de diversão teve uma vida efêmera, levantava-se na esquina da Av. Eduardo Ribeiro com a Rua Saldanha Marinho, onde está construído hoje o alto edifício do Shopping Center.

PIANO DA DÉCADA DOS 40

Pois bem, aí por volta de 1944, quando a Grande Guerra estava no seu apogeu e Manaus isolada do resto do mundo tinha no rádio ou na vitrola de corda importados do exterior o seu maior divertimento, o piano era o grande centro de atenção da população. Rádios receptores haviam poucos, e os que existiam na cidade pertenciam a pessoas com certo poder aquisitivo que podiam inclusive ouvir com certo luxo e tranqüilidade a nossa única rádio emissora que era a "Voz da Baricéia", sob o comando do excelente Lizardo Rodrigues.

Luz não havia e a pouquíssima energia que podíamos desfrutar, era canalizada para um tal cabo C que era consumida pelos hospitais, quartéis, penitenciária, escola que



Professora Anna Carolina Pereira da Silva, pianista, professora de música, diplomada pelo Instituto Nacional de Música do Rio de Janeiro em 1929. É a patrona da escola musical que tem seu nome.

Ouro do Instituto Nacional de Música do Rio de Janeiro (1930); Professora Honorária da Universidade Católica de Salvador - Bahia (1934); Menção Honrosa em várias tertúlias. Fez cursos de especialização sendo um deles sobre as obras do grande e imortal compositor polonês Chopin, com o mestre também da Polônia Joseph Turczynski além de vários títulos como regente da 4ª. cadeira de piano do Instituto Carlos Gomes em Belém do Pará (1931). Professora docente Livre da Escola de Música (1936); Doutor em Música por haver defendido tese em Concurso para Catedrático.

Em 1934 veio até Manaus iniciando uma tournée de concertos pelos estados brasileiros. No Teatro Amazonas com a lotação completa foi aplaudida de pé pelo público que delirava ante a espetacular apresentação da magnífica artista.

O crítico de Arte José Maria Ferreira e a professora Idalina Cândida Barros Ferreira lá estavam na platéia aplaudindo a grande maestra.

Eram na verdade grandes amigos e admiradores da jovem concertista e como prêmio pela sua excepcional apresentação naquela noite memorável, resolveram de comum acordo dar a escola que breve seria fundada o nome de "ANNA CAROLINA".



A professora Maria Izabel Ferreira Xavier, hoje Destêrro e Silva, quando apresentava chela de orgulho a sua primeira turma depois de diplomada pela Escola Musical Anna Carolina em 1951.

mantinhm internatos e como o Colégio Dom Bosco, Escola Técnica de Manaus, Escola de Aprendizes Agrícolas do Paredão, Instituto Melo Matos, Escola Montessoriano Álvaro Maia e outros, além de escolas públicas e residências de altos figurões que usufruíam essa mordomia humilhando o resto da população. A noite quase toda a cidade era iluminada a luz de candeeiro ou lamparina a querosene que enchia os nossos narizes de uma fuligem negra e malcheirosa.

O piano era a salvação da alma e do corpo, era o dono absoluto das festas dançantes e recepções fossem elas uma simples reunião íntima ou uma audição de gala num auditório mais sofisticado já que o Teatro Amazonas fora cedido pelo Governo do Estado para servir como escritório dos expedicionários americanos e depósito de material de construção que lá se estabeleceram por muito tempo inclusive depredando-o quase que totalmente. Eram coisas da guerra e ninguém podia reclamar, e se reclamassem. Para quem?

De 1942 a 1945 as importações do exterior tornaram-se ainda mais difíceis ou quase impossíveis principalmente quando eram da Inglaterra, Alemanha, Áustria, França e de outros países litigantes da Europa, construtores dos melhores pianos do mundo, principalmente o da afamada marca Dorner, alemão, maior personagem do desastroso conflito.

Manaus vivia do seu passado, os pianos Dorner que

existiam na cidade eram reminiscentes da época áurea da borracha, teriam sido importados antes da eclosão da primeira Grande Guerra de 1914-1918, mesmo assim estavam em bom estado de conservação e podia-se ouvir em quase todas as boas residências da capital, principalmente depois do almoço à tardinha, as tradicionais lições que emprestavam um toque romântico à cidade. A maior parte dessas pessoas eram alunos da Escola Musical "Ana Carolina", embora houvesse outras muitas escolas isoladas como a da professora Maroquinha Pernet, na Rua Luiz Antony e da profa. Júlia na Rua dos Andradas, que ensinaram por muito tempo essa encantadora profissão.

O piano foi de tal importância na capital da borracha que haviam pessoas especializadas em transportar pianos, grande era a necessidade e o interesse que a sociedade tinha em possuir esse mágico instrumento musical. Eram os carregadores de pianos, italianos fortes e gordos que transportavam o importante instrumento sobre suas cabeças, já que não haviam veículos especializados para essa finalidade, os técnicos e afinadores aconselhavam o transporte suave sobre as cabeças desses profissionais para evitar a desastrosa vibração das rodas das "fubicas" ou das carroças que eram

ainda piores, sobre os paralelepípedos que fatalmente desafinariam as suas cordas.

### A PROFISSÃO DE PIANISTA

Todos os cinemas, teatros, clubes esportivos, escolas, jardins de infância, restaurantes, alguns bares e muitas casas residenciais possuíam o seu indispensável piano.

O Cine Politeama possuía um belíssimo exemplar de piano da amafada marca Dorner, que em 1934, quando ainda se projetavam alguns filmes reminiscentes do cinema mudo, fazia a festa das inolvidáveis matinês, o Cine Alcazar que depois passou a se chamar de Guarany que também foi teatro, possuía o seu piano, o antigo Cine Odeon na Avenida Eduardo Ribeiro esquina com a Saldanha Marinho; o Hotel Central, o Grande Hotel Internacional que ficava na esquina da Avenida 7 de Setembro com a Rua Marechal Deodoro, onde se davam os grandes jantares acompanhados de uma pequena orquestra, o Bar Americano, Leitaria Avenida e muitos outros cujos piano era sempre a peça indispensável de momentos agradáveis de uma população já habituada a esse detalhe de bom gosto. Sem contar todos os melhores clubes

## TEATRO AMAZONAS

Dia 21 de Novembro de 1948, às 16 hs.

### Audição de Piano

dos alunos da

### Escola Musical "Ana Carolina"

dirigida pela Professora

### Alina Marçal de Carvalho Ferreira

1948

## PROGRAMA

### 1.ª PARTE

- Beethoven - Adeus ao Piano — Casemiro Grangeiro
- " 3.º tempo de Sonata op. 2 n.º 1 — Sebastiana Grangeiro
- Chopin - Mazureca op. 33 n.º 4 — Syme Pazuello
- " " op. 7 n.º 1 — Ana Amélia Antony
- " Valsa op. 69 n.º 1 — Nelvia Teixeira
- " " op. 34 n.º 2 — Gilberto A. Barbosa
- " Marcha Fúnebre — Yvete Freire Ibiapina
- " Polonaise Militar — Hermosina Costa
- " Noturno op. 48 — Maria Isabel Ferreira Xavier
- " Berceuse — Maria Isabel Ferreira Xavier
- " Estudo Revolucionário — Yvete Freire Ibiapina

### 2.ª PARTE

- Leander Fisner — The robin's returns — Aveaglan Monteiro
- Frutuoso Viana — Dança de Negros — Maria Isabel Ferreira Xavier
- Mendelssohn — Rondó Caprichoso — Yvete Freire Ibiapina
- Debussy — La plus que leute — Gilberto A. Barbosa
- Weber — Rondó Brillhante — Maria Isabel Ferreira Xavier
- Liszt — Rapsódia Húngara n.º 11 — Yvete Freire Ibiapina

Manaus, Novembro de 1948.

TEATRO AMAZONAS

ESCOLA MUSICAL "ANA CAROLINA"

**FESTEJOS DO JUBILEU DE OURO**

Direção das Professoras

Regina F. Xavier

E

Maria Isabel X. Destêrro e Silva

AUDIÇÃO DE PIANO

28 DE JULHO ÀS 19:30 HORAS

1934 - 1984

MANAUS - AMAZONAS

TEATRO AMAZONAS

Escola Musical "ANA CAROLINA"

Dirigida pelas Professôras

Alina Ferreira

e

Maria Isabel Destêrro e Silva

**AUDIÇÃO DE PIANO**

Pela passagem do 37.º

aniversário de Fundação

**PROGRAMA CONVITE**

Manaus - 17 de Agosto de 1971

Terça feira às 20,30 horas

TEATRO AMAZONAS

17.8.1971

às 20,30 Horas

**ABERTURA**

"Parabens Escola"

Canto por todos os Alunos

I PARTE

(Músicas de autores nacionais)

I - Barrozo Netto 1.ª Gavota - Isabel Cecilia Destêrro e Silva

II - Arnaldo Rebêlo - Desafio - Silvia Vieira

III - " " - Toada Barê | Rosália Oliveira

Francisco Russo - Rapsódia Brasileira

II PARTE

MÚSICA LIGEIRA

I - Eumagalli - Polka - 4 mãos | Elise Cantanhede e Ana Suely Lacerda

II - Lichner - Sobre a Campina - Idney S. Lyra

III - " " - Tulipa - Ma. Eunice G. Lopes

IV - Badarczenka - Oração de uma jovem - Érica I. Leite

V - Massenet - Aragonaise - Marynei de Carvalho Andrade

VI - Fischer - Galope - 4 mãos | Lucia Regina e Graciama Andrade

III PARTE

MÚSICA CLÁSSICA

I - Schubert - Serenata - Adelaide Elita Alves

II - Godard - II.ª Valsa - Laura P. Desideri

III - Chopin - Polonaise Militar - Silvia K. da Silva

IV - Beethoven - 2 valsas (O desejo e a Dôr) | Rosalina Oliveira

Chopin - Grande Polonaise

V - Liszt - Sento de Amor | Auristela G. Cantanhede

Liszt - Bendel - Rapsodia Hungara N.º 2

L. M. Gottschak - Grande

VI - Fantasia Triunfal sobre o Ino Nacional Brasileiro | Maria Hercília Tribuzi

Secretaria de Educação e Cultura

**FUNDAÇÃO CULTURAL DO AMAZONAS**

SÉRIE

"Música em Processo"

Recital de Piano

DE

ROSÁLIA OLIVEIRA

DA

Escola Musical "Ana Carolina"

PROGRAMA DEDICADO AOS ESTUDANTES DE MEDICINA

14 de Maio de 1969 às 20,30 horas

Entrada Franca

TEATRO AMAZONAS

MANAUS

Sob o patrocínio da Fundação Cultural do Amazonas, da Série "Música em Processo" apresenta neste mês a pianista amazonense Rosália Oliveira, aluna da Escola Musical "Ana Carolina".

Rosália Oliveira nasceu em Manaus em 1948. Iniciou seus estudos musicais na E. M. "ANA CAROLINA", sob a direção da Profa. Regina F. Xavier, em 1962, e, presente-mente, faz o 2.º ano da Faculdade de Medicina da Universidade do Amazonas.

Em 1963 apresentou-se em seu primeiro recital. Desde ai tem tomado parte em várias audições coletivas, recebendo sempre criticas elogiôsas.

O programa hoje apresentado é composto de músicas sômente brasileiras.

É do nosso desejo que a apresentação da jovem pianista de hoje, seja um marco de incentivo e ajuda aos jovens musicistas de nossa terra.

- PROGRAMA -

I - Velha estampa

II - Evocação de Manaus

III - Toada Barê | Arnaldo Rebêlo

IV - Tarumã

V - Chôro em oitavas

II PARTE

I - Pensamento Oculto - F. D. Gondim

II - Longe do Mar - M. Jorge de Souza

III - Era outra vez - Barrozo Netto

IV - Scherzando - H. Osvald

V - Rapsódia Brasileira - F. Russo

# Escola Musical ANNA CAROLINA

DIRIGIDA PELAS PROFESSORAS

DD. IDALINA E ALINA FERREIRA

RUA AJURICABA, 57 — MANAÓS

## HORA MUSICAL

DOMINGO, 24 de Novembro de 1935 — A's 9 horas (Manhã)

### PRIMEIRA PARTE

- 1 — « Helena » — SCHMOLL — Lurgita Bittencourt
- 2 — « 4 mãos » — BEVER — Elgita Bittencourt e Elsa T. Köhler
- 3 — « Recreação » — Valencia Antunes
- 4 — « A jovem camponesa » — SCHMOLL — Conceição Gantois
- 5 — « O pequeno regente de orquestra » — F. RUSSO — Myrthes Sapha Kizem
- 6 — « Dó, Ré, Mi, Fá » — STREABBOG — M. Auxiliadora E. Alfonso
- 7 — « Paulo e Virgínia » — STREABBOG — Iracema Maués
- 8 — « Recreação » — Deny Rayol Camara
- 9 — « Batalhãozinho passa » — F. RUSSO — Maria de Lourdes Dantas
- 10 — « Trepadeiras » — F. B. BINET — Alberto Alvim

### SEGUNDA PARTE

- 11 — « The Blue Danube » — J. STRAUSS — Arinda Bittencourt
- 12 — « Oiseaux di Paradis » — STREABBOG — Hilda Lindoze
- 13 — « Era uma vez... » — BARROZO NETTO — Thereza Nobre da Silva
- 14 — « Bon jour Marquise » — J. TIXHON — Vacyrema Maués
- 15 — « La voix du Cœur » — STREABBOG — Maria de Lourdes Cunha
- 16 — « Marcha Turca » — MOZART — Edília Soares Ramos
- 17 — « Prima Carezza » — COET DE CRESCENZO — Affonsina Alvin
- 18 — « Minuetto » — L. BOCCHERINI — Ruth Dreyer
- 19 — « Tarantella » — HELLER — Op. 85, n.º 1 — Amélia Lindoze
- 20 — a) BERTINI — Op. 177 (Estudo) — Elsa T. Köhler  
b) « The Robin's Return » (Caprice) — LEANDER FISHER — Elsa T. Köhler.

# JUBILEU DE PRATA

DA

## Escola Musical "ANA CAROLINA"



## Programa de Festejos

Manaus — Julho — 1959

que possuíam o seu afinadíssimo piano alemão, e em conseqüência a sua maravilhosa pianista.

A profissão de pianista existiu com uma grande necessidade naquela época e as escolas tinham que se esmerar em entregar a sociedade boas pianistas que eram em seguida contratadas para todos os cinemas e restaurantes da cidade.

Da mesma maneira os grupos escolares tinham os seus Jardim da Infância e quase todas as professoras sabiam dedilhar o piano da escola para auxiliar as aulas das crianças e principalmente para executar os Hinos Nacional, da Independência, da Bandeira, hino da árvore, hino da escola, todos os grupos escolares tinham os seus hinos e outros que a criança da época aprendia prazerosamente pois eram

ensinados com alegria e muita música, sábados pela manhã, único turno de aulas nos grupos escolares da capital.

Todo esse batalhão de pianistas não saiu de Manaus para aprender, fora feito aqui mesmo com as professores de piano da Escola Musical Anna Carolina e nas que a antecederam mostrando que quem tem boa vontade, ensina arte até no quintal de casa, ou nas praças públicas.

A Escola Musical Anna Carolina pela sua importância no ensino musical em Manaus, apresentou muitas alunas em memoráveis audições com virtuosos famosos como Oriano de Almeida, Júlio Braga, Trio Bandeirante, Souza Lima, Guiomar Novais, Arnaldo Rebelo e muitos outros que receberam verdadeiras consagrações no Teatro Amazonas.

Em 1952 a ex-aluna da Escola, Izabel Ferreira Xavier

passou a fazer parte do corpo docente não só ensinando como dirigindo administrativamente.

Em 1956 outro membro da família iniciou a lecionar efetivamente, a profª. Regina Xavier.

Em 1959, com as presenças de autoridades e a melhor sociedade de Manaus, a Escola Anna Carolina festejou em grande gala os seus 25 anos de atividades, recebendo por isso encômios de todas as entidades culturais da capital, como reconhecimento ao seu trabalho e ao seu denodo em prol da educação musical no Estado. Hoje, ao completar 50 anos ininterruptos a escola possui 100 alunos, todos devidamente encaminhados e motivados para exercer a maravilhosa profissão de Arnaldo Rebelo.

### UMA ÁRVORE QUE FRUTIFICA

Seu corpo docente está assim constituído: — Profa. Regina Ferreira Xavier, Maria Izabel Ferreira Xavier Destêrro e Silva,



Esta foto histórica mostra o casal de professores de música José Maria Barros Ferreira e dona Idalina Cândida de Freitas Barros de Carvalho Ferreira, Fundadores da Escola Musical Anna Carolina a frente do velho piano que ensinou muitas gerações na magia da arte musical no Amazonas. O flagrante foi tirado na mesma sala onde foi fundada há 50 anos a escola, no velho casarão assobradado. Rua Ajuricaba, n.º 57, hoje Rua Monteiro de Souza, em frente ao edifício do antigo Tesouro do Estado, depois Secretaria de Economia e Finanças, próximo a estação dos bondes, na Praça Osvaldo Cruz.



A professora Alina Marçal de Carvalho Ferreira, mulher de coragem, herdeira de fibra e da heroicidade de sua mãe e fundadora, Idalina Carvalho Ferreira, recebeu a administração da escola em 1944 quando sua mão já não tinha mais forças para dirigir a batuta. Alina, ministrando aulas de música desde 1934 até os dias de hoje, coadjuvada pela prof<sup>a</sup>. Izabel Ferreira, sua sobrinha e neta de dona Idalina, tem entregue a sociedade brasileira anualmente, inúmeras vocações para a maravilhosa arte do piano. Para a beleza espiritual de Alina Marçal Ferreira, honra ao mérito e o reconhecimento do Amazonas, através da Assembléia Legislativa do Amazonas, da Câmara Municipal de Manaus, da Fundação Cultural do Amazonas, da Academia Amazonense de Letras, do Clube da Madrugada, da União Brasileira de Escritores do Amazonas e da recém-criada Fundação Musical do Amazonas.

Maria de Fátima Xavier Beuritti, Maria Augusta Ferreira Xavier e a aluna mestra Etelvina Oliveira.

Desde o início das suas atividades a Escola Anna Carolina formou inúmeras pianistas entre elas, Nair Cervinho Martins, Elza Theóphilo Kohler da Cunha (diretora do Conservatório de Música do Território do Amapá); Lourdinha Carvalho, Maria Carlota Ribeiro e Ivete Freire Ibiapina (Diretores da Escola Musical Ivete Freire Ibiapina), Maria Hercília Tribuzzi (professora universitária); Maria de Fátima Xavier Beuritti (prof<sup>a</sup>. da Escola Musical Anna Carolina); Maria Izabel Ferreira Xavier Desterro da e Silva (professora e uma das Diretoras da Escola Musical Anna Carolina); Lúcia Helena Medeiros, Weimarina Normando (hoje Cabral); Vânia Lustosa (Hoje Sabbá), Lúcia Benzecry (médica das mais conceituadas em Manaus); Lileana Mourão (prof<sup>a</sup>. universitária); Arminda Mourão (hoje Diederich); Laura e Sandra Desideri, Maria das Graças Desideri (hoje Tino); Maria Auxiliadora Desideri (hoje Azize); Ana Maria Braga (hoje advogada), Marcilêa Carvalho, Aliete Ney Rayol, Ruth Maria Mello, Maria do Carmo Xerez de Souza, Maria Auxiliadora Xavier, Adéle Benchimol Schwartz (hoje médica); Adolfo Benchimol Schwartz, Nádia Maria Limongi, Liliane Maria Daou Lindoso (hoje religiosa salesiana); Lúcia Regina Britto de Andrade (hoje engenheira civil, casada com o eng. Jackson Dinajá); Graciema Britto de Andrade (hoje odontóloga, casada com o sr. Antonio Carlos Branquinho); Rosanila Britto Feitoza (universitária); Izabel Cecília Desterro e Silva (hoje eng<sup>a</sup>. civil); Ana Suely Lacerda (hoje Moss); Maria de Nazaré Pio de Souza, Gracy Benchimol, Denize Benchimol, Rosalina



Flagrante do momento da recepção do Diploma de Música de Maria Izabel Ferreira Xavier, neta da fundadora da "Escola Musical Anna Carolina", prof<sup>a</sup>. Idalina Cândida de Freitas Barros de Carvalho Ferreira. Essa foto foi tirada em 1950 no salão da Sociedade Amazonense de Professores na Avenida Eduardo Ribeiro trecho entre as ruas José Clemente e 24 de Maio. Da esquerda para direita em pé: Prof<sup>a</sup>. Lucinda Azevedo, prof<sup>a</sup>. Maria Carlota Ribeiro

(Vivisinha), prof<sup>a</sup>. Nair Martins, prof<sup>a</sup>. Maria Augusta Xavier, prof<sup>a</sup>. Regina Ferreira Xavier, prof<sup>a</sup>. Noêmia Cezar e prof<sup>a</sup>. Ivete Freire Ibiapina. Sentados na mesma direção dona Maria Augusta Bacellar, viúva do ex-governador Pedro de Alcântara Bacellar, dona Odete Bandeira de Araújo, Maroquinha Cezar de Oliveira, desembargador Armando Teixeira, a diplomanda Maria Izabel Ferreira Xavier, prof<sup>a</sup>. Alina Ferreira e prof<sup>a</sup>. Lila Borges de Sá.

e Rosália Oliveira, Adelaide e Eliete Alves, Eliana Loureiro, Marcilêa de Carvalho, Gilberto Barbosa (hoje jornalista); Elise Guerra Catanhede (hoje Destêrro e Silva engenheira civil); Júlio Seixas (vereador); Três gerações que passaram pela escola: Maria Ambrosina Albuquerque (hoje Vianez.); Osmarina Vianez (hoje Castro); e Andréa Vianez Castro, neta de Ambrosina, Adelmana Corrêa Torreão (hoje representante do Brasil como pianista, na Europa); Sônia Régia Brandão (hoje Soares).

Neste ano de 1984 em que a Escola Musical Anna Carolina comemora orgulhosamente o seu jubileu de ouro, faz-se mister registrar os nomes dos atuais alunos Carlos Delan Pinheiro, Fany Zucker, Esther Sílvia Santos, Sandra Desidere Rodrigues, Paula Célia Dias Menezes, Ana Karina Brasil, Kadian Medeiros Raposo, Jacilena Catunda, Silvana Keila Lobato, Ana Paula C. Marques, Fernanda Fidelis, Luciana Barroncas, Mônica Motta Mara, Ronaldo Marrocos, Janaina Bezerra, Maiza Cabral Guerreiro, Renata Xavier Berutti, Geraldo Antonio Destêrro e Silva, Mírnica Santos, Amillen Arevaldo, Regiane e Roseimeyre Mendonça, Helen Regina Pinto, Fabíola Monteconrado, Alexandra Paiva, Janaiana Corrêa, Andréa Mello, Valéria Maciel, Nara e Leila Gonçalves, Cristina Saavedra, Liana Péres, Liliane Péres, Carmencita Assis, Ana Paula Xavier, Andréia Taveira, Adriana Taveira, Thêvis Valle, Selenita Manaus Hartman, Maria do Perpétuo Socorro Oliveira, Fátima Valéria Marques, Karla Kristina Lima, Paula Andrea Gil Batista, Núbia Garcia, Leila Barros, Márcia Gabriela, Auxiliadora Maia, Regi Helene S. da Silva, Sandra Cássia de Souza, Jaise Rebelo, Elcina Passos, Lena Nara Gonzales, Joelma Ferreira, Mônica

Pimenta, Samara Ramos, Ana Paula Salazar, Ana Cristina Onety, Úrsula Santiago, Ana Laura Herrera, Amanda Paula, Maria das Graças Oliveira, Sílvia Gabriela Riques, Auxiliadora Benigno, Andréa Colares de Araújo, Prisha Parvani, Kelen Cristina Gonçalves, Sônia Tereza Nogueira, Josephine Marie, Giselle Campos, Henrienne Saunier, Henriette Saunier, Ana Walfrida, Sílvia Laureana, Renata Krischanã, Mariana Simone Ribeiro, Dárfa Neves, Nailce Motta, Ana Acácia, Nathalie Rocha, Sônia Thereza Nogueira, Josephine Maria Fish, Esdras Moreira, Thamara Ferreira de Souza, Ana Valéria Neves dos Santos.

#### OS CINQUENTA ANOS DA ESCOLA MUSICAL ANNA CAROLINA

São essas jovens testemunhas vivas de uma data histórica e de profunda significação para a vida cultural do Amazonas, data singular pelo fato de estar ainda viva a com relativa saúde uma das fundadoras, mola mestra da Escola Musical "Anna Carolina" que será alvo de justíssima homenagens da Assembléia Legislativa do Estado do Amazonas, da Câmara Municipal de Manaus, da Secretaria de Estado da Educação e Cultura por iniciativa dessa figura magnífica Freida Bitencourt, da Fundação Cultural do Amazonas, da União Brasileira de Escritores do Amazonas através de seu presidente o escritor, dr. Jaime Pereira, do Clube da Madrugada pelo seu digno presidente dr. Carlos Genésio Braga, pelo Instituto Brasileiro de Antropologia da Amazônia, pelo Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas na pessoa do dinâmico dr. Róberio Braga e pela Fundação Cultural do Amazonas.



Um detalhe dos tanques de irrigação dos canteiros.

## As Hortas dos Portugêses

Embora num tempo em que não havia muitos mil réis correndo em Manaus, os moleques da rua Dr. Machado sempre arrumavam um jeito de ganhar algum dinheiro. Tratar dos jardins dos sobrados elegantes, vender estrume de cavalos, fazer negócios com garrafas vazias, eram fontes de faturamento naquele tempo de vacas magras.

De vez em quando, eu tinha trabalho de pintar faixas para os políticos da época, ganhava muito pouco, mas compensava plenamente quando eu via, no outro dia pela manhã, as faixas esticadas, atravessadas nos altos das Avenidas Eduardo Ribeiro e 7 de Setembro, cumprindo os objetivos de sua missão política, trabalho patriótico que ajudara a fazer, sem, contudo, poder dizer para ninguém que era também uma colaboração minha.

A Rua Dr. Machado tinha a sua turma de moleques, inimigos dos da Rua Ramos Ferreira, que possuía os grandes famões de papagaio e da bolinha, por isso era temida por todos, principalmente pela do Alto de Nazaré, que se gabava

de ser a melhor da pelada, campeã do campo de Cumaru, no trecho das ruas Apurinã, Tarumã e Japurá.

O nome do campo de Cumaru deve-se ao fato de existir naquela época, bem no meio da rua, um gigantesco pé de cumaru, que ficava exatamente no centro do campo, dividindo-o em duas áreas.

Nossa turma era famosa: Tabajara, Nego Zura, Esbim, Origenes Martins, Deoson, Canhoto, João Louro, João Pé-de-Vaca, Coimbra, Lilico, Pinguelêta, Lolô, que hoje é médico famoso em Salvador da Bahia. Haviam outros, cujos nomes não recordo, mas lembro de suas fisionomias.

O nosso quartel general era a copa de uma imensa mangueira da Dona Cachica, sombra fresca e acolhedora da grande árvore secular que cobria como bênçãos aquele pedacinho da Rua Dr. Machado. Seus imensos e folhudos galhos, espalhavam-se sobre trecho da rua formando um largo e acolhedor chapéu de verdura, dava uma magnífica sombra sob o qual a molecada ia construir seus planos de incursões pelos

igarapés da Matinha, 40, Bilhares, Flores, 1.<sup>a</sup>, 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> pontes, onde íamos tomar banhos e caçar camarões e carás nas locas das pedras submersas daqueles pequenos cursos d'água límpidos, cortando aquela belíssima floresta como uma bênção.

A turma reunia-se sempre depois do almoço, aí por volta de meia hora ou uma hora da tarde, quando todo o mundo estava dormindo a sesta e o silêncio se fazia obrigatório em toda a rua como um manto de paz, apenas quebrado pelos cânticos estridentes das cigarras de agosto, caçadas impiedosamente pela meninada que não lhes dava tréguas.

Eu tinha um companheiro que se fazia mais meu amigo — o Tabajara de Assis, filho do comandante Cleves, que se chamava Cleveland, pai de muitos filhos, todos com nomes indígenas, entre eles o Aimoré, Potiguara, Jaciara, Iracema, Iara, e muitos outros, creio uns dez ou doze.

Moreno, rosado, senhor de muitas estórias acontecidas nas inúmeras viagens que fazia permanentemente pelos rios do



As hortas eram uma paisagem comum nos bairros de Manaus. Esta, da foto, ficava na Rua Leonardo Malcher, esquina com a Tapajós.



Um horteleiro que conviveu com o autor há mais de cinquenta anos da Rua Dr. Machado.

Amazonas. Tinha um jeito todo especial de tratar as crianças daquela rua e sabia, como ninguém, contar estórias para a petizada, nos intervalos de suas idas e vindas ao interior do Estado. O Tabajara era o anfitrião da audiência, convidava o pessoal que sentava à frente do velho timoneiro, no chão de sua casa de madeira, ao lado da taberna do seu Adriano pão duro, que tinha um filho com o mesmo nome.

As estórias contadas com sabor de aventuras, se desenrolavam até que o sono obrigava-nos a procurar nossas casas.

No outro dia, à mesma hora, os mesmos moleques ali, como que cumprindo uma missão importante, sob a copa frondosa da grande mangueira da dona Cachica com seu grosso caule encostado na cerca de madeira que delimitava o lado do terreno com a rua, derramando-se sobre a Dr. Machado, como uma mãe carinhosa, com as sombras dadasivas de seus milhares de ramos. O lugar da reunião era limpo, sem grama nem arbustos que impedissem o jogo de bolinhas e pedrinhas, disputados por campeões como o Serafim, Esbim, Nego Zura, Mozart, Raimundo Magno que hoje reside em São Paulo, pintor de nome nacional, o Tabajara de Assis, Papa Arroz, que era um pouco mais velho que nós e às vezes nos ganhava na marra, fazendo trapaça no jogo e exigindo o pagamento de uma partida que não foi ganha com honestidade.

Agosto, sol quente e seco, a rua completamente tomada de



Uma vista da horta do Seu Adellino, na Rua Tapajós com Dr. Machado.



Horta do Seu Herculano, na Rua Dr. Machado.



espigões, de mato quase cerrado, cuja altura chegava a mais de dois metros, permitia apenas o caminho da largura das carroças de rodas de pau, por onde as pessoas que residiam naquela rua passavam. Nosso lugar porém era limpo, sempre limpo e pronto para receber os seus frequentadores mirins, habituais compradores de garrafas vazias e estrume de cavalos, dos milhares de cavalos que costuravam todas as ruas, becos, avenidas, vielas, travessas e praças de Manaus, vendendo carvão vegetal em pequenos e compridos sacos feitos com sarrapilha. Os sacos de quinhentos reis tinham a forma de sal-sicha. Existiam porém outros de vários tamanhos e preços.

Do outro lado da rua, sempre coberta com grossas ramadas de maracujá, atrás de uma longa cerca de achas ponteadas de madeira, localizava-se a horta da Dona Maria Rosária, proprietária da Casa Rosária, que ficava na esquina da Dr. Machado com a 13 de Maio. Portuguesa gorda, de profundos olhos azuis, de um coração tão grande quanto a Amazônia que escolheu para sua segunda pátria, possuía muitos empregados portugueses e caboclos que executavam quase que carinhosamente os serviços hortícolas. Dona Maria do Rosário era proprietária de quase todo o quarteirão, seu terreno descia a Dr. Machado até próximo à estância do Azarias, filho do Simão Abinader, árabe de dois mil anos, cuja voz tonitroante parecia um trovão estremecendo a terra, mas tinha um grande coração, tão afetuoso quanto bom, era dono de Manaus que o amava. Pela Rua 13 de Maio, limitava-se com o terreno do Papa Arroz, o grande campeão de papagaio e boinha, mais temido pelas turmas do Doutor Machado, Alto de Nazaré e Ramos Ferreira, que uma batida de guardas civis em noite de serra-velha na sexta-feira da semana santa.

Quase em frente à mangueira, do outro lado da rua, havia uma grande porteira que rangia sonoramente ao abrir-se, por onde entrava o estrume que era acumulado em lugar especial na horta, para depois ser empregado nos canteiros como adubo para as hortaliças. À tardinha, quando as carroças deixavam os seus carregamentos de estrume no depósito, rangendo as suas grandes rodas de madeira, a turma disputava entre si a primazia de andar um pouco naquele veículo ainda sujo de bosta de cavalo. Esse passeio era como premiação naquelas horas da tarde, quando o barulho era produzido apenas pelo atrito das rodas recobertas com uma tira de aço sobre o chão de terra batida e irregular da 13 de Maio, Tatumã e Praça 14, onde havia muitas estrebarias de cavalos e consequentemente onde se produzia muito estrume que era vendido para a grande quantidade de hortas situadas na periferia de Manaus. No trajeto, um ou outro carro Ford de bigode, modelo 1930, passava no seu trotar vespéral, levando com certeza uma importante personalidade política. Só naquele pedaço havia as hortas do seu Joaquim Ceguêta (ele tinha esse apelido porque seu olho esquerdo era vazado), que ficava na Dr. Machado com a Tapajós pelo lado norte, a do seu Adelino que ficava na Tapajós em frente onde termina a Dr. Machado com Av. Getúlio Vargas e confinava com a horta do seu Serafim, que fica no meio do quarteirão lado direito de quem desce a Av., e limitava-se com a horta da Dona Rosária e a casa do Papa Arroz.

No local onde hoje está construído o SESI, ficava a horta



Haviam muitas hortas como esta em Manaus, principalmente no trecho da Av. Getúlio Vargas entre a Leonardo Malcher e Dr. Machado. Foto do autor.

do Sr. Manuel e na esquina da Getúlio Vargas com a Dr. Machado, em todo o terreno onde ergue-se hoje o Hospital Infantil Dr. Fajardo, localizava-se a horta também de propriedade da Dona Rosária.

Sempre às tardes, quando as carroças gemendo sob o grande peso traziam o carregamento de palhas para cobrir os longos canteiros e colocava-as em pé escoradas sobre jirau de madeira para secar, os moleques sorrateiramente penetravam à noite no terreno da horta e tiravam grandes filetes de talas para fazer as formas de papagaios. O Tabajara era finíssimo agente nessa técnica de roubar talas das palhas, principalmente da horta do seu Joaquim Ceguêta que ficava em frente a sua residência na Dr. Machado.

Em todas as hortas também havia grandes latadas de maracujá e pela manhã, com o trabalho dos morcegos durante

à noite, amanhecia amarelo de maracujás no chão. A turma da Dr. Machado quando queria beber refresco dessa gostosa fruta, já sabia onde procurá-la; na horta da Dona Rosária. Havia entretanto, um grande perigo, um português muito forte e servidor fiel, cão de guarda da propriedade. Ele sempre olhava pra gente desconfiado, mas jamais flagrou um de nós roubando maracujá ou tirando talas no palheiro da horta; sabia que era um de nós, mas não sabia quem.

Nós sempre ganhávamos algum dinheiro de Dona Rosária, vendendo umas fibras vegetais que vinham enroladas nas grandes peças de tabaco de corda que nós íamos apanhar na Tabacaria Globo, no Mercado Adolfo Lisboa. Essas fibras eram utilizadas para amarrar cheiro verde para ser vendido no mercado pelas manhãs.



Foto 1969. Em pé na frente o senador José Esteves. Sentados os deputados estaduais Sérgio Pessoa Neto e Augusto Montenegro.



Em cada rua que termina no rio, aí estão os catraieiros, prontos a transportarem passageiros para o outro lado do igarapé.

## Catraieiros

Dois grandes igarapés cortam a cidade no sentido norte a sul; o igarapé de São Raimundo, que separa aquele populoso bairro por uma largura de aproximadamente duzentos metros, próximo a sua foz, segundo, o igarapé de Educandos, que tem três tributários o da primeira ponte, também conhecido como igarapé de Manaus, cuja nascente despontava nas proximidades da Rua Tarumã e desembocava ao lado do Palácio Rio Negro, no chamado igarapé da segunda ponte, teve o seu curso interrompido várias vezes, ao longo do seu comprimento por aterros executados pela Prefeitura de Manaus, para dar lugar ao prosseguimento das ruas Apurinã, Tarumã, Leonardo Malcher, cujo trecho se chamava "Buraco do Pinto", Ramos Ferreira, Avenida Ipixuna e finalmente Avenida 7 de Setembro, por onde desliza sob uma ponte de pedra em estilo romano. A segunda a partir da sua foz, no entroncamento com os igarapés da segunda ponte, também denominado igarapé da Rua Jonathas Pedrosa, e o igarapé da Cachoeirinha, o trecho até a sua confluência com o rio Negro, que era livre de pontes ou aterros, daí, a necessidade dos catraieiros. A palavra catraíia, é de origem portuguesa e veio para Manaus, com os primeiros navios a vela que aportaram aqui, com a abertura dos nossos portos para o mundo. Originariamente, a catraia era um pequeno barco à vela, que servia os transportes fluviais em Portugal e Colônias. Possui um mastro central com velas de painel e de um outro mastro na popa para a vela catita, onde se içava, também, uma bujarrona.

O uso efetivo da catraia, tornou-se necessidade imperiosa



Nesta foto, dezenas de catraias no cais do porto.

a partir da grande e permanente afluência de navios estrangeiros que mensalmente aportavam às nossas praias fronteiras no fim do século passado, para transportar borracha, castanha, madeira, o couro e óleos vegetais produzidos no chamado ciclo áureo da borracha. Ai por volta de 1885, não havia ancoradouros, nem muros de arrimo, nem cais flutuantes, os navios que chegavam a Manaus para receber borracha, baixavam âncora muito distante das praias livres que contornavam a margem esquerda do rio Negro em toda a sua extensão desde o igarapé dos Educandos, até São Raimundo.

No princípio do século, todos ou quase todos os catraieiros, eram portugueses da provincia de Póvoa de Varzim, de onde trouxeram esse tipo característico de veículos e se aglomeravam na antiga Praia da Imperatriz, em frente à Igreja da Matriz, onde hoje está construído o cais flutuante da Portobrás, antiga Manaus Harbour. Naquela época, as catraias eram de extrema necessidade, pois os passageiros e carga, só poderiam desembarcar através desses veículos fluviais que eram pequenos barcos com aproximadamente oito metros de comprimento, dotados de um banco inteiriço de mais ou menos trinta e cinco centímetros de largura em volta do barco, onde os passageiros se acomodavam sentados. A pôpa, era adornada com uma placa de madeira, de forma semi-circular, onde estavam escritos os nomes das pequenas embarcações, geralmente de origem portuguesa, talvez como



O catraieiro está sempre a postos. No momento em que o passageiro solicita o seu concurso, imediatamente movimenta-se.



Catraieiros atravessando o bairro de São Raimundo.



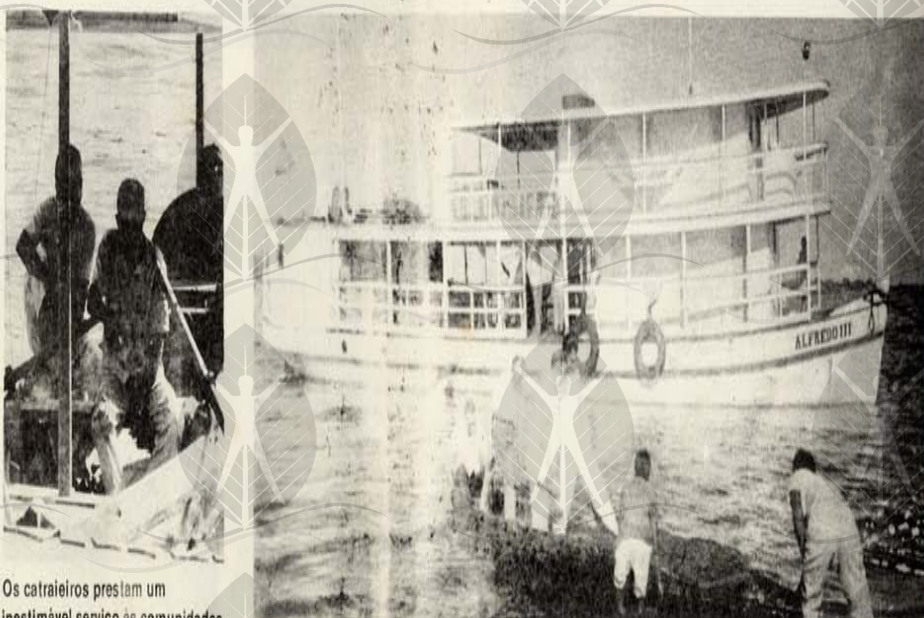
Nessa época, as catraias eram de fundamental importância no transporte de passageiros.

recordação da terra distante. Todos os barcos portavam uma bandeirinha com o nome do proprietário ou da entidade que servia, eram pintados de cores múltiplas, lembrando os barcos que singram o rio Tejo, ou barcos pesqueiros das praias de Póvoa de Varzim e Nazaré, em Portugal. As catráias originais ficavam esperando os seus eventuais fregueses ao longo da praia fronteiriça à Igreja da Matriz até o aterrado igarapé do Espírito Santo, exatamente no trecho onde ancoravam os navios que aqui aportavam. Com a construção do muro de arrimo e também do lado da ponte do igarapé em que o povo chegava rente as catráias, e do cais flutuante, pela antiga Manaus Harbour, as catráias se aglomeravam ao longo do trecho do cais que liga a parte que recebe os grandes navios e o continente. Ai se podiam ver as pequeninas e policrômicas embarcações baloiçarem ao sabor das ondas do rio Negro, num bonito espetáculo, de balé aquático. Seus tripulantes e proprietários, todos portugueses, usavam camisa de mangas compridas e geralmente quadriculadas, à moda dos pescadores da Póvoa de Varzim, com a cabeça sempre coberta com um boné de lã portuguesa. A construção do moderno cais pelos ingleses, determinou a extinção dos catraieiros, pois já não necessitavam mais desse pequeno barco que tantos e inestimáveis serviços prestaram ao Amazonas e ao Brasil, no tempo em que no Amazonas se "amarrava cachorro com linguiça" e se "acendia charuto com notas de cem mil réis". Eu mesmo cheguei a conhecer muitos dos portugueses que trabalharam nesse meio de transporte nos anos de 1946, entre eles: Maravalhas, Campos, Aurélio e Milhases. Alguns já quarta geração trabalhando no mesmo serviço, o Maravalhas e o Campos, só que agora a prestação de serviços é feita somente para firmas como Abrahan Pazuello, Isaac Benzecri, Serfaty, Sefair, J. A. Leite, J. G. Araújo, J. S. Amorim, Abraham & Irmãos e Booth Line, entre outras. Os remanescentes dos antigos barcos são: "Luz do dia", "Sempre Federal", "União", "Maravalhas", "Campos", "Aurélio", "Portugal", "Brasil", entre outros que continuam levando e trazendo trabalhadores para o serviço de estivas em navios ancorados ao largo e alvarenga onde é feito o serviço de escolha e seleção de castanha para embarque.

Outro tipo de serviço de catraia que agora está se extinguindo, é o feito diariamente nos igarapés de São Raimundo e Educandos, trazendo principalmente trabalhadores para o centro da cidade e do centro da cidade para os referidos bairros. Muita gente pensava que com a construção da ponte de São Raimundo que liga a cidade ao bairro de Santo Antonio através da Avenida Leopoldo Neves, o serviço de catraia ia desaparecer, o que não aconteceu, embora tenha diminuído muito a quantidade de pessoas que se desloca utilizando esse tipo de transporte. No bairro de São Raimundo, o serviço de catraia é ininterrupto, se desloca da Rua 5 de Setembro sobre o igarapé do mesmo nome até a Rua Dr. Aprígio do lado norte da Serraria Hore. Os catraieiros se revezam trabalhando vinte e quatro horas por dia numa escala determinada por portaria da Capitania dos Portos do Amazonas, Acre e Territórios Federais de Rondônia e Ro-



Quando o rio enche alagando as casas, o catraieiro é a única salvação.

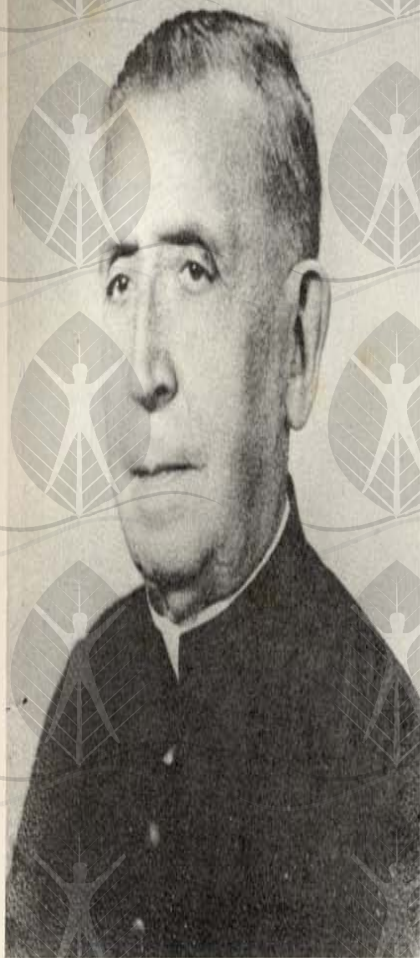


Os catraieiros prestam um inestimável serviço às comunidades dos bairros dos Educandos e São Raimundo.

Quando o motor não pode encostar na praia, o catraieiro é a única ligação entre o barco e o continente.

raima. No bairro de Educandos, embora a Prefeitura Municipal de Manaus tenha construído recentemente uma ponte de concreto armado sobre o referido igarapé, ligando a Rua Quintino Bocaiuva no centro de Manaus, ao bairro de Educandos, o serviço de catraia continua da Manuel Urbano até a Rua dos Andradas do lado da cidade, também nas mesmas condições, isto é revezando-se ininterruptamente de

acordo com a determinação da Capitania dos Portos. Neste ano de 1983, o pagamento de cada passagem custa um terço do preço da passagem de ônibus, a razão por que da escolha do grande público que prefere se transportar em catraia, a utilizar o serviço dos ônibus, três vezes mais caro, principalmente para os que moram nas proximidades dos igarapés de Educandos e São Raimundo.



Padre Agostinho Cabalero Martin, nascido na Espanha, cidade de Salamanca, em 28 de agosto de 1882 e falecido em Manaus a 19 de novembro de 1962. Padre Agostinho mais conhecido entre a garotada por "Babiêca", dedicou toda sua vida ao secretariado e a juventude do Amazonas, aqui chegando em julho de 1921.



Outra foto de um almoço de confraternização de ex-alunos do Colégio Dom Bosco.

## O Oratório Festivo do Colégio Dom Bosco

Antes, o nosso catecismo era estudado na Igreja de São Sebastião, localizado na Praça do mesmo nome na 10 de Julho, esquina com a Tapajós.

O nosso padre confessor era o frei José de Leonissa, baixinho, de barbas ainda negras, jovem, homem santo, boníssimo, extremamente zeloso com seus paroquianos, principalmente a meninada, que tratava com muito carinho e zelo. No fim da missa sempre distribuía pão, recebíamos com satisfação. Era na verdade um amigo para todas as horas, falava sempre no que acontecia depois da nossa morte, o fogo eterno do inferno, se nós continuássemos a pecar, ou o céu como prêmio maravilhoso se nos comportássemos como meninos educados no amor de Deus e no exercício das coisas boas.

Um belo dia descobrimos no Colégio Dom Bosco o seu oratório festivo: imensa área aberta, cheia de coisas im-



Padre Agostinho com seu irmão e cunhada no pátio do Colégio Dom Bosco.



Uma Festa no Oratório Festivo em 1929 no pátio do Colégio. Ao fundo as mangueiras que ficavam entre o pátio e o campo de futebol atrás da igreja. O beiral que aparece à direita era de um grande barracão coberto de palha onde havia apresentação de peças teatrais.

portantes para os nossos interesses de crianças sadias, o campo de futebol, os brinquedos, o cinema, que se chamava Cine Manaus e ficava no alto de um pequeno monte, como uma acrópole, onde está construído hoje o edifício das salas de aula.

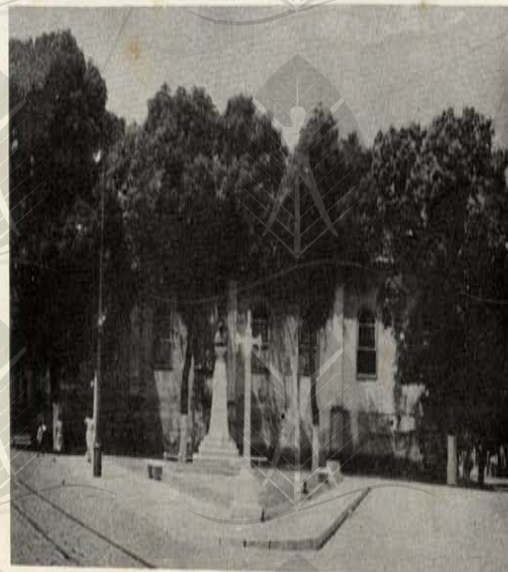
Bastava a gente ir à missa pela manhã, assistir disciplinadamente o santo ritual, onde recebíamos o carimbo de presença na nossa caderneta de oratorianos, e, pela tarde, frequentar o catecismo. Esses dois carimbos, tão importantes para nós, garantiam a entrada do cinema vespéral, logo depois de findo o oratório. Eram impressos no próprio catecismo especial de oratoriano. O catecismo era guardado com tal zelo que parecia um grande tesouro; no fim do ano, quem tivesse mais carimbos na caderneta, ganhava um presente dado pelo



Uma festa de conagração de ex-alunos do Colégio Dom Bosco.



Padre Agostinho Cabalero Martin e sua mãe na Espanha.



Praça Dom Bosco, em frente à Igreja do mesmo nome. O prédio que aparece ao fundo foi demolido e em seu lugar o Gov. Federal construiu um edifício do INPS.

padre Agostinho. Infelizmente jamais ganhei esse tão cobiçado prêmio, devido a faltas e algumas traquinadas.

Para ir à missa aos domingos de manhã na Igreja de Dom Bosco, situada na Avenida Epaminondas, em frente à praça Dom Bosco, o padre Agostinho nos recomendava irmos bem vestidos, isto é, limpinhos, embora descalços. O bem vestido que o padre queria dizer era limpeza; as roupas podiam ser remendadas, o que acontecia com a maioria dos meninos.

— Quero todo mundo de banho tomado no próximo domingo — berrava o Babioca, enchendo com a sua voz a nave da pequena Igreja.

Embora eu fosse ainda muito criança, pois só contava naquela época dez anos de idade, lembro-me perfeitamente da figura patriarcal do Comendador Joaquim Gonçalves de Araújo, que assistia às missas todos os domingos indefectivelmente e tinha um genuflectório especial forrado com uma almofada de cetim bordada com as suas iniciais J. G. A., naquela casa sagrada. Era um dos benfeitores das missões salesianas em todo o Amazonas, ajudando-as afetiva e

## Manaus: Ruas, Fachadas e Varandas

efetivamente; por isso, os missionários, reconhecendo a sua participação no exercício do seu apostolado, prestaram-lhe homenagens e carinhos especiais.

Os meninos que frequentaram o oratório festivo, vindos de todos os bairros pobres de Manaus, sentavam-se à frente, nas filas do lado esquerdo, nos longos bancos de madeira dispostos paralelamente, até hoje conservados.

Eram severamente fiscalizados por padres espanhóis internos, ainda muitos jovens, verdadeiros sentinelas que garantiam a disciplina dentro da Igreja.

Ao iniciar a Santa Missa, os alunos, todos de pé, cantavam o hino já ensaiado nos catecismos de domingos anteriores:

Oh! Dom Bosco, nós te ofertamos  
De homenagem em nosso peito,  
Voz do afeto que abrigamos,  
Puro ardente em nosso peito,  
Pai atende à voz do filho,  
Ouve a nossa instante prece:  
Faz que da virtude um brilho  
Em nossa alma nunca esquece.

E ouvia depois o forte estribilho, cantado por todos os

presentes em voz muita alta, que podia se ouvir a grande distância:

Dom Bosco teus filhos,  
Em cantos de amor,  
Radiante te Hosanam  
Qual mestre e pastor. (BIS)  
A Jesus Eucaristia,  
Ao banquete do Cordeiro,  
O teu zelo bem queria  
conduzir o mundo inteiro  
Acolhendo os orfãosinhos,  
Cuja herança o luto fora,  
Lhes dizias os carinhos  
Maternais da Auxiliadora.

De novo, o estribilho maravilhoso do magnífico canto que enchia o vetusto salão da pequena Igreja de Dom Bosco:

Dom Bosco teus filhos,  
Em cantos de amor,  
Radiantes te hosanam  
Qual mestre e pastor. (BIS)

Moacir Andrade



Grupo de oratorianos reunidos para uma foto histórica no pátio fronteiro do Colégio Dom Bosco. Foto batida no dia 5 de fevereiro de 1947.



A primeira turma de alunos concludentes do ginásio do Colégio Dom Bosco.  
De pé da esquerda para direita Adueto Dantas, Arthur Seixas, Padre Agostinho, Alberto Seixas, Clóvis Rocha, Aristóteles Fernandes. Sentados no mesmo sentido: Mário Mendes, Rayol dos Santos, Sarg. Albuquerque, Mário Andrade e Rubens Santoro.



Grupo de alunos e convidados para a festa de Dom Bosco no pátio do Colégio em 1636.



Time de futebol de alunos oratorianos no pátio do Colégio Dom Bosco de dezembro de 1937

Logo em seguida, o padre Agostinho Caballero Martin mais conhecido entre os meninos por "Babiêca", muito querido, com a sua inseparável campainha na mão, com o dedo mínimo prendendo o pequeno badalo de ferro, dava as instruções que deveriam ser atendidas durante o decorrer da Santa Missa. Quem praticasse uma desobediência, teria de presente um galo na cabeça, produzido pela borda afiada da campainha do velho missionário e perderia o carimbo do catecismo, o que significava não ir ao cinema.

Rodeava sem parar de falar, os bancos repletos da petizada que constituía a população domingueira do oratório festivo.

Logo anunciavam a chegada do Padre Estélio Dalison, autoridade maior que deveria fazer o sermão naquela manhã. A entrada do padre diretor era acompanhada pelo hino salesiano, cantado com uma certa solenidade pelos presentes:

Do grande Dom Bosco — cantemos as glórias:  
o arrojo da mente — seu vasto ideal,  
As lutas gigantes e excelsas vitórias,  
Que o mundo arrebata — hino imortal.

Ah! mais que no mármore, — no eterno granito,  
Seu nome nas almas — eterno será.  
"Dom Bosco! Dom Bosco! — é um canto infinito  
Que pelo universo — pujante ecoará.

Apóstolo e mestre: sua obra é torrente,  
que a terra avassala, — caudal redentor!  
Deus quis que brotassem — da augusta semente  
Mil frutos formosos — de crença e de amor.

Durante a missa rezada em latim, maneira tradicional de todas as igrejas católicas do mundo, alguns padres espalhados em confessionários nas laterais da igreja, ouviam confissões de pessoas piedosas, em seguida comungavam, ajoelhando-se ao longo de um comprido genufletório de maneira que ficava à frente do altar.

Quando o padre encerrava o santo sacrifício, abençoando todos os presentes com as palavras — "Vamos em paz e o Senhor vos acompanhe", ouvia-se o hino de encerramento.

Queremos Deus! Homens ingratos  
Ao Pai Supremo, ao Redentor  
Zombam da fé os insensatos  
erguem-se em vão contra o Senhor.

Da nossa fé ó Virgem  
O brado abençoi:  
Queremos Deus, que é o nosso Rei,  
Queremos Deus que é o nosso Pai. (BIS)

Enquanto os paroquianos saíam da igreja pela porta principal, os oratorianos esperavam a ordem de sair pela porta interna que dava para um longo corredor que atravessava o edifício em sentido transversal.

Os que fizeram a primeira comunhão ainda estavam em



Fiéis reunidos na praça frente ao Colégio Dom Bosco para a procissão do Santo da Juventude. 1941

jejum, pois, de acordo com a liturgia, não comungava quem tivesse comido ou bebido alguma coisa.

Iniciada a saída dos meninos em fila indiana, dirigiam-se ao longo refeitório dos alunos internos, instalado num grande salão de madeira, coberto de telhas de marselha que ficava ao lado do Cine Manaus, ao nível do chão do prédio velho, um pouco mais atrás pelo lado direito.

Antes de começar a refeição, o padre Agostinho rezava conosco um Padre Nosso e uma Ave Maria, depois de uma breve preleção e nós iniciávamos a comer um lauto café com pão, manteiga e bolacha d'água e sal que podíamos levar conosco para comer durante o recreio matinal.

A tarde, quando vínhamos de casa, passávamos direto para a igreja. Chegar atrasado significava também não ganhar o carimbo ou levar um pito valente do padre, que a essa hora já estava recebendo os seus "filhos".

O oratório festivo tinha um código de honra, inclusive previsto no Estatuto do Colégio Dom Bosco, que no capítulo 4º. — diz o seguinte: "O Oratório Festivo visa afastar os meninos dos perigos físicos e morais da rua, com divertimentos honestos, e encaminhá-los para o amor da Pátria, da Família e

da Religião. É severamente proibido: fumar, jogar, ou fazer qualquer transação com dinheiro. Será imediatamente afastado do Oratório Festivo, quem pronunciar palavras ou frases contra a moralidade, contra a religião ou contra a autoridade.

É motivo de exclusão tirar ou simplesmente esconder qualquer objeto ou roupa pertencente ao Oratório Festivo ou aos colegas.

Cada aluno será responsável pelos estragos que causar por própria culpa. A cada aluno será entregue uma caderneta que dará o direito ao prêmio de frequência. Os alunos são obrigados a assistir às práticas religiosas, que se realizam, seja pela manhã como pela tarde; sendo excluído de qualquer divertimento quem por culpa própria faltar a este dever.

Os alunos do Oratório Festivo devem ufaná-los de pertencer a ele; portanto, aproveitar dos conselhos que receberam, esforçar-se para ter ótimo procedimento, respeitar seus pais, tutores, mestres e patrões e não se acompanharem de garotos e gente sem educação e sem pudor.

Fazer assuada, atirar pedras, promover brigas, praticar



furtos, dar vaia, são coisas indignas de um aluno do Oratório Festivo.

O aluno do Oratório Festivo deve dar prova de lealdade, de coragem, e de energia, portanto, aborrecer a mentira, o engano, o subterfúgio; nunca se envergonhar de ser bom, piedoso, moralizado; e finalmente não recuar ao cumprimento do próprio dever. Amar e defender a própria religião, o seu chefe supremo, os seus ministros, aspirar a ser grande nas virtudes pátrias, desejar ter um nome honrado, deve ser a aspiração e o fruto de um aluno do Oratório Festivo".

O catecismo era só para os alunos do Oratório Festivo. Ai recebíamos a nossa aula de religião e para muitos de nós, aula de civismo e educação doméstica. Nessa aula aprendíamos a cantar hinos religiosos, o catecismo, acompanhar as missas e finalmente ser um bom cristão.

Depois do catecismo que acontecia aí pelas 13:30 horas, nos dirigíamos em fila indiana pelo mesmo corredor, mas desta vez direto, subíamos a escada principal do prédio velho, pegávamos a outra ala do corredor, no segundo andar, para a esquerda rumo ao cinema.

Esse era o grande momento esperado por todos os alunos, realmente uma festa inusitada, cuja emoção era manifestada pelos gritos somente dominados pela autoridade do padre Agostinho, cuja campanha tilintava sem cessar e às vezes nas nossas cabeças como única forma de conseguir a necessária disciplina.

O Babiêca acompanhava a fila dos meninos desde a porta

de saída da Igreja, pelo corredor do Colégio, até uma pequena ponte de madeira que ligava o velho edifício ao prédio onde funcionava o Cine Manaus.

Seu olhar de lince ligava-se a todos os movimentos dos moleques. Qualquer passo em falso e não entrava no cinema, pois nesse instante o padre já estava à porta da casa de espetáculo assistindo, de um por um, à entrada dos alunos, exigindo a exibição do catecismo com os devidos carimbos da missa e do oratório festivo.

As cadeiras eram de madeira e individuais, não tinham o conforto exigido por pessoas de fino trato, mas para nós, aquilo era um paraíso, onde encostados no espaldar, esperávamos com o coração aos saltos o início do filme.

Durante a projeção de uma película de cowboy do faroeste americano, quando se estabelecia uma perseguição do artista aos bandidos por astros como Buck Jones, Tom Mix e outros, ocasião em que a garotada rompia em gritos frenéticos numa zoadada contínua e ensurdecedora, cobrindo completamente a gravação sonora do filme que era acompanhado de músicas portenhas, tangos, etc... Nesse tempo, o cinema ainda era mudo. O som vinha de uma velha vitrola do Colégio com seu som, rouco, mas que soava aos nossos ouvidos maravilhosamente.

Foi nesse tempo que tomei conhecimento e passei a ser fã de astros como: Claudette Colbert, Clark Gable, Spencer Tracy, James Cagney, Bette Davis, Bárbara Stanwyk, Paul Muni, Frederic March, e a celeberrima dupla do Gordo e o

Magro. Todos muito jovens ainda, alguns já famosos, como Frederic March e Paul Muni.

O padre Agostinho que assistia também ao filme do princípio ao fim, juntamente com a garotada, mandava parar a projeção e acendia as luzes do salão num protesto contra a algazarra generalizada. Só começava a projeção do filme quando o silêncio era total e depois de um pito que durava alguns minutos. Às vezes, esse fato se repetia mais de uma vez até o final da sessão, sempre valendo-se da sua inseparável campanha de metal amarelo, que quase escondia sob a mão, pronta a dar cascudos aos mais imprudentes.

De longe podíamos ver passeando no campo de futebol, que ficava nos fundos da igreja, com as mãos cruzadas atrás das costas, a figura imponente e impoluta do venerando e santo missionário Padre Estélio Dalison, diretor do Colégio, homem de estatura elevada, forte, tranqüilo nas suas decisões e um dos mais importantes diretores que já passaram pela casa de Dom Bosco.

Padre Estélio era um juiz excelente. Certa vez houve um litígio entre dois alunos e o caso foi até à diretoria para decisão final. Com a serenidade que lhe era característica, padre Estélio decidiu sem que os dois contendores levassem ódio consigo. Todos foram na Paz de Deus.

Em outras palavras, transformou os litigantes em grandes amigos que o são até hoje. Seu olhar, sua maneira de falar, de ouvir e sobretudo de julgar, o fizeram um grande missionário, cuja memória será por todo o sempre lembrada.



Padre Estélio Dalison e Dom João da Matta Andrade e Amaral, num gostoso bate-papo no pátio interno do Colégio Dom Bosco em 1942.



Na foto, da esquerda para direita, a igreja de Dom Bosco, o antigo colégio em toda a sua imponência e na extrema esquerda, o edifício do cine Manaus.

# Os Reboques

Dava gosto ver-se na baía do Rio Negro, há alguns anos, por volta das 9 horas da manhã, as lanchas a vapor realizarem as suas manobras, convidando os seus passageiros a entrarem nas longas filas que constituíam os românticos reboques.

A "Itui", "Xiborena", "Leopoldo Mendes", "Silvério Nery", "Enedina", "Americana", "São Jorge", "Graça", "Hércules", e entre outras a "Mariné", a primeira lancha que viajava pelo Solimões até Manacapuru.

Essas lanchas promoviam diariamente festivais de apitos estridentes, anunciando aos seus fregueses a breve partida para o interior. Os primeiros da fila eram os batelões com a cobertura forrada de zinco ou madeira, os forrados com palha de Buçu ficavam mais atrás, assim resguardavam-se de perigosas fagulhas que escapavam das chaminés das lanchas que constantemente vomitavam milhares de fagulhas, principalmente no momento em que o foguista alimentava a fornalha com achas de lenha.

Construir canoas e batelões era tarefa de profissional, hereditária. Conheci famílias de quatro gerações trabalhando ombro a ombro na construção de barcos. O pai, com 75 anos, o filho com 50, netos com 25 e bisnetos já iniciados na profissão desde seus 4 a 5 anos. Paralelamente aos construtores navais, vinham os calafates, hábeis trabalhadores dessa profissão, só que os calafates eram a última mão-de-obra do barco. Terminando esse importante serviço, a embarcação ia para a água receber o seu batismo.

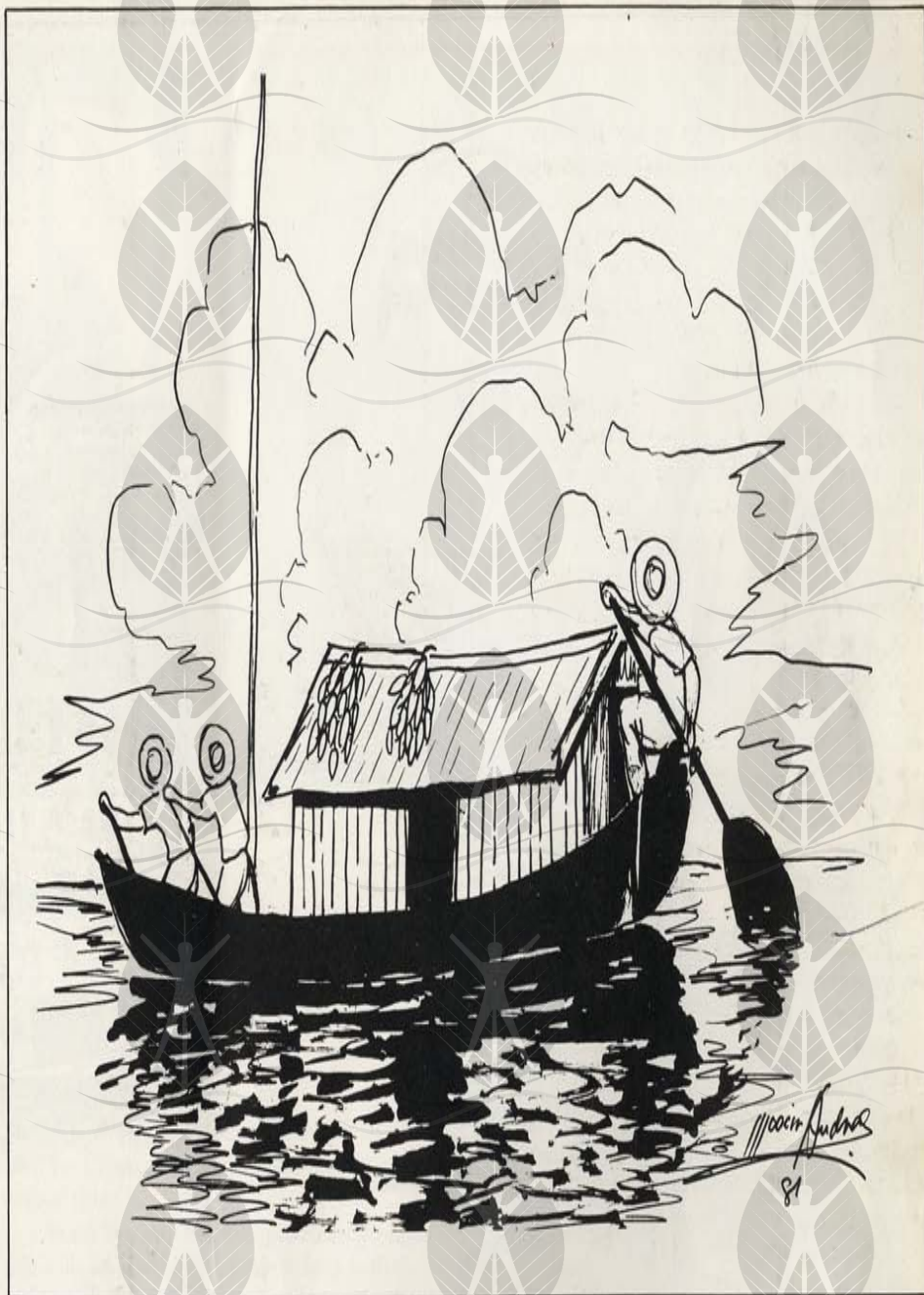
Com a instalação da Companhia de Petróleo da Amazônia, esse aspecto cultural do Amazonas começou a sofrer radical transformação. As velhas lanchas movidas a vapor foram substituídas por possantes motores movidos a óleo Diesel, sua multiplicação e maior velocidade, determinaram a extinção dos morosos e longos reboques de centenas de canoas e batelões, que gastavam 24 a 30 horas em distâncias em que hoje esses modernos motores levam apenas 6 a 8 horas.

Era comum, quando se viajava ao longo do Solimões e afluentes, ver-se batelões com suas imensas toldas de palha abarrotados de produtos regionais descerem à deriva, esperan-



do a hora da passagem das lanchas da linha, para enfileirarem-se nos reboques rumo a Manaus. Essa cena foi extinta com o advento dos velozes motores de popa que invadiram a Zona Franca de Manaus a baixo preço, vasculhando em poucas horas, toda a periferia do Município da capital amazonense e vizinhança, comprando, na fonte, os produtos e trazendo para a venda nos pontos já estabelecidos na cidade. Juntamente com a introdução dos veículos a óleo Diesel, vieram os japoneses com novas técnicas agrícolas e bem amparadas por convênios com o Brasil e o Japão, com suas cooperativas e toda uma estrutura administrativa organizada, que ajudou a aceleração da extinção dos processos primitivos da oferta e da procura dos nossos produtos hortícolas.

Ontem, o litoral de Manaus era uma paisagem policrômica de canoas, igarités e batelões, lado a lado às centenas, cumprindo uma sentença ecológica e pitoresca de lanchas que apitavam estridentemente, quando despejavam seus reboques na frente do mercado municipal, e recolhiam-se para os seus ancoradouros à frente da residência dos seus proprietários, nos igarapés da cidade. Hoje, a paisagem é bem diferente, já não se vêem os batelões e muito menos as pequenas canoas com toldas de palha ancorados na praia, mas, dezenas e dezenas de grandes barcos motorizados, enfileirados ao longo do muro que fronteira a Praça dos Remédios, no trecho da Barão de São Domingos. Cada motor com sua placa dizendo o itinerário a



seguir: Carlos Mário II, Rio Madeira, saída: às 2 horas para Nova Olinda, Borba e até Manicoré. Motor Roque Rodrigues, Linha do Madeira, Nova Olinda, Rio Arariá, Maués: todas as segundas-feiras às 2 horas. Esses e muitos outros motores formam o grande elenco de veículos que sulcam os nossos rios e paranás, levando e trazendo o homem interiorano com sua bagagem e produtos num vai e vem constante, sem entretanto oferecerem aquele aspecto tão local e agradável, que era o reboque, com suas características ecológicas. Hoje, para o caboclo apanhar um motor, não necessita mais possuir igarité ou canoa, basta acenar com um lenço, do barranco de sua casa e uma montaria motorizada do próprio barco, vai apanhar sem demora o passageiro, com seus variados produtos que serão devidamente arrumados em algum canto do porão do barco, juntamente com a mercadoria de outros passageiros, entretanto sem estabelecer confusão ou mistura, pois cada dono tem sua mercadoria arrumada de tal maneira, que dificilmente causa dúvidas aos seus proprietários.

Tenho viajado atualmente para o Solimões nesses mo-



tores, onde a promiscuidade com homens, porcos, galinhas, pirarucu, peles silvestres, tartarugas e uma infinidade de produtos regionais é a característica maior da viagem. À noite a coisa piora de tal maneira que não é possível mexer-se no barco, tal o emaranhado de redes que se estendem ao longo do convés ao cair da noite. Dormir também é quase impossível com os tripulantes do motor locomovendo-se, como grotescos bailarinos, por entre as "maqueiras" armadas em todas as posições no espaço aéreo da embarcação, dificultando a circulação desses homens que compulsoriamente tem que vasculhar a todo o instante o longo do barco para executar as suas tarefas de fiscais, sentinelas e cobradores.

No tempo dos reboques, isso jamais acontecia, os interiores das "lanchas" eram limpos, aí só viajavam passageiros es-

peciais, ou pessoas de categoria, os "categas", políticos, coronéis, juizes, delegados de polícia, ou pessoas da "cidade", cujo privilégio não descia aos caboclos ribeirinhos que só viajavam no reboque.

As paradas para "pegar a lenha" era outro instante especial e inesquecível nessas viagens. Primeiro os apitos chamando os carregadores de lenha, depois a lancha encostava no barranco, onde já esperavam, de saco de estopilha às costas, dezenas de caboclos fortes, quase correndo, que transportavam ao ombro de 10 a 12 achas de lenha que depositavam a bordo da embarcação, empilhando-as nos flancos dos convés, mediante uma ficha redonda de lata com a qual recebiam o seu correspondente em dinheiro, no fim do trabalho, das mãos do dono do barracão vendedor. Num momento o barco se

reabastecia e continuava a viagem por muitas horas, rio acima, agora um pouco mais pesado com a sua carga de lenha renovada.

Os motores a óleo Diesel dos dias atuais, só param nos portos de destino, isto é, nas cidades ribeirinhas, sua passagem um pouco fora da margem faz com que toda a vizinhança tome conhecimento de sua chegada. Os moradores conhecem os "motores" pelo ruído da máquina. Esse é o "São Francisco II", etc...

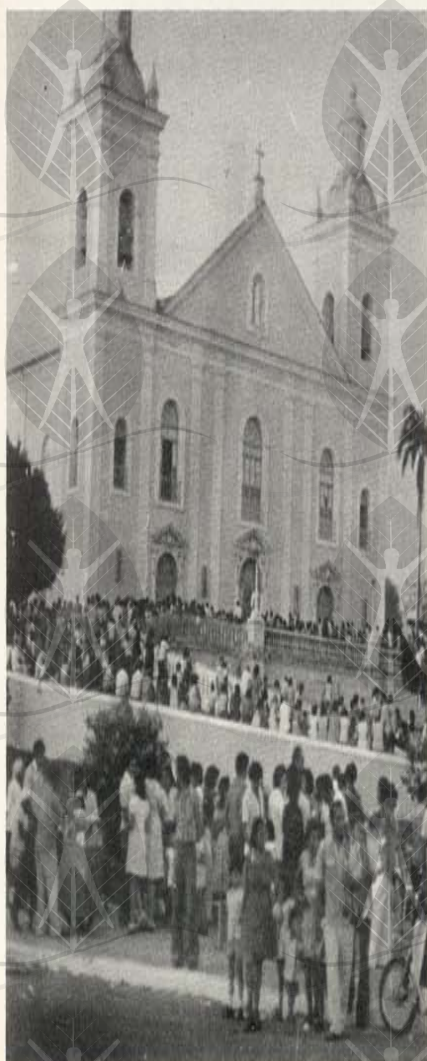
Só uma coisa, desagradável sob todos os aspectos, apareceu com o advento dos motores Diesel: Os piratas dos rios — assaltantes de motores de popa, que surgem inesperadamente da escuridão como fantasmas, saqueando e matando indefesos viajantes.



Cristo morto na procissão de Sexta-feira da Paixão.



Procissão do Encontro — Via Sacra — 1971



Fiéis esperando a saída da procissão do Senhor Morto na tarde de Sexta-Feira da Paixão.

## Os Festejos da Semana Santa

Os preparos para a Semana Santa começavam muitos dias antes, com a arrumação da casa e a compra de peixe, principalmente pirarucu.

A Semana Santa era realmente comemorada durante uma semana. Na segunda-feira santa, o padre da Igreja da Matriz de N.S. da Conceição falava, no sermão, do programa a ser cumprido até o domingo da Ressurreição, que terminava com uma procissão, quase correndo de madrugada em volta da Igreja.

A Prefeitura Municipal de Manaus, contribuindo para o melhor desempenho desses dias santificados, mandava seus funcionários pintar os meio-fios das calçadas, podar os benjamins e pintar os troncos, todo de branco, com cal virgem.

Os reco-recos também trabalhavam muito nos dias que antecediam a semana, arrancando os capins que cresciam entre os paralelepípedos de granito português, capinando as ruas, enfim a cidade estava agora pronta para viver esses dias que a população católica guardava com o maior respeito possível.

Dentro da Igreja da Matriz o movimento era intenso, todas as irmandades realizavam sessões extraordinárias, até que os planos que tivessem ligações com a Semana Santa ficassem devidamente prontos. Na quarta-feira, ou seja, na quarta-feira de trevas, começava a frequência dos crentes rezando sem parar e sendo substituídos por outros, de maneira que o altar principal da igreja tivesse durante 24 horas, pessoas que acendessem velas e realizassem a vigília sagrada.

Já na quarta-feira, a praça da Matriz amanhecia cheia de



Pagadores de promessa na procissão de sexta-feira, da Paixão.



Flagrante de grande multidão que acompanhou a procissão do Senhor Morte da Sexta-Feira da Paixão da Semana Santa de 1970.

gente simples, principalmente do interior do Estado que vinham para acompanhar a grande semana de fé católica do Estado. Eles ficavam sentados nas calçadas fronteiras ou comprando qualquer coisa no Pavilhão Ajuricaba, ou no bar e restaurante "A Mimosa", que ficava nas proximidades da estação de bondes, na esquina da Praça Oswaldo Cruz.

Nesta hora, a Igreja já estava cheia de gente que entrava e saía permanentemente num burburinho intenso. Na frente da Igreja, muitas velas eram acesas como pagamento de promessas.

Senhoras, homens, meninos e até crianças vestidos de roupagens de santos como São Sebastião, N.S. da Conceição e até homens vestidos com túnicas brancas como Cristo, esperavam a saída da grande procissão que se iniciava mais ou menos às 17:00 horas.

A Semana Santa começava realmente no domingo de Ramos, na Catedral de Manaus, com uma missa solene, a Igreja toda enfeitada de palha benta e a nave da Igreja totalmente lotada, com o povo assistindo à missa até o final, para receber depois a bênção especial e um ramo de palha benta que levavam depois para casa orgulhosamente.

Muitos carvoeiros traziam sábado as palhas que davam de graça para os párocos das igrejas, com a finalidade de receber graças e ter sorte e saúde e muito trabalho durante todo o ano. O movimento de cavalos transportando palhas bentas para as igrejas da Matriz, São Sebastião, São Raimundo, Colégio Dom Bosco, N.S. Auxiliadora, Igreja de N.S. de Nazaré na Vila Municipal, era intenso e só acontecia no sábado imediato.

Missa cantada, com um coro afinado, constituído de moças da melhor sociedade que, vestidas com a sua melhor roupa, exibiam toda a elegância de cima do balcão principal, sobre o pórtico da entrada nobre da Igreja.

Nos primeiros bancos, as autoridades do Estado e o Governador, que nesse tempo era o interventor Álvaro Maia, o prefeito Antonio Maia, seu irmão e outras personalidades federais, estaduais e municipais.

O carro do governador, que ficava estacionado em frente à porta principal da Igreja, ao sair, levava sobre os parabrisas, um pequenino ramo de palha benta que era uma forma da igreja saudar o governador católico praticante. Terminada a missa, os crentes recebiam de um por um, um raminho que era bento pelo padre. Alguns levavam enormes ramos de palha que as vezes criavam problemas ao entrar nos bondes, entre os bancos dianteiros ou centrais.

Um dos detalhes mais interessantes dos domingos de ramos passados, eram os bondes que trafegavam aos domingos depois da missa de Ramos. Atrás, muitos homens portavam grandes ramos de palha benta caracterizando assim aquela manhã de domingo que iniciava a Semana Santa. Alguns bondes traziam nos dois ferros que sustentavam a cobertura, dois grandes ramos de palha. Estava inaugurada a Semana Santa.

A partir desse dia, ninguém podia bater em ninguém, ninguém ofendia ninguém, não se matava animal nenhum, não se dizia nomes feios, não se comia carnes de animais, nem de aves sob pena de incorrer num grave pecado. O povo se preparava para os grandes dias: Quinta e Sexta-feira da Paixão.

Quando o dia amanhecia na quinta-feira Santa, parecia que a cidade tinha se mudado. Ninguém na rua a não ser as



Procissão do Senhor Morto — Via Sacra



A procissão saindo da Igreja Catedral de N. S. da Conceição.



Outro aspecto da procissão de Sexta-Feira da Paixão. Na foto Cristo carregando a Cruz.

peoas que contritamente dirigiam-se às igrejas para a Santa Adoração que era ininterrupta.

A partir de 0 hora de quinta-feira não se cantava, os bondes não tocavam a sua companhia, os navios não apitavam, os automóveis não tocavam as suas buzinas. O mercado municipal era totalmente fechado até sábado pela manhã. Os bares, botequins, as tabernas eram fechadas, as casas das raparigas que ficavam nas ruas Lobo D'Almada, Henrique Antony, Saldanha Marinho, Joaquim Sarmento, Frei José dos Inocentes e outras, não funcionavam com respeito a agonia, paixão e morte do Salvador. Havia gente que se vestia de preto na sexta-feira da Paixão e as mulheres, com vestido escuro não mostravam os braços, nem o colo, usando roupa toda fechada.

No matadouro Municipal que o povo chamava de curro, além de não haver matança, os funcionários lavavam muito bem lavado todo o piso do matadouro para não deixar vestígio de sangue.

Dizem os antigos funcionários que essa era a única semana

que realmente a repartição era limpa.

Na liturgia da igreja católica havia três procissões na semana santa. A primeira acontecia exatamente uma semana antes, isto é quinta-feira, quando se fazia a procissão da "Fugida", que era de madrugada. Essa procissão que saía da Catedral para a Igreja de São Sebastião, dirigia-se quase correndo. Era uma procissão em que não havia a mesma solenidade que se via na sexta-feira da Paixão.

A outra era a procissão do Encontro que acontecia na quinta-feira Santa, às dezesseis horas. A imagem de Cristo carregando a Cruz, saía de São Sebastião para onde fora uma semana antes. A imagem de N.S. das Dores saía da Catedral e as duas encontravam-se na avenida Eduardo Ribeiro em frente ao bar e restaurante Avenida, esquina com a Saldanha Marinho. Após o encontro, continuavam o caminho até a Catedral, onde ficavam até sexta-feira santa, isto é, no dia seguinte, quando se dava a grande procissão do enterro do Senhor Morto. Nessa tarde, as casas de famílias católicas que ficavam nas ruas do itinerário da procissão, colocavam sobre os parapeitos das janelas dos sobrados, as suas melhores



Acompanhantes da procissão.



Irmãos do Santíssimo, levando o corpo de Cristo.

toalhas de mesas e colchas rendadas, e muitas flores e vasos de plantas ornamentais numa homenagem ao Senhor Morto.

A procissão da sexta-feira da Paixão constituía-se no maior espetáculo de fé católica do Amazonas.

A partir das 15 horas, começavam a se reunir na esquina da Rua da Instalação com a avenida 7 de Setembro, todas as comunidades que tomariam parte no desfile: a Irmandade do Santíssimo Sacramento, com seus membros todos vestidos de preto e cobertos com uma capa vermelha que chamam de opa. O Apostolado de Oração, associação de senhoras todas vestidas de branco com o signo do Sagrado Coração de Jesus preso a uma fita vermelha no pescoço. A Associação das mães cristãs, todas vestidas de preto com uma fita azul no pescoço e uma medalha de N. S. da Conceição. A Associação dos Marianos, vestidos de branco com uma fita azul e uma medalha de N. S. da Conceição. A Associação das Filhas de Maria, vestidas de branco com uma fita azul e uma medalha de N.S. no pescoço.

O desfile que durava mais ou menos uma hora, iniciava-se



Procissão do Senhor Morto.



Flagrante de grande multidão

mais ou menos às 17:30 horas, a partir da 7 de Setembro com a Rua da Instalação. Primeiramente, iam a Cruz e as duas lanternas carregadas pelos irmãos do Santíssimo Sacramento, logo a seguir os alunos dos colégios religiosos que formavam duas filas indianas muito longas, uma de cada lado da rua, depois as Filhas de Maria e irmãos Marianos, o Apostolado da Oração. Da igreja de São Sebastião, juntava-se às outras associações, a Ordem Terceira de São Francisco. Por último, as duas alas formadas pela irmandade do Santíssimo Sacramento. Após, os padres, seminaristas e autoridades religiosas.

A primeira imagem depois das associações é a Santa Verônica, carregada pelos irmãos Marianos; depois N.S. das Dores levada pelas Mães Crístãs, por fim o esquife de Cristo carregado pelo governador Álvaro Maia, Ruy Araújo, Américo Ruivo, o coronel Goutran, comandante do 27 BC, atrás, as bandas de música do 27 BC e da Polícia Militar do Amazonas, por fim o grande público e os pagadores de promessas, vestidos de Cristo com coroa de espinhos, carregando uma cruz, outros carregando potes d'água, bilhas também com água e outros carregando pedras, lenha e até bolas de barro.

O itinerário da procissão era de 7 de Setembro até o Canto do Quintela, aí dobrava à direita pela Joaquim Nabuco até a Rua Miranda Leão, até a Marquês de Santa Cruz, daí até a Praça da Matriz, onde a procissão se desfazia com a entrada das imagens na igreja, não antes de receber a bênção do Bispo Dom João da Matta Andrade e Amaral.

Sábado, pela manhã, 9:00 horas, a grande festa de encerramento da Semana Santa. Aleluia e a matança dos judas pela garotada da cidade. Nessa hora, todos os navios tocavam seus apitos, os carros buzonavam, os sinos de todas as igrejas repicavam, os garotos da cidade batiam com pedaços de ferro nos postes, também desse metal, a usina de luz do Plano Inclinado apitava — com a sua sirene, já muito conhecida da cidade pelos muitos serviços prestados, a usina de lixo da Rua Ramos Ferreira também, enfim toda a cidade participava dessa hora de aleluia.



Igreja Matriz de N. S. da Conceição.



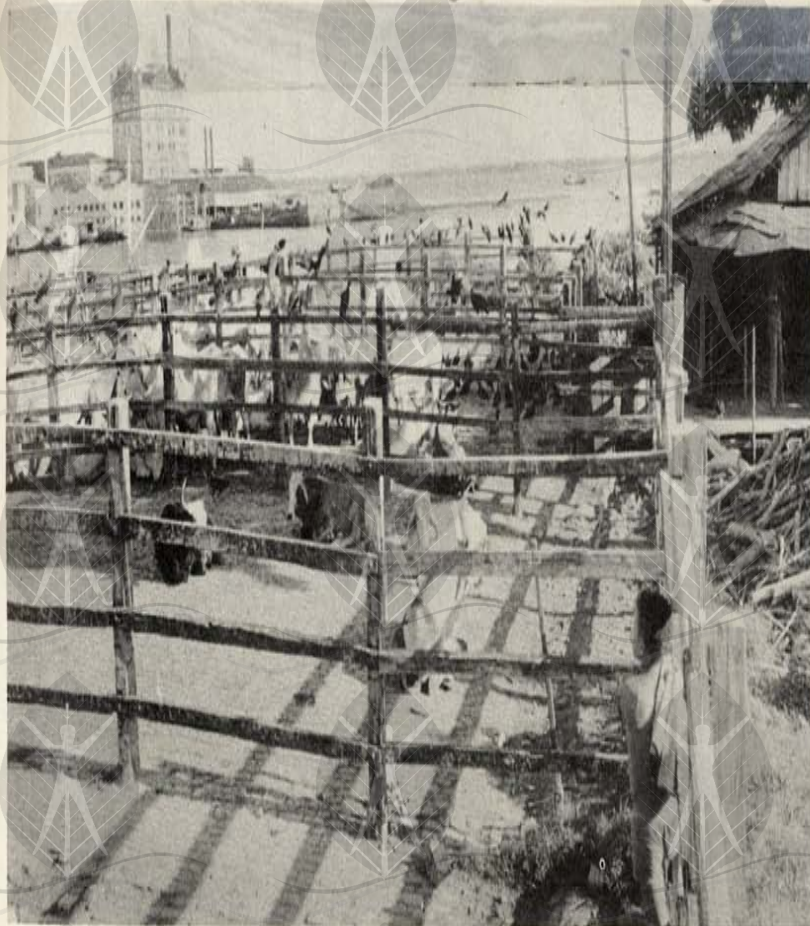


Foto tirada no curral do matadouro, nos fundos do edifício, vendo ao fundo o edifício da fábrica de cerveja Miranda Corrêa e a Serraria Hore.



Uma cena de esquarteramento no antigo matadouro. Foto 1969.

## O Curro

Construído pela Manaus Marqueth Ltda. e inaugurado pelo Dr. Jorge de Moraes, em 1912, o edifício do Curro foi de fundamental importância para a alimentação da população, fornecendo carne bovina, suína e caprina para toda a cidade de Manaus, durante muitas dezenas de anos, até ser criado o novo matadouro com o nome de Frigomasa, quando então foi desativado e demolido para dar lugar a um edifício do Ministério da Saúde.

Era no curro que se abatia o gado para o consumo da população de Manaus, não só gado vacum, mas porcos e até carneiros.

O Curro era, para o bairro de São Raimundo, um centro de atração turística, de empregados, de trabalho avulso e até de passatempo, pois muita gente gostava de assistir ao abate dos animais, que acontecia depois do meio-dia, atraindo muita gente, de toda a cidade, que gostava de comprar miúdos, fígado, rins, coração, peças que podiam ser vendidas no próprio matadouro, e eram adquiridas por vendedores ambulantes que corriam a cidade com seus tabuleiros e seus pregões.

O edifício era de estilo inglês, construído nos moldes dos europeus. Constitua-se de vários pavilhões, cada qual com a sua função específica no trato com os bois.

O fornecimento do gado era feito por marchantes, com-



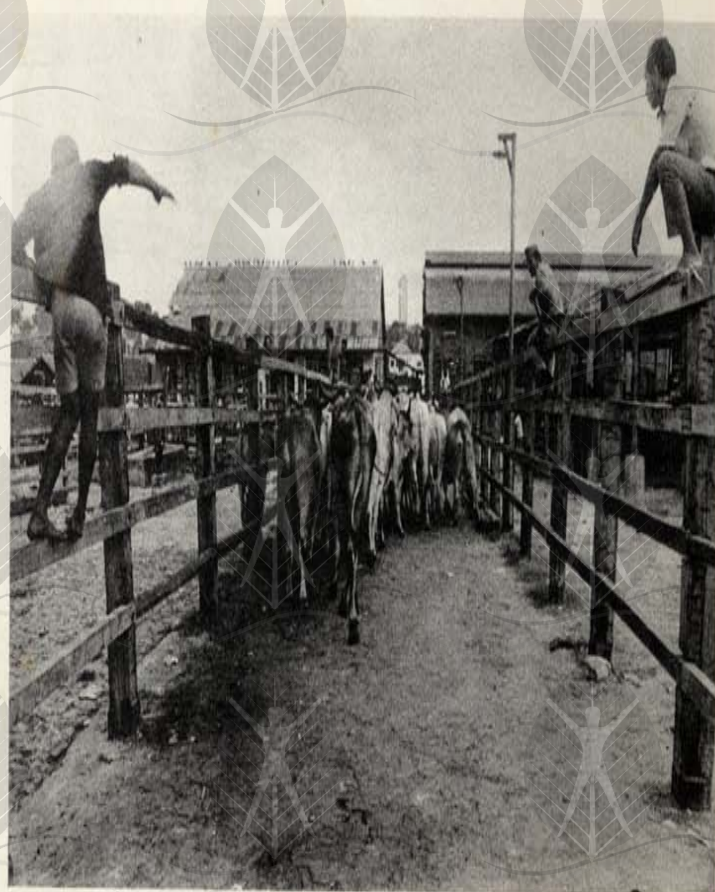
Matadouro antigo — Bairro de São Raimundo



Empurrador e batelão boieiro de propriedade do marchante João Menezes Magalhães. Foto 1955.



Esquartejamento do gado abatido no antigo Matadouro Municipal. Foto 1973.



Gado dirigindo-se para o matadouro ao fundo. Foto de 1973.



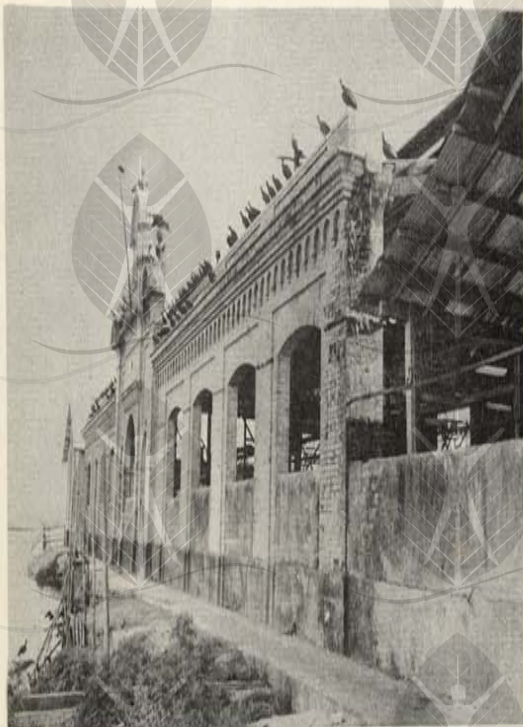
Transportando canarana para o gado de abate do matadouro. Foto 1969.

pradores de gado que possuíam embarcações de construções especiais, com as quais percorriam todo o Baixo Amazonas e Rio Branco, parando nas pequenas fazendas e comprando gado que traziam para serem sacrificados no matadouro e vendidos aos trabalhadores no mercado público, ao preço de 400 réis o quilo, às nove horas, antes da **creolina**.

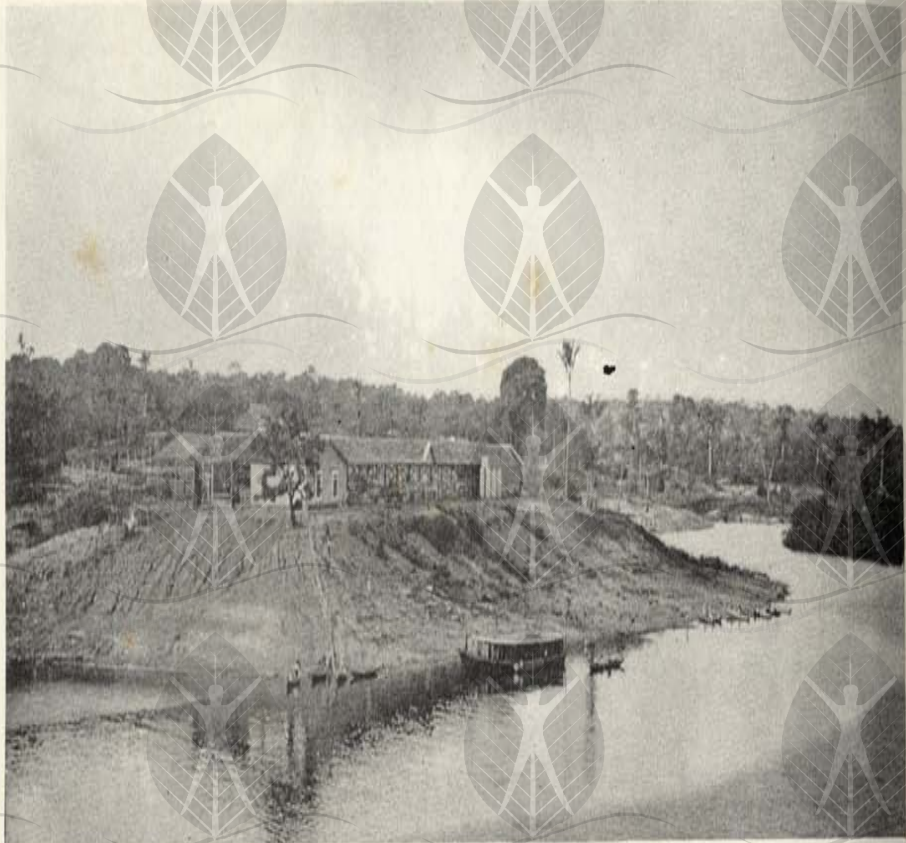
Esse gado, que chegava em Manaus magro e maltratado pela longa viagem, era entregue ao administrador, quase em frente do prédio quando o rio estava cheio. De um por um os animais eram levantados pelo chifre por um guindaste manual e jogados n'água; vaqueiros exercitados nesse metiê e munidos de longas varas, obrigava-os a se dirigirem para os currais, situados nos fundos do edifício, onde ficavam por alguns dias, para se alimentarem melhor, ganhar mais alguns quilos e serem examinados pelos veterinários.

A entrega dos bois, na frente do Curro, era um verdadeiro espetáculo para a população do bairro de São Raimundo e mesmo da cidade, alguns munidos com máquinas fotográficas, que se aglomeravam na calçada fronteiria para assistir ao trabalho, aí por volta de 1935, quando não havia muitas casas e o bairro terminava um pouco atrás do curral.

Quando o igarapé estava seco, aparecia uma extensa praia de areia muito branca, contornando o bairro que passava pela frente do Curro. A administração e os marchantes construíam uma cerca tosca isolando a praia do bairro, com mais de trezentos metros, desde o local onde os bois eram desembarcados até a porta do curral e da foz do igarapé, já na baía do



Detalhe da fachada do Matadouro Municipal no Bairro de São Raimundo.



Primitivas instalações do Matadouro Municipal no Bairro de São Raimundo. O comprido batelão que se vê na margem do igarapé a frente do edifício era destinado ao transporte do gado abatido para o mercado municipal. Foto de 1901



Igarapé de São Raimundo. Ao fundo a fábrica de cerveja Miranda Corrêa. Na extrema direita o edifício do Matadouro (curro).



Carne no interior do matadouro sendo levada para o batelão que transportava a carne para o Mercado Adolfo Lisboa. Foto 1973.

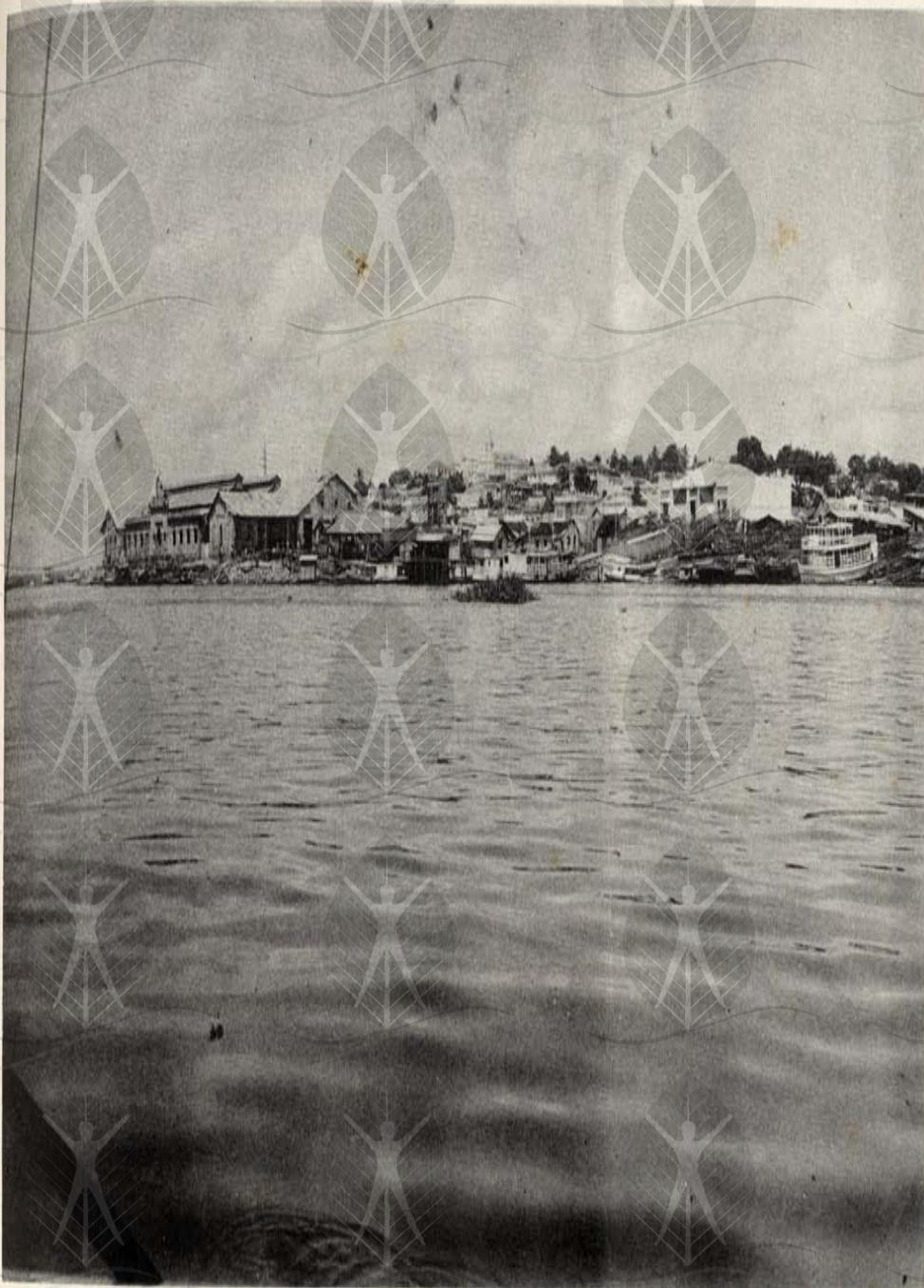


Foto panorâmica do Bairro de São Raimundo, vendo-se em 1º plano a esquerda, o conjunto de edifícios do antigo matadouro. Foto do autor.

rio Negro. Os bois ficavam sob a vigilância do pessoal de bordo e dos empregados do Curro, que traziam a pequena manada até o curral.

Muitas vezes, nessa operação primitiva, alguns bois mais fortes e valentes rompiam a frágil cerca e subiam em disparada o barranco, pondo a população do bairro de São Raimundo em polvorosa, ao mesmo tempo em que faziam também uma verdadeira festa, tal a correria e a gritaria que as pessoas mais jovens promoviam, tentando laçar o boi que corria tanto para um lado e para outro sem saber para onde ir.

Muitos marchantes ficaram famosos e ricos na longa história do fornecimento de carne para Manaus, entre eles o Marquês Paraguay, o Bida, o Martins, o Jerônimo, Mitonho, João Magalhães, Didi, Andorinha, entre outros.

Esses homens formavam o grande e forte grupo da mar-

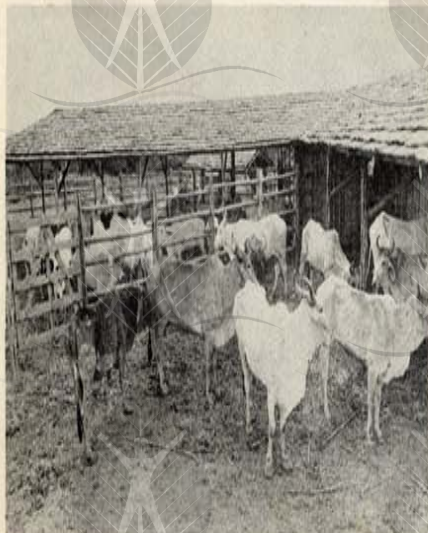
chanteria amazonense, proprietários das conhecidas lanchas boeiras como: "Diana", "Obidense", "Onça", "Ajuricaba", "Macuxi", "Sacadura", "Darc". Essas lanchas, cujas máquinas eram acionadas a vapor, percorriam longas distâncias, realizando esse comércio em todo o Baixo Amazonas, subindo e descendo o rio, viajando até o Rio Branco, trazendo gado para Manaus em seus batelões "São João", "Cacuxi", "Apolo", "Rio Grande" e "Sale" e outros.

O melhor tempo para fazer negócio com bois era quando o rio estava cheio, ocasião em que as embarcações podiam subir o máximo os altos rios e por coincidência, nessa época os pescadores pegam menos peixe, pelo fato dos lagos estarem cheios; e os peixes que apareciam no mercado eram escassos, e por preços exorbitantes.

Com o rio seco, os negócios de compras de bois diminuía-



Barco que transportava a carne para o mercado público.



Gado destinado ao consumo de carne. Esse curral ficava nos fundos do edifício do antigo Matadouro Municipal.

mas era quando se intensificavam as viagens para o Baixo Amazonas e havia aumento no preço da carne. Os bois dessa área eram mais gordos e conseqüentemente mais pesados, gastava-se menos tempo com o gado dentro da embarcação, porque peso para o marchante significava dinheiro.

No curral os bois ficavam alguns dias para descansar, onde eram também examinados e curados de alguma bicheira ou arranhões da viagem e alimentados com abundante canarana, trazida em pequenos batelões, por caboclos que coletavam essa gramínea nas margens dos lagos do Catalão, próximo à Manaus.

Depois de meio-dia iniciava-se a matança que se prolongava até mais ou menos às 16:00 horas. Esses animais eram trazidos de um por um e amarrados por cordas de manilha, eram puxados através de uma argola fixada no chão cimentado sob pressão do cabo, onde o boi permanecia em pé com o focinho encostado no piso, esperando a hora de ser sacrificado.

A fila de bois nessa posição era de mais ou menos 30 que, de um por um, iam desabando no chão com estocada (chapeamento) de uma faca peixeira desfechada de uma só vez pelo magarefe na base superior do pescoço, seccionando-lhes a médula espinhal. Mais atrás, no mesmo ritual e no mesmo instante, vinha o sangrador que, com uma faca também do mesmo tipo, penetrava fundo até o cabo, na base inferior, um pouco do lado, atingindo a jugular ou aorta, do pescoço do boi, provocando um grande furo por onde jorrava o sangue quente do animal sobre o cimento frio do pavilhão, que era canalizado para uma vala que levava todo o sangue para ser despejado no igarapé fronteiro. Já morto no chão, o boi era virado de costas para ser despido do couro, cuja operação durava poucos minutos. Em seguida, com um afiado machado, outro funcionário iniciava o esarteamento, primeiramente abrindo o abdômen, retirando as vísceras e partindo-o ao meio para depois dividi-lo em quatro partes que pendurava nos ganchos de uma longa vara de metal, onde a carne era marcada com o sinal de seus proprietários e examinada pelos médicos legistas.

Muitos médicos veterinários passaram pelo vetusto edifício, zelando pela saúde pública e evitando que magarefes



Edifício do Matadouro Municipal (curro) que era edificado a margem direita do Igarapé de São Raimundo, já demolido.

desonestos e sem escrúpulos, fornecessem, ao consumo público, carnes de animais doentes.

Entre os que exerceram suas funções de medicina veterinária no Curro, podemos citar: Dr. Kronje Perdigão, Dr. Benedito Carvalho, Dr. José Francisco da Gama e Silva, Dr. João de Paula Gonçalves e os médicos veterinários Dr. Carlos Durand, Dr. Geminiano Sobreira, Dr. Carlos Block e Dr. José Luiz dos Santos.

Depois do exame médico e liberados, a carne e as vísceras, como tripas, coração, fígado e rins, eram levadas no ombro dos funcionários para um grande batelão com uma cobertura de duas águas que aguardava a mercadoria, surto no porto em frente ao Curro. As vísceras ficavam no fundo do batelão em pequenas caixas e a carne era devidamente colocada em ganchos presos a uma longa viga de madeira no sentido longitudinal do batelão. Havia quatro vigas onde se acomodava 160 quartos de boi, isto é, 80 bois que eram destinados ao mercado municipal. O batelão que era rebocado diariamente à mesma hora, gastava no percurso do curro para o mercado Adolfo Lisboa, 2 horas, puxado por um barco e remado por dois homens cujo serviço durou mais de quarenta anos, quando foram aposentados. Esses heróis foram: José Messias do Nascimento e João Rodrigues Bandeira, funcionários da Prefeitura Municipal de Manaus. O primeiro morreu pouco tempo depois, e João Rodrigues Bandeira, depois que se aposentou da Prefeitura, exerceu por muitos anos a profissão de vendedor ambulante de peixe. Morava no bairro da Matinha, onde morreu aos 86 anos, deixando uma grande prole.



# Boi-Bumbá

O Boi-bumbá é conhecido em todo o Brasil, naturalmente com títulos diferentes, personagens batizados com nomes diversos do nosso Boi-bumbá. No Amazonas tem o Amo, que é o chefe supremo da brincadeira, logo depois os vaqueiros, que se classificam em: Vaqueiro de estimação, segunda pessoa do amo; 1º. vaqueiro e vaqueiros comandados. Chefes dos Índios, e índios, pajé, padre, Pai Francisco, Catirina, Cazumbá, Míolos, carregadores de lamparina, charanga, boi e burrinhas. Além desses personagens, que constituem o auto do Boi-bumbá, tem o Padrinho do boi, que é geralmente uma autoridade local.

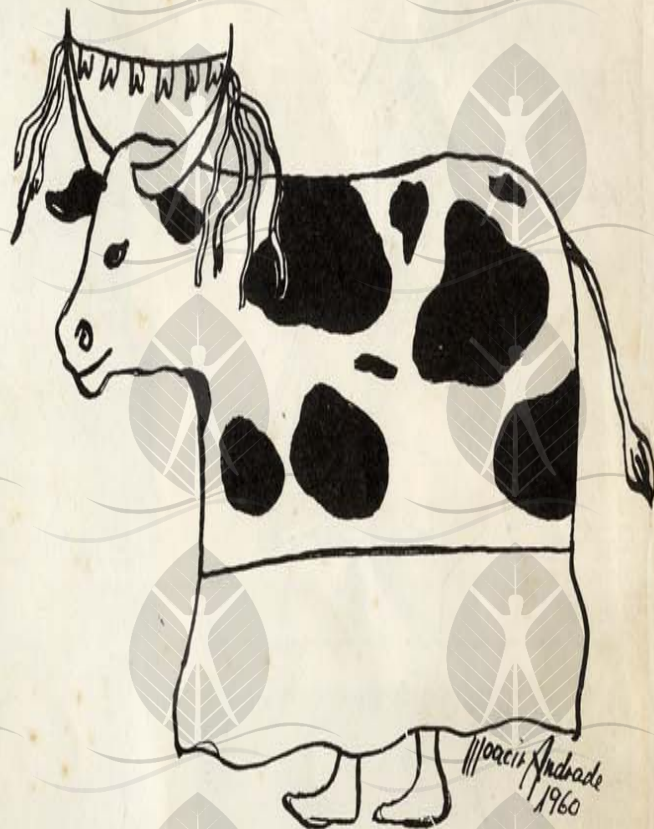
Sua origem se espalha dentro do tempo e do espaço nos folguedos de natureza puramente popular. No Amazonas ele se chama Boi-bumbá; no Maranhão toma o nome de Bumba-Meu-Boi, ou, então, Boi-de-Reis. No Piauí toma também o nome de Bumba-Meu-Boi; no Ceará chama-se Boi-Surubi, Reisado Cearense, Boi-de-Reis, ou ainda Reisado; no Rio Grande do Norte chama-se Boi-Calemba, Bumba-Meu-Boi, Reis-de-Boi, ou ainda Boi-Calumba. Até o Rio Grande do Sul tem o seu Boi, com algumas variações sobre o mesmo tema.

Entretanto, somente no Amazonas tem o nome de Boi-Bumbá e é brincado no mês de junho, enquanto em algumas regiões do Nordeste brasileiro ele sai também na época do Natal, razão porque tem o nome de Boi-de-Reis, Reisado, Boizinho-de-Reis, Reisado Cearense etc...

Durante todo o mês de maio, nos bairros adjacentes à



Boi-bumbá



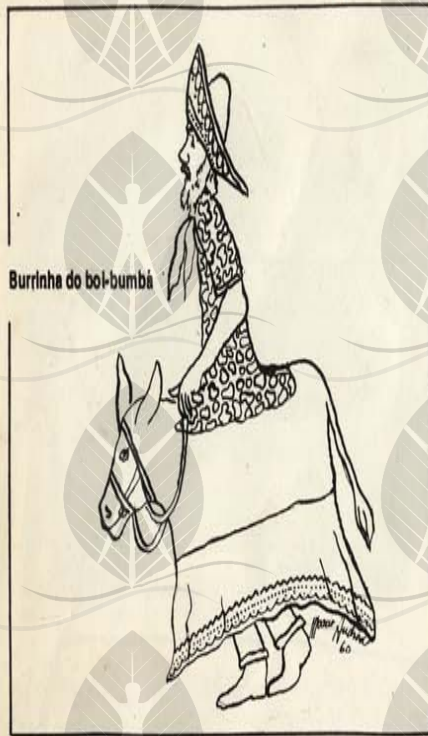
Boi-bumbá



Dança do boi-bumbá — 1978



Mina de Ouro seus índios e seus vaqueiros em 1957



Burrinha do bol-bumbá



O "amo do boi" cantando toadas diante do microfone do Festival Folclórico na Praça General Ozório.



Festival Folclórico do Amazonas — Praça General Ozório — Foto Corréa Lima.

cidade de Manaus, ouve-se pela noite a dentro o bater dos tambores ritmando as toadas dos índios e vaqueiros que se preparam para os grandes desfiles das noites de junho, quando os bois deixam os currais com seus brincantes vestidos em roupagens coloridas de seda e veludo, seus chapéus adornados de pequeninos espelhos redondos, bordados artisticamente de milhares de missangas coloridas, fitas, fitilhos, e cada qual levando preso ao pulso por um cordel um cassetete todo enfeitado de papel de seda policrômico, que no passado era usado como arma nos encontros dramáticos. Os índios, cada qual primando pela apresentação da mais linda fantasia toda de pena de pássaros da região, espelinhos circulares e colcha de vidro; entretanto, seus colares são de penas de avestruz, tiradas de espanadores adquiridos nas lojas da cidade. É fácil

porém distinguir o amo do Boi e o Tuxáua dos índios, pois esses chefes, além das atitudes de liderança que deixam transparecer, usam fantasias mais luxuosas, sobretudo carregadas de missangas e espelhos.

Somente a Catirina, o Pai Francisco e o Cazumbá, vestem-se pobremente, com roupas remendadas e mal sentadas, geralmente muito maiores que o corpo: "o defunto era maior". A Catirina, mulher do Pai Francisco, aparece comumente vestida com uma roupa comprida, cabelos grandes e despenteados, feitos de juta ou corda de manilha, os seios exageradamente grandes, nádegas também com enormes protuberâncias que remexe continuamente causando risadas aos circunstantes, principalmente das crianças que mais gozam com as brincadeiras desses três personagens do Boi-

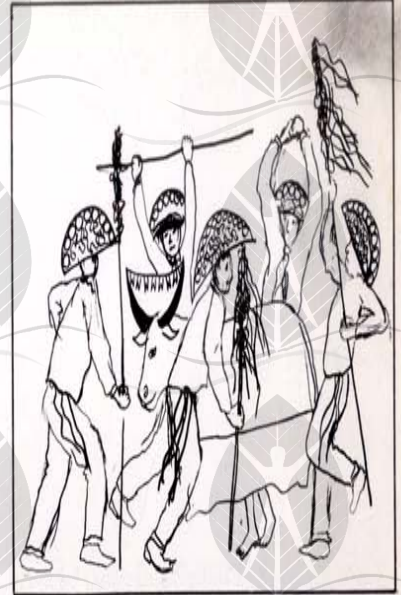


### Manaus: Ruas, Fachadas e Varandas

bumbá. Ela, durante uma matança ou quando está desfilando, constitui com os seus companheiros, um espetáculo a parte. A pessoa que faz a Catirina geralmente imita voz de mulher, esgançada, cujo som engraçado se completa com a máscara que lhe cobre o rosto masculino. Carrega sempre uma enorme bolsa velha, fora de moda, cheia de quinquilharias e coisas imprestáveis que presenteia às pessoas da casa onde o Boi dança.

O Pai Francisco, dono de uma pequena roça situada em qualquer parte do interior, tem sempre à mão, um velho bacamarte de madeira com o qual mata o Boi, pivot do drama que se desenrola durante um ciclo que vai da matança à

ressurreição entremeadas de uma série de acontecimentos em que tomam parte todos os personagens da brincadeira. A parte do drama em que o amo exige de Pai Francisco a ressurreição do Boi, cuja maior responsabilidade aí é do médico que o faz voltar à vida depois de aplicar um clister com as mais variadas plantas do lugar, é o momento humorístico que tem um público certo: as crianças, que fogem espavoridas na hora do "pega o rebôlo para amolar". Enquanto o Boi brinca saracoteando confinado em seu curral de mais ou menos 10,00 x 10,00m, feito em madeira com parapeito de um metro de altura, todo enfeitado com palha de buçu, coberto com milhares de bandeirinhas de papel colorido, o Pai Francisco, a



Vaqueiros do boi-bumbá



Boi "Mina de Ouro" com seus brincantes em 1958



Pai Francisco, Catirina e Cazumbá — 1957

Catirina e Cazumbá, correm, gritam, choram, simulam discussão e brigas numa pantomina que dura todo o tempo em que o Boi dança. Na hora da saída, os tambores roncavam cadência de marcha e o amo, marcando com o seu pandeiro todo enfeitado de fitas coloridas, canta a toada do início da caminhada para a cidade onde dançaram nas casas de famílias e clubes previamente contratados.

Antigamente, isto é, antes da instituição do Festival Folclórico de Manaus, os Bois, depois de se exibirem um pouco nos seus cercados, vadeavam noite a dentro com seu séquito colorido de personagens juninos de vaqueiros, amos, índios e o trio indispensável do Pai Francisco, Catirina e Cazumbá.

Na frente, formando uma barreira, os índios, de par, segurando seus tacapes e logo atrás os vaqueiros na mesma



Concentração de povo no Festival Folclórico da Praça General Ozório — 1970

formação de guerra, seguidos do boi ladeado do Amo e Vaqueiro de estimação, logo atrás a multidão de parentes dos brincantes e admiradores do boi, numa marcha quase correndo, costumam as ruas da cidade com suas indefectíveis lamparinas a querosene, sustentadas por longas varas e carregadas por dois garotos que ganharam a disputa de transportá-las.

Misturados com a multidão, vão as reservas de miolo do boi que se revezam de tempo em tempo. Chama-se miolo ao homem que dança debaixo de boi e que constitui a mais penosa responsabilidade da brincadeira, pelo perigo e peso que carrega.

Entre o grupo de brincantes e a multidão que acompanha o boi fica a charanga, constituída de tambores, pandeiros, reco-recos, matraca e cuicas (antigamente cuicas eram desconhecidas nos bois da Amazônia).

O bater dos tambores compridos da charanga, as cuicas, os pandeiros e as matracas, num ritmo cadenciado, formam com as toadas, uma música característica dos boi-bumbás, enchendo de vida e beleza as noites quentes de junho e às vezes contraditoriamente causando verdadeiras tragédias quando por acaso se encontravam dois bois tidos como inimigos.

Antigos jornais registram fatos dessa natureza, em que algumas vezes apareceram brincantes de ambos os lados vitimados por facadas e pauladas nesses encontros fatais. Os inimigos mais conhecidos de antigamente era o "Caprichoso" e "Mina de Ouro", com vários e sangrentos encontros registrados nos livros policiais. No silêncio da noite era comum ouvir-se os cânticos de guerras dos bois que desfilavam mais a procura de um encontro do que para uma "matança".



2º. Festival Folclórico do Amazonas.



Boi Mina de Ouro do Boulevard Amazonas — 1957.

"arreda, recôa lá vai guerra pela prôa" ou então "é ferro e aço eu te procuro e não te acho"; outra: é hoje, é hoje, eu quero eu quero eu quero, eu botei meu boi na rua, contrário me trata sério". "É hoje, é hoje, já mandei anunciar esse é Boi Tira-Prosa campeão desse lugar".

Tem também o refrão de paz: "rompe marcha, rompe marcha, rompe marcha, da alegria vou buscar boi caprichoso no vapor da Companhia" e mais: "Lá vai boi, lá vai boi, lá vai boi rapaziada, esse é boi caprichoso, é o primeiro da malhada". "É boi quando brinca, quando dança os olhos dele balança". "É o Amo puxando a toada canto alto manejando com maestria o seu pandeiro com tradição de "campeão desse lugar".

Com o advento do Festival Folclórico promovido pelo "Jornal e Diário da Tarde", os bois de Manaus têm-se esmerado nas suas apresentações, exibindo não só fantasias luxuosas como também maior quantidade de brincantes, muitos dos quais na ganância de conquistar os vários prêmios oferecidos pelos promotores, introduzem estranhos ao grupo, deturpando dessa maneira a estrutura original da expressão folclórica, fato que vem ocorrendo freqüentemente. Aqui em Manaus, muitos bois são famosos, alguns com nomes e tradições respeitadas pela população, entre eles: "Caprichoso", "Mina de Ouro", "Corre Campo", "Tira Prosa", "Tira Teima", "Rica Prenda", "Garantido" e outros



Boi "Mina de Ouro do Boulevard Amazonas.

que já desapareceram ou não têm saído nesses últimos anos. Existem também os chamados "Garrotes" que são bois menores e brincados por adolescentes ou meninos; dentre os Garrotes mais conhecidos de Manaus, temos: "Pingo de Ouro", "Sete Estrelas", "Pena de Ouro", "Dois de Ouro", "Campineiro" e "Flor do Campo", alguns desses, produto exclusivo do Festival Folclórico de Manaus.

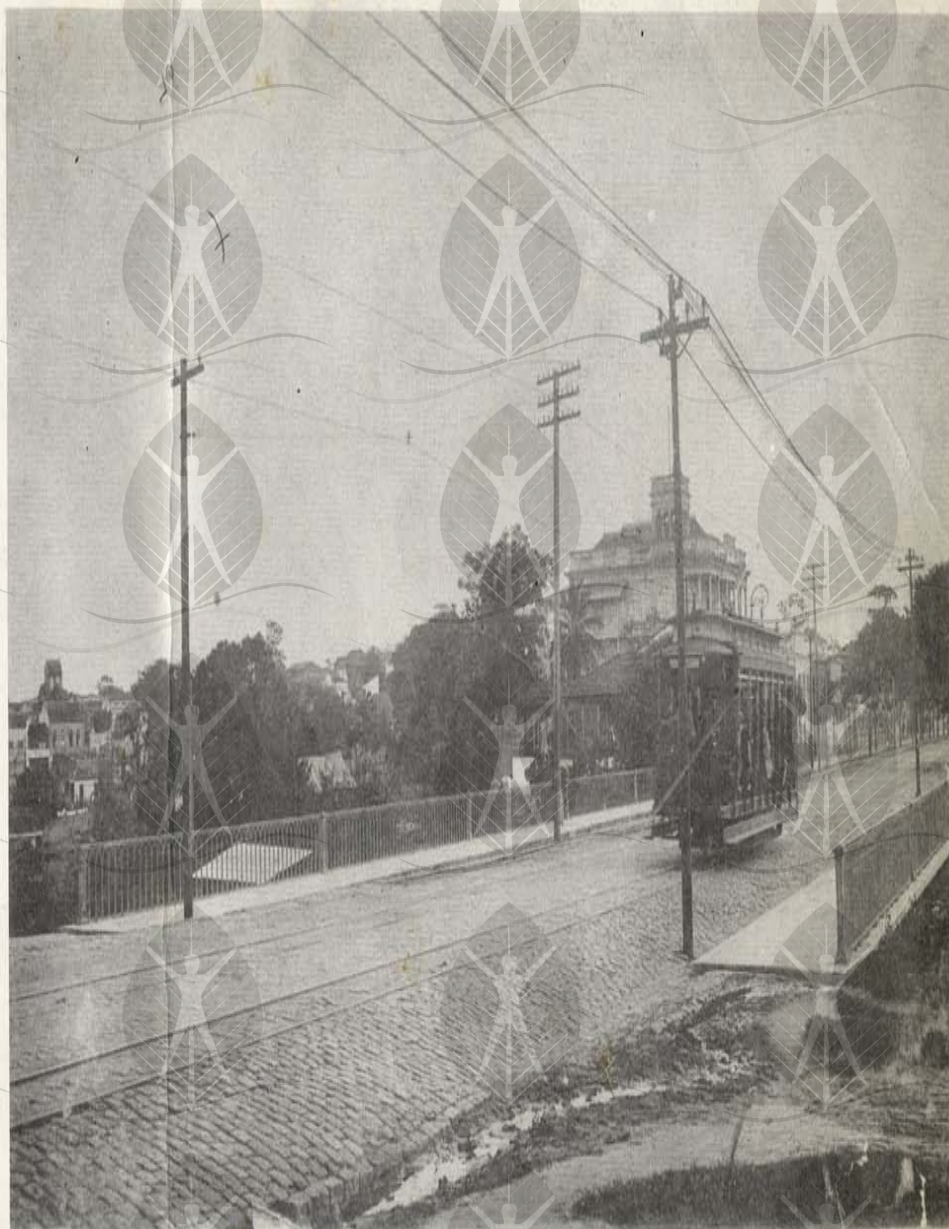
Quando o boi morre, o Pai Francisco que é, na verdade, o

autor, arranca a língua do boi e vai vender ao dono da casa onde ocorre a morte. Com esse dinheiro a Diretoria compra no fim da temporada, vinho e comida com que festejam o fim da temporada de cada ano. Os festejos de encerramento, duram geralmente 3 sábados e 3 domingos. No primeiro sábado é o dia em que o boi é perseguido pelos vaqueiros. Essa fugida se constitui de uma festa muito bonita e que inclusive causa certa saudade, aos presentes que acenam com lenços brancos, do boi que foge para ser caçado e morto no domingo à tarde,

chamado "domingo da matança", ocasião em que são postos dentro do boi vários garraões de vinho que é distribuído aos presentes pelo orifício da faca que o sangrou. A bebedeira é mesclada com toadas e batecuns que se estendem à madrugada da segunda-feira. No 2º. domingo festejam o Churrasco com a carne do Boi. No 3º. domingo a feijoada com as vísceras, é geralmente festejada na residência do amo, isto é, na sede dos associados da brincadeira.



Um bonde atravessando a terceira ponte (ponte metálica), já no Bairro da Cachoeirinha.



Bonde da Linha Cachoeirinha-Circular, atravessando a 2ª. ponte.

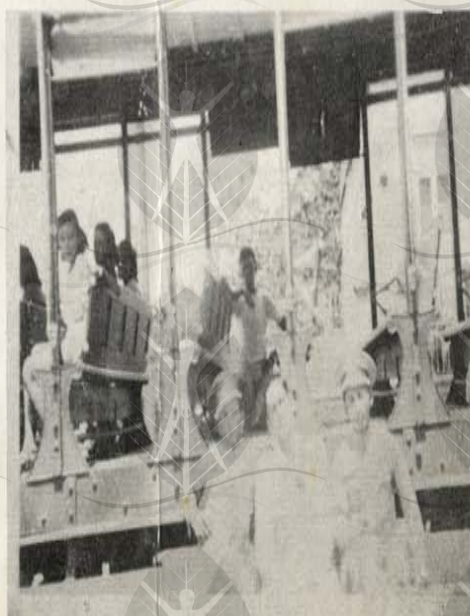
## Os Bondes

Cedinho ainda, cinco da manhã, já os bondes começavam a rodar pelas ruas de Manaus. A primeira turma de motorneiros e cobradores pegava no batente exatamente às cinco da matina, quando batiam seus pontos na oficina da Cachoeirinha, onde eram guardados os carros num comprido galpão com um dos lados para a 7 de Setembro. Os fiscais também se apresentavam na mesma hora, mas na estação, na Praça Osvaldo Cruz.

Esses homens trabalhavam duro até às dez da manhã. Paravam e voltavam ao serviço às 18:00 horas.

Parece um sonho que apenas 30 anos nos distanciem daqueles dias tranquilos, quando o maior ruído era produzido pelo ranger das rodas nos trilhos de aço, dos bondes tropicalíssimos, pela "zuada" dos bondes, como dizia meu pai Severino, com seus bancos de pinho inglês e o tradicional "faz favor" do cobrador, com sua farda de cáqui amarela muito limpa e com seu boné de pala, destacando a senha mediante os 200 réis de passagem numa das mãos, muitas moedas de níquel e entre os dedos papel-moeda dobrados, a outra retirava a senha, entregava ao passageiro e pegava o dinheiro da passagem.

Bondes de horário inglês, cuja viagem em tempo mecânico, dizia as horas a quem interessasse — Puxa vida, estou atra-



Um bonde parado para uma pose. Foto de 1945.

sado, este é o bonde das 10:45, e era mesmo, o bicho não falhava.

A menina chamava de bonde dos ricos, o Bonde dos Remédios, porque só dava uma voltinha pelo centro da cidade e passava na frente do mercado grande (Mercado Adolfo Lisboa). Trafegava pela 7 de Setembro, Joaquim Nabuco, Marcílio Dias e Estação. O bonde da Praça da Saudade fazia um bellissimo passeio pela Praça da Saudade, pela frente do cemitério São José, onde é hoje a sede do Atlético Rio Negro Clube. Havia também o Circular-Cachoeirinha, que, aos domingos, ia sempre acrescido de um carro reboque, grande, para atender a imensa quantidade de pessoas que escolhiam o mais "chic" passeio das tardes de domingo. A linha circular começava na Estação, subia a 7 de Setembro, dobrava a Avenida Carvalho Leal para a esquerda, e, de curva em curva, circulava a antiga cidade de Manaus, cujo centro urbano era limitado por este romântico itinerário até a Rua Belém. Aí começava a segunda seção, que passava em frente ao Parque Amazonense, onde havia corridas de cavalos, todos os domin-

gos. Muitas vezes ganhei alguns trocados para passear com cavalos de amigos meus. A portuguesa dona Rosária era proprietária de alguns animais de raça que correram muitas vezes naquele barque.

O Parque Amazonense atraía naquela época o fino da sociedade amazonense para assistir aos campeões importados da Inglaterra, Argentina e outros países produtores dos famosos quadrúpedes. Entre outros, ingleses importantes na sociedade da época em Manaus que frequentavam o Parque Amazonense com assiduidade, eram o Sr. Edward Kirk, chefe da Manaus Tramways e o Sr. Taylor, proprietário de alguns animais de raça.

Sob as arquibancadas havia um bar com mesas redondas de mármore e cadeiras de palhinha, onde eram servidos aos frequentadores um gelado chopp e uma cerveja XPTO, nos intervalos das animadas corridas. Até 1939, com o advento da segunda grande guerra, só podiam sentar nos bancos dos bondes quem estivesse de gravata e paletó. Pessoas de camisas viajavam nos estribos, e nos espaços destinados aos motoristas e condutores, isto é, na frente e atrás. Com a vinda dos americanos durante a guerra, também veio a moda do uso da "camisa americana". Andar de paletó nos bondes era tão respeitado que certa vez, um cidadão tirou-o quando já estava sentado, foi advertido pelo motorista que lhe solicitou vestir-se. O homem relutou em continuar sentado em mangas de camisa. O motorista parou o bonde e só continuou a viagem depois que o passageiro recompôs-se devidamente.

Todos os quarteirões tinham um poste pintado de branco, um pequeno trecho que significava parada de bonde. Quando o passageiro estava para chegar no ponto em que deveria saltar, puxava a corda da campainha que tilintava na frente do carro, ao lado do motorista e ele parava bem em frente ao sinal de parada.

Essas pinturas tinham a altura de uns oitenta centímetros e envolviam toda a circunferência do poste de ferro fundido. Ficava a uns 2,50m do chão.

O Sr. Taylor que gostava muito desses animais, tinha o hábito de passear pela Avenida João Coelho à cavalo, até o



Desfile de motomeiros fiscais e condutores (cobradores) de bondes da The Manaus Tramways And Light Company no dia da vitória dos aliados na 2ª. Grande Guerra — 1945. Esse desfile realizou-se

no trajeto estação dos bondes-Oficina da Cachoeirinha. Foto de 1945. O grupo está parado na Av. 7 de Setembro, depois da 2ª. ponte.



O bonde Fábrica de Cerveja cuja linha terminava no plano inclinado, passando pela Rua Costa Azevedo do lado da Praça de São Sebastião.

Bosque Clube, onde juntava-se a outros ingleses para um bate papo nas manhãs de domingo.

Muitos deles não aguentavam o calor local e sucumbiam de desidratação e disenteria. Lembro-me de um veterinário, cujo diagnóstico fora desmentido por um jornalista que, através de editorial, provou a impossibilidade da importação de puro-sangue dos pampas argentinos e da Inglaterra para este tropicalíssimo pedaço do Brasil.

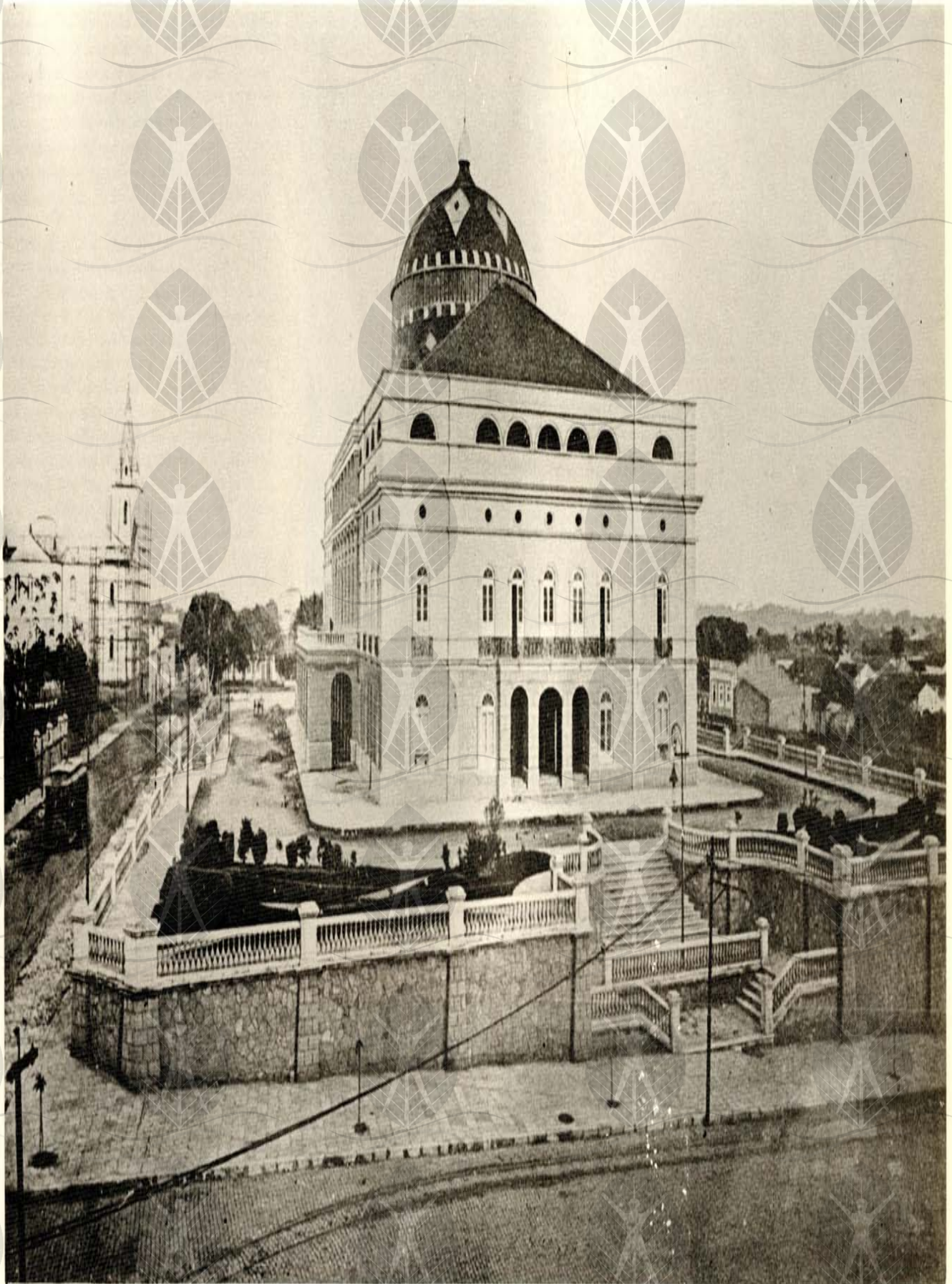
Isso e outros motivos determinaram a extinção das pretensões desse nobre esporte inglês no Amazonas. Outro motivo que também ajudou a encerrar a carreira de jóqueis locais, foi o fechamento de firmas inglesas, últimas reminiscências do efêmero sonho da borracha.

Durante os minutos que precediam o início das corridas, os bondes paravam obrigatoriamente em frente ao grande portão do Estádio. Depois continuavam pela Cláudio Mesquita, Silva Ramos, Ferreira Pena, Dez de Julho, Eduardo Ribeiro e finalmente 7 de Setembro, para novamente estacionar na Praça Oswaldo Cruz.

Os bondes para nós tinham, além de sua característica especial, um cheiro, o cheiro de bonde, o cheiro que só os bondes podiam espargir nas tardes de Manaus. Aquilo tudinho pa-



Vista da Praça Osvaldo Cruz chama-se pelo povo de estação dos bondes. O da esquina a esquerda era da Booth Line e da direita do Bar "A Mimoso".



Fachada posterior do Teatro Amazonas. À esquerda o bonde que fazia a linha Fábrica de Cerveja. Note-se o calçamento da avenida Eduardo Ribeiro todo em paralelepípedo.



Fim da Linha Fábrica de Cerveja no Plano Inclinado. A esquerda, o pequeno edifício de 2 andares era uma balança que pesava as toneladas de lenha para as caldeiras da Usina de Luz, que os vagões traziam da beira do rio.

compra e venda de garrafas vazias. Toda a turma vendia garrafas vazias, cada qual com seus sacos de açúcar, cuidadosamente limpos e dobrados, íamos nos reunir nos fundos do quintal da dona Cachica, mãe do Deoson, sob a copa de uma enorme mangueira, cujos imensos galhos debruçavam-se sobre a Rua Dr. Machado. Ali discutíamos as bases do negócio e as áreas onde atuar, o Esbim e o Tabajara me faziam inveja, compravam e vendiam mais do que eu, por isso gastavam mais. Eu achava aquilo um assombro.

Esbim, cujo nome verdadeiro é Heitor Medeiros das Neves. O Esbim, quando o bonde vinha desenvolvendo os nove pontos, isto é, com toda velocidade, de costas, pulava como uma cabra montanhesa sobre os estribos, correndo em seguida ao contrário sem pegar nos balaustrês — era um verdadeiro acrobata. Aquilo para mim era um espetáculo impressionante, principalmente porque eu tinha muito medo de escorregar e terminar sob o pesado veículo. Havia apostas entre os moleques para saber quem sabia morcegar melhor, pegando bonde e saltando. O campeão ganhava do perdedor um copo de garapa na taverna do seu Firmino com um bolo de mata-fome, tudo isso por duzentos réis, valor de uma passagem.

Muitos condutores (cobradores), não permitiam a presença de meninos nos bondes, morcegando. Sempre que percebiam alguns escondidos nos últimos bancos, corriam céleres para enxotá-los. Outros porém, eram amigos e permitiam que tomássemos o elétrico mais ou menos no entroncamento das ruas Leonardo Malcher com a Joaquim Nabuco, até o alto de Nazaré, onde terminava a linha. Antes porém, na altura da Casa Camões, na mercearia que ficava na esquina da Joaquim Nabuco com a Japurá, íamos virando os bancos já vazios de passageiros como pagamento da passagem, daquele pequeno trecho da viagem.

Toda a molecagem tinha o hábito de colecionar passagem de bonde. As que valiam mais eram de cor rosa, de bagagem, mais difíceis porque geralmente só eram cobradas para passageiros de "Flores" ou da "Cachoeirinha-Circular".

Essas passagens eram depois levadas para a redação do Jornal do Comércio, pois valiam uma notícia com o nome do doador na página social. Não sei o que o pessoal do Jornal fazia depois com elas.

O que ficou de mais terno dos tempos dos bondes, na minha lembrança, era quando as paradas de 5 e 7 de Setembro se realizavam na Praça da Saudade com a concentração de todos os grupos escolares, Ginásio Amazonense Pedro II e Escola Normal. Ali, ouvia-se primeiramente o discurso do Diretor da Instrução Pública, Dr. Temistocles Pinheiro Gadelha e depois do interventor Federal Álvaro Maia.

Cantavam-se os hinos da Bandeira, da República e finalmente o Nacional.

Encerradas as solenidades, alguns bondes já estavam esperando em volta da praça, a garotada dos grupos, para dar uma volta pela cidade gratuitamente. Esse passeio durava mais ou menos uma hora e terminava no mesmo lugar, com nossas professoras nos vigiando atentamente, como mães carinhosas. Durante o passeio, cantávamos os hinos da Bandeira, da República e do nosso Grupo Escolar Ribeiro da Cunha, recentemente remodelado pelo Governador José Lindoso, cujo prédio fica na esquina das ruas Tarumã e Silva Ramos, frente a uma magnífica praça criminosamente des-

recia eterno para os meninos que apertavam avaramente as duas moedas de 400 réis, troco dos 10 tostões que o condutor nos passara e que nos iria pagar uma lauta merenda no garapeiro da esquina, com seu carrinho de três rodas onde se encontrava permanentemente refrescos de frutas diversas, dentre as quais escolhíamos a de maracujá, cujo copo a 200 réis acompanhado de uma imensa fatia de bolo de mata-fome, depois de uma sessão de cinema com Buck Jones e Tom Mix, os grandes astros da garotada de então era ótima refeição.

Nós morávamos na Rua Dr. Machado, 115, trecho que terminava bem ao lado da 1ª. Igreja Batista de Manaus, onde o bonde Igreja Batista Joaquim Nabuco fazia o ponto final. Muitos moleques que faziam parte da nossa turma, aguardavam a chegada do elétrico, que "morcegando", procuravam no chão as senhas que eram colecionadas e serviam para prêmios de jogos infantis. Na bolinha, pião, peteca, pedrinhas e macaca, os prêmios eram pagos a cupons de bondes. Os de bagagens por serem mais difíceis valiam mais, eram cor de

rosa. O cupom da linha Circular e o de Flores, fazia parte dos colecionadores campeões da bolinha. O Deoson Nêgo Zura, Canhoto, Esbim, Alfredo, Eloy e Pingueta, se constituíam o grupo dos campeões, dificilmente perdiam uma parada. Eu, geralmente, era refugado da turma, alegavam falta total de disciplina, mesmo assim o acompanhava, de longe, nas incursões pela Matinha, Areal, Igarapé do 40 e Monte Cristo, onde fomos tomar banho ou pescar camarões nas locas das barreiras. O Esbim era o chefe da turma, ditava ordens com seus olhos sempre muito vermelhos e apertados como um chefe mongol das estepes russas. Usava a sua autoridade com as características de um verdadeiro líder, dava cascudos em quem desobedecia. Quando íamos para o Areal, próximo a ponte dos Bilhares, era importante os 400 réis das passagens, 200 de ida e 200 de volta; quem não tivesse dinheiro, ficava. O Esbim não pagava passagem para ninguém, as notas de mil réis que ele guardava dobradinhas com muito carinho na sua carteira porta-niqueis, eram ganhas com muito carinho na



truida por algum prefeito das Arábias, que pensou que destruindo a memória da cidade estaria construindo alguma coisa.

Cada aluno exibia uma bandeirinha brasileira de papel, colada numa pequena vareta feita de tala da folha de uma palmeira denominada buriiti.

Ainda ouço o barulho do tremular daquela pequena bandeirinha que sempre cantando algum hino, segurávamos fora do bonde quando se deslocava com certa velocidade. Aquele momento tão rápido ficou guardado com toda a mesma ternura que sentia quando minha professora, dona Lídia, também minha parenta, olhava-me carinhosamente, comungando com as minhas alegrias.

Depois do almoço, mais ou menos às doze horas, quando o culto da 1ª Igreja Batista já tinha terminado, aproveitávamos a hora em que não havia absolutamente ninguém na rua, para moer vidros nos trilhos dos bondes.

Havia uma técnica para moer vidro, e certos vidros produziam melhor cerol.

O Nêgo Zura (Wilson Martins), era craque em moer vidro, dizia para todos que tinha um grande segredo que não revelava a ninguém — o vidro que ele moía, quando transformado em cerol, cortava até cabo de aço.

Eu procurava por todos os meios e modos descobrir esse mistério e na verdade verifiquei que Nêgo só moía um vidro de fundo redondo que usavam para vender azeite de dendê no mercado grande. Quebrava em pedacinhos e esperava o momento de espalhar com cuidado sobre a superfície lisa dos trilhos.

Muitas vezes, quando o condutor via de longe os vidros sobre os trilhos, com mesma velocidade e com o auxílio de um ferro que trazia para mudar a linha, baixava-o e limpava afastando os pedaços que, espalhavam-se por toda parte.

Novamente os moleques colocavam na mesma posição, até que um motorneiro descuidado passava em cima dos vidros, fazendo um barulho surdo já muito conhecido, principalmente dos moleques e desses funcionários.

Alguns anos depois, em plena adolescência, o Tabajara morreu; ele foi para mim o amigo mais íntimo, com quem brincava e brigava muito.

A Avenida Presidente Vargas, que naquela época cha-



Uma parada obrigatória no fim da linha "CACHOEIRINHA" em frente à igreja Batista. Foto de 1943.

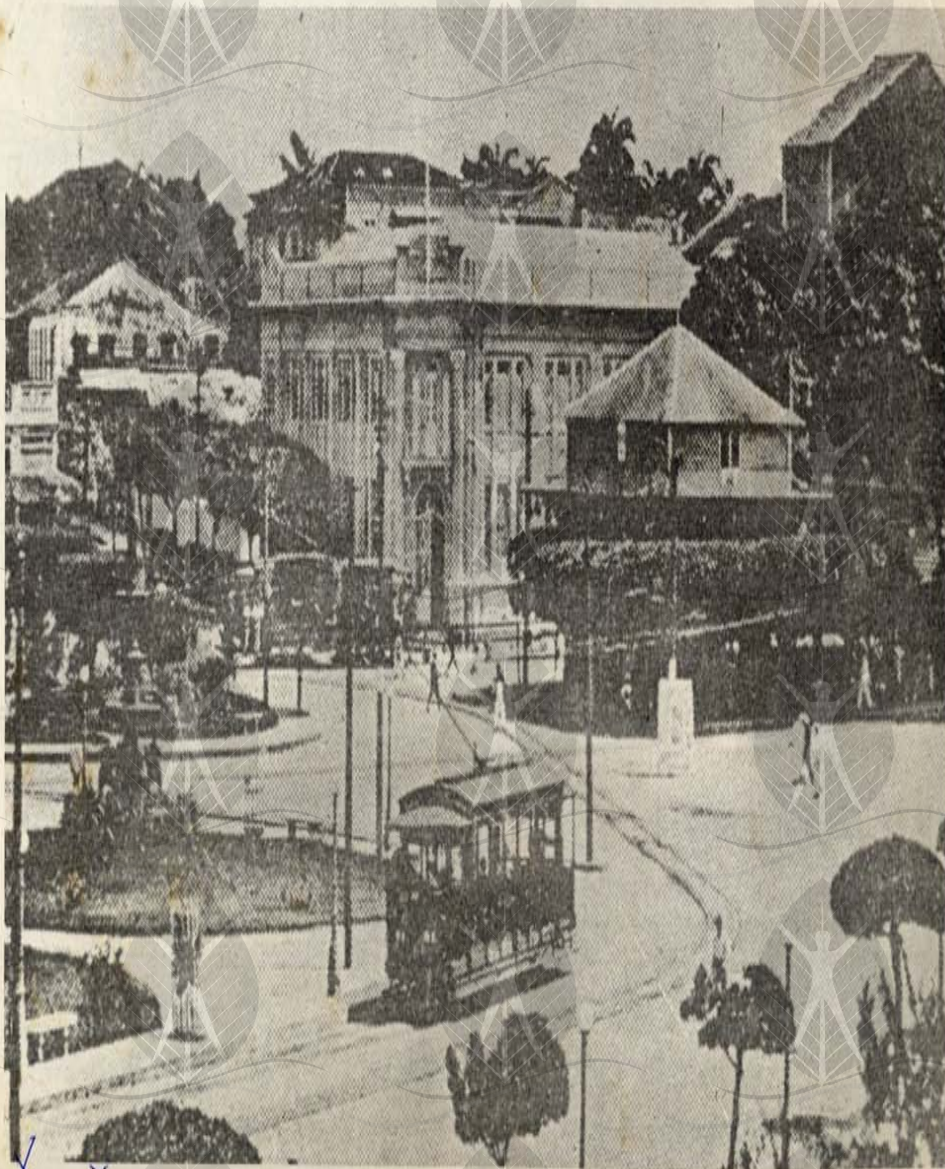
mava-se 13 de Maio, era dividida em três áreas: da Ramos Ferreira, Leonardo Malcher e Dr. Machado. Três turmas valentes defendendo seus territórios. O Pinguelêta era o valente da Leonardo, num domingo de manhã, brincando com um dos vagões da treze, esmagou uma das pernas tentando pará-lo. O líder da Dr. Machado era o Origenes Martins, peitudo, valente e forte, metido a domesticar mucuras que trazia sempre a tira-colo. Depois desapareceu, foi ser seminarista, hoje é um monumento da nossa educação, amado por todos, líder da nossa juventude e diretor-proprietário do Instituto Christus.

As antigas hortas onde vivi a minha infância, deram lugar aos grandes prédios de hoje, o Hospital Infantil Dr. Fajardo, o Edifício do SESC-SENAC, os belos prédios residenciais fronteiros e todo o quarteirão entre a Avenida Getúlio Vargas, Dr. Machado, Tapajós, Leonardo Malcher, Tarumã e quase todo o bairro, eram grandes áreas verdes de hortaliças, tratadas pelos seus proprietários portugueses. O seu Joaquim Ceguêta, seu Firmino, seu Herenulano, seu Adilino, Dona Rosária com seus dois filhos, o Manoel e o João da Rosária, porque também tinha a maior horta daquele tempo e também criava

cavalos de corridas, com muitos empregados, entre eles, alguns lusitanos saudosos da Santa Terrinha, cantando cantigas de antigos fados que enchiam de ternura as tardes maravilhosas da Rua Dr. Machado. "Adeus, oh terra, adeus linda terra ao sol a brilhar"...

Toda essa recordação alforou-me durante a minha última viagem à Europa, quando tive a oportunidade de ver nos bondes de Sintra em Portugal, os antigos bondes dessa cidade de Manaus. Neles vi desfilar toda a gente da minha infância, alguns já habitantes da grande luz, como diz o meu irmão amado e poeta maior Farias de Carvalho. O último banco, com os tabuleiros cheios de folhas para banhos, e a algazarra dos moleques que hoje passeiam silenciosamente na imagem viva da recordação.

Sentado junto ao balaustre, eu puxava a sanefa até o chão do carro, depois largava, fiz isso mais de uma vez instintivamente, movido por uma força interior, talvez o menino que dorme no nosso inconsciente e que repetiu um gesto que fiz muitas vezes em criança, baixando as sanefas dos bondes quando iniciava uma chuva.



O prédio que se vê em frente era o antigo edifício do Banco do Brasil à direita o Pavilhão Universal. Em frente, em primeiro plano, um bonde.



## Abrição de Palhas

Abrir palhas constitui uma ocupação muito importante na fase da construção da casa amazônica pobre e típica. Depois de construída a estrutura de cobertura com caibros a uma distância entre eles de mais ou menos oitenta centímetros, então a família se reúne ajudada por alguns amigos e, numa manifestação festiva, iniciam a abrição das palhas a serem colocadas na cobertura da barraca.

As palhas são compradas na rampa da praia do mercado, em feixes de dez unidades que são transportadas em carroças para o local de construção nos longínquos bairros de Manaus e das cidades do interior do Estado. Durante a abrição ouvem-se cantorias, algumas próprias que ajudam a motivar o trabalho

que constitui quase um bailado manual. Abertas as palhas não são imediatamente colocadas sobre os caibros mas postas em secadores apropriados, chamados jiraus, onde o material fica aí por alguns dias até que perca um pouco o excesso de umidade. Uma barraca bem coberta dura mais de seis a dez anos até ser substituída.

A distância de uma palha para outra varia de dois a vinte centímetros de distância, sendo que tanto quanto mais próxima uma da outra mais difícil se torna a filtração da água de chuva através de suas telas. São fixados nos caibros por meio de cipós resistentes que amarram as palhas aos caibros ou às vezes com pregos de duas polegadas. No interior do Estado, as palhas são todas amarradas com cipós, que constituem para os moradores daquela região um dos recursos mais empregados em construção. Quase todas as casas situadas nas várzeas

cujas paredes e coberturas são de palhas, os pregos são em toda a construção substituídos pelos cipós. Os assoalhos geralmente de paxiúba são os mais resistentes dos materiais empregados nesse tipo de construção. A paxiúba é uma palmeira muito comum em toda a área amazônica, principalmente nas várzeas, (*Iriartea Ezorbiza*). É encontrada principalmente nas margens dos igarapés, igapós, riachos de águas limpas. Características principais da paxiúba: É uma palmeira elegante e esguia, seu tronco alcança uma altura média de dez a quinze metros de altura com trinta e cinco centímetros de diâmetro, sustentado por um pedestal cônico de raízes aéreas de um metro e cinquenta a dois metros de comprimento, todo coberto de espinhos resistentes curtos e grossos. A madeira da paxiúba é de cor preta, vendida para assoalhos e paredes de casas do interior da Amazônia. Todas ou quase todas as casas cobertas



de palha dos beiradões do Solimões e tributários, tem seus assoalhos de paxiúba que o tempo e uso, ganha um brilho aveludado com a superfície muito lisa, que dá um aspecto de limpeza nos interiores dessas habitações.

O mesmo tipo de palha é também empregado nas casas de farinha que geralmente são construídas nas proximidades das casas, um pouco mais altas, mais largas e sem paredes. Comumente, tanto as casas de moradia como as de farinha têm suas coberturas, com duas águas. Difícilmente não só a construção mas também o deslizamento das águas pluviais que são muitas vezes aparadas em grandes tachos de barro, através de tabocas à guisa da calha que aparam e canalizam a água para o depósito situado na extremidade do beiral. Usam-

se sob os mosquiteiros esteiras de talas de tucumã ou de palhas tecidas para resguardo de entrada de carapanãs ou outros insetos através das frestas das paxiúbas. Essas esteiras são muitas vezes artisticamente confeccionadas, fazendo desenhos originais, herança cultural dos índios. Até bem pouco tempo todas as canoas, igarités, batelões e outros similares, eram cobertos com toldas de palhas sob as quais guardavam as mercadorias que eram destinadas à venda e à família que vinha a cidade fazer compra ou visitar parentes. Com o advento dos motores de popa e de centro facilmente adquiridos em Manaus por preços acessíveis à bolsa popular, principalmente ao agricultor quase que absorvido no trabalho de agricultura de subsistência, quase que desapareceu esse tipo de tolda, permanecendo apenas os japás que têm a finalidade de guardar a

roupa do pescador e servir de guarda-chuva ao canoeiro durante algum temporal que por acaso se abata sobre o rio.

As crianças utilizam a palha nova para construir vários brinquedos, entre eles a cornetinha que consiste em enrolar um palha de forma espiralada e na superfície mais estreita fazer o apito que, soprando, produz o som de uma pequena corneta. No domingo de Ramos, nas cidades do interior do Estado e mesmo de Manaus, a Igreja Católica encomenda muitas palhas que benze e distribui aos fiéis da missa de Ramos.

Pequenos abanos são também construídos com esse material, largamente empregado em todas as funções das barracas do interior do Estado do Amazonas.

## Os Vendedores de Palha

Mal o rio começava a descer, os batelões iniciavam a descarregar feixes de palhas amarelas que formavam grandes montes ao longo da imensa praia — a praia do Mercado Grande. Na Praça Teodureto Souto, atualmente Adalberto Vale, dezenas de carroças com suas grandes rodas de madeira, esperavam os fregueses espalhados pelas ruas Marquês de Santa Cruz, Miranda Leão, Barés, Andradas, Marechal Deodoro, (trecho entre a Avenida 7 de Setembro e Marquês de Santa Cruz), Major Rocha dos Santos, Guilherme Moreira, Marcellio Dias e a praia do Mercado Grande.

As carroças ficavam estacionadas no trecho da Teodureto Souto entre a Marcellio Dias e Guilherme Moreira, em frente do depósito Central de Ferragens, onde o cheiro característico de estreme enchia o ambiente, espalhando por toda a área. O interessado já sabia onde encontrar transporte. Ao se dirigir para o "ponto", os carroceiros corriam ao encontro do freguês oferecendo serviço, cada qual dando o preço mais baixo para conseguir o trabalho. Isso acontecia geralmente pelas manhãs, bem cedinho, quando o sol estava baixo e ainda não estava muito quente. Pelas nove horas, as carroças desfilavam em fila indiana pela Floriano Peixoto rumo às ruas 7 de Setembro e 13 de Maio, hoje Getúlio Vargas, arrastando os compridos feixes de palha que iriam cobrir as centenas de barraquinhas nos longínquos bairros de Manaus.

O bairro que mais consumia palha era o de Educandos, de maior concentração urbana de Manaus. Lá também estavam instaladas as grandes serrarias da época, as dos Pereira, do Jackson Cabral, dos Moraes, ao lado da antiga ponte de pedra. Os bairros da Praça 14 de Janeiro, Matinha, Cachoeirinha, São Raimundo, Colônia Oliveira Machado e Caxangá eram inteiramente cobertos com essa folha de palmeira, muito abundante no Amazonas.

Quem subia a estrada de Educandos podia ler em algumas barracas placas mal escritas com os dizeres: "Cobre-se casas com palhas num dia, preço barato"; ou então, "Cobridores de casas de palha". Nas praias de São Raimundo, Mercado Grande, Educandos, Colônia Oliveira Machado e São Vicente, muitos comerciantes vendiam palha, murões de aquariquara, caibros, cipós, e até tábuas de paxiúba para assoalhos. Oferecendo serviços de abrição de palha, muitas pessoas, inclusive mulheres, aglomeravam-se nos pontos de venda, à espera de compradores desse material.

Nas proximidades da Escola Técnica Federal do Amazonas, numa transversal à Rua Duque de Caxias que terminava no igarapé da Cachoeirinha, ou igarapé da ponte de ferro, surgiu a primeira e única via que deu origem às construções das casas, do igarapé a montante. Onde havia palha nova para cobrir casa, havia também muitos meninos roubando palha para fabricar brinquedos; entre os mais comuns, apitos, passarinhos, e pequeninos cestos que as meninas faziam para brincar de bonecas.

Nos dias que antecedem ao domingo de Ramos, os ven-



dedores de palhas, para pagar promessas ou para fazer algum pedido especial ao seu santo de devoção, iam às igrejas católicas oferecer palhas para serem benzidas e distribuídas após as missas.

Quando eu era menino jamais deixei de trazer um raminho de palha benta para nossa casa, com o qual minha mãe fazia uma cruz e colocava atrás da porta principal para espantar mau-olhado, olho-grande, inveja e outras bruxarias e malefícios.

No tempo do Governador Alvaro Maia, houve farta distribuição de palha para os pobres cobrirem seus tapiris. Promoção política, produzia notícias de primeira página nos jornais de Manaus. Lembro-me de um grande incêndio que destruiu centenas de casebres no bairro de Educandos, proximidade onde é hoje uma indústria de tecidos. O governo

de então instalou no mesmo lugar da tragédia um posto para distribuição de palhas às vítimas. A Prefeitura Municipal de Manaus tinha uma lei especial isentando de impostos e taxas todas as casas que fossem cobertas de palhas. Desconheço se essa lei ainda está em vigor. Casa coberta de telhas de barro nos subúrbios de Manaus era atestado de boa situação financeira ou política; somente gente de boa situação financeira podia ter casa de alvenaria de tijolos e coberta de telhas de barro.

Perto de nossa casa, na Rua Dr. Machado, alto de Nazaré, foi morar um cearense que recentemente tinha se mudado do bairro de Educandos. Um português que morava em frente de nossa casa, perguntou-lhe um dia: — Firmino, por que te mudaste do Educandos? — Quem mora em teto de palha é jibóia, agora melhorei de situação, — respondeu o cearense.

## Como Espantar Malifícios

No Mercado Municipal, logo ao lado de quem deixa o pavilhão de verduras, está a mais original casa de comércio de Manaus — a Casa Urubatan, de propriedade do Sr. Antonio Matos, profundo conhecedor de medicina popular, dono do maior receituário da região. Na casa Urubatan encontram-se todos os artigos regionais, ervas, raízes, resinas, órgãos dissecados de animais para fins mágicos, uma infinidade de defumações para todos os negócios, talismãs, banhos, garrafadas, orações fortes, e tudo para terreiros de umbanda e tendas espíritas.

O pai-de-santo Antônio, começou a vender esse tipo de mercadori: em 1954. Os seus fregueses são os frequentadores dos terreiros de umbandas e afins, os que necessitam de remédios para o corpo e para o espírito, de emprego; de casamento; de realizar um negócio com êxito; dos que precisam de sorte para o amor, para o jogo, ou fechar o corpo contra feitiçaria ou outros quaisquer malefícios.

No momento em que entrevisto o sr. Antônio Matos, chegou uma senhora que procurou um remédio chamado "Desatrapalha", dizendo: "foi uma receita do mestre Juru-na". Depois de atender à senhora, vendendo-lhe o remédio, o macumbeiro volta-se a mim e diz: Os produtos que eu vendo são batatas, eficazes 100%, e conta que, há dias, apareceu um homem procurando em sua tenda uma "garrafada" para encontrar emprego. Vendi-lhe a "garrafada" e expliquei-lhe como proceder ao "banho". Dias depois, o homem retornou à minha banca e agradeceu a eficiência do meu produto. Como o senhor vê, doutor, eu tenho de tudo graças a Deus e a Oxóssi meu pai. Tá vendo aí nas prateleiras de banho? Este aqui é para ser feliz no jogo, e diz ao meu ouvido, deste eu tenho vendido pouco, porque a Polícia acabou com ele (O jogo); este é para desatrapalhar a vida; este é pra ser feliz nos negócios; este é pra ser feliz no amor, e diz baixinho que é bastante procurado. "O senhor sabe, a gente às vezes precisa de expurgar os elementos perturbadores do nosso corpo para conseguir alguma coisa, e para isso eu tenho aqui este banho preparado com as mais poderosas raízes". O senhor pode me dizer quais são os ingredientes que leva esse banho? Ah! doutor, eu não posso dizer, isso é segredo de profissão, se a gente começa a falar muito o negócio deixa de produzir o efeito desejado, e outra coisa mais, só pode manipular isso quem tem o corpo e o espírito preparado, eu fui me especializar no Pará, e mostra os produtos "Flecheiro", dos quais é representante exclusivo em Manaus.

Como o senhor vê, tenho de tudo, e vai mostrando inclusive alguma coisa aparentemente sem importância. De repente e pegando-me pelo braço, mostra-me uma coisa seca, amorfa e acinzentada. Isso é um sexo preparado de boto, e tirando

outro objeto pequeno de forma arredondada, e isso é um olho de boto. Você já pensou em um homem com essas duas coisas? come até a mãe do cão! Pedi uma de cada e o macumbeiro solenemente: — Vou mandar preparar para o senhor, e completando: Alimente-se bem doutor que o...

— Eu sou uma espécie de representante de remédios, tenho que fazer propaganda da minha mercadoria. Quando tenho produto novo, vou em todas as tendas, terreiros e tambores mostrar o que tenho, eles são os meus maiores fregueses, são eles que recebem esses remédios e os clientes que são muitos, me procuram. Eu também sei e gosto de despachar as minhas receitas. Tá vendo isso? é um preparado que eu tenho para combater inveja, eu mesmo de vez em quando estou tomando um banhozinho, porque, como o senhor sabe, o que tem mais nesse mundo de Deus é inveja. Vou lhe contar uma: Lá bem pertinho de casa tinha um camarada 100% trabalhador, bom amigo e pai de família exemplar, com o esforço do seu trabalho estava progredindo, tinha os filhos na escola, a mulher nutrida, cantava de felicidade, a sua barraca no princípio de palha, foi sendo substituída por alvenaria, de tijolo, em pouco tempo a casa tava em pé como atestado vivo de perseverança, depois o negócio foi dando pra trás, foi dando pra trás, até que o homem me procurou. Consultei os meus guias, fiz as minhas orações e o resultado foi o que eu esperava: — olho gordo seu mano! olho gordo mesmo!! era o que estava pondo psica na vida do bacana. Ai eu não contei conversa, preparei um banho com uma receita especial que tenho para isso, coloquei no sereno como manda o figurino e apliquei no homem 9 banhos, nove vezes. Depois desse trabalho a coisa desapareceu e ele começou a retornar à antiga felicidade e prá completar, peguei cinco pacotinhos deste aqui e vendi-lhe, isso completa o tratamento e evita futuras cargas, é contra inveja, cobiça e mau olhado, isso é o famoso defumador aromático de "descarga", "olho gordo", limpa, protege e purifica o ambiente, combate também feitiçarias, perseguições, ciúmes, quebrantos, atraso na vida e mal-estar na família. Esta defumação, entretanto, tem a sua maneira de fazer, deve ser colocada sobre brasas com fogo fraco a qualquer hora do dia ou da noite, não havendo momento determinado para começar ou terminar. Torna-se necessário percorrer toda a casa despejando um pouco da defumação sobre o fogo em cada compartimento que se defuma.

Se por acaso a pessoa desconfiar que algum olho gordo está olhando muito, ou com gesto de inveja, aí então volta-se aos banhos com preparos especiais, usando a legítima defumação de "descarga", "Caboclo Flecheiro". Essa defumação é preparada com ervas ou tabletes, rigorosamente manipuladas de acordo com todos os preceitos da lei de Umbanda. Possui as qualidades de afastar os elementos maus trazendo ao seu consumidor o bem-estar geral. Dá sorte aos infelizes comerciantes, desfaz rixas, combate pragas, feitiçarias, inveja, ódios, perseguições, olhos maus, ciúmes, quebrantos, atraso na vida,

afasta as possibilidades de desemprego, arruma colocações, faz retornar a felicidade aos lares e etc...

Para quem gosta de viajar, fazer grandes negócios, ser feliz no amor, no jogo, ganhar questões, tenho aqui esta poderosa defumação, cuja fórmula é indígena, existente há mais de 120 anos, ela chama-se "Felicidade", é também um produto "Flecheiro". Esta defumação é recomendada como uma das mais perfeitas dentre as suas congêneres, destaca-se pela sua poderosa força "Irradiadora de felicidade".

Para cada mal ou feitiçaria, eu tenho uma defumação. Aqui vão alguns nomes bastante conhecidos entre a minha clientela: "Felicidades, Vai e Volta, Chave de Ouro, Santo Onofre, Sete Flechas, etc... Pois é doutor, além disso tenho uma infinidade de defumadores que têm a mesma força avassaladora de curar.

Esta casa é abençoada por Ogum, Xangô, Oxóssi e todo o exército de orixás. Qual é a temporada que você vende mais esses produtos de banhos e defumações?

— Durante o ano todo eu vendo minhas garrafadas e defumações, o senhor sabe muito bem que a "canninga" existe o tempo todo e é preciso a gente estar de olho atento pra coisa. Entretanto, no mês de junho e dezembro é quando a gente vende mais banho. No mês de junho, as garrafadas pra dar sorte em casamento saem demais. Banho pra tirar caninga, Banho pra arrumar bom partido, Banho pra ser feliz em tudo, Banho pra ser feliz em negócios, e mesmo banho pra ser tomado diariamente pra manter o bem-estar geral. Além dessas garrafadas já preparadas, o macumbeiro vende uma infinidade de ervas já bastante conhecidas na área Amazônica, entre elas: cipó tuiara, oriza, malva-rosa, erva cidreira, capim santo, malva grossa, arruda, quebra-pedra, capeba, amor-crescido, sacaca e uma infinidade de raízes e cascas de paus para fins medicinais.

Há alguns anos quando as carroças de rodas de pau enchiam as ruas de Manaus, calçadas de paralelepípedos importados de Portugal, puxadas por burros sonolentos e faziam ponto na rampa do Mercado Municipal, era bonito a gente ver alinhadas em frente do velho casarão da Rua dos Barés, as pretas da Praça 14, sentadas em seus pequenos banquinhos e à frente imensos tabuleiros cheios de ervas aromáticas e "garrafadas" que eram "banhos" para os dias festivos de junho, quando as mocinhas tomavam os seus "banhos" preparados, para arrumar namorados ou fazer um feliz casamento. Naquela época, eles eram tomados antes da passagem das fogueiras ou das adivinhações, quando eram riscados fósforos e jogados em chamas dentro de um prato com água para descobrir as iniciais dos seus futuros eleitos. Pela madrugada, principalmente quando era véspera de São João, assisti muitas vezes aos primeiros bondes das linhas do Flores ou da Cachoeirinha-Circular transportarem, no último banco, imensos tabuleiros cheios de ervas aromáticas para serem vendidas àqueles que desejavam boa sorte e felicidades.



Foto da Pracinha de Dom Bosco — 1947.  
O calçamento de pedras de granito em forma de paralelepípedo eram periodicamente limpos por funcionários da Prefeitura, que o povo denominava de "reco-reco".

## Os Reco-Reco

O progresso inevitável, permanente e fatal, paralelamente ao bem-estar que nos propicia, também destrói os aspectos que bem poderemos classificar de românticos. Esses fatos poderemos verificar quando nos ausentamos de cidades grandes como São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília, Belo Horizonte, para outras cidades onde o tempo parece que parou.

Ai reina a paz, inexistente a pressa e as pessoas tem tempo para conversar com amigos às portas dos bares e cafés, comentando os mexericos do dia-a-dia. As fachadas, ornadas com arquitetura do princípio do século, condizem com as carroças



de rodas de pau e burros sonolentos que desfilam vagarosamente rua acima, rua abaixo, cujo ruído estridente das rodas, com os paralelepídeos e os pregões dos peixeiros, garapeiros, fruteiros, doceiros e vendedores de miúdo de boi, se harmonizam numa sinfonia caracteristicamente provinciana, sinfonia de paz, de amor, apenas tocada de leve, pelo monstro da poluição, que como um câncer, progride imperceptivelmente. Manaus, era uma dessas cidades há mais ou menos vinte anos. Suas ruas, na maior parte, eram calçadas com paralelepípedos, que o povo chamava paralelepípedos, pedras de granito de fina cantaria, importadas da Europa e que tem esse nome pela forma do sólido que possuem.

As principais ruas e avenidas de Manaus eram calçadas de paralelepípedos, aliás, diga-se de passagem, calcetadas grosseiras e crimosamente, causando com a passagem permanente de veículos, acidentes às vezes fatais. As calçadas também construídas com grandes blocos de mármore, dava um aspecto pitoresco à cidade, que lembrava os bairros antigos de Alfama e Mouraria em Lisboa. Muitas vezes assisti a senhoras reclamando os seus saltos altos e finos arrancados dos sapatos pelas frestas dos paralelepípedos. Era um Deus nos acuda às elegantes da época. Os saltos altos e finos enterravam-se no espaço entre as pedras, e fatalmente eram quebrados ou arrancados. Esse fato, isto é, a colocação dos paralelepípedos, era executado pelos calceteiros da Prefeitura Municipal de Manaus, outras vezes por turmas contratadas por empreiteiros ambiciosos, que com o peso das viaturas cediam aqui e ali, superfícies sinuosas com perigo para os veículos e arrancando os saltos dos sapatos das senhoras. Muitos bairros antigos das cidades de Lisboa, Paris, Madri e Roma entre muitas outras, como também em alguns bairros de Salvador na Bahia, os calçamentos com os paralelepípedos são tão bem assentados que entre uma pedra e outra não passa uma folha de papel. Aqui entre uma pedra e outra, cabe perfeitamente outra pedra. Uma das causas constantes dessas turmas de calceteiros na cidade, eram as substituições permanentes dos dormentes dos trilhos dos bondes de Manaus Tramways. Esses eram uma desgraça para a beleza da cidade, o trabalho mal feito, as pedras mal assentadas davam um aspecto simplesmente horrível, e uma grande dor de cabeça para a Prefeitura.

O espaço compreendido entre uma pedra e outra, adubado com húmus fértil das grandes enxurradas, e o excesso de umidade próprios da região, faziam crescer toda espécie de gramas e pequenos arbustos que cobriam quase totalmente a superfície das calçadas com esse tipo de material, enfeitando a cidade e dando um aspecto de abandono. A Prefeitura Municipal de Manaus, mantinha quatro exércitos em permanente vigília cívica: uma os bombeiros que a quase, diariamente bimbahavam o seu imenso sino pelas ruas de Manaus, rumando para um incêndio em algum bairro da cidade, anunciado pelos apitos penosos da antiga usina de luz. Esses incêndios eram sempre provocados por fagulhas de fogões de lenha ou mesmo de pequenos fogareiros de ferro, pois na época, não existia gás e a luz só a das estrelas, razão porque afastavam-se logo a hipótese de curto circuito.

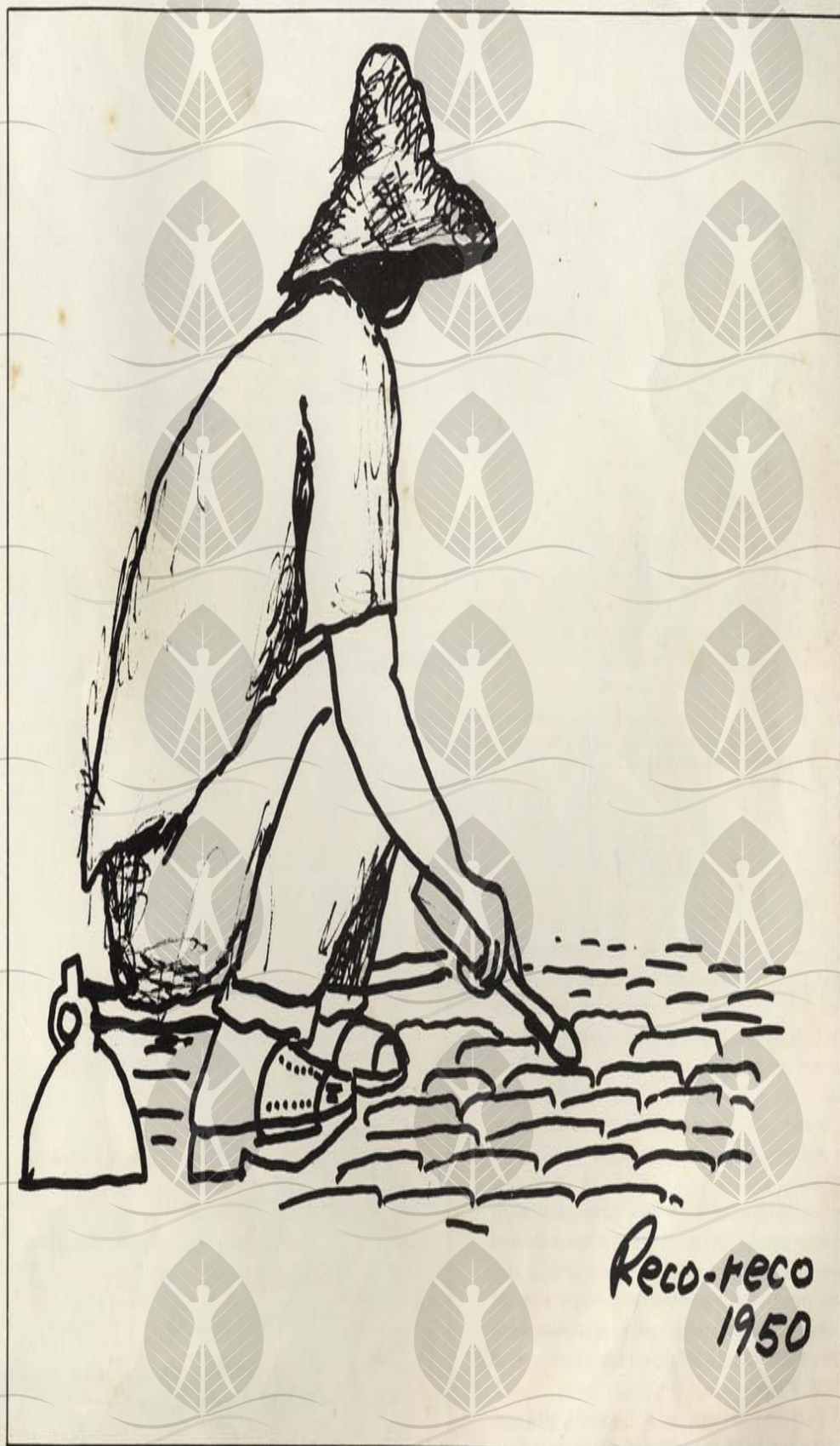
Outro, eram os podadores de ficus-benjamins que enchiam as ruas e avenidas em verdadeiros colares verdes ganhando com isso o epíteto de "cidade risenha". Vinham depois os cal-

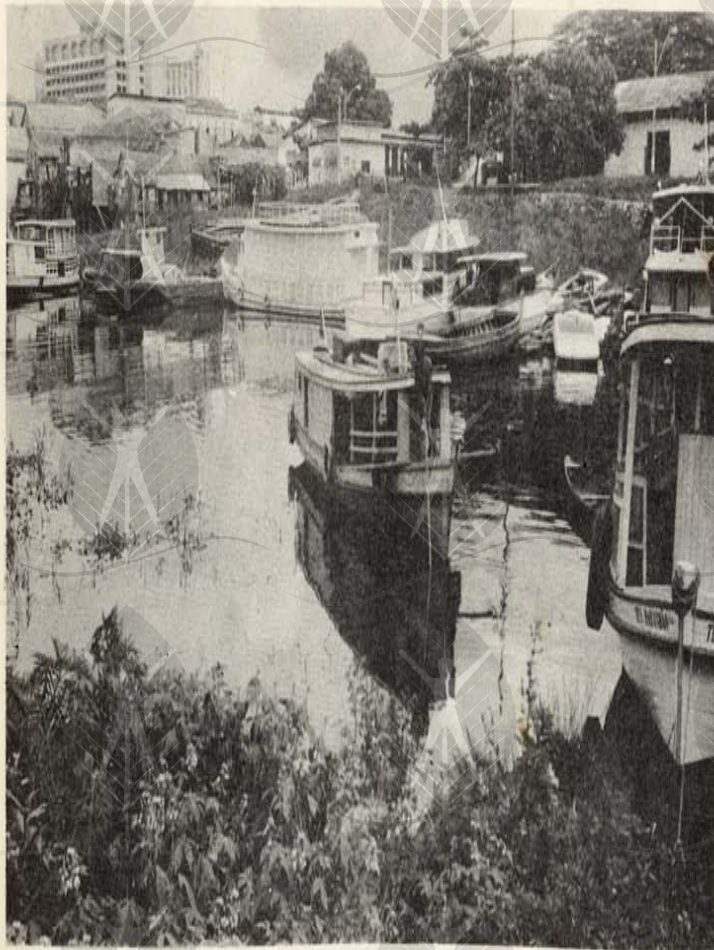
ceteiros que, sentados em seus toscos banquinhos de madeira, revestiam as ruas com pedras, cujo toc-toc dos seus martelos, soava agradavelmente aos ouvidos dos condutores de veículos. Por fim a legião dos reco-reco, quase todos velhinhos e simpáticos, acorados sobre um cabo de um pequeno enxadeco: arrancavam o capim que crescia entre as pedras e nos meios-fios e sarjetas das calçadas, com um instrumento tosco, composto de um pequeno cabo de madeira de mais ou menos vinte centímetros, sobre o qual amarravam um pedaço de fita de ferro dobrada. Cada reco-reco, tinha mais de um instrumento que servia de sobressalentes, pois a fricção do ferro sobre a pedra, provocava gasto rápido. A Prefeitura dava esse serviço de preferência a velhinhos, com pequenos salários de aposentadoria, que encontravam nessa ocupação uma ajuda a sua minguada mensalidade.

Havia também meninos, filhos dos velhos servidores comunais, nunca porém homens jovens e sadios. No espaço das onze às treze horas, os reco-reco descansavam sobre as frondosas copas dos ficus-benjamins, uns dormiam, outros conversavam talvez algumas reminiscências de sua juventude. A palavra reco-reco é onomatopáica, e deriva do som produzido pelo instrumento também chamado reco-reco nas pedras. Lá por voltas das três horas da tarde, senhoras piedosas ofereciam aos reco-reco, um lauto café, pão fresquinho, que os padeiros com seus grandes cestos de vime, vendiam a domicílio, anunciando o produto com suas cornetas características.

Os reco-reco sempre começavam o seu serviço de limpeza junto aos trilhos dos bondes, na esperança de encontrar moedinhas que escorregavam das mãos dos cobradores. Eu mesmo, quando criança, pelas manhãs, acompanhava a linha da Joaquim Nabuco, Igreja Batista, de olhos pregados no chão e muitas vezes encontrava moedas até de dez tostões.

Quando estava próxima a chegada de um presidente da República, ou ministro de Estado, todas as ruas de Manaus enchiam-se de podadores, pintores retocando os caules dos ficus e os meios-fios das calçadas de mármore de cantaria. Os reco-reco, entretanto, davam uma feição mais afetiva à cidade: com suas cabecinhas brancas e seus sorrisos de crepúsculos, limpavam o calçamento, hoje sepultado sob o asfalto negro da civilizada poluição.





Trecho do Igarapé do Caxanga, vendo-se algumas barcaças e barcos moderníssimos, além de barcos motores muito comuns nos rios do Amazonas. Foto do autor. 1983.



Balsas como estas da foto, transportam de uma só vez mais de duzentas toneladas de carga com apenas um ou dois tripulantes durante toda uma viagem.

## Balsas e Barcaças

A natureza singular dos rios amazônicos, seus períodos de cheia e vazante, seus altos rios onde se situam os grandes e ricos seringais, as terras caídas e conseqüentes entulhamentos das calhas com gigantescas árvores e canaranas, constituem enormes perigos para as embarcações. O aparecimento de muitas ilhas no meio dos rios, no período da vazante, determina a utilização de variados tipos de veículos fluviais que vem se movimentando através da longa história da navegação na Amazônia.

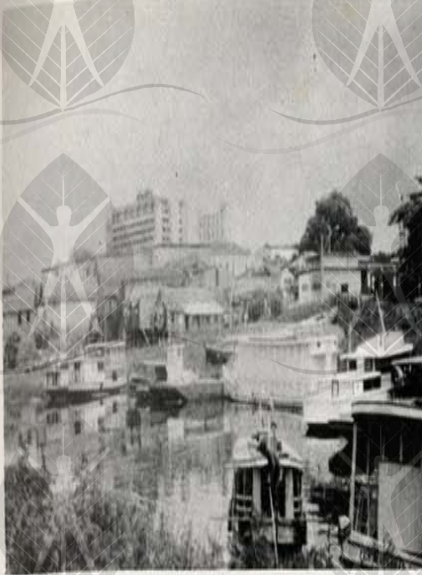
Gaiolas, chatinhas e vaticanos foram utilizados em operação mercantil. Levavam mantimentos para os altos rios e de lá traziam os seus porões abarrotados de produtos regionais, principalmente borracha, sernambi, cáucho, sorva, castanha, óleos vegetais e couros silvestres, que eram devidamente transferidos para os grandes navios internacionais surtos no porto de Manaus.

Os gaiolas foram sustentáculos da economia amazônica, único meio de transporte entre as capitais de Manaus e Belém e o interior. Levavam e traziam passageiros e cargas, até gado em pé para alimentação dos passageiros (naquela época, os frigoríficos eram apenas utilizados para mercadoria de fácil deterioração), grande paiol para armazenamento de carvão,



Barcaça com capacidade de carga para mais de quatrocentas toneladas

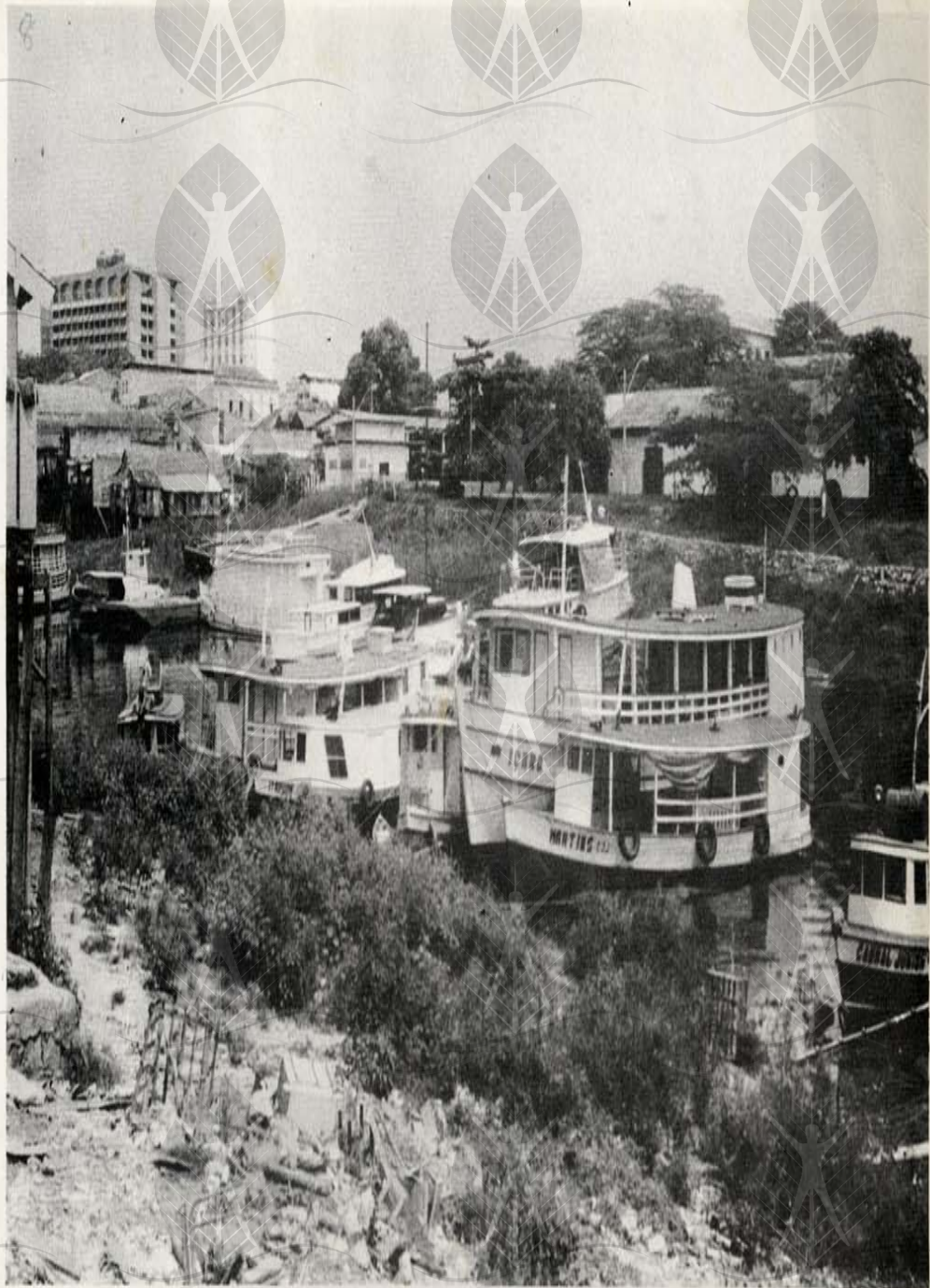




Na cidade de Manaus, várias são as balsas que totalmente construídas nos estaleiros do sr. Nilo Tavares Coutinho, o decano dos construtores navais, servem às duas estradas interrompidas pelo rio Negro e Amazonas. A primeira é a Transamazônica com tráfego intenso às vinte e quatro horas do dia; a outra, a estrada de Manacapuru que transportam em média mais de 200 veículos rodoviários por dia, além de centenas de passageiros, em demanda às cidades longínquas do interior do Amazonas, Acre e Territórios Federais de Roraima e Rondônia.

ou todo o convés inferior, destinado a receber a lenha para o consumo durante as viagens. Isso tudo diminuía a capacidade de carga desses pequenos navios a vapor que muitas histórias e estórias deixaram nos anais da navegação fluvial da Amazônia, e na tradição oral do povo. O maior perigo que rondava permanentemente esses elegantes barcos, era o fato de possuírem porão inteiro, sem divisões, que os tornavam vítimas fatais de troncos de piranheiro submerso, ou incêndios que levaram dezenas desses veículos, juntamente com passageiros e tripulantes, para o fundo dos rios. Os gaiolas eram vapores com capacidade entre 160 a 600 toneladas.

A grande guerra de 1945 mostrou ao mundo ocidental a utilização de grandes barcaças, inteiramente de ferro e aço como transporte fluvial eficiente. Utilizadas nos transportes de tropas de assalto e veículos pesados como tanques, caminhões



Os igarapés de Manaus, são abrigos seguros para as milhares de embarcações de todos os tipos que singram os rios do Amazonas.

Na foto vários tipos de embarcações, inclusive balsas que pode-se ver na extrema esquerda.



Empurrador, capaz de empurrar durante longas viagens, balsas com mais de quatrocentas toneladas de carga

e jipes, com os quais os aliados realizaram o histórico assalto das tropas americanas nas praias da Normandia, na França, concorreram fundamentalmente para a vitória. A grande vantagem desses barcos consistia na maior capacidade de transporte de carga, com relativo deslocamento e fácil descarga de preferência nas rampas das praias, dispensando a utilização dos complicados guindastes, naquela época movidos a vapor. As barcaças das tropas americanas eram dotadas de um possante motor a óleo diesel na popa, fundo totalmente chato, paredes com mais de dois metros de altura e proa inclinada, que, aberta, servia de ponte para desembarque de tropas e veículos.

Com o advento do petróleo e o conseqüente desenvolvimento comercial e industrial, principalmente aeroviário e rodoviário,

a construção de aeroportos modernos e supersônicos, as aberturas das inúmeras estradas por todos os recantos do Brasil, instalando um permanente intercâmbio humano em todos os seus rincões, núcleos, vilas e cidades, determinou-se a morte dos românticos vapores, chatinhas, gaiolas e vaticanos, com seus apitos sonoros e inesquecíveis. Um vapor com numerosa tripulação e com seus porões quase que totalmente tomados com provisões de carvão e lenha para manter suas viagens, certamente seria hoje anti-econômico. Centenas dos antigos seringais que antigamente não passavam de um pequeno aglomerado de três ou quatro casas, são, hoje, prósperas vilas e cidades, onde existem alimentação, remédios, escolas, construções de casas e um intenso intercâmbio de pessoas indo e vindo diariamente, num incessante burburinho de



Esta barcaça, além de transportar mais de duzentas toneladas de carga, pode levar em seus camarotes sobre o imenso convés de ferro, de cinquenta e setenta passageiros bem acomodados.

interesses. As cidades do interior, que nos tempos áureos eram iluminadas à noite com lamparinas alimentadas a querosene, importam hoje ininterruptamente, milhares de toneladas de petróleo para alimentar suas usinas a óleo diesel. Tudo isso dependente de transporte farto e seguro, fato que os antigos navios não podiam oferecer.

A partir da década de sessenta, com a instalação de estaleiros navais na Amazônia, começaram a aparecer em Manaus as balsas, totalmente construídas de ferro e divididas em compartimentos estanques, dificultando assim os freqüentes afundamentos por furos, provocados por abalroamentos em pedras submersas ou troncos também invisíveis aos olhos dos pilotos. Chatas, largas em com-

primento que vai de setenta a cem metros por doze a vinte de boca ou largura, esses veículos tem capacidade de transportar com toda segurança, três mil a dez mil toneladas de carga de toda a natureza em rios de pouca profundidade. Caminhões, automóveis, madeira, pedra, tijolos, petróleo e uma enorme variedade de produtos deslizam suavemente sobre os nossos rios diariamente, para todas as vilas, seringais e cidades do interior do Estado, num verdadeiro movimento de integração nacional, empurrados por possantes motores rebocadores, oferecendo as vistas dos nossos ribeirinhos uma visão completamente diferente da que nos ofereciam, há trinta anos atrás, os nossos saudosos gaiolas. Enquanto naquela época era comum os grandes gaiolas ficarem encalhados com

seus cascos completamente fora d'água durante todo um verão, numa espera paciente e dramática dos rápidos repiquetes ou da volta da subida da água nos altos rios, hoje as balsas vão e voltam durante todo o ano, na vazante e na enchente, sob o sol e a chuva, levando petróleo e todo tipo de mercadoria sem a sombra sinistra dos naufrágios.

Na cidade de Manaus, várias são as balsas que, totalmente construídas nos estaleiros do sr. Nilo Tavares Coutinho, servem às duas estradas interrompidas pelo Rio Negro. Uma é a grande Transamazônica, com tráfego intenso; a outra, a estrada de Manacapuru, com média de 200 veículos rodoviários por dia, além de centenas de pessoas, em demanda às cidades, longínquas cidades do interior do Amazonas, Acre e Territórios Federais de Roraima e Rondônia.



## A Cidade Flutuante

Com o advento da Zona Franca de Manaus, a dificuldade de moradia se agravou a ponto de constituir um novo e dramático problema para o Governo do Estado, que entregou a solução à COHABAM e Prefeitura Municipal de Manaus, que participam de maneira decisiva, sem, entretanto, erradicar o mal, quando se sabe que o grande êxodo dos que deixam o interior do Estado em direção às cidades ribeirinhas, anualmente, durante as cheias, principalmente, Manaus, capital da Zona Franca e de livre comércio, é muito maior e permanentemente atraídos pelo sonho de uma melhoria de vida, e principalmente pelas notícias divulgadas pelos rádios transistores espalhados por toda a área amazônica, emitindo a todo o instante notícias fantasiosas de mercadorias baratas, quando, na verdade, tudo continua subindo de preços assustadoramente inacessíveis, notadamente os produtos da terra, que alcançam majoração de mais de 20.000%.

Vale ressaltar aqui o trabalho patriótico do grande amazonólogo e sociólogo Arthur Cezar Ferreira Reis, quando de sua passagem pelo Governo do Estado do Amazonas em 1964. Antecipando-se ao Plano de Habitação, criou o primeiro Núcleo Habitacional do Estado do Amazonas, no bairro da Raiz, para abrigar a população da extinta cidade flutuante sob os auspícios do Governo Federal, sem os quais não seria possível saneamento, de vez que os políticos profissionais da

época defendiam o mais monstruoso conglomerado humano jamais conhecido no Amazonas e que já estava criando novos e graves problemas de natureza social e sanitária, alvo de reportagens fantásticas e de entrevistas em jornais brasileiros e estrangeiros, gerando, assim, uma opinião pública negativa ao Amazonas, principalmente à sua capital, Manaus, para onde se dirigiam diariamente turistas de todo o mundo.

Já foi definitivamente determinado por sociólogos, economistas, antropólogos e estudiosos, o objetivo da preferência do caboclo hinterlandino em morar nas várzeas, isto é, nos terrenos alagadiços, de aluvião de que se constituem as grandes áreas de várzeas da calha amazônica e seus afluentes, caracterizando-se sobretudo pela facilidade do acesso ao rio, que lhe fornece a água para todas as necessidades domésticas e principalmente o pescado para sua

alimentação diárias, a sua roça de subsistência plantada nas proximidades da barraca totalmente construída de palha. A várzea é para o caboclo ribeirinho, uma dádiva de Deus que o ampara através da abundância dessa natureza exuberante. Todo o caboclo possui compulsoriamente a sua montaria que o transporta passivamente por todo o rendilhado de rios, ela é um cavalo dócil sempre à sua disposição, amarrada entre os marás que dançam sobre a correnteza do rio. A vegetação que cobre quase toda a área das várzeas amazônicas, é constituída de madeiras moles, de pequena densidade, e pouco colorido que são utilizadas como flutuadores nas construções de casas flutuantes, geralmente fundeadas nas desembocaduras dos igarapés, rios e paranás de toda a área amazônica. Essas pequenas casas são de pouca altura, muito largas para melhor flutuação e equilíbrio. São sempre construídas de material

Aspecto da Cidade Flutuante em frente a cidade de Manaus.

leve, com três ou quatro metros de comprimento no máximo; uma sala que é utilizada como armazém de vendas a retalho, onde está a balança para pesar a carne de caça, o pirarucu, a balata, a borracha, o óleo de copaíba, o cacau, a sorva, etc... trazida pelos caboclos dos altos rios. Na outra sala é depositada a mercadoria já adquirida. O terceiro compartimento, à guisa de dormitório, também serve como sala de refeições e cozinha. Essa última, com uma cozinha sobre o parapeito de uma janela com uma tábua sobre a qual está localizado um fogareiro a carvão vegetal onde é feita a comida de uma só qualidade, geralmente de peixe. Todos os flutuantes há algumas décadas atrás, eram totalmente cobertos com palhas de buçu, que as tornavam mais leves. Tinha inconvenientes — além de hospedar insetos variados e até cobras, de cinco em cinco anos, tornavam-se obrigatórias as mudanças de palhas por outras novas. Hoje, quase todas as casas flutuantes são cobertas com folhas de alumínio que oferecem mais durabilidade, e não atraem animais e insetos que se homiziavam nas antigas coberturas de palha. Os flutuantes ancorados na foz dos rios, furos e paranás, são dotados de uma pequena varanda, cercada com forte parapeito de toros de acariquera para servir de apoio às embarcações que aportam nos flutuantes para realizarem negócios. Seus flutuadores tem um prolongamento de mais ou menos um metro e meio a dois metros para impedir a aproximação das embarcações à barraca, cujas paredes são constituídas de louro de 3/4" de espessura. Entre a grande variedade de madeira branca das várzeas, citaremos as espécies que são mais utilizadas pela população interiorana e mesmo pela indústria de serrarias: Ucuúba (virola), a paviúba (iritea), a Envira (teocona), a Caroba (jacarandá), a Imbúia (cecrópia), o Morototó (didimopana), todas essas, muito comuns na foz de quase todos os tributários da grande calha do Amazonas. Em Manaus, a partir da segunda década deste século, alguns flutuantes começaram a surgir na foz dos igarapés de Educandos e São Raimundo, cujos proprietários eram cearenses egressos dos seringais no período de plena decadência. Na década de sessente, todo o litoral da cidade, da foz do igarapé de Educandos, até quase em frente ao Mercado Municipal Adolpho Lisboa, estendia-se a já cognominada "cidade flutuante", com mais de três mil casas, todas construídas sobre toros de Ucuúba, Paviúba, Envira, Imbúia ou Morototó, com uma média de 10 metros de comprimento e um diâmetro médio de 0,70m (setenta centímetros). As casas geralmente de madeira, cobertas de palha ou alumínio medindo em média nove metros de comprimento por cinco de largura. Todas as casas flutuantes são construídas à maneira das do litoral; são, entretanto, mais largas e mais baixas para conseguir estabilidade quando das ocasiões de banheiro, provocado pela passagem de grandes embarcações ou por temporais que sempre aparecem, principalmente nas transições do verão para o inverno. Em média, as casas residenciais da cidade flutuante tinham três compartimentos de três por cinco metros e altura do pé direito de dois metros ou dois metros e meio. As madeiras usadas no vigamento dos assoalhos, eram de sucupira (*Bowdichia Hartuisii*), da família das leguminosas, com peso específico de 1,2. Essa madeira de cor escura quase preta, muito semelhante ao Acapu, é usada



Outra vista aérea da Cidade Flutuante.



Uma rua da Cidade Flutuante



Vista aérea da Cidade Flutuante.



Casa flutuante de comércio.

nas construções navais por ser de grande resistência ao apodrecimento e de grande durabilidade quando imersa n'água, por isso de muita procura para construção de assoalho dessas casas flutuantes.

Muçaranduba (*mimusops Ruberi*), da família dos Sapotáceos, com peso específico de 1,14. Madeira de cor avermelhada. a Muçaranduba é, também, usada nos assoalhos dos flutuantes, concorrendo assim, com a Sucupira, pela alta resistência quando mergulhada n'água por tempo determinado. A madeira usada no travejamento dos pisos é o louro vermelho, com secção de quatro a seis polegadas, o louro vermelho (*ocotea rubra*), da família das lauráceas com peso específico de 0,64. Esse material foi largamente empregado na construção dos flutuantes da bacia do rio Negro. As tábuas de 1/2" x 8,00m x 4,00m eram destinadas à construção das paredes externas e internas, enquanto que as de uma polegada de espessura por seis de largura, eram empregadas nos resistentes assoalhos. Com as mesmas dimensões, eram também consumidas pelos construtores de flutuantes, a Andiroba (*Carapa guianensis*), da família das Maliáceas, com peso específico de 0,70.

A Andiroba, muito parecida com o cedro, cuja grande aceitação nas construções civis, deve-se à sua leveza e resistência ao tempo. Os caibros que constituem a estrutura da cobertura das casas, eram da espécie conhecida por envireira, dada a sua extraordinária leveza, embora não seja tão resistente e sensível a certos insetos que a destroem com extrema facilidade.

Os proprietários das casas flutuantes, tinham o cuidado especial de somente aplicarem material leve na sua construção, para obterem o máximo de flutuação e consequentemente mais carga que depositavam sempre num ponto médio da casa para a permanência do equilíbrio. Algumas dessas vivendas existentes nos tributários, são dotadas de um prolongamento na sua parte posterior, onde a dona-de-casa lava a sua roupa e dá banho nas crianças que aproveitam para pular n'água, usando o flutuador como trampolim. Na varanda da parte posterior da casa, um pequeno quadrado de mais ou menos um metro de lado, que é utilizado pelos moradores para servir de banheiro e sanitário.

## Vendedores Ambulantes da Baía do Rio Negro

Mais ou menos às seis da manhã, quando o sol começava a clarear para as bandas do nascente, começava também a se intensificar o movimento de barcos motores, canoas, batelões e pequeninos cascos, que costuravam os mais estreitos espaços do emaranhado de veículos flutuantes ancorados na chamada praia do mercado, oferecendo sua eclética mercadoria.

Eram os dos vendedores ambulantes no litoral do Rio Negro, montados em seus pequenos barcos de 3 ou 4 metros de comprimento por 60 ou 70cm de largura, construídos de madeira e acionados por dois remos (faias). Ganham o seu dia-a-dia vendendo pão fresco, rapadura, broa, bolachas, garapa, aluá, peixe frito, entre os quais jaraqui, pacu, acari-bodó, tucunaré, sardinha, bolos de macaxeira, bananas fritas,



Alguns deles passam quase 24 horas vagando sobre as águas do rio Negro vendendo a sua mercadoria sem se desligar do seu possante rádio de pilha que lhe põe a par de todas as notícias nacionais e estrangeiras.



Os padeiros ambulantes da baía do rio Negro vendem desde o pão de um quilo ao pão-doce e bolachas de todos os tipos.

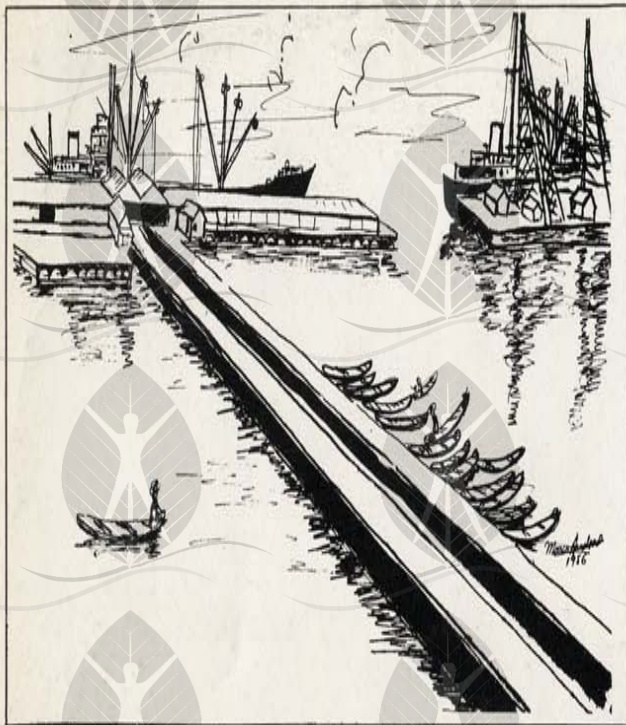
bolinhos de tapioca, de macaxeira, munguzá, mingau de banana, mingau de arroz e tudo que constitui o edifício da alimentação popular.

Seus fregueses preferidos são os mais diferentes tipos de passageiros que se acotovellam nas amuradas dos barcos motores, ancorados no grande muro de arrimo à guisa de cais, que limita a praia com a Rua Barão de São Domingo, à espera da saída da navegação com destinos aos vários pontos da rede hidrográfica do Amazonas, rios, furos, lagos, igarapés, paranás, onde vão desempenhar a sua função de transportadores dos pequenos agricultores ou pescadores domésticos.

A viagem de retorno dura de 6 a 48 horas e as refeições servidas a bordo são insuficientes e de pouco teor alimentar, por isso os passageiros compram seus "bolos de macaxeira", "pés de moleque", bolinhos de tapioca, de milho, de arroz e outros alimentos de suas preferências, que vão consumindo ao longo das viagens de retorno.

Os "garapeiros", como são conhecidos esses vendedores





A partir das 6 horas da manhã, as canoas dos vendedores ambulantes da baía do rio Negro já estão na sua lida. São garapeiros, fruteiros, padeiros, doceiros e uma infinidade de vendedores das mais variadas modalidades de comércio.

em todo o litoral do Rio Negro, que vai desde o São Raimundo até Educandos, têm licença especial da Prefeitura Municipal de Manaus, sem a qual não poderiam exercer o seu comércio varejista de comestíveis e bebidas regionais.

Para servir seus clientes, que são muitos e variados, os garapeiros, em pé sobre o seu pequeno veículo, fazem verdadeiras acrobacias, esticando o corpo e os braços para completar o espaço entre a mercadoria e as mãos dos fregueses, que também se esticam perigosamente de cabeça para baixo, pendurados nas amuradas das grandes embarcações que os caboclos chamam de "Recreio".

O refresco de frutas regionais, taperebá, laranja, buriti, abacaxi, cupuaçu, graviola, maracujá, côco, limão, é acondicionado em recipientes de alumínio ou zinco, ou ainda dentro de uma caixa de mais ou menos 1 metro por 60 de altura (geladeira), com bastante gelo picado para conservá-los frios por muitas horas. Numa outra caixa, é guardado o pão doce que é vendido por Cr\$ 0,30 acompanhado por copo de garapa por Cr\$ 1,00 cada.

Existem pessoas em Manaus que possuem verdadeiras frotas de canoas garapeiras, alugada a Cr\$ 6.00 por dia aos interessados. À noite, isto é, depois de 12 horas de aluguel, as canoas são devolvidas ao dono em sua residência, à margem do igarapé de Educandos, ocasião em que se efetuam os pagamentos dos fretes e a contratação para o dia seguinte.

Quando o motor da linha movimenta suas palhetas para sair do ancoradouro, fazendo verdadeira turbulência nas águas do Rio Negro, um ballet cômico tem início entre os pequeninos barcos mercantis, que balançam perigosamente sobre as ondas, equilibrados pelos pequenos remos em forma de faia, cujos movimentos são executados com extrema perícia pelos seus pilotos indefectivelmente cobertos com seus grandes chapéus confeccionados com palha de tucumã, que os livram dos raios inclementes do sol tropical, ao longo de quase 12 horas de trabalho.

É cena corriqueira na beira da praia do mercado, pequenos grupos de padeiros, garapeiros, vendedores de maleta, de redes, de roupas, canoas de fretes, que, embolados, isto é, seguros uns aos outros pelos pés, ficam de bobuia em longos papos e algazarras, proferindo palavões que causam gargalhadas entre os circunstantes.

As canoas de fretes são barcos de madeira compridos, movidos a motor de popa à gasolina e óleo diesel, que realizam fretes de mercadorias da praia do mercado, para as casas de comércio da periferia de Manaus ou para os motores que já estão saindo para seus destinos. Prestam relevantes serviços de urgência, não só aos pequenos garapeiros para os quais realizam em rápidas viagens compra de mercadorias, como também transportes de carga de passageiros e mesmo passeiros turísticos.

O local de maior movimento no litoral do Rio Negro é a frente da Praça dos Remédios, no grande muro da Rua Barão de São Domingos. Ali os garapeiros realizam seus negócios sob o maior alarido, anunciando suas guloseimas com pregões de cor muito local.

O refresco, ou a garapa, como é mais conhecido entre eles, é trazido de casa já pronto. Pela manhã, o garapeiro se dirige à fábrica de gelo, instalada numa grande casa flutuante. Fun-

deada no meio do Rio Negro, ali no ancoradouro se realiza a venda desse produto, não só para os garapeiros, mas para os pescadores de toda a região. Compram-se as pedras de gelo quebradas em pedacinhos e colocados em volta de cada vasilha, já com seus respectivos refrescos, numa caixa adre-demente preparada. A partir daí, o refresco já está pronto para o consumo, sem nenhuma fiscalização da Saúde Pública de Manaus.

Quando a concentração de barcos motores é muito intensa e, conseqüentemente, a densidade de passageiros aumenta, o consumo de garapa também se eleva. Nesse caso, o garapeiro simplesmente rema um pouco mais para o meio do Rio Negro e aí tranquilamente fabrica o seu refresco com a água retirada do rio. Depois, rema mais um pouco, compra o gelo e repete a operação de acordo com a intensidade do consumo. A lavagem dos copos e recipientes de uso é realizada na frente do cliente, em qualquer ponto onde seja servido o refresco. O pão doce, que geralmente é vendido junto com o refresco, é guardado numa outra caixa, fixada na popa ou proa da pequena embarcação, acessível às mãos do vendedor. O pão é mais higiênico, primeiro porque é adquirido na padaria, bem acondicionado, depois porque é guardado em caixa fechada, e só aberta para ser servido ao consumidor.

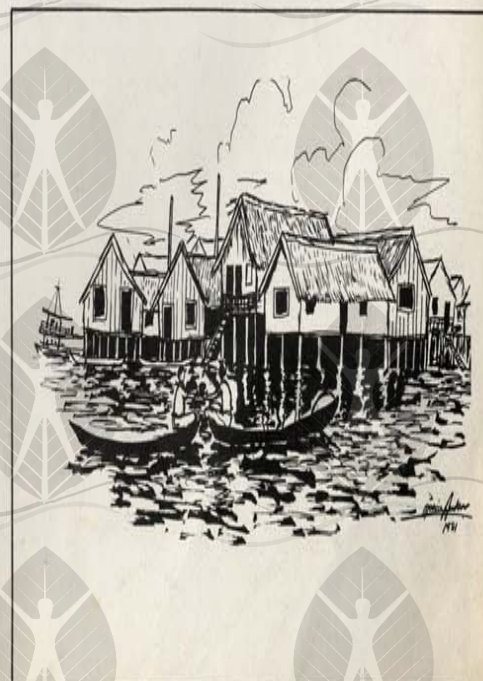
Os pequenos barcos garapeiros são pintados com cores bizarras e desenhos de formas geométricas livres, geralmente strelas de seis pontas, triângulos concêntricos, círculos, e, às vezes, algumas paisagens de feitura primária, que mesmo assim emprestam às pequenas igartes, aspecto alegre e característico. No costado de cada barco está o número da embarcação e às vezes frases jocosas, como por exemplo, "Mulher safada comigo é no tapa", "Fé em Deus e dinheiro no bolso", "Deus te guie", "Sou cego prá mulher feia", e muitas outras frases engraçadas.

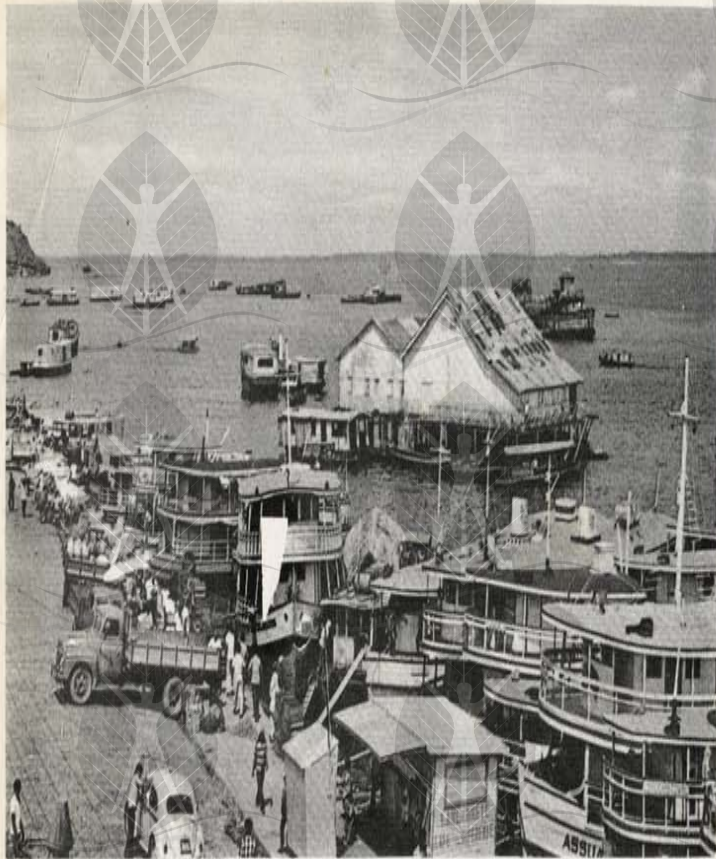
Os barcos garapeiros são construídos para essa finalidade, somente com um banco central e com um assoalho móvel de madeira gradeada (jirau) onde repousa a geladeira, a cúia de tirar água da embarcação, vasilhames diversos e a caixa de guardar pão. Essa última é fixada sobre outra caixa um pouco suspensa do fundo do casco para impedir o contacto com a água. Todas as garapeiras são cobertas com uma tolda de lona, geralmente branca de forma retangular, medindo um metro menos que o comprimento da canoa esticada entre dois pequenos mastros de madeira, com uma altura de mais ou menos um metro e sessenta, e mantida na posição horizontal por dois cordões amarrados em cada borda do barco. Quando o toldo é de madeira, fixo, porta uma abertura no centro por onde o garapeiro, em pé, serve o seu cliente, utilizando a tolda à guisa do balcão.

As garapeiras são geralmente pequenas, de fácil deslocamento e com facilidade rompem espaços exíguos nas embarcações ancoradas. Trazem sempre na popa, dois pequenos pneus usados que amortecem o choque de suas abordagens. Não podem aguentar peso superior ao de seu único tripulante: O GARAPEIRO

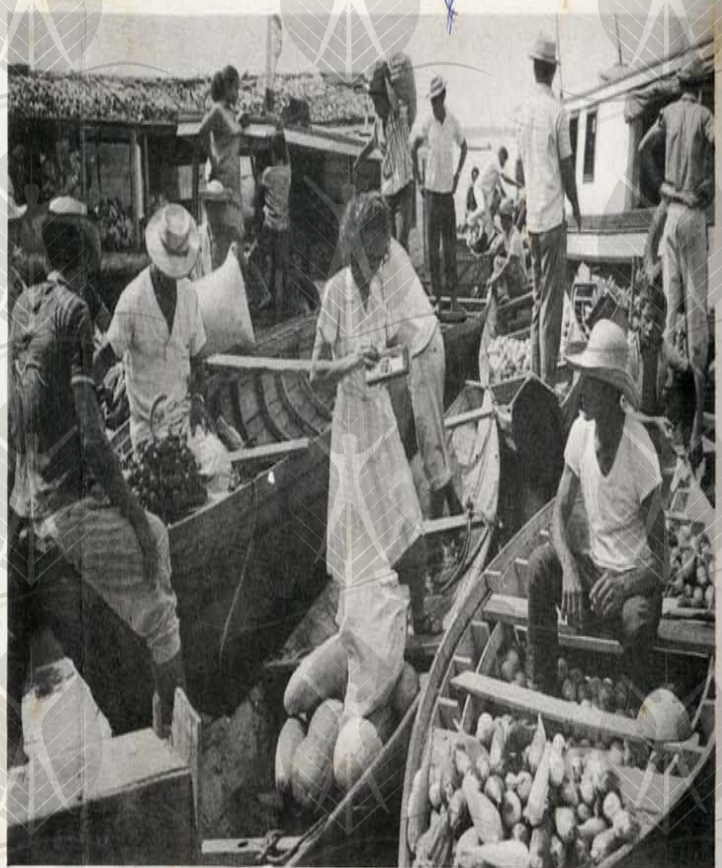


Flagrante de um vendedor ambulante lavando os utensílios de venda de refrescos nas águas da baía do rio Negro a vista dos seus clientes.





Panorama da baía do rio Negro vendo-se em primeiro plano os barcos motores ancorados na longa praia. Ao fundo, dois antigos galpões que serviram de sede para o Clube Amazonense de Regatas hoje desaparecidos. Foto José Kalkbrenner F.º



É na feira de canoas, que as donas de casas faz em sua compra pechinchando e conseguindo uma mercadoria mais barata.

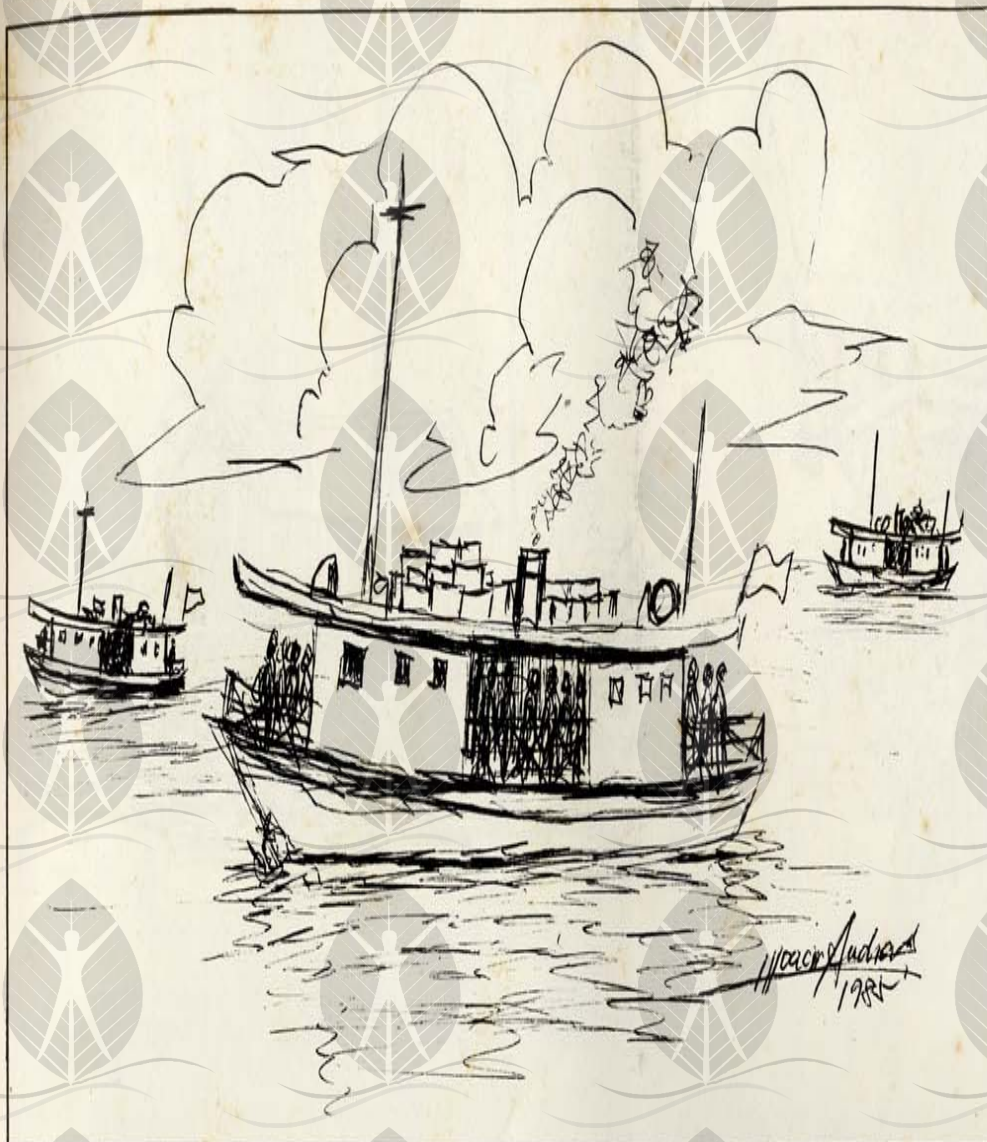
## Feira de Canoas na Praia do Mercado

Bem em frente de Manaus, na margem esquerda do rio Negro, uma imensa praia se estende por quilômetros, desde o igarapé de São Raimundo até o de Educandos, aqui e ali interrompida ora por pitorescos clubes náuticos, ora por grupos de flutuantes (casas de comércio ou moradias construídas sobre a água) mais em cima, pelo belíssimo cais flutuante da Manaus Harbour, com seus vagões aéreos transportando cargas dos grandes navios de muitas nacionalidades surtos no porto.

A praia do mercado é, assim, como a feira de Águas de Meninos na Bahia. É o ponto de integração social do homem amazônico. É o encontro de todos os caboclos moradores nos diversos rios, paranás, igarapés, furos e lagos do Amazonas que ali vão vender os seus produtos, fruto de trabalho penoso, cujo apurado não dá muitas vezes nem para comprar sementes para novas plantações, pois além da exploração de intermediários (atravessadores), os caboclos pagam pesadas taxas pelo transporte (reboque) de suas canoas do lugar de origem até o porto de Manaus, onde vendem os seus produtos. A praia de Manaus não perde a sua beleza policrômica, com seu burburinho humano, suas barracas, seus batelões cobertos de palha, seus motores rebocadores, suas igarités, suas ubás, seus barcos de pesca, seus carregadores de bananas, parecidos assim com um bicho fantástico, caminhando vagarosamente







Os barcos motores diariamente chegam e saem da praia do mercado Adolfo Lisboa para todos os rios, paranás e furos do Amazonas levando passageiros e mercadorias.



A praia do mercado Adolfo Lisboa é o ponto de concentração de todos os moradores das cidades, vilas e povoados de todo o Amazonas.

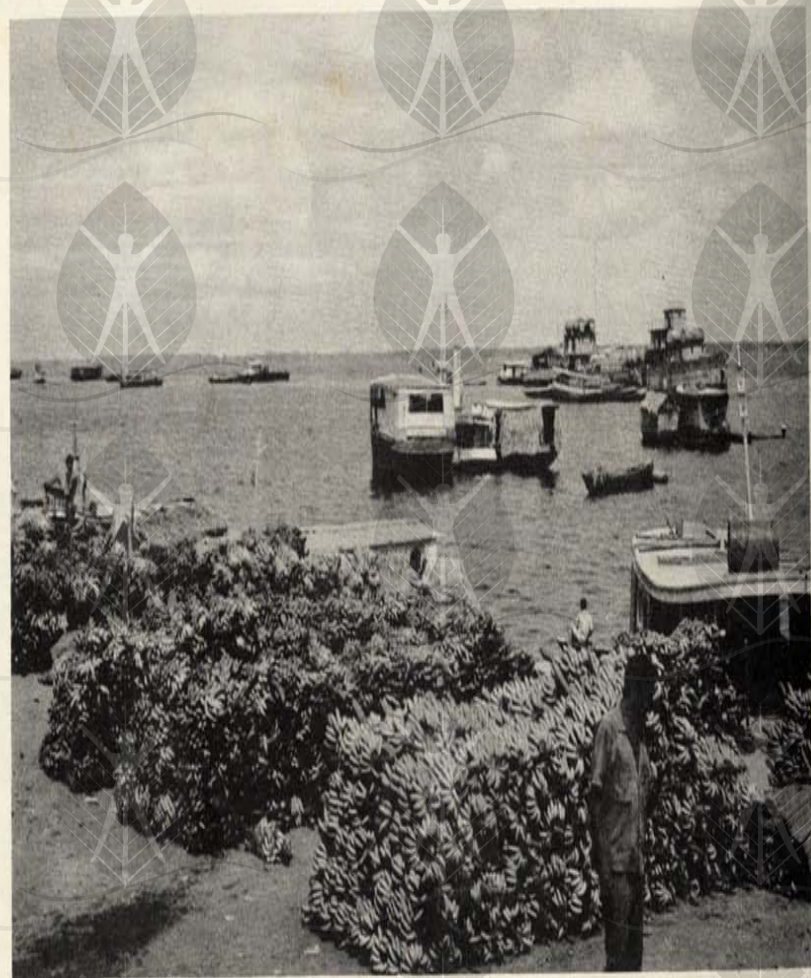


Os carroceiros foram de fundamental importância na construção e dinâmica da cidade. Era o único e barato transporte que a população dispunha.

ladeira acima, com sua imensa carga de banana maçã ou pacovã, baier ou santomé que é São Tomé, e é roxa e muito saborosa.

Era bonito a gente ver os abridores de palha na praia do mercado, como se estivessem acenando para alguém, num ritmo solene de alguma seita maravilhosa, as palhas amarelas que iriam cobrir as barraquinhas proletárias dos caboclos egressos do interior, ao longo das estradas dos bairros da Matinha, Educandos, Bairro Vermelho, Santa Luzia, Morro da Liberdade, Colônia Oliveira Machado e outros aglomerados humanos, que, neste momento, estão surgindo e que constituem verdadeiramente a cidade de Manaus.

Os vendedores de aves e animais que eram um verdadeiro Jardim Zoológico, davam autênticas lições de Zoologia aos turistas que afluíam curiosamente no afã de adquirir uma lembrança de sua passagem por Manaus. Os macacos barbigudos que, com sua docilidade, são os mais simpáticos dos símios que habitam as florestas do Amazonas, davam verdadeiro espetáculo aos curiosos que se aproximavam em volta das gaiolas. Ali se via a mais variada espécie de aves e bichos; araras com imensas caudas de penas coloridas e seus gritos es-



Entre uma venda e outra, os vendedores ambulantes aproveitam para um jogo de baralho.

Todas as frutas regionais são encontradas na praia do mercado, principalmente as bananas que formam verdadeiras montanhas.



Do lado direito do edifício do Mercado Adolfo Lisboa, a Feira de Frutas estendia-se desde a Barão de São Domingos até a orla da Praia.

tridentes; as cobras jibóias enroladas no fundo da caixa pareciam estar alheias à curiosidade popular. O proprietário da "Tenda", para dar um toque de dramaticidade aos presentes, sempre deixava para alimentar os ofídios na hora de maior afluência popular, constituindo assim um espetáculo à parte. O momento em que as cobras trituravam os imensos sapos cururus ou os cabeludos ratos que são jogados no interior das caixas com os tradicionais pregões:

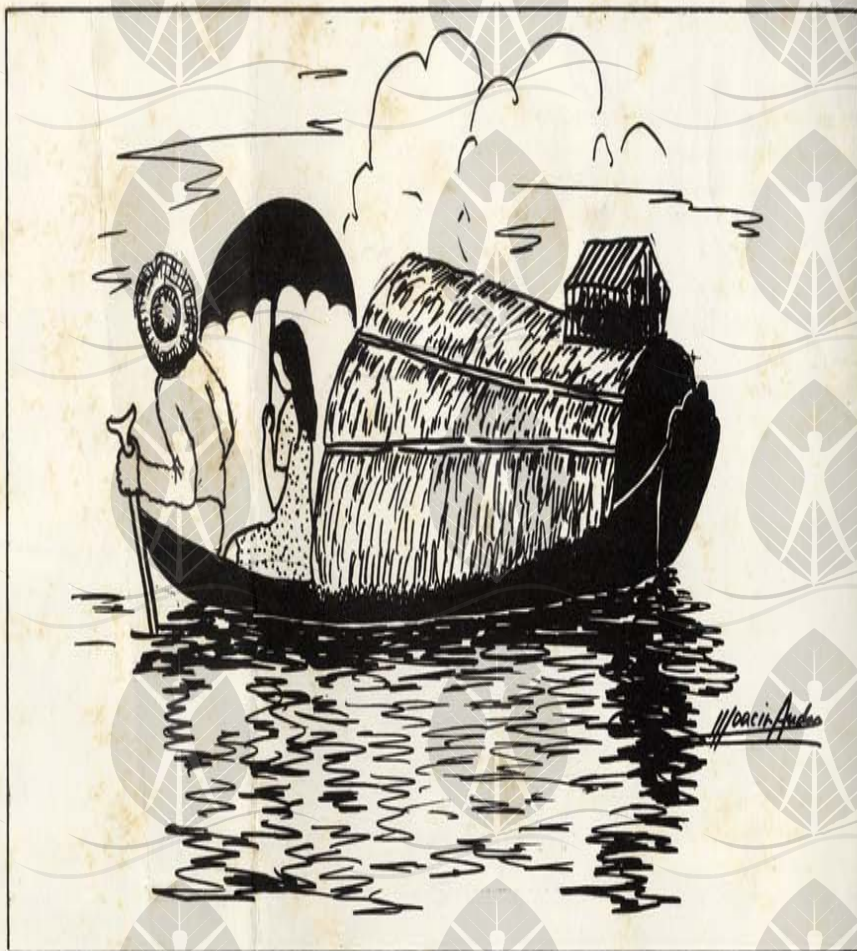
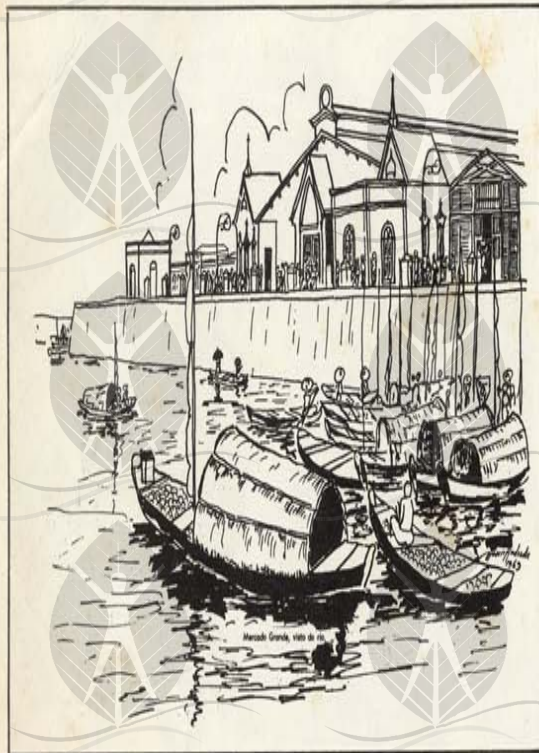
— "Vejam senhores, a gigantesca cobra jibóia, 05 sapos

cururus, 06 ratões, além dos gatos que porventura queiram participar do banquete". Enquanto as cobras produziam dramaticidade e asco, havia animais que inclusive, atraíam a criança com as suas mímicas, — o macaco prego por exemplo, com seus trejeitos e surpresas, tomando os objetos dos que se atreviam a passar por perto de sua gaiola.

O "alencorne", que na verdade se chama unicórnio, é uma grande ave negra, que carrega um pequeno corno sobre a cabeça e possui 02 esporões, um em cada asa. O unicórnio, é a

maior ave do Amazonas. Habita geralmente as árvores mais altas e as margens dos lagos e paranás.

Também nessas tendas estavam expostas à venda, grande quantidade de animais e aves empalhados por exímios taxidermistas locais e que constituem também ótimo movimento de exportação. Essas barracas se alinhavam ao longo da rampa que dá acesso à praia. Tudo se encontrava ali, tapiris es-



pecialistas em objetos de arte nativa, dando um toque todo pitoresco a este recanto da cidade. Flechas de tribos as mais diversas, encontravam-se nessas barracas, arcos, zarabatanas, peixes artisticamente decoradas e de todos os tamanhos, leques de penas da região de Santarém, pentes, targas, colares, braceletes, penachos, de procedência diversa, enchiam prateleiras dessas bizarras "casinhas comerciais". Os seus proprietários nacionais e estrangeiros ofereciam as suas mercadorias numa verdadeira algazarra, na sua maioria nordestinos, desistentes dos seringais amazônicos, razão da semelhança com as feiras do Nordeste.

Aí também não faltavam os restaurantes populares com o saboroso tucunaré, pacu, matrinxão, jaraqui, fritos na hora, com molho de pimenta murupi ou malagueta. A primeira, tinha um aroma forte e penetrante muito preferido pelos naturais. Estes toscos restaurantes que enchiam a praia do mercado, alguns instalados em grandes batelões encailhados na praia, ofereciam aos seus clientes, quase que exclusivamente, peixe fresquinho, saindo das inúmeras geladeiras que aportavam à praia com o produto de pesca, para ser vendido no grande mercado popular.

Vendedores de melancia, de bananas, laranja, manga, biribá, ingá, maracujá, abacaxi, lima, tangerina, cupuaçu e outras espécies de frutas, são encontrados nesse policrômico mercado livre que se estendia por mais de um quilômetro de distância ao longo da branca praia.

Um pitoresco contraste de homens e coisas onde o hinterlandino fez o primeiro contato com a capital.

Assemelhando-se às estações de trem do sul do país, aí se

viam as lanchas a vapor, os pequenos navios e motores com seus reboques, fazendo evoluções e apitando estridentemente, chamando os possíveis passageiros para aumentar o reboque que agora se assemelha a um comboio de trem, alguns com um séquito de mais de oitenta metros de comprimento.

Estas modernas embarcações substituíam os antigos regatões, que levavam um pouco de civilização aos moradores dos mais longínquos e intrincados rios, paranás, furos e lagos do Amazonas.

Eram lanchas dotadas de possantes máquinas movidas a óleo diesel, construídas para essa finalidade. Diariamente elas partiam da praia do mercado. Um subiam o Rio Negro com destino a Cuieiras, Apian, Paduarí, Arinaú, Carabinani, Camanaú, Jaú, Uniní, Jauaperí, Rio Branco e dezenas de rios que formam o imenso tributário do Rio Negro. Outros desciam o Amazonas com destino aos Rios Preto da Eva, Preto do Pantaleão, Madeirinha, Tupana, Açu, Autaz Mirim, enfim o Rio Madeira até à fronteira da Bolívia. Outros subiam o legendário Solimões até Benjamin Constant, Atalaia do Norte e Tabatinga, últimas cidades brasileiras nas fronteiras do Peru e Colômbia.

Esses motores eram na verdade os grandes anônimos sentinelas dessa imensa Amazônia, levando e trazendo diariamente ribeirinhos num trabalho obscuro de capital importância na circulação de riquezas regionais e integração social, política, cultural e econômica desta grande região.

## As Jangadas

O processo de extração da madeira em toda a região do Amazonas é ainda muito primitivo e acarreta prejuízos incalculáveis às nossas florestas já devastadas, cujas madeiras, chamadas de lei, ficam cada vez mais difíceis de serem abatidas, pois estão a grandes distâncias das margens dos pequenos rios, igarapés e, principalmente, da calha central.

O tirador de madeira, isto é, o madeireiro, personagem principal na extração desse produto, é sempre financiado pelas empresas de serrarias que lhe fornecem dinheiro ou mercadorias que lhes permitem trabalhar de novembro a maio do ano seguinte, no mesmo primitivo processo utilizado nos seringais. Seu trabalho consiste em adentrar as cabeceiras dos rios, onde encontram as madeiras de lei pesadas, que abatem, desgalham, cortam em toras, onde é medida pelo comprador. Após a medição, o madeireiro corta duas toras de flutuadores ou "boieiros", também chamados de "rede" que permite transportar a madeira para fora do igarapé até o grande rio onde é anexada à jangada. O processo do deslocamento da madeira do local do abate através da íngreme floresta, é penoso e lento, pois o madeireiro tem que, de metro em metro, ir construindo o caminho por onde irá deslizar a boeira. Às vezes tem que cortar centenas de paus de vários diâmetros e uma infinidade de cipós que, de vez em quando, durante o trajeto que às vezes se estende a quilômetros, engancha nas cabeças das toras, parando-as por horas, enquanto, de terçado em punho, o caboclo abre o caminho para continuar a passagem. Cada madeira de lei ou madeira pesada, tem que sacrificar duas outras árvores de igual diâmetro, que servirão de flutuadores, sem os quais não será possível a sua saída de dentro da floresta.

Já fora, no local onde está sendo construída a jangada, isto é, no rio Solimões, onde é posta sobre um quadrado, as toras são novamente arrumadas de maneira que facilite novamente a medição.

A construção da jangada é processada em blocos crescentes de forma triangular. O primeiro bloco fino fazendo a proa, leva no máximo uma quadra, em seguida vai aumentando o triângulo, até alcançar o máximo permitido para navegação no rio Solimões. A carga é formada com blocos que variam de 180 a 200 toras. Uma jangada depois de completamente pronta para viajar, leva em média de cem a dois mil e duzentas toras de madeira, que é puxada por dois ou três motores de centro, de sessenta cavalos de força, numa viagem lenta que consome do baixo Juruá até as serrarias em Manaus, oito dias de vinte e quatro horas. Cada lancha-motor, tem como tripulantes oito homens que se revezam na cozinha, na manutenção permanente da máquina e na fiscalização das amarras da jangada, ao longo de toda a viagem, embora a construção dessas jangadas seja feita de tal maneira que dificilmente um banzeiro possa causar danos em sua estrutura.

As embarcações mais temidas pelos puxadores ou empurradores de jangadas são os grandes iates de recreio, as corvetas e os navios de grande porte que singram o Solimões até Iquitos. Sua passagem, com grande velocidade, provoca fortes banzeiros, que às vezes quebram os travessões e as amarras de



As jangadas percorrem centenas de quilômetros desde a sua origem até o local de consumo nos igarapés de Manaus.

ação, desfazendo a jangada com a perda dos toros pesados, que afundam sem o amparo dos flutuadores. Cada toro tem quatro argolas de ferro, através das quais se passa um cabo de aço de 5/8", amarrando todas as peças que compõem a jangada. Assim ela é transportada até Manaus ou a cidade para onde se dirige.

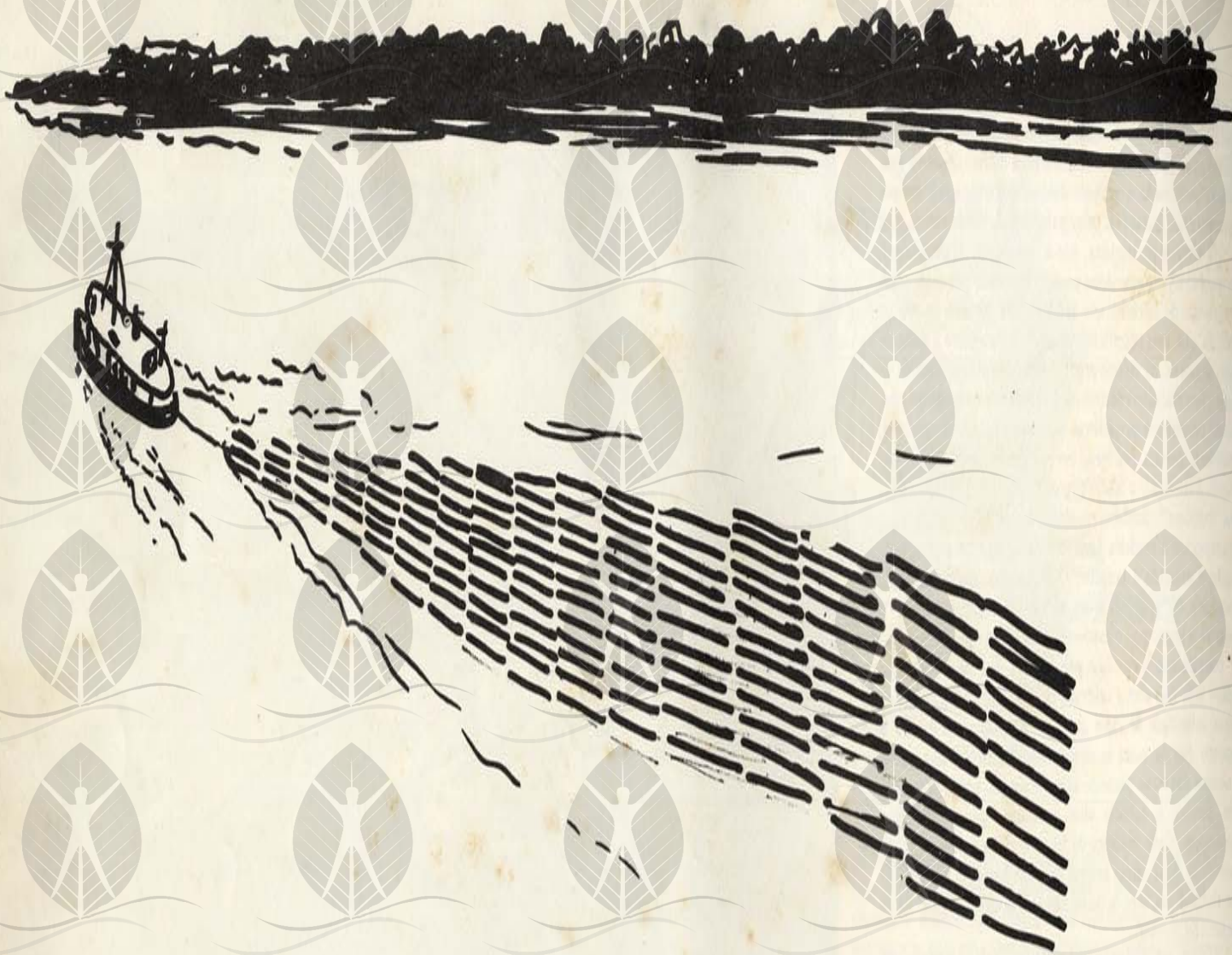
Chegando ao destino, a jangada é encostada na margem do rio, à espera de ser puxada para o corte em tábuas ou pranchões. Os flutuadores ou boeiras são empurrados para o meio do rio onde ficam à deriva, constituindo-se grave perigo para as embarcações que navegam em nossos rios, principalmente à noite. Os caboclos e moradores nas margens do rio Negro e igarapés adjacentes, aproveitam esses toros para construir sobre eles, seus flutuantes.

As madeiras de lei que produzem mais diâmetro no

Amazonas são: a jacaréuba, com uma média de um metro e sessenta de diâmetro; o louro, com uma média de um metro e setenta; o cedro, com um metro e oitenta e dois; o assacu, com um metro e sessenta centímetros.

A classificação da madeira de lei no interior do Amazonas, pelas técnicas empregadas das serrarias e defender do intransigentemente os seus interesses, implica principalmente em terem seus caules "linheiros", não possuem nós, nem buracos e a altura suficiente para bons comprimentos e diâmetros. O preço atual no ano de 1973, considerando que a madeira é comprada a m<sup>3</sup> é de:

Cedro de primeira a cento e vinte cruzeiros. De segunda, oitenta cruzeiros. De terceira, quarenta cruzeiros. Jacaréuba de primeira, trinta cruzeiros; de segunda, vinte cruzeiros. Louro de primeira, cinquenta e cinco cruzeiros; de segunda,



quarenta e cinco cruzeiros. Andiroba de primeira, trinta cruzeiros; de segunda, vinte cruzeiros. Assacu de primeira, vinte e seis cruzeiros; de segunda, dezesseis cruzeiros. Mogno de primeira, cento e cinquenta cruzeiros; de segunda, cento e trinta cruzeiros; de terceira, oitenta cruzeiros. Virola de primeira, trinta cruzeiros; de segunda, vinte e quatro cruzeiros; de terceira, quarenta cruzeiros.

Cada madeira tem suas características para classificação, principalmente as especificadas acima, por serem as mais procuradas no mercado consumidor. A classificação estabelecida pelos compradores de madeira de lei, através de seus técnicos na origem, obedece a uma série de exigências que chegam ao absurdo de classificar todas num preço de terceira categoria. O cedro, por exemplo, para alcançar um preço de primeira, tem que ter o diâmetro médio de cinquenta centímetros e no mínimo quatro metros de comprimento. Se por acaso esse mesmo toro tiver algum nó em sua superfície, passará para segunda, se não alcançar os cinquenta centímetros na média também receberá a classificação de segunda. O louro inamui, por exemplo, pode ser considerado de primeira classe se tiver cinquenta centímetros de diâmetro. Ainda sobre o cedro, se o toro apresenta mais de seis metros de comprimento com um diâmetro superior a sessenta centímetros, então será acrescido de mais vinte por cento sobre o preço da primeira.

Essa classificação é chamada de especial e considerada de prêmio ao madeireiro que a encontrou. A madeira, principalmente o cedro pode normalmente ser cortada em toros de mais de seis metros de comprimento, pois quando seu caule alcança uma base de oitenta centímetros de diâmetro e uma média de cinquenta centímetros, sua haste está mais ou menos a uma altura de mais de dez metros, entretanto o seu manejo através da floresta, para chegar até o local do embarque, torna-se quase inexecutável, visto ter que fazer muitas voltas entre as centenas de árvores que terá de passar ao longo de sua trajetória para o litoral, onde está esperando a jangada. Em média, uma "rede" ou toros tem de largura dois metros por seis de comprimento, o que, para uma pessoa não habituada a esse trabalho, seria impossível realizar a retirada da madeira da floresta. O comprador é representado no interior do Amazonas por um funcionário de alta confiança que processa a medição e compra o produto, periodicamente, quando o rio já está começando a encher. Ele viaja para os locais onde estão as madeiras a espera de serem medidas e pagas. Posteriormente transportadas para fora dos igarapés. Esse funcionário viaja

geralmente de avião, de Manaus para as sedes dos Municípios, onde retira o dinheiro da agência de um banco local e leva ao lugar onde está o extrator, para realizar os pagamentos dos fornecedores de madeira, ou estabelecer créditos aos comerciantes locais, em nome da firma que representa, isto com um limite, evidentemente.

Em Manaus existem muitas serrarias, as mais antigas são: a Serraria dos Pereira na boca do igarapé de Educandos; a Serraria Hore no Plano Inclinado; a Serraria Moraes no Igarapé de Educandos, na cabeça da ponte velha que liga o bairro à cidade; a Serraria Jackson Cabral em Educandos e a Serraria Matias, no fim da Rua Wilkens de Matos, já próximo à Ramos Ferreira. Essas serrarias mantêm seus depósitos de madeira em bóias flutuantes e no fundo do igarapé de São Raimundo, de onde vão retirando à medida que vão cortando para transformá-la em tábuas, ripas, pernambucas e pranchões.

Jangada  
1950

## As Lavadeiras do Igarapé do 40

Mal começava a manhã, o sol ainda frio pelas bandas da Cachoeirinha, grupos de lavadeiras caminhavam tagarelando pelas ruas de chão batido para sua lida diária no Igarapé do 40.

Eram as pretas da Cachoeirinha, tida como as melhores lavadeiras de linho HJ, linho usado pelos homens da melhor sociedade de Manaus, funcionários públicos categorizados que frequentavam as suas repartições devidamente vestidos com os seus ternos imaculadamente brancos, sapatos pretos, e chapéu de palhinha.

Nessa época, os acenos de cumprimento às pessoas eram feitos com uma inclinação suave do corpo para frente e com a mão direita se segurava a aba do chapéu e levantava um pouco, sem tirá-lo totalmente da cabeça. Essa atitude cavalheresca se completava com um bom dia, uma boa tarde ou uma boa noite.

O igarapé do 40 naquele tempo, onde os moleques faziam suas pescarias pegando cará, sardinha e até pacú, era limpo e transparente, sua nascente estava em algum lugar perdido no centro da floresta desconhecida e seu curso, por entre as árvores enormes, oferecia uma maravilhosa paisagem para os olhos de quem se interessasse em se refrescar nas suas águas frias.

Ali, sentadas em pequenos jiraus já construídos, as lavadeiras exercitavam o seu "metier", lavando as roupas de seus fregueses ricos que pagavam 500 réis por peça de linho HJ lavado e engomado; cada lavadeira possuía o seu jirau à margem do igarapé.

Muitas lavadeiras lavavam para diversas famílias constituídas de 3,5,8 membros, ganhando salários mensais. As trouxas de roupas a serem lavadas, eram apanhadas na casa da freguesa todas as semanas. Algumas reclamavam a grande quantidade de roupa suja, sempre crescente e pelo mesmo dinheiro; outras, pelo fato dos fregueses não suarem muita roupa, e a quantidade ser sempre a mesma às semanas, estavam sempre em paz com suas patroas. Com a trouxa de roupa suja, vinha sempre uma barra de sabão da marca "borboleta" ou "tuchaua", que dava perfeitamente para lavar todas as peças.

Já lá pelas 11 horas, as roupas brancas, todas estendidas sobre a grama à margem do igarapé, eram vigiadas atentamente pelos moleques, filhos das lavadeiras ou por meninos contratados para o serviço, isto é, não deixar que vacas, porcos, cachorros, carneiros e outros animais se aproximassem da roupa e as pisassem, ou pior, comessem, pelo gosto do sabão.

Muitas lavadeiras tiveram de indenizar roupas de seus patrões, porque as vacas e as cabras comeram algumas peças.

Durante toda a tarde havia o trabalho de enxugar as peças, isto é, molhá-las até que o sujo desprendesse totalmente do tecido.

Depois, novamente, estendidas ao sol, até secar totalmente, para após serem engomadas.

Engomar os ternos de linho branco requeria uma técnica



perfeita e muito tempo de profissão. Cada lavadeira possuía seu ferro de engomar a carvão vegetal, devidamente limpo e com a face inferior, o fundo do ferro super liso, totalmente polido. Primeiramente, a engomadeira colocava a peça sobre a mesa de engomar, passava um pedaço de pano úmido sobre ela, para que ficasse umedecida e pudesse esticar bem para receber as carícias do ferro de engomar.

As peças eram endurecidas, porque antes de secar ao sol as lavadeiras mergulhavam-nas dentro de um recipiente contendo goma de mandioca com anil, para "armar" depois de engomado. Antes desse serviço penoso, as lavadeiras perguntavam às freguesas: — Com goma ou sem goma? Havia os fregueses que não gostavam de vestir ternos engomados com goma, embora o termo "engomar" seja implícito.

Durante a engomação, que era feita geralmente durante à noite, as engomadeiras, para que o terno ficasse brilhante e o ferro deslizasse suavemente sobre as peças, passavam velas de estearina, no fundo do ferro e sobre a roupa.

Todos os moleques filhos de lavadeira, quando a mãe man-

dava comprar uma vela, já sabiam — era de estearina. Muitas vezes fui a taberna do seu Manoel fazer esse tipo de compra.

Quando as pessoas passavam de bonde pela linha da Cachoeirinha ou Cachoeirinha-Circular, Bilhares, Vila Municipal, Oficina, durante as noites até às 24 horas, quando os bondes eram recolhidos à garagem do bairro da Cachoeirinha, podia-se ver através das janelas iluminadas por lamparinas a querosene, as engomadeiras passando o ferro sobre as peças de linho HJ ou S 120 para lá e para cá, até que o terno ficasse duro e devidamente posto numa cruzeta de madeira, num canto da casa e coberto com um pano limpo para que nada o maculasse.

O calor do ferro dependia de um fator muito importante — o carvão, que era minuciosamente escolhidos pelas engomadeiras entre os muitos sacos de sarrapilha de vários tamanhos que os carvoeiros vendiam a domicílio sobre burros e cavalos às portas das casas. O carvão era pesado, era bom para o ferro, o carvão leve era feito de madeira ruim, queimava logo, não esquentava e produzia muita cinza que ainda sujava a peça.

## Bairros Novos de Manaus

Muitos foram os bairros surgidos após o funcionamento da Zona Franca de Manaus, a maior parte carente de todos os elementos indispensáveis ao conforto mínimo, sem água, sem luz, sem esgoto, sem mercado, policiamento, escolas, hospitais, sem nenhum princípio urbanístico, semente de futuros problemas graves para a cidade. É certo que a Zona Franca de Manaus trouxe grandes benefícios para o Amazonas, atraindo indústrias, fomentando o comércio, empregando a juventude e motivando a euforia para a criação de um ensino técnico devidamente harmonizado com a indústria e o comércio em expansão, mas, paralelamente a esses benefícios está esvaziando onde se instala, criando assim problemas novos e aumentando os já existentes.

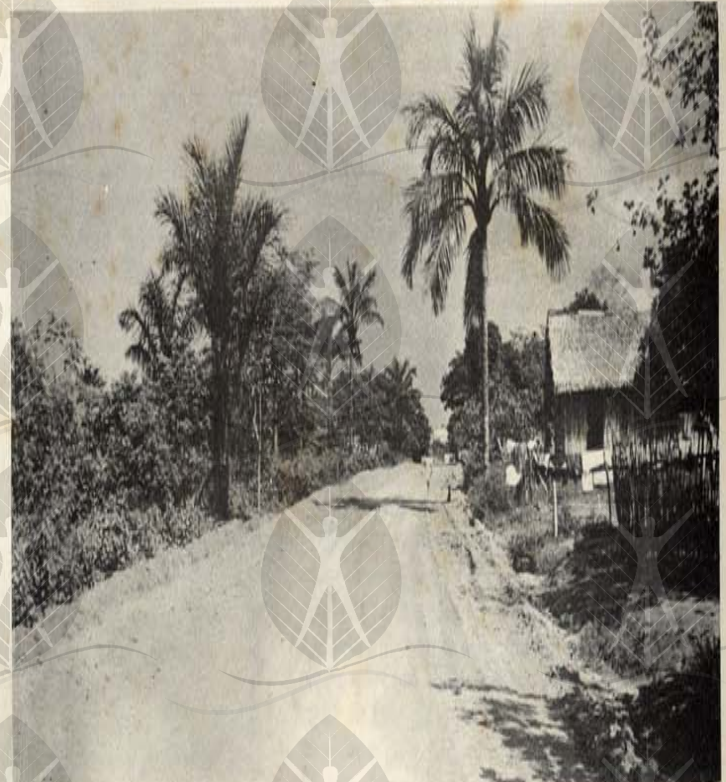
Agora tudo é Zona Franca, não se fala mais em borracha, castanha, sorva, ucuquirana, pau-rosa, couros, e outros produtos que outrora ocupavam as colunas de problemas econômicos divulgados diariamente nos jornais locais. Isso tudo já era", como diz a juventude de hoje. E para onde se dirige o nosso caboclo? Aqui para Manaus, invadindo os grandes lotes de terras devolutas. Bairro da Alvorada, Planeta dos Macacos, Bairro do Coroadó, Bairro da Compensa e muitos outros que neste exato momento estão nascendo já com imensa bagagem de problemas sociais infundáveis. A marginalidade geralmente instala seus esconderijos e exercita a criminalidade nesses bairros, depois, carregada de periculosidade se dirige para o centro da cidade onde realiza assaltos, homicídios e toda a sorte de malefícios, pondo a população num verdadeiro



Trecho do Boulevard Amazonas em frente ao Cemitério São João Batista onde está construído o hospital Getúlio Vargas — 1954



Rua Boa Sorte no Bairro da Matinha — 1958



Um trecho da Av. Silves no Bairro da Ratz — 1954



pânico, embora a polícia de costumes incansavelmente, combata esses bandidos, identificando-os, detendo-os, e entregando-os à justiça, para condená-los. A par dessa criminalidade, a prostituição é também outro grande problema alimentado pelos contingentes egressos do interior do Estado, que aqui ingenuamente são engajados aos muitos prostíbulos comandados por Al Capones locais que enriquecem à custa dessa miséria humana, construindo casas de lenocínio exatamente nos centros dos bairros pobres, justamente para tornar mais fácil a conquista de jovens incautas para se tornar a isca atrativa de sua clientela. Esse medo, esse terror criado pela grande quantidade de assaltos à mão armada às residências e casas comerciais, criou um novo detalhe na arquitetura atual de Manaus. As grades de proteção, oficinas especializadas com cadernos de desenhos e modelos originais, deslumbram os proprietários das novas residências, alguns com muito bom gosto, outros com evidente mau gosto, agredindo com seus monstros a sensibilidade dos transeuntes. A generalização de colocar grades de ferro nas janelas das residências, deve-se não só ao fato de evitar assaltos, mas também, e principalmente, a liberdade de permitir as janelas ficarem abertas vinte e quatro horas por dia no sentido de usufruir a ventilação nas dependências das casas, seja de madeira, material compensado, ou alvenaria de tijolo ou pedra, permitindo bem-estar sob uma temperatura em média de 25 graus. A arborização torna o ambiente fresco, a menos provocando uma sensação de frescura, razão por que em todas as cidades civilizadas, as ruas são sempre cheias de bem tratadas árvores.

Manaus já foi uma cidade densamente arborizada com ficus benjamins, bem cuidados pela Prefeitura Municipal que os podava diariamente e pintava os caules na altura de um metro e vinte cm, dando à cidade um aspecto agradável sobretudo de limpeza. Entretanto, dois fatos concorreram para o desaparecimento quase total dessa espécie de árvore. A primeira, a idade, que já estavam alcançando o fim de sua existência e a segunda, a praga de um inseto que o povo apelidou de "lacerdinha", que da noite para o dia secou centenas de árvores em toda a cidade de Manaus, obrigando a Prefeitura a sacrificar as restantes.

A arborização nas cidades da Amazônia é de vital importância. Seria desastroso para a saúde e bem-estar das populações amazônicas a escassez de arborização em suas ruas. Se na Europa, onde as estações são bem definidas e o verão nunca chega a se igualar ao nosso, o plantio de árvores ao longo de ruas, avenidas e praças é uma permanente preocupação dos urbanistas, que diremos nós, que nascemos e vivemos numa terra em que o calor, vigora durante as vinte e quatro horas do dia com pequenas variações que às vezes nem chegamos a perceber? Manaus nos seus primórdios, era arborizada com as gigantes mangueiras que enchiam de sombras e de frutos as suas magníficas ruas e praças mas, com o desenvolvimento e conseqüente crescimento urbanístico da cidade, o aparecimento das viaturas, as muitas janelas de vidros dos sobradinhos tão em voga no princípio do século, verificou-se então a necessidade urgente da substituição destas árvores pelos elegantes ficus benjamins. Então começou a grande hecatombe das mangueiras sob os protestos do povo e



Trecho da Estrada do Aleixo no Km 4



Trecho da Av. Silves antes do alargamento — 1953



Rua Alvaro Maia — Bairro de São Francisco — 1953

da imprensa, restando alguns exemplares como lembrança na Rua Luiz Antony, 24 de Maio, Dr. Alminio, Rua Izabel, Praça da Prefeitura, Rua Recife, Rua Belém, Costa Azevedo, Saldanha Marinho, Major Gabriel, já condenadas pelo fato de produzir frutos que caem sobre os autos estacionados sob suas generosas copas. Dos últimos Governos da Prefeitura Municipal de Manaus, poucos tiveram o interesse e sensibilidade de dotar a cidade de uma arborização adequada ao nosso clima e despida das condições de serem frutíferas para impedir a depredação e vandalismo de possíveis criminosos que na ânsia de colher frutos, destróem a iluminação pública e depredam as vidraças e telhados nos edifícios próximos. A arborização que existe na cidade de Manaus, devemos a alguns prefeitos que desencadearam uma imensa batalha pela arborização na cidade, um deles por dever de gratidão mencionamos o nome, Dr. Paulo Nery, que quando prefeito lutou muito para arborizar a cidade.

A capital do Amazonas, hoje Zona Franca de livre comér-

cio, lá por volta de 1850, não passava de uma pequenina cidade com uma insignificante população de mais ou menos 5.850 habitantes, logo aumentada com os adventícios que aqui aportavam na ânsia de enriquecer com a borracha. Assim, por volta de 1879, a população de Manaus ascendia a mais de 50.000 habitantes que nos anos seguintes aumentavam assustadoramente. De acordo com os dados fornecidos pela Delegacia de Estatística do I.B.G.E. no Estado do Amazonas, através do seu setor técnico, a população recenseada e residente na cidade de Manaus em 1970 era de 314.197 habitantes, assim distribuídos: no quadro Urbano e Suburbano 286.083 habitantes e no quadro Rural 28.114. Sendo que a população residente era de 3.121.160 assim distribuída: na sede 284.188, Zona Rural 28.042, sendo 149.847 homens e 162.313 mulheres, e população não residente 1.965. Ainda com dados fornecidos pela Delegacia de Estatística do I.B.G.E. no Estado do Amazonas, pelo seu setor técnico, podemos descrever a distribuição da população da capital amazonense por bairros:



Casas cobertas de palha no Bairro dos Educandos. Ao fundo, a igreja de N.S. do Perpétuo Socorro ainda em construção. 1952



Trecho da Rua Coronel Salgado entre a Monsenhor Coutinho e a Ramos Ferreira.

BAIROS	POPULAÇÃO	DOMÍCIOS
Aparecida (Tocos)	24.296	6.264
Adrianópolis	9.089	1.386
Alvorada (cidade das Palhas)	3.082	703
Cachoeirinha	20.702	3.562
Colônia Oliveira Machado	5.887	1.016
Compensa	6.034	754
Constantinópolis (Educandos)	16.831	2.104
Flores	4.488	928
Glória	7.829	978
Jardim Amazonas	5.373	940
Japiim	1.501	310
Morro da Liberdade	7.043	1.388
Nossa Senhora das Graças	6.357	1.195
Nova Betânia	11.708	2.306
Parque Dez de Novembro	8.440	1.920
Petrópolis	9.056	1.652
Praça 14 de Janeiro	31.746	4.458
Presidente Vargas (Matinha)	13.739	2.338
Raiz	9.943	1.798
Santa Luzia	11.377	1.923
Santo Antonio	12.206	1.356
São Francisco	14.838	1.652
São Geraldo	1.722	289
São Jorge	19.519	3.435
São Lázaro	5.388	991
São Raimundo	10.484	1.906
<b>TOTAL</b>	<b>284.118</b>	<b>48.580</b>

Quase todos os novos bairros surgidos nesses últimos 20 anos, são despídos de praças públicas e arborização.

## A Dança do Japiim

No Bairro de Aparecida, antigo dos Tocos, numa casinha de taipa, mora a senhora Inês Ayres da Silva. Ela é a dona da brincadeira junina denominada "Pássaro Japiim", que desde o ano de 1930 sai às ruas de Manaus deliciando as crianças e velhos com o drama folclórico já famoso em toda a cidade. Nos seus 56 anos de idade e 38 dedicados ao grupo Japiim, dona Inês nos dá uma lição de perseverança e dedicação, arregimentando jovens para ensaiar com responsabilidade todos os lances da brincadeira. Saiu pela última vez em 1968.

Por que a senhora declara que este ano foi a última vez que saiu o "Pássaro Japiim"?

— "É porque agora tudo está difícil, professor. Antigamente as moças que compunham o grupo cooperavam em tudo, até nas vestimentas; hoje eu tenho que dar até o transporte, cujo preço é um absurdo e a ajuda que o Governo dá é insignificante para as imensas despesas decorrentes. Eu ensaio o grupo desde o saudosos anos de 30. Nesse tempo eu tinha 18 anos, tudo era alegria e satisfação para mim, que, inclusive, fazia parte do grupo como rainha. Quando o Pássaro estava ensaiado, um rapaz ou uma moça saía à rua vendendo cartões de apresentação, que eram disputados, logo à noite, entre 20 e 21 horas. O grupo saía todo colorido com um grande acompanhamento de admiradores e familiares dos brincantes. As exibições se prolongavam até alta hora da madrugada, quando, já bastante cansados, retornávamos às nossas casas. Nesse grupo tudo era barato e fácil, inclusive os músicos, que eram encontrados com muita facilidade: clarinete, saxofone, cavaquinho, flauta, violão e reco-reco, brigavam para tocar no Japiim; hoje já estão todos velhos e cansados como eu, alguns já estão mortos. Neste ano tive alguma dificuldade para conseguir a minha bandinha, as melhores moças que faziam parte da nossa festa, casaram, ou os namorados não permitem participação nas danças. Além disso, o Japiim já não estava agradando, por isso e outras coisas encerramos os ensaios..."

Dona Inês nos fala ainda da estória do Japiim, como apareceu e como se densenrolava o drama.

— "Ah, seu Moacir, essa estória é muito comprida e começou em Belém do Pará. O bloco original veio de um moço africano chamado Elias, que Deus o tenha no céu. A estória começa em um antigo castelo, onde vivia uma família real constituída de uma princesa, um vassalo, um casal de camponeses e um amo. Num belo dia, houve um baile real, ocasião em que a princesa ganhou como presente um belo pássaro, a que deu o nome de Japiim. O presente foi acompanhado de apresentações de exímios bailarinos. A princesa criou amizade com o pássaro e, certo dia, o pássaro desapareceu. A princesa, muito preocupada, mandou o camponês ir procurá-lo. Logo o achou, mas a princesa, vendo o pássaro em perigo, pediu ao caçador, que desejava namorá-la, que não matasse o passarinho.

Todas as manhãs o Japiim dava o seu passeio pelo bosque do palácio. O caçador então penetrou no bosque à caça do belo pássaro. No caminho, encontrou-se com a Fada e esta



Entrando no local do Festival Folclórico na Praça General Osório em 1965.

perguntou-lhe o que fazia por aquelas paragens. O caçador contou-lhe a sua história.

A Fada, que tudo adivinhava, vendo o perigo para o caçador, pediu ao mesmo que não matasse o passarinho, porém o caçador não atendeu o seu pedido; por isso deu-lhe um castigo.

O caçador seguiu seu caminho e, andando de um lado para outro, à procura do Japiim, foi surpreendido pela guarda do bosque, que lhe dá voz de prisão. Resistiu e ameaçou matar o guarda, que, com medo, tornou-se seu amigo. Desejoso de saber onde encontrar o Japiim, perguntou ao guarda, mas este não lhe respondeu. Deixando-o para trás, seguiu caminho e encontrou-se com as Borboletas Encantadas, as quais engana dizendo que não queria matar o Japiim. Numa tarde de verão, passa pelo Castelo uma cigana. Chamada pelo vassalo para ler a mão da princesa, diz-lhe que brevemente ela terá uma grande tristeza, pois o seu Japiim morrerá. A princesa, aflita, pergunta-lhe quem será o traidor que vai matar o Japiim. A cigana nada revela, mas diz que será uma pessoa que mora no castelo. A princesa manda chamar a camponesa, que finge nada saber. O caçador, que não havia encontrado o passarinho, vai à casa da feiticeira para pedir sua ajuda. A malvada entrega-lhe uma bala enfeitada. Saindo dali e entrando num bosque, o perverso caçador vê o passarinho. Atirou e matou a ave. A Fada, ao ouvir o tiro, manda as Borboletas Encantadas avisarem a Princesa da morte de seu pássaro. A princesa ficou muito triste. O vassalo pede ajuda ao amo, que comunica ao guarda e este sai correndo e vai à maloca dos índios que moram no bosque. Estes prendem o caçador, mas a feiticeira aparece e oferece uma bebida encantada aos índios, que logo adormecem; e, assim, salva o caçador. Porém o efeito da bebida passa, e estes, furiosos, prendem a feiticeira e levam-na à presença da princesa. Lá chegando, diz que o pássaro, está morto, mas adormecido.

Mandado chamar, chega o Doutor, que apesar dos esforços nada consegue descobrir sobre a morte do pássaro. Então é chamado o pagé, que com sua magia faz o pássaro acordar.

Este é o resumo do drama do Japiim, que nas noites de São João desfila pelas ruas de Manaus cantando e dançando com suas roupas coloridas e seus cânticos originais, cuja tradição terminará recolhida pelas pesquisas dos nossos folcloristas e estudiosos de Antropologia. O Japiim, como todas as manifestações folclóricas, tem as suas danças e seus cânticos para os momentos apropriados. Quando o grupo desfila pelas ruas da cidade e quando está chegando a uma residência para uma exibição, canta:

### MARCHA DA CHEGADA

Aqui vai chegando o Japiim  
Vem espalhando alegria no jardim  
Neste dia festivo e primoroso  
Estamos festejando nosso belo Japiim

II

A mocidade nesta vida de primores  
Assim brincamos todas em louvores  
Outra alegria de qualquer um passarinho  
Não vale tanto como nosso Japiim

III

Brincamos neste dia primoroso  
É de alegria só pode ser mesmo assim  
Neste dia festivo e primoroso  
Estamos festejando o nosso belo Japiim

MARCHA DE APRESENTAÇÃO

Apresentamos todos com prazer  
O passarinho que é o rei na simpatia  
O famoso Japiim apresentamos  
Com muita alegria

II

Apresentamos todos com prazer  
E alegria a nossa saudação  
Pedimos a platéia a gentileza  
Que nos aceite com muita atenção

III

Senhores boa noite nós chegamos agora  
Pois já está na hora de nos apresentar  
O grupo que já está no coração do povo  
A nossa fama nunca cairá.

MARCHA DE CHAMADA

Toda a cidade amanheceu risonha  
Toda a cidade amanheceu em flor  
Os passarinhos vão cantando  
O Japiim é um grande rei cantor

II

Aqui também minhas companheiras  
Entoaremos belas canções  
Fazendo roda na fogueira  
Em louvor a São João.



Grupo da dança Japiim em 1966.



O grupo do Japiim no Bairro da Bandeira Branca — 1958.

MARCHA DE LOUVOR AO JAPIIM

O Japiim não é daqui o Japiim é do Pará  
A, B, C e D o Japiim também sabe ler  
Meu formoso Japiim  
Sai na roda prá dançar

II

O Japiim o passarinho galante  
Campeão deste lugar  
Quem te ensinar a dançar  
O glorioso São João, São Pedro  
E São Marçal

Quando o grupo termina a exibição e se prepara para retornar, canta a marcha:

MARCHA DE DESPEDIA

Adeus está na hora da partida  
O Japiim já se despede  
Com a dor no coração  
Levando a alma amargurada  
De saudade transpassada  
Devido à separação

II

Adeus, adeus, adeus quem fica  
Com saudade com certeza vai chorar  
O Japiim vai embora  
Prometendo a esta platéia  
Para o ano ele voltar.

NOTA: Todas as descrições desse material são textuais, estão exatamente como foram descritas pela Inês Aires da Silva.



O grupo do Japiim em 1965.

## As Rezadeiras

A rezadeira é uma instituição cultural em todo o território nacional, principalmente no Norte e Nordeste, regiões de muitas manifestações culturais, e de costumes tradicionais que ainda perdurarão por muitas décadas. O rezar, se constitui no aspecto folclórico, de um pitoresco e colorido todo especial, principalmente em decorrência do ritual que precede o momento da benzedura. Em volta da casa da rezadeira e sobre o parapeito das janelas, muitos jarros com plantas medicinais, enfeitam o ambiente e sobretudo caracterizam a casa da rezadeira. Muito solicitadas, as rezadeiras são sempre mulheres idosas e cheias de conhecimentos populares que produzem nas pessoas que as procuram, um sério respeito religioso. Suas casas, sempre humildes, trazem, nas paredes, retratos de santos, principalmente São Francisco de Assis, São Sebastião, Nossa Senhora Aparecida e Sagrado Coração de Jesus.

No interior do Estado, as rezadeiras e muitas vezes rezadores, são verdadeiros conselheiros além dos poderes de curar através da reza. Na região do rio Solimões, no vizinho município de Manacapuru, existem algumas rezadeiras que são uma espécie de "pajés". Além de serem pessoas idosas, são também os mais antigos moradores do lugar, rezam, decidem contendas familiares, e o que é mais interessante, conhecem "histórias de bichos do fundo do rio" que são ouvidas com o maior respeito e acatamento pelas pessoas do lugar e naturalmente divulgadas. Para cada tipo de doença ou azar, a "rezadeira" tem uma reza especial com um ritual próprio e o que é mais interessante, as doenças que a ciência conhece com uma denominação, a "Benzedeira" classifica com outra. Por exemplo: se uma criança esteja sofrendo de uma doença intestinal, a Benzedeira classifica de "ventre caído"; uma criança que esteja sofrendo de uma infecção intestinal acompanhada de febre, é classificada de mau olhado, notadamente se a criança é bonita e se sua beleza é apreciada por pessoas magras ou de aspecto faminto e desagradável. Para esta espécie de doença, as "Benzedeiras" tem uma reza especial que varia naturalmente de uma fonte para outra. Esta reza por exemplo, é encontrada no município de Manaus: "Se fôr quebranto ou mau-olhado, vai-te práns ondas do mar sagrado, quem te botou, vai "quebranto" ou mau olhado práns ondas do mar sagrado". Esta oração só pode ser rezada de dia até às 6 horas da tarde, de preferência às dezoito horas, nunca à noite. Os sintomas do "Quebranto" ou "Mau-olhado" são: Dor de cabeça, moleza no corpo e espreguiçamento. As pessoas que possuem esse poder maléfico botam quebranto ou mau olhado nas crianças ou pessoas sensíveis, são justamente "as que não lham para o Santíssimo Sacramento", e ficam carregadas de "instintos maus" e daí por diante passam a disseminar o "mau olhado e o quebranto". A oração que é aplicada ao "mau olhado", também é para o "ventre caído", com a diferença no ventre caído, depois da reza, a rezadeira bate 3 vezes no solado dos pés da criança, (os pés devem ser levantados com as solas para cima).

As pessoas adultas ou crianças, não devem permanecer junto à criança que estiver sendo rezada sob pena de receber a carga do "mau-olhado" ou outra doença provocada pelo olhar

de pessoas "carregadas". Várias pessoas que receberam a cura da reza e mesmo as benzedoras, relatam, com certo entusiasmo e fé, os milagres alcançados pelas rezas. Uma dessas fontes conta que, certa vez, uma mulher aflita, trouxera uma criança muito doente de mau-olhado para ser rezada. A Rezadeira advertiu as pessoas circundantes que se afastassem da criança doente, sob pena de receber a "carga" de "mau-olhado", pois a criança estava muito "carregada". Uma moça duvidando do conselho, continuou perto do menino e por isso recebeu a carga e logo apareceram os sintomas, dor de cabeça, moleza no corpo e espreguiçamento; a rezadeira que é pessoa que conhece profundamente os sintomas da doença, cuidou de rezar a moça e num instante a carga desapareceu. A mesma fonte conta a história de "uma certa mulher que depois de correr todos os médicos foi ter com uma benzedora onde pôde curar o seu filho que estava com forte "quebranto" a ponto de secar os galinhos de arruda no primeiro toque". Uma das características das rezadeiras, é que elas nunca recebem dinheiro por esses serviços e estão prontas a servir as pessoas que as procuram a qualquer instante e com o maior carinho e atenção.

Nessas minhas andanças pelo interior do Estado e mesmo nos bairros de Manaus, ao entrevistar as pessoas que acreditam nas "rezas", estabeleci 3 tipos dos que aceitam as rezas:

- 1 — Os que acreditam piamente no poder milagroso das rezas.
- 2 — Os que acreditam no poder de cura da reza coadjuvado pela medicina.
- 3 — Os que só procuram as rezadeiras pela falta absoluta de médicos.

Este último caso, incide fortemente nos longínquos interiores do Amazonas.

### Reza para Carne Trilhada

Pega-se uma agulha virgem sem ouvido e um pedaço de linha branca. Depois de se benzer (a rezadeira e o doente), com um pedaço também novo, a rezadeira diz costurando o pano: — O que é que eu coso, o doente responde: Carne trilhada. Essas perguntas e respostas são feitas nove vezes enquanto a rezadeira costura o pano em cima da carne trilhada. Depois das nove perguntas e respostas a rezadeira ora. Com os poderes de Deus eu costuro. Reza-se três Ave Marias, Pai Nosso e Glória ao Pai.

### Reza para ventre caído (ventre caído ou quebranto).

Quebra-se um pedaço de vassourinha (planta silvestre), com o galhinho dessa planta, faz-se o sinal da Cruz, em seguida pergunta-se o nome da Criança e diz-se estas palavras: "Tu que tás com vento caído e quebranto e não contava com a vontade de Deus e da Virgem Maria, eu te curarei". Rezar após a benzedora um Pai Nosso e um Glória ao

Pai. Depois jogar o galhinho de vassourinha para o lado do doente. Antes de jogar, verificar se o galhinho ficou muito murcho. Se ficou muito murcho é sinal que a criança está com quebranto e a reza tem que ser repetida nove vezes.



### Reza para vermelha.

Pega-se um pedaço de algodão molhado no azeite doce e passa-se suavemente sobre a vermelha, dizendo-se: Quando Pedro e Paulo foi a Roma e se encontrou com Jesus Cristo, então Jesus perguntou: Pedro e Paulo, aonde vocês vão? Senhor vou ver um elixir para izipla curar. Pedro e Paulo voltaram e levaram cinzas de Gilar e água da fonte para o doente curar. Dizendo isso vão passando suavemente o algodão em forma de cruz sobre a erisipela. Depois, rezar três Pai Nossos e três Ave Marias.

### Reza para curar mãe do corpo

Toma-se um galhinho de arruda, benze-se fazendo-se pelo sinal da cruz, em seguida diz-se estas palavras: Meu Deus, meu Deus, meu Deus, com o

glorioso sangue do meu Senhor Jesus Cristo e leite da Virgem Maria, com seus poderes, cura essa enferma. Jogar o galinho de arruda para as bandas do doente. Em seguida reza três vezes o Pai Nosso, Ave Maria e Salve Rainha. Repetir a reza com galinho de arruda durante nove dias.

#### Reza para curar nervo torcido

Faz-se o sinal da cruz, em seguida, pega-se quebra pedra, faz-se novamente o sinal da cruz e reza-se: Eu creio que São Pedro e São Paulo, todos os santos da corte do céu, hão de fazer com que o nervo volte ao seu lugar. Passando o raminho de quebra pedra sobre o nervo torcido fala-se três vezes: Nervo torcido, volta ao teu lugar; nervo torcido, volta ao teu lugar; nervo torcido, volta ao teu lugar. Reza-se em seguida três Ave Marias e três Pai Nossos.

#### Reza para curar engasgo

Bate-se três vezes na costa do doente e diz-se: Pelos poderes de São Jerônimo e pela caridade de São Francisco e nome de todos os Santos, desengasga esta criatura: Em seguida bate-se três vezes mais, faz-se pelo sinal da cruz, reza-se uma vez Glória ao Pai e um Pai Nosso.

#### Reza para dor de dente

Pega-se um ramo de mangericão, faz-se três vezes pelo sinal da cruz e reza-se: São Francisco, vós que fostes protetor dos enfermos e que não negas nada a quem precisa, alivias esta grande dor de dente. Reza-se em seguida três vezes o Pai Nosso.

#### Reza para dor de cabeça

Toma-se um ramo de mangericão, e com ele benze-se fazendo pelo sinal da santa cruz. Em seguida reza-se: O Senhor, tu que és as pessoas mais perfeita do céu, tu que nos criaste e com tua sabedoria infinita nos deste um pouco dela e colocou em nossa cabeça e que neste momento está atormentando a essa criatura e que quer destruir toda essa sabedoria que nos deste, cura esta doença acabando com esta dor. Reza-se três Pai Nossos e três Ave Marias.

#### Outra oração para dor de dente

Pega-se um raminho de quebra pedra, de preferência tirada antes das seis horas da tarde. Persigna-se com o sinal da cruz e reza-se: Indo eu por um caminho com essa. Pela unha topei assentada numa pedra em desatino. Que te doi peloinha? Dor de dente senhora. Pois peloinha, pela lua poente, pelo sol, pelo sol poente e nascente. Por N. S. Jesus Cristo, Que te posto este vento, assim te passe, Peloinha essa mal dor de dente.

#### Oração contra quedas de crianças

Senhor Jesus Cristo, assim disse: Venham a mim as criancinhas porque delas é o reino dos céus. Eis porque senhor eu o peço a vossa proteção para todas as crianças que se encontrarem sob este teto e que nada lhes aconteça durante o correr do dia que ora se inicia. Reza-se um Pai Nosso e três Ave Marias.

#### Oração contra o câncer

O câncer e Jesus Cristo vão a Roma; o Câncer se vai e Jesus Cristo volta e viva Cristo. Morra o câncer e viva a fé de Jesus Cristo. Amém!

#### Oração contra queimaduras.

O fogo não tem frio, a água não tem sede, o ar não tem calor, o pão não tem fome. São Lourenço, curai estas queimaduras pelos poderes que Deus vos deu. Amém. Jesus.

#### Oração contra o mal dos seios

Jesus viveu, Jesus morreu, Jesus ressuscitou, com estas palavras são verdades, fazei a graça de curar o seio (do lado esquerdo ou lado direito) da fulana com a maior brevidade. Reza-se três Pai Nosso e três Ave Marias.

#### Oração do bom parto

É a vós que agora me dirijo de olhos postos em vós, virgem Maria, Santíssima, Virgem antes do parto, durante o parto e depois do parto. É a vós que neste momento peço graças e auxílio, Virgem Santíssima é que imaculada sempre fostes por obra do Espírito Santo, que gerou em vosso ventre o esplendor de todos os tempos, do mundo inteiro o vosso adorador e Santo Filho, Jesus Cristo. Amém.

#### Oração para ventre caído

Com um raminho de arruda, persigna-se três vezes, em seguida passando o raminho no estômago da criança em forma de cruz, reza-se assim: Jesus quando no mundo andou, três coisas levantou: Arca, espinhela e ventre caído. Levantai Senhor, levantai Senhor pelo seu divino amor, Arca, espinhela e ventre caído de fulano de tal (diz-se o nome da pessoa) pelo seu divino amor e força da oração. Em seguida rezar três Pai Nosso, três Ave Marias e três Glória ao Pai e oferece-se as orações às cinco chagas de Cristo. Depois joga-se o raminho para o lado do sol poente.

#### Oração para rasgadura

Toma-se em primeiro lugar um pedacinho de pano novo de preferência branco e uma agulha virgem. Com esses dois instrumentos, faz-se o sinal da cruz, em seguida, com o pedaço de pano sobre a rasgadura começa-se a costurar dizendo: Eu costuro carne rasgada, osso desmintido, veia arrebitada e nervo torto, com a agulha de S. Frutuoso e os poderes de Deus assim mesmo eu coso. Rezar três vezes a oração. Quando terminar faz-se novamente o sinal da cruz e em seguida enterra-se o pano cosido. Força da oração: reza-se três Pai Nosso, três Ave Marias e três Glória ao Pai e oferece-se para as cinco chagas de Cristo.

#### Oração para espinhela caída.

Primeiramente levanta-se os braços do fulano e em seguida diz-se as palavras: Jesus quando andou no mundo, três coisas levantou, arca, espinhela, caída, ventre caído, levantou, pelo seu divino amor, levantai Senhor, levantai, Senhor, arca, espinhela, ventre caído pelo seu divino amor. O sol nasce da pedra e a pedra nasce do mar, espinhela caída procura o teu lugar (dizer três vezes cada rezadura). Força da oração: três Pai Nosso, três Ave Marias, três Glória ao Pai e oferece-se às cinco chagas de Cristo.

#### Oração para cobrelo

Depois de levantar bem as partes afetadas pelo cobrelo, reza-se assim: Azugue, azuguinho, azugão, corto cobrelo, brabo de bicho que anda pelo chão, corto cabeça, e rabo com os poderes de Deus e da Virgem Maria (dizer essas palavras três vezes). Força da oração: três Pai Nosso, três Ave Marias, três Glória ao Pai e oferece-se às cinco chagas de Cristo.

#### Oração contra hemorragia

Sangue. põe-te no corpo, assim como Jesus Cristo esteve no horto; sangue põe-te na veia, assim como Jesus Cristo está na ceia. Sangue põe-te na luz, assim como Jesus Cristo esteve na cruz. Sangue põe-te no lar, assim como Jesus Cristo prometeu nos salvar (dizer estas palavras três vezes). Força da oração: reza-se 01 Salve Rainha e oferece-se a Nosso Senhor Jesus Cristo. Obs.: onde for o golpe ou ferida, coloca-se o dedo persignado em cima e reza-se a oração.

#### Oração contra campainha caída

Pega-se o cabo de colher, bem limpo, coloca-se um pouquinho de cinza de fogareiro e comprimindo a campainha diz-se: O sol nasce da pedra, a pedra nasce do mar, levanta-te campainha para o teu lugar. Deus quando andou no mundo, três coisas ele curou: dor de garganta, amidala inflamada e campainha caída e ele levantou, com os poderes de Deus. Pai e Espírito Santo (repetir tantas vezes quanto for necessário).

#### Oração para pescoço duro (curar)

Para se curar pescoço duro, primeiro faz-se fricção com sebo de Holanda, em seguida coloca-se um pano em volta do pescoço, pano aquecido e encharcado no álcool. Assim sendo, reza-se assim: "Senhor, fazei Senhor que o pescoço, órgão movimentativo, não seja atriturado por doenças que já sabe que é mal. Curai Senhor essa enfermidade. Amém".

Sempre antes de fazer a oração, deve-se fazer a fricção com sebo de Holanda e enrola-se um pano limpo.

#### Oração para desmentidura

Senhor, curai esta desmentidura, pois não foi criada por vós. Por isso oro fervorosamente, Senhor Todo Poderoso para que ela volte ao lugar. Amém. Rezar três Pai Nosso, cinco Ave Marias e três Glória ao Pai.

#### Oração para íngua

Diz-se olhando para as estrelas e pondo a mão direita sobre a íngua: Estrela, a íngua disse que pode mais do que vós. Mingua ela e iluminaí esse ente. (repetir três vezes).

**Oração para "Maria Preta"**

Coloca-se um anel virgem de ouro sobre a "Maria Preta" e diz-se pelos poderes de Deus Onipotente, Maria Preta sairá deste corpo, cairá na terra, mal intencionado, sairá daqui, do corpo desta criatura, assim como caiu o santo precioso Sangue de Jesus Cristo. Reza-se em seguida três Pai Nosso, três Ave Marias e um Creio em Deus Padre.

**Oração para torcedura**

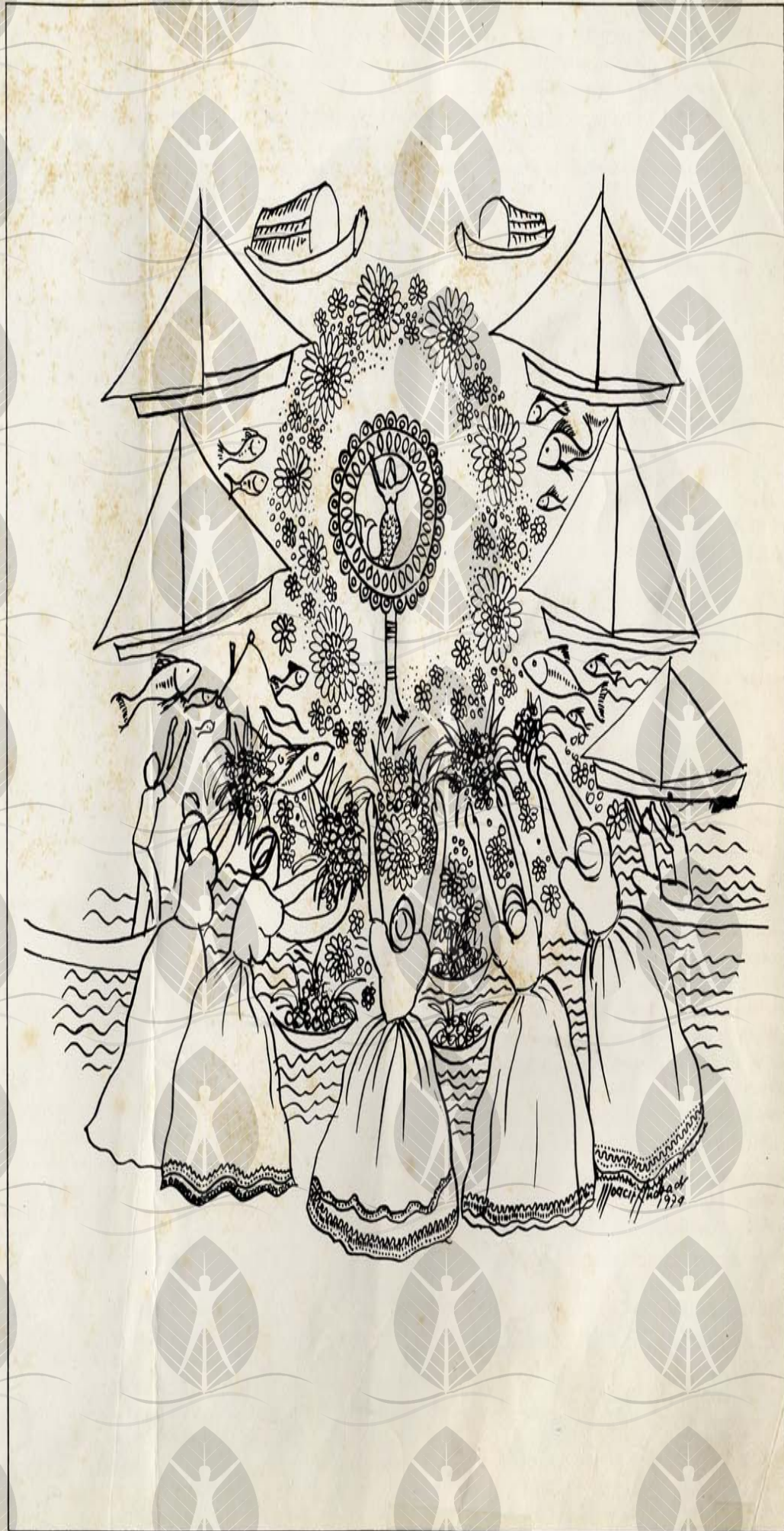
Coloca-se uma compressa morna e faz-se uma fricção nas extremidades da compressa. Em seguida ora-se, costurando com um pedaço de pano novo e uma agulha virgem: Que eu costuro, responde o doente: torcedura. O que é que eu costuro: Torcedura, carne rasgada, osso rendido, nervo torcido, carne trilhada, com os poderes de Deus e de São Fortunato. Reza três vezes. A operação deve ser repetida no mínimo cinco dias na mesma hora.

**Oração para devolução de objetos roubados**

Para devolução de objetos roubados, coloca-se no lugar onde houve o roubo, um copo d'água e uma vela rezando-se em seguida a seguinte oração: Jesus olhou para nós e se compadeceu. Em nome do Pai, do Filho, do Espírito Santo. Pela gloriosíssima encarnação, gloriosíssimo Nascimento, Santíssima Paixão, Ressurreição, Ascensão de Nosso Senhor Jesus Cristo, por esses altos e Santíssimos Mistérios nos quais eu creio e suplico a Santíssima Trindade. Do Pai, Do Filho, do Espírito Santo, pela Intercessão da Santíssima Virgem Maria, nossa advogada, faça aparecer (diz-se o nome do objeto). Amém.

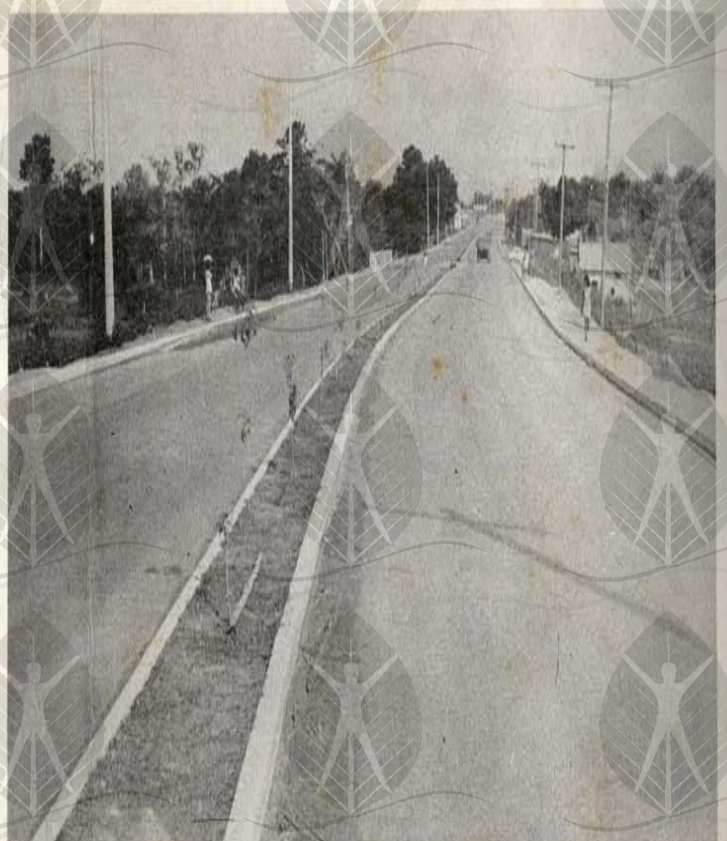
**Para Inchamento**

Primeiro pega-se um pedaço de pano limpo e embebido de sebo de holanda quente, espalha-se levemente sobre o inchaço. Santana, mãe de Maria, Maria mãe de Jesus, Deus é Sol. Deus é lua, Deus é claridade da virgem pureza, acaba com este inchamento. Não sou eu quem acabo com esse inchamento. São Martinho é quem acaba, com poderes de Deus e a palavra de São Silvestre e a cruz de Jesus Cristo. Reza-se três Pai Nosso, três Ave Marias. Enquanto reza-se as orações, salpica-se um pouco de vinagre com a mão rezando: Fazei Senhor todo poderoso que minhas mãos tenham o poder de curar este inchamento e que no lugar fique como Deus o fez. Amém!





Igreja Matriz de N. S. da Conceição.



Um trecho da Avenida Costa e Silva logo após a sua inauguração em 1967.

## Manaus, Cidade Sorriso

Povo, escolares, uma magnífica e bem ensaiada banda de música municipal e um verdadeiro exército de carregadores lusitanos postados na cabeça da praia, esperavam com inconfidida felicidade, os passageiros com seus imensos baús de madeira recobertos de couro cru, cravejados de botões arredondados de metal amarelo, cheios de muitas lembranças de Portugal, França, Inglaterra, Escócia, Estados Unidos que eram colocados em seus carros de duas rodas, em pilhas enormes, que subiam a Avenida Eduardo Ribeiro, rua Municipal, Instalação, empurrados por dois homens, um na frente, puxando, o outro atrás, empurrando o pequeno veículo de madeira cheio de quinquilharias, até quase encostar nos fios de bonde que encimavam os trilhos de aço brilhantes, fazendo o conhecido e característico barulho produzido pelo atrito das rodas de aço com os paralelepípedos. Negócio bom para os carregadores portugueses e italianos que monopolizavam esse tipo de ganha-pão em Manaus. O ganho era maior quando chegavam companhias teatrais com suas inúmeras e sofridas malas com roupas, fantasias, objetos e cenários coloridos para exibição de suas peças nos teatros de Manaus. O Grande Hotel na rua Municipal, Hotel Cassino na Praça da República, Hotel Internacional da Rua Marechal Hermes, Pensione Moderne na Rua Barroso, Restaurant Français, na Rua Eduardo Ribeiro, a casa A.M. Soares na Rua dos Remédios nº. 39; A.N. Nogueira na Rua Municipal nº. 16 e muitas outras ficavam cheias de gente elegante do Sul do país, prin-



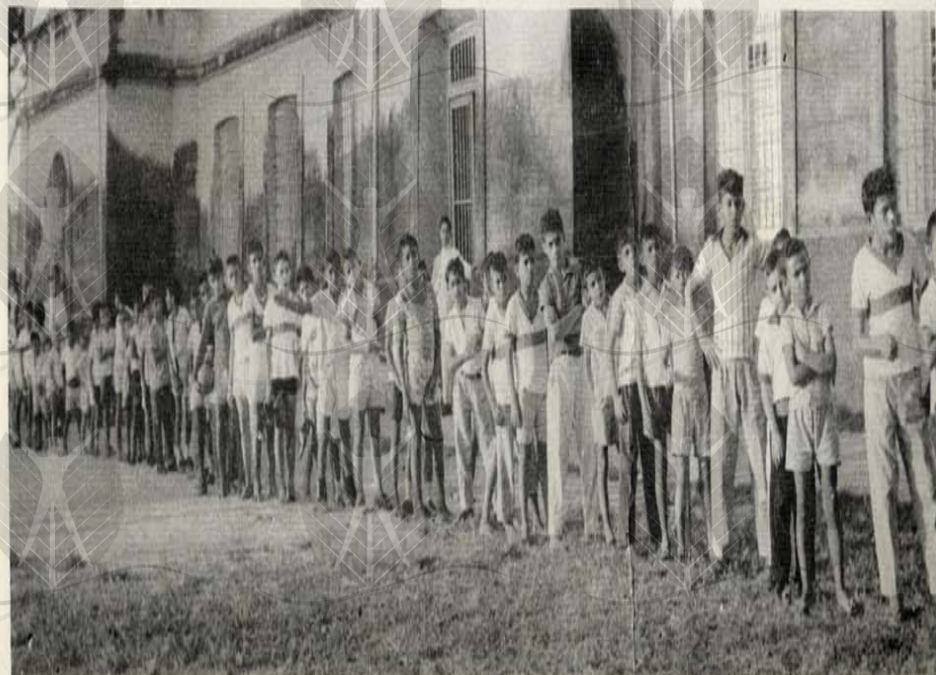
Edifício da Sociedade Beneficente Portuguesa na Av. Joaquim Nabuco.

R





Edifício do Mercado Municipal Adolfo Lisboa, antes da reforma procedida pelo prefeito Jorge Teixeira de Oliveira. Note-se o calçamento de paralelepípedo de granito português. No telhado marcado com a seta havia um sino que fazia parte do relógio — Ambos desaparecidos com a reforma.



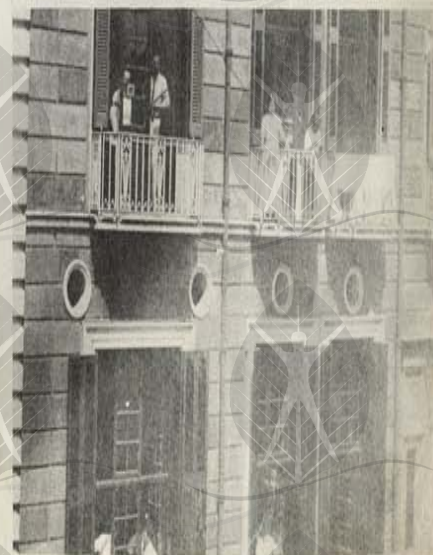
Fila de alunos do oratório festivo no pátio interno do colégio para entrar no cine Manaus depois do catecismo. Note-se a disciplina dos garotos e a vigilância do padre ao fundo. Foto de 1937.



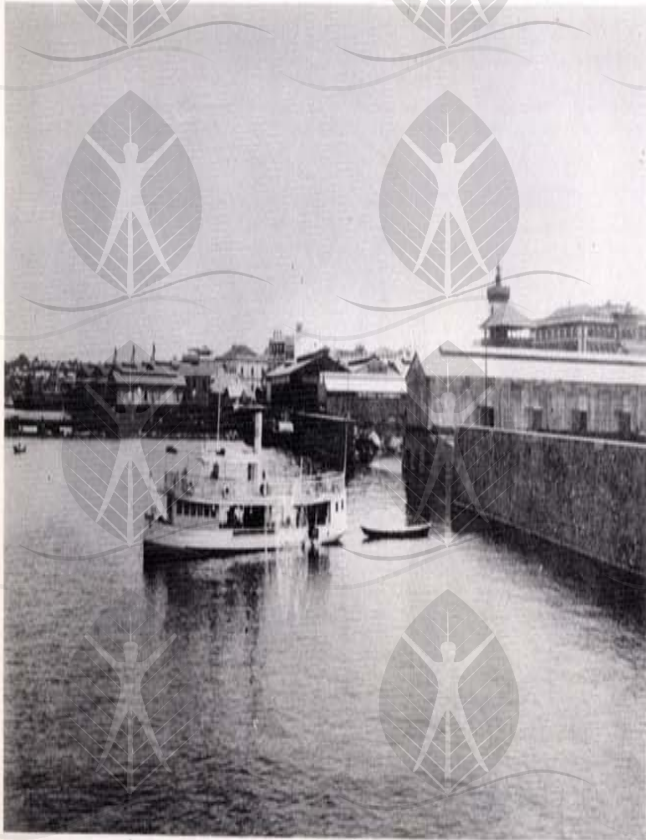
Praça da Bola que ficava no cruzamento do Boulevard Amazonas hoje Alvaro Maia e a Av. João Coelho. Foto gentileza da jornalista Maria de Lourdes Archer Pinto.

principalmente da Europa, emprestando à cidade uma alegria incomum.

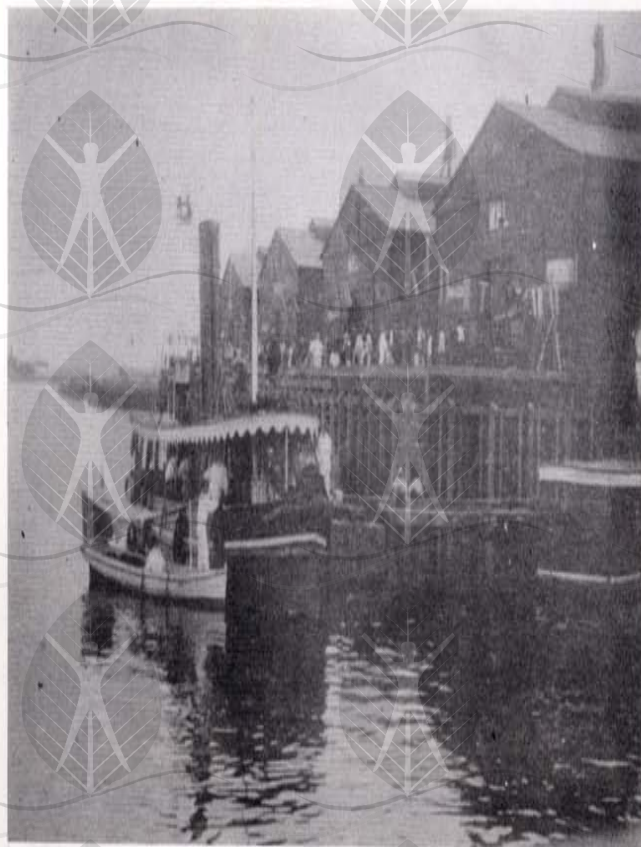
Os autores teatrais, ficavam no Grande Hotel e no Hotel Cassino, os melhores da capital da borracha no centro movimentado da urbe, em frente a uma belíssima e bem iluminada praça. À noite, depois dos ensaios, os jantares eram decorridos sob a música art-noveaux de pequenas orquestras que executavam as mais belas peças da época e se prolongavam até alta madrugada, motivados ainda pela bela iluminação que colocava Manaus entre as capitais mais bem iluminadas do Brasil. Em frente aos hotéis, a partir das 19:00 horas, os casais elegantes desfilavam com suas melhores roupas, as mulheres elegantemente vestidas, exibindo suas livas de seda, davam um toque de felicidade ouvindo as orquestras, ou sentados em volta de mesas redondas de mármore, dispostas sobre as largas calçadas das avenidas, revestidas também de mármore de cantaria, tomavam o seu



Uma foto da fachada do edifício dos escritórios centrais do cais do porto da Manaus Harbour.



Vista panorâmica do cais do porto da Manaus Harbour antes da construção da ponte que ligava o continente aos cais flutuante.



A lança rebocadora "Aranha", de propriedade da Manaus Harbour no dia da sua inauguração.



Monumento à Abertura dos Portos na Praça de São Sebastião.

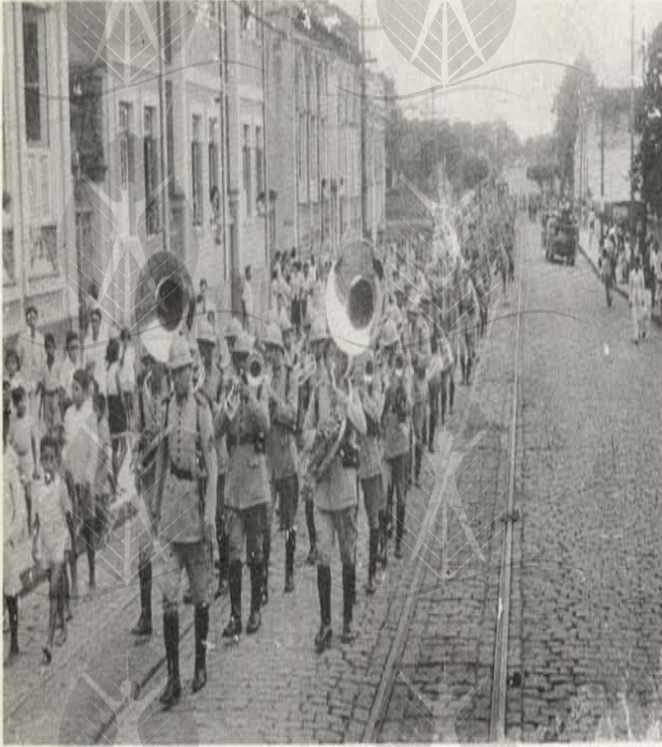


Edifício do Hotel Amazonas na Praça Adalberto Vale.





Rua Ramos Ferreira, esquina com a Tapajós — Ao fundo, a Igreja de São Sebastião.



Formatura geral da Polícia Militar do Amazonas em 19.2.1940 na Avenida 7 de Setembro, próximo ao quartel dos bombeiros.



Rua Barroso vista do andar superior do edifício onde funcionou por muitos anos o Hotel Central. A esquerda o prédio da Biblioteca Pública, a direita o antigo Dragão dos Tecidos, (já demolido), hoje uma agência bancária.



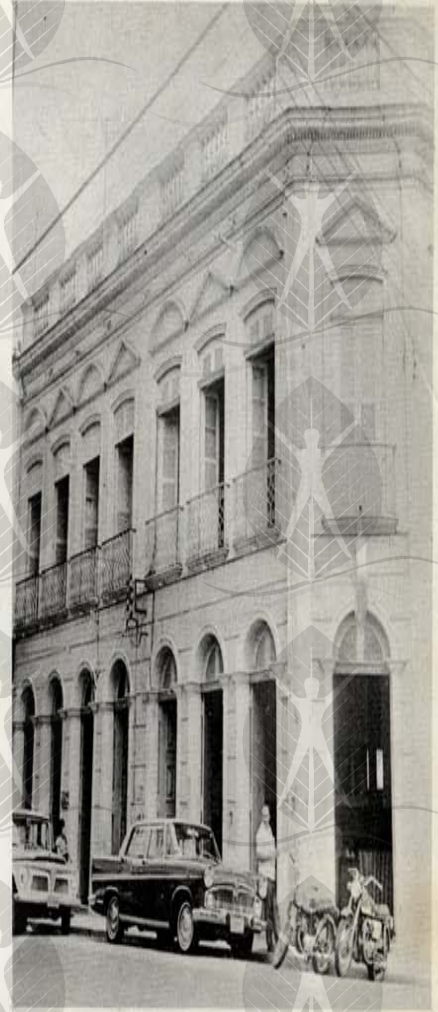


Edifício de propriedade da ASPA na Rua Lobo D'Almada, esquina com a Rua Henrique Martins. Neste edifício funcionou o Jornal "A TARDE" de propriedade do jornalista Aristhofano Antony. Foto 1971.

chopp gelado ou a saborosa cerveja seleta ou XPTO produzida pela fábrica de cerveja Miranda Corrêa, cuja a fábrica ficava localizada à margem esquerda do igarapé da Cachoeira Grande, ou igarapé da aldeia de São Raimundo, já na sua foz, no bairro do Plano Inclinado, onde o bonde Fábrica de Cerveja terminava a sua linha.

A mocidade endinheirada vivia dias e dias de muita alegria com a chegada de companhias teatrais nacionais e estrangeiras, cuja euforia só terminava com a saída dos navios, de partida que levava metade da população ao cais do porto, às vezes até acompanhada de uma banda de música, onde chorava a amarga despedida. Muitos artistas acabaram ficando em Manaus, onde os homens, donos de extensas glebas de terras riquíssimas de borracha e outros produtos também valiosos presenteavam facilmente às mulheres com notas de quinhentos mil réis, motivação poderosa para desistirem de regressar às suas origens.

As que voltavam, certamente se encarregavam de realizar a propaganda da fartura de dinheiro derramado na capital do Amazonas, e não era desse mundo, o enxame de mulheres que

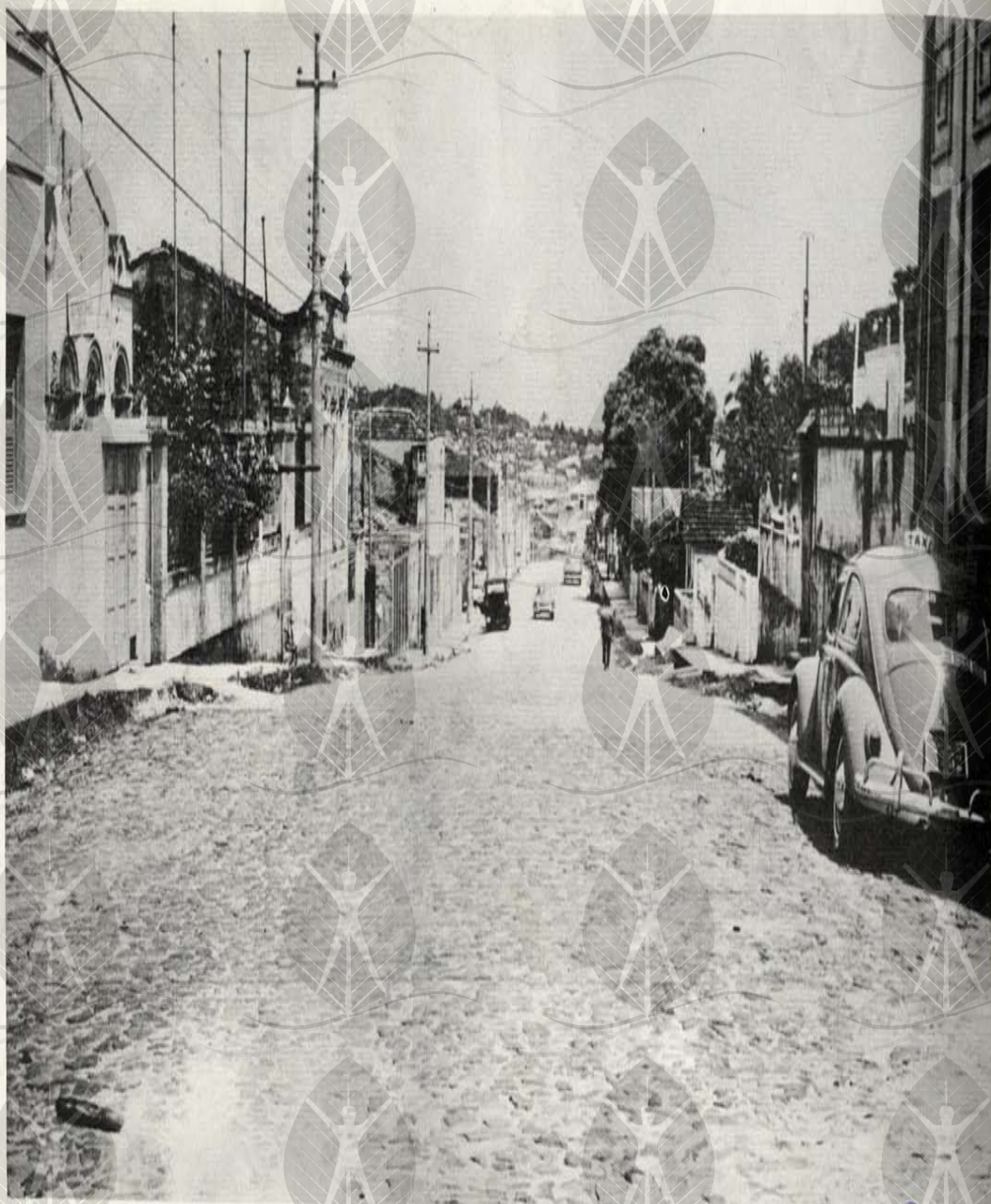


Edifício onde nasceu a Associação Comercial do Amazonas, à Rua Guilherme Moreira esquina com a Quintino Bocaluva.



Praça da Igreja Matriz de N. S. da Conceição, lado leste. O edifício de dois andares que se vê atrás do pé de palmeira fica na esquina da Rua Joaquim Sarmento com a Avenida 7 de Setembro.





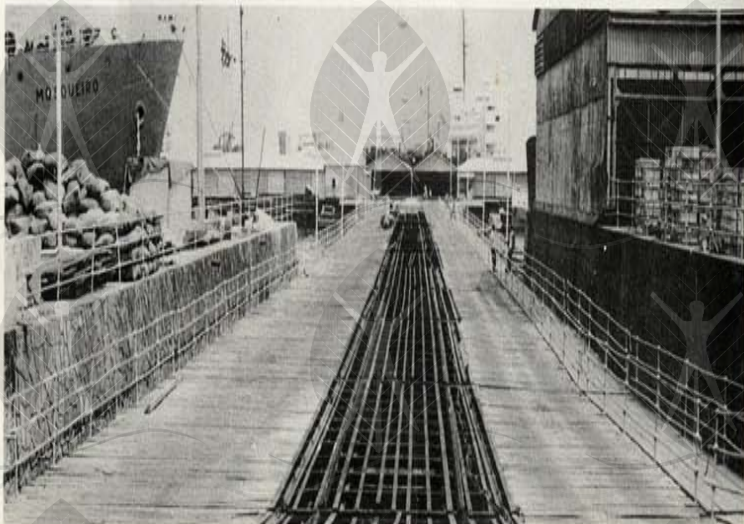
Trecho da Rua Leonardo Malcher entre as ruas Luz Antony e Benjamin Silva.



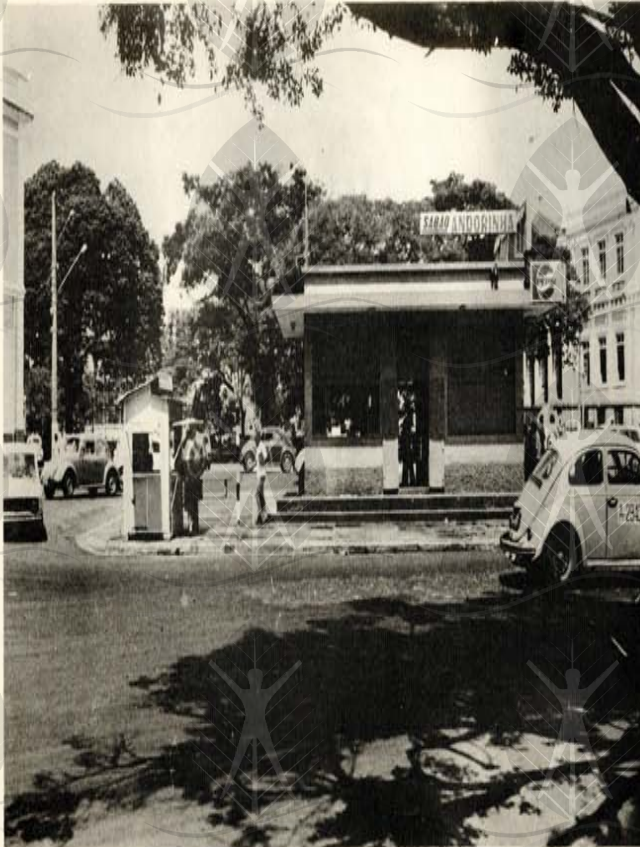
Edifício do Colégio Dom Bosco.



Praça da Matriz em 1912.



As antigas instalações do cais flutuante da Manaus Harbour. As linhas paralelas do centro entre as duas pistas revestidas de madeira, eram os trilhos de aço, sobre os quais deslizavam os vagões puxados por u'a máquina fixada no começo da pista. Esses vagões traziam para os armazéns toda a mercadoria retirada dos navios surtos no porto. Foto de 1958.



Pavilhão do Café do Pina onde em 1954 reuniu-se o grupo de intelectuais que fundou o Clube da Madrugada. O Pavilhão foi destruindo na gestão do prefeito Jorge Teixeira.



Edifício do Cine Odeon (já demolido) e em seu lugar ergue-se hoje o edifício do Shopping Center, na Avenida Eduardo Ribello, esquina com a Rua Saldanha Marinho. Foto gentileza da jornalista Maria de Lourdes Archer Pinto.

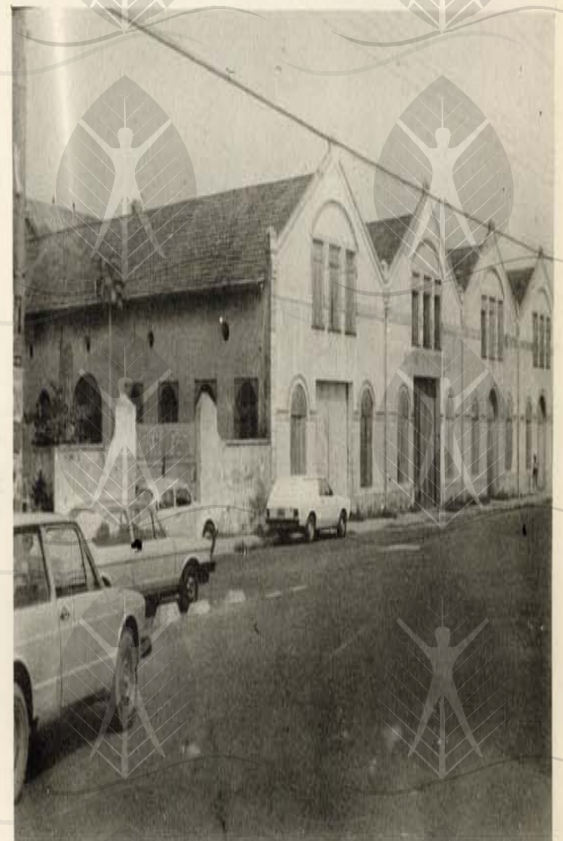


Antigo edifício do Detran na Rua José Paranaaguá esquina com a Av. Floriano Peixoto.

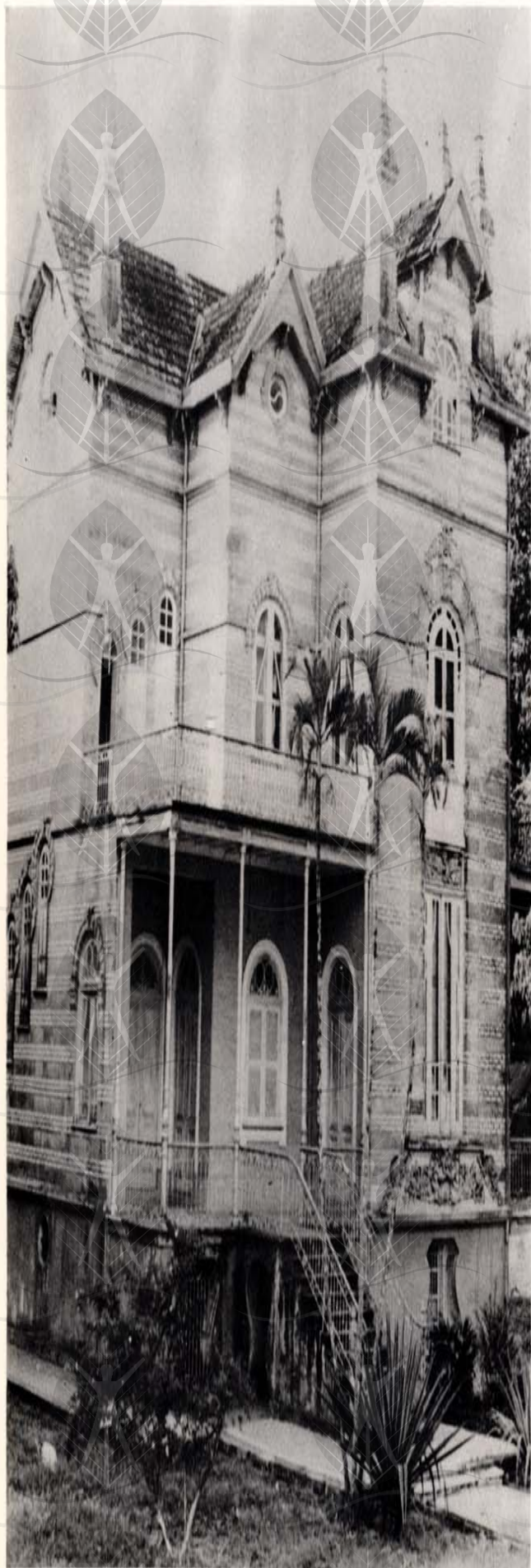


se deixavam impressionar pelas notícias e vinham para Manaus, em busca dos tabaréus cheios da nota, que distribuíam fartamente libras esterlinas para as "artistas", que também sabiam fazer carinhos. A chegada de navios no porto, era um reviver de esplendor oriental. A cidade fervilhava às vinte e quatro horas do dia. Durante à noite, as patrulhas da Polícia Militar, realizavam severa vigilância com seus soldados elegantemente fardados, montados em cavalos bem ensaiados e pelos polidos. Era a cavalaria da Polícia Militar, exibindo suas espadas brilhantes que faziam tremer os bagunceiros e beberros já que naquela época não havia os violentos assaltos à mão armada que angustiam os nossos dias.

Aos domingos, principalmente pela parte da tarde, era bonito, ver os bondes românticos e tropicalíssimos de "Manaos Tram-ways", todos pintadinhos de verde com seus bancos de pinho inglês, envernizados e brilhantes, o tradicional "faz favor", do cobrador dentro de sua farda muito limpa de brim amarelo com seu quepe bem posto, de gestos elegantes, destacando a senha mediante os duzentos réis da passagem, desfilando sobre o estribo como um verdadeiro acrobata. Bondes de horário inglês cuja passagem em tempo mecânico, dizia as horas a quem interessasse. — Puxa vida, estou atrasadão, este é o bonde das 10:45, e era mesmo, o bicho não falhava. O bonde era o relógio dos pobres. Bonde dos Remédios, bonde da Saudade, cuja linha fora inaugurada para servir as pessoas que iam visitar as sepulturas dos parentes e amigos no cemitério São José, na avenida



Edifício à Rua Silva Ramos, entroncamento com a Av. Joaquim Nabuco, onde funcionou a Fábrica de Sabão "Borboleta".



"O Castelhinho" na Vila Municipal.



Uma vista da bala do rio Negro em 1959. Em primeiro plano o autor quando retornava de uma das suas inúmeras viagens, pelo Interior do Estado. Foto Hamilton Salgado.

Epaminondas, onde hoje está construído o Atlético Rio Negro Clube.

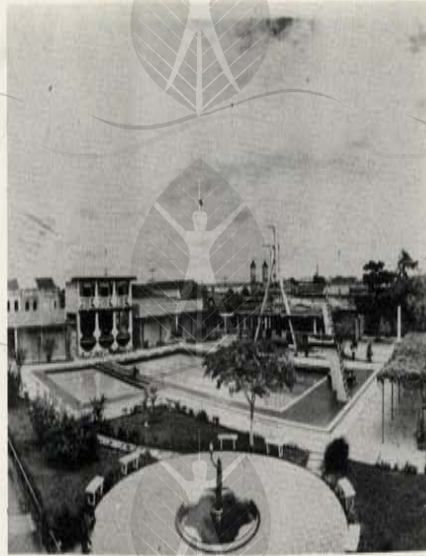
Em frente à praça da Saudade, hoje mutilada com a construção de um monstro onde funcionou a Secretaria de Educação do Amazonas e onde está hoje a SHAM, onde as pessoas iam meditar e chorar seus mortos. Tinha também o bonde Circular-Cachoeirinha, que aos domingos iam sempre acrescidos de reboques, atendiam a grande quantidade de pessoas que escolhiam o mais "chic" passeio das tardes quentes de domingo — a linha Circular-Cachoeirinha, que começava na Praça Oswaldo Cruz, mais conhecida por estação dos bondes, onde estão hoje instalados os escritórios da CEM. Subia a Sete de Setembro, dobrava a Rua Carvalho Leal e de curva em curva, circulava a antiga cidade de Manaus, rangindo suas rodas de ferro contra os trilhos de aço, limitada por esse romântico itinerário, até à Rua Belém. Aí começava a segunda sessão, que passava em frente ao Parque Amazonas, onde havia as elegantes e nobres corridas de cavalos sempre aos domingos a tarde. Ali, desfilavam as jovens da nossa melhor sociedade, exibindo chapéus importados, seus vestidos de taite inglês ou francês, com golas altas e redondas, passos curtos exibindo suas cinturas de vespas, cobertas com sombrinhas. Era uma festa brilhante, e de extrema finura e elegância oportunidades singulares, assistir os puro sangue importados da Inglaterra, da Argentina e de





outros países produtores dos famosos quadrúpedes. Muitos delas não aguentaram o calor local e sucumbiram de desidratação e desintéria para tristeza de seus proprietários. Um periódico local, publicou um diagnóstico de um veterinário, inclusive dizendo da impossibilidade de se manter esse tipo de animal em Manaus, e sugerindo a proibição por parte do governo, da importação de caríssimos cavalos de corrida da Inglaterra e Argentina, para esse tropicalíssimo pedaço do Brasil.

Isso e outros motivos, também importantes, determinaram a extinção das pretensões desse nobre esporte inglês no Amazonas. Outro motivo que também ajudou o fim da carreira de jóqueis em Manaus, foi o encerramento de muitas firmas inglesas e o conseqüente retorno de seus titulares a Londres, últimas reminiscências do efêmero sonho da



Parque aquático do Atlético Rio Negro Clube.



Edifício do Palácio da Justiça na Av. Eduardo Ribeiro.



Vista aérea da fábrica de compensados — Compensa, de propriedade da empresa I.B. Sabbá. 1960.



Antigo asilo Dr. Thomas.



Estrada de ligação com o bairro de Santo Antônio São Jorge

borracha. Das sociedades inglesas que existiram na época da goma elástica, ficaram o Bosque Clube, na estrada João Coelho e a igreja Anglicana que hoje ainda exhibe ruínas num terreno em frente ao cemitério São João Batista pelo lado leste, o Banco de Londres, a Manaus Harbour e algumas residências na Avenida Sete de Setembro.

Um detalhe interessante que vale a pena ser registrado, é que durante os minutos que precediam as corridas, os bondes paravam obrigatoriamente em frente ao grande portão de ferro do estádio. Depois dessa breve parada, continuavam rodando pela Rua Cláudio Mesquita, Silva Ramos, Ferreira Pena, Dez de Julho, Eduardo Ribeiro, e finalmente Sete de Setembro, para novamente estacionar na Praça Oswaldo Cruz, onde era a sua estação, a estação dos bondes como era conhecida pela população de Manaus. Ali, aos domingos, pela tardinha,



havia o grande desfile da sociedade que disputava os primeiros bancos nos bondes da Saudade e Remédios, dois itinerários circulares pelo centro da cidade. Os homens não podiam viajar em mangas de camisa. Nesse tempo não havia carros suficientes em Manaus. Segundo o professor Agnello Bitencourt, o geógrafo de renome nacional, pedagogo e escritor festejado, o primeiro automóvel que chegou a capital baré, causando uma grande admiração à população que o vira pela primeira vez em 1904, foi um "Darrac" de dois cilindros, de propriedade de um senhor de nome Bourgeois, possuidor de uma oficina mecânica à Rua Joaquim Sarmiento que não alterou absolutamente o grande interesse da população pelos bondes. O segundo auto, desembarcado dois anos depois, em 1906, foi o "Mercedes" do Dr. Alberto Lavandeyra, filho do Dr. Antonio de Lavandeyra, chefe da equipe de técnicos que



"Canto do Quintela" na esquina das avenidas 7 de Setembro com a Joaquim Nabuco.

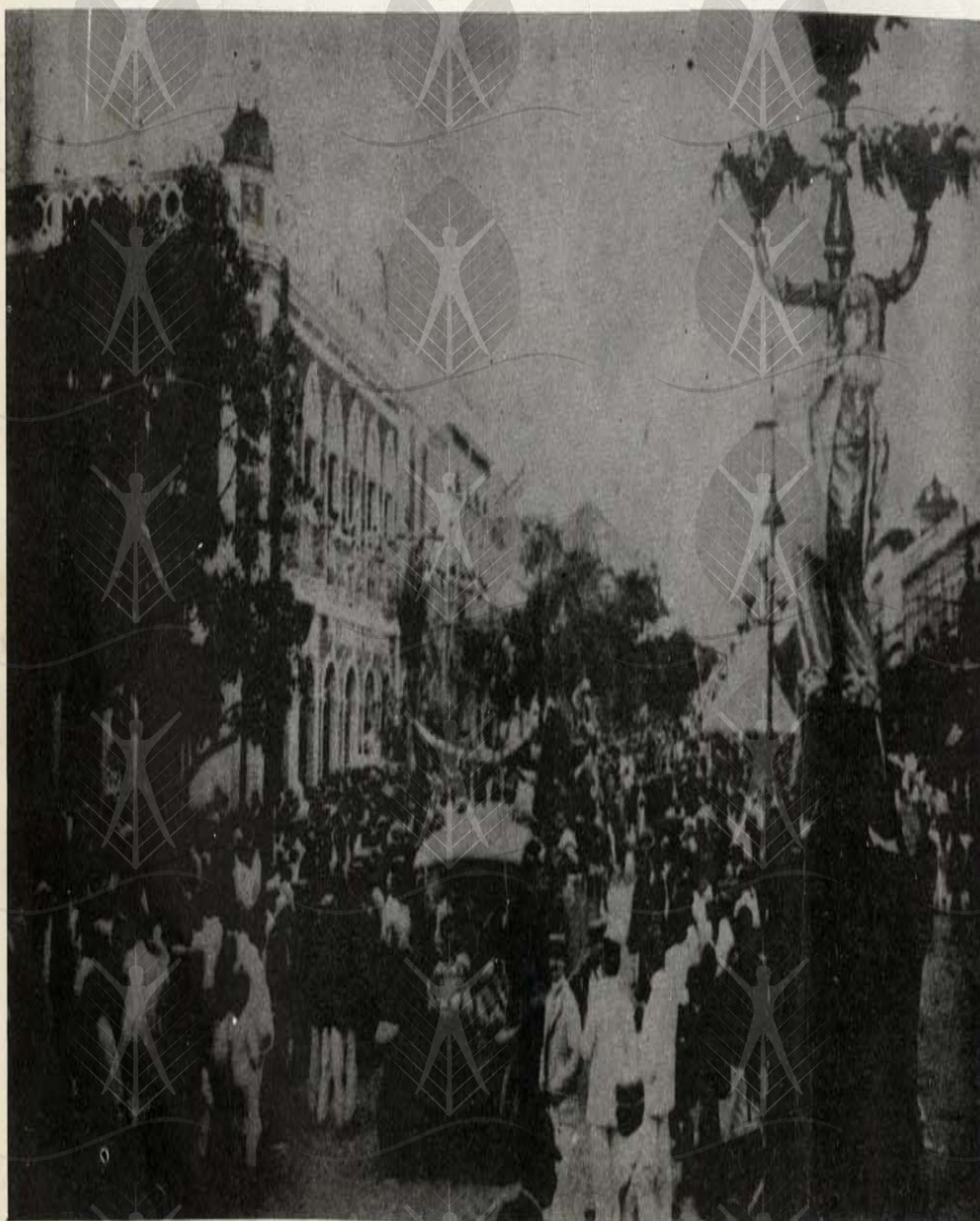


Carro alegórico da Cervejaria Miranda Corrêa do Carnaval de 1914.

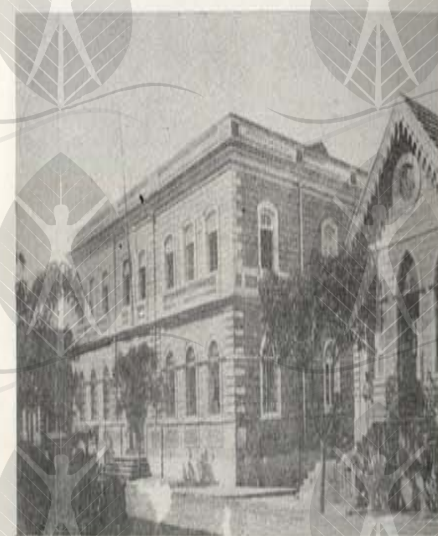
instalaram o cais flutuante do Porto de Manaus. Era um carro vermelho, de corrida, com dois assentos. Em 1907, chegou o "Hotchkiss", francês, de luxo, adquirido pelo Senador Silvério Nery, na exposição de Paris, e que antes rodara em Carlsbaden (Áustria), indo a seguir para Manaus. Trazia como emblema dois canhões cruzados. Esses outros mais que importados pelas pessoas muito importantes da sociedade manauara, marcaram época principalmente para os jovens que disputavam um passeiozinho em carro aberto pela cidade, sentados elegantemente sobre o toldo de lona que se recolhia sobre a parte traseira do veículo, manifestação somente permitida a alta burguesia endinheirada, cujas famílias eram totalmente identificadas pela população de Manaus.

Chega a Manaus a notícia sobre a guerra Russo-Japonesa na Mandchúria. Nesse tempo, sem que o Amazonas tivesse notícias, a nossa borracha já estava sendo profuzamente industrializada no oriente, fato que só sentimos dramaticamente na carne aí por volta de 1913, ano fatídico que marca o início da decadência da borracha e consequente a queda vertiginosa de seu preço no mercado internacional. Trazendo como consequência, um cem número de graves problemas sócio-econômicos.

Embora Manaus tenha parado de construir prédios suntuosos a partir de 1913, a cidade continuou a crescer para os bairros, muito pobremente, ocasião em que foi feito o primeiro grande loteamento da Vila Municipal, depois bairro de Adrianópolis, onde se instalaram as belíssimas chácaras com



Camaval de Rua na Avenida Eduardo Ribeiro em 1908. O edifício a esquerda era a sede do Ideal Clube.



Antigo prédio da Recebedoria de Rendas do Estado.



**Manaus: Ruas, Fachadas e Varandas**

seus magníficos bosques. Muitos foram os monumentos que ficaram como marcos imorredouros documentando perenemente uma época faustosa, atestando como fato histórico a sua importância econômica para o Amazonas e para o Brasil.

Entre eles o Teatro Amazonas, o Palácio da Justiça, a Penitenciária Pública, a Biblioteca Pública, a Prefeitura Municipal de Manaus, Mercado Adolfo Lisboa, Ginásio Dom Pedro II, ponte metálica da Cachoeirinha, as calçadas de mármore de cantaria, os paralelepípedos de granito, o edifício onde funcionou a Secretaria de Estado de Economia e Finanças, a ponte metálica dos Bilhares, o edifício do Hospício Eduardo Ribeiro despido de suas grades fronteiriças e artísticas, criminosamente deformado; o monumento de Abertura dos Portos na praça de São Sebastião, monumento a Tenreiro Aranha e muitos outros que já desapareceram graças ao trabalho de ratazanas oficiais.

Mas, a herança maior dos nossos ancestrais é a família amazonense que continua construindo a cidade não só no seu aspecto físico mas e o que é mais importante no seu edifício cultural, dando-nos homens e mulheres que sabem honrar a sociedade e o seu passado glorioso.

Dentre os muitos irmãos que tive a felicidade de desfrutar



Avenida Eduardo Ribeiro, próximo a Rua Marques de Santa Cruz.

Edifício onde está instalado o Comando da Polícia Militar do Estado do Amazonas. Praça Heliodoro Balbi mais conhecida por Praça da Polícia.



O lançamento de um livro da Livraria Escolar.



nesta sociedade de Manaus, quero destacar aqui a figura inesquecível do meu mestre Aristóphano Antony, personalidade forte e amigo de todas as horas.

O velho Aristóphano, como era conhecido entre os mais íntimos, era proprietário do Jornal "A TARDE", que ficava à Rua Henrique Martins esquina com a Lobo D'Almada. Ali diuturnamente morejava em sua redação informando através de seus vespertino tudo que acontecia no Brasil e no mundo aos seus assíduos leitores.

Aristóphano foi na verdade o primeiro que manteve em Manaus uma bem informada coluna social, já que ele próprio era pessoa entrosada em todas as camadas sociais da cidade e presidente da mais importante agremiação sócio-desportiva que é o Atlético Rio Negro Clube.

Aristóphano Antony era filho de Leandro Antony e de Maria Ferreira Antony. Foram seus avós paternos Luiz Antony e Francisca Antony, ele natural de Florença Itália, e ela, do Estado do Amazonas. Pela lado materno eram seus avós Miguel Ferreira dos Santos e Maria Ferreira dos Santos, ele natural de Portugal e ela, do Estado do Rio de Janeiro.

Luiz Antony foi dos mais antigos habitantes de Manaus, de onde saiu para defender o Brasil na guerra com o Paraguai, onde morreu com o posto de Coronel, depois de ferido por um estilhaço de granada. O Imperador D. Pedro II, por serviços relevantes prestados a causa nacional, condecorou-o com o Ordem da Rosa uma das mais importantes do Brasil.

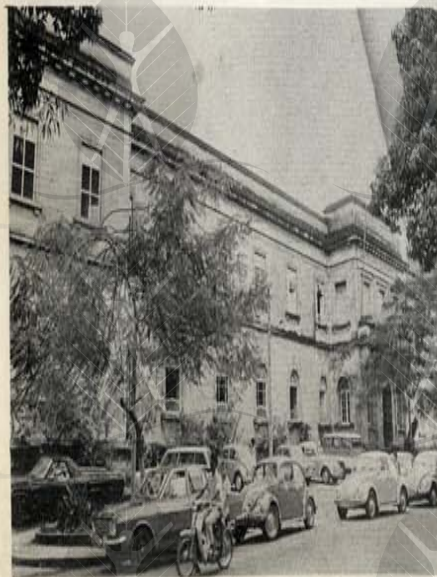
Sua coragem, seu destemor e sobretudo o uinamismo com que se lançou durante toda a sua vida às causas jornalísticas, foram herdados de seus avós que encheram a história do Amazonas de belas páginas de heroísmo e honestidade.

Em 1937, Aristóphano construiu o seu próprio jornal com o qual prestou relevantes serviços à sociedade amazonense; obrigado a vendê-lo por injunções políticas, já que combateu durante longos 12 anos o trabalhismo local.

Casou-se com a senhora Edail Cordeiro Antony, filha do Coronel Pedro Henrique Cordeiro Junior e Dona Antonia Nogueira Cordeiro, ele Coronel do Exército, chefe até o seu falecimento da 29ª. Circunscrição de Recrutamento, no Amazonas. Desse feliz matrimônio nasceram os seguintes



Edifício de estilo neoclássico da Prefeitura Municipal de Manaus.



Edifício da Santa Casa de Misericórdia, na Rua 10 de Julho.



Antiga igreja de São Francisco do balro da Colônia Olveira Machado.

filhos: Leandro Cordeiro Antony, Juiz do Tribunal de Contas do Estado do Amazonas; José Cordeiro Antony, funcionário da Fazenda Estadual e Flávio Cordeiro Antony, bancário; Maria Eneida Antony Coelho, casada com o sr. Altiberto Coelho; Ruth Antony Skrobot, casada com o engenheiro civil Gersol Skrobot; Maria Luiza Antony Parente, casada com o bacharel em Direito Raimundo Parente, atualmense senador da República pelo Amazonas; Maria de Lourdes Antony do Carmo Ribeiro, casada com o Dr. Helso do Carmo Ribeiro, Juiz aposentado do Tribunal de Contas do Estado do Amazonas e Ana Rita Cordeiro Antony.

Além de jornalista de fina estirpe, Aristóphano Antony era escritor e homem da sociedade, exercendo durante 16 anos a diretoria mais importante agremiação sócio-esportiva de Manaus — o Atlético Rio Negro Clube.

Para infelicidade de todos os que lhe queriam bem, faleceu no dia 3 de agosto de 1968.

## Serenatas

Dentre as várias manifestações do vasto folclore brasileiro, a serenata se destaca pelo detalhe sentimental de que se reveste.

Suas origens se perdem no aglomerado das comunidades orientais, quando os belos mancebos, sob a luz da lua, dedilhavam seus instrumentos de corda, cantando e dançando sob ritmos milenares tão característicos daqueles povos da 1001 belezas.

Nos 440 anos em que os árabes dominaram a Espanha, maravilhosos costumes foram introduzidos no país de Lorca, entre os quais o uso da guitarra, documentado através das célebres obras de Goya e outros grandes artistas espanhóis.

A guitarra surgiu na Península Ibérica, no século XVI e duzentos anos depois já era conhecida em toda a Europa. O belo instrumento de corda, apesar de proceder do mais puro sentimento artístico popular, ascendeu aos salões aristocráticos da Europa, durante os séculos XVI e XVII. O próprio Luís XIV, foi um exímio guitarrista que encantava a nobreza com suas execuções.

Em Veneza, as serenatas estiveram muito em voga durante o século XVIII. O romantismo cuidou de disseminá-las pelo resto da Europa, na época em que o rococó dominava as manifestações artísticas. O grande Mozart denominou de serenata as obras instrumentais destinadas a serem executadas ao ar livre e geralmente divididas em vários andamentos.

Ainda no século XVIII, quando a sociedade brasileira

chegava ao auge da importação, de seus usos e costumes da Europa, principalmente da França, a serenata foi introduzida no Brasil via Portugal, assumindo de imediato caráter nacional.

Já em pleno alvorecer do século XIX, quando as nossas donzelas só viam as ruas através dos muxarabiês, pois não era admitido o namoro livre, como nos nossos dias, os jovens enamorados enviavam suas modinhas, cantadas sob o acompanhamento do violão, todo o sentimento de sua mensagem amorosa à amada que só de longe podiam ver. Os corações apaixonados, assim tinham a serenata como recurso de seus extravazamentos sentimentais. O silêncio das ruas estreitas e a bruxoante luz dos lampiões de azeite se associava em íntima solidariedade aos corações solitários sequiosos de carícias, ternuras e de amor.

Foram os jovens da corte brasileira, que vindo de seus estudos em Lisboa, trouxeram a "moda" para o Rio de Janeiro, onde se expandiu, ganhando os outros centros do território brasileiro.

A serenata era sempre e, por excelência, um concerto vocal acompanhada de violão, e executada alta hora da noite, sob a janela de um sobrado, residência da pessoa, geralmente a namorada, a quem se prestava a homenagem. No início do século XIX, a serenata era realizada por jovens estudantes pertencentes à aristocracia brasileira e era essencialmente urbana. Somente no fim desse século, foi que a serenata ganhou os subúrbios da cidade, levada pelos bondes de tração animal. Às vezes, também, as luxuosas carruagens eram utilizadas como transporte dos seresteiros, que aguardavam as horas da madrugada para, sob as janelas de suas amadas,

entoarem os acordes plangentes dos violões e a voz solitária do cantor enamorado, enchendo de melodias românticas e apaixonadas o silêncio das noites suburbanas.

O princípio deste século nos deu seresteiros famosos, cujas músicas encheram os bairros do Rio de Janeiro, ganhando a simpatia e o aplauso de seus moradores, pela interpretação privilegiada de seus cantores. Noel Rosas, Francisco Alves, Sílvio Caldas, Lamartine Babo, Orestes Barbosa, Orlando Silva, Carlos Galhardo, entre outros, ficaram famosos pela interpretação ou pela composição que constituem padrões de música popular seresteira nacional e acabaram como ídolos dessa manifestação musical.

São inúmeros os sambas, sambas-canções, valsa que, apesar dos outros ritmos, como hoje o iê-iê-iê, assumindo certa posição de liderança, embora muitas vezes em caráter passageiro e continuam enternecendo os corações.

A verdade, porém, é que nos dias que correm, as serenatas vão silenciando pouco a pouco, aqui e acolá e passando, assim, esse valioso patrimônio de nossas melhores tradições ao silêncio do olvido.

Em Manaus, a extinção da serenata já está em curso. Várias ruas e avenidas foram condenadas pelo tráfego permanente de veículos durante 24 horas por dia, onde, em outras épocas, não muito distantes podia-se ver madrugadores empunhando seus violões, entoando suas cantigas de amor.

Dentre o vasto patrimônio da música de serenata brasileira, uma constitui o padrão da época romântica, cujos versos, como os que seguem, ainda repercutem na alma do boêmio brasileiro.



Time de futebol de Salão da SAGA, campeão invicto de 1956. Em pé da esquerda para direita: Waldemir, Raul, Arinha, Arnaldo, Vicente, e padre Cristovão (treinador) agachados na mesma direção: Balcote, Luizinho, Walter, Eduardo Barroncas e Mário China.



Membros do coro da Igreja de N. S. Aparecida dos Tocos comemorando 15 anos. Na foto de novembro de 1948 aparecem da esquerda para direita: prof. Lili Azevedo, Esmeralda, Gracielema Britto de Andrade, padre Jaime, Maria do Carmo Britto Feitoza, Maria de Jesus e Aurelina.

## A Paróquia de Nossa Senhora da Conceição Aparecida dos Tocos

A velha igreja de São Sebastião ficou cheia de uma porção de padres brancos, louros, olhos azuis, batas brancas e um imenso crucifixo pendurado num dos lados da cintura.

A Segunda Grande Guerra estava em plena ascensão de sua dramática e sangrenta escalada. Corria o ano da graça de 1943, era julho, muitos soldados americanos que para cá vieram a serviço militar em convênio com o Brasil, desfilavam pela cidade de Manaus mastigando chicletes montados em seus jipes de campanha pintados de verde garrafa e os bondes já aceitavam passageiros em mangas de camisas ou vestidos com camisas "americanas", moda trazida para Manaus pelos soldados ianques.

No bairro dos Tocos, que antes tivera muitos nomes, alguns padres das Missões Redentoristas dos Estados Unidos, trabalhavam com o objetivo de instalarem uma nova paróquia que ficaria sob a sua jurisdição. Era um bairro difícil, com gente constituída de famílias muito antigas e de hábitos profundamente arraigados e tradicionais para aceitar algo novo. Aquilo era para aquela gente alguma coisa a ser submetida a apreciação e análise de pessoas mais velhas e mais experientes, uma espécie de conselho dos velhos, contanto que evitasse choque ou atritos com o povo. Que vinham fazer



Padre Frederico, grande missionário redentorista, destacou-se de maneira extraordinária durante o seu apostolado em Manaus. Foi o grande amigo da paróquia visitando família por família de seus paroquianos. Padre Frederico foi além de missionário católico, médico, enfermeiro, eletricitista, mecânico, assistente social, parteiro, professor, enfim era um amigo de todas as horas. Sacerdote polímorto na sagrada missão que soube com dignidade e espírito cristão desempenhar. Sua saída para os Estados Unidos deixou uma imensa lacuna em toda a sociedade de Aparecida e uma imorredoura saudade no coração de cada paroquiano.



O Padre redentorista William Hogan C. Ss. R. com uma família no bairro de São Geraldo em Manaus. Foto de 1954.

aqueles padres estrangeiros vestidos de branco com um imenso crucifixo pendurado na ilharga, naquele bairro pacato e completamente esquecido de todo o mundo? Seriam espíões? Qual a sua verdadeira missão?

Eram as perguntas que mais despertavam curiosidade à população do antigo bairro das Cornetas, Saco do Alferes, etc...

Na Rua Comendador Alexandre Amorim haviam duas casas muito antigas que foram propriedades da família Miranda Corrêa, dona da Fábrica de Cerveja e Gelo Miranda Corrêa situada no Plano Inclinado, cujas casas foram doadas para a Irmandade dos Padres Redentoristas. Numa delas

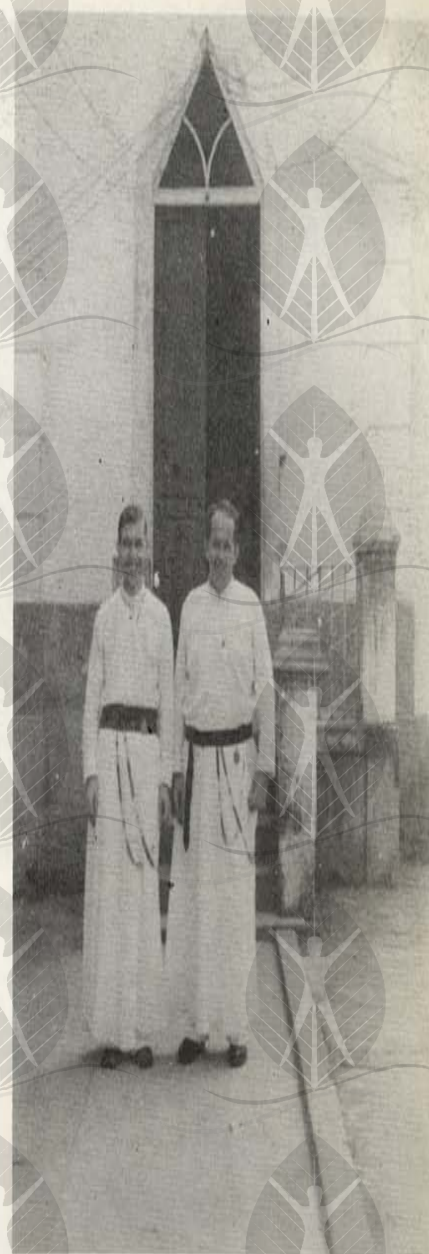


Componentes do Grêmio da Verdade Católica. Da esquerda para direita padre João Mac Kormick, José Costa de Oliveira, Antonio Lisboa de Oliveira, professor Pedro Silvestre da Silva, Paulo dos Anjos Feltoza, Eumar Stone, João Toledo. Em cima na mesma

direção José Dantas Cirino, Brigido Torres Nogueira, Rogério Guedes, ex-pastor protestante convertido ao catolicismo e José Afonso. Foto de 1947.



Foto tirada no dia 2 de maio de 1964 do 1º. Cursilho da Cristandade para homens de Manaus, trazido pelos padres Matheus e Thiago, redentoristas das Missões no Amazonas. Da esquerda para direita: Renato Tribuzi, Brigido Torres Nogueira, José Carlos, José Mesquita (de Coari), José Nascimento, Almir, Nilton, Cândido Honório (mais tarde desembargador). A frente do grupo, a equipe dirigente que veio de São Paulo: padre Paulo Canelles, lançador dos Cursilhos no Brasil, Giuseppe Talone, Pedrosa e padres Jaime e Thomé, de Manaus.



Na foto o Padre Antonio e padre Bernardo redentoristas, em frente a 1ª. Igreja de N. S. Aparecida instalada provisoriamente no prédio da antiga residência da família do dr. Aldemir de Miranda. Foto de 1944.

instalaram provisoriamente o seu quartel general, montando a sua residência e na outra, era instalada a Comissão de Limites do Ministério das Relações Exteriores.

A primeira capela em honra de Nossa Senhora da Conceição Aparecida que futuramente daria o nome ao bairro, nasceu naquele chalet, nas duas primeiras salas da frente.

Finalmente, no histórico dia 30 de janeiro de 1944, foi fundada solene e oficialmente com uma missa rezada pelo então Bispo Dom João da Mata Andrade e Amaral, homem entusiasta e grande incentivador das obras missionárias a paróquia de N. S. da Conceição Aparecida as quais, a paróquia "Benjamim" da Diocese de Manaus foi entregue com proficiência, não poupando esforço.

A partir daí os abnegados Redentoristas com o objetivo superior de executar o seu vasto programa de ação apostólica nesta imensa região iniciaram o verdadeiro trabalho de catequese no bairro.

Depois de um trabalho pioneiro de instalação, vencendo



Reunião de aniversário da Sociedade Beneficente Católica de Aparecida. De pé da esquerda para direita: José Antonio de Moraes Teixeira, Antonio Lisboa de Oliveira, Alvaro Botelho Maia, ex-interventor Federal no Amazonas (com o microfone a mão) Paulo dos Anjos Feitoza (hoje desembargador), e professor Francisco Rebelo de Souza, sócios fundadores da SBC de Aparecida. O cidadão que aparece sentado de branco a esquerda é o dr. Angelo D'Uso, conhecido médico em Manaus. Foto de 1950.



Uma festa junina na quadra de esportes do Colégio N. S. Aparecida. Na foto da direita para esquerda: Lucimar dos Anjos Feitoza, Brígido Torres Nogueira, e Dagmar dos Anjos Feitoza, trio de primeira grandeza no timão cooperativo do bairro. Foto de 1956.



Padre Luiz num momento de recreio.

inúmeras dificuldades naturalmente com a ajuda efetiva e afetiva de uma plêiade de jovens dedicados e entusiastas do bairro, todas as famílias da paróquia foram especialmente convidadas para assistirem o memorável acontecimento espiritual. Era 17 de outubro de 1944, o bairro ia finalmente ganhar a sua matriz, a matriz de N. S. da Conceição Aparecida, cuja fundação naquela data solenemente marcada com uma missa especial, cuja cerimônia fora celebrada e presidida por sua Excelência Reverendíssima Dom João da Mata Andrade e Amaral, Bispo Diocesano e o Apostolado da Oração, na pequena praça do bairro.

Graças ao esforço hercúleo, permanente, da juventude e do desprendimento dessa figura magnífica que foi o padre João Mc Cormick, Primeiro Vigário Geral da Paróquia, que após um ano de luta contínua, ininterrupta e cansativa criou a Secção Masculina do Apostolado da Oração que foi organizada, contando de início com um reduzido número de associados. Esse pequeno grupo entretanto pela sua inquebrantável vontade e dedicação à causa religiosa, transformou sensivelmente a vida católica de todo aquele pequeno mundo, trazendo para o seio da sociedade religiosa através de um magnífico trabalho missionário, a juventude dos mais longínquos recantos daquela pobre, mas ordeira sociedade.

No dia 5 de dezembro de 1945, os pioneiros dessa Associação receberam as primeiras insígnias do Apostolado. Convidado para presidente em caráter provisório em 5 de



Padre Rafael Tobim, Redentorista





Momento de oração na Igreja de N. S. do Perpétuo Socorro. A senhora de esquerda é a Erothildes Silvestre de S. Mourão, a da direita Delcídia Alves de Carvalho.



Os padres Cristovam, João Maria e Geraldo, redentoristas, ao lado da imagem de São Geraldo.

janeiro do mesmo ano, o senhor Barboza Freire, com o dinamismo que lhe era peculiar, desempenhou-se satisfatoriamente na árdua missão de que fora investido até 3 de março de 1946, data em que se verificaram as eleições e posse dos corpos dirigentes, no biênio de 1946-1947, ficando assim constituída a primeira e efetiva diretoria. Presidente: José Afonso; Tesoureiro, Alberto Rodrigues. Obedecendo aos Estatutos do Apostolado da Oração, em maio do mesmo ano foram designados os primeiros zeladores em número de onze. Nessa época o Apostolado era plêiade composta de quase cinquenta associados de moços cheios de boa vontade, cooperando de todos os meios e modos para o completo êxito dessa obra gigantesca e sagrada.

Da mesma maneira, a fundação da Pia União das Filhas de Maria da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, teve lugar no dia 10 de setembro de 1944.

Foi o seu fundador o nosso muito amado irmão pastor Dom João da Mata Andrade e Amaral, sendo escolhido para diretor dessa Associação de donzelas cristãs, que se colocavam debaixo do estandarte da Virgem e Santa Inês, o Reverendíssimo padre Bernardo Van Hoomissen.

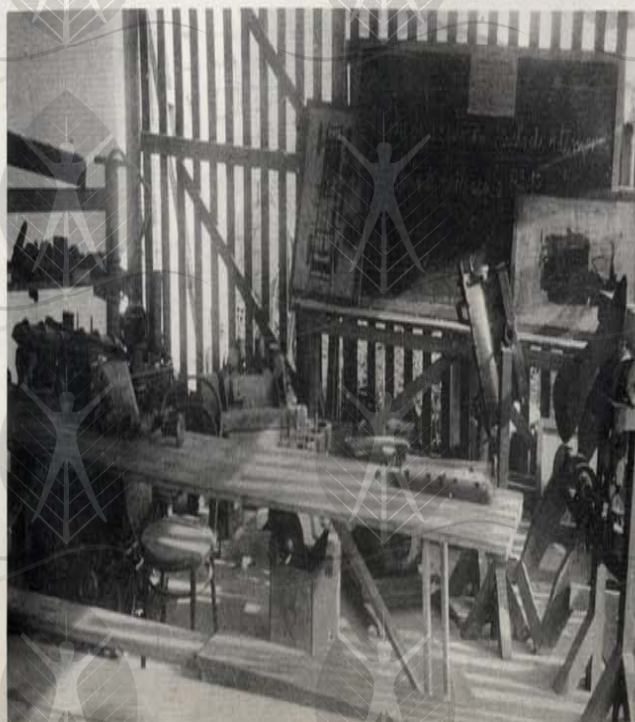
Pioneiramente receberam a fita azul oito jovens donzelas e verde seis. As fitas verdes eram usadas pelas que pretendiam ser Filhas de Maria.

A solenidade foi, verdadeiramente emocionante pela beleza dos cânticos entoados pelo magnífico coro em louvor a Virgem Santíssima. O Senhor Bispo, com o seu verbo cantante e inspirado, ardente de fé católica, e espírito de liderança apostólica, arrancou fortes manifestações de ardor cristão da massa que se comprimia durante a grandiosa solenidade — foi uma apoteose.

A Igreja de Nossa Senhora da Conceição Aparecida no bairro do mesmo nome era muito pequena, para ser exato, era instalada em duas salas da casa residencial dos padres, na



Padre André Joeger, C. Ss. Rr. e padre Plácido da Paróquia do bairro dos Educandos, foto de 1942. O padre André que era o superior dos padres Redentoristas, foi o primeiro a chegar em Manaus.



Sala de aula de Moto-mecanização, dirigida pelos padres Redentoristas americanos da Paróquia de N. S. Aparecida dos Tocos. Foto de 1942.



Grupo de Filhas de Maria num alegre fim de semana no Banho "Caçilândia" de propriedade do dr. Alberto Carreira da Silva. Da esquerda para direita: — Odaiza, Magali Alves de Carvalho, Maria e Joanelde. Foto de 1948.



Grupo de senhoras colaboradoras da paróquia de N. S. Aparecida dos Tocós. Da esquerda para direita numeradas: Alayde Cardoso, 2 — Lili de Azevedo, 3 — Zilda Palmeiras, 4 — Edina Soares Freire, 5 — Erothildes Silvestre da Silva, 6 — Padre Rafael, 7 — Francisca Torres da Silva, 8 — Delcídia Alves de Carvalho, 9 — Maria Arnaud Torres, 10 — Maria Angélica da Costa Arruda, 11 — Maria Suely de Andrade Assante.



Componentes do coro masculino da Igreja de Nossa Senhora da Conceição Aparecida. A frente o padre Bernardo, diretor do coro. Foto de 1960.



Padre André Joerger, primeiro Redentorista a chegar em Manaus no dia 23 de julho de 1943, ao lado de Dom João da Matta Andrade e Amaral, autor da vinda desses missionários para o Amazonas.

## Manaus: Ruas, Fachadas e Varandas

antiga casa onde morou o dr. Aldemir de Miranda, ex-presidente da Caixa Econômica Federal do Amazonas, atrás da área onde está construindo um pequeno bar. Qualquer ato religioso que se procedesse ali enchia as duas dependências, e as missas principalmente, eram sempre assistidas pela maioria das pessoas do lado de fora.

O número de fiéis que assistiam às pregações religiosas cresciam a tal ponto que depois de um certo tempo eram totalmente rezadas ao ar livre pela falta absoluta de espaço dentro da capela.

Ao assumir as funções de vigário da paróquia, o padre João Mc Kormick elegeu o firme propósito e pensamento de construir uma igreja com área suficiente para caber todos os fiéis da paróquia e mais um crescimento para o futuro.

Assim, em dezembro de 1945, iniciou os estudos para a construção de um novo templo que satisfizesse plenamente as necessidades do bairro. Finalmente em janeiro de 1946, teve início o projeto de construção da nova igreja que seria construída na frente da residência do padre, sem prejuízo para ereção de um maior templo no futuro, uma nova e definitiva basílica em honra da santa padroeira.

Para essa empreitada foi recrutado o encargo técnico do padre Frederico, dublê de padre, engenheiro e médico de toda a paróquia.

Padre Frederico Stratman, com o auxílio efetivo dos homens de boa vontade da paróquia, deu início a construção da capela que concluiu depois de um trabalho ininterrupto de três meses, cuja obra completamente acabada foi entregue ao público em 20 de abril de 1946, ocasião em que fora celebrada



O padre Leão, quando dava a 1ª. Comunhão ao menino Ruy Elias de Almeida na Igreja de N. S. Aparecida em 1965.



Moças componentes do coro da Igreja de N. S. Aparecida dos Tocos. Da esquerda para direita em cima, numeradas: — 1 — Francisca, 2 — Terezinha de Jesus Bentes, 3 — Laura Góis, 4 — Rosa Magali Alves de Carvalho, 5 — ?, 6 — Francisca Taboza (Nenê), 7 — Marieta Barboza Tinoco, 8 — Lindalva Pereira de Souza, 9 — Chaguinha, 10 — Amazonina Lima, 11 — Maria do Carmo de Brito Feitoza, 12 — Graçiele Brito de Andrade, 13 — Lourdes Palheta, 14 — Irmã Alba Rocha, 15 — Adília Siqueira, 16 — esmeralda Batista Rodrigues, 17 — Padre Bernardes, 18 — Maria Amélia Sanches (no centro em baixo de braços cruzados). Foto tirada no dia 28 de março de 1948.



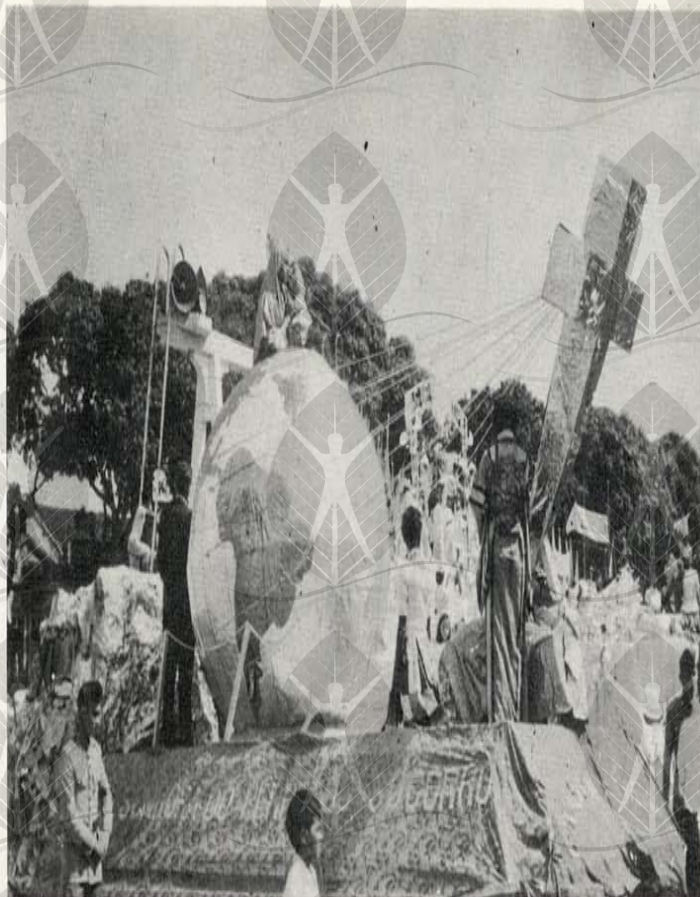
Um padre redentorista quando chegava à cidade de Codajás pelo avião da Panair. Note-se em cima na extrema esquerda o "Catalina" amerissado nas águas do Solimões. Foto 1954.



O padre Agostinho Redentorista, oferecendo a 1ª. Comunhão à menina Ruth Almeida Elias. Foto de 8.12.1960.



Flagrante da solenidade do lançamento da Pedra Fundamental do Colégio Nossa Senhora Aparecida na Rua Comendador Alexandre Amorim, ao lado direito da casa onde se instalaram os primeiros padres que chegaram em Manaus.



Carro alegórico representando o trabalho das Santas Missões no Brasil e no mundo numa concepção do artista Moacir Andrade. Esse carro foi apresentado por ocasião do encerramento das Santas Missões no Estádio General Ozório em Manaus.

a primeira missa em suas dependências pela passagem da páscoa. Essa capela tinha a forma retangular, era totalmente construída no alinhamento da rua, sua porta principal ficava no centro do edifício, exatamente em perpendicular com o eixo da Rua Xavier de Mendonça. Possuía duas pequenas torres retangulares que encimava mais ou menos uns oitenta centímetros acima da parede frontal.

O altar-mor, também ficava coincidindo com a porta principal no fundo da nave. A igreja tinha uma singularidade, era mais larga e tinha pouco fundo devido a construção do colégio que se iniciava atrás.

Nessa igreja durante muitos anos aconteceram todos os atos litúrgicos da paróquia: missas, novenas, terços, rosários, catecismos, orações, batizados, casamentos, etc... Até que deram início aos estudos para construção da nova basílica, cujo autor do projeto foi o desenhista de arquitetura Moacir Andrade, engenheiro responsável José Florêncio e cuja construção fora feita pela empresa Sociedade de Obras Limitada de propriedade do senhor Joaquim José Cunha e imitações de mármore interiores pelo senhor José Gaspar.

Vale ressaltar aqui que entre muitas pessoas que se dedicaram de corpo e alma ao trabalho cooperativo dos padres redentoristas, o pai das professoras Lucinda e Lili Azevedo destacou-se doando um valioso prédio às missões redentoristas na Rua Joaquim Nabuco, entre a Lima Bacuri e a José Paranaçuá, e o prof. Rebelo, homem que apesar da idade e da pouca saúde que tinha, não deixava de prestar a sua con-

tribuição valiosa às associações que ajudou a fundar e que pertencia orgulhosamente.

Foi entretanto durante os primeiros anos de vida da paróquia em torno da primitiva igreja que se estabeleceu o grande laço afetivo entre a irmandade dos padres redentoristas e o povo do Bairro de Aparecida dos Tocós, quando a igreja era apenas duas pequenas saletas na casa onde se instalaram os padres ao chegarem em Manaus. Aí mantinham um pequeno laboratório médico e odontológico, cujos profissionais responsáveis eram os odontólogos Luiz Melo e Manuel Trindade. A parte de medicina ficava sob a responsabilidade do padre Frederico que atendia as pessoas em horários rigidamente estabelecidos.

Duas moças da Pia União das Filhas de Maria destacaram-se no trabalho missionário de atender os doentes que procuravam os serviços ambulatoriais: as senhoritas Waldemarina Pinheiro e Redenção Araújo, além de Noêmia Cinque, mais tarde irmã Adoradora do Preciosíssimo Sangue. Elas eram as abençoadas enfermeiras, os anjos da guarda, da ternura, que recolhiam a qualquer hora do dia ou da noite as pessoas que necessitassem dos seus serviços.

Waldemarina Pinheiro hoje é alta funcionária da Caixa Econômica Federal do Amazonas e Redenção Araújo seguiu o seu destino de aliviar os sofrimentos do próximo, é assistente social da Eletronorte em Manaus, onde presta o seu



Flagrante do levantamento do Cruzeiro Missionário na Praça da Bandeira Branca em 1954.



Aspecto da construção do Colégio N. S. da Conceição Aparecida, na Rua Comendador Alexandre Amorim, bairro dos Tocos. Foto de 1944.



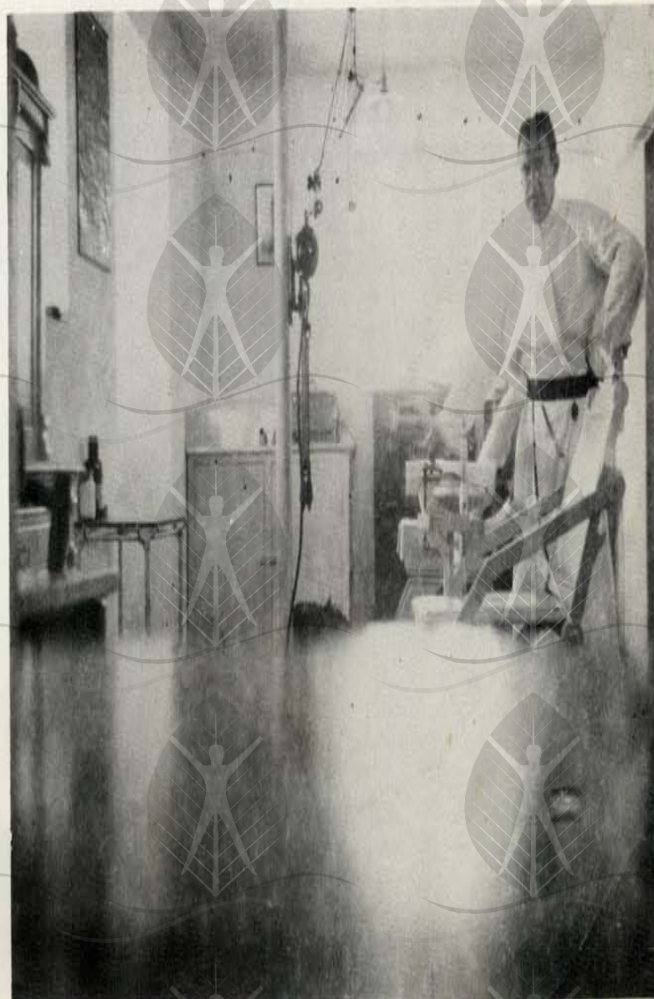
Padres pregadores missionários de várias províncias eclesíásticas do Brasil, na ocasião do encerramento das Missões Gerais de Manaus, nas arquibancadas do Estádio General Ozório.



Dom Mário Roberto Angelim, ex-Vigário da Paróquia de N. S. Aparecida dos Tocos. Foto tirada em 1980.



Flagrante de um casamento na Igreja de N. S. Aparecida. Na foto, levando a noiva o Des. Paulo dos Anjos Feltoza. atrás, o pintor Moacir Andrade com sua esposa dona Graziema Britto de Andrade.



O vigário da Paróquia de N. S. Aparecida dos Tocos, padre Frederico, duble de padre, mecânico, eletricitista, médico e dentista. Na foto o padre Frederico numa pose ao lado da cadeira de dentista onde atendeu milhares de paroquianos.

inestimável serviço no campo da assistência moral e social aos seus muitos colegas de trabalho.

Paralelamente à assistência médica e odontológica, havia também um bem montado curso de inglês para a juventude, ministrado pelos próprios padres americanos que assim exercitavam o seu português. Muitos jovens hoje em dia, são intérpretes profissionais com seus cursos de línguas iniciados no pequeno colégio dos padres redentoristas, instalados numa das dependências da antiga e desaparecida igreja.

Aliás, esse foi o primeiro curso de inglês regular de Manaus que se tem notícia.

Alguns anos depois, isto é em 1962, foi fundada a CARITAS, Brasileira Regional de Manaus e instalada numa das dependências do prédio da antiga igreja, mudando-se depois para uma das salas do subsolo onde funcionava o ambulatório, no edifício do Colégio N. S. Aparecida, construído atrás da igreja antiga. Ali havia um pequeno escritório e depósito de mercadorias diversas que eram enviadas pelo povo americano, denominados de Alimentos para a Paz, através de um plano internacional de auxílio mútuo. Esse escritório foi durante muito tempo chefiado pela senhorita Lucimar dos Anjos Feitosa, que foi a Secretária Executiva da organização e que durante muito tempo dirigiu com proficiência, assiduidade e probidade moral os seus serviços sociais, distribuindo para a população pobre dos bairros e dos municípios do interior do Amazonas, os alimentos que vinham dos Estados Unidos.

Além desses trabalhos assistenciais às famílias carentes, a



Dona Rosa dos Anjos Feitosa, senhora de muitas histórias do Bairro de N. S. Aparecida, antiga funcionária da Escola Normal, hoje Instituto de Educação do Amazonas. Dona Rosa colaborou estreitamente para que esse livro fosse uma realidade.

Caritas também assistia na construção de casas, fossas e outros meios. Foi o seu primeiro diretor o padre Thomé Morissey, incansável sacerdote que muito deu de si em prol do melhor desempenho dessa instituição.

A Sociedade Recreativa Católica de Aparecida, cujo grande incentivador e criador foi o padre João Mc Kormick, teve decidida atuação no campo social do bairro, não só congregando a juventude para a devoção ao santo amor de Jesus, mas também reunindo-a através de diversos entretenimentos sadios que marcaram época nos anais da paróquia.

Quem não se lembra dos famosos arraiás, dos bingos



Essa ponte ligava as duas margens do Igarapé das Pedreiras. Ao fundo, à direita uma cabana onde as pessoas podiam defender-se do sol. Foto de 1953.



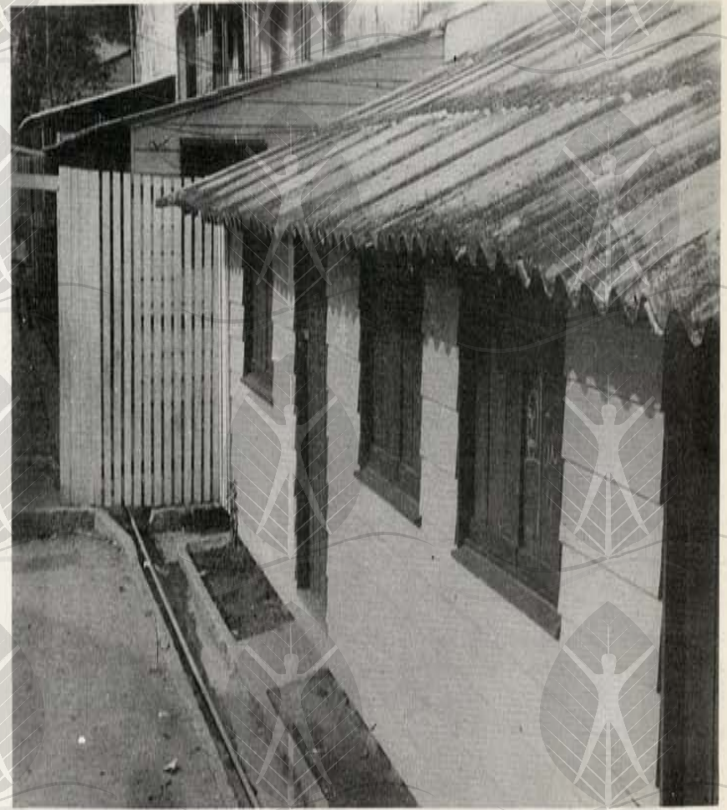
O Igarapé das Pedreiras era um verdadeiro paraíso de águas límpidas e transparentes, onde os paroquianos passavam algumas horas de plena alegria.



Moças da Pia União das Filhas de Maria banhando-se nas águas do Igarapé das Pedreiras na Estrada do V-8. Foto de 1953.



**Reunião comemorativa de aniversário da Sociedade Recreativa e Católica de Aparecida. Em pé da esquerda para direita: Cordeiro; Antonio Lisboa de Oliveira; José Afonso; padre João Mc Kormick; Paulo dos Anjos Feltoza e sua noiva, Maria do Carmo Britto. Sentados na mesma direção: dr. Angelo D'Urso; prof. Francisco Rebelo de Souza.**



**Pavilhões provisório construídos em madeira ao lado do prédio de propriedade dos padres Redentoristas doado pela família Miranda Corrêa. Nesses pavilhões eram ministradas aulas de inglês, costura, mecânica e eletricidade, gratuitamente.**

gritadas pelo Brígido Nogueira; do microfone do Zeca Afonso, anunciando todas as 19:00 horas de cada dia durante o arraial o seu exercício de locutor e de dezenas de moças bonitas trabalhando como abelhas zelosas nas muitas barracas de prendas e guloseimas espalhadas ao longo da Rua Xavier de Mendonça nas inolvidáveis noites de setembro depois das novenas solenes em honra de N. S. Aparecida; das "prisões" que elas faziam com seus círculos de arame todo enfeitado de flores. A gente dava dez tostões e ganhava a liberdade, as vezes ganhava prisões afetivas para o resto da vida, pois muitas dessas prisões deram em casamentos.

Quem não se recorda das imensas fatias de bolos confeitados vendidos aos moços por pouco mais ou nada: do bar que ficava na pracinha da Xavier e era servido por garçonetes lindíssimas que atraíam toda rapaziada de Manaus causando ciúmes a dos Tocos muitas vezes dando em verdadeiros "rolos".

Eram tantas as moças bonitas que se reuniam naquelas festas populares que se fôssemos nomeá-las dariam muitas folhas de papel. Os concursos de bonecas vivas, de rainhas do arraial e outros divertimentos que reuniam almas e corações numa perfeita confraternização, aquele povo ordeiro do Bairro de N. S. Aparecida dos Tocos.

Quando terminava o arraial, depois do dia 15 de setembro, a Sociedade Recreativa promovia um piquenique no banho das Pedreiras, de propriedade das Missões Redentoristas, na

Estrada do V-8. Ali iam todas as pessoas que trabalhavam no arraial com suas famílias, seus amigos mais chegados, parentes etc...

Eram momentos de puro congraçamento, o lugar muito lindo, um belíssimo igarapé de águas puras e transparentes correndo sinuosamente por entre a floresta densa, um verdadeiro túnel formado de árvores gigantes. Havia uma ponte de madeira que ligava as duas margens. A casa dos padres ficava na margem oposta, onde as pessoas reuniam-se para fazer refeições na hora do almoço, ocasião em que haviam verdadeiras manifestações de arte. Uns cantando, outros tocando violão, outros dançando, enfim era uma hora de plena harmonia social.

Padre João Mc. Kormick; padre Bernardo Van Hoominsen; padre Frederico Atratman; padre Normando Muekerman; padre Thomas Murphy; padre Eugênio Dates, irmão Stanislaw Dunn; irmão Cornélio e outros que estão eternamente ligados a história da paróquia, pelo trabalho que realizaram ao longo de sua permanência no bairro dos Tocos em Manaus, onde fizeram de cada habitante, um amigo e um irmão agradecido.

Uma das fortes razões porque a igreja foi construída mais larga do que mais comprida, era a área dos fundos estar destinada a construção do colégio que depois foi administrado pelas irmãs Adoradoras do Preciosíssimo Sangue, vindas dos Estados Unidos num trabalho promocional de alta en-

vergadura ainda pelo bispo Dom João da Mata Andrade e Amaral, cujas primeiras freiras chegaram aqui em 1949 e foram hospedadas nas residências das professoras Lili e Lucinda Azevedo na Rua Comendador Alexandre Amorim, nº. 392 e Dirce Ramos na Rua Monsenhor Coutinho nº. 61, até que foi construído o convento na Avenida Constantino Nery. Antes porém, as irmãs compraram aquele vasto terreno que era de propriedade da firma I. J. Benzecry, onde antigamente havia uma fábrica de beneficiamento de castanha. Reformado o prédio sob projeto do dr. Abílio Nery, foi adaptado para dormitório, refeitório, salas de aula e outras dependências de importância num convento, até ser construído o novo pavilhão, cuja firma construtora responsável, foi a Sociedade de Obras Ltda., empresa de construções civis de largos serviços prestados a comunidade de Manaus, inclusive todos os colégios religiosos femininos, cujo presidente era o construtor Joaquim José Cunha.

A maior parte das irmãs que constituíram o primeiro escalão do convento das Adoradoras do Preciosíssimo Sangue, saiu das famílias da paróquia de Aparecida, através de um trabalho missionário muito bem dirigido às vocações sacerdotais, capitaneado pela irmã Julita, superiora da congregação, moças de profunda convicção religiosa, todas elas pertencentes a congregação da Pia União das Filhas de Maria.

As irmãs Adoradoras do Preciosíssimo Sangue prestaram



**Grupo de moças banhando-se no limpo Igarapé das Pedras de propriedade da Irmandade dos Padres redentoristas nas Estrada do V-8. Foto de 1947.**

inestimável serviço a paróquia, ministrando aulas de catecismo às crianças, de todo o bairro e administrando o colégio e a igreja, ministrando aulas às pequenas escolas dos bairros pobres mantidos pela paróquia, trabalhando no ambulatório etc...

Além de prestar estreita colaboração às famílias carentes, espalharam-se em vários municípios do interior do Amazonas onde foram exercitar o seu trabalho missionário.

Paralelamente aos trabalhos religiosos prestados a comunidade, os padres dirigiam várias promoções de caráter educativo entre as quais um curso de mecânica e outro de eletricidade, ministrado pelo padre Frederico e mestres de largo tirocinio profissionais moradores no próprio bairro, prestando assim, largo benefício à juventude, e formando técnicos de alto gabarito.

O curso de corte e costura, flores e ornatos, por exemplo, destacou-se dos demais de maneira extraordinária pelo grande número de pessoas interessadas que procuravam matrículas nas salas de aulas, criando inclusive problemas de espaço.

O curso que durou muitos anos produzindo exemplares costureiras e floristas, teve a sábia direção das Filhas de Maria, Regina Costa Lima e Amazonina Costa Lima que muitos e benéficos serviços prestaram ao longo de mais de uma década à mocidade feminina de Aparecida.

A escola de corte e costura flores e ornatos funcionou num grande galpão todo de madeira coberto de folhas de alumínio, ao lado do edifício do antigo Colégio Brasileiro, hoje Colégio Pedro I, pela Rua Comendador Alexandre Amorim.

Além dessas promoções de finalidade altamente instrutiva, haviam ainda as festas recreativas no pátio interno do colégio e a participação de todos os alunos e pessoas convidadas em todas as comemorações festivas da paróquia.

Entretanto é de justiça frisar que sem a efetiva participação das famílias residentes no bairro que muito deram de si para que aquele esforço fosse essa realidade, jamais os padres redentoristas ou outra qualquer irmandade alcançariam a



**Grupo de senhoras colaboradoras da Paróquia de N. S. Aparecida. Da esquerda para direita numeradas: 2 — Lili Azevedo; 3 — Zilda Palmeira; 4 — Maria Edina; 5 — Erotildes Mendes; 6 — Padre Rafael Tobin (redentorista); 7 — Francisca Corrêa (Chiquinha); 8 — Delcídia Alves de Carvalho; 9 — Maria Arnaud; 10 — Maria Angélica Costa Arruda; 11 — Suely Andrade.**



**Padres missionários Redentoristas da Paróquia de N. S. Aparecida dos tocos. Na foto da esquerda para direita: — Rev. padres David Shannon, C.Ss.R.; William Hogam, C.Ss.R.; Eugene Oates, C.Ss.R. Foto tirada em 23 de março de 1957.**

vitória que realmente alcançaram, fazendo desse recanto de Manaus um dos mais bonitos, simpáticos e ordeiros da capital. Por isso não é demais, lembrar nomes de pessoas dedicadas como Petronilla do Valle Britto, João Fernandes de Britto, Paulo dos Anjos Feitosa, Maria do Carmo de Britto Feitosa, Georgina do Valle Britto, Graciema Britto de Andrade, Brígido Torres Nogueira, Maria da Glória Queiroz Nogueira, José Afonso, Marta Afonso, Francisco Rebelo de Souza, Gertrudes Rebelo de Souza, Eduardo Marques, Raimunda Marques, Pedro Silvestre Lourdes Silvestre, Antonio Martins Sanches, João Barboza Freire, Eliza Freire, José Antonio Ventura, Lili Azevedo, Lucinda Azevedo, Dirce Ramos, Antonio Lisboa, Edina Freire, João Francisco Toledo, Almcinda Lima dos Santos, Redenção Araújo, Francisca Corrêa, Erotildes Silvestre, José Antonio de Moraes Teixeira, Maria Reis Teixeira, José Oliveira, Lygia Pacheco Oliveira, Marinha Teixeira, Amazonina Costa Lima, Regina Costa Lima, família Palheta, Delcídia Carvalho, Benigna Garcia, Rosa dos Anjos Feitosa, Cleomar dos Anjos Feitosa, Dagmar dos Anjos Feitosa, Lucimar dos Anjos Feitosa, Angélica Arruda, Odaisa Braga Martins, Albino Fortes, Neusa Fortes, Alberto de Jesus Greijal, Izabel Greijal, Antonia Lopes dos Santos e muitos outros que encheriam páginas.





• Comandante Cleves de Assis



Iracema de Assis



Lara de Assis



Tabajara de Assis



A menina Jacira de Assis

fabulosa hileia, fez da Amazônia um santuário de farto e eclético material cultural que mesmo violado e agredido por culturas alienígenas, sobrevive sobranceiro, graças talvez a imensidão de sua continental área e conseqüentemente, a disseminação por todas as pequenas cidades plantadas às margens de seus longos rios, como sentinelas e repósitos eternos de suas mais puras e sagradas características, principalmente a sua imensa vocação hidroviária.

O dia 11 de janeiro de 1853, abriu novas perspectivas para a sociedade local com a inauguração da linha fluvial Belém- Manaus, aberta pelo navio a vapor "Marajó". Sua chegada em Manaus trouxe além da semente de uma nova era para o comércio e para o intercâmbio cultural mais intenso entre o Norte e o Sul do País, alguns costumes pouco conhecidos e

•O comandante Cleveland (Cleves na intimidade) era exímio contador de histórias e estórias do Interior do Estado que povoava de imagens a minha cabeça de menino.

## A Sociedade de Manaus

A sociedade amazonense inicialmente, foi edificada com a efetiva participação de três raças distintas: o português invasor, o índio nativo e o negro importado, este último, pouco contribuindo para a nossa miscigenação, graças ao pequeno número de escravos que para cá foi trazido, não influiu na participação do elemento comum, em decorrência do grande número de nativos que dominou culturalmente toda a área, principalmente na formação da família cabocla, depois enriquecida com elementos árabes atraídos pelo lucro fácil da borracha, já com ampla divulgação em todas as grandes capitais do mundo.

Essas três raças distintas, representadas pelos vários níveis sociais econômicos, políticos, culturais, edificaram uma sociedade forte singular, com hábitos, costumes, e um dia a dia somente usados nessa imensa área, tornando-a por esse motivo, de um exotismo todo atraente aos adventícios que para cá se dirigiram com o afã de estudar e colher material para realização dos seus livros e para o seu próprio deleite.

Os hábitos e os costumes, associados à natureza da

exercitados pela rarefeita população daquele meado do século XIX. O coquetel oferecido aos tripulantes e passageiros do barco visitante foi principescamente organizado pela comissão de recepção constituída de autoridades capitaneada pelo Presidente da Província e por outros figurões do Governo, entre os quais, o secretário Wilkens de Matos, o Juiz Félix Gomes do Rego e do Cônego Joaquim Gonçalves de Azevedo Presidente da Assembléia Provincial.

Esse navio trouxe para a capital da Província alguns costumes pouco conhecidos na cidade da Barra, principalmente na roupa, que logo foram imitadas pelas senhoras mais aquinhoadas e de bom-gosto acostumadas a receberem os navios a vela, de pouco calado, sem o contorno de um barco moderno de ferro, movido a vapor, dotado de camarotes individuais mais amplos coletivos e maior espaço para passageiros e carga.

Não é preciso fazer muito esforço de imaginação para ver as senhoras e as jovens da época olhando avidamente todos os pequenos detalhes dos vestidos longos das damas que visitaram a Cidade da Barra naquele mês de janeiro de 1853; os penteados, as jóias as meias, os sapatos, os gestos, enfim a moda como elas se vestiam e comparando-as com as ilustrações das velhas revistas atrasadíssimas vindas de Paris, de Londres e de Lisboa, pelas mãos da marinhagem que



O jornalista Aristophano Antony, aos 19 anos de idade.



serviam de modelo para as modistas portuguesas e caboclas da sede da Província.

A vinda para a Amazônia de muitos cientistas europeus e a divulgação de suas riquezas naturais na Europa, como a borracha, a castanha, óleos vegetais e outros produtos, trouxe para Manaus, uma infinidade de hábitos e costumes desconhecidos da população, principalmente no que concerne à indumentária, logo imitados pelas elegantes, que não esperaram muito para copiar os novos modelos.

Já em 1865, quando o Amazonas era alvo do interesse maior de cientistas e políticos que vieram com o propósito prioritário de estudar as suas riquezas e possibilidades comerciais com a Europa e América já totalmente inteirados de conhecimento de sua intimidade, e a cidade embora distando apenas 12 anos da vinda do "Marajó", experimentava um sensível progresso, as damas já conheciam toaletes mais sofisticadas, confeccionadas com tecidos de alto padrão e modelos importados de Paris e de Londres via Lisboa. Para se ter uma idéia de como vivia a melhor sociedade manauara de então, basta verificar o que escreveu a senhora Elizabeth Agassiz, esposa do sábio Agassiz que visitava Manaus na oportunidade: "A noite do dia marcado não foi favorável como se desejava; estava muito escuro e, como o luxo de carruagem é totalmente desconhecido, os grupos

atravessavam às carreiras as ruas, iluminadas por lanternas de mão. Aqui e ali, pelo caminho, via-se num trecho de rua, surgir do escuro uma toaleta de baile saltando por cima duma poça de lama... (...) era grande a variedade de toaleta; a seda e o cetim misturavam-se a lã e as gases, e os rostos mostravam todas as tonalidades, do negro ao branco, sem esquecer as cores acobreadas dos índios e dos mestiços".

O ambiente que a cronista escreveu era de um salão de festa organizado pelo Presidente da Província do Amazonas, Dr. Antonio Epaminondas de Melo, com o fim de realizar um baile em honra de um ilustre visitante, — Dr. Aureliano Cândido Tavares Bastos, Deputado à Câmara Imperial pela Província de Alagoas, Doutor em Direito, que vinha desde o ano de 1861, lutando galhardamente nas tribunas do Parlamento e da Imprensa, em defesa da livre navegação do Amazonas, ao qual também compareceu o casal Agassiz.

Madame Agassiz, com seus olhos de pesquisadora social registrou a presença ali, de "rostos que mostravam todas as tonalidades, desde o negro ao branco, sem esquecer as cores acobreadas dos índios e dos mestiços"... "Fastigio e Sensibilidade do Amazonas de Ontem". Genesino Braga. Manaus.

Como se vê, uma sociedade feita de homens vindos de muitas origens, desde o índio puro de roupa e de maldade,



Ana Rita Cordeliro Antony, filha do Jornalista Aristofano Antony, uma das mais belas mulheres de Manaus.



Aristophano Antony numa foto em família. Numerados da esquerda para direita: 1 — Flávio Cordeiro Antony; 2 — Maria de Lourdes Antony do Carmo Ribeiro; 3 — Dona Edall Cordeiro Antony; 4 — Ruth Antony Skrobot; 5 — Leandro Cordeiro Antony; 6 — Ana Rita Cor-

deiro Antony; 7 — Maria Eneida Antony Coelho; 8 — Aristophano Antony; 9 — Maria Luiza Antony Parente; 10 — José Rogério Crodeiro Antony.

descalço, com seus olhos amendoados e sua pele acobreada, do negro importado, com suas crenças, suas comidas, suas danças, sua música, sua fidelidade e sua profunda ternura; do português invasor, com suas leis, seus hábitos, seus costumes, suas disciplinas militares, suas roupas, suas armas, suas artimanhas e sua desmedida ambição; do árabe aventureiro, armado de uma coragem desmedida e de uma vontade sem limite para enriquecer, subindo e descendo os rios, paranas furos à cata de produtos regionais que trocava por quinquilharias e remédios num verdadeiro escambo, para depois, com os poroes abarrotados de borracha, castanha, óleos vegetais e couros silvestres, descer os rios com destino a Manaus enchendo a sua solidão com planos para o futuro; dos cearenses, pernambucanos, alagoanos, sergipianos, maranhenses, e amazônidas de outras procedências, como peruanos, bolivianos, venezuelanos, colombianos, e guianenses; dessa gente toda nasceu uma sociedade de muitas tradições, de muitas etnias, de muitos hábitos, de muitos costumes, de muitas caras mas de uma só alma, de uma alma



Leopoldo Peres e Aristophano Antony na redação do seu jornal "A TARDE", instalado no prédio na esquina das ruas Henrique Martins com Lobo D'Almada.

amazônica, alimentada com farinha de mandioca, com o peixe farto e bom dos nossos rios e lagos, rezando no grande catecismo das nossas lendas — Bíblia maior da nossa gente, documento imorredouro das nossas origens, onde a disciplina se processa sem a sombra agressiva da polícia, porque somos eternamente protegidos pelas invisíveis asas dos nossos sagrados caruanas, mãe dos rios, mãe da vida, guardiões da nossa felicidade, da nossa fartura e da nossa crença.

A pirâmide social do Amazonas é policrômica e polimorfa, somos um povo de muitos rostos, de muitas cores, de muitos gestos e de muitos níveis, e o nosso paladar não é feito só de



Da esquerda para direita os jornalistas: 1 — José Cidade de Oliveira; 2 — Augias Gadelha; 3 — Weslei Worm de Miranda Braga; 4 — Wanderley Pinto; 5 — Milton de Magalhães Cordeiro; 6 — Guilherme Gadelha. Foto Oséas Ramos.

comida, mas traduz-se de muitas maneiras, de muita ternura, de muitos cheiros, e de muitos gestos; nossa mesa tem a fartura de muitos pratos, de muitas indumentárias e a magia de mãos que manipulam os pratos como quem ama. Nossas farmácias se espalham como bênção fartas por todos os recantos da cidade, em cada pedaço de chão nú cresce um arbusto e um remédio; em cada raiz um milagre; em cada casca de árvores um succulento xarope capaz de curar uma enorme multiplicidade de doenças morais, espirituais e físicas. Assim é nosso povo, assim é nossa gente, nossos irmãos de olhos castanhos, negros, verdes, azuis, amarelos, cinzentos, mas capaz de olhar o próximo com muita ternura e com muito amor, seja, ele um simples carregador do porto ou um garboso oficial da nossa magnífica Polícia Militar; um humilde serventário de repartição pública ou um senador da República; um aplicador de injeções ou um médico de nomeada; um vendedor de puxa-puxa ou um comerciante de muitos recursos.

Ninguém melhor do que Cunha Lima define a nossa gente quando diz que "todo o retrato é uma coisa mentirosa. Revela sempre um tempo que já era, uma cara que não é mais, um corpo sem relevo. No entanto, é a única verdade que sobra de nós. E, por sobrar, nós passamos a ser apenas retrato". Quando tiramos um retrato, o fazemos com nossa melhor roupa, com nosso melhor bom humor e ensaiamos

solenemente a nossa melhor pose. Nunca se tira um retrato olhando para trás mas para frente, para o futuro, para a posteridade. O retrato é um documento do presente, da nossa ternura, da visagem do nosso interior, da nossa calma, da nossa alegria, bom humor, festa da alma, com extensão para o futuro. A roupa, os sapatos, as jóias, o penteado, o chapéu, os móveis, as casas, os gestos e a própria data registrada em cada fotografia é um documento singular da nossa vida, não uma coisa mentirosa como afirmou em seu livro o preclaro anfrade Jorge da Cunha Lima, mas a única verdade que sobra de nós, afirmada por ele mesmo.

"Para você, amado filho, para que se lembre sempre de sua amantíssima mãe e amiga", 17.03.1827" ou "Ao meu grande amigo e irmão Augusto, para que recorde este inolvidável momento. José". Manaus, 08 de agosto de 1886, ou ainda "Querida amo-te eternamente". Sempre teu. Henrique. Manaus 3 de janeiro de 1880. "Querida, guarda este retrato com a eternidade do nosso amor. Teu sempre, Ricardo. 25 de dezembro de 1878".

Haverá coisa mais eterna, mais terna, pura, mais humana



Professor Fueth Paulo Mourão, uma das glórias do magistério amazonense, mestre exemplar, professor, do Ginásio Amazonense Pedro II, Colégio Dom Bosco, Santa Dorotéia e Maria auxiliadora. Foi o fundador da Escola Normal São Francisco de Assis hoje desaparecida.



As famílias Ruy Araújo, Oliveira Lima e Magalhães Cordeiro, num passeio pelo paraná do Careiro na lancha Pedro Bacelar. Foto de 1944.

que estas frases? Todas escritas sob intensa emoção de amor, foram escritas há mais de 100 anos, e a grandeza desses sentimentos sempre afloram à nossa sensibilidade quando temos a oportunidade de ler o texto e olhar por alguns minutos a foto.

A fotografia é o único documento de uma pessoa que não muda nunca. O homem entretanto, desde o seu nascimento até a sua morte por velhice ou doença, muda constantemente de feição como também mudam os costumes e os hábitos. Mas, o retrato, este, como um monumento imorredouro, guarda eternamente aquele flagrante eterno de um instante que atravessará incólume, o tempo e o espaço, dizendo sempre presente em todos os alvoreceres do futuro.

Os museus guardam as peças que os homens do passado construíram; os relógios, as jóias, os móveis, as obras de artes, os veículos, os instrumentos musicais, as armas, e uma infinidade de peças singulares e irreversíveis. E os retratos? Os retratos guardam como uma mágica presença, antigas feições e gestos, são visões estáticas de uma época, são memórias afetivas de um momento da vida de homens que amaram, odiaram, mas construíram o relicário de uma sociedade, de uma cidade com seus edifícios, suas igrejas, suas escolas, seus hospitais, seus jardins, parques, seus monumentos, seus livros, memória de um passado glorioso, cheio de romances,



Dom João Andrade e Amaral, bispo de Manaus. Atrás, frel Ambrósio da paróquia de São Sebastião. Foto de 1942.



Turma de professoras normalistas formadas pela Escola Normal São Francisco de Assis no ano de 1949.

dramas, angústias, perspectivas, histórias, estórias, esperanças, de sangue, suor e lágrimas, vividos num tempo já bastante distante de nós, mas que ficou indelevelmente gravado nas fotografias que tiraram com muito respeito e com muita solenidade para que nós, seus netos, bisnetos tetranetos e todas gerações do futuro os repitem e venerem pelo menos como documentos de um singular instante de ternura, de felicidade, de amor e sobretudo de humanismo.

O homem sempre buscou imortalizar a sua imagem e seus grandes momentos, fosse na pedra ou na madeira, pintando os extensos muros das cavernas ou as cúpulas dos templos religiosos, sob a eternidade dos dolmens ou dos menires construindo as grandes pirâmides ou esculpindo o mármore, gravando as grandes encostas de altas montanhas ou fundindo em bronze; riscando o couro de carneiro ou o papiro das margens do legendário Nilo; o vidro de cristal ou o duro ônix.

Graças a esse instinto de comunicação com o futuro é que nós em pleno século XX podemos conversar com o que se passou com nossos ancestrais há milhões de anos, nossos parentes mais distante na história.

Por isso, tive a idéia de realizar esse documento, esse retrato social coletivo já há alguns anos projetado, quando venho com a paciência que Deus me deu, solicitando dos meus

amigos, intelectuais, pessoas interessadas, juntando fotografias antigas, selecionando-as, identificando-as para que a posteridade tenha conhecimento de uma parte da história do homem amazônico, sua participação no desenvolvimento da Amazônia brasileira e de uma parte do homem amazônico, sua participação no desenvolvimento sócio-econômico, sua imensa cultura e a sua mistura genética. E é com o maior respeito e veneração que entrego a você leitor, estas páginas com alguns retratos de pessoas que ajudaram a construir essa nossa tão querida sociedade de Manaus.

Para sua reflexão, entrego algo que fala muito de perto de mim, de você, da sua, da nossa intimidade, urbana, do nosso universo anfíbio, dessa Amazônia misteriosa, grandiosa, amantíssima, cuja água corre em nossas veias e mata a sede de nossa alma, com o mesmo ritual com que umedeceu a nossa pele pela primeira vez em nossa vida.

Vale a pena reafirmar que esta árvore maravilhosa, cuja copa milagrosa, eclética, policrômica e cheia de vida, estende-se em todas as direções e a todas as almas num perfeito abraço de profundo entendimento, confraternização e sincretismo, que a antropologia chama de sociedade, confinada nesta



Desde criança a mulher amazonense, manifesta a sua inteligência, fibra, beleza e muita fé no futuro.



Turma de professores normalistas de 1925 da Escola Normal do Amazonas.

Manaus, capital do Estado do Amazonas e sede da Zona Franca de Livre Comércio.

Ela não poderia ser diferente de todas as suas co-irmãs de todo o mundo, com seus médicos, seus engenheiros, seus advogados, seus economistas, seus administradores, seus enfermeiros, seus escritores, seus jornalistas, com sua fé em Deus manifestada de mil maneiras, desde o milenar judaísmo, muçulmanos, católicos, protestantes, espíritas, umbandistas, budistas, confucionistas ou simplesmente o zen, com sua filosofia simplista de zelar pela natureza indefesa; construindo a sua teia onde vive um povo ordeiro, trabalhador, harmonioso; onde se entrosam numa verdadeira orquestra de sensibilidade os pintores, escultores, compositores, cantores, ficcionistas, e um gama enorme de participantes humanos que se unem numa só força permanente, dinamizando a cidade como o próprio sol que irradia a vida todos os dias.

Muitas foram as famílias que contribuíram de maneira relevante e permanente, para que a cidade de Manaus conquistasse como de fato conquistou, o lugar que desfruta hoje no seio da família brasileira, como uma sociedade feliz, consciente do seu futuro e de sua importância no concerto nacional, onde embora sem a opulência do passado, ostenta entretanto a segurança de um futuro garantido para sua juventude, naturalmente embasado no cuidado, na orientação e no sacrifício daqueles que agora são apenas um pouco de



A ginásiana Neuza Ignez Inteligente, bonita e valente. Hoje advogada no Rio de Janeiro.



Chegada do deputado federal Leopoldo Pères.



Dr. Ribeiro da Cunha, patrão do Grupo Escolar Ribeiro da Cunha onde o autor estudou o curso elementar.

saudade representados em algumas destas fotos amarelcidas, registradas carinhosamente nas páginas dessa obra.

Seria humanamente impossível, registrar em algumas linhas de um livro, uma verdadeira galáxia de acontecimentos sociais ao longo da história de um povo, mas, vale a pena, dar a luz a alguns pingos mais afetivos de certos fatos mais recentes, vividos e sentidos por muita gente que sem dúvida olhando com atenção algumas das fotografias que datam do fim da Segunda Grande Guerra que muito marcou a sociedade de Manaus, os movimentos políticos que movimentaram a cidade, principalmente, a juventude; a reformulação da estrutura do ensino primário e secundário, o retorno das velhas bandeiras estaduais ainda desconhecidas da adolescência; o reentrosamento com os países beligerantes que antes foram intensamente divulgados em todo o mundo aliado, como monstros cruéis, enfim o pós 1945 era um mundo novo surgindo para uma juventude também nova e inexperiente, ainda cheia dos temores do conflito fratricida.

Com o fim da ditadura de Getúlio Vargas e a primeira Constituinte em 1946, a mocidade de então, experimentou euforicamente a beleza de uma campanha política democrática que ainda não tivera oportunidade de conhecer.

Naquela época havia ainda grande quantidade de navios a



Da esquerda para direita. Prof. Félix Valois Coelho, Dr. Antonio Maia; Ministro Waldemar Pedroza e Waldemar Pinheiro.



Dois jovens da sociedade de Manaus, Maria de Lourdes Barreia esposa do juiz do Tribunal de Contas Dr. Miguel Barreia e Amazonina Câmara, esposa do Fernando Câmara proprietário do Hotel Amazonas.

vapor que o povo denominou de gaiolas. Esses tipos de navios foram de fundamental importância na campanha da Primeira Constituinte. Havia as desobrigas políticas pelo interior do Estado que eram realizados nesses barcos, cujas viagens até Parintins, duravam até 15 dias, ida e volta, com música, comida e bebida e muita animação a bordo tudo de graça, por conta do partido, para a mocidade que se divertia a valer durante toda essa longa viagem.

Naquele tempo eu estudava no Colégio Estadual do Amazonas e pertencia ao Diretório Estudantil do Partido Social Democrático PSD, cuja diretoria era composta dos estudantes Djalma Passos, Ulysses Azevedo, Eurípedes Ferreira Lins e outros. O Diretório Estadual era presidido pelo médico dr. Flávio de Castro, pessoa largamente conceituada em Manaus e meu amigo particular, e o vice presidente o senador Álvaro Botelho Maia.

Uma vez, numa memorável sessão solene, aconteceu um

caso muito interessante, quando a sede do diretório era ainda nos altos dum edifício que ficava na Rua Saldanha Marinho, esquina com a Avenida Eduardo Ribeiro. Nessa esquina, no térreo, ficava o famoso bar e restaurante Avenida, o mais elegante da cidade naqueles idos de 1945 a 50.

Nessa sessão, lembro-me bem, estavam presentes o senador Álvaro Maia, Rui Araújo, Aldemir de Miranda, Antonio Maia, Sérgio Pessoa Neto, Augusto Montenegro, Nei Rayol, Miguel Lupi Martins, Coronel Marquês da Silveira que reclamava pra burro toda vez que tinha que subir aquela escada que dava acesso ao amplo salão de reunião; Coqueiro Mendes, além de muitos outros convidados especiais que enchiam o grande auditório do andar superior do edifício.

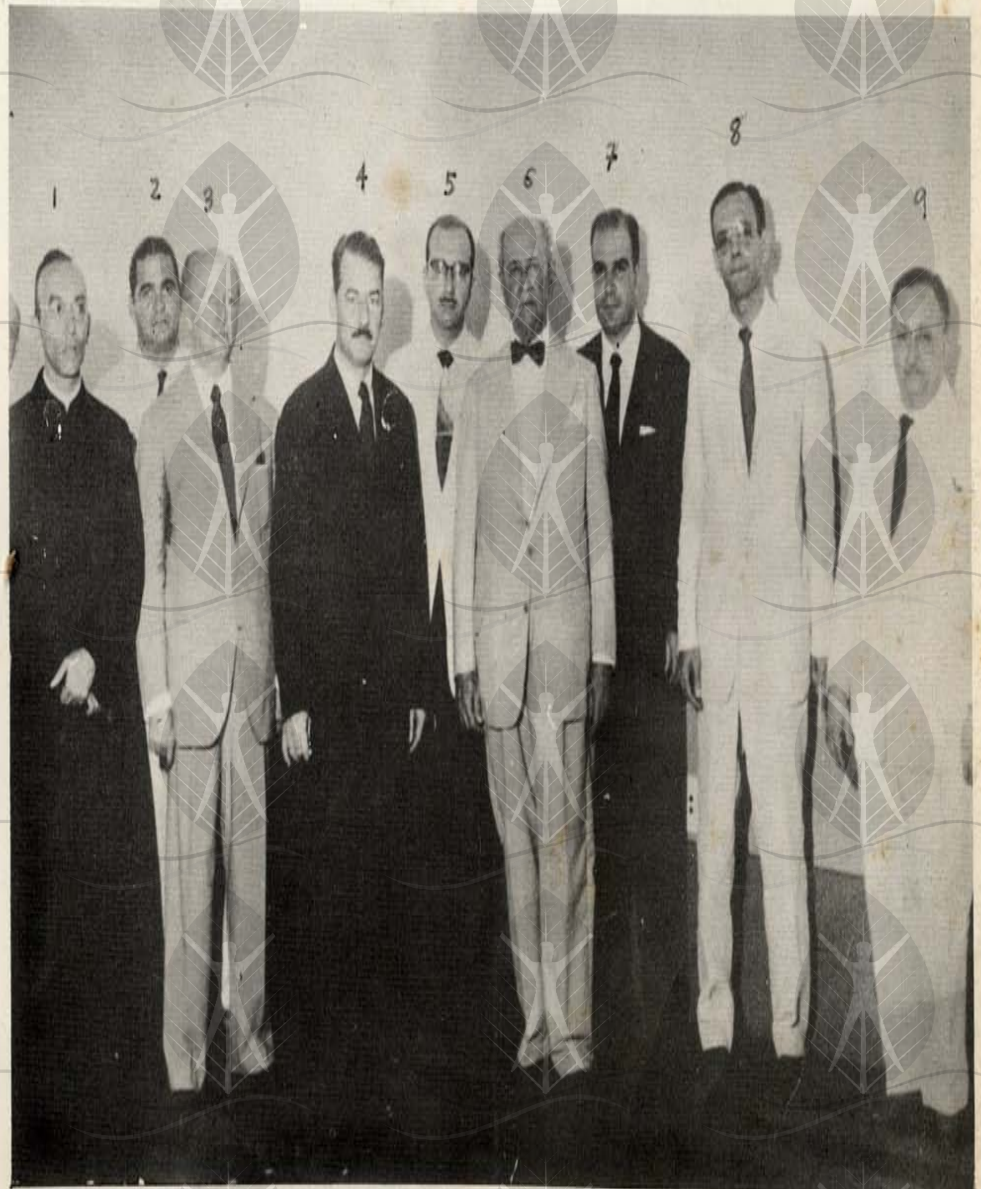
A sessão foi divertidíssima pelo fato de se estar disputando um novo biênio da presidência do Diretório Estudantil, duas facções e o outro contendor, antes mesmo das eleições, se feriram, disse em voz alta para o seu adversário que infelizmente ele ia deixar a chapa porque o Eurípedes sempre

ganhava as eleições. (O Eurípedes era presidente e candidato a reeleição).

Naquela época eu já era professor de desenho da Escola Normal São Francisco de Assis de propriedade do meu amigo e irmão Fueth Paulo Mourão que também era deputado estadual e cujo colégio ficava na Avenida 7 de Setembro, onde funcionou por muitos anos uma agência de atendimentos do INPS, antiga residência do Governador Jônathas Pedroza.

O Fueth que além de ser um gênio na matemática e na física, ensinando essas matérias no Colégio Estadual do Amazonas e no Colégio Dom Bosco, era também um grande gozador, sempre aproveitando certas ocasiões e momentos para inventar uma piada que fazia todo mundo rir. No momento em que o meu amigo acabou de proferir as suas asneiras, o Fueth em tom de gozação, aplaudiu a reeleição do Eurípedes que na verdade, algumas horas depois foi o vencedor nas urnas quase por unanimidade.

O Fueth, juntamente com o Pietro Celani, o Américo Alvarez, e o Gebes Medeiros eram os grandes astros da época,



Número 1 — Padre Raimundo Nonato Pinheiro; 2 — Solon Botelho; 3 — Vivaldo Palma Lima; 4 — Miguel Lupi Martins; 5 — .....; 6 — .....; 7 — José Soares; 8 — Samuel Benchimol; 9 — Jacob Sabbá.



1 — Deputado Augusto Pessoa Montenegro; 4 — DEPUTADO Belarmino Lins; 5 — deputado Menandro Tapejós; 6 — deputado Sérgio Pessoa. Atrás: 2 — Moacir Alves e 3 — Sr. Pessoa.



Da direita para esquerda: Leopoldo Peres Sobrinho; Aluizio Brasil; Aristophano antony; Brigadeiro Eduardo Gomes. Sentados na mesma direção: Oscar Rayol; Ney Raiol e de Costas Gilberto Mestrinho de Medeiros Raposo.



Na foto assinalados: N.º 1 — Adalberto Ferreira do Vale; 2 — Pietro Celani e 4 — Leopoldo Tavares da Cunha Melo.



Na foto da esquerda para direita: Leopoldo Peres; 2 — Ruy Araújo; 3 — Assis Chateaubriant; 4 — Álvaro Botelho Maia; 5 — Dom João da Matta Andrade e Amaral; 7 — Dr. Avelino Pereira; 6 — Dr. Gebes de Melo Medeiros. Foto de 1942.



foram os criadores e incentivadores do Teatro Escola de Amadores do Amazonas de saudosa memória.

Só que o trio inseparável do humor sadio era composto do Mourão do Lulu Cabral (Luiz Cabral) que foi Juiz e Desembargador e o Américo Alvarez. Esse trio quando se apresentava no Teatro Amazonas enchia a casa e matava o povo de tanto rir.

O Pietro Celani era um dos sócios da funilaria Celani, de propriedade da firma Celani & Rafael, que primitivamente tinha o nome de "Funilaria Italiana" e ficava na Eduardo Ribeiro nº. 59, próxima a uma doceria que ainda existe hoje.

O Celani era o galã insubstituível das peças teatrais ensaiadas pelo Teatro Escola de Amadores cujo presidente era o dono de uma casa que vendia guarda-chuvas, na Rua Joaquim Sarmento, trecho entre a Avenida 7 de Setembro e Rua Henrique Martins. Embora com uma voz muito fina, que não condizia com o seu porte agigantado e bem distribuído, compensava a sua simpatia e maneiras elegantes de tratar as pessoas.

Certa vez o Mourão ensaiou muitas vezes a peça Iaiá Boneca, que tinha como galã o Pietro Celani. Infelizmente já perto da apresentação oficial da peça, o Pietro não apareceu mais, parece que viajara para o Sul sem avisar nada a ninguém, deixando os responsáveis pela peça completamente aflitos.

Imediatamente o Mourão foi a minha casa convocar-me, pois naqueles dias eu estava de férias e não aparecia no colégio. Convidou-me para substituir o galã titular faltoso. Claro que aceitei com muita felicidade pois era a primeira vez que ia representar um trabalho sério com público de primeira classe. Imediatamente comecei a ensaiar e convidar não só os meus parentes e amigos, mas todos os meus mais íntimos colegas de ginásio para assistirem a minha apresentação que seria naqueles dias.

Já no dia marcado para a estréia da peça, com o meu nome incluído no elenco e publicado nos jornais, cartazes e rádio, (só existia a Rádio Baré), o Pietro Celani, para a minha desgraça de ator, retornou como por encanto do Rio de Janeiro e fez questão cerrada de se apresentar. Resultado: fui substituído e ninguém acreditou em mim, todos pensaram que eu estava com conversa fiada.

A partir daí encerrei as minhas pretensões de ser artista de teatro e a minha amizade com o Pietro Celani que se ausentou de Manaus até a sua morte.

As reuniões políticas que aconteciam nas residências familiares e nos clubes, eram sempre motivos de um suculento drinque e um longo e gostoso papo, além de ocasiões para fortalecimentos de sólidas amizades.

Na chegada do Brigadeiro Eduardo Gomes, que na época era líder incontestado da UDN no Rio de Janeiro e candidato a presidência da República, houve uma reunião tão festiva na casa de um amigo que mais parecia uma comemoração de aniversário ou casamento, tal a quantidade de comidas e bebidas que fartavam os presentes. Nessa recepção estiveram presentes muitas personalidades políticas locais entre elas o dr. Aluizio Brasil que era engenheiro agrônomo e pessoa muito conhecida e solicitada profissionalmente na cidade; Oscar



Antônia Vieira; Leopoldo Amorim da Silva Neves; Jaime Araújo; Hermínio Barbosa; Francisco do Areal Souto; Jacob Sabbá.



Na foto da esquerda para direita o escritor Paulo Jacob, prof. Waldir Garcia, deputado Sérgio Pessoa Neto, empresário Hermínio Fernandes Barboza e Clearco Antony, na cidade de Silves por ocasião do seu 300 anos em 1960.

Raiol; Ney Raiol, jornalista Aristophano Antony, proprietário do jornal "A TARDE", e o prof. Gilberto Mestrinho que naquela época iniciara a sua brilhante carreira política, além de muitos convidados especiais que encheram a casa e deram um aspecto muito elegante a recepção.

Tudo naquela época era motivo de festa, a chegada de um político importante, um oficial do exército que vinha do Sul do país, um diretor de repartição, a chegada de um gaiola ou um pacote do Loide Brasileiro, era sempre precedido de ensurdecedor foguetório que chamava logo a atenção de toda a população que gostava desses movimentos.

Certa vez, creio em 1943, quando o interventor Álvaro Maia estava sendo esperado do Rio de Janeiro num dos hidroaviões da Panair do Brasil, que atracava no cais flutuante do porto da Manaus Harbour, minha muito amada madrinha Clotilde Pinheiro que muito me adorava, foi buscar-me no colégio e levou-me até o rodô onde esperamos pacientemente por algumas horas a chegada do avião que trazia o chefe de Estado. Ele vinha acompanhado do jornalista



Deputados Constituintes de 1946. Em pé sobre o patamar da Assembleia Legislativa do Estado que a essa época funcionava no edifício da Biblioteca Pública do Estado na Rua Barroso esquina com Av. Eduardo Ribeiro; De branco coronel Alexandre Montoril Ney Oscar de Lima Raiol; Fueth Paulo Mourão; Sérgio Pessoa Neto; Odeir Pogli de Figueiredo. De pé na calçada: Augusto Pessoa Montenegro; Coronel Marques da Silveira; Coqueiro Mendes; Dr. Flávio de Castro; Álvaro Bandeira de Melo e Tomaz Meireles.



Na foto, dona Edail Antony; poeta Ozeas Martins, poetisa Estrela Sabbá; Eng. Vilar Fiuzza da Câmara e sentados à mesa, de frente: Sra. Edail Antony Ozeas Martins, poetisa Estrela Sabbá, Eng. Vilar Fiuzza da Câmara e sra. Benoliel. Durante o banquete de reinauguração do Teatro Amazonas.

Assis Chateaubriand, presidente do maior condomínio de jornais e revistas do Brasil.

Sempre quando chegava uma personalidade dessa categoria, não só as autoridades estaduais municipais, federais iam engrossar a comissão de recepção, mas também o bispo de Manaus, Dom João da Mata Andrade Amaral, representando a Igreja, deputado federal Leopoldo Péres, Gebes Medeiros e muitas outras personalidades além do povo que se acotovelava na grande amurada do cais do porto ovacionando o líder político do Amazonas e governador nomeado pelo ditador Getúlio Vargas, que chegava do Rio de Janeiro onde fora tratar dos interesses do Estado. Grandes ramalhetes de flores eram levados e oferecidos ao importante político no momento da sua saída do avião, por alunas do Instituto de Educação que naquele tempo chamava-se Escola Normal. Muitas palmas e vivas até o instante do "peço a palavra".

As regatas aos domingos pela manhã eram as manifestações de gala do esporte amazonense. Constituía-se sempre espetáculos de singular beleza assistir os nossos atletas carregarem sobre os ombros, os seus compridos barcos com os quais remavam horas inteiras na baía do rio Negro sob as vistas da população que os aplaudia pela beleza e harmonia das suas elegantes remadas.

Clube Amazonense de Regatas, Ruder Clube de Regatas, Grêmio Náutico Portugal e outros, eram clubes que primavam pela elegância dos seus atletas e pela caprichosa apresentação brilhante em cada porfia.

Assisti numa bela manhã de domingo de 1948, a apoteose de chegada quando o grêmio Náutico Portugal sagrou-se campeão de outrigger e canoa.

Os barcos contendores alinhavam-se para a corrida, ao lado de um longo coqueiro que existia na praia de São Raimundo, marca oficial das corridas de campeonato, e

terminava na extremidade Leste do cais flutuante da Manaus Harbour, exatamente no local onde atracavam os hidroaviões da Panair do Brasil. A partida era dada com um tiro de revólver disparado pelo árbitro da corrida, geralmente uma autoridade da Marinha de Guerra do Brasil.

Antes da corrida, o rio era totalmente revisado pelas autoridades que verificavam a inexistência de obstáculos. Completamente limpo, sem nenhum objeto flutuante ou submerso que constituísse perigo, sem nenhuma canoa ou qualquer embarcação que obstruísse a passagem veloz das canoas concorrentes, era dado o sinal de partida.

O mais antigo clube náutico de Manaus era o Ruder Clube, que se escrevia Ruder Klub, de origem alemã, fundado em 8 de abril de 1912. Possuía uma garagem própria toda de folhas de zinco alemão permanentemente fundeado na margem direita do igarapé de Manaus à jusante da primeira ponte de pedra. Naquele imenso galpão flutuante, eram guardados os caríssimos barcos de cedro de primeira qualidade totalmente construídos em Manaus por exímios marceneiros portugueses, cuja técnica fora importada de Portugal.

A tardinha, os jovens elegantes, com suas namoradas, debruçadas elegantemente sobre o longo parapeito de ferro fundido, apreciavam os atletas descenderem a rampa da garagem, com seus barcos sobre os ombros e montarem no bojo da embarcação para o exercício de remo ao longo do igarapé de Manaus. O segundo Clube era o Clube Amazonense de



Da esquerda para direita: Jornalista Aristophano Castro; Dr. Flávio de Castro e Dr. Manoel Bastos Lira, presidente e ex-presidentes do Rio Negro.



Na foto da esquerda para direita: Aldemir Pais Lima de Miranda, Ruy Araújo, Leopoldo Peres, Álvaro Maia e Waldemar Pinheiro, numa sessão solene da Associação Comercial do Amazonas.

Regatas, campeão de muitas pejeas, cuja sede ficava num grande barracão de madeira sobre altas colunas quadradas de alvenaria de pedra na praia de Monte Cristo, em frente a Avenida Joaquim Nabuco, ligada à rua por uma ponte de madeira. Ali concentrava-se o fino dos atletas de Manaus, os campeões invictos das famosas regatas de 7 de Setembro, o grande adversário do Grêmio Náutico Portugal, com quem disputou inolvidáveis campeonatos.

Finalmente o terceiro clube era o Grêmio Náutico Português, com sua magnífica sede na Avenida 7 de Setembro, na praia de São Vicente, quase no início, um pouco antes do edifício da Prefeitura Municipal de Manaus. O Grêmio tinha a frente para a Avenida 7 de Setembro e os fundos para a baía do rio Negro através de uma longa rampa de madeira, por onde os estreitos barcos desfilavam sobre os fortes ombros de seus remadores.

Os campeonatos em que participavam esses clubes, eram cercados de intensas vibrações desportivas, cujos atletas davam de tudo para ver seus clubes vencedores.

Embora todas as agremiações náuticas tivessem sócios de todas as categorias, o Ruder Clube era considerado o clube dos grã-finós, em cujos quadros podiam-se ver pessoas da mais alta importância da sociedade de Manaus, sócio-economicamente falando, embora contasse também com jovens humildes que eram os grandes remadores da época. De acordo com o que rezava o Estatuto do clube, haviam quatro categorias de sócios: fundadores, efetivos, frequentadores e beneméritos.

Novamente o Grêmio Náutico Portugal venceu a corrida, desta vez foi bicampeão em 1949. Foi uma apoteose, uma festa inolvidável, a multidão que se espremia no cais do porto aplaudindo freneticamente os vencedores, parecia que iam

entrar em estado de completa loucura. Em toda a orla da praia, o povo delirava a passagem dos campeões que desfilavam garbosamente na baía do rio Negro.

Aos domingos a tarde, toda a mocidade se concentrava no cais flutuante da Manaus Harbour. Ali os rapazes mostravam toda a sua performance às moças que também desfilavam aos pares, de braços dados, sob as vistas de seus pretendentes, sempre elegantemente vestidas de linho branco, HJ ou SS 120, escocês, com sapatos de duas cores.

Naquela época eu freqüentava o curso científico do Colégio Estadual do Amazonas e tinha na minha turma, o Saul Benchimol, o Ulysses do Valle Britto, o Lafayette Vieira e mais dois colegas que já não me lembro os nomes, éramos pacatos mas ninguém tocasse em nenhum de nós. Certa vez o meu amigo Cajado foi defender o Benaion que estava sendo malhado por alguém e a turma não gostou; o Cajado irritou-se e achou de desafiar-me para uma briga em frente do Ginásio. Fizemos uma grande roda e puseram-nos dentro. Eu fui o primeiro a investir contra o Cajado. A briga durou alguns minutos mas o suficiente para tanto eu como o meu contendor sairmos com os olhos totalmente roxos.



Da esquerda para direita: jornalistas Milton de Magalhães Cordeiro, Raimundo Parente e Gebes Medeiros no VIII Congresso Nacional de Jornalistas realizado em Fortaleza no período de 3 a 7 de setembro de 1959. Foto Flash.



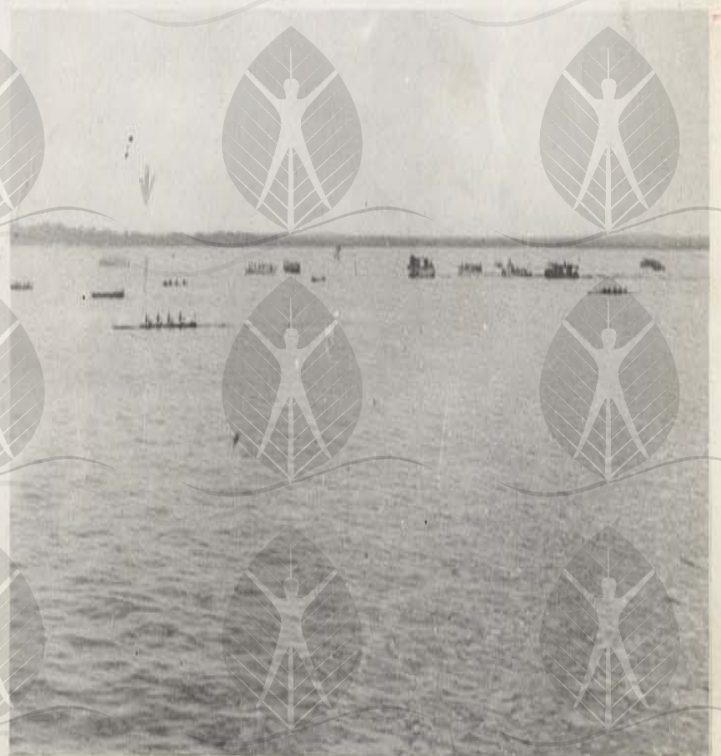
Na foto o barco bicampeão do Grêmio Náutico Portugal quando alcançava a bóia de marcação de chegada. Foram nesse ano de 1949, os seguintes remadores: Ivo Reis, Lúcio Maria Pires, João Mata Mosquito, Sabá e Walmir Bonates. Foto de 1949.



Alunos que concluíram o curso seriado no Ginásio Amazonense Pedro II, em 1932.



Um dia de regatas na baía do rio Negro, vendo-se em primeiro plano a rampa de descida dos barcos da sede do Clube Grêmio Náutico Portugal na Avenida 7 de Setembro, ao lado da Prefeitura Municipal de Manaus.



Aspecto Geral do Campeonato de 1949, ocasião em que sagrou-se campeão o Grêmio Náutico Portugal. Ao fundo, além das canoas de corridas pode-se ver os barcos que acompanham os corredores com os fiscais. Marcado com a seta o barco que sagrou-se campeão.

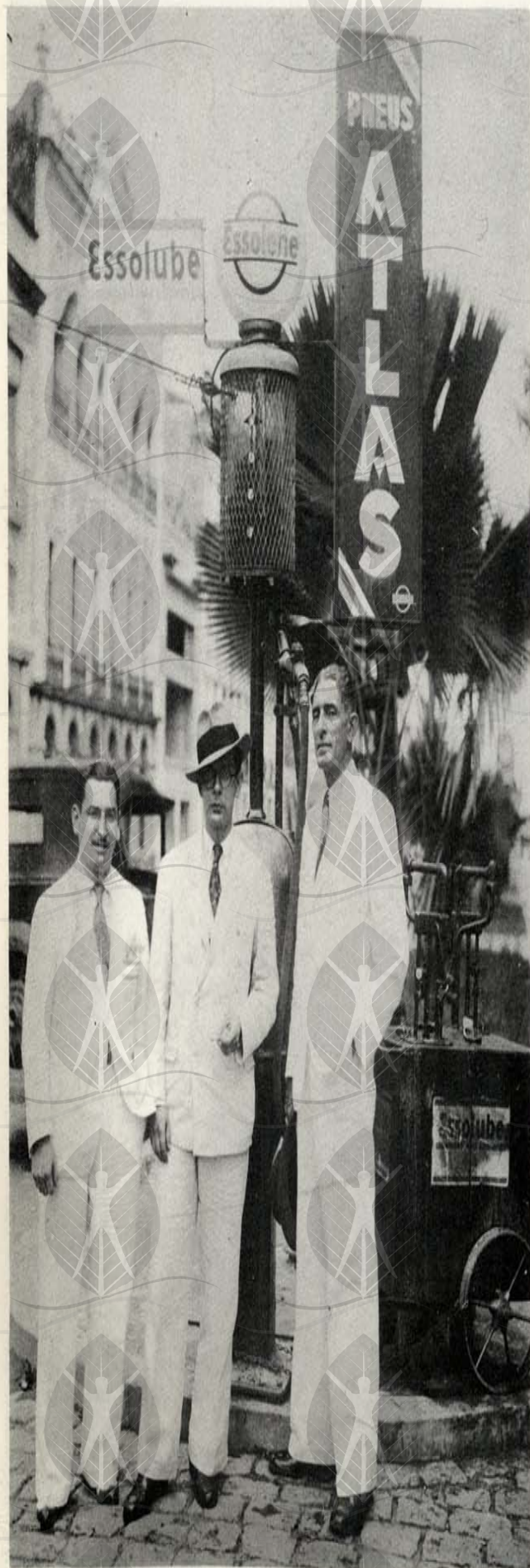


Foto da primeira bomba de gasolina instalada em Manaus na avenida Eduardo Ribeiro em frente à Alfaiataria Poli. Na foto da esquerda para direita, o concessionário, Dr. Paulo Marinho e Dr. Hidelbrando Marinho, pai do Dr. Jauary de Souza Marinho.



Grupo de pagens que ornamentaram o Altar Monumento do 1º Congresso Eucarístico Diocesano de Manaus de 1 a 4 de junho de 1942.

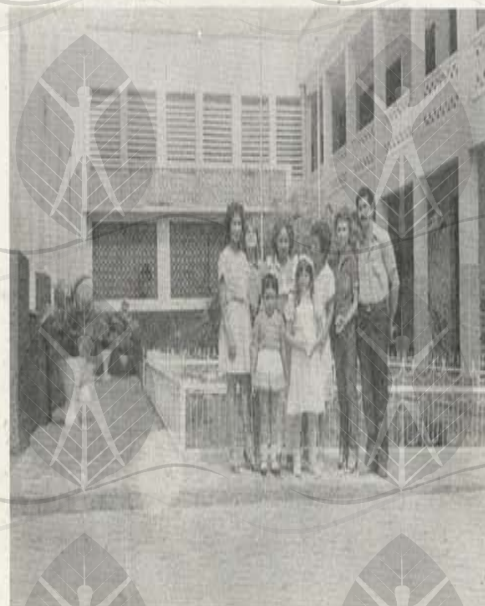


Foto tirada no dia da primeira Comunhão da menina Bethlen Tatiana. Da esquerda para direita, duas professoras de Tatiana, Elizabeth de Andrade Barros, Maria Helena e marido.



A jovem Lili Azevedo numa foto de 12 de junho de 1935.



Grupo de alunas internas do Instituto Benjamim Constant. Foto sem data.



Flagrante da inauguração da primeira bomba de gasolina em Manaus na avenida Eduardo Ribeiro em frente à rua Quintino Bocaiúva no dia 9 de abril de 1927.



Alpha de Azevedo Negreiros no dia de sua formatura. 1937.





Chegada do governador Dr. Dorval Porto e senhora, no dia 26 de dezembro de 1929 pelo navio "Almirante Jaceguay" do Loide Brasileiro.



O tenente Ribeiro Junior sendo recepcionado por senhoras da melhor sociedade de Manaus no Palácio Rio Negro.



A jovem Vera Ruth Marinho de Castro.

## Engenheiro José Florêncio – Monumento de Respeito e Dignidade

Conheci o Eng<sup>o</sup>. José Florêncio da Cunha Batista aí por volta de 1947. Os estudos para início das obras do Sanatório Adriano Jorge já estavam bastante adiantados e havia imenso burburinho de engenheiros da Campanha Nacional Contra a Tuberculose e Ministério da Saúde indo e vindo do Rio de Janeiro para Manaus, quando então se deu início à destruição das inúmeras taperas que enchiam o vasto terreno escolhido para a ereção da grande obra.

O importante edifício, de vastas dimensões e um só piso deveria se levantar em frente a grande praça General Carneiro que depois foi criminosamente loteada e doada a particulares.

As obras estavam a cargo da firma de São Paulo Mário Novelli ganhadora da concorrência, para quem prestei serviços



Foto histórica tirada no dia 24 de janeiro de 1951, por ocasião da inauguração das obras do Sanatório Adriano Jorge, no bairro da Cachoeirinha. Na foto, o flagrante colhido por ocasião em que o acadêmico, Dr. Djalma Batista proferia discurso Inauguratório como Presidente da Liga Amazonense Contra a Tuberculose. Da esquerda para direita: Dr. Manuel Garcia Gomes, Dr. Djalma Batista, Dr. Moura Tapajós, Dr. José Florêncio foi um exemplar

servidor do Ministério de Saúde, como Fiscal de Obras do Sanatório Adriano Jorge, prestou inestimáveis serviços ao patrimônio federal assistindo com extrema responsabilidade todo o desenrolar das obras até o seu final, com inauguração do edifício, merecendo por isso menção honrosa do representante do ministro que esteve presente à solenidade. Foto tirada no dia 24 de janeiro de 1951.



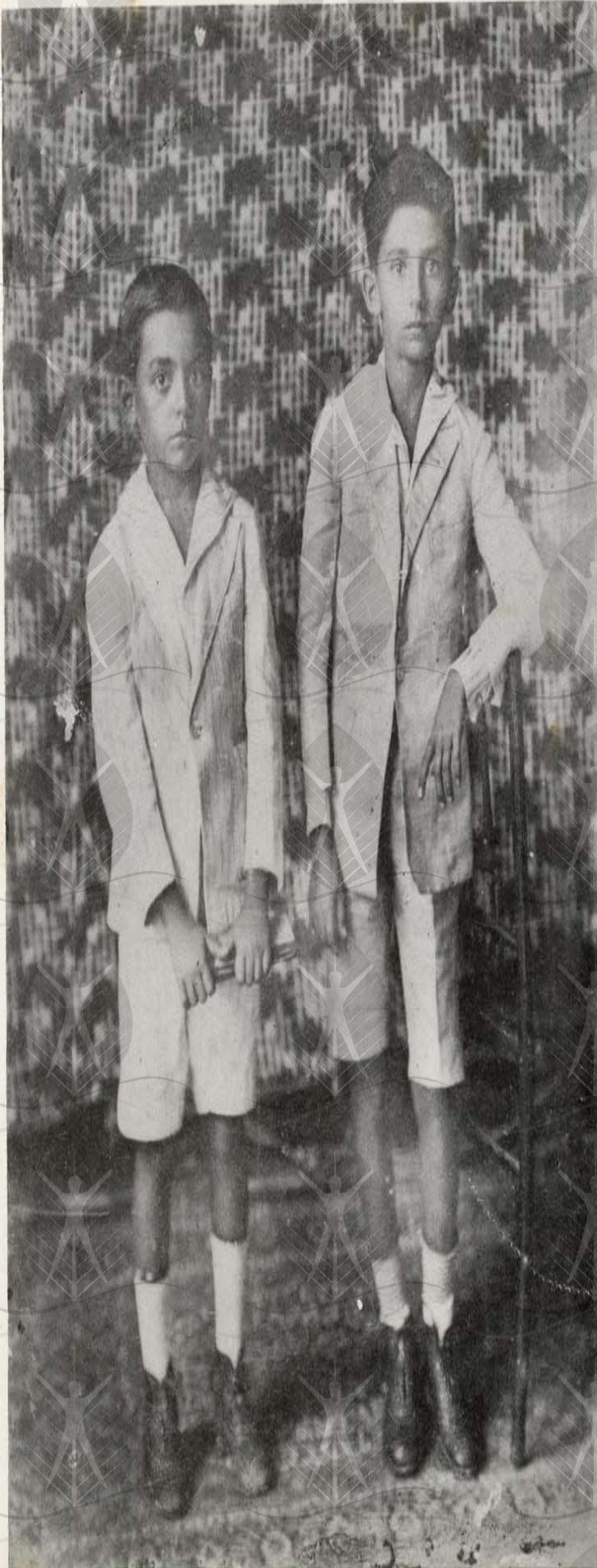
Belíssima foto das meninas Maria Helena Roque da Cunha (em pé) e Nícia Roque da Cunha (sentada). Foto tirada em Belém em 1934. Note-se a beleza e a elegância das duas crianças. Nícia hoje é a sra. José Florêncio da Cunha Batista, mãe de Carmem Lúcia, José Carlos e Ana Lúcia, todos casados e com filhos. Maria Helena hoje é sra. Ney Costa Santos, residente no Rio de Janeiro.

como desenhista durante quase quatro anos. Ali foram experimentadas as primeiras construções de paredes com a técnica moderna de solo-cimento, até então desconhecida no Brasil, principalmente no Amazonas. Foi nesse tempo que ouvi pela primeira vez o nome respeitável e famoso desse engenheiro, com quem trabalhei durante longos anos em projetos de construções civis. José Florêncio era ainda muito jovem quando tive a honra de conhecê-lo. Ele exercia as funções de engenheiro-chefe do Departamento de Obras Públicas da Prefeitura Municipal de Manaus, função que desempenhou com respeito e dignidade profissional e consciência pública, sempre defendendo os interesses da comunidade, mesmo contrariando alguns proprietários que teimavam em realizar obras que não estavam de acordo com o Código de Posturas; e Eng<sup>o</sup>. Fiscal das Obras do Sanatório, representando a Campanha Nacional Contra a Tuberculose, que financiava a construção.

A sua atuação como técnico em construções civis e esgotos mereceu a atenção e o respeito do Prefeito de então, Dr. Raimundo Chaves Ribeiro, que não regateava palavras de



O engenheiro José Florêncio da Cunha Batista ao tempo em que era eng<sup>o</sup>. Fiscal de Obras do Sanatório Adriano Jorge junto ao Ministério da Saúde. Foto de 1950.



Raríssima foto dos Irmãos Batista. O da esquerda é o engenheiro José Florêncio, o mais alto é o médico dr. Djalma Batista. Foto tirado em Seabra (Tarauacá) ai por volta de 1927.



Da esquerda para direita: Engenheiro José Florêncio da Cunha Batista. Construtor de Obras: Joaquim da Cunha, proprietário da empresa Construtora Sociedade de Obras; José dos Anjos, João Fernandes de Britto (pai da noiva). Sentados: os noivos pintor Moacir Andrade e Graciema Britto de Andrade. Atrás da noiva a senhora Petronilla do Valle Britto, (mãe da nubente).

elogios ao seu trabalho à frente do mais importante Departamento da Comuna.

Começamos a trabalhar juntos ai por volta de 1947. Eu era o seu desenhista exclusivo. Inicialmente não possuíamos escritório próprio, os trabalhos de desenhos arquitetônicos que ele me confiava, eram feitos em minha própria residência, na sala principal, à rua Dr. Machado nº. 115. Ali instalamos nossas pranchetas e trabalhamos durante alguns anos. José Florêncio com sua calma, segurança e alto espirito de cavalheirismo, sabia tratar os clientes na sua maior parte pessoas poderosas economicamente, mas sem nenhum conhecimento do que são as leis que disciplinam as construções civis. Isso demandava longas explicações recheadas de altas doses de paciência, matéria que sobrava na personalidade do meu nobre amigo.

Foi com ele que aprendi uma porção de detalhes importantes de desenhos técnicos principalmente instalações hidráulicas, elétricas, esgotos, águas pluviais, e outros indispensáveis nos desenhos e projetos de engenharia civil, que ensino hoje na Escola Técnica Federal do Amazonas e na Universidade.

Alguns anos depois, nosso escritório foi instalado no prédio à Rua da Instalação, propriedade de seu pai o advogado Dr. Gualter Marques Batista, amigo admirável, católico fervoroso, amante da poesia e das belas artes. Tive a honra e a imensa

ventura de conviver durante longos anos com ele, oportunidade em que conheci muito da história do rio Madeira, São Felipe hoje denominado de Eirunepé, Tarauacá, antiga Seabra. Sua vida como escravo de Tarauacá; falava de seu sogro o advogado provisionado José Florêncio da Cunha Batista, um dos monumentos do vale do rio Juruá que ajudou decisivamente no seu desbravamento; sua vinda para Manaus para educação dos seus dois filhos Djalma e José Florêncio.

Tudo isso eu ouvia como se fosse palavras mágicas desfilando nos meus ouvidos em sua pequena sala contígua a nossa, onde estava instalado o nosso escritório. Dr. Gualter mostrava-me com imensa felicidade, velhos álbuns de recortes onde guardava com imensa ternura além de belíssimas poesias, algumas prosas publicadas no jornal "A Reforma", de quem foi um dos seus fundadores.

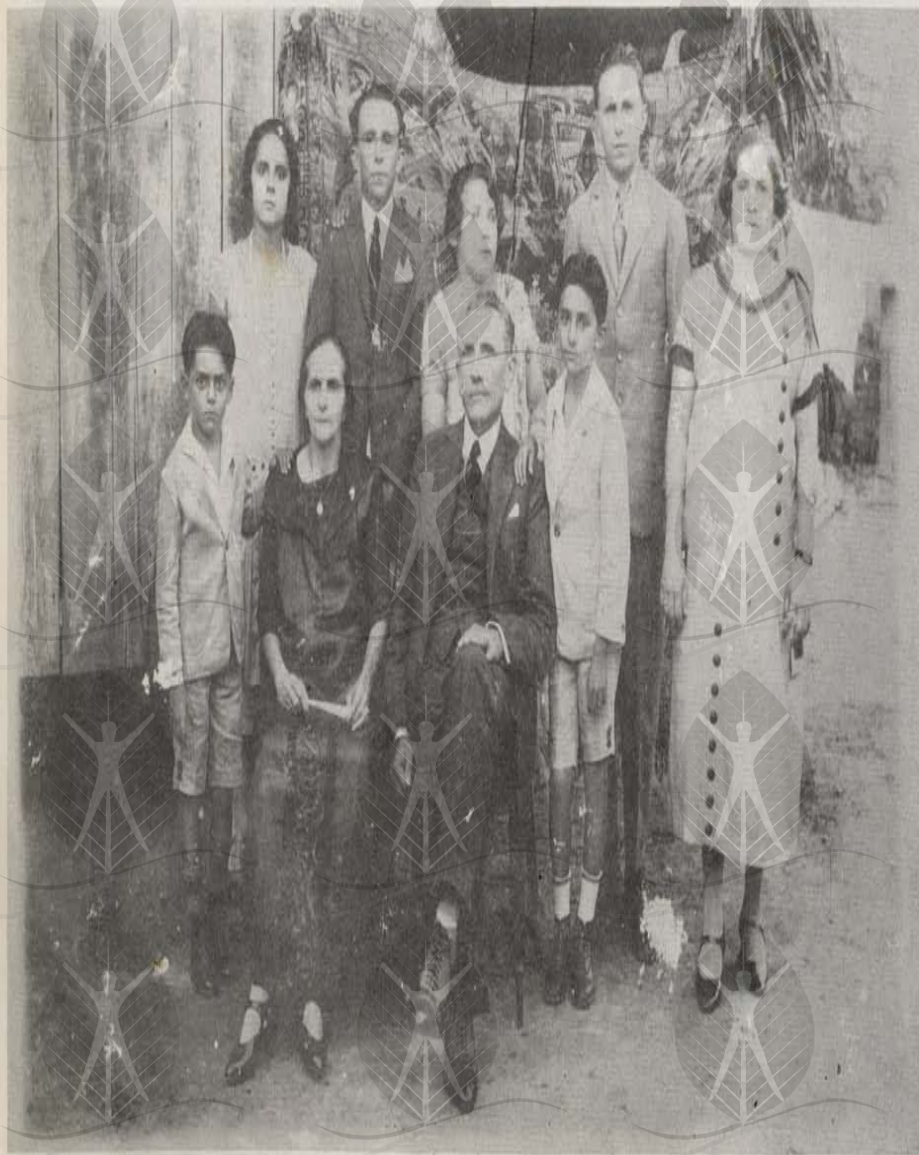
Em 1946 José Florêncio já exercia com proficiência, a direção do Departamento de Engenharia do SESP em Itacoatiara, quando deixou aquele serviço e retornou a Manaus já diretamente para ocupar as funções de Diretor do

Departamento de Obras da Prefeitura Municipal de Manaus, onde prestou relevantes serviços à comunidade até sua aposentadoria.

Foi o primeiro Diretor Regional do SENAI no Amazonas, assumindo aquele importante posto para ser exato no dia 16 de dezembro de 1957, que passou a ser a (1ª. Região-Amazonas e Territórios do Acre e Rio Branco), cujo cargo assumiu definitivamente no dia 1º. de janeiro de 1958, em cuja gestão construiu o suntuoso edifício da escola de artefices.

No dia 24 de agosto de 1966 foi empossado Presidente da Caixa Econômica Federal do Amazonas em substituição ao escritor Álvaro Maia. Antes porém de ser nomeado presidente da Caixa, José Florêncio já exercia por longos anos o cargo de engenheiro chefe do Departamento de Fiscalização de Obras financiadas por aquele órgão bancário federal.

José Florêncio é filho do Dr. Gualter Marques Batista e dona Francisca Acioli da Cunha Batista, de quem enviuvou precocemente, ficando desse casamento além dele, o Dr. Djalma Batista, médico de nomeada e escritor emérito,



Outra foto rara da família Batista. Da esquerda para direita sentados: Matilde Acioli da Cunha, coronel José Florêncio da Cunha. Em pé, na mesma direção, José Florêncio da Cunha Batista (ainda menino de calças curtas), Helena Acioli da Cunha, Manoel Vieira da Cunha, Maria Vicência da Cunha, Djalma da Cunha Batista

(também de calças curtas), Telmo Acioli Vieira da Cunha e Carlota Acioli da Cunha. Falta no grupo a sra. Francisca Acioli da Cunha (falecida), mãe do engenheiro José Florêncio da Cunha Batista. Esta foto foi batida em Seabra, Tarauacá, no dia 1º. de setembro de 1926.



Da esquerda para direita em pé, o engenheiro José Florêncio da Cunha Batista e o médico dr. Djalma Batista. Sentado, dr. Gualter Marques Batista. Foto de 1940.

membro destacado da Academia de Letras e ex-presidente do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, desaparecido recentemente deixando imorredoura lembrança no seio da intelectualidade a quem honrou durante a sua vida, legando valioso patrimônio em obras literárias de cunho científico.

O engenheiro José Florêncio da Cunha Batista é casado com a sra. Nícia Roque da Cunha Batista de cujo enlace tiveram os seguintes filhos: Cármen Lúcia, professora, casada com o Dr. João Bosco Desideri Santoro que tem os seguintes filhos: Márcia e Rogério Batista Santoro; engenheiro José Carlos Roque da Cunha Batista, casado com a sra. Circe Alves Batista, bacharel em ciências da comunicação social, tem uma filha Raquel Alves Batista, e Ana Lúcia, bacharel em Administração de Empresa, casada com o Dr. Ispier Abraham Lima, economista renomado. Tem os seguintes filhos: Juliana e Andréia.

## Dr. Abílio Nery

Dr. Abílio Damasco Nery, nasceu em Manaus em 11 de dezembro de 1876, quando já se falava em borracha e o nordeste ingressava numa das mais terríveis e dramáticas secas jamais conhecidas naquela área brasileira que viria ter seu ápice no ano seguinte e fornecer por essa razão a grande mão-de-obra para a extração do famoso látex no interior do Amazonas, principalmente para a região do alto Acre. Foram seus pais o Major do Exército Silvério José Nery e Dona Maria Antony Nery. O casal teve os seguintes filhos: Silvério José Nery, Antonio Constantino Nery, Márcio Filafiano Nery, Luiz Nery, Rosa Benedita Nery, Atilio Cândido Nery e Abílio Damasco Nery que era o cacula da turma.

O major Silvério José Nery, ao casar com a senhora Dona Maria Antony Nery já levava para o seu novo lar dois filhos: Frederico José de Santana Nery e Ana de Santana Nery.

Sempre demonstrando profundo interesse pela engenharia civil, Abílio Nery viajou para o Rio Grande do Sul onde em Porto Alegre iniciou seus estudos na Escola de

Engenharia Militar, terminando posteriormente na Escola Militar da Praia Vermelha no Rio de Janeiro.

Na Bahia, na Escola Politécnica, fez o curso de Engenharia Geográfica concluindo em 1904. Ainda muito jovem, prosseguiu o curso concluindo no ano seguinte o de Engenharia Civil juntamente com Otávio Mangabeira, Geraldo Rocha da Rodrigues Torres, José Vaz Lordelle e Arthur Ribeiro.

Regressando a Manaus no mesmo ano, decidiu-se pelas lições da engenharia de agronomia, dedicando-se inteiramente às demarcações de terras, numa época em que as margens dos rios Juruá, Purus, Madeira e outros eram devassados pelos seringalistas e entidades interessadas na extração da borracha. Abílio Nery com a coragem que Deus lhe deu e uma saúde inabalável penetrava dezenas de quilômetros de floresta a dentro, demarcando as grandes glebas que seriam mais tarde os seringais florescentes de uma época áurea. O grande historiador Agnelo Bittencourt em seu magnífico livro "Dicionário Amazonense de Bibliografia", referindo-se a esse corajoso engenheiro, diz: "Neste mister, esquadrinhou quase todo o Amazonas, varando igapós, subindo igarapés, cortando várzea e sofrendo mil contingências de um mundo áspero e



A família Nery num animado piquenique na Nerylândia.



Da esquerda para direita: Prof. Guilherme Pinto Nery, Maria de Fátima Pedroza Nery, Álvaro Botelho Maia (ex-governador do Estado), Jarina Nery e Pery Nery no dia do noivado de Guilherme Nery. Foto de 15 de outubro de 1966.

bravio. Quem jamais penetrou naquelas sombrias lonjuras da Maláia, não poderá imaginar o que seja o serviço de um engenheiro, nas picadas lindeiras, medindo e demarcando um seringal ou castanhal de dezenas de quilômetros quadrados, na selva Selvágia em que tudo é agressivo ao homem. Pois bem; tantas vezes Abílio Nery venceu a batalha do desconhecido e de quase insuperável! No entanto, poderia ele estar gozando as delícias de uma vida segura e tranquila na cidade, porquanto, ao tempo, um dos seus irmãos era o Governador do Amazonas, e o outro Senador da República, tratando-se de uma família unida".

Vale ressaltar aqui que o doutor Abílio Nery, embora conhecedor profundo do interior do Amazonas, principalmente da região onde abundavam seringais, bem que poderia demarcar legalmente a quantidade de terras que quisesse para si mesmo, principalmente pelo fato de contar com um irmão governando o Estado, no entanto nunca possuiu um só metro quadrado de terra no interior e jamais se valeu das condições de ser parente de políticos importantes.

Em 1906, convocou núpcias com a senhora Deolinda Nogueira Pinto, filha diletta de Francisco das Chagas Pinto e Dona Maria Nogueira Pinto. Do casamento nasceram sete



Dona Joana Andrade Nery, segunda esposa do Dr. Abílio Nery. Dona Joana nasceu em 24 de junho de 1896. Foto A Favorita. Manaus.



O Dr. Abilio Nery numa foto de sua juventude.



Uma foto da família Nery. Em pé da esquerda para direita: Ana Nery, Áurea Nery, Albertino Nery, Abílio Nery, Atilio Nery, Rosa Nery e Márcio Nery. Sentados na mesma direção: Silvério Nery, Maria Antony Nery, Antonio Constantino Nery e Raimundo Nery. Foto tirada em 1905.



filhos: Silvério e Corinthia (já falecidos); Abilinda Nery Guimarães, casada com José Victor Guimarães, Guarda-Mor da Alfândega do Pará; Débora Nery Lamberg, viúva de Oscar Lamberg Oficial da Marinha Mercante Brasileira; Pery Pinto Nery, Bacharel em Direito e ex-funcionário do Banco do Brasil, casado com a senhora Jarina de Souza Marinho Nery; Paulo Pinto Nery, Catedrático de Direito Penal da Faculdade de Direito do Amazonas, Prefeito Municipal de Manaus e ex-Governador do Estado, casado com a senhora Maria de Souza Marinho Nery; Guilherme Pinto Nery, professor diplomado pela Escola Nacional de Educação Física, ex-professor da Escola Técnica Federal do Amazonas, do Colégio Estadual do Amazonas, ex-Presidente do Conselho da F.U.A.; ex-secretário de Educação e Cultura, Guilherme Nery (já falecido) era casado com a senhora Fátima Pedroza Nery, com quem teve duas filhas.

Em segunda núpcias, depois de muitos anos do desaparecimento de sua primeira esposa, casou-se com a senhora Dona Joana Andrade Nery, tendo deste casamento um

filho, Dr. Mário Fernando Nery, economista formado pela Faculdade de Economia da Universidade do Pará. Além desse filho do casal, Dona Joana trouxe de seu primeiro matrimônio quatro filhos: Dona Cila, Wladimir, Raimundo e Oscar Barrozo Pereira.

Dona Cila casou-se com o Sr. Mozart Donizetti Gondim, de cujo matrimônio nasceram: Mozart, Mozarina, Carlos Gomes e Yara Donizett Gondim que casou-se com o Dr. Ulysses do Valle Britto, médico de cujo consórcio nasceram: Cláudia Donizetti de Britto e Ulysses do Valle Britto Filho, todos residentes no Rio de Janeiro.

Embora não tenha sido político militante, Dr. Abílio Nery exerceu vários cargos administrativos do Estado, todos eles deixando uma folha honrosa de trabalho e honestidade. Foi ainda Prefeito Municipal de Manacapuru, Tefé, Coari, Barreirinha e Borba, cuja administração foi marcada com um trabalho digno e brilhante.

Projetou e construiu centenas de prédios em todos os bairros de Manaus, todos eles diretamente fiscalizados por ele

— o mais popular engenheiro civil de Manaus. Dentre os grandes prédios que projetou podemos citar: A Escola Normal do Amazonas que também construiu; A Igreja de N.S. Aparecida dos Tocos; o Convento das Irmãs Adoradas do Preciosíssimo Sangue na João Coelho; a Escola Normal São Francisco de Assis, entre centenas.

Apesar da imensa colaboração que prestou ao Amazonas durante a sua longa vida, o Dr. Abílio Nery morreu pobre como nasceu.

O autor deste livro que trabalhou com ele durante mais de 25 anos, é testemunha do desprendimento e da extrema bondade do velho engenheiro, que aos sábados atendia filas de pessoas distribuindo ranchos.

Certa vez, alguém indagou-o, se toda aquela gente que ele ajudava eram ex-empregados dele. O velho engenheiro sempre com um farto sorriso nos lábios respondeu: — não, eles pedem e eu sei que eles estão realmente precisando, os ajuda.

Esse grande homem fechou os olhos para sempre, no dia 11 de janeiro de 1963. Seu corpo está sepultado no Cemitério de São João Batista em Manaus.

## Minha Infância no Interior

Morávamos numa pequena barraca toda de palha de três cômodos à beira de um íngreme barranco às margens do rio Solimões, no lugar denominado "Nova Esperança", município de Manacapuru. Corria o ano da Graça de 1933, quase fim de novembro. Papai retornara de Manaus com uma notícia que alarmou toda a vizinhança — a inauguração da primeira linha aérea entre as cidades de Belém e Manaus que acontecera efetivamente em meados de outubro daquele mesmo ano. Aquilo foi um acontecimento maravilhoso, inédito para toda aquela população pequena, calma, com hábitos e costumes interioranos, que nunca ouvira notícia, tampouco vira avião; mas era verdade, a mesma aeronave trouxera inclusive alguns exemplares de "Folha do Norte" importante jornal editado em



Dona Jovina Couto de Andrade (Jovem), mãe do pintor Moacir Andrade, história viva do Interior do Amazonas por onde andou durante toda a sua mocidade com o marido Severino Galdino de Andrade. Jovina sabia de cor, dezenas de receitas de folhas, raízes e casca de mato, além de inúmeras para banho. Prestou inestimável serviço ao povo dos beiradões do Solimões onde residiu muitos anos.



Da esquerda para direita: Maria do Carmo Britto Feitoza; cunhada, Petronilla do Vale Britto sogra; Moacir Andrade Junior; Maria Costa

Corrêa e Jovina Couto de Andrade mãe do autor. A foto foi batida no dia do 5º. aniversário de Moacir Junior que não contém sua alegria.

Belém do Pará, no mesmo dia do voo inaugural. Mamãe leu tantas e tantas vezes a notícia que eu já sabia de cor, e como nós éramos seus mais assíduos ouvintes, até hoje tenho na memória um pequeno trecho que o presidente Getúlio Vargas proferira num discurso em Belém sobre o plantio da borracha.

Minha tia Zefinha e tia Camila eram professoras efetivas estaduais e ensinavam na sede do Município na cidade de Manacapuru, todas as vezes que meu pai ia a Manaus, levava a incumbência de trazer notícias da Instrução Pública, hoje Secretaria de Estado da Educação e Cultura. Também foi pela primeira vez que ouvi o nome dessa figura inolvidável e magnífica que foi André Vidal de Araújo, cuja amizade forte manteve até a sua morte. Meu pai soubera que ele era o novo Diretor Geral, conduzido àquela importante repartição pelo interventor Nelson de Melo, capitão do Exército nacional, nomeado pelo presidente ditador Getúlio Vargas.

Minha mãe, professora, mulher dedicada a leitura, era sempre procurada pelos vizinhos e até por pessoas moradoras em lugares distantes para ler cartas, revistas, jornais e documentos que vinham do Nordeste ou mesmo de Manaus, pois naquela época, ninguém ou pouquíssimas pessoas sabiam ler naquelas paragens. Meu pai, sempre interessado no

comércio da borracha e castanha, não perdia tempo nem oportunidade de trazer os jornais da cidade precisamente exemplares do Jornal do Comércio e Revista da Associação Comercial do Amazonas, muito atrasados, que dava para minha mãe ler em voz alta já que também pouco sabia, malmente escrever seu próprio nome.

Não me lembro bem se um dos números da revista da Associação Comercial do Amazonas ou o Jornal do Comércio que mantinha um anúncio permanente sobre o plantio das castanheiras, incentivando os plantadores com a publicação de um pequeno trecho de um discurso que o Presidente Getúlio Vargas pronunciara em Belém sobre os problemas econômicos da Amazônia. O tal trecho, de tanto minha mãe ler a pedido, para a vizinhança, não esqueci até hoje, é o seguinte: "Se não quisermos ser mais uma vez vencidos, cultivemos em grande escala e metodicamente o castanheiro, nas zonas em que seja sadio e robusto. Só assim poderemos ampliar o consumo da preciosa amêndoa, anulando qualquer concorrência futura. E essa não nos iludamos, virá; os ingleses ensaiam, na Malásia, o seu plantio em grande escala, em regiões apropriadas".

Como a borracha já estava fora das suas cogitações pelas



Severino Galdino de Andrade, pai do pintor Moacir Andrade aos 20 anos de idade em 1918.

constantes desvalorizações que experimentava no mercado internacional, estava agora interessado no plantio da castanha; mas, o fato da Inglaterra já estar plantando sementes dessas amêndoas na Malásia, desencantou profunda e definitivamente as pretensões de ser castanheiro. Resolveu interessar-se pela agricultura e pela criação de gado.

Nosso terreno, não tenho lembrança exata da metragem, mas sei que era muito extenso e ficava à margem esquerda do rio Solimões. Próximo a nossa casa, um pouco abaixo de um grande trecho remansoso. Distanto mais ou menos uns duzentos metros, ficava a residência da minha tia Juvênciã, cabocla de uma ternura angelical. Creio que se as pessoas ganham o reino da Glória pela sua ternura e bondade, tia Juvênciã uma hora dessas já deve estar muito bem instalada entre os anjos em algum cantinho do céu, gozando as delícias do paraíso, cercada de anjos, querubins e santos. Viveu como um santa e morreu como tal. Recordo-me do seu rosto redondo, denunciando a sua ascendência indígena dos índios Ticunas antigos donos da região, e da ternura com que nos tratava e presenteava com beijús de tapioca especialmente feitos para mim.

Meu pai Severino Galdino de Andrade, como qualquer morador dos beiradões dos rios amazônicos, tinha sua roça de subsistência nas proximidades da nossa casa, próxima a um grande e piscoso lago. Caçava e pescava o suficiente para a manutenção de sua pequena família: eu, meu irmão mais velho Mozart, hoje aposentado pelo INPS, e minha mãe Jovina. Naquela época contávamos apenas cinco e seis anos de idade,

respectivamente, ele é apenas um ano mais velho que eu. Papai possuía algumas cabeças de vacas leiteiras, creio umas três ou quatro, mas o suficiente para garantir um pouco de leite fresco e gostoso para nós, que ainda éramos muito pequenos e o peixe como a caça, não apareciam todos os dias. Eu, por incrível que pareça, mamei no seio de minha mãe até os cinco anos de idade. Talvez por isso até hoje, não tenho tido doenças graves e gozo de relativa saúde.

### OS MITOS E AS LENDAS

Minha infância no interior do Amazonas não era diferente dos outros garotos; gostava de pescar pequenos peixes como mandii, pacu, sardinha, branquinha, aracu, surubim, jaraqui, etc... de caniço ou linha, possuía minha magnífica baladeira e caçava como verdadeiro acróbata, os ninhos de ariramba nos escarpados barrancos argilo-arenoso do remanso, bem em frente da casa da tia Juvênciã, onde também havia muitas tangerinas avaramente guardadas pelo velho Morais que não permitia a nossa aproximação às suas ricas fruteiras, mas, enchia nossas mãos de frutas de todas as qualidades principalmente de tangerinas, atestando a sua imensa bondade e o seu desprendimento. Embora o respeitássemos muito, possivelmente com um pouco de medo, também gostávamos do velho Morais pelas muitas estórias que contava de bicho do fundo, da mãe do rio, da mãe do mato, do matinta perera que assobiava pedindo tabaco — “Ai do caboclo que não lhe desse uma pelinha de tabaco quando o matinta pedisse, com seu longo assobio, — dizia o velho caboclo levantando a mão cerrada e movimentando-a no ar como se estivesse irritado. Contava muitas estórias do mapinguari que matara alguns conhecidos caçadores seus amigos, que desobedeciam as velhas tradições do lugar de não caçar nos domingos e dias santificados, nem matar animais próximos a dar crias. — O mapinguari não perdoa essa gente! Dizia o Velho Morais. Quem caçasse nos dias de domingo e dias santos podia certamente contar com o castigo desse personagem misterioso. — Vi com os meus próprios olhos, um velho amigo meu ter seu crânio furado pelas garras do mapinguari e seus miolos serem retirados da cabeça e mastigados pelo bicho assim como quem tira caroço de cacau para comer. Foi horrível! Nunca mais pude esquecer aquela cena, o monstro de um olho só na testa e a bocarra que ia até a barriga arrastando o José pelo pescoço e sempre comendo aos nacos, os miolos, até desaparecer com ele nas profundezas da floresta.

Essas estórias contadas à boca da noite, provocavam-me arrepios de medo, e quando ia dormir, deixava a minha maqueira e pulava para dentro da rede e do aconchego carinhoso de minha mãe, abraçando-a cheio de terror. Mamãe Jovina, com a sua sabedoria, ligava logo aquele comportamento às estórias contadas pelo velho Morais.

A frente da casa de tia Juvênciã toda de palha e com o assoalho feito de paxiúba preta, construída sobre pilotis de acariquara, como todas as barracas do interior, tinha uma vista magnífica para o rio Solimões.

Fincada sobre o barranco curvo côncavo à margem esquerda, provocava um remanso permanente que produzia uma infinidade de rebojos, redemoinhos de todos os diâmetros

numa ciranda magnífica de água, paus e galharia, tudo isso misturado a um grande tufo de canarana que rodopiava por muito tempo até pegar de novo a correnteza do rio abaixo para descer vagarosamente até a foz do rio Amazonas no Estado do Pará, sempre cheio de pássaros como ariramba, mergulhão, gaviota, e piassoca que procuravam peixe sob o imenso matupá.

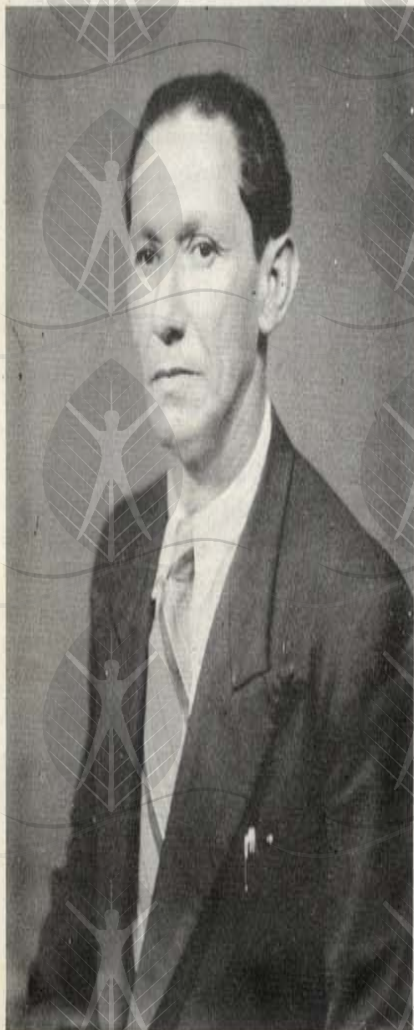
### ESTÓRIAS DE ENCANTADOS

Muitas e muitas estórias eram contadas pelo seu Morais, sobre a origem do remanso e os naufrágios ali acontecidos. Uma delas era da cobra grande, que segundo ele, uma mulher que vivia solitária, parira duas cobrinhas gêmeas, que mamavam como qualquer criança. Já um pouco crescidas, procuravam sempre a água do rio quase que instintivamente, o que eram obstadas pela mãe sempre atenciosa que carinhosamente tolia os seus movimentos de rebeldia. Um dia porém, já cansada de tanta luta e desobediência, e satisfazendo a vontade das duas cobrinhas que já estavam insuportáveis, a infeliz mulher desceu o rio e jogou as duas irmãs nas águas profundas e barrentas do Solimões em frente a sua casa que naquele tempo ainda eram calmas e ainda não havia aquela confusão de rebojos como sempre fora seu desejo.

Passaram-se os anos, talvez uns 25 a 30 e a mulher já nem se lembrava das filhas julgando até que ao jogá-las no rio



Ritinha, à porta de sua residência à Av. Joaquim Nabuco, com seu filho de criação. Foto de 1960.



Francisco Catarino de Moraes, esposo de Rita Borges de Moraes, outra figura inesquecível das décadas de 1930 e 1940, amigo leal, sincero e honesto. Marinheiro de muitas águas e testemunha de muitos acontecimentos importantes dos Tempos da Borracha.

povoado de peixes vorazes inclusive piranhas, tivessem sido devoradas por esses carnívoros ou alguns tucunaráes famintos que passassem no momento.

Já envelhecida, cansada de tanto sofrimento, desengano e desilusão, a velha índia ainda morando no mesmo lugar, fora certa vez como era de costume uma ou duas vezes ao dia, pegar água com sua cumbuca de cuia pitinga para as necessidades da casa, quando ouviu uma voz que parecia vir do fundo do rio, falando que era sua filha agora adulta que por culpa sua, morava eternamente nas profundezas daquele lugar. Dizendo mais, que a odiava por tê-la abandonado e a todo o mundo que a rodeava. Ouvindo tudo aquilo que lhe causou extrema emoção, num supremo esforço físico e moral, movida pelo instinto de maternidade, a velha mãe pergunta pela outra irmã que fora junto com ela para o fundo do rio. A resposta foi pronta: — Matei-a; era minha inimiga, tolhia meus passos, meus movimentos. Sei que sou má, mas esse é o meu destino e a minha missão. Esse lugar é meu e nele ficarei por toda a minha vida.

Depois desse pequeno e dramático diálogo, a velha emudeceu, subiu o barranco já com muita dificuldade levando

a sua cumbuca, deitou-se numa rede de tucum por ela mesmo tecida, e poucos dias depois morreu completamente só.

A partir do desaparecimento da velha moradora, aquele trecho do rio antes calmo e tranquilo com sua superfície que mais parecia um espelho, passou a experimentar permanentemente redemoinhos, banzeiros e convulsões violentas que muitas vezes tem levado para o fundo, canoas com pessoas e até grandes embarcações de maneira inexplicáveis. Dizem os primeiros moradores que a cobra sobrevivente virou cobra grande. Porisso, nos dias de finados, muita gente, algumas de muito longe, vem acender velas para as almas dos que ali morreram afogados.

### REMÉDIO DO MATO

Enquanto seu Moraes contava estória de bicho do fundo, mamãe rezava e receitava remédios a base de ervas medicinais muito abundantes nas várzeas do Solimões.

Como sempre vivi ao seu lado desde que nasci, e sempre tive interesse por essas coisas, lembro-me de muitas receitas que ela passava para muitas doenças entre as quais: uma receita para "isipla" (erisipela). Tomar diariamente chá de arruda com algumas folhas de sabugueiro. Sobre as partes afetadas, principalmente nas canelas, onde apresentavam feridas, aplicar compressa de água fervida (fria), com sal. O chá de arruda, manjerição e sabugueiro, deve-se tomar abundantemente, até desinflamar as pernas ou o lugar onde cresce a erisipela. Deve-se também, fazer escalda-pés com folhas de algodão.

Remédio para tosse de cachorro (coqueluche). Pega-se 5 folhas de eucalipto, alguns pés de ipecacunha, três folhas de imbaíba, bastante sumo de limão, banha de tartaruga e bastante mel de abelha. Junta-se tudo isso numa panela de barro ou alumínio, deixa-se ferver até ficar ao ponto de xarope. Dar à criança uma colher de meia em meia hora. Receitas como essas, minha mãe conhecia muitas e para todos os fins, principalmente para doenças que ela receitava para os caboclos nossos irmãos que a procuravam.

Comadres e comadres minha mãe tinha centenas. Cada pessoa a quem fazia um favor, receitava um remédio, fazia um parto, lia uma carta ou qualquer documento, interpretando-o, era suficiente para que essa pessoa ficasse eternamente grata por isso, e retribuísse a gratidão convidando-a para ser madrinha de um filho. Era na verdade uma líder daquela gente humilde e reconhecida daquele pedaço do imenso beiradão do Solimões.

Conhecendo profundamente os hábitos, os costumes, as tradições e o dia-a-dia dos nossos ribeirinhos, pois era um deles, minha mãe Jovina deliciava-nos com suas estórias de aves, bichos e espíritos do fundo, talvez aprendidas do seu Moraes que naquele tempo tinha o dobro da sua idade.

### O CHÁ DE CAPIM SANTO

Pelas manhãs, o rio calmo com seu hino de fartura, levando sobre seu dorso líquido, imensos tufos de canarana e gigantescas árvores semi-afogadas como monumentos tombados, verdadeiros "icebergs" tropicais, sol ainda despontando no horizonte, mamãe já estava na cozinha à beira de seu

fogão de barro, fazendo o chá de capim santo ou folha de laranja muito gostoso, cujo cheiro aromático enchia toda a casa de palha, que tomávamos com beijú de tapioca branquinho, adoçado com açúcar de cana feito em casa.

Papai uma hora dessas já estava no lago distante de nossa barraca umas duas horas de bom remar, pescando algo para o almoço. Sua volta sempre festiva para casa, acontecia costumeiramente aí pelas duas ou três horas da tarde, quando regressava com algum peixe ainda pulando no fundo da canoa, peixe fresco de cheiro inolvidável.

Não era todos os dias que tomávamos chá de capim santo, folha de cidreira, folha de laranja ou folha de abacate. Quando nosso pai ia a Manaus, não esquecia um ou dois quilos de café e açúcar branco acompanhado de alguns quilos de bolacha e pão de trigo que adquiria nas padarias da cidade. Isso porém durava muito pouco em nossa casa porque além de nós, que éramos naquela época quatro pessoas a bom comer,



Dona Rita Borges de Moraes (Ritinha), uma das grandes personagens da infância do pintor Moacir Andrade. Amiga de todas as horas, foi criada e morava na casa da prof<sup>a</sup>. Clotildes Pinheiro, filha do Comandante Fausto Pinheiro, na Av. Joaquim Nabuco, Alto de Nazaré. Senhora e memória de muitas histórias de navegação pelo interior do Amazonas, contadas pelo velho comandante.



Dona Arlete de Andrade, Maria Helena Couto de Andrade, Dona Jovina Couto de Andrade, cunhada, irmã e mãe do pintor Moacir Andrade. O menino na frente do grupo é o Carlos Magno de Andrade. São Paulo.

havia sempre visitas que do outro lado do rio ou mesmo da vizinhança, simplesmente fazer visitas que duravam as vezes mais de uma semana ou que vinham de Manaus para rezar em crianças e velhos. O certo é que a casa estava sempre cheia de gente que se aboletava às vezes semanas inteiras comendo, bebendo e dormindo. Esses hóspedes ajudavam a consumir rapidamente o pequeno rancho de café, pão de trigo e bolachas que papai trazia da capital.

A chegada de algumas pessoas de Manaus ou de Manacapuru significava pão fresco e café "donzelo" de um gosto muito saboroso, diferente do feito de grãos colhidos no pequeno cafezal do nosso terreno. O chá, o açúcar preto e o beiju não faltavam em nossa casa porque tínhamos um forno onde todas as pessoas vinham fazer sua farinha e no fim da torrefação davam-nos um pouco do que era produzido aii. Na falta de beiju, havia a batata doce, o cará, o fruta-pão, a macaxeira, a pupunha e até o piracui que mamãe fazia sempre que nossos pais pegava muito peixe. Tudo isso substituía o pão com muita vantagem.

Nossa despesa embora não fosse abundante desses produtos, tinha entretanto o suficiente para satisfazer as necessidades diárias da casa, já que sempre havia um peixinho ou mesmo uma paca que meu pai caçava frequentemente. Além desse chá extremamente barato, o que havia abundantemente no nosso terreno era capim santo, cidreira e laranja, havia também muitos pés de erva doce. O chá de erva doce foi largamente consumido por nós mesmo depois de irmos para Manaus em setembro de 1934, quando nos

hospedamos num modesto hotel cujo prédio ainda existe no fim da Avenida Joaquim Nabuco, esquina com a Rua Barão de São Domingos, lado nascente.

Aquela manhã de setembro de 1934 marcou fundo na minha memória, quando meu pai decidiu transferir-se para Manaus. — A cena ainda está bem viva de minha mãe colocando seus pobres teréns num pequeno batelão coberto com uma imensa tolda de palha e depois empurrando-o para o meio do rio onde esperaria a passagem do "reboque". Não compreendi no que significava aquela atitude extrema de abandonar "Nova Esperança", os amigos, a casinha toda de palha, um cãozinho magro que não me lembro o nome, o pequeno lago logo atrás de nossa casa, seu Morais, tia Juvência, tia Camila, tia Zefinha, tio Albino, pescador famoso, o Sabá, o Orlando, o Lourival, o Consta, o Candinho e outros meninos com quem brincava, meus primos e irmãos e aquele imenso universo cheio de encanto e magia.

Perguntei para minha mãe porque estávamos indo embora do sítio? Minha mãe beijando-me carinhosamente respondeu: — Vocês precisam de educação e aqui não poderão tê-la.

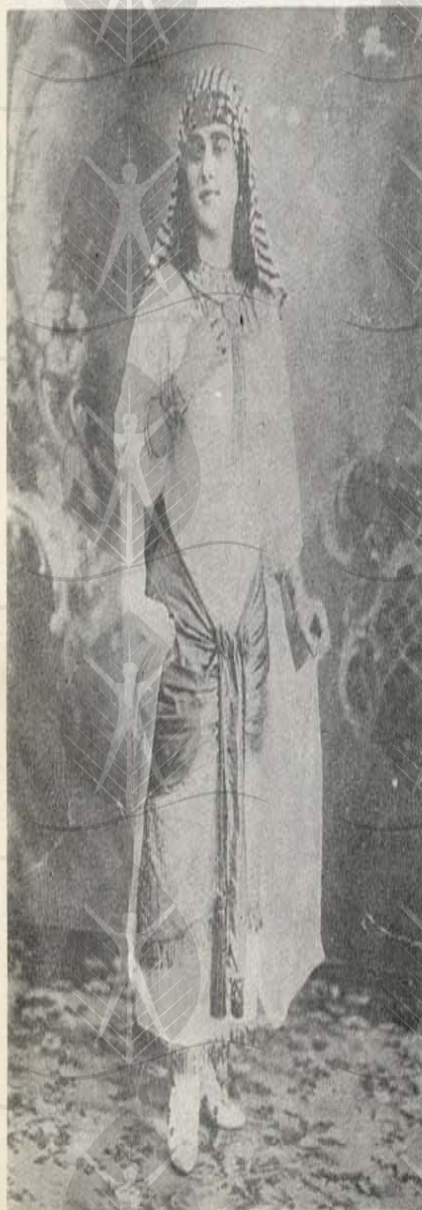
Quando chegamos em Manaus fomos morar em frente à praia do mercado. Das janelas do edifício podíamos ver as lanchas a vapor que ficavam ancoradas ao lago frente ao grande litoral totalmente descoberto pela baixada das águas que desciam até o mês de dezembro. Ao longo da margem, muitas canoas cobertas com toldas de palhas enfileiradas a espera da saída das lanchas que começavam a apitar às 16:00 horas, chamando os seus passageiros para os reboques. Às 17:00 horas começavam a deslocar-se rio Negro abaixo rumo ao Solimões atrelados aos imensos séquitos como uma imensa cobra grande que vagorosamente levavam os ribeirinhos cada qual em suas canoas e batelões até às suas localidades ao longo dos beiradões, parando aqui e ali, com o objetivo de pegar

lenha para alimentar suas caldeiras que movimentavam as máquinas a vapor.

Quando já estávamos morando na Rua Miranda Leão, numa estância chamada de "12", em frente ao Hotel Malheiros, onde é hoje uma agência de carros, frequentávamos a casa da minha querida madrinha Clotildes Pinheiro, professora do Jardim da Infância "Visconde de Mauá" que ficava na área esquerda do terreno do Ginásio Amazonense Pedro II. Madrinha Clotildes era filha única do comandante Fausto Pinheiro, da Amazon River, empresa possuidora de muitos gaiolas, chatinhas e vaticanos, entre os quais o vapor "Inca", chatinha que viajou durante muitos anos para o alto rio Negro, comandado por aquele valoroso timoneiro. Muitas e muitas vezes, levado pelas mãos carinhosas de minha madrinha que era pessoa da alta sociedade de Manaus, fui pela primeira vez a uma festa numa noite de gala no palacete do Dr. Bretslau de Castro, na Rua José Clemente quase esquina com a Joaquim Sarmento. A frente da casa, muitos carros estacionados, denunciavam a importância do acontecimento. Ali fui apresentado pela minha madrinha aos drs. Manuel Xavier Paes Barreto, Juiz Federal; ao capitão Alexandre Montoril, que depois tornou-se meu amigo cuja amizade prolongou-se até sua morte; ao Comendador Antonio Duarte de Matos Areosa, gerente em Manaus do Consulado da Bélgica, e em substituição ao seu titular, sr. Flávio Rosas; Dr. Adriano Jorge, médico renomado e escritor de nomeada; Péricles de Moraes; Desembargador Hamilton Mourão, presidente do Tribunal Regional Eleitoral; Dr. Manoel Anísio Jobim, chefe de Polícia; Dr. Waldemar Pedrosa, Secretário Geral do Estado no exercício da Interventoria Federal e o capitão tenente Antonio Rogério Coimbra, Interventor Federal entre muitas outras pessoas importantes. Não me lembro se era uma festa de aniversário ou a chegada de pessoa importante da família o certo é que a recepção foi em alto estilo e ficou indelevelmente marcada em minha própria memória.



Trecho da Rua Dr. Machado entre a Av. Getúlio Vargas e Rua Tapajós, onde o pintor Moacir de Andrade viveu desde os 8 aos 26 anos quando convolveu núpcias com Graciema Britto de Andrade.



Uma fantasia do carnaval de 1914



FESTA DE CARNAVAL

## Carnavais e Serenos

Nos antigamente, as inolvidáveis festas carnavalescas que aconteciam em Manaus eram assumidas inteiramente e com muito entusiasmo pelo povo, que organizava verdadeiras apoteoses de alegria e beleza, em cujos bailes toda a sociedade tomava parte; uns dançando animadamente nos salões fartamente decorados e iluminados, outros nos blocos saltitantes, que visitavam as festas muitas vezes durante uma noite, costume que se entronizou na alma do povo.

Havia também e o que era de vulgar característica — a grande quantidade de pessoas que assistia as festas do lado de fora das casas ou dos clubes onde se realizavam os bailes. Essa gente que era constituída de famílias inteiras, familiares dos brincantes e curiosos, ficava a noite inteira até alta madrugada ao ar livre, assistindo do meio da rua o intenso movimento e a cantoria dos carnavalescos, sob o ritmo de uma grande

orquestra constituída de vários instrumentos de sopro e percussão, era conhecida como "sereno".

Essas festas memoráveis começavam geralmente aí pelas 23 horas, anunciadas pelos arautos da folia, momento em que os associados e pessoas convidadas iniciavam a entrada nos salões efusivamente ornamentados, exibindo orgulhosamente as suas roupas originais, uns solitariamente, outros acompanhados de suas esposas, amigos ou namorados, mas sempre dentro de suas luxuosas fantasias mostradas ao público pela primeira vez, sob aplausos e chuva de confete e serpentinas coloridas.

Alguns clubes não podiam ter o seu "sereno" pelo motivo de serem instalados nos andares superiores dos velhos edifícios assobradados e por essa razão não ofereciam nenhuma visão aos espectadores da rua. Mesmo assim, nunca faltava um punhado de admiradores que se punham a frente do edifício para ouvir a música que se prolongava até altas horas da madrugada. Era o caso da União Esportiva Portuguesa quando tinha sua sede nos altos do edifício onde funcionou por



Escola de Samba — Carnaval de 1979.



Uma festa de carnaval no Olímpico Clube em 1949.

longos anos a firma comercial Hichson Jones, na Praça 15 de Novembro, hoje demolido, ou quando eram instalados em ruas ou becos muito estreitos.

O "sereno" das grandes festas era assim como as quermesses nas praças fronteiras às igrejas, ocasião em que a juventude andava de um lado para outro desfilando sua elegância e namorando as garotas, sempre acompanhadas de seus pais, tios ou irmãos que policiavam seus passos e movimentos.

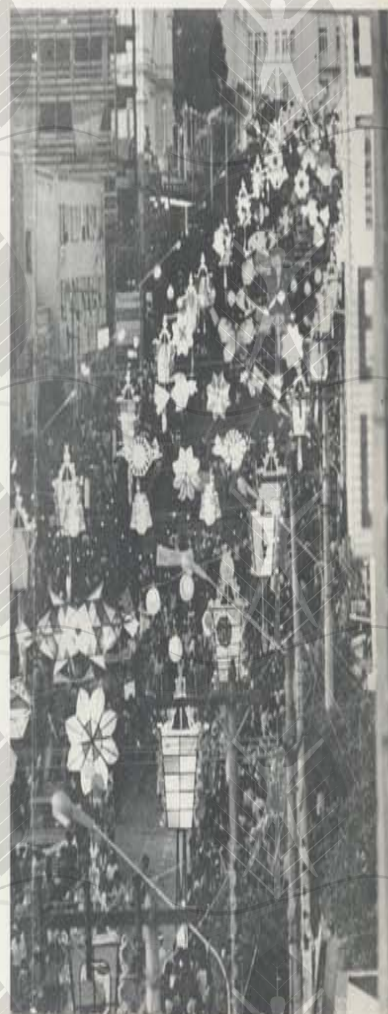
Cada clube tinha o seu bloco com sua música e sua fantasia original, usada pelas moças e rapazes que tomavam parte na folia. Os jovens eram sempre escolhidos pelos filhos, sobrinhos, tios ou outros elementos da família onde ia se realizar a festa. Eram pessoas do seu convívio e amizade, convidados alguns dias antes do carnaval. Nesse espaço de tempo haviam os ensaios, as coletas para os gastos mais urgentes, ocasião em que se aprendiam as músicas e principalmente o hino do bloco que poderia ser uma composta exclusivamente para o grupo, ou escolhida dentre as muitas do repertório nacional. A fantasia que deveria ser usada durante a quadra momesca, o itinerário a ser cumprido durante os "assaltos"; enfim, era a época da aprendizagem e de tudo que ia acontecer durante os festejos carnavalescos que sempre terminavam numa animada dança e namoricos. As casas residenciais com suas janelas altas e fachadas com arquitetura



Carnaval na Av. Eduardo Ribeiro — 1973



Desfile de fantasias de luxo na Av. Eduardo Ribeiro, 1978



Carnaval de noite — Av. Eduardo Ribeiro — 1974



1 - Jacitara Marinho; 2 - Carmem Marinho; 3 - Jauary de Souza Marinho; 4 - Luiz Bezerra; 5 - José Rafael Siqueira; 6 - Jacy Prado Negreiros; 7 - Sérgio Pessoa Neto





Bloco de moças desfilando na Avenida Eduardo Ribello no carnaval de 1975.

muito local, geralmente de pessoas da alta sociedade manauara, eram decoradas com esmero bom gosto e extrema responsabilidade estética pelos próprios foliões que entusiasticamente punham toda a sua capacidade criadora na ornamentação das salas onde ia acontecer a festa. O papel crepon, papel de seda, papel laminado colorido, eram os detalhes dominantes nessas decorações; as fitas serpentinadas, as correntes confeccionadas com papel de seda, fitas de papel de chumbo policrômicas, máscaras de papelão e toda uma parafernália de enfeites próprios para os três dias momescos apareciam ali materializados pela criatividade da juventude entusiasmada. Até os grandes ventiladores com suas palhetas de madeira pendurados nos forros das casas eram decorados.

Haviam residências que colocavam lâmpadas do lado de fora da casa. Fileiras de lâmpadas atravessavam a rua em frente ao prédio onde ia acontecer a festa à moda das quermesses. À porta, ornamentada com motivos grotescos, dava um toque de magia à tradicional "brincadeira".

O sereno fazia parte íntima das grandes folias, as famílias arrumavam-se cuidadosamente, vestindo as suas melhores roupas e colocando os mais caros perfumes para assistir o sereno tal. Muitos levavam cadeiras de embalas de vime, cadeiras de encosto, guarda-chuva e tudo que fosse necessário para o conforto de uma noite ao relento.

Uma das figuras mais importantes e inolvidáveis dos carnavais passados, eram os tocadores de clarins que ficavam às portas das festas com suas roupas coloridas soprando seus instrumentos de metal amarelo de quando em quando, anunciando o grande acontecimento, chamando os foliões e



Bloco das Colúmbinas do Ideal Clube no carnaval de 1953. Da esquerda para direita Maria Adelaide Cordeiro, Nélia Cordeiro e Mary Neves.



Balle de fantasia do Ideal Clube — 1977



Carro alegórico desfilando na Av. Eduardo Ribello em 1978

dando um toque muito característico aos bailes e motivando intensamente a juventude para tomar parte na folia. Esses instrumentistas eram recrutados na milícia da banda da Polícia Militar do Amazonas ou no 27º. B. C. contratados para realizar esse tão tradicional serviço.

A chegada de um bloco em diversos carros abertos, os foliões sentados sobre a cobertura de lona dobrada à moda sanfona atrás, outros em pé soprando compridas "línguas de sogra", assustando as pessoas distraídas, alguns com as mãos ocupadas com sacos de serpentinas, confete e as inseparáveis bisnagas de lança-perfume das afamadas marcas "Pierrot" e "RODO", jogando sobre o povo que circundava os carros, sempre cantando e pulando, era uma festa magnífica. As serpentinas eram lançadas pelos foliões sobre o povo e o povo lançava serpentinas sobre os foliões. A esse fato o povo denominou de "batalha de confetes", que tinha os seus dias próprias antes do tríduo carnavalesco em plena Avenida Eduardo Ribeiro. Muitas batalhas de confete ficaram famosas na história do carnaval amazonense.

As pessoas mais previdentes usavam óculos de celulóide grosso transparente e incolor, que impedia o jato de lança-



Baile carnavalesco de 2ª.-Feira Gorda. Fevereiro de 1964.  
Na foto da esquerda para direita: Eglanir Nunes Brasil; Coracy Brasil; Nélia Cordeiro; Eglanir Nunes e Anselmo Garcia.



Baile carnavalesco no Olimpico em 1975.

perfume diretamente sobre os globos oculares, que produzia uma dor insuportável como se fosse sumo de pimenta malaguêta. Muitas vezes me contorcei desesperado com os olhos ardendo como se tivessem sido queimados com fogo, ou uma coisa terrível qualquer. Na Avenida Eduardo Ribeiro, quando distraidamente olhava para alguns carros alegóricos que desfilavam à minha frente, recebi certa vez nos olhos, um jato de lança-perfume que parecia que ia morrer, tal a sensação de desespero que experimentei. Depois, lacrimejando muito, sem poder enxergar direito porque não podia abrir os olhos, fiquei com as pálpebras inchadas por longo tempo.

Entre as pessoas que serenavam as festas, havia também os eternos gozadores que aproveitando-se do interesse das moças distraídas e só admirando os carros cheios de foliões que desfilavam garbosamente à sua frente, aproveitavam a ocasião para dirigir a lança-perfume justamente no centro de



Desfile de Carnaval de rua



O Industrial José Cardoso e Dona Graça Pinto Cardoso. À esquerda Suze Vasques e o empresário Vasques.

Desfile de carnaval de rua — 1982

seus traseiros ou então sobre os bicos dos peitos causando aquele alvoroço.

A entrada dos blocos nas festas eram verdadeiras apoteoses de beleza e juventude. Cantando a marcha hino do bloco, soltando fogos, serpentinas, confetes, apitando em seus apitos de celulóide coloridos, os integrantes entravam dançando nas festas, ocasião em que eram recebidos com estrondoso "Zé Pereira", e os clarins à porta anunciando aos quatro ventos a

entrada triunfal do animado grupo. Nos salões, parecia que o mundo ia se acabar, a animação dobrava de barulho e energia; os foliões gritavam as marchas populares mais conhecidas em plenos pulmões e a orquestra não parava de tocar até o aparecimento dos primeiros raios de sol. Pisando uníssono no chão de madeira, cujo barulho era ensurdecedor, a massa parecia ter perdido a noção do tempo.

À janela da casa, as pessoas jogavam serpentinas e confetes

sobre as que se postavam pacientemente na rua assistindo toda aquela barulheira interna. Quando acontecia de um bonde passar à frente do baile, os passageiros levantavam-se na ânsia de ver a intimidade do salão, aí novamente troca de serpentinhas e confetes coloridos.

Dentre os vários clubes de Manaus, o Rio Negro, o Ideal Clube e o Olímpico, eram os mais elegantes e sempre primavam pelas realizações das grandes promoções sociais, principalmente as festas carnavalescas, os blocos e os cordões, dos quais alguns ficaram famosos na história dessa manifestação folclórica amazense. Entretanto, os dois clubes que mais se destacaram dentre os outros principalmente pelo fato de reunirem em seus quadros a melhor sociedade da capital barê, eram o Rio Negro e o Ideal Clube, cuja tradição até hoje continua viva e vibrante, promovendo as melhores festas carnavalescas.

Segundo a senhora Edail Cordeiro Antony, viúva do saudoso companheiro e amigo, jornalista e muitas vezes presidente do clube Barriga Preta, Aristophano Antony, foi o Rio Negro que inaugurou os "blocos carnavalescos" em Manaus. Foi através do Rio Negro durante o seu primeiro baile que o samba deu entrada nos salões elegantes, desbancando a valsa, o schottsch, a polka e a quadrilha muito em voga naquela época de ouro. Foi o tanguinho "Seu



Baile no Rio Negro — 1979.



Grande festa carnavalesca nos salões do Atlético Rio Negro Clube 1975.

Guimarães o Presidente vem logo à frente do seu valor" que abriu as portas para a entrada da música popular brasileira nos grandes salões de Manaus, tendo como consequência o aparecimento dos blocos carnavalescos, até hoje em voga.

O bloco mais importante do Rio Negro que nasceu aí por volta de 1928, foi o "Bloco das Espanholas", criado pelo então delegado Fiscal do Tesouro, Da Costa e Silva, quando a sede do Barriga Preta era ainda na Rua Barroso no prédio onde funcionou o Juizado de Menores, depois a União dos Estudantes do Amazonas hoje desaparecido. O "Bloco das Espanholas" era integrado por jovens da alta sociedade de Manaus como Pais Barreto, Da Costa e Silva, Abraão Benoliel entre outros e das senhoritas Elvira Borges, Enid Lira, Creuza, Enoe, Yaya Ferreira e Neuza Vasconcelos entre outras.

Em 1930, ao ser lançado o "Baile do Chitão", vários rapazes do Rio Negro formaram o "Bloco do Chitão" que fez grande sucesso na época e marcou calendário nos anais dos grandes acontecimentos sociais da capital. Entre os componentes do bloco estavam os jovens: Bento Saint Clair, Edwino Storry, Lúcio Borges de Sá, Manoel Bastos Lira. V. Storry, José Palhano e entre as senhoritas: Lila, Lise e Léa



Bloco do Ideal Clube do Carnaval de 1952. Na foto as senhoritas: Ieda Gama e Silva, Clene Monteiro, Mariza Rocha, Hermosa Rocha, Kate, Nélla Cordeiro, Agenira Rocha, Maria Adelaide Cordeiro, Mariza Arnaud, Mary Sabbá, Elza Furtado e Maria Coeli. Agachado à frente do grupo à esquerda com um cartão na mão, o Ticau.



Carro alegórico de luxo desfilando na Av. Eduardo Ribeiro — 1980

Borges de Sá. As irmãs Simpson, as irmãs Cantuária, Haidéa Balbi entre muitas outras.

Um fato importante que vale ressaltar dentre as grandes festas promovidas pelo Rio Negro, aconteceu quando sua sede era ainda na Rua Barroso ocasião em que foi armado o grande canhão "Berta", construído por Vasco José de Farias que a juventude chamava carinhosamente de "vovô Vasco". Esse canhão que foi previamente colocado a frente do clube e cuidadosamente fixado perpendicularmente ao eixo da rua,

chamou a atenção de toda a cidade para a grande festa que aconteceria a partir da meia noite de segunda-feira de carnaval, instante em que foram disparados 21 tiros protocolares à chegada do "Rei Momo Primeiro e Único". A partir daí o baile de segunda-feira de carnaval do Rio Negro ficou tradicional e constituiu-se hoje acontecimento social de alta importância na vida da cidade, inclusive, incluída no calendário oficial.

As famílias que promoveram os mais famosos bailes

carnavalescos da cidade foram: a família Amora que residia no palacete onde é hoje a sede do Arcebispado de Manaus; a família Bodega, a família Dffner, a família Miranda Corrêa, a família Alencar entre muitas outras.

A grande liderança social do Rio Negro mantida galhardamente até os dias atuais sobre as promoções sociais, surgiu quando sua sede era ainda na Rua Marclio Dias, ocasião em que aconteciam as magníficas festas carnavalescas e quando realmente começou também a influência popular de

assistir a espetacular entrada dos foliões e os famosos bailes ao "sereno".

**SAMAMBAIA** — Planta ornamental bastante conhecida em toda a Amazônia e muito abundante no Amazonas. A samambaia é uma planta herbácea da família das Lycopodiáceas (*Lycopodium conuim L.*). Possui folhas alongadas, delgadas, com pequeninas folhas de ambos os lados da haste dispostas simetricamente, de cor verde clara, sinopera. A samambaia é muito utilizada pelas donas de casa na decoração de residências e também para a medicina popular.

**SAMBARÉ** — Cesto grande, confeccionado de certo cipó (lianax), ou talas, utilizado pelos indígenas para transporte de mercadorias, principalmente macaxeira, mandioca, batatas, lenha, frutas, pupunha, tucumã etc... O sambaré é muito utilizado pelos índios da nação crichanás.

**SAMBURÁ** — Também cesto de cipó ou de talas de certas palmeiras muito abundantes em todo o Amazonas. O samburá é utilizado no transporte de produtos de roçado.

**SANABANI** — Rio tributário do Amazonas que atravessa o município de Itapiranga no Baixo Amazonas.

**SAPOTI** ou **SAPOTILHA** — Fruta da árvore do mesmo nome. Muito comum em todo o Amazonas, saborosa, é vendida nas feiras e mercados da cidade.

**SAPOPEMA** — A sapopema são protuberâncias das raízes de



Ideal Clube — 1914



Carnaval de 1977.



Batucada Barê na Av. Eduardo Ribeiro. Carnaval de 1975.

certa árvore amazônica. Essas raízes crescem de tal maneira que se assemelham a grandes tábuas de forma triangular em volta da árvore que chega a medir no seu tronco até dois metros, considerando a base como cateto do triângulo. Essa árvore chega a possuir de três a cinco sapopemas que se assemelham a grande estrela. A palavra sapopema é de origem tupi e quer dizer: raiz com forma de tábua.

**SAPUPIRA-AMARELA** — Árvore de tamanho médio muito utilizada em construções civis, principalmente na confecção de tacos para revestimentos de piso. Seu nome científico é *Angelim (hymenolobium Pulcherrim Ducke)*. Tem a cor amarelada e é muito resistente a água e outros elementos.

**SARABATANA** ou **ZARABATANA** — Diz-se a um tubo alongado, feito de uma certa palmeira silvestre. Os índios furam um orifício em todo o seu comprimento e utilizam-na para arremessar pequenas setas por ocasião de caça a aves de pequeno porte. O arremesso é feito com um forte sopro numa das extremidades do tubo (sarabatana):

**SARABATUCU** — Cipó muito conhecido entre os caboclos do interior do Amazonas. O sarabatucu pertence a família das Malpighiáceas (*Heteropteris helicina Griseb*). Além de outras serventias é bastante utilizado na medicina popular, principalmente no tratamento das chamadas hemorroidas de botão e em feridas brabas ou provocadas por ferradas de insetos venenosos.

**SARACÁ** — Lago piscoso que se localiza nas proximidades da sede do Município de Itapiranga no Baixo Amazonas.

**SARACOTEAR** — Quer dizer farrear, brincar, viver na gandaia, gostar de festinha etc...

## Colégio Santa Dorotéia

Na manhã ainda escura do dia 7 de outubro de 1910, o navio "Bahia" aportava em Manaus. O relógio da cidade marcava seis e meia. No porto, uma pequena comissão de recepção constituída de senhoras da nossa sociedade e autoridades eclesiásticas esperavam ansiosamente aquelas santas que seriam as primeiras sementes do nosso abençoado colégio. Era Superintendente Municipal de Manaus naquela época o Prof. Agnelo Bitencourt e governava o Amazonas o Coronel Antonio Bitencourt. Note-se que no dia seguinte da chegada das irmãs, isto é no dia 8 de outubro de 1910, Manaus fora bombardeada a mando do político Pinheiro Machado, causando extremo pavor à população que fugia espavorida para as bandas da Constantino Nery.

Foram cinco, as irmãs fundadoras do Colégio Santa Dorotéia em Manaus que resolutamente iniciavam o seu promissor apostolado; Madre Maria das Dores Lira, superiora; Madre Maria das Dores Wanderley e Madre Sofia Gomes, mestras; Irmãs, Joana Krismancie e Romilda Gaiani.

Essas fundadoras foram condignamente recebidas pelo senhor Antonio Bezerra designado pelo Senhor Bispo e se estabeleceram nas casas número 239 e 241 da rua 10 de julho ao lado do Hospital da Sociedade Beneficente Portuguesa, previamente alugadas e devidamente limpas para essa finalidade.

É de dever esclarecer que este estabelecimento de ensino, hoje padrão do ensino secundário no Amazonas, cujo pedido de fundação, fora feito ainda em vida pela bem-aventurada Santa Madre Maria Frassinette, pelo então bispo do Amazonas, Dom José Lourenço de Aguiar e repetido pelo seu sucessor Dom Frederico Costa, foi fundado no memorável dia



Formandas do Jardim da Infância do Colégio Santa Dorotéia do ano de 1957. Da esquerda para direita: Lúcia Andrade, Sônia Maria Tavares (médica pediatra, casada com o sr. Harmel Hassam Assad); Cintia Borborema, Luciola Dutra Pessoa, hoje dra. Luciola Dutra Pessoa Cavalcante, casada com o dr. José Willson Cavalcante, cardiologista de nomeada em Manaus.



Foto da visita da Irmã Marie de Piro Da Mico em Manaus no ano de 1968. No flagrante a irmã Da Mico com outras Dorotéias entre duas filas de alunas.

7 de outubro de 1910 como já foi dito acima, pela Reverendíssima Madre Antonieta Montani Leoni, então Provincial no Brasil, que foi também superiora geral do Instituto.

O Colégio Santa Dorotéia com essas irmãs e mais algumas meninas que a ajudavam, funcionou nesse local até o dia 17 de abril de 1911, quando foi definitivamente transferido para o prédio sito à Av. Joaquim Nabuco nº. 195, de propriedade da Diocese de Manaus, onde funcionou o Seminário de São José. Esse prédio fechado já algum tempo, estava bastante deteriorado não oferecendo condições para o estabelecimento de uma capela condigna, por isso, as irmãs ouviam as santas missas diariamente na Igreja de São Sebastião, recebendo dos reverendíssimos frades Capuchinhos todo o auxílio espiritual de que necessitavam.

Aproveitando as festas da Ascensão do Senhor, em maio do mesmo ano, depois de todos os concertos terminados, foi solenemente rezado o Santo Sacrifício da Missa na capela do colégio. O Santíssimo Sacramento entretanto, só ficou definitivamente instalado no novo estabelecimento, na primeira sexta-feira de junho, daquele ano de 1911.

No início da Primeira Grande Guerra, em 1914, em novembro, achando-se nessa capital Sua Excelência



Foto batida no pátio interno do Colégio Santa Dorotéia ainda em construção no dia 28 de outubro de 1945. No grupo estão: Raymunda Cordeiro, Maria do Perpétuo Socorro Corrêa, Raymunda Rocha, Aurelina Vieira, Odete Aranha, Naime Raman, Neusa Nicolau, Marília Grandal Coelho, Gênova Mourão, Maria Amélia Ramos, Maria Aldesir Ausier, Waldira Raman, Neuta Costa, Maria Lygia Magnani, Clélia Mascarenhas, Georgina Negreiros, Maria Rosa Rebelo, Rosa Amélia de Castro e Rosa Branca de Lima.



Foto histórica de um grupo de ex-alunas do Colégio Santa Dorotéia.





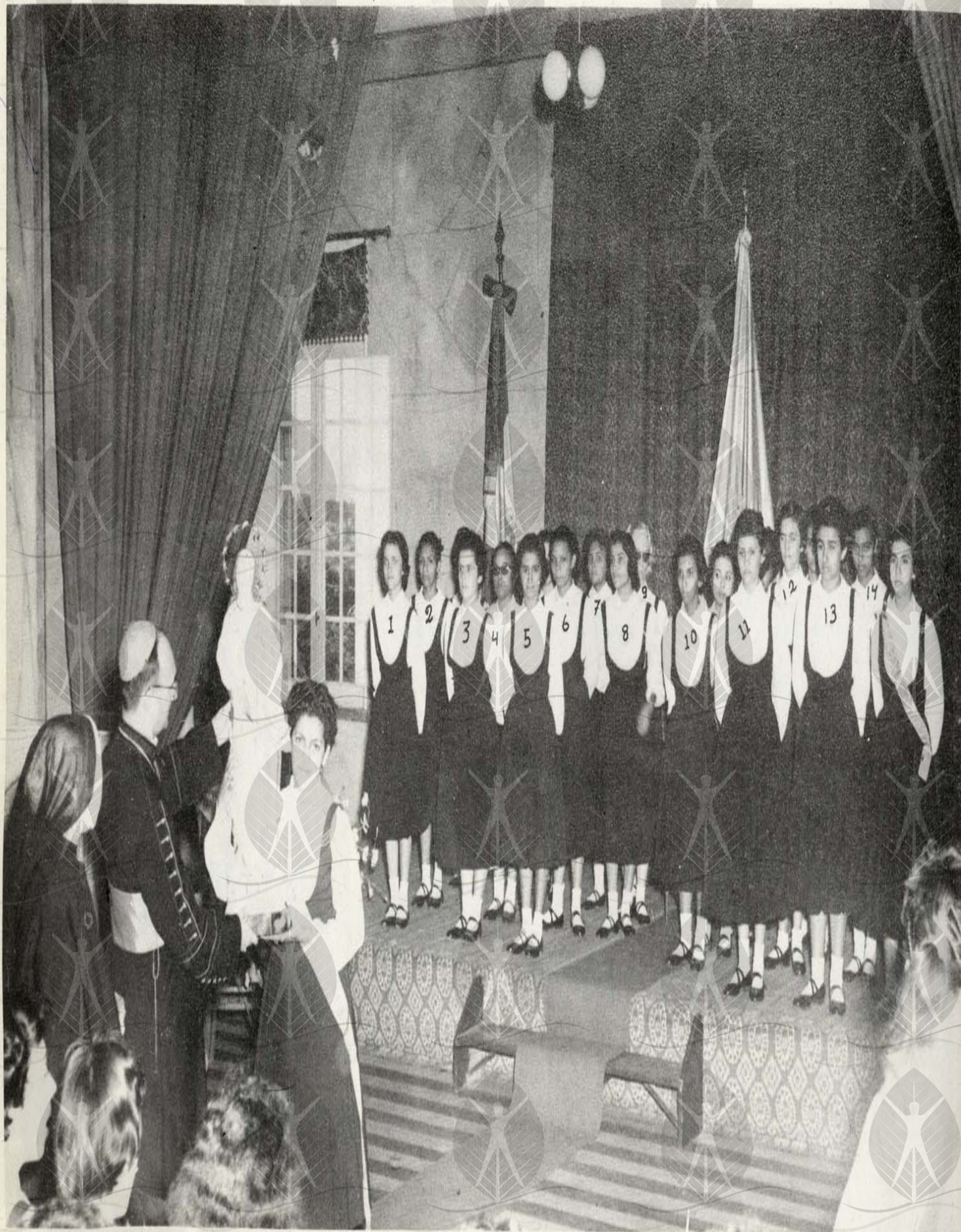
Turma de Formandas de 1969. A partir da quarta: Célia Simões, 6 — Luciola Dutra Pessoa; 7 — Adelaide Silva; 8 — Cristina Castro Lima; 9 — Evangelina Siqueira.

Reverendíssima Dom Santino Coutinho, Arcebispo do Pará, que viera com o objetivo de tratar dos negócios da Diocese, depois de ouvir atentamente a exposição da madre superiora local, achou por bem ceder às irmãs em caráter definitivo, o prédio à Av. Joaquim Nabuco pertencente ao bispado, dando-lhes autorização inclusive de começar as construções com o objetivo de adaptá-lo às exigências de um Colégio dinâmico. Fez mais ainda Dom Santino, mandou entregar as chaves de uma grande casa situada à Rua Saldanha Marinho para que

ali se fundasse uma escola gratuita. Por falta de recursos absolutos, as irmãs só puderam iniciar esse sonho de Dom Santino e da própria Santa Paula Frassinetti em 1918, no fim da Grande Guerra, ocasião em que começaram as obras de adaptação, abrindo as suas portas para o ensino gratuito em 1919 com o nome de TRABALHATÓRIO N.S. DA DIVINA PROVIDÊNCIA, que desde esse ano funcionou até há pouco tempo.

Dom João Irineu Joffily, 3º. Bispo a empunhar o Santo

Báculo Pastoral do Amazonas, figura profundamente respeitada em toda a sociedade de Manaus por ser um sábio que no espaço longo de oito anos esteve à frente da Diocese, realizou uma magnífica obra baseada num perfeito equilíbrio e harmonia, nomeou o seu secretário Reverendíssimo Padre José Tomás de Aquino Menezes, o primeiro capelão do Colégio que tomou posse em Missa Solene da capelania no dia 14 de dezembro do ano de 1916, ano da chegada de Dom Irineu Joffily em Manaus. Foi uma manhã de esplendor religioso,



Grupo campeão de uma maratona recebendo das mãos do arcebispo de Manaus Dom Alberto Gaudêncio Ramos, o troféu da vitória (uma imagem de N. S. da Conceição). A aluna que está recebendo a imagem é a Eludiê Abraham. Ao fundo, da esquerda para direita da fila da frente: Maria Justina Lebre da Silva, hoje

exercendo as altas funções de gerente de agência do Banco Auxiliar em Manaus. Leony Demosthenes, Maria das Graças Araújo, Maria do Carmo Carvalho, Maria de Nazareth Soares, Gladys, Olga Faraco, Telma Cidade de Oliveira, Marinildes C. Mendonça, Mônica Seixas, Dionísia Araújo e Coracy Simões.



③ Técnicos em Contabilidade - e - Professoras - 1956

Técnicas em Contabilidade e professoras de 1956. Da esquerda para direita na fila da frente: Cândida Gonçalves, Mirtes Rosas, Fátima Rabelo, Alvina Santos, Nazaré Martins. Na fila do meio na mesma direção: Yvone Aucar, Maria José Nascimento, Maria José Cordeiro e Maria Izabel Barbosa. Na fila do fundo: Eulália Martins, Edna Azize, Maria Castro, Wilma Abdala, Ruth Costa Novo e Izabel Magaldi.



Belo grupo de alunas do Colégio Santa Dorotéia com o arcebispo de Manaus Dom Alberto Gaudêncio Ramos. As meninas da frente ladeando o Arcebispo são: da esquerda para direita: Vieiralves, Benê Cordeiro, Dom Alberto Gaudêncio Ramos, Marlim Hatum, Vieiralves, Maria José Rayol. Ladeando a imagem de N. S., Jacy Dutra Pessoa e Romilda Rodrigues. Atrás: Maria Pinheiro, Zélia Rayol, Maria José Cordeiro, Fátima Rabelo, Wilma Abdala, Lizete Castro Lima, Inês Amorim, Lourdes Buzaglio, Sandra Braga, Ivone Aucar, Lúcia Barros, Fátima Barbosa, Antonia Magnani, Izabel Magaldi, Rita Célia Cunha, Eulália Abraham, Lizete Castro Lima e Tracy Almeida.



Nesta foto tirada em 28 de outubro de 1945 vê-se: Raimunda Cordeiro, Gênova Mourão, Rosa Amélia de Castro, Raymunda Rocha, Neusa Nicolau, Marília Grandal Coelho, Maria do Perpétuo Socorro Corrêa, Maria Rosa Rebelo, Aurelina Vieira, Maria Audesir

Ausier, Maria Amélia Ramos, Rosa Branca de Jesus Lima, Georgina Almeida, Waldira Raman, Odete Aranha, Maria Lygia Magnani, Naime Raman, Neuta Costa e Clélia Mascarenhas.

com toda a sociedade presente e uma aura de extrema beleza a ornar o ambiente.

Registre-se que Dom Irineu Joffily conquistou a tal ponto a sociedade católica de Manaus, que quando partia definitivamente para Belém no dia 30 de setembro de 1924, o "Jornal do Comércio", em grande manchete afirmava: "Não é o Bispo do Amazonas que deixa hoje sua Diocese, é a alma do povo que se despedaça". Homem de alto espírito de renúncia recusou-se a aceitar o cargo de Bispo do Piauí, não conseguiu dissuadir a Santa Sé de nomeá-lo Bispo Auxiliar de Olinda, cargo para o qual foi eleito por Pio X, num dos seus últimos atos.

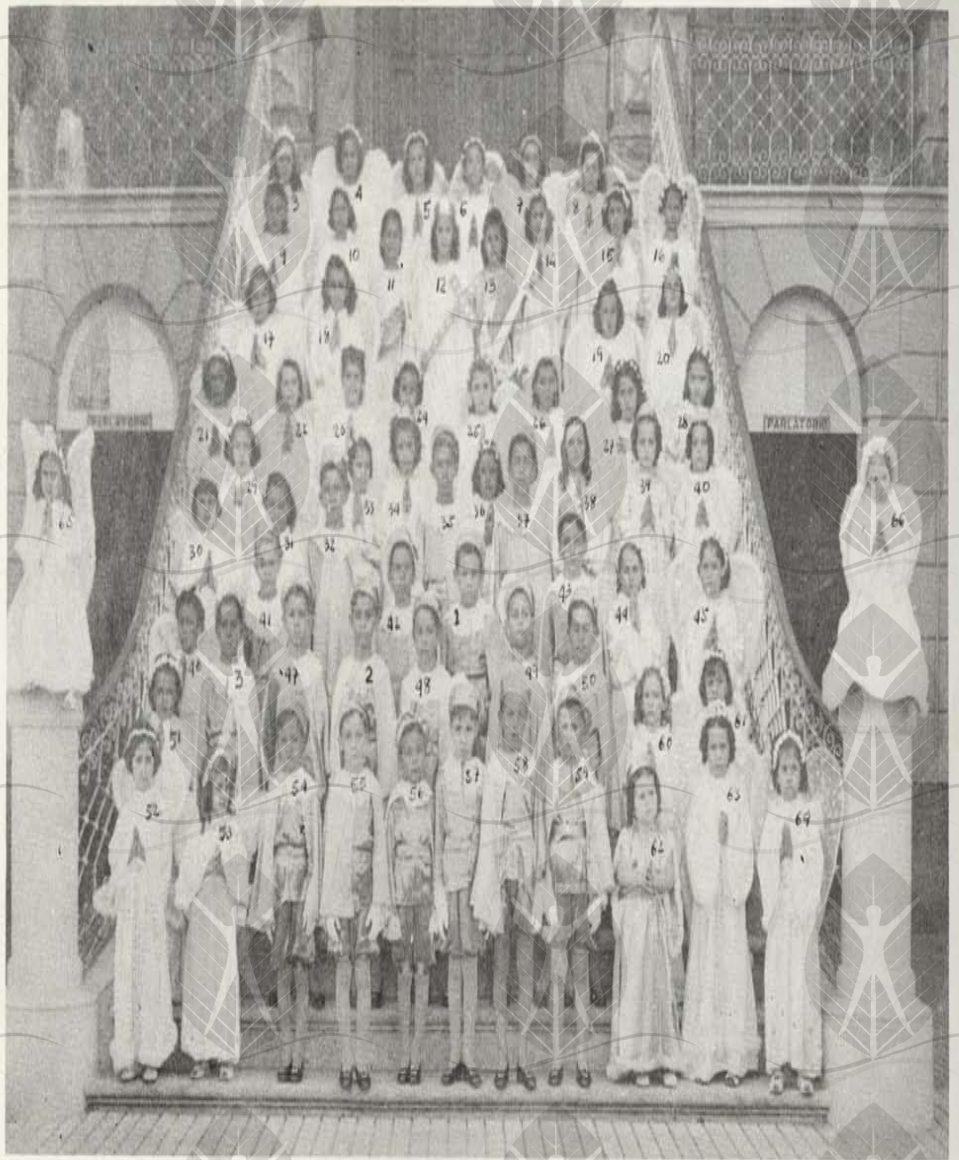
Os cursos infantil, primário, e complementar, devidamente registrados no competente departamento da Instrução Pública foram abertas desde 1911. Entretanto, somente a partir de 1921 foi que abriu-se o internato que funcionou até há poucos anos. Já em 1935, quando o colégio completou as Bodas de Prata de sua fundação foi equiparado à Escola Normal do Estado, pelo decreto que levou o nº. 88, datado de 30 de setembro de 35, assinado pelo então Interventor Federal Álvaro Botelho Maia. Três anos depois, em 1938, abriu o curso de Guarda Livros, hoje de Contabilidade, devidamente fiscalizada pelo Governo Federal.

Até 1946 já haviam passado pelo Colégio Santa Dorotéia 8.504 meninas somando os cursos primário, normal e comercial, sem contar com as da escola gratuita e das aulas particulares de música, pintura e línguas, mantidas pela irmandade.

Reconhecida em agosto de 1911, de acordo com o Regulamento Geral da Instrução Pública do Estado do Amazonas, cresceu e produziu todos os benefícios desejados pela sua fundadora Santa Paula Frassinetti. Hoje, reconhecida pela Lei 5.692 de 11 de novembro de 1971 pelo CCE com a Resolução 04/80, o Colégio Santa Dorotéia conquistou definitivamente o seu lugar como colégio padrão de ensino secundário feminino em Manaus e em todo o Estado, caminhando a passos largos e sombranceiramente para o futuro, entregando todos os anos à sociedade de Manaus, do Amazonas e do Brasil, punhados de moças sadias em corpo e espírito, capaz de conviver tranquilamente com as exigências de um mundo ainda mais exigente e agressivo dos dias atuais.

Glória a Santa Paula Frassinetti, fundadora da irmandade de Santa Dorotéia em todo o mundo, glória às irmãs que sabia e santamente souberam dirigir essa Casa que com a magia do Amor de Deus e da compreensão de todos os colaboradores puderam chegar até hoje empunhando maior estandarte da maior luta humana que é o da educação; glória a Dom José Lourenço da Costa Aguiar cujo pedido de fundação fora feito ainda em vida à fundadora Santa Madre Paula Frassinete; glória a Dom Frederico Costa sob cujo pátio foi fundado em Manaus o Colégio de Santa Dorotéia; glória a Madre Antonieta Montani Leoni então Provincial no Brasil, depois Superiora Geral do Instituto; glória às irmãs Maria das Dores Lira, Maria das Dores Wanderley, Sofia Gomes, Joana Krismancie, e Romilda Gaiani.

Glória ao Santo Padre Pio X, que abençoou a chegada das cinco irmãs em Manaus.



Outro grupo de alunas internas do Instituto Benjamin Constant.



Turma de 1955. Na fila da frente da esquerda para direita: Edília Paes Barreto, Rita Negreiros, Paula Frassinetti de Castro Peixoto, Wilsa Cidade de Oliveira, Enedina Hosanah, Fátima Xavier e Aurélio Vital Montenegro. Na fila do meio: Rita Azevedo, Ana Maria Parente, Maria Amélia Covas e Socorro Lago. Na última fila: Ruth Goiais Santos, Tereza Nogueira, Ana Maria Souza (esposa do atual Ministro da Educação Marcos Maciel), Ana Maria e Ana Maria Sahome.

## Quintais Antigos

No tempo das carroças de aluguel com suas imensas rodas de pau escrevendo história e ternura nas ruas e becos de Manaus, transportando e construindo o futuro de uma cidade pequena que se comparava orgulhosamente às suas irmãs européias; dos bondes tropicalíssimos com o característico ranger de suas rodas sobre os brilhantes trilhos de aço; dos românticos passeios vespertinos pelas avenidas Eduardo Ribeiro, 7 de Setembro, Cais do Porto e nas bem tratadas Praças Públicas; dos vendedores de carvão vegetal a cavalo levando o sonho de Natal nas samambaias para os presépios domésticos; das carroças de gelo pingando sons de bronze e de saudade; dos vendedores ambulantes de puxa-puxa, catavento, brôa, filhós, balas de cupuaçu, mata fome, bolo de milho; dos hortelheiros portugueses cantando velhos fados enquanto regavam os compridos canteiros de hortaliças; das grandes hortas que tomavam quase todas as imensas áreas dos quarteirões das ruas 13 de Maio, Tarumã, Joaquim Nabuco, Leonardo Malcher, Ramos Ferreira, Tapajós, e, finalmente a Rua Dr. Machado, fonte dos sonhos dos meninos do meu tempo. Todo aquele pedaço de chão batido estava dividido e subdividido por linheiras cercas de achas que formavam longas figuras retangulares de terra cercada — eram os quintais das casas da antiga cidade de Manaus — as “cercas” de madeira. Todas as casas dessa capital, fossem no centro ou nos bairros, possuíam os seus compridos quintais que as vezes iam de uma rua a outra.

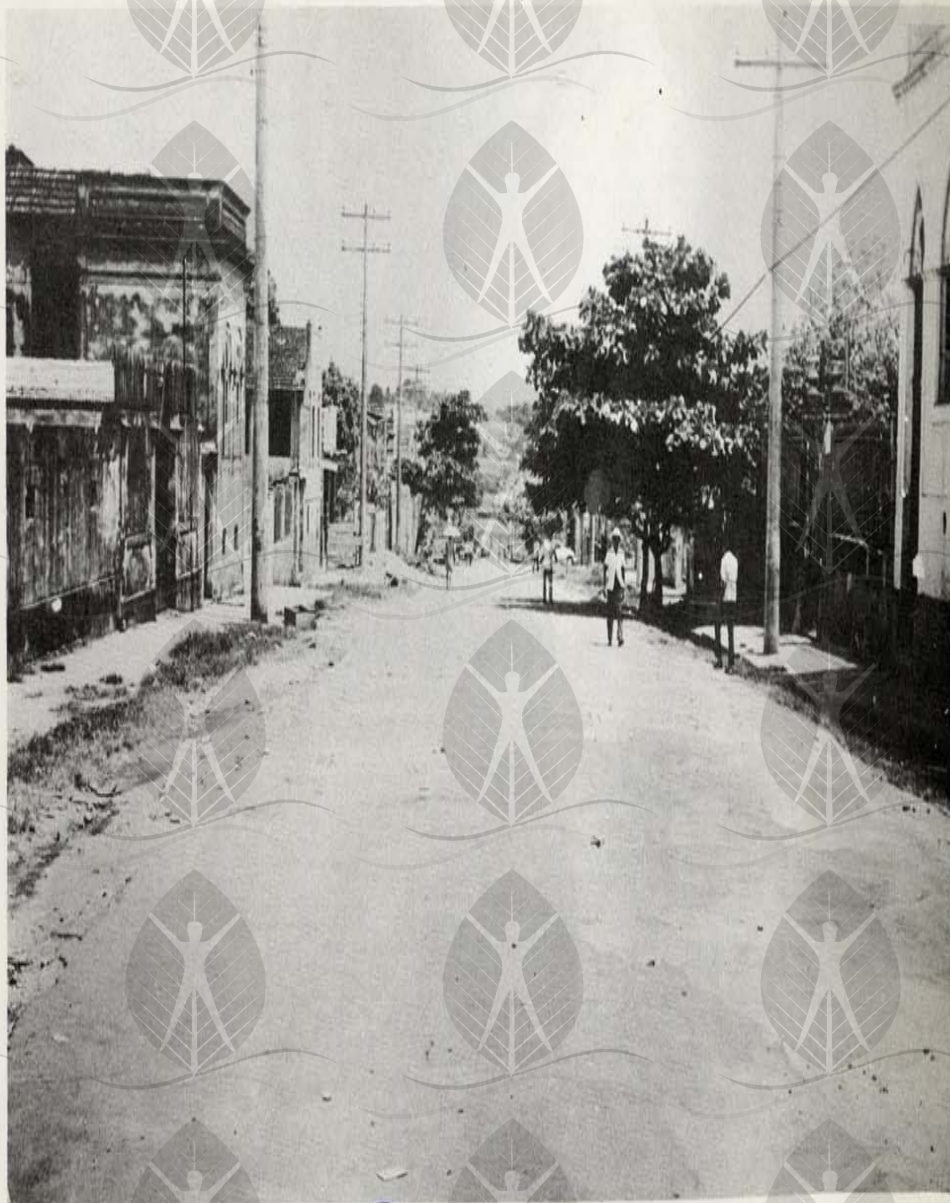
Ali dentro, como osis limitado, de mágica beleza, cresciam as majestosas mangueiras, jaqueiras, goiabeiras, e uma infinidade de árvores frutíferas que faziam o paraíso das crianças e pássaros. Havia também as pequenas hortas de jirau (evitando assim a depredação do galinheiro); num dos cantos do quintal as inflexíveis pés de capim santo, erva doce, erva cidreira, mangericão e outros santo remédios com que se faziam magníficos chás e “lambedores” para alguns males das crianças da época.

Todas as casas residenciais por mais humildes que fossem possuíam os seus quintais, pequenos ou grandes, e tinham as suas árvores frutíferas, suas plantas medicinais, suas indispensáveis criações de galinhas, porcos, ovelhas, e xerimbabos. Havia quintais que eram verdadeiros bosques tal a grandeza de suas áreas. Criavam além dos animais costumeiros, até vacas e cavalos, como era o caso da Dona Maria Rosária.

### O CHEIRO DOS QUINTAIS

Esses quintais antigos, tinham um cheiro próprio, o cheiro de quintal, uma mistura de estrume de todos esses animais confinados, folhas apodrecidas somados ao cheiro acre dos muitos tipos de frutas que se desfaziam no chão, já que nem os bichos davam conta do consumo.

Nesses fundos de quintais, nave de sonho e desejos, as donas de casas mais pobres tinham o cuidado de fazer os ninhos das galinhas em locais especiais para não perder os ovos. Entretanto, algumas penosas mais dotadas de espírito de



Trecho da Rua Ramos Ferreira entre a Luiz Antony e o Igarapé de São Raimundo. Na época desta foto (1953), todas estas casas

tinham compridos quintais cheios de fruteiras. Hoje são áreas totalmente construídas.

liberdade e aventura, entendiam de nidificar nos cantos escuros das cercas ou nas touceiras íngremes das bananeiras, onde depois, os moleques os descobriam para felicidade geral da turma, passando a mão em grande quantidade de ovos que era transformado em “arabu” coletivo com açúcar e farinha do Arini — banquete dos deuses para o paladar daqueles meninos de ontem.

Os fundos de quintais eram um verdadeiro quebra cabeça de fronteiras, onde as várias propriedades particulares se limitavam. Se por acaso uma acha apodrecia, era retirada por alguém, ou simplesmente era suficiente para se estabelecer um verdadeiro conflito de vai-e-vem de galinhas de outras propriedades, misturando-se nos quintais e causando grande confusão entre os seus respectivos proprietários que as vezes chegavam até as vias de fato ou a Delegacia de Costumes da Polícia Civil, com graves acusações de ambas as partes conflitantes, já que as galinhas não possuíam marcas especiais de identificação de seus proprietários.

Havia quintais cuja limpeza causava admiração aos

vizinhos, outros entretanto eram tão sujos que atraíam animais necrófilos como ratos, urubus que faziam uma festa permanente com o material farto de suas preferências.

### OS QUINTAIS E AS MANGUEIRAS

Nosso terreno que tinha mais de sessenta metro de fundos, por mais de dez de largura, possuía duas antigas mangueiras, uma das quais ainda existente. Em torno dessas mangueiras havia mais umas quatro de outros vizinhos adjacentes que formavam um bloco sombrio e compacto, de uma beleza invulgar durante os meses de verão no tempo das cigarras.

Quando era tempo de manga, os ramos ficavam de tal maneira carregados que as vezes quando havia um vento forte rompiam com todo o seu carregamento para tristeza da garotada que assistiam centenas de mangas apodrecerem sem amadurecer.

Quando os frutos ficavam maduros e se aproximava uma ventania, os moleques convergiam para as proximidades das



Esta foto era de uma pequena fazenda situada no bairro da Raiz onde é hoje um bairro residencial nas proximidades do Distrito Industrial da Zona Franca de Manaus. Note-se a quantidade de

gado, o tipo de capim e a imensa variedade de árvores frutíferas. Neste local está construído hoje um conjunto residencial da Cohab-Am.

mangueiras com o objetivo de disputarem as mangas que caíam impelidas pelo vento. Todas as manhãs, aí por volta das quatro horas da madrugada, eu e meu irmão Mozart levantávamos cada qual com um pequeno saco de pano para disputar dentro do nosso próprio quintal, a apanhação das mangas caídas durante a noite com o concurso dos morcegos. Eram centenas e até milhares que se espalhavam sob a imensa área das mangueiras, onde muitas crianças da vizinhança procuravam no escuro os pequenos frutos amarelos, que logo eram saboreados.

No meio da rua em frente a estância da Nemésia, havia uma imensa mangueira que anualmente produzia milhares de mangas. Essa mangueira era avaramente guardada pelo dono da vila, sogro do meu amigo Raul Belota.

De madrugada, quase toda a vizinhança ia apanhar as mangas que caíam durante a noite, já que a mangueira cobria com seus imensos ramos toda a largura da rua espalhando frutos sobre uma área bastante larga.

Não sei quantos anos dura uma mangueira, sei entretanto que a mangueira da Dr. Machado que ficava em frente da estância da Nemésia era bastante antiga e creio, quando a Prefeitura mandou cortá-la para construir o asfaltamento da

rua já estava com seus mais altos ramos perdendo suas folhas num evidente sinal de senilidade botânica. Sob ela aconteceram muitas coisas importantes na nossa vida, inclusive o nosso primeiro alumbramento, como disse o saudoso poeta Manuel Bandeira.

Na esquina da Rua Dr. Machado com a Av. 13 de Maio, havia a residência de dona Cachica, mãe do Deoson Negreiros, da Alfa, que foi minha colega de trabalho na firma Isaac Jacob Benzecry, depois fez concurso para a Fazenda e foi ser funcionária pública, e eu também fiz concurso para a Escola Técnica e fui ensinar desenho. Pois bem, naquela esquina, num longo terreno que encompridava para a Dr. Machado, havia nos fundos uma enorme mangueira onde a turma de moleques reunia-se.

#### OS LADRÕES DE GALINHA

Quando um garoto queria insultar seu colega chamava-o de "ladrão de galinha". Isso era o bastante para se estabelecer uma luta corporal infernal e uma inimizade por longo tempo.

Uma das figuras bastante conhecidas e populares no noticiário policial de Manaus de ontem era o "ladrão de galinha". Havia em Manaus muitos ladrões dessa

especialidade registrados na polícia que eram senhores de uma técnica perfeita para roubar galinhas dos mais seguros e sofisticados galinheiros, sem despertar a atenção dos vigias e cães de guarda bem treinados. Muitas estórias pitorescas de roubos de galinha encheram as páginas dos jornais do passado e das famosas galerias desses tipos de marginais. Uma das mais espetaculares notícias de roubo de penosas em Manaus, aconteceu numa residência de um delegado de polícia no Bairro da Cachoeirinha, registrado pelo Jornal do Comércio, em que o ladrão além de roubar todas as galinhas de um bem guardado galinheiro, prendeu também dentro do mesmo o cachorro que as vigiava. Foi uma completa desmoralização para o delegado e para o cachorro.

Estórias de vigaristas que enganavam as donas de casa, dizendo que tinha no porto um grande carregamento de galinhas mas não tinha dinheiro para o transporte e que precisava de uma parte do dinheiro para trazê-las, desaparecendo em seguida, não tem conta nos anais policiais. Segundo informações de antigo delegado de polícia, os conflitos mais freqüentes entre famílias de baixa renda, eram os roubos de galinhas, isto é, galinhas que atravessavam o quintal do vizinho e não voltavam mais, no outro dia, depois de investigar as redondezas, o proprietário descobria as penas escondidas em alguma parte do fundo do quintal, e com essas contundentes provas, registrava queixa na delegacia.

Era comum durante o almoço, vizinhos baterem palmas na porta solicitando permissão para pegar um frango que pulou para o nosso quintal, entrando imediatamente porta adentro rumo aos fundos do mesmo para pegar o dito cujo, "antes que ele fuja para mais longe".

Na Dr. Machado, moravam em casas geminadas, mas cada uma com grande quintal que iam até a Tarumã, dois inimigos fidalgais; um comandante da empresa de navegação Amazon River e o outro, um rico comerciante local cuja inimizade teve origem a causa numa violenta contenda que chegou até a polícia por causa de galinhas. Todas as vezes que o comandante chegava de uma viagem trazia consigo uma verdadeira arca de animais de grande variedade, principalmente galináceas que vinham em quantidades, dentro de dimensionais gaiolas de madeira. Ao chegar em frente à residência, as carroças não levavam os paneiros e bichos até o fundo do quintal, deixava-os à porta da residência, daí para dentro o trabalho era realizado pelos empregados da casa e as vezes com o concurso dos moleques convidados pelo comandante em troca de algumas moedas. Certa vez, eu, o Lucas Pinheiro (Luquita), Fernando Coimbra, Tabajara, Lolô, fomos convidados para ajudar a levar o material para o quintal do dito cujo, mediante uma gorda gorjeta. Depois de terminado o serviço, o velho comandante negou-se a nos pagar. O Luquita sempre inteligente, em vez de ficar com raiva e manifestar seu desagrado com algum desaforo, apenas deu uma gostosa gargalhada e falou: — Deixa comigo ele vai pagar caro por isso. Dias depois, sob o comando do Lucas, fomos pelos fundos do quintal e simplesmente afastamos uma estaca da imensa cerca, o suficiente para sair um peru. Foi o suficiente para sair todo o galinheiro do comandante por aquela brecha e se misturar com as do seu pior inimigo. Não é preciso dizer da briga que deu depois disso.

Difícilmente um fundo de quintal não possuía uma





Foto aérea do Baixo da Praça 14 de Janeiro. As ruas da foto são: Av. Japurá, Tarumã, Rua Emílio Moreira, Major Gabriel, Av. Joaquim Nabuco, Rua Leonardo Malcher, Av. Itacoatira e Rua Dr. Machado. As partes mais escuras do centro de cada quarteirão são árvores frutíferas nos fundos dos quintais. Ao fundo à esquerda a construção do santuário de N. S. de Fátima. Em primeiro plano à direita a construção do Hospital Dr. Fajardo.

belíssima touceira de bananeiras. Banana prata, banana maçã, banana baiêr, banana pacovão, enfim uma touceira de bananeiras era a marca de um bom e bem tratado quintal e onde as galinhas escolhiam para construir seus ninhos.

### OS COMANDANTES DAS CHATINHAS E GAIOLAS

As residências dos comandantes, imediatos, pilotos, chefes de máquinas, escrivães dos gaiolas, chatinhas e vaticanos daquela época, eram geralmente casa com vários cômodos, confortáveis, com grandes quintais onde guardavam centenas de animais de todas as espécies que traziam do interior durante suas viagens para o consumo de suas famílias e alguns xerimbados como papagaios, curicas, periquitos, mutuns, pacas, macacos, veados, jabotis, que passavam a fazer parte de suas famílias e a alegria das crianças da casa. Eram aos comandantes dessas embarcações que se faziam as muitas encomendas desses tipos de animais para presentes ou mesmo para tê-los em casa como xerimbabos.

Como haviam naquela época centenas desses tipos de embarcações que costumavam todos os nossos rios paranás e lagos, haviam conseqüentemente cinco vezes mais a quantidade de homens que os comandavam.

A chegada dessas personalidades em Manaus, era uma festa para os familiares e amigos, lautos almoços e jantares, tartarugadas regadas a vinho português, chapanhe francesa, queijos importados, enfim, toda essa fartura marcava as suas presenças na capital da borracha. Só no trecho da Av. Joaquim Nabuco entre as ruas Leonardo Malcher e Dr. Machado, moravam três comandantes, cada qual vivendo em casas próprias muito grandes e em terrenos também bastante farto de áreas. O comandante Fausto Pinheiro da Amazon River era pai da professora Clotildes Pinheiro, pessoa largamente conhecida na alta sociedade de Manaus da época, eram meus padrinhos, através dos quais conheci muita gente importante. O comandante Chaves morava numa grande casa quase em frente a sua, pegada a residência do desembargador Teotônio Martins Coimbra, pai dos doutores Fernando Coimbra, Renato Coimbra, Arnaldo Coimbra e Arlete Coimbra, casada com o doutor Manuel Octávio. O comandante Cleveland mais conhecido como comandante Cleves, era meu vizinho, pai do meu colega de infância Tabajara de Assis. O comandante Cleves era um homem forte, lépido, contador de estórias e pai de mais de 20 filhos, era querido por toda a vizinhança que o adorava. Não tinha criados porque os serviços da casa eram feitos pelos próprios filhos.

Quando o comandante Cleves chegava das viagens, trazia tanta coisa que eram necessárias de 3 a 4 carroças para transportar toda a mercadoria que trazia. Como qualquer comandante de navio, tinha no seu quintal um tanque de cimento apropriado para guardar grande quantidade de tartarugas destinadas ao consumo de sua família. Alguns desses tanques chegavam a confinar quase cem tartarugas, tal o seu tamanho. Mantinham ainda uma horta de jirau onde cultivavam cebolinhas, cheiro verde, chicórea e plantas medicinais para chás. As donas de casa sempre possuíam um cercado muito bem feito onde guardavam suas plantas or-

namentais. Aí não entrava animal nenhum, tal a perfeição de sua construção.

Todas as residências desses marítimos eram cheias de caboclos de ambos os sexos cujos pais moradores nos altos rios os doavam para educá-los junto às famílias em Manaus, mas que na verdade só vinha servir de criados até o fim de suas vidas ou quando fugiam para viverem na pior indigência. Haviam famílias que possuíam até dez caboclos em casa, de cabeças raspadas, vestindo roupa de chitão e vivendo sob regime de escravidão, sem nunca ao menos sentar num banco de escola.

As famílias mais aquinhoadas de Manaus encomendavam caboclos aos comandantes das gaiolas, chatinhas e vaticanos como se encomendam um papagaio, uma arara, um macaco, ou um bicho qualquer para servir de xerimbabo.

Os dias que se sucediam a chegada dos comandantes

dessas embarcações eram de tartarugadas e conseqüentemente de belíssimos cascos à porta de suas residências no outro dia de manhã, com destino certo para o lixo, mas que a molecada os desviavam para servir de brinquedos nos tobogãs improvisados das serrarias ou na fábrica de botões de jarina da Rua Comendador Alexandre Amorim, onde famos deslizar suavemente dentro desses pequenos veículos, nas encostas dos montes de serragens que se acumulavam às margem esquerda do igarapé de São Raimundo, cada qual levando sobre a cabeça ou sobre o ombro, a sua peça valiosa.

### OS GRANDES QUINTAIS DA ÉPOCA

Todo o lixo dos quintais eram acumulados nos pés das grandes touceiras de bananeiras que com esse trato produziam belíssimos cachos.

Toda a cidade tinha um permanente cheiro de mistura de



Trecho da Rua Paraíba na Vila Municipal (Adrianópolis). Nesta foto de 1960, todas as casas tinham grandes áreas totalmente plantadas

com fruteiras. Note-se as grandes árvores com suas fartas copas deitadas sobre a rua.

bosta de galinha, porco, cabra, peru, pato, e dos milhares de cavalos, burros e jumentos que costuravam as ruas de Manaus e deixavam no meio do calçamento a marca de sua passagem — o cheiro permanente de esterco de cavalo, mesmo sendo de burro ou de jumento.

Haviam os tiradores de estacas, os vendedores de estacas, os construtores de cerca que cobravam por metro linear e os consertadores. Esses, eram os mais íntimos das patroas que também limpavam os quintais e lavavam os imensos tanques de guardar tartarugas; cortavam as asas dos papagaios, araras, periquitos, consertavam galinheiros e as vezes saíam as ruas para vender galinhas.

Poucas casas muravam seus terrenos que eram geralmente cercados com achas de madeiras resistentes, tiradas por madeiros experimentados nos arredores de Manaus daqueles dias. Isso permitia um arejamento permanente nos

quintais e evitava o mau cheiro desse material quando abafado.

Pelo fato de maior parte das pessoas criarem animais nos seus grandes quintais cercados, vendiam ovos e galinhas caipiras. Muitas vezes vendi na vizinhança, dentro de uma cuia pitinga, ovos de galinha do quintal da nossa casa na Rua Dr. Machado nº. 115 que ajudava em alguma coisa na economia doméstica. Esse hábito era generalizado em toda Manaus. Naquela época não havia granjas nem se conhecia esse nome, as galinhas eram vendidas em pé, no mercado municipal e pelos vendedores ambulantes que os transportavam nas extremidades de uma forte vara de mais ou menos um metro e cinquenta centímetros, três ou quatro unidades em cada extremidade.

Naquela época as mulheres não pariam nos hospitais, os partos eram realizados em casa, por parteiras conhecidas das

famílias. Não se conheciam as operações cesarianas e o resguardo era de 40 dias no mínimo. A alimentação das parturientes era constituída de canja de frango novo criado especialmente para ser consumido durante o resguardo, nos quintais das residências. Quando haviam frangos criados para serem consumidos para alguma mulher que estava "esperando", os quintais onde eram confinados essas aves eram devidamente limpos e as aves alimentadas convenientemente para que na época devida estivessem gordos.

### AS FRUTAS E OS QUINTAIS

Os fruteiros vendiam seus produtos em carrocinhas de dois andares ou em grandes tabuleiros, eram eles que também contratavam com as donas-de-casa para tirarem as frutas das árvores dos quintais que negociavam com as patroas. As frutas mais comercializadas pelos fruteiros eram: jacas, mangas, pitombas, sapotilhas, jatobás e biribás que abundavam nos grandes quintais de Manaus de ontem.

Muitos fruteiros vendedores em carroças ficaram famosos na cidade: Seu Manuel Português, depois o filho, seu André e por último já há alguns anos passados o seu Messias que andava com seu carrinho no finzinho da tarde e varava noite a dentro com seu grito de guerra: — "Pajurá de racha!". Seu messias comprava suas frutas geralmente dos quintais particulares, eram frutas frescas e muito gostosas, escolhidas com o faro extremado de grande conhecedor que era desse importante material alimentar. Os fruteiros corriam as ruas de Manaus com seus grandes tabuleiros juntamente com os verdureiros que também traziam os seus sobre as cabeças cheios de verduras de todas as qualidades.

Quando eu estava interno da Escola Técnica Federal de Manaus em 1942, aproveitando os feriados de sábado a tarde quando não havia expediente, eu, o Cláudio Pascoal Viana (Quinta-Feira), Antogildo Pascoal Viana, Agnus Carvalho Veloso, Agésilau Libório dos Santos, Alfredo Barbosa Salerno, José do Patrocínio Brasil e José Pinheiro (Girafinha) e outros fugíamos do colégio pela Rua Duque de Caxias, pulando a cerca de arame, no lugar onde é hoje a Igreja de Santa Terezinha e juntos rumávamos para a Vila Municipal, onde escolhíamos o lugar onde havia muitas juteiras, de preferência jaqueiras, mangueiras e biribazeiros. Ali colhíamos sacos de frutas que levávamos para a escola. Cláudio que era o mais valente da turma, ia na frente e levava o saco mais pesado de frutas, em compensação ganhava a maior parte. O mais difícil de tudo isso, era esconder as frutas do seu Osvaldo que já vinha desconfiando da nossa ausência quase todos os sábados a tarde, escondidas pela nossa "Máfia", porque se ele descobrisse as frutas teríamos que explicar a sua procedência o que se tornaria muito difícil.

A vila Municipal foi durante muitos anos uma grande fornecedora de frutas para os vendedores ambulantes (fruteiros) que compravam dos proprietários toda a carga na própria árvore.

Havia um hábito interessante na época: — não se pintava as cercas de madeira e todas elas tinham suas extremidades superiores ponteadas. Em Manaus muitos vendedores de material para cercas ficaram conhecidos e ricos entre eles o da Pausada.



Foto aérea do Bairro da Matinha, note-se o miolo totalmente arborizado de cada quarteirão, eram os fundos dos quintais cheios de

fruteiras e criação de animais domésticos principalmente galinhas, perus, patos, porcos e carneiros e até gado bovino.

## Dr. José Tadros

Nasceu a 22 de dezembro de 1.883 na cidade de Damasco, capital da Síria. Foram seus pais David Tadros e Bárbara Cassar Tadros. Esposa: Dna. Julia Tadros, libanesa. Filhos: David José Tadros e Maria Tadros.

Vindo para o Brasil, precisamente para Manaus com tenra idade de vez que seu pai David aqui se estabelecera pelos idos de 1.889.

Nesse ano, o Amazonas começava a esboçar os primeiros passos para ingressar no Cíelo Dourado da Borracha.

A firma Tadros e Cia. que fora constituída nesta época, viria dar início a uma longa história em que estaria ligada a própria história da borracha no Amazonas e ao seu desenvolvimento sócio econômico. Essa empresa logo passou a participar de toda atividade que se relacionava com o comércio regional, ainda em sua fase embrionária e extrativista, peculiar a época.

Em 1.905, José Tadros assumiria o comando da firma fundada por seu pai, ainda moço, mas com muito amor à terra e talhado para os grandes investimentos comerciais e humanísticos, além de profundamente interessado pelos problemas da economia regional.

Com o falecimento de seu pai em Manaus em 1.908, assume então totalmente as rédeas da empresa. Nesta época a borracha começava a dar a sua arrancada fulminante para o apogeu de 1.910. Presentindo isso, com seus negócios que já nessa altura tinham se avolumado grandemente, funda a firma Tadros e Cia. (NAVEGAÇÕES) Ltda., para dar maior assistência ao seringueiro, na época quase totalmente desassistido pela deficiência da navegação. Seus barcos navegavam pelo Solimões, Purus e Juruá dando sua presença aos seringueiros e seringalistas nas mais longínquas latitudes do nosso território. A esta época era difícil de se dizer qual o ramo da atividade comercial que suas empresas não abrangiam, desde a venda de medicamentos, estivas, ferragens, armarinhos, confecções, tecidos, louças, representações de cartucho, pólvora, quinado, agenciamento de seguros, enfim, tudo que viesse suprir as necessidades do comércio ainda em florescimento.

Com o apogeu dos negócios da borracha, cria o Departamento de Importação para satisfazer as exigências de uma burguesia emergente e beneficiada pelo milagre da lágrima branca da seringueira, passando a importar em larga escala de todos os países da Europa e Estados Unidos, as mais variadas e sofisticadas utilidades.

Neste mesmo ano vai a Belém e funda Tadros e Cia. (EXPORTAÇÃO) Ltda., por onde passa a exportar todos os produtos regionais, onde sobressaíam a borracha, a castanha, balata, peles de animais silvestres, sorva, chicle, juta etc. Sua firma como as demais que exercitavam esta prática de comércio atinge proporções de casa bancária, aviando e financiando seus fregueses, pois a praça era carente de bancos o que forçava essas empresas a proceder como verdadeiros bancos.

Em 1.916, inaugura uma filial de sua firma em Porto



Comendador José Tadros, um dos pioneiros do desbravamento do Amazonas, aqui chegando de Damasco, Síria, terra de seu nascimento no ano de 1883 ainda nos cueiros. Em 1905 assumiu o comando da firma fundada por seu pai David Tadros.

Velho, outra em Rio Branco e deixa representantes por todo o Vale Amazônico.

Em 1.922 vem a "debacle" e a desgraça se abate por todo o Vale, a miséria campeia, o fervilhar trepidante se aplaca, os seringaais outrora barulhentos emudecem, os barracões quedam, apenas presenciados pela paisagem bucólica da selva Amazônica. Terminava assim uma era de grandesa e esplendor. Em Manaus a maioria das empresas existentes faliram ou encerraram suas atividades e seus proprietários partiram, uns levando o produto dos seus lucros nos anos de fausto, outros apenas com as vestes do corpo, tristes e desiludidos, o sonho e a esperança do enriquecimento rápido findara-se melancolicamente. Só três ou quatro firmas aqui ficaram curtindo a adversidade, dentre elas as pertencentes a José Tadros, que cheio de obstinação daqueles que vieram para ficar tal qual uma árvore calcinada, integrado ao meio físico e social, suportaram a debacle desastrosa a ponto de muitas ocasiões, aguentarem sozinhos toda a estrutura econômica daqueles que participaram na batalha sem fugir do campo inglório da luta adversa. Como árabe de origem grega, foi o líder incontestado dessas duas colônias em toda Amazônia,

pelos seus dotes morais e humanitários, pois ninguém que lhe batesse a porta deixava de receber o apoio moral e material, indispensáveis a busca da felicidade.

Deste modo foi por quase cinco décadas presidente da União Sírio-Libanesa do Amazonas, e quando aqui esteve o embaixador do Líbano que o condecorou, externou o dito diplomata em sua alocução que "os grandes homens não tinham pátria, construíam a grandeza de sua pátria na pátria que adotavam como berço".

Como católico que era, começava seu dia orando contritamente e encerrava a sua semana acompanhado de sua esposa, percorrendo os hospitais e asilos levando a sua palavra de amor e a sua ajuda material aos tropeços e deserdados da sorte.

Na sua velhice ainda teve entusiasmo suficiente para construir mais duas empresas, sendo uma ainda voltada para nossa interlândia e outra de eletrodomésticos e representações voltadas para o comércio de Manaus; Foi um dos maiores insentivadores da construção da Refinaria de Manaus, a primeira do Norte e do Brasil.

Quando no dia 6 de janeiro de 1.957 com 73 anos faleceu, a



Dr. David José Tadros, engenheiro agrônomo, comerciante, homem de empresa, com o desaparecimento de seu pai, Comendador José Tadros, tomou as rédeas do complexo empresarial e transformou no que é hoje, um dos mais sólidos patrimônios privados do Estado.



testemunha da época áurea da borracha em Manaus e de muitas empresas que contribuíram para o desenvolvimento econômico da região, entre elas a empresa José Tadros. Faleceu em Manaus à Rua Xavier de Mendonça, no Bairro de N. S. Aparecida dos Tocós no dia 30 de outubro de 1979, com 91 anos de idade.

João Fernandes de Britto, pai, cidadão, funcionário, amigo e mentor para: sob suas mãos desfilaram os mais importantes documentos do desenvolvimento do Amazonas ao longo de mais de 40 anos que serviu com probidade à Alfândega de Manaus. No flagrante, com sua jovem esposa Dona Petronilla do Valle Britto e seu filho primogenito Fernando do Valle Britto. Joao Fernandes foi

infausta notícia espalhou-se rapidamente, tendo o governo e povo, associado-se na dor de seus familiares, manifestaram seu pesar num justo reconhecimento a um de seus maiores desbravadores e beneméritos.

O povo de Manaus através dos seus representantes, reconhecendo todos esses seus méritos homenageou-o com justiça dando o seu nome a uma das ruas de Manaus, cidade que tanto amou. A partir deste dia, as empresas que já eram dirigidas pelo filho, David José continuou a sua brilhante trajetória. Tados nasceu em Manaus no dia 3 de maio de 1916, foi casado com a senhora Maria S'Ana Pires Tados, também amazonense, senhora de fino trato e profunda responsabilidade de família.

Pertencente a terceira geração de uma família de industriais, e comerciantes, com experiência de mais de 85 anos de trabalho acumulado em prol do desenvolvimento da região amazônica, na qual destaca-se como pioneiros e desbravadores dos rincões da Amazônia Ocidental. As atividades da família Tados distam do ano de 1889, com a fundação de Tados & Cia. por seu avô David Tados, com o ramo de aviamentos para os seringais do interior e de um modo geral, a compra indistintamente de todos os produtos regionais destacando-se a borracha, a castanha, gomas e peles de animais silvestres que se constituíam a prática comum do comércio daquela época em sua fase ainda embrionária, e a posterior para o Sul do país e exterior. No ano de 1959 iniciou o ramo de turismo, sendo um dos pioneiros. Construiu três hotéis, sendo dois de grande porte que veio suprir as necessidades do turismo na região. Ressalte-se que na época em que construiu os dois últimos, o Amazonas e conseqüentemente sua capital se encontrava em fase de desalentadora estagnação antes da instalação da Zona Franca de Manaus. Seu gesto de coragem segurança naquela altura, foi motivo de elogios públicos, pelo pioneirismo de que se revestia e que bem caracteriza os princípios de sua linhagem.

David José Tados pelo seu alto espírito comunitário, recebeu da sociedade amazonense que tanto amou, a condecoração de "Cidadão Benemérito do Amazonas", outorgado pela Assembléia Legislativa do Estado do Amazonas, por ocasião das comemorações do Tri-Centenário da cidade de Manaus, como reconhecimento público aos relevantes serviços prestados a economia regional por si e por seus antecessores. Foi ainda Comendador da Ordem dos Cavaleiros da Condição, Sócio Benfeitor da Sociedade Portuguesa Beneficente do Amazonas e Benemérito pelo Aéroclub do Amazonas que tantos e bons pilotos deu a aviação aérea brasileira.

De seu feliz consórcio nasceram os seguintes filhos: José Roberto Tados, advogado, casado com a senhora Dona Vânia Maria Tereza Nova Tados; Luiz Ricardo Tados, estudante de Economia, casado com Dona Katia Regina de Medeiros Tados; Paulo Rogério Tados, Economista e Mário Reynaldo Tados também economista, todos profundamente irmanados



O construtor José Antonio da Silva, mais conhecido nos meios industriais, comerciais e na sociedade de Manaus como Gaspar, é Diretor Presidente da firma tradicional, Construtora Gaspar com largo serviço prestado ao Estado, e testemunha do desenvolvimento da cidade. Na foto no jardim de sua residência à Rua 10

de Julho. Gaspar foi o autor de todas as perfeitas imitações de mármore que existem nas igrejas, edifícios públicos e colégios de Manaus, merecendo elogios das mais altas autoridades e pesquisadores sobre imitações de mármore da Itália que estiveram em visita a Manaus em 1953.

no ideal de seu avô que é o desenvolvimento do Amazonas e a criação de maior riqueza para o bem estar social de sua gente.

David José Tados faleceu em Manaus no dia 27 de janeiro de 1974 prematuramente, com a idade de 57 anos, cujo

passamento foi sentido e chorado por todos aqueles que admiram homens de seu quilate, mola mestra de uma grande família e amazônica profundamente ligado a sua terra e a sua gente.



## Bibliografia

- 1— ANDRADE, Moacir Couto de. **Alguns Aspectos da Antropologia Cultural do Amazonas**. Manaus, Madrugada, 1978, 369 p., ilust.
- 2— ANDRADE, Moacir Couto de. **Amazônia — A Esfinge do Terceiro Milênio**. Manaus, Metro Cúbico/SUFRAMA, 1981, 287 p., ilust.
- 3— ANDRADE, Moacir Couto de. **Tipos e Utilidades dos Veículos de Transportes Fluviais da Amazônia**. Manaus, Imprensa Oficial, 1984, , ilust.
- 4— BRAGA, Genesino. **Chão e Graça de Manaus**. Manaus, Fundação Cultural do Amazonas, 1975. 263 p.
- 5— BRAGA, Genesino. **Fastígio e Sensibilidade do Amazonas de Ontem**. Manaus, 1960. 234 p.
- 6— CASTRO, Mavignier de. **Amazônia Pan-teísta; Cenas e Cenários da Grande Hiléia**. Manaus, Sérgio Cardoso, 1958. 176 p., ilust.
- 7— CASTRO, Mavigner de. **Síntese Histórica e Sentimental da Evolução de Manaus**. Manaus, Tipografia Fenix, 1948. 225 p., ilust.
- 8— MORAES, Raymundo. **Na Planície Amazônica**. 6<sup>a</sup>. Ed. Rio de Janeiro, 1960 229 p., ilust.

**Fotocomposição:**

Adjalma Cunha  
Ila Dantas  
M<sup>a</sup>. Francisca Passos

**Paginação:**

Fábio Duarte

**Arte final:**

Plábyo Nunes Machado

**Fotomontagem:**

Claudete Nunes  
Alan Cardete

**Desenhos**

Moacir Andrade  
Gracimoema Sampaio

**Capa**

Gracimoema Sampaio

**Fotos:**

Vários fotógrafos  
e arquivo do autor.

**Impressão:**

Editora Umberto Calderaro

ESTA PUBLICAÇÃO FOI EDITADA COM A COLABORAÇÃO FINANCEIRA DO



Fundo Comunitário  
das Indústrias da Zona Franca  
de Manaus.

**FUNCOMIZ**





### AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - Lei nº 9.610/98). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

Secretaria de  
**Estado de Cultura**

EMAIL: [ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM](mailto:ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM)



CENTRO CULTURAL DOS  
POVOS DA AMAZÔNIA